3 1761 07140663 1

MEMORIAS

COM O TITULO

DE

ANNAES,

PARA A HISTORIA DO TEMPO

QUE DUROU A USURPAÇÃO

DE

D. MIGUEL,

POR

JOSE' LIBERATO FREIRE DE CARVALHO.

VOLUME III.

QUE COMPREHENDE OS ANNOS 1831 E 1832.

Opus aggredior opimum casibus.
TACITO, livro 1.° das Hist. in princip.

VASCO MARIA O. SARMENTO
BRITIANDI

LISBOA,
NA IMPRENSA NEVESIANA.
1842.

RUA DO LOUREIRO N.° 15.

LIBRARY
JUN 1 1970
UNIVERSITY OF TORONTO

DP
655
F7
1842
pt. 2

PROLOGO,

OU O QUE LHE QUIZEREM CHAMAR.

Ainda um volume; mas o leitor ou leitores, que tiverem ou quizerem ter a paciencia de me lerem, descançaráõ depois de mais algum. Bom he saber de ante-mão qual he o termo da viagem; e eu declaro já que ella acabará nos acontecimentos do anno que já lá vai, 1834, e no historico campo de *Evora-Monte*. Não prometto mais a meus leitores, nem mesmo lhes posso affiançar que farei quanto aqui lhes prometto; porque quem póde dizer, e particularmente um velho, como eu, que ámanhã ha de ter pernas para andar, ouvidos para ouvir, e mãos para escrever? He este o grande segredo, que a ninguem se revela. No emtanto renovo os meus protestos que já tenho feito nos livros antecedentes, isto he: que não sou inimigo nem panegyrista de pessoa alguma; que escrevo, como homem honesto e verdadeiro, o que vi, e ouvi; e retrato fielmente os homens com a fysionomia que tinhão nas épochas a que esta minha historia se refere, sem me importar com o que tem sido ou

fôrão depois, publicando com toda a imparcialidade o mal e o bem que então fizerão; porque, na frase de um author que já li, — *je ne suis pas faché de mettre la main sur une vertu quand je la rencontre.*

Lisboa, em 28 de julho de 1842.

José Liberato Freire de Carvalho.

LIVRO IV.

DOS ANNAES.

Successos do anno 1831, *quarto da usurpação.*

Começou este anno com uma circumstancia muito favoravel para a nossa liberdade, e para a expulsão da tyrannia usurpadora que barbaramente a tinha assassinado. Depois de termos a nosso favor a politica Europea dos governos que mais nos tinhão perseguido, isto he, os de França e de Inglaterra nos ministerios de Polignac, e Wellinghton, restava-nos ainda uma grande difficuldade para vencer, que era a falta de dinheiro, particularmente depois da falta de generosidade com que o governo do Brazil, em que tinha figurado *Barbacena*, nos tinha tão cruelmente tratado. Havia-se com effeito ajustado no fim do anno antecedente um emprestimo com a casa de *Maberly*, mas logo depois se seguirão tantas indiscrições por parte de alguns ou de todos os que directa ou

indirectamente figurárão n'este negocio, que elle esteve a ponto de se perder. Concluio-se porém felizmente na primeira semana d'este anno, e foi solemnisado com todas as formulas legaes, bem que pelas indiscrições já mencionadas foi voz constante que as condições peorárão muito para nós. O marquez de Santo Amaro, embaixador e plenipotenciario do Brazil, concorreo para o bom exito d'esta negociação não tanto, segundo creio, em virtude das suas directas instrucções, porém para salvar a honra, a dignidade, e a boa fé do imperador seu amo, e do governo, que certamente ficarião infamados se elle prudentemente os não tivesse salvado d'esta infamia. Foi tambem opinião geral n'este tempo, que um dos grandes instrumentos que mais movêrão o marquez plenipotenciario a garantir este emprestimo fôra o conselheiro José Balbino Barbosa e Araujo, antigo secretario da embaixada de Londres, e então ali encarregado de negocios na ausencia do marquez de Palmella; pessoa, que eu agora nomeio, porque um dos objectos d'estes *Annaes* he não só expôr os crimes ou desacertos dos homens que n'este tempo figurárão, porém mencionar as boas acções d'aquelles que as fizerão; e esta julgo eu ter sido de summa importancia.

Como este emprestimo involva em si circumstancias de grande interesse, e como convenha, podendo ser, dar as causas e os

motivos dos successos mais notaveis do tempo, o que na realidade só constitue a verdadeira filosofia da historia; direi, por tanto, agora qual foi a origem d'esta negociação, os embaraços que teve, e as causas verdadeiras que os produzírão; causas, que eu posso affiançar, e de que não dou os documentos que vi, por não faltar á confidencia de quem d'elles he depositario. Havendo-se tornado nullo o primeiro emprestimo de que já fallei, e não fôra ratificado pelo marquez de Barbacena, apesar de elle haver sido tratado em Londres com o seu consentimento, e assignado por sua mão antes de ter partido para o Rio de Janeiro com a Rainha; tentou depois a regencia da Terceira fazer outro, ou renovar o antigo com novas condições, e sempre com o primeiro emprestador mr. Maberly. Para este fim foi necessario nomear e mandar um agente ao Rio de Janeiro, e este foi, como tambem já disse, um negociante Portuguez de Londres, *Henrique José da Silva.* Era elle um verdadeiro plenipotenciario, porque levava credenciaes, e plenos poderes para este fim, e ainda em tempo em que o conde de *Sabugal* não havia sido reconhecido como ministro da regencia em nome da Rainha, o que alguns dias depois foi pelo imperador, e então tomou parte na negociação. Começou esta a ter difficuldades, e o ministerio Brazileiro não parecia disposto a adoptar algum dos

projectos que lhe fôrão apresentados. Indagando-se porém quaes fossem os motivos destas difficuldades, veio-se a saber com muita arte e perspicacia quaes elles erão. Nem mais nem menos consistião elles nas *instrucções* que se tinhão dado ao marquez de Santo Amaro, que já tinha partido para a Europa, e as quaes instrucções erão *transigir com D. Miguel*, segundo o plano proposto pela Inglaterra e a França, com a condição de elle casar com a Rainha. Consistião ainda mais na persuasão em que estava o ministerio do Rio a este tempo, e persuasão, que muitas vezes dêo a entender, de que na época, em que o emprestimo se pertendia negociar com a garantia do Brazil, já D. Miguel devia estar reconhecido, ou a ponto de o estar, pela França, Inglaterra, e Austria; e este reconhecimento *devia tambem ter sido consentido e approvado* pelo marquez de Santo Amaro. Consistião finalmente os mesmos motivos em se ter sabido tambem que o ministerio Inglez, presidido por Wellinghton, havia exigido do governo do Rio de Janeiro, que se *suspendessem os subsidios aos emigrados*, porque este era o meio seguro para que desanimassem, e a ilha Terceira se rendesse á discrição. O facto que depois se realisou da suspenção dos subsidios, e outros mais mostrão, que tudo isto era verdade, e que não havia engano na revelação que se tinha podido obter de todos

estes tenebrosos mysterios da mais monstruosa iniquidade (*a*).

Em taes termos, e em taes circumstancias parecia que a negociação se tinha de todo malogrado, e que já não havia meio de a renovar. Comtudo tomou-se ainda um expediente, que teve mui felizes resultados, e pelo qual se fez cahir em um laço apertado aquelles mesmos que nos pertendião prender n'elle de pés e mãos. Sem se lhes dar a entender que toda a sua politica estava descuberta, replicou-se-lhes que acabando

(*a*) Affirmou-se tambem n'este tempo que uma das condições, impostas a D. Miguel, era que elle perdoaria ao Brazil a divida em que estava para com Portugal pelo tratado da separação. O que porém aclarou de todo este negocio foi a *moção* que lord Aberdeen fez na casa dos lords sobre os Açores no dia 5 d'agosto d'este anno 1831. Ali disse, formaes palavras: „ Que vendo D. Pedro no principio d'este anno que nada podia concluir contra seu irmão, fizera uma declaração *official*, pela qual se obrigára a não continuar a obrar hostilmente contra elle, „ mas recorrer a termos de composição por via de negociações. Para este fim mandára um embaixador a Londres, que no principio, como os seus antecessores, quizera excitar uma invasão contra Portugal; comtudo que „ o ultimo despacho *official* de D. Pedro fôra para negociar „ *amigavelmente* com o irmão; e que para isto propozera certos meios, os quaes se elle então declarasse a *ca-* „ *sa não havia de ficar pouco admirada.* „ O tal embaixador não podia ser outro senão o marquez de Santo Amaro, o qual, pela revelação, que n'esse tempo fez uma gazeta do Rio de Janeiro, veio á Europa *á nossa custa*, obrigando-nos ainda assim D. Pedro a pagarmos o nosso proprio assassinio. Lord Aberdeen fez ainda o cumprimento a D. Pedro de dizer, que havia sido expulso do Brazil pela unanimidade da nação, e que ninguem, tanto como elle, tinha merecido aquelle tratamento.

de ser reconhecido o embaixador da Rainha, e sendo esta, por consequencia, a legitima Rainha de Portugal, se o Brazil não quizesse concorrer para se lhe restituir o throno usurpado, todo o mundo se persuadiria que o mesmo Brazil hia de acôrdo com os gabinetes que auxiliavão e sustentavão D. Miguel; o que era inteiramente contrario ao que acabava de acontecer com o reconhecimento do conde de Sabugal, e as reiteradas declarações que o imperador, seu pai, tinha feito de nunca transigir com seu irmão. Assim, para tirar esta suspeita, se vio obrigado o ministerio do Brazil a acceder á proposta que se lhe fez; e o ministro secretario d'estado *Calmon*, que tinha plenos poderes para tratar este negocio, declarou então *officialmente* em uma nota (*b*), que se transcreveo no protocolo da negociação, que o governo do Brazil hia transferir para o poder da Rainha de Portugal, ou d'aquelles que governavão em seu nome, todo o dinheiro que o Brazil ainda estava devendo á legitima coroa Portugueza, *para que ella podesse dispôr d'elle como bem lhe parecesse.*

Foi esta nota, ou declaração, o que servio de base para o emprestimo; base, que já não podia ser negada pelo governo Brazileiro sem cahir em toda a deshonra da

(*b*) Vejão-se as peças justificativas no fim d'este livro, em que vai transcripta esta nota.

má fé, ou da falta de palavra. Comtudo, estando persuadido, como já disse, o mesmo ministerio do Brazil que tudo o que havia promettido de nada valeria pela esperança que tinha de que quando a sua nota official, em que havia uma tão positiva e solemne promessa, *bem que illusoria*, chegasse á Europa já ella não podia ter effeito, porque a este tempo já D. Miguel estaria reconhecido, e o marquez de Santo Amaro teria accedido a este reconhecimento; não dêo nenhumas ordens para a execução d'esta promessa ao encarregado de negocios, *Mattos*, que era o seu agente acreditado em Londres. D'aqui nasceo a difficuldade que logo manifestou o dito encarregado de negocios em cumprir com o que se tinha promettido no Rio de Janeiro; mas a politica Europea tinha mudado com a grande semana de París, e com a quéda do ministerio Inglez Wellinghton; e n'este caso era necessario pôr um termo a este negocio, ou executando as promessas do Brazil, ou expondo-se a que, pela imprensa, se fossem revelar todas as torpezas que até ali tinhão andado escondidas nos tenebrosos mysterios da politica Brazileira para com Portugal e a Rainha D. Maria II. O marquez de Santo Amaro, que se achou involvido n'este terrivel dilema, ou de consentir na publicação da deshonra do seu imperador e governo, ou de a prevenir; servindo-se talvez de seus

poderes eventuaes, sanccionou e garantio as declarações e promessas do seu governo; particularmente porque vio, que nem a sua missão, nem os planos, sobre que ella se tinha fundado, já podião ter effeito; e assim se ultimou o emprestimo. Não foi elle, por tanto, obra primaria dos homens, mas a obra exclusiva dos novos acontecimentos politicos, que forçárão os mesmos homens a fazer o que nunca tinhão imaginado que podesse succeder.

Depois de concluido, e publicado este emprestimo vio-se ainda uma cousa bem extraordinaria, e que será tambem ainda uma nova prova do que devemos aos Inglezes, assim como uma boa lição para sabermos em que linha de conta os havemos de ter para o futuro. Quando, segundo o costume, se annunciou este emprestimo no *Stock Exchange*, um dos logares da praça de Londres onde se costumão notar os preços dos emprestimos assim como as variações diarias que elles geralmente tem; excitou-se immediatamente uma forte opposição contra elle pelos subscriptores d'aquelle estabelecimento; e depois das deliberações de alguns dias, em que houve fortes debates, a final resolvêrão que *não fosse ali admittido.* Fundárão esta illiberal resolução em uma anterior decisão, tomada por causa dos diversos emprestimos Hespanhoes, a qual era: que n'aquelle estabelecimento não podesse ser admittida a publicação de qual-

quer outro emprestimo de uma nação que antes tivesse deixado de pagar os juros ou dividendos de algum antecedente. Para fazer incluir o nosso n'esta legislação recorrêrão ao principio de que sendo este emprestimo *Portuguez*, e tendo-se deixado de pagar os juros ou dividendos do antigo, não podia este novo ser ali admittido. Mas isto era um verdadeiro pretexto, porque o principio não era exacto. Quem tinha deixado de pagar era o governo do usurpador, debaixo de cujo poder estava a primitiva e verdadeira hypotheca; e este não requeria agora outro emprestimo, pois que quem o pedia era o governo em nome da Rainha D. Maria II., que nunca tinha pedido outro, e por conseguinte nunca tinha faltado á sua palavra. Apesar de todas estas razões, que lhes fôrão ponderadas, os subscriptores do *Stock Exchange*, e todos os possuidores dos antigos fundos Portuguezes permanecêrão na sua primeira resolução, e fizerão quanto poderão para desacreditar o emprestimo. N'este seu comportamento tão illiberal vião elles certamente o sacrificio do seu mais proximo interesse, que era o de serem quanto antes pagos dos seus juros, porque quanto mais depressa se destruisse a usurpação mais probabilidades tinhão de os receber; porém olhavão para o futuro, e não duvidavão sacrificar os interesses presentes a outros que avaliavão em maior preço. E quaes erão elles, ou quaes podião el-

les ser? Não erão, nem podião ser outros senão o illiberal e interessado projecto de nos conservarem escravos; porque vião que por este emprestimo se abria caminho para derribar o usurpador, e sobre a sua quéda se hia restabelecer a nossa liberdade politica, cousa que *em geral* os negociantes Inglezes detestão em todas as nações com quem commerceião, por isso que seu egoismo não se póde satisfazer tanto nos governos livres como nos despoticos e absolutos. Esta pois foi a verdadeira razão por que os nossos *bons e antigos amigos Inglezes* tanto trabalhárão para fazer malograr o emprestimo: e com isto nos derão ainda uma prova da sua costumada amisade, e de quanta confiança n'elles devemos ter para o futuro. N'esta obra fôrão admiravelmente auxiliados os nossos amigos Inglezes pelo consul de D. Miguel, *Sampaio*, irmão do conde da Povoa. Como elle estivesse costumado a tirar bons interesses com as commissões annuaes que lhe dava o pagamento dos dividendos que o governo Portuguez antes fazia em Londres com o dinheiro que para isso mandava o Brazil em consequencia da divida em que estava a Portugal; e sendo além d'isto um devoto servidor de seu amo; não teve escrupulo em reforçar o esquadrão dos nossos inimigos, e em boa camaradagem advogar a sua causa, e a d'elles.

No principio d'este anno morreo nas pri-

sões de Portugal uma victima illustre, o conselheiro d'estado, *Pedro de Mello Breiner*. Este homem que sempre havia sido um integro magistrado, servindo depois na carreira diplomatica no tempo da regeneração de 1820, nunca foi a ella addido do coração, e o seu comportamento em Roma foi equivoco; porém depois da publicação da carta constitucional, de que elle tambem no principio se não mostrou demasiadamente apaixonado, estando ministro em París, passou em pouco tempo a adherir a ella firmemente, e sempre a sustentou com honra e dignidade. Foi nomeado ministro e secretario d'estado na regencia da infanta D. Isabel Maria, mas teve que largar logo aquelle emprego pelas intrigas que contra elle urdio a facção usurpadora, que já então trabalhava por destruir a carta constitucional. Foi depois proposto pelo ministro conde de Saldanha para regedor das justiças, quando o mesmo conde propôz outras mudanças essenciaes; porém as mesmas intrigas inutilisárão aquella proposta, e accelerárão tambem a quéda ministerial de Saldanha, motivada pelas manobras do ministro Inglez *A Court*, e pelas insinuações e conselhos de alguem mais que dos paizes estrangeiros apoiava as mesmas manobras, que não tendião a outra cousa mais do que a apressar a usurpação, e com ella a perda das nossas liberdades. Mostrando-se a final resolutamente opposto á usurpação, e ten-

do contra si o crime imperdoavel de ser bemquisto dos homens de bem por sua probidade e inteireza, cahio, como era natural, na desgraça do tyranno e da facção que o dirigia; e sem processo nem sentença, como se condemnão os innocentes, foi lançado em uma solitaria prisão, onde por espaço de muito tempo se achou sepultado vivo, até que, fatigado pelo pêso dos annos, e muito mais pelo pêso das afflicções e dos tormentos largou a vida debaixo do cutélo moral da tyrannia.

No fim de janeiro d'este anno se soube na Europa da publicação de tres novos decretos da regencia da Terceira, dos quaes o primeiro, com data de novembro do anno antecedente, era relativo á publicidade dos conselhos de justiça nos processos militares; o segundo, com data de 27 do mesmo mez, destinado para a formação das novas camaras municipaes, segundo a carta constitucional; e o terceiro, com data de 29 do mesmo mez, ordenava a abolição dos juizes ordinarios, como preliminar da perpetuidade dos juizes, segundo a mesma carta. Apesar, comtudo, d'esta apparatosa demonstração de constitucionalidade da regencia, vi eu n'aquelle tempo uma carta, vinda da ilha, em que se dizia, que todas estas publicas demonstrações constitucionaes não erão devidas aos bons principios politicos de quem os alardeava, porém ao espi-

rito publico da guarnição, e emigrados ali residentes, os quaes, por sua resoluta e inabalavel constancia no systema da liberdade legal, tinhão como forçado a regencia a ir dando alguns passos na estrada constitucional, ou da carta. Accrescentava-se ainda mais: que sem estas medidas, proprias para adoçar a opinião que havia contra os taes legisladores, elles terião passado por uma crise, que talvez muito tivesse mudado a sua existencia politica; e que em consequencia d'isto havião cedido á voz publica não por vontade, porém por prudencia ou por medo. Nem isto era para admirar, porque, como já antes referi, aquella regencia só começou desembaraçadamente a fallar em *carta*, e a propôr medidas n'ella ordenadas, depois que, pelos acontecimentos de París e de Londres, vio que lhe era absolutamente necessario tomar um novo caminho ou morrer. Assim, como todo o genero de morte seja sempre feio, ella preferio abjurar seus antigos principios, e tomou os ares de convertida.

Em quanto a mesma regencia da Terceira andava absorvida nas suas reformas legislativas nem por isso perdia de vista outros planos economicos; e um d'elles foi a mudança do encarregado de negocios em Londres. Estava este logar occupado por José Balbino de Barbosa e Araujo, que, como secretario d'embaixada, exercia as funcções

diplomaticas depois da retirada do marquez de Palmella. Nenhum homem n'aquellas circumstancias parecia mais proprio para exercer as funcções de encarregado de negocios em Londres, não só por ter exercido depois de muito tempo este emprego, mas porque, sendo geralmente conhecido de todos os homens publicos da adminstração Ingleza, era particularmente estimado de lord Palmestron, o ministo dos negocios estrangeiros. Pela amisade e affeição que este lhe tinha havião sido revogadas as ordens que, como filhas de mesquinhez, e talvez de vingança, lord Aberdeen tinha dado para que a legação Portugueza da legitima Rainha não gosasse das immunidades proprias do caracter diplomatico que estava exercendo; e em uma palavra, era individuo que, debaixo de taes auspicios, parecia ser o mais capaz de tratar dos nossos negocios pela facilidade do accesso que tinha á presente administração Ingleza. Por todas estas considerações saltou a regencia da Terceira, porque sem lhes prestar nenhuma attenção, e só levada de antigas prevenções, sacrificou o bem publico á satisfação de mesquinhos projectos. Ou José Balbino era criminoso ou pelo menos suspeito em alguma cousa, ou não era: se o era, devia ser absolutamente dimittido do serviço, e se lhe devião dar as razões d'este procedimento; e se o não era, commettêrão contra elle injustiça, e a esta injustiça sacri-

ficárão o bem publico. Que fôra injustiça claramente o mostrou a mesma regencia, ordenando-lhe, que ficasse em Londres para com seus conselhos, e amisade, que tinha com pessoas influentes, auxiliar e ajudar não só o novo encarregado de negocios, porém D. Thomaz, o homem então incumbido da administração de todos os dinheiros.

Depois da dimissão de José Balbino parecia que a regencia lhe daria por successor um homem que tivesse melhores qualificações, e cujos serviços relevantes fossem a base de uma publica e geral opinião. Não foi porém assim: a escolha recahio em um homem, então pouco acreditado por seus principios politicos, manifestados em alguns opusculos (*c*); e pelas correspondencias officiaes que havia tido na Belgica com o general Azeredo; correspondencias, que já se achavão publicas pela imprensa. Foi esse homem *Abreo e Lima*, de quem já fallei quando citei essas mesmas correspondencias que acabo de mencionar. Dêo-se elle logo a conhecer por um acto, verdadeiramente cruel, que praticou em prejuizo de todos os emigrados. Estavão estes na posse de enviar pela legação Portugueza todas as suas correspondencias tanto para Portugal como para outras partes do Con-

(c) La Legitimité et le Portugal: Reveries d'un Portugais; Bruxelles, 1829.

Investigations politiques par Mr. D'Albemireau Portugais; Bruxelles, 1830.

tinente por onde estavão espalhados; e nunca estas lhes havião sido vedadas em quanto o marquez de Palmella, e José Balbino presidírão na mesma legação. Ao primeiro ou segundo dia, em que o novo ministro se instalou no officio, prohibio logo por meio de um edital, todas as correspondencias particulares que não fossem para Portugal, ou d'ali viessem, declarando, que nenhumas outras se acceitarião na legação. Foi, por tanto, não só cruel esta medida, porque indicava má indole, e prohibia a facil communicação de infelizes, que tinhão entre si relações ou de amisade ou de interesse, mas porque não custavão *um só real* de despeza á legação, visto que a secretaria Ingleza dos negocios estrangeiros, em virtude dos bons officios de José Balbino, acceitava de muito boa vontade todas estas correspondencias, e as inviava *de graça* para os seus competentes destinos. Assim este homem, que pelo seu emprego devia ser o protector de seus compatriotas, e não lhes aggravar as amarguras da sua triste situação, assumindo o caracter de um inquisidor politico, se declarou por seu inimigo, e usou de um despotismo, apenas crivel em taes circumstancias. Algumas legações estrangeiras, taes como as do *Mexico* e *Brazil*, horrorisadas com este acto de barbaridade, immediatamente se offerecêrão aos emigrados para receberem e enviarem para qualquer parte as suas correspondencias. E

por este acto achárão elles nos estranhos a protecção, a sympathia, e os bons serviços que não podérão encontrar em um Portuguez! Em París D. Francisco d'Almeida tambem adoptou esta medida, bem que, para ser justo, convem dizer o que n'esse mesmo tempo constou; e foi: que a ordem que elle déra para o mesmo fim não fôra tão barbara; porque pela sua nova legislação permittia que as cartas singelas podessem ser recebidas na sua legação, e ser d'ali enviadas para os seus respectivos destinos.

Por este mesmo tempo, isto he, no mez de fevereiro d'este anno, se publicou a noticia de que a regencia da Terceira havia nomeado uma *commissão* chamada *consultiva* para lhe ir servir junto d'ella de uma especie de *conselho d'estado*. As pessoas, que apparecêrão nomeadas para esta missão, fôrão: — O marquez de Lavradio; D. Filippe de Sousa, irmão de Palmella; Mousinho da Silveira; Filippe Ferreira; Manuel Gonçalves de Miranda; Francisco Antonio de Campos; Candido José Xavier; marquez de Fronteira; conde de S. Paio; o general Pizarro, o mesmo, que acompanhou a tropa, e a commandou na sua retirada pela Galliza; José da Silva Carvalho; e Joaquim Antonio de Magalhães. Tudo isto tinha o ar de um verdadeiro *embroglio*, ou de uma *caricatura* de conselheiros d'estado; porque em que espirito, ou em que plano politico se tinhão a-

malgamado individuos de côres politicas tão oppostas, ou tão discordantes? Para d'elles tomarem conselho, não: porque se a regencia tivesse pensado que necessitava d'elle, devia logo no principio da sua instalação fortificar-se com estes ou outros conselheiros; mas ella não o fez então, e não podia ser senão porque nunca duvidou de sua intelligencia, sabedoria, e talentos. Devia ter, por tanto, outros motivos, ou outras boas razões, e estas me parece que serião as que vou apontar, expondo-me talvez a errar em meus raciocinios, mas sempre com o desejo de acertar.

Como he provavel que a regencia suspeitasse que não podia contar com as affeições da generalidade dos Portuguezes tanto dentro como fóra de Portugal; e concebendo já probabilidades de que a usurpação corria para a sua quéda, he tambem natural, que se quizesse de antemão preparar para esse tempo, e desde logo escoltar-se com certas *notabilidades*, que representassem os diversos partidos, ou as diversas opiniões que suppunha dominantes. Para este fim, que não deixa de ter probabilidades, creio que para compôr a sua commissão *consultiva*, escolheria individuos de todas as côres e feições politicas, por meio das quaes podesse *conservar o poder* senão no todo ao menos em parte. Fôrão elles, pois, ou homens, que pertencêrão em outro tempo ao partido popular,

bem que depois alguns d'elles passassem a mostrar fazes bem diversas na emigração; ou homens filhos da alta aristocracia; ou emfim homens indifferentes, que são do partido de Cesar ou Pompeo, segundo seus interesses os dirigem; e que por esta habitual facilidade em seguirem todos os rumos da politica, são homens sempre aptos para tomarem todas as côres. Com os primeiros pensaria talvez a regencia poder insinuar-se no espirito dos liberaes; essa gente, que por alguns da mesma regencia, e por todos os inimigos declarados dos principios politicos de 1820, assim como pelos disfarçados e encubertos da carta de 1826 tinha sido, e ainda era denominada *republicana*. Com os segundos, ou com os filhos da alta aristocracia, tambem a regencia se procurava escudar, procurando fazer, por intervenção d'elles, um partido entre a nobreza; e com os ultimos, que erão uma especie de reserva, he de presumir quizesse amalgamar os dous partidos, lançando-os entre elles, como pacificadores *moderados*, e fazendo-os passar, quando lhe conviesse, para uma ou outra bandeira; o que nunca he difficil com homens sem caracter distincto; porque sempre estão promptos á fortificar todo o poder em que podem achar interesses, importando-lhes pouco seguir este ou aquelle partido para os ganhar. Parece, por tanto, ter sido esta a plausivel razão pela qual se dirigio a regencia n'esta nomeação, bem

que, segundo ainda escreverei, pouco lhe valeo, porque dos individuos nomeados bem poucos acceitárão.

No principio d'este mesmo anno constou em Londres que a academia real das sciencias de Lisboa mandára cunhar uma medalha de cobre com data do anno 1829, em honra de D. Miguel por ter permittido aos socios academicos *a entrada* do paço. Quem se disse, que mais concorrêra para este acto de adulação foi o insigne, e já depois de muito tempo conhecido, Monge Benedictino, Fr. *Mattheus*, o antigo elogiador da horrorosa carniceria do campo de Santa Anna no anno de 1817, e a quem eu n'esse tempo, escrevendo em Londres *o Investigador Portuguez*, denominei o — *Anacreonte* dos algozes do Rocio.

Em quanto a regencia da ilha Terceira se procurava enfeitar com um apparatoso *conselho d'estado*, deixava em Londres nas mãos de um só homem, D. Thomaz Mascaranhas, toda a administração dos dinheiros publicos, e isto na mesma occasião em que se contratava um emprestimo de alguns milhões de cruzados. A elle, em quem, como depositario e administrador de todos os nossos rerursos pecuniarios, estavão depositados todos os destinos da realeza, da liberdade, e da patria, não julgou a regencia necessario dar-lhe homens com quem se aconselhasse, ou antes homens que o dirigissem; e só

para si guardou esse faustoso apparato; porque na épocha em que o requereo não podia ter outro nome. Assim uma das fataes consequencias d'esta imprevidencia foi o acontecimento seguinte. Pouco antes da sahida do marquez de Palmella para a ilha Terceira havia muitas letras saccadas sobre elle, tanto vindas da ilha como de outras partes, que elle não pôde pagar; sendo este talvez o motivo principal por que abreviou a sua viagem. Tinha chegado, como já disse, por esse mesmo tempo a Londres, vindo do Rio de Janeiro, D. Thomaz Mascaranhas com grandes poderes, e encarregado da administração dos dinheiros publicos. Não tendo, porém, dinheiro para pagar as dividas, contrahidas em nome de Palmella, convocou os portadores das letras, que montavão pouco mais ou menos a 27 mil libras sterlinas; e expondo-lhes a sua actual situação, concordou com elles em lh'as pagar dentro de um anno com o juro de 5 por cento. Vencêrão-se as ditas letras no 1.° de março d'este anno; e depois de se ter officialmente publicado um emprestimo, nada era mais natural do que esperarem os credores receber o seu dinheiro no dia aprazado. Chegou porém este, e D. Thomaz não pagou: houve, por consequencia, um grande descontentamento, misturado de invectivas, e justos queixumes da parte dos credores, e ao mesmo tempo uma quebra da boa fé, e de

credito irreparavel. O pouco juizo de D. Thomaz em não tomar conselho com pessoas que lh'o podessem dar foi palpavel, porque ao menos oito dias antes do vencimento das letras devia elle ter examinado se tinha ou não dinheiro para as pagar; e não o tendo, devia convocar os credores, e expor-lhes amigavelmente o que havia, fazendo assim todo o possivel para que este negocio se não tornasse escandalosamente publico. Não o fez porém assim; esperou pelo dia em que devia pagar, e só então he que se quiz compôr com os credores; e por isso aconteceo, que fosse obrigado a ter mui desagradaveis conferencias, e a patentear ao publico que não tinha juizo, nem dinheiro, nem credito. Este acontecimento tornou-se muito mais prejudicial por ser constante que havia um emprestimo, e por não poder vir á cabeça de ninguem que o mesmo homem, que affirmava ter feito aquelle emprestimo, quasi no mesmo momento se declarasse *banca-rôta.* Esta falta de palavra, este descredito, e esta demencia trouxerão logo, e ao mesmo tempo, comsigo outra ainda mais fatal consequencia, a qual foi o mostrar-se a todo o mundo que tal emprestimo não existia de facto, e era puramente *nominal*; porque a não ser assim como não haveria dinheiro para pagar as letras, divida de tanta importancia, e tão sagrada? Desculpou-se D. Thomáz, ou o quizerão desculpar, di-

zendo que o emprestador não quizera dar o dinheiro; mas d'esta repulsa, que foi verdadeira, eu darei ainda noticia, e explicarei miudamente qual ella foi. O certo he que esta nova circumstancia foi de pessimo effeito, porque revelou aos nossos inimigos a nossa fraqueza, o pouco discernimento dos nossos governantes, e o pouco medo que podião ter das nossas expedições; uma vez que se patenteava ao mundo que toda a idéa de um emprestimo era fantastica, que nada se podia recear de nossos esforços para recobrarmos a liberdade e a patria; e em uma palavra, que não eramos nada, porque não tinhamos credito nem dinheiro, e ainda, para maior infelicidade, nem homens capazes de dirigirem nossos negocios. Toda a emigração ficou por então assaz desanimada; e os opprimidos tanto dentro como fóra de Portugal perdêrão de resolução e de força quanto seus oppressores ganhárão de vigor e de audacia.

O homem, que D. Thomaz tinha mais proximo de si, e de quem poderia tomar conselho era *Abreo e Lima*, mas este nenhuma opinião tinha entre os emigrados; e ambos elles mostravão a mesma ignorancia para vencermos a causa por que andavamos expatriados, e servindo de ludibrio a nossos inimigos; o que se patenteava por seus actos. Por um d'elles se mostrou bem a ignorancia, porque uma das estipulações d'esse

malfadado emprestimo de *Maberly* era: que o valor das apolices sería de 4 por cento menos do que n'aquella data estivessem as dos fundos Brazileiros ; ora como por todos era bem sabido que por um pequeno e muito ordinario manejo estes se podião fazer descer, bem clara e visivel foi a pouca esperteza de quem consentio em similhante estipulação. Isto he uma amostra da intelligencia dos negociadores; quanto á boa vontade que elles mostravão de abreviar o nosso desterro, e todos os males a elle inherentes, está ella mui patente nos dous casos que vou referir, e que n'aquella épocha passárão por verdadeiros. O primeiro foi, que annunciando o conselheiro de embaixada, José Balbino de Barbosa e Araujo, uma proposta de emprestimo feita pela casa de *Rugemond* em Londres, nem ao menos se quiz ouvir, e isto em tempo que não havia dinheiro para se pagarem letras vencidas, e se passava por esta vergonha. O segundo ainda foi mais notavel, por ser muito mais importante. No fim do anno passado o capitão *Hill*, que costumava fazer algumas viagens á ilha Terceira por conta da emigração, propôz ao mesmo José Balbino, que elle promettia arranjar navios para *quatro mil* homens com duas embarcações de guerra para os protegerem; e que todas as despezas para este arranjo se farião com letras a pagar em Portugal, á excepção de uma pequena quantia de dinhei-

ro que immediatamente se devia pagar para comprar os víveres que se não podessem encontrar na ilha Terceira. Estava então em Londres o Portuguez emigrado *Leal*, o mesmo que depois desgraçadamente ali morreo cahindo de um cavallo abaixo. Este offereceo pelo seu credito e o da casa de *Young* apromptar setenta mil libras, que n'aquelle caso erão mais que sufficientes; porque a expedição, como já disse, se fazia quasi toda a credito. Propôz isto José Balbino a D. Thomaz e ao Lima, que acabava de chegar da Belgica, ao que elles não derão attenção alguma; e a final fez a mesma proposta ao marquez de Palmella e seus companheiros na regencia. Esta, bem como os seus agentes de Londres, nenhum caso fez d'este tão util como vantajoso offerecimento; e assim tanto uns como outros derão uma nova prova, de que estavão no segredo das intrigas que se passavão entre a Europa e o Brazil; intrigas que erão nem mais nem menos do que a conservação de D. Miguel debaixo das illusorias condições propostas pelos gabinetes Europeos, e que D. Pedro esteve resolvido a acceitar, e acceitaria a não ser a grave lição que levou o governo absoluto na revolução Franceza de julho.

Os emigrados do deposito de Rennes em França, sendo do numero dos que mais calumniados erão por aquelles que nos governavão em o nosso exilio, e só porque ti-

nhão acompanhado o conde de Saldanha na sua hida á Terceira, e não só por isso lhe erão affeiçoados, mas porque por via de suas diligencias não tinhão morrido de fome e miseria, fizerão em numero de 161 uma representação á Rainha com data de 30 de janeiro d'este anno, em que lhe pedião os empregasse no serviço da restauração do seu throno e da carta constitucional, porque para tudo isto offerecião do coração suas pessoas e suas vidas. Este passo brioso e patriotico destruio as falsas calumnias e as miseraveis invectivas com que uma facção servil de emigrados tinha querido denegrir aquelles honrados e sempre leaes Portuguezes, denominando-os *Saldanhistas*, só porque se conservárão affeiçoados ao seu general, esse mesmo homem, que, por suas constantes diligencias, lhes tinha dado pão e vestido; cousas, que os que governavão, e bem assim seus panegyristas e agentes, sempre lhes tinhão negado. E com isto igualmente mostrárão, que a melhor resposta que se póde dar á *criadagem* do poder, qualquer que seja a libré com que se vista, assim como aos falsos patriotas, são as obras d'honra, patriotismo, e liberdade.

No dia 8 de fevereiro d'este anno se malogrou outra revolução em Lisboa; e para punir os individuos que ou os odios particulares, ou os factos verdadeiros podessem implicar n'aquelle acto de legitima resisten-

cia ao poder usurpador e tyrannico, se nomeou logo uma commissão mista, composta de homens já quasi todos conhecidos, para que não houvesse receio de que faltassem victimas para offerecer á tyrannia. Fôrão da classe dos togados, presidente, Antonio José Guião, e seus socios, Joaquim Gomes Belford; Manuel Joaquim Barbosa; e Antonio Maciel Monteiro. Da classe militar fôrão o coronel do regimento n.° 17; dito do regimento n.° 13; e o tenente-coronel do batalhão de caçadores n.° 4.

Entre as causas geraes, que fizerão malograr esta e outras tentativas similhantes uma que mais particularmente se póde apontar he a geral desmoralisação, a que tinha chegado a nação pelo longo habito de um inveterado despotismo; desmoralisação, que tinha extinguido em quasi todas as classes a energia, o patriotismo, e esse amor da liberdade que inflamma a todo o homem que sabe sentir e pensar; desmoralisação emfim, que entre nós tinha creado, nutrido, e alentado um egoismo tão profundo, que apenas se póde descrever. Além d'estas se podem comtudo apontar outras mui peculiares, as quaes erão proprias do tempo. Apesar porém de todo esse egoismo, e de toda essa tendencia para a servidão, sería fazer uma injuria a todos os Portuguezes se n'elles, n'essa mesma época, não se encontrassem muitas e mui distinctas excepções de honrados

individuos que preferião a liberdade aos funestos prestigios do despotismo. Esses individuos por muitas vezes tentárão oppôr-se á usurpação, e derribar o tyranno; porém conferindo directa ou indirectamente com muitos dos emigrados de quem esperavão auxilio, porque erão os depositarios da authoridade legitima, e de certos meios pecuniarios, d'elles recebião instrucções, que muito variárão segundo as diversas épochas em que lhes fôrão transmittidas. Antes dos successos de julho da grande semana de París mandava-se-lhes constantemente dizer, que *esperassem e nada fizessem* sem que primeiro se lhes désse aviso; e he de notar, que isto acontecia quando entre os gabinetes de Londres e París se estava negociando o casamento de D. Miguel com a Rainha D. Maria II., como base do reconhecimento da sua usurpação; negocio, que então era cabalmente conhecido dos que figuravão como governo na emigração. Vê-se, por tanto, que até esta épocha as tentativas e desejos dos bons patriotas em Portugal se estiverão systematicamente paralisando. Mudou porém a politica em França e Inglaterra, e as instrucções tomárão por consequencia um novo caracter, mas sempre illusorio. Dizia-se-lhes sim que fizessem uma revolução, e derribassem o tyranno, porém lhes prescrevião certas fórmas, e lhes designavão pessoas para que o negocio fosse a seu geito. D'aqui suc-

cedia, que havendo tanto em Portugal como na emigração individuos que querião uma revolução completa nos homens e nas cousas, se achavão elles em opposição de planos e opposição de tentativas com os outros que tinhão a missão de fazer uma revolução de *encommenda*. Estas diversas opposições fazião, por conseguinte, com que nem uns nem outros dessem um passo decisivo; porque não podendo concordar em principios mutuamente destruião os planos que cada um d'elles formava. A estas causas se devem, por tanto, tambem attribuir todos os máos resultados das tentativas que se fizerão para derribar o tyranno, assim como toda essa indecisão que sempre houve em as executar. Os delatores, que fizerão abortar esta conspiração, fôrão, segundo então se publicou, um sargento do regimento n.° 16, e o coronel *Affonso Botelho*.

Pelos principios do mez de março d'este anno acontecêrão em Londres dous factos, que eu julgo dignos de se relatarem por dizerem respeito a dous grandes funccionarios nossos. Foi o primeiro a accusação que o consul *Sampaio*, que estava no partido de D. Miguel, fez ao ministro, em nome da Rainha, *Abreo e Lima*. Queixou-se elle a um dos tribunaes de policia de que Abreo e Lima lhe tinha aberto um masso de papeis, que de Lisboa lhe erão dirigidos; esta accusação porém não teve cabimento, porque se vio

que tudo havia sido obra de acaso, e descuido do correio na entrega. O consul Miguelista, que estava no campo contrario, apenas ficou com a gloria de ter disparado um tiro ao inimigo; e com isto mostrou que zelava a causa de seu amo. O segundo facto foi comico, porque querendo a gazeta Ingleza *Age* do domingo 13 de março escarnecer D. Thomaz Mascaranhas (*d*) pelo emprestimo illusorio e fantastico que havia contrahido com mr. *Maberly*, designou-o por um titulo assaz ridiculo, que foi chamá-lo *Don-Tom-ass*; nome mui significativo na lingua Ingleza; e que eu julgo desnecessario traduzir.

No dia 16 de março d'este anno se commetteo outro novo assassinato juridico, que foi a consequencia da malograda revolução de 8 de fevereiro, que já antes mencionei. As victimas assassinadas fôrão: — Joaquim José Pedreira, negociante: Antonio Germano Freitas, caxeiro de fanqueiro: Manoel Luiz da Silva, capitão de atiradores: Vicente Dias de Campos, sargento do regimento, n.° 16: Joaquim Lopes Martins, cabo do regimento, n.° 13: Florencio Pereira da Costa, soldado do regimento, n.° 7: e José de Magalhães, criado de servir. Os juizes, que assignárão a sentença, fôrão os seguintes pela ordem que n'ella se escre-

(*d*) A quem Abreo e Lima chamava o *Moiro*.

vêrão: doutor Guião, como presidente: Barbosa: Nunes, coronel: Silva Belforte: Roza, coronel: Maciel Monteiro: e Araujo Carneiro.

Nos principios d'este mesmo anno se tornou a malograr outra tentativa feita pelos Hespanhoes ao sul da Hespanha, tentativa emprehendida pelo ousado e infatigavel *Torrigos*. Devia esta empreza começar pelo levantamento de Cadix, ponto, em que na realidade começou o primeiro movimento com a morte do governador; e ser depois apoiada pelo desembarque de alguns emigrados Hespanhoes na ilha de Leão; porém todas as combinações falhárão, porque houve traição. Faltou uma boa cooperação interna; e os conjurados constitucionaes, obrigados a ir tomar posições na serra de Ronda, ahi fôrão parte trahidos e agarrados, e parte se espalhou e dividio sem poderem consumar a grande obra da restauração politica d'Hespanha. Todavia, todas estas tentativas fazião grande honra á pertinacia Hespanhola, e mostravão que mais dia menos dia havião de produzir o seu effeito. O progresso das luzes, que marcha a par do progresso do despotismo, sempre cégo e sempre teimoso em seus actos violentos e atrozes, ha de a final ser victorioso; porque o reinado da oppressão e tyrannia não póde ser eterno. Sim, o maior numero, o *povo*, bem que não possua o presente, ha de possuir o futuro.

Italiam! *Italiam*! exclamárão os emigrados de Troia, commandados por Eneas ao avistarem as praias da bella e classica Italia! *Ausonia*! *Ausonia*! devião tambem agora exclamar os malfadados Italianos vendo suas terras pisadas por cohortes estrangeiras que lhes vierão suffocar sua restaurada liberdade! Foi, com effeito, ainda perdido este reiterado esforço que uma parte de Italia começava a fazer para recobrar a sua independencia; e as armas Austriacas fôrão o instrumento d'esta sua nova calamidade. Esperançados os Italianos nas palavras e promessas da França regenerada em julho passado, quizerão realisar as suas esperanças, e dar á patria os destinos que ha muito tempo elles *tem jurado* dar-lhe até á custa do sangue e das vidas. Mas como seus juramentos são firmes, são sinceros, e eminentemente nacionaes e patrioticos, ha de chegar ainda um dia em que as novas leis, destinadas para a *Ausonia*, venhão a ser proclamadas; e que esse bello paiz seja reunido em uma só e unica familia de uma extremidade á outra dos limites que lhe pôz a natureza.

No dia 17 de abril d'este anno se completárão tres mezes depois do ultimo pagamento de subsidios que se fez aos infelizes emigrados, que por tão honrada e justa causa andavão separados de suas casas e familias, e dispersos pelo mundo. E isto acontecia depois de um chamado emprestimo,

que D. Thomaz Mascaranhas tinha contrahido, assignado, e pomposamente annunciado á emigração!

No dia 22 d'este mesmo mez de abril ganhou o rei de Inglaterra, Guilherme IV., uma das maiores honras que póde ganhar um monarcha: isto he, identificou-se com o seu povo, e se pôz do seu lado contra a poderosissima aristocracia Britanica. Uma das condições do novo ministerio, quando concordou em entrar na administração, tinha sido o propôr a medida de uma reforma parlamentar, porque com effeito a representação nacional era só nominal, e toda ella dependia em grande parte da influencia immediata da alta aristocracia, e do governo, quando composto de individuos da mesma classe. Contra este absurdo politico clamava já depois de muitos annos a maioria do povo Inglez; e a este clamor chamavão os aristocratas o clamor dos *radicaes*, porque estes pedião uma reforma radical em sua representação nacional; mas estes clamores tomárão novo vigor depois dos acontecimentos de París em julho passado. Assim, vendo-se o ministerio na alternativa ou de passar por uma revolução violenta, para a qual o povo se mostrava cada dia mais disposto, ou de elle fazer a reforma; adoptou este ultimo judicioso e necessario partido, e encontrou um rei com bastante intelligencia para decididamente o apoiar n'esta grande medida. A alta a-

ristocracia, sempre teimosa, e sempre inflexivel nas suas pertenções de dominar, persuadio-se que ainda ganharia a victoria, regeitando a lei, e obrigando por isso o ministerio a dimittir-se. Comtudo, a constancia dos ministros e a prudencia do rei transtornárão em um só dia todos esses projectos liberticidas. A dissolução da camara, não prevista e até julgada impossivel, collocou a aristocracia em uma posição não esperada, e lhe fez vêr que d'esta vez tinha errado em seus calculos. O povo agradecido dêo a Guilherme IV. os nomes de rei *patriota*, de rei *restaurador*, e de rei *triunfante*, nomes que mereceo por este grande acto de intrepidez e resolução.

Em quanto isto se passava em Inglaterra, outros cuidados, e bem diversos, occupavão o ministerio de D. Miguel em Lisboa. Já n'estes *Annaes* mencionei o ultimo assassinato juridico que ali se perpetrára, e em consequencia do qual muitas victimas havião sido condemnadas ou á morte ou a outros castigos de crueldade e infamia. Entre ellas fôrão envolvidos dous Francezes, os quaes reclamárão a protecção do seu governo, e n'elle com effeito a encontrárão. O consul de França, por ordens positivas que para isso teve, pedio satisfações, e entre ellas a annullação de tão illegaes e barbaras sentenças; mas o usurpador (*e*) e seus ministros to-

(*e*) Para se fazer idéa do conceito que o ministerio Fran-

márão diversos pretextos, e se recusárão a dar-lh'as. Em consequencia d'isto o consul Francez, com muitos dos seus compatriotas, sahio de Lisboa no dia 19 de abril; e por este acto se collocou o tyranno em verdadeira hostilidade com a França. O resultado porém d'este negocio ainda será um dos assumptos dos successos d'este anno.

No meio das suas calamidades tambem nos principios d'este anno oito Portuguezes, desterrados como constitucionaes para um degredo perpetuo em Angola, e outros diversos presidios, tiverão a boa fortuna de escaparem á tyrannia de seus oppressores e poderem abordar ao Rio de Janeiro. Não pude saber os nomes de todos, e só os dos quatro seguintes, que fôrão: — Francisco Antonio de Abreo e Lima; José das Neves Mascaranhas e Mello; José Ferreira Pestana; e José Maria Moreira de Bergára; o primeiro, corregedor do Porto; o segundo provedor de Aveiro; o terceiro, lente de mathematica na universidade de Coimbra; e o quarto, primeiro-tenente do corpo de engenheiros. Neves Mascaranhas, e Ferreira Pestana podérão salvar igualmente suas espôsas, que havião tido a nobre coragem de os acompanhar n'aquelles apurados lances de infortunio, e tormento, e fugir com estes seus

cez fazia de D. Miguel, deve saber-se que o general *Sebastiani* publicamente disse: que era vergonha que *tal monstro* estivesse manchando um dos mais nobres thronos da Europa.

inapreciaveis thesouros, na verdade bem raros nas grandes desgraças da vida. Tendo fugido em uma lancha, escapando-se á vigilancia das guardas e sentinellas de Loanda, se dirigírão a um brigue Inglez, que estava em Ambriz, mas não o tendo já encontrado, e navegando com grande perigo ao longo da costa, por fim se achárão á vista de uma galera Portugueza, que generosamente os recebeo e salvou. O nobre capitão, o primeiro commandante Portuguez de navio de guerra ou mercante que tinha dado protecção a algum martyr da liberdade, á excepção do fiel e honrado Auffdiener, que desde o principio abraçou a causa constitucional, conduzio aquellas heroicas victimas ao Rio de Janeiro, onde tomárão terra no principio d'este anno. Grande pena, com effeito, tenho, ao escrever estas linhas, de não saber o nome do capitão, ou mestre que acção tão nobre e de tanta humanidade executou, porque o queria depositar n'estes meus *Annaes* para exemplo dos bons, e vituperio de todos esses algozes do mais feroz dos tyrannos: comtudo seu honrado e virtuoso nome não poderá esquecer aos que elle salvou: e algum d'elles haverá que, com muito prazer, faça o que eu, involuntariamente, agora deixo de fazer. No dia 17 de fevereiro fôrão estes martyres da liberdade apresentados á Rainha, que os recebeo com toda a affabilidade, e regosijo.

Nos principios do mez de maio d'este mesmo anno tornou a sahir para a ilha Terceira *Mousinho de Albuquerque*, o secretario da regencia, que tinha vindo a Londres para concluir grandes negocios, que não concluio, não deixando de si recordações favoraveis. Tanto que chegára a Londres tinha mandado logo embarcar certas fazendas que a regencia havia encommendado a José Balbino para serem mandadas para a ilha. Chegou porém o dia de pagamento na occasião que estava a partir, e levava comsigo cousa de 3 mil libras sterlinas; parecia, por tanto, não haver duvida de que pagasse as ditas fazendas, mormente porque apenas importavão em trezentas libras, pouco mais ou menos. Não o fez porém assim; não lhe importou o seu credito, nem o da regencia; e, o que he mais, deixou José Balbino em um terrivel embaraço, porque na boa fé tinha feito aquella encommenda, e por esta falta esteve em termos de ir para a cadêa.

Como negociador não deixou tambem boa nomeada; porque se ausentou no proprio momento em que poderia ter conseguido alguns recursos pecuniarios, se admittisse os conselhos de quem o podesse bem dirigir. Duas cousas exigia o emprestador Maberly, e com elle alguns individuos mais que quizerão entrar no contrato do emprestimo, e erão ellas: 1.ª que a regencia da Terceira mandasse uma authorisação formal

para que o dinheiro do Brazil, destinado para os dividendos de Londres, lhe passasse directamente para as mãos; o que antes não acontecia, porque era remettido, e entregue ao ministro Portuguez: 2.ª que o Brazil ratificasse formalmente a promessa de entregar ao governo, em nome da Rainha, todo o importe da divida de que Portugal era credor, e que já estava reconhecida e authorisada por uma lei. Ambas estas cousas vierão quasi a um tempo, ainda que a ultima não tivesse ainda todo o caracter official; porque a regencia mandou o documento que se lhe exigia, e o marquez de Santo Amaro teve approvação da garantia que havia dado ao emprestimo em nome do seu governo, e em consequencia da nota official que a este respeito já tinha passado o ministro *Calmon* (*f*) com a declaração que a solemne ratificação d'isto mesmo em pouco tempo se daria. Parece, por tanto, que com estes dous documentos á vista a negociação poderia tomar melhor figura, e d'elles se deveria ter aproveitado Mouzinho: comtudo, não se aproveitou, porque teve a facilidade de remetter, sem mais preliminar algum, a Maberly a declaração ou authorisação da regencia, que foi o que elle quiz apanhar; e nem d'ella, nem da já mencionada ratificação da garantia do emprestimo se prevaleceo para renovar a ne-

(*f*) Vejão-se as peças justificativas no fim d'este livro.

gociação com vantagem. Retirou-se, e deixou sacrificado José Balbino, expondo-o a todos os vexames legaes de credores alheios.

Como este notavel emprestimo fosse uma das causas da prolongação das nossas calamidades tanto pelos termos em que foi concebido como pela inhabilidade, e até pelas combinações, talvez interessadas, de alguns que n'elle tiverão parte, mencionarei ainda agora algumas circumstancias que ignorava quando pela primeira vez fallei a este respeito, circumstancias, que impedírão que então se realisasse, e por conseguinte fôrão causas mui efficientes de todos os prejuizos que depois se padecêrão. Concluido o dito emprestimo, e depositado no banco de Londres o contrato authentico, alguem houve que logo aconselhasse D. Thomaz para que immediatamente exigisse de Maberly o primeiro pagamento em dinheiro, e letras sobre os ultimos para serem pagas pelo banqueiro do emprestador; pois que a esse tempo ainda elle estava prompto a pagar. Concordou-se n'isto, e estando já as letras feitas, e vindo para serem assignadas por D. Thomaz, succedeo que com ellas tambem vinha uma para o pagamento da commissão que Henrique José da Silva devia ter em razão da sua agencia n'este negocio. D. Thomaz, e não sei se tambem Abreo e Lima, entrárão então a disputar a quantia da dita commissão, querendo que só fosse levada so-

bre o *liquido*, e não sobre o *nominal*: o resultado foi, que se não assignárão as letras, que assim se passárão alguns dias; e que no emtanto começando Maberly a pensar no negocio, e vendo a opposição que no *Stock Exchange* se fazia ao seu emprestimo, finalmente declarou, que não pagava nada em quanto do Rio de Janeiro não viesse a ratificação authentica da sua garantia ou hypotheca. Para esta resolução de Maberly concorrêrão ainda outros motivos, que fôrão os seguintes. Tinhão D. Thomaz, e Abreo e Lima ajustado com Maberly, que por via d'elle se havião de arranjar navios necessarios para hirem buscar e proteger a guarnição da Terceira, e a conduzirem a Portugal; mas como ao lado dos nossos agentes andassem sempre bons espreitadores de interesses, e agora quizessem saborear-se com algumas gorduras do emprestimo, metêrão-lhes em cabeça que havião de fazer a cousa mais barata, e que por isso convinha tirá-la da administração de Maberly. D. Thomaz, e Abreo e Lima accedêrão a esta insinuação, e o resultado d'isto foi, que participando-o a Maberly, este se escandalisou, e aborreceo, vindo a conhecer os motivos d'esta mudança: desde então não quiz ter mais contratos com D. Thomaz, nem com a gente que o dirigia. Tão disposto estava Maberly no principio a dar o dinheiro necessario para tentarmos logo uma expedi-

ção para Portugal, que immediatamente, e sem difficuldade entregou 18$000 libras sterlinas, pouco mais ou menos, das quaes o unico proveito que tirárão os desgraçados emigrados foi o receberem dous mezes de subsidios. D'estas tão boas disposições emfim se não souberão aproveitar os agentes de nossos negocios, e antes muito concorrêrão para as contrariar. Porque D. Thomaz quiz receber para si *individualmente* certas quantias, e Abreo e Lima mostrou iguaes pertenções, este procedimento fez crêr ao emprestador, que lançando o dinheiro em muitas bolsas não serviria este para os negocios publicos, mas para fins particulares e proprios. Todas estas circumstancias juntas não derão conseguintemente a Maberly boa idéa da administração dos nossos agentes; e por uma vez os deixou, declarando abertamente que nada mais queria com elles.

Os destinos fôrão sempre de sermos mal representados e servidos em todas as partes durante o tempo da nossa dura emigração; e o que se passava em Londres, pouco mais ou menos, com maior ou menor incapacidade, se passava em París. D. Francisco de Almeida, que á força queria passar por ministro da regencia da Terceira, bem que ali ninguem o reconhecesse como tal, publicou, com data de 18 de abril d'este anno, o importantissimo documento seguinte: — „ Ill.mo sñr. A *regencia em nome*

„ *da Rainha* authorisa a v.ª s.ª e aos outros
„ Portuguezes residentes n'essa cidade a a-
„ listarem-se na legião estrangeira que, se-
„ gundo as ordens d'este governo, deve
„ ser formada para ser empregada fóra do
„ territorio Francez. Será muito para dese-
„ jar que aquelles que se alistarem na dita
„ legião declarem que terão a faculdade de
„ largar o serviço Francez logo que possão
„ empregar-se no serviço da sua patria. A-
„ presso-me a fazer a v.ª s.ª esta communi-
„ cação (da qual v.ª s.ª dará conhecimento
„ a todos os Portuguezes residentes n'essa
„ cidade) em consequencia da circular do mi-
„ nistro do interior, com data de 3 do cor-
„ rente, da qual remetto inclusa uma copia.
„ — Deus guarde a v.ª s.ª París, 18 de abril
„ de 1831. — Ill.mo sr. José Julio de Car-
„ valho. — D. Francisco d'Almeida.„

Esta peça he notavel pela fórma, e substancia. D. Francisco d'Almeida não só se ennunciou de uma maneira como se fosse um secretario d'estado, que fallasse em nome da Rainha, porém passou mais ávante, porque tomou a cathegoria de legislador; e com poder absoluto, e de sciencia certa derogou o artigo 8.°, titulo 2.° da carta constitucional Portugueza. Muito melhor figura representou n'este caso o conde de Saldanha na resposta que dêo ao prefeito da policia com data de 25 de maio d'este mesmo anno, a qual foi publicada em o *Nacional* de 31 do

mesmo mez. N'ella, com toda a cortezia, mostrou o impedimento politico que os emigrados Portuguezes tinhão para se alistarem; e ao mesmo passo offereceo os serviços d'elles como *voluntarios* no caso de que a França entrasse em guerra; o que certamente não se lhe podia censurar, porque elle era *só* o commandante reconhecido da tropa que tinha vindo buscar hospitalidade em França; e n'isto não fazia mais do que pagar uma divida de gratidão pelo generoso acolhimento que tinha encontrado não sómente no governo, mas em todo o povo Francez. Apesar d'esta differença de procedimento achou D. Francisco elogios a montes no *Paquete de Portugal*, escripto em Londres (*g*); e a par d'este incenso encontrou o conde de Saldanha nas mesmas paginas ou seguintes amargas censuras. Mas, então era moda insultar e aviltar o Saldanha para se elogiar um homem, o Palmella, a quem, depois que um novo idolo o substituio, sem nenhum pejo escarrárão na cara!

Já n'estes mesmos *Annaes* mencionei como, em consequencia do que se passou em Lisboa por effeito dos processos criminaes da conspiração d'este anno, o consul Francez se ausentára por não ter recebido as satisfações

(*g*) N.º 8.º do vol. 7.º pag. 47 e seguintes com data de 12 d'abril d'este anno.

que exigíra. O consul Inglez, em nome do seu governo, fez tambem outras reclamações que merecêrão mais contemplação; e ás quaes D. Miguel accedeo, apesar de serem as mais insultadoras que um governo póde fazer a outro, ou a uma nação, que passa por independente. Exigio-se d'elle não só uma forte indemnisação em dinheiro, porém a dimissão de alguns empregados publicos, que mais notaveis se tinhão feito como agentes de seus despotismos. E não contente ainda com isto o mesmo consul exigio mais, que estes actos de vergonhosa e baixa submissão se publicassem na gazeta official de Lisboa; o que se executou na folha do dia 4 de maio d'este anno. A todas estas affrontas se sujeitou o usurpador: mas quem roubára a coroa a seu irmão, e a liberdade a todo um povo por meio de crimes e baixezas, só por crimes e baixezas a podia sustentar. O que porém em tudo isto se deve particularmente notar he o procedimento do governo Inglez. Empregando todas as tramas, todas as seducções, e todos os enganos, e até horrorosas violencias, elle tinha collocado D. Miguel no throno; e agora não teve ao menos a cortezia de não o enxovalhar, e escarnecer, quando lhe convinha conservá-lo! Mas não foi só ao instrumento, obra de suas mãos, que o gabinete Britanico insultou e punio, porém ao povo Portuguez, a quem, depois de o ter lançado nos braços da escravidão e tyrannia, ain-

da espoliou de seus bens, como já tinha espoliado da liberdade.

D. Miguel e seu governo, que não havião tido difficuldade em reconhecer no consul Inglez poderes, e authoridade sufficiente para tratarem com elle, não reconhecêrão por uma absurda contradicção os mesmos poderes e a mesma authoridade no consul Francez. Em consequencia d'esta contradicção o consul Francez se retirou de Lisboa com todos os Francezes que o quizerão acompanhar. No dia 16 de maio porém, estando já á vista da barra uma esquadra Franceza, entrou dentro do porto uma embarcação de guerra, cujo commandante mandou intimar a D. Miguel que exigia dentro de 48 horas uma resposta positiva ás reclamações já antes feitas pelo consul. Como esta resposta se lhe não désse, começárão as hostilidades no dia 23, que consistírão em passarem a tomar todos os navios com bandeira Portugueza. O governo Francez seguio n'este ponto a mesma politica Britanica, que foi a de fazer guerra não ao usurpador, porém aos desgraçados Portuguezes que, depois de já tão flagellados pelo tyranno, fôrão ainda obrigados a soffrer esta nova calamidade. Se o ministerio Francez, que denominava o usurpador com o nome de *monstro*, e se o Inglez, que lhe dava outros epithetos similhantes, o querião castigar, porque não o atacárão de frente, em vez de se unirem com elle,

e de o conservarem, depois de o terem tão vergonhosamente enxovalhado? Vio-se porém, que o homem ainda assim mesmo lhes servia; porque a unica cousa que d'elle exigírão foi hum ajuste de contas *puramente mercantil*. A esquadra Ingleza, para que a Franceza ajustasse livremente as suas contas, fez-lhe o cumprimento de sahir immediatamente do Tejo no mesmo dia 23 de maio. Este procedimento se tornou muito mais escandaloso por se vêr que n'esse mesmo tempo estavão ambos os governos interferindo mui directa e violentamente nos negocios da Belgica; por maneira que o interferir nos arranjos domesticos de um povo livre lhes pareceo muito justo; porém o fazer o mesmo na causa de um povo opprimido pela mais barbara tyrannia lhes pareceo um grande attentado; em uma palavra, não tiverão duvida em se unirem para restringir a liberdade dos Belgas, e tiverão escrupulo de quebrar o sceptro do tyranno usurpador Portuguez! Maxima geral: as nações não contão amigos; só tem interesses; e a estes tudo sacrificão, até ás vezes a honra!

Por um dos paquetes que sahio do Rio de Janeiro no meado de março d'este anno soube-se que o ministerio Brazileiro recusára confirmar a garantia que o marquez de Santo Amaro tinha dado em Londres para se effeituar o emprestimo contratado com mr. Maberly em nome da Rainha D. Maria II.

Este procedimento d'aquelle ministerio foi coherente com o grande plano que depois de muito tempo estava traçado para tirar ao imperador do Brazil todo o apoio que podia ter em Portugal, e emfim para o expulsar do Brazil. Este plano com effeito se executou no dia 7 de abril, em que o mesmo imperador foi forçado a abdicar, e partir para a Europa; o que executou com sua filha, a Rainha de Portugal, no dia 13 do mesmo mez. Depois da sua volta de Minas achou elle a facção, que o pertendia perder, já toda disposta a consumar a sua obra. Debalde quiz aparar o golpe, e desviá-lo de si, convocando côrtes extraordinarias no dia 3 de abril, e nomeando um novo ministerio; porém já não era tempo, porque esta mesma nomeação foi o pretexto de uma revolta, em consequencia da qual, achando-se trahido por todos, e com especialidade pelo commandante da força armada o brigadeiro Francisco Joaquim de Lima, tomou a resolução de abdicar, como já disse, e se foi immediatamente refugiar em uma embarcação de guerra Ingleza.

Grandes inconsiderações, grandes erros, e grande falta de caracter levárão o imperador D. Pedro a este precipicio logo desde o momento que se associou inconsideradamente com a causa do Brazil. A primeira inconsideração foi o não vêr, que o rebelar-se contra o pai e contra a patria era

erro grandissimo; e depois d'isto nem sequer pensar, que elle mesmo se constituia o proprio assassino dos seus melhores interesses. Com effeito, sendo elle o herdeiro do Brazil e Portugal, quem poderia imaginar que voluntariamente cooperasse para perder uma tão valiosa porção da sua herança? Além d'isto, pela sua inexperiencia não pôde conhecer o caracter dos homens a quem servia; e, mais que cégo, não vio, que elle não era mais, nem mais podia ser do que um mero instrumento dos interesses d'aquelles que o trahião. Quem escreve estes *Annaes* bem clara e positivamente lh'o prognosticou em uma das cartas que lhe escreveo no *Campeão Portuguez em Lisboa* com data do dia 3 de agosto do anno 1822. N'ella lhe disse, que os instrumentos, uma vez que acabão de servir, *ou se põem para o lado, ou se quebrão*; e a profecia do anno 1822 se realisou no anno 1831!

O imperador D. Pedro, associando-se debaixo de tão máos auspicios com a causa Brazileira, collocou-se logo em uma mui falsa posição; porque, em vez de se fazer cortejar pelos Brazileiros, foi elle quem se abaixou a indignamente cortejá-los, acompanhando-os, animando-os, e até satisfazendo seus odios e vinganças contra os Portuguezes. Foi, por tanto, este um grande erro, porque n'aquellas circumstancias os Brazileiros mais dependião do seu instrumento do que este

d'elles dependia; pois como sería possivel, que sem tão poderoso auxilio podessem elles realisar a sua independencia? Sim, esta havia de chegar-lhes um dia, porém este dia ainda estava distante; e quem lh'o aproximou foi o imperador D. Pedro. Quaes fossem os intentos dos que o tinhão seduzido para a impolitica empreza da independencia do Brazil conheceo elle logo dentro de pouco tempo, quando, depois de ter convocado a primeira assemblea constituinte, foi obrigado a violentamente dissolvê-la. Os Brazileiros, que já se vião independentes, e tinhão ganhado a causa por que tanto havião trabalhado, quizerão desde logo desfazer-se do seu *instrumento*; porém o imperador ainda n'esse momento teve bastante energia para suffocar a conspiração tramada contra elle; e salvou-se. Comtudo, a sua perda irrevogavel foi immediatamente jurada; e elle, que, depois d'este acto de vigor, devia tornar-se mais respeitado e energico, começou por um extraordinario contraste a gradualmente se enfraquecer, ao passo que seus inimigos cada dia crescião em audacia.

A morte de seu pai D. João VI., que o deixou herdeiro de ambas as coroas, ministrou bem depressa mil pretextos aos Brazileiros para se desfazerem do instrumento que já lhes não parecia necessario. Um grande acto de justiça fez elle certamente tanto

que recebeo a noticia da morte de seu pai; e este foi *restituir* aos Portuguezes os seus direitos politicos por meio da carta constitucional. E a este acto unio outro de grande prudencia, abdicando a coroa Portugueza em sua filha, para com esta abdicação firmar para sempre a independencia do Brazil. Mas nem com isto contentou os Brazileiros, porque na realidade já nada os podia contentar, uma vez que todos os seus occultos pensamentos erão inutilisar para sempre o instrumento que os tinha tornado independentes. Diz-se que a ingratidão nasce geralmente de um grande beneficio que se não póde pagar; e este axioma se verificou ainda no procedimento dos Brazileiros para com o fundador da sua independencia, o imperador D. Pedro. Este, persuadido que pelo acto franco e decisivo de abdicar a coroa de Portugal tinha ganhado as affeições e amor dos habitantes da nova patria que havia adoptado, enganou-se; porque elles tiverão a audacia de exigir ainda do seu instrumento um novo sacrificio, que foi que desamparasse a causa de sua filha, e consentisse que a coroa lhe fosse roubada por um ingrato, por um perjuro, e um usurpador, tal como seu irmão D. Miguel! Achando-se o imperador D. Pedro n'esta inesperada alternativa, faltou-lhe a energia e a força de caracter, que lhe erão precisas para nobremente sahir d'esta difficuldade. Sem tomar uma

resolução decidida, e sem affoutamente declarar aos Brazileiros que sería faltar á sua honra e dignidade desamparar a causa de sua filha, e o deixar-se ludibriar tanto por seu irmão como pela politica estrangeira, tomou o partido dos fracos, que foi o pertender concordar por um meio termo duas cousas absolutamente oppostas que erão, *nem auxiliar com empenho a causa Portugueza, nem tambem de todo a desamparar*. Este partido o perdeo, assim como outros iguaes sempre tem perdido os que os tem tomado. Em consequencia d'isto todos os seus actos futuros fôrão erros capitaes. Sem ouvir os conselhos dos seus melhores amigos, nomeou regente a seu irmão quando tanto conhecia a perversidade de seu caracter; para maior inconsideração o nomeou ainda depois que formalmente lhe desobedeceo, não querendo ir para o Rio de Janeiro. Abdicou depois *absolutamente* a coroa sem saber qual sería o comportamento do irmão; e depois de o saber, ladeou, duvidou, e fraqueou por tal maneira em caso tão grave e importante, que se tornou um verdadeiro objecto de ludibrio tanto para os seus como para os estranhos. Em tal posição politica, em que desavisadamente se collocára, como podia elle ser respeitado dos Brazileiros, se impunemente se deixava escarnecer por seu irmão, e por todas as intrigas da diplomacia estrangeira? Perdida a dignidade de homem, de rei, e de

pai, já não podia conservar a de imperador; e isto he o que lhe veio a acontecer. Agora restituido á Europa com a Rainha sua filha, ainda poderia cubrir com um véo brilhante todos os seus erros passados; mas que fez elle? No seguimento d'estes *Annaes* os meus leitores o verão.

A regencia da Terceira, vendo se sem dinheiro, começou a fazer, quando pobre, o que antes devia ter feito ou tentado quando rica. Lançou-se a fazer a conquista de algumas das ilhas suas visinhas; e no dia 21 de abril tomou posse da ilha do Pico. Não podendo effeituar-se o desembarque no Faial, dirigio-se a expedição á ilha de S. George, que se tomou no dia 9 de maio, depois de uma forte resistencia, que todavia se venceo pela intrepidez de parte da guarnição da Terceira que entrou n'este glorioso feito. Ao mesmo tempo porém que adquiria muita honra com estes esforços, mereceo, não sei se com toda a justiça, ser accusada de despotica e cruel pela medida violenta que tomou de expulsar da ilha a muitos individuos. N'este *ostracismo* foi envolvido um homem de grandes serviços, e foi elle o major *Quintino*, commandante que fôra do brioso batalhão 5.° de caçadores. Mandado sahir da ilha *sem processo nem sentença em tres horas* com sua mulher e seus filhos, deo-se-lhe o destino para Londres debaixo da miseravel capa de uma *commissão*; e esta

foi, o ser inscripto na lista dos emigrados, a quem já se não pagavão subsidios havia dezoito mezes! Todo o governo, que he justo, não escarnece assim das victimas, que com razão ou sem ella se determina a punir; e o da regencia não o foi n'este caso. Ao major *Quintino* (*h*) devia a regencia da Terceira o estar n'aquelle logar; porque fôra elle quem com um pequeno destacamento do seu batalhão, tendo contra si toda a ilha,

---

(*h*) Quando em pag. 79, vol. 1.° d'estes *Annaes* mencionei o nome do major Quintino pelo feito brioso de ter proclamado na ilha Terceira, em 22 de junho de 1828, o governo da liberdade e da Rainha, deitando abaixo o de D. Miguel, não tinha as informações que hoje tenho, e por isso o mencionei *só*. Agora sei que para esta acção heroica, que abrio a porta para o denodado arrojo do general Cabreira, tambem concorrêra efficazmente outro dignissimo official, o sr. *Antonio Homem da Costa Noronha*, que então commandava, com a patente de tenente, o batalhão de artilharia. A ambos estes officiaes, e com especialidade ao sr. Noronha, pelo seu valor e conselhos, se deve pois o glorioso feito do dia 22 de junho do anno 1828 pelo que diz respeito á parte militar. Quanto ao mais, tambem sei, que n'elle tivera a parte mais distincta, senão toda, o sr. *Thcatonio de Ornellas*, hoje visconde de Bruges; o qual, com as suas riquezas e patriotismo, que então e depois sempre tem mostrado, auxiliou effectivamente o bom resultado d'este importante acontecimento politico. O sr. Noronha he hoje, com a patente de major, commandante interino de todo o material da artilharia das ilhas dos Açores. Mas, apesar de que, desde o anno 1820, tem sido sempre um fiel e constante defensor da liberdade, não tem deixado de soffrer desgostos e injustiças. Ainda actualmente (14 de junho de 1842) está major, sendo um official habil, com muitos serviços, muita instrucção, e muita probidade; em quanto outros da sua mesma arma, porém mais modernos e mais felizes, estão tenentes-coroneis, e coroneis!

deitára abaixo a usurpação de D. Miguel, e ali proclamára a Rainha D. Maria II, e a carta constitucional no dia 22 de junho de 1828. Fiel e intrepido soubera elle manter-se firme na briosa posição que tomára; e foi n'ella que o veio achar o valente general *Cabreira*, quando ali desembarcou com os poucos destemidos que o acompanhavão. Então este general dêo nova vida aos bravos, que tão honrosamente se havião ali sustentado, e preparou o caminho para a entrada d'essa valorosa guarnição, que tamanhos louros depois ganhou, repellindo os ataques dos rebeldes no glorioso dia de 11 de agosto de 1829.

Em quanto isto se passava na ilha Terceira trabalhava o general Saldanha em París para vêr se podia auxiliar a causa geral por algum nobre e brioso feito. Mas ainda d'esta vez fôrão mal succedidos os seus bons desejos nas tentativas que fez. Foi a primeira pedir ao governo Francez, quando este abrio hostilidades contra D. Miguel, que lhe concedesse 1.° ou formar um batalhão dos emigrados que estavão em França e na Belgica, e ir com o apoio dos navios Francezes tentar um golpe de mão sobre Peniche: 2.° ou a permissão de ir á ilha Terceira, em quanto a esquadra Franceza bloqueasse Lisboa e o Porto, tomar ali a guarnição, e com ella saltar em Cascaes: 3.° ou emfim poder com 20 ou 30 officiaes da sua confian-

ça embarcar a bordo de algum dos navios de guerra Francezes, e ir para junto ou dentro do Tejo tentar o espirito, e resolução dos habitantes da capital. Todas estas propostas lhe fôrão porém recusadas pelo ministerio *Perier*. Vendo que nada podia conseguir por esta via, recorreo então ao patriotismo de alguns Portuguezes ricos, como *João de Carvalhal* e outros, para que lhe ministrassem meios para fretar um ou dous barcos de vapor, e n'elles ir com 50 ou 60 companheiros fiéis ou á ilha de S. Miguel, para onde era *expressamente* convidado, ou a algum dos portos do norte de Portugal, onde tambem sabía que sería muito bem recebido. Tambem n'elles não achou apoio nem auxilio; e bem que alguns bons Portuguezes, que menos podião, estivessem promptos a auxiliar a expedição, como seus meios pecuniarios não fossem sufficientes, nada tentou e nada fez.

A regencia da Terceira, que, como antes disse, se tinha querido enfeitar com o apparato de um simulacro de conselho d'estado debaixo do modesto nome de *commissão consultiva*, realisou depois mais apparatosamente esta sua creação por um decreto de 3 de junho d'este anno com o titulo *de junta consultiva*. Os individuos, que para ella nomeou, fôrão os seguintes: — Conde d'Alva, pai: brigadeiro, Sebastião Cabreira: brigadeiro, Joaquim Pizarro: Coronel,

José Antonio da Silva Torres: coronel, Theotonio de Ornellas Bruges d'Avila: desembargador, José Antonio Ferreira Bracklami: coronel, Francisco da Gama Lobo: tenente-coronel, Manuel de Souza Raivoso: doutor, Joaquim Antonio de Magalhães: coronel, Henrique da Silva da Fonseca: Thomaz de Mello Breiner: e tenente-coronel d'engenheiros, José Carlos de Figueiredo.

Um dia depois da data do decreto d'estas nomeações, isto he em 4 de junho, passava-se em Londres um caso notavel. José Balbino de Barbosa Araujo, secretario d'embaixada em Londres, e ali por algum tempo encarregado de negocios, recebia dous convites da Rainha de Inglaterra para os dias 17 e 30 do mesmo mez. Este acontecimento, que parece insignificante, não o era, e um tal convite foi na verdade bem extraordinario; porque estando n'esse tempo em Londres um homem que pertendia ter caracter publico, dado pela regencia da Terceira, o qual era Abreo e Lima, não teve este um igual convite, ao passo que elle se fazia a um individuo que não era mais que um simples particular. A côrte Ingleza quiz sem duvida mostrar n'esta occasião, que não estava satisfeita com o homem que á força querião que representasse de ministro; e que de algum modo se julgava offendida por lhe haverem tirado da qualificação diplomatica aquelle com quem estava costumada a

tratar officialmente. Com effeito, um dos grandes despropositos da regencia foi destituir um homem que ella sabía estar reconhecido, ou pelo menos tolerado pelo ministerio Britanico, e substituir-lhe outro que não só não tinha sido bem recebido, mas até tratado por um tal modo, que bem mostrava que nenhum caso d'elle se fazia. N'essa e n'outras nomeações via-se que a regencia só queria dar de comer a affilhados: e que do resto muito se descuidava; porque na occasião em que os ministerios Francez e Inglez estavão manifestamente indispostos contra D. Miguel, o aviltavão, ou lhe fazião a guerra, e em que finalmente D. Pedro chegava á Europa, e desembarcava em França; achava-se a emigração sem ninguem que *officialmente* podesse advogar a sua causa. As sommas que estes affilhados ganhavão, bem que não fossem reconhecidos perante as côrtes onde residião, erão, por exemplo, as seguintes, segundo o que n'aquelle tempo me constou, e me foi affiançado. D. Francisco d'Almeida recebia em París *mensalmente* 5$000 francos, pouco mais ou menos; Abreo e Lima, em Londres, outro tanto ou mais; e D. Thomaz, para tudo andar em harmonia, noventa e tantas libras mensaes; e tudo isto, quando os emigrados morrião de fome (*i*)!

(*i*) No livro do sr. *Ferreira Borges*, impresso em Londres no anno 1831, com o titulo de — *Principios de Syn-*

No dia 28 de maio d'este mesmo anno morreo em París um homem mui respeitavel, o antigo bispo de Blois, *Henri Gregoire.* Tendo-o eu pessoalmente conhecido, e sendo um dos seus amigos, lançarei aqui algumas linhas em honra de sua memoria, a qual o fanatismo, a intolerancia, e a perseguição quizerão manchar, porém debalde e sem fructo. Este veneravel ecclesiastico, um dos poucos que na revolução Franceza advogou e defendeo constante e corajosamente a religião catholica, e a liberdade civil e religiosa; que por esta causa se expôz então a todos os perigos, e a todos os insultos; que na tribuna publica foi igualmente o animoso defensor de todos os ecclesiasticos, que não tinhão prestado o juramento requerido, e os salvou ou das prisões, ou dos pontões em que estavão amontoados tanto em Rochefort como em outros portos; e emfim que, por seu zêlo, sua charidade, e sua inalteravel, pura e constante intrepidez religiosa, fez com que já em

---

telologia, acha-se a nota seguinte em pag. 40. „He tal a „nossa manía de embaixadas, que hoje (março de 1831) „que não temos Portugal, que temos uma regencia não „reconhecida por nenhum estado Europeo, temos toda„via embaixadores nominaes em Londres e París, e tal„vez em Roma, os quaes nenhum dos respectivos gover„nos reconhece como taes, tratando apenas com os nos„sos precedentes encarregados de negocios, ou secreta„rios de embaixada *por commiseração.* He impossivel que„ a administração Portugueza, que se seguir, possa *ap„provar* similhante despeza. „ (Eu diria similhante *desperdicio*).

1796, apesar de todos os furores revolucionarios, houvesse em França 32,214 parochias abertas para o culto catholico: não obstante isto, porque proclamou a republica em 1792, e porque foi religioso sem superstição, sem fanatismo, e sem intolerancia, foi cruelmente perseguido não só na vida, porém já ás portas da sepultura por esses mesmos ecclesiasticos, e essa mesma igreja que elle defendeo, até á custa da sua vida. A primeira perseguição, e perseguição que nunca tinha encontrado nem nos terriveis tumultos da revolução, nem nos despotismos do imperio, achou elle logo na entrada dos Bourbons, que lhe levantárão o aleive de *regicida*, quando havia sido o mesmo que propozera na tribuna da convenção nacional a abolição da pena de morte; e que o primeiro que gosasse d'esta graça fosse Luiz XVI.! Foi tal o odio que contra elle manifestou o hypocrita Luiz XVIII., que até ordenou que o seu nome fosse riscado da lista dos socios do *instituto nacional* de França. Na aproximação da sua morte o arcebispo de París, e por ordem d'elle o parocho da sua freguezia, lhe negárão os sacramentos, e pertendêrão igualmente negar-lhe a sepultura religiosa; porém obteve de outros ecclesiasticos, e da prudencia e firmeza do governo que nenhuma d'estas cousas se lhe negasse. Exigia-se d'elle uma solemne abjuração dos seus principios politicos, e de ter accedido á consti-

tuição civil do clero; o que elle firmemente sempre recusou: e assim morreo como tinha vivido, isto he, exemplar ecclesiastico, e cidadão livre e virtuoso. D'este facto, porém, se deve tirar uma conclusão muito instructiva a respeito d'essa potencia ecclesiastica que, collocada no meio das nações, pertende ser sempre a arbitra dos destinos politicos dos povos. Em quanto em París o fanatismo religioso perseguia um ecclesiastico e um bispo veneravel por suas virtudes, só porque os seus principios politicos erão oppostos ao despotismo que os *padres* sempre prégão, insinuão, e defendem, outros *padres* em Portugal prégavão, insinuavão, e defendião a usurpação e o perjurio, só porque isto lhes servia para manterem o mesmo despotismo; o unico governo que só póde sustentar a hypocrisia, e as fraudes com que de ordinario se alcanção dignidades, e riquezas mal merecidas. Era uma das maximas d'este respeitavel e religioso bispo que — *a historia dos reis era o martyrologio das nações.* E se nós olharmos para o que em nossos dias se tem passado nos dous reinos da nossa peninsula, durante os governos detestaveis dos dous monstros que a tem regido, *Fernando*, e *Miguel*, veremos que o santo prelado tinha sobeja razão para assim fallar.

No dia 26 de junho chegou a Londres o ex-imperador D. Pedro. A sua vinda, que para muitos foi objecto de alegria, para ou-

tros o não foi, porque receando-se da politica Ingleza, sempre interessada e falaz, com razão temião, que se viesse enredar n'ella, e perdesse a mui favoravel occasião de terminar por si só a nossa grande questão, á sombra do systema hostil que a França seguia n'aquella mesma occasião contra D. Miguel. A tudo isto se seguírão logo mui fortes motivos, que fizerão desanimar os homens verdadeiramente amigos da sua patria, e da sua liberdade. Parecia que D. Pedro apenas se achasse entre Portuguezes, que muito o podião illustrar sobre o verdadeiro estado dos negocios tanto passados como presentes, convocasse ou chamasse a si alguns que, por seu caracter, antigos empregos, e conhecida probidade, melhor o podessem informar com verdade e sem lisonja. Não aconteceo assim; e com muita difficuldade, e só por empenhos dos seus dous antigos validos *Rocha Pinto*, e *Francisco Gomes*, que tinhão sido os seus *precursores*, recebeo um ou outro escolhido; porque se fez do dia da sua chegada um objecto do mais mysterioso segredo. A final, para não deixar em duvida qual fosse o seu modo de pensar, e o que d'elle tinhão que esperar os Portuguezes, um dos homens a quem immediatamente dêo a preferencia para ser da sua intimidade foi o *barão de Renduffe*, o unico individuo que, sendo elle rei, tinha dimittido dos seus empregos, e então occupava o logar de intendente geral da policia.

Passados oito dias mandou emfim declarar que se faria visivel a todos os Portuguezes, porque durante todo esse tempo só o foi aos seus escolhidos. Destinou-se para este acto o domingo, 3 de julho; mas esta sua primeira apresentação publica diante dos que havião sido seus subditos, que actualmente o erão da Rainha sua filha, e quasi todos trazião a marca honrosa da fidelidade e da honra, foi tão desanimadora, que creio a nenhum dos assistentes deixou contente. Nem uma só palavra, quer de agradecimento a tão cordeal cortejo, quer de consolação ou de esperanças, dêo a quantos o fôrão cumprimentar; e acabada que foi esta especie de scena de theatro, em que representou *de mudo*, retirou-se de repente. Eu não assisti a este acto; e quanto refiro he o que sube pelas informações de pessoas serias e honestas, que a elle assistírão.

Outro grande serviço fez ainda o conde de Saldanha a uma porção de emigrados que, vindos do Rio de Janeiro, onde não tinhão achado a esperada protecção na pessoa do imperador D. Pedro, que havia sido seu rei, desembarcárão em Brest, transportados pela philantropia e generosidade de alguns honrados Brazileiros, e commandados pelo emigrado *José Victorino Barreto Feio*, a quem elles tinhão escolhido para seu commandante. Este, ao pôr o pé em França, sabendo que o agente ostensivo Portuguez,

que ali residia, era D. Francisco de Almeida, a elle se dirigio para que providenciasse alguma cousa a favor d'aquelles infelizes. Por *cincoenta* e tantos dias esteve esperando por algum resultado, durante o qual tempo estiverão os pobres emigrados reduzidos a todos os apuros da miseria; e como nenhum houvesse, nem já o esperasse, tomou a acertada resolução de se dirigir ao conde de Saldanha para vêr se elle, pelo bom nome, e respeito de que gosava para com o ministerio e povo Francez, podia conseguir para estes novos emigrados o que já tão humanamente tinha conseguido para tantos outros. O conde se preparou immediatamente para ir fazer as diligencias requeridas; e dirigindo-se em 30 de junho com o mesmo *Barreto Feio* á presença do primeiro ministro Francez, mr. *Casimir Perier*, d'este, sem mais demora, recebeo a agradavel resposta de que os novos emigrados hião a ser tratados como os antigos, e a receber os mesmos subsidios. Este facto foi mais uma prova de quão louca, e injusta era a conservação diplomatica de um homem de nenhum prestimo, como D. Francisco de Almeida, que só occupava aquelle logar nominal para gosar de um enorme ordenado, dado pela regencia da Terceira; assim como tambem servio para mostrar a indignidade com que certa facção, orgão de outra poderosa e temivel, tinha, depois de muito tempo, tomado á sua conta desacredi-

tar e denegrir as mais bellas acções do conde de Saldanha.

Com perto de 95 dias de viagem chegou emfim a Brest, porto de França, a Rainha D. Maria II. Durante o intervallo entre a sua chegada e a de seu pai D. Pedro, que havia tomado o titulo de *duque de Bragança*, passou este quasi todos os dias em Londres em divertimentos, e festejos. Constou, comtudo, n'esse tempo que os dous conselheiros antigos, que tinha encontrado em Londres, e que o tinhão precedido, como já disse, agora auxiliados com os novos que chamára para seu lado, o chegárão a persuadir, de que ainda podia annullar a sua solemne abdicação, e tornar a ser rei de Portugal debaixo do antigo titulo de Pedro IV. Isto, que ao principio passou como boato, adquirio depois grande certeza por factos que se virão, ou fôrão espalhando. Um d'elles foi o affirmar-se positivamente, que para este fim tinha havido um conselho diplomatico entre os ministros de Inglaterra e de França, no qual se havia decidido que a proposta feita por D. Pedro já era inexequivel, emfim impraticavel. (*k*) N'essa mesma épocha o *Courier*, gazeta

(*k*) Encontrando eu n'esse tempo em uma rua de Londres ao general *Valdez*, hoje *conde do Bomfim*, disse me elle: „ Agora estive com um dos ajudantes d'elrei, (official que tinha feito a guerra da Peninsula) o qual me certificou, que em casa do principe Talleirand, (então ministro Francez em Londres) estando algum dos ministros Inglezes, se declarára não ser já possivel a pertenção de D. Pedro pa-

Ingleza, e quasi ministerial, corroborou essa noticia, porque *positivamente* disse, que a primeira negociação diplomatica em que havia entrado D. Pedro na sua chegada a Londres *havia falhado* em razão de ponderosas circumstancias. A verdade he que todos estes boatos, todos estes ditos, ou como lhes quizerem chamar, não fôrão favoraveis ao caracter de D. Pedro, porque estavão em completa contradicção com o que elle um mez antes escrevêra em uma carta com data de 30 de maio, e a bordo da fragata *Volage*, defronte do Faial, ao conde de Villa-Flôr; na qual *formalmente* lhe tinha declarado: *que sería incansavel em promover na Europa os interesses de sua filha, como pai, e simples particular.*

Durante este mesmo intervallo convocou para virem estar a seu lado certos individuos, que pela escolha que d'elles fez não dêo consoladoras esperanças do futuro; porque as pessoas, que nomeou, erão, entre outras muitas, as que especialmente tinhão concorrido para a usurpação do throno da Rainha, e perda da liberdade da nação. Mandou chamar de França Candido José Xavier, e Mousinho da Silveira, denominado o Mousinho d'alfandega. O primeiro era no-

---

ra assumir a coroa Portugueza. „ Não sei se D. Pedro tambem lá estava.

Era tambem moda dizerem os chamados amigos de D. Pedro: *não queremos rei mulher.*

toriamente conhecido pelo seu ministerio durante o tempo em que existio a *sombra* da carta constitucional desde o anno 1826 até 1828; e do qual já fallei no meu *Ensaio Politico* sobre a usurpação de D. Miguel, e no primeiro anno d'estes meus *Annaes*. O segundo tinha seguido, n'aquella primeira épocha, todas as inspirações politicas do astucioso ministro Inglez *A'Court*; e era infelizmente conhecido por ter sido o unico secretario d'estado que no anno 1823 D. João VI. achára capaz de lhe referendar o decreto assassino com que, faltando á sua palavra e juramentos, tinha dado a morte á constituição politica do anno 1822.

No dia 11 de julho a esquadra Franceza, commandada pelo almirante *Roussin*, forçou o porto de Lisboa; e no dia 14 o official de secretaria, *Castello branco*, assignou uma convenção, em nome do visconde de Santarem, com o dito commandante, em virtude da qual o usurpador, e seus complices se entregárão á discrição do vencedor. D. Miguel foi tratado n'esta occasião com mais desprezo e insulto do que o havia sido o dey de Argel; e com effeito o mereceo, porque tanto elle como os seus partidistas se portárão n'esta occasião com uma covardia sem exemplo. O tyranno, collocado entre a deshonra, se não resistisse, e a continuação da posse de um throno usurpado, preferio a ultima, voltando suas armas

não para uma briosa defeza, mas contra os habitantes d'aquella desgraçada cidade, preferindo assim a sorte de um covarde usurpador á de um homem brioso que se sabe defender. Isto pois explica a apathia em que ficou o povo da capital; porque rodeado de assassinos, e vendo toda a cidade reduzida a um verdadeiro campo inimigo, cuberto de artilharia, tropa, e algozes, não quiz, e com razão, levantar os braços para fortificar o jugo de ferro e de sangue com que se via opprimido.

No dia 23 d'este mesmo mez convocou D. Pedro para o *hotel* em que residia grande numero de Portuguezes para lhes propôr um emprestimo, ou a mediação para elle, afim de ser empregado na expedição de Portugal. Constou-me que n'essa occasião se houvera elle com mais affabilidade do que antes tinha mostrado quando pela primeira vez se achou entre os Portuguezes emigrados em Londres. Apesar d'isso nenhuma das suas propostas teve o effeito desejado, porque a gente rica da emigração, e a outra que a ella não pertencia, ou por falta de meios disponiveis, ou de confiança na pessoa que pedia, não se resolvêrão a entrar em uma especulação, que, n'aquella época, ainda não apresentava felizes ou pelo menos provaveis resultados. D. Pedro partio então no dia 24 para França com tenção de ir só buscar a mulher e a filha; mas como

lhe fosse insinuado que o rei Luiz Filippe lhe levaria muito a mal se não fosse a París, para lá foi com effeito, e chegou no dia 26, hindo-se, *indiscretamente*, alojar na casa da legação Brazileira. Em tres dias que esteve em París, e dias de grandes recordações, porque erão o anniversario da grande semana do anno antecedente, recebeo elle as maiores honras, e as mais decisivas demonstrações de civilidade, cortezia, e affeição; porém, mal avisado, ou inconsideradamente influido, constou recusára as mais vantajosas offertas que se lhe fizerão, e assim perdêra uma das melhores occasiões de apressar a quéda do usurpador, e com ella a restauração do throno de sua filha. Pessoa de muito credito, e bem instruida em os negocios d'aquella épocha, me affirmou então, que a D. Pedro offerecêra o rei Luiz Filippe, de acôrdo com o seu conselho, reconhecer promptamente sua filha como Rainha de Portugal, e collocá-la no throno, se elle a trouxesse para París, e ali a deixasse residir. Mas a nada d'isto dêo elle conveniente resposta, ou antes uma, que muito desagradou ao gabinete Francez; e por esse modo se expôz a perder a causa de sua filha e dos emigrados; ou pelo menos a retardá-la, e sujeitá-la a mil duvidosos azares (*l*).

(*l*) Esta recusação de D. Pedro, que pareceo bem extraordinaria, attribuio muita gente á esperança que elle ain-

No emtanto que isto assim passava houve, por combinação de alguns Portuguezes, residentes em Londres, entre os quaes figurou José Ferreira Borges, um ajuntamento na casa da legação Portugueza afim de vêr se, em virtude de um novo plano, se poderia arranjar um emprestimo *unicamente* Portuguez. Mostrou n'esta occasião um raro patriotismo o negociante *Manoel Joaquim Soares*, natural do Porto, que offereceo toda a sua fortuna e o seu credito para sobre elle se procurar o dito emprestimo; mas como este só não bastasse, tornava-se necessario que mais dous ou tres individuos, como capitalistas, e de um nome conhecido na praça de Londres, fizessem a mesma offerta. Desgraçadamente não apparecêrão esses individuos, e por falta d'elles falhou ainda este projecto. Para honra porém dos emigrados, que só erão proprietarios, e não *capitalistas*, devo declarar, que não houve um só que deixasse de offerecer os seus bens em Portugal para hypotheca d'este emprestimo se lh'os quizessem acceitar; e n'isto se mostrárão mais Portuguezes e generosos do que os homens *dinheirosos*, que estimárão em mais o seu dinheiro do que a patria e a liberdade.

No dia 2 de agosto chegou D. Pedro a Londres com sua mulher e sua filha, a

da tinha de ser *acclamado Rei* quando chegasse ás ilhas, ou a Portugal.

Rainha de Portugal, D. Maria II.; e foi alojar-se no mesmo *hotel* em que antes havia estado, (*Clarendon Hotel*). Desprezou, como já disse, todas as amigaveis offertas que em París se lhe tinhão feito; e até pouca attenção dêo ás insinuações que lhe fizerão para adquirir duas embarcações de guerra Portuguezas, que havião sido tomadas pelos Francezes, quando entrárão no Tejo, e estavão em Brest; as quaes erão a corveta *Urania*, e a charrua *Orestes*. Tinha-se-lhe insinuado que não sendo da politica Franceza intrometter-se directamente na questão Portugueza, e não lhe convindo por isso entregar, sem algum pretexto, aquelles dous navios a sua filha, havia comtudo para isso um meio muito facil, o qual era fazer, por um habil manejo, que não sería mui difficultoso, que as guarnições se declarassem pela Rainha; porque n'esse caso lh'as farião logo entregar. A nada d'isto dêo ouvidos; e, por assim dizer, collocado debaixo da vara encantadora da politica Britanica, que era a de seus conselheiros, correo novamente a entregar-se, e a embrulhar-se nos laços d'essa mesma politica.

No dia 7 a Rainha recebeo formalmente todos os Portuguezes que a quizerão ir vêr e cumprimentar; e a esta cerimonia assistio seu pai, estando ao lado esquerdo d'ella, e mostrando-se d'esta vez mui polido, e affavel para todos. Ainda que elle, como acabo

de dizer, se não podesse soltar da politica Ingleza, nem por isso esta era sempre para elle generosa, e nem mesmo nas apparencias, que a cortezia e os usos do mundo raras vezes deixão de empregar. Depois de elle já estar em Londres, e no dia 5 d'este mesmo mez de agosto, lord *Aberdeen* fez uma proposta na casa dos lords ácêrca da ilha Terceira, e da restauração de algumas outras ilhas que a primeira acabava de fazer. Fallando de D. Pedro, disse aquelle lord, ex-ministro dos negocios estrangeiros: „ Que o „ mesmo D. Pedro, no principio do anno „ antecedente, vendo que nada podia con„ seguir contra seu irmão, fizera uma *decla„ ração official*, pela qual se obrigára a não „ continuar a obrar hostilmente contra elle, „ mas só recorrer a termos de composição „ por via de negociações. Que para este fim „ mandára um embaixador a Londres, (*m*) „ o qual, no principio, como os seus ante„ cessores, quizera em vez de negociações, „ excitar a invasão contra Portugal (*n*); com„ tudo, que o *ultimo despacho official* de D. „ Pedro fôra *para negociar amigavelmente* com

(*m*) Foi elle o marquez de Santo Amaro. E por este mesmo tempo, de que estou fallando, se soube, ainda para maior desgraça nossa, que a sua viagem fôra feita *á custa do dinheiro devido a Portugal*. Esta circumstancia se declarou nas camaras do Brazil.

(*n*) Lord Aberdeen alludio provavelmente aqui á garantia do emprestimo de Maberly, que o marquez foi forçado a dar.

„ seu irmão; e que para isto propozera cer-
„ tos meios, os quaes, se elle (lord Aber-
„ deen) então declarasse, a casa ou a cama-
„ ra *não havia de ficar pouco admirada*!„ Ac-
crescentou: „ Que D. Pedro havia sido ex-
„ pulso do Brazil pela unanimidade nacional,
„ e que ninguem ainda tinha merecido tan-
„ to como elle aquelle tratamento.„ Assim
he que foi hospedado D. Pedro pelos ami-
gos a quem até ali tinha sacrificado todos os
interesses de sua filha, e talvez os seus.

Mas D. Pedro tinha a sina de não dar quasi um passo que não fosse errado, e que não compromettesse ou a sua reputação ou a sua dignidade. Pelo caso seguinte verão meus leitores se sou exaggerado. No dia 10 d'este mesmo mez ordenou elle a D. Thomaz de Mascarenhas que fosse participar a certos credores, a quem, em seu nome, d'elle D. Pedro, se havia promettido que serião pagos, que elle se não julgava obrigado a aquelle pagamento, porque o dito D. Thomaz tinha excedido n'esta promessa os seus poderes. Para esclarecer este facto de summo descredito farei d'elle uma breve exposição, para que por ella os Portuguezes possão avaliar a importancia d'este caso. Na occasião em que o marquez de Palmella estava para partir para a ilha Terceira, tinhão vindo muitas letras da mesma ilha sacadas sobre elle pelo conde de Villa-Flôr. A este tempo já não havia real, porque a adminis-

tração do marquez já tudo tinha consumido, e por isso não foi possivel pagar então as ditas letras; e até foi isto talvez o motivo principal da pressa com que Palmella partio, receoso de ser prêso em Londres por falta d'este pagamento. N'esta época porém acabava de chegar do Rio de Janeiro D. Thomaz de Mascarenhas com plenos poderes de D. Pedro para ser em Londres o *archi-thesoureiro* dos fundos que ainda mandava o Brazil. Munido d'estes poderes convocou os portadores das letras, e disse-lhes, que não havendo então dinheiro para as pagar, elle lhes dava por ellas *bonds*, ou *obrigações*, pagaveis em um anno com o vencimento de 5 por cento. Acceitárão os portadores das letras esta proposta, e por então ficou o negocio concluido. Chegou porém o anno, e sem que D. Thomaz tivesse prevenido com anticipação os portadores dos *bonds*, outra nova inconsideração das muitas que já antes havia tido, apparecêrão-lhe elles em casa a exigirem o seu pagamento. D. Thomaz não pagou, e seguio á letra o procedimento do marquez de Palmella. Os portadores dos *bonds* ficárão altamente indignados, como era de esperar, e quizerão proceder contra elle; mas como em *nome de D. Pedro* he que tinha feito aquelle ajuste, e debaixo d'esta garantia he que elle havia sido acceite, não houve procedimento contra a sua pessoa, e procurárão dirigir-se directamente a D. Pe-

dro que ainda suppunhão no Brazil. Mas em quanto isto se passava appareceo elle em Londres, e os portadores dos *bonds* pensárão que tinhão o seu negocio acabado. Dirigirão-se immediatamente a elle, e, depois de muitos dias de espera, recebêrão a notificação que já acima referi, e que se reduzia a dizer-lhes: — *que elle não pagava, por-* „ *que D. Thomaz tinha excedido os poderes* „ *com que tinha sido authorisado.* „ Esta mesma resposta repetio D. Thomaz aos portadores dos *bonds*; e ao mesmo tempo lhes mostrou a authorisação em que se tinha fundado para lhes prometter o pagamento. E accrescentou, com *muita honra*, que he justo não negar-lhe, *que ali estava a sua pessoa, e d'ella podião dispôr no caso que vissem ter elle excedido os seus poderes.* Sendo estes bem examinados, vio-se que D. Thomaz não era culpado, que tinha obrado legitimamente, e por consequencia que toda a falta de palavra devia recahir em D. Pedro, e não n'elle. D'aqui resultou que houve lembrança de pedir uma ordem de prisão contra elle; e mesmo constou que essa se tinha pedido; mas foi recusada, segundo a opinião de lord *Chanceller*, por terem os *bonds* ou as *obrigações* já perdido a natureza de letras. He isto o que então foi publico em Londres, e que tambem mui miudamente me foi contado por pessoa que me merecia muito credito.

No mesmo tempo aconteceo outro caso analogo a este com o qual a reputação de D. Pedro não melhorou. Quando o governo do Brazil tinha suspendido as sommas mensaes, que costumava entregar para a emigração mandou o imperador do Brazil um credito de 12 mil libras sterlinas sobre *Rotchild*, que este não acceitou; mas como o credito era positivo, porque n'elle se dizia que as letras sacadas sobre o Brazil serião pagas pelo thesoureiro imperial, houve pessoas que tomárão essas letras, ainda quando se não sabião os successos politicos do Rio de Janeiro. Quando pois D. Pedro chegou a Londres, e soube que as letras já hião em caminho para o Brazil para serem pagas por elle, não negou a divida, porém pagou-a de um modo bem singular. Foi-se ter com sua filha, a Rainha D. Maria II., e d'ella exigio que lhe désse todas as suas joias, que foi empenhar nas mãos do Judeo *Samuel*, para que lhe servissem de hypotheca para o pagamento d'aquella divida.

No dia 15 d'este mesmo mez de agosto uma commissão de alguns Portuguezes foi entregar, em nome de todos elles, um rico *sceptro de ouro*, e um magnifico exemplar da carta constitucional á Rainha. Havia mais de dous annos que quasi todos os emigrados, então residentes em diversas partes de Inglaterra, tinhão feito uma subscripção *voluntaria* para lhe darem aquelle presente

na primeira vez que tinha estado em Londres. A politica porém do marquez de Palmella, que n'esse tempo figurava de secretario d'estado da Rainha, não consentio que se lhe fizesse esta offerta. Estava elle de certo então capacitado das probabilidades que tinha D. Miguel de conservar o throno usurpado; e como assim não convinha tornar-se hostil, por qualquer fórma que fosse, ao homem sob cujo mando elle ainda suspeitava poderia viver. Além d'isto, ainda em outra supposição, esta offerta similhava um acto de soberania do povo, e tal idéa nem sequer se devia lembrar. Assim não foi permittido então offerecer á Rainha este symbolo do poder, porque se teve por crime, ou pelo menos por uma grande indiscrição. Córou-se este facto com o supposto ou verdadeiro pretexto de que o governo Inglez, então composto de Wellinghton, Aberdeen, e companhia, havia de levar isto muito a mal; e esta razão, dada por um homem, iniciado em todos os segredos da politica Britanica, relativa ás nossas cousas, foi olhada como um rigoroso preceito, ao qual os Portuguezes estavão obrigados a obedecer. Como porém a grande semana de París fizesse vêr não só ao marquez de Palmella, mas a muita gente que os homens erão, ou podião ser, mais alguma cousa do que instrumentos *natos*, das vontades e caprichos dos reis, não houve agora nenhuma

difficuldade em se fazer, e se acceitar *com agrado* esta offerta.

No dia seguinte 16 partio para París D. Pedro com sua mulher e a Rainha. Os motivos d'esta apressada sahida de Londres fôrão, além do receio que teve da ordem de prisão, que já mencionei, ou de uma citação legal para pagar, os desgostos em que andava de elle e sua mulher não terem recebido as distincções que julgava lhes erão devidas. Pela sua irreflexão, tinha-se persuadido que só elle devia figurar em primeiro logar, e a Rainha sua filha em segundo (*o*); e esta falsa idéa, ou falsa concepção foi a

(*o*) Este desejo de figurar só, independentemente da Rainha sua filha, mostrava estar ligado com a idéa que ainda conservava de poder reassumir a coroa Portugueza. Ao menos muitos dos seus actos fazião com que de necessidade similhantes intenções geralmente se accreditassem. Por exemplo, tinha dado ordem para que a Rainha não fallasse a nenhum Portuguez sem sua licença, ou elle estar presente; e era tal, por assim dizer, a sua reclusão no *hotel* em que estava, que era mui difficil já não digo fallar-lhe, porém vê-la. A estes factos accresce outro bem extraordinario, que vou referir, fundado na authoridade de um homem dos mais probos que na minha vida tenho conhecido (J. A. F.). Lembrando-se algumas pessoas, que acompanhavão a Rainha na sua volta do Rio de Janeiro, que sería bom que ella, ao passar na altura das ilhas, desembarcasse por alguns dias na Terceira para com a sua presença alegrar, e consolar os emigrados, que, por sua causa, ali estavão, oppôz se a esta lembrança o capitão da embarcação, apresentando *uma ordem por escripto* de D. Pedro, em que positivamente lhe mandava que não *consentisse que a Rainha desembarcasse em terra occupada por Portuguezes*! Quem isto me contou citou-mê uma das primeiras pessoas que acompanhavão a Rainha, e pessoa, que ainda vive ao escrever esta nota (17 de novembro, 1840).

causa do pouco caso que d'esta vez se fez da Rainha em Inglaterra. Antes de ella chegar á França tinha o ministerio Inglez dado a entender que ella sería recebida como Rainha reinante de Portugal; e n'esta qualidade se lhe daria um palacio para viver. Apesar d'isto D. Pedro, sem antes ter prevenido officialmente o governo Britanico da sua vinda, e da Rainha, foi meter-se com ella em um *hotel*, onde elle só figurava, por estar alugado em seu nome. O governo Inglez, que isto vio, considerou logo a Rainha como hospeda de seu pai, e não cuidou mais em lhe dar guarda de honra, nem offerecer-lhe palacio, e nem emfim de a receber em publico como soberana. Perguntando alguem a um official da casa real, por que motivo o governo tratava d'esta vez tão indifferentemente a Rainha de Portugal, respondeo elle: *Como ella está com seu pai!...* Isto quiz dizer que o governo não queria tributar a D. Pedro, que pertendia figurar como primeira personagem, aquellas honras que estava determinado a fazer á Rainha, se em vez de ser hospeda de seu pai, este o fosse d'ella como convinha; pois que na qualidade de duque de Bragança, titulo que tinha assumido, e com elle o de subdito de sua filha, já não podia receber os mesmos cortejos que a ella só erão devidos. Mas estas razões nunca podérão ter pêso na intellectualidade de D. Pedro, e muito menos

na de seus conselheiros; e por isso, ferido no seu amor proprio, e recordando-se então dos offerecimentos que antes se lhe havião feito em França, e que tão mal avisado recusára; resolveo-se emfim a sahir precipitadamente de Londres, e partir para França. Chegando ali foi magnificamente recebido, e a Rainha teve distincções que não se lhe fizerão em Londres. O rei Filippe lhe dêo o palacio de *Meudon*, junto de París, para sua residencia; e ali a Rainha recebeo todas as honras que competião á sua dignidade, taes como uma guarda de honra tanto de infantaria como de cavallaria, e uma habitação preparada com toda a magnificencia real; porém o governo Francez tinha então interesses superiores aos que no mesmo tempo tinha a este respeito o governo Britanico; e todo o mal esteve em que D. Pedro, assim como seus conselheiros, os não conhecessem, e d'elles não tirassem o proveito que podião.

No principio d'este mesmo mez de agosto parte da guarnição da ilha Terceira, commandada pelo conde de Villa-Flôr executou uma acção brilhante, tomando a ilha de S. Miguel. Houve bastante resistencia da parte das tropas que estavão no partido da usurpação; mas o valor já assaz conhecido do brioso regimento 18 de infantaria, e do batalhão 5.° de caçadores, de que a expedição particularmente se compunha, venceo todos

os obstaculos, e sem artilharia, e só com a que pôde ir tomando aos vencidos, levou diante de suas baionetas todos os rebeldes, que ousárão oppôr-se a seu valor e lealdade. Ao mesmo passo os habitantes da cidade de *Ponte-Delgada*, sempre constantes no seu amor da liberdade, e desejosos de quebrar o jugo dos satellites do usurpador, se levantárão immediatamente em massa, fôrão tomar o castello, prendêrão muitos dos seus oppressores, e proclamárão a carta e a legitima Rainha D. Maria II. Honra e gloria sejão pois dadas aos leaes e livres habitantes da ilha de S. Miguel; e nunca seu patriotismo, sua lealdade, e serviços sejão esquecidos por seus irmãos de Portugal. Com a tomada d'esta ilha concluio-se a conquista de todos os Açores.

Este mez, fertil em successos, ora tristes, ora agradaveis, dêo ainda logar a muitos acontecimentos notaveis. Chegou a Londres uma das victimas da brutal usurpação de D. Miguel, depois de ter estado mais de dous annos nos carceres de Portugal, e particularmente no que era governado por esse tigre, com figura humana, *Telles Jordão*; e ainda depois mandado para as mortiferas praias d'Africa, d'onde teve a fortuna de se escapar. Foi essa victima, que se evadio de uma das ilhas de Cabo-Verde, *Leonel Stelita Fernandes*, natural de Coimbra, e bacharel formado em medicina, o qual chegou a

Inglaterra no principio d'este mez (*p*). Na mesma época, em 19 de agosto, morreo em *Rennes*, na França, um illustre emigrado, *Caetano Rodrigues de Macedo*, tambem natural de Coimbra, doutor em filosofia, e um dos substitutos da mesma faculdade na universidade d'aquella cidade. Por duas vezes foi nomeado deputado ás côrtes nacionaes, primeiramente nas constituintes de 1821, e ultimamente nas do anno 1826, que D. Miguel dissolveo, e depois assassinou. Moço de muitos talentos, a estes juntou sempre muita probidade, e um decidido amor pelos principios liberaes, o que lhe excitou o odio do partido absolutista usurpador, e o obrigou a emigrar para não ser victima, como tantos outros, d'essa monstruosa tyrannia, por meio da qual a demencia e a ferocidade estultamente se persuadírão que podião exterminar, e anniquilar a liberdade. Morreo moço, e por effeito de uma molestia de consumpção, de que já antes tinha sido por algumas vezes ameaçado, e que emfim muito se lhe aggravou, e chegou a seu ultimo termo em consequencia dos trabalhos de uma longa emigração. Pago este tributo á sua memoria não só porque o merecia, mas porque as razões de amisade, e affinidade de parentesco devem dar desculpa ao desejo que

(*p*) Foi salvo pelo commandante Inglez da fragata *Eden*. Depois foi morrer á ilha Terceira, sem poder tornar a vêr a patria.

tive de perpetuar seu nome n'estes meus *Annaes*.

Houve ainda em a noite do dia 21 d'este mez uma nova tentativa em Lisboa, e ainda frustrada, para derribar o tyranno, e quebrar por uma vez seu sceptro de ferro, horrivelmente maculado com sangue e mil atrocidades. O author d'este movimento em favor da liberdade e da justiça foi o heroico e valente regimento 4.° de infantaria; mas quer fosse por falta de boas combinações, quer por outros accidentes, que em geral fazem perder quasi todas as revoluções, não achou o apoio que esperava; e vendo-se atacado por forças numerosas, cedeo a ellas, sem comtudo perder a honra e a gloria que tal feito, só por emprendê-lo, lhe ganhou. Um dos sargentos (*q*) d'aquelle brioso corpo, que agarrou das bandeiras, e matou o official que o pertendia impedir, teve a fortuna de se escapar; e auxiliado pelo honrado consul Inglez, mr. *Hopner*, chegou ferido, porém salvo, a Falmouth; para o qual logo em Londres o conselheiro *José Balbino de Barbosa e Araujo* abrio uma subscripção. Para ella muitos Portuguezes immediatamento e de boa vontade concorrêrão, senão com quanto desejavão por se acharem no desterro, e alguns quasi na miseria, ao menos com aquillo que podêrão; tirando-o talvez

(*q*) Constou-me ser o seu nome — *Antonio da Silva.*

n'aquelle dia da boca para soccorrer a quem tinha exposto a vida para os salvar. Assim este pequeno auxilio valeo mais em merecimento para aquelles que o derão, do que se fosse dado pela infatuação e vaidade, ainda mesmo em grandes sommas. Este acontecimento, bem que não tivesse um favoravel resultado, mostrou ao menos ao tyranno e seus algozes quanto a sua existencia era precaria e duvidosa; assim como declarou ás nações estrangeiras, que ainda em Portugal havia vida, e que a causa da liberdade não estava de todo ainda perdida.

No dia 30 do mesmo mez mandou de París o general conde de Saldanha ao author d'estes *Annaes* uma letra de 30 libras sterlinas (*r*) para que remettesse o seu importe para Plymouth, afim de com elle soccorrer a alguns dos mais necessitados emigrados que ali estavão, e pô-los em circumstancias de se passarem á França, onde o mesmo conde esperava que fossem admittidos a participar do auxilio que o governo Francez dava aos que estavão nos depositos. Por este modo confundia o conde de Saldanha os aleives que contra elle diariamente seus inimigos espalhavão, inimigos que não erão só seus porém da *carta constitucional e da verdadeira liberdade.*

(*r*) Producto de uma subscripção que para este fim promoveo em París. Vejão-se as peças justificativas no fim d'este livro.

Concluirei os successos d'este mez com o primeiro publico rasgo diplomatico de *Abreo e Lima*, que se achava em Londres com o titulo de ministro Portuguez, e como tal para ali havia sido nomeado pela regencia da Terceira. Este diplomatico tinha vindo da Belgica, aonde era tolerado por ter a sua nomeação de antiga data; para ser ministro plenipotenciario em Londres. Nunca o ministerio Inglez o tinha querido reconhecer n'este caracter, e até mesmo o havia muito mal tratado, como já antes mencionei, quando pedíra franquia para receber nas alfandegas as cousas para o seu uso. Achando-se n'estas circumstancias não se atreveo logo a dar passaportes em seu nome; e estes se expedião em nome do marquez de Palmella, antigo e reconhecido embaixador Portuguez; e erão assignados pelo antigo secretario de embaixada, José Balbino de Barbosa e Araujo, que na falta do ministro reconhecido era a pessoa a quem isto competia. Comtudo, com a chegada de D. Pedro a Londres achou Abreo e Lima mais algum agasalho no gabinete Britanico; e á sombra d'aquella circircumstancia concebeo elle então o projecto de se dar a conhecer por verdadeiro ministro Portuguez, e n'esta qualidade fazer correr seu nome pelo mundo. Porém, como a fórma d'estes seus passaportes se fizesse notavel, e désse occasião a diversos commentarios, dá-la-hei aqui n'estes *Annaes* co-

mo objecto de curiosidade. Foi ella literalmente a seguinte: — „ Luiz Antonio de A-„ breo e Lima, do *conselho de S. M. F.*, fidal-„ go cavalleiro da sua real casa, commen-„ dador da ordem de N. Sr.ª da Conceição „ de Villa-Viçosa, cavalleiro das de Avís „ e de S. Wladomiro, tenente-coronel dos „ *reaes exercitos*, *enviado extraordinario e* „ *ministro plenipotenciario*, &c. „ Agora se póde vêr e ajuizar, se os que sobre ella fazião seus commentarios tinhão ou não razão para os fazer. Dizia que era do conselho de S. M. F.; mas qual era essa magestade, a quem se referia? Em Lisboa era ella D. Miguel; e na ilha Terceira, era a Rainha D. Maria II.: não se sabía por tanto de qual das duas magestades o diplomatico era conselheiro. Além d'isto annunciava-se como official dos reaes exercitos, e enviado e ministro, &c; porém a que reaes exercitos pertencia, porque havia dous; e de quem era enviado extraordinario, e ministro plenipotenciario? Em toda esta algaravia diplomatica via muita gente *profundas restricções* mentaes, e he por isso que lhe fazião commentarios.

O mez de setembro d'este anno principiou em Portugal debaixo de funestissimos agouros, porque n'elle se tornou a vêr correr immensa copia de sangue derramado pelas mãos da usurpação. Dezoito victimas perdêrão as vidas no dia 10 d'este mez, mez e

dia já assignalados nos fastos tyrannicos do absolutismo (*s*). Pertencião todas estas victimas ao regimento 4.° de infantaria, do qual já referi a infeliz tentativa que fizera no dia 21 do mez de agosto proximo passado, e fôrão ellas: — Um alferes, um cadete, alguns sargentos, um tambor, e cinco soldados; dos quaes quasi todos, e particularmente o cadete, segundo geralmente se affirmou, morrêrão com uma intrepidez digna da nobre causa por que padecêrão. Os seus nomes, que se devem conservar como exemplo heroico de virtudes Portuguezas, são os seguintes: — João Gonçalves Pereira, sargento da 1.ª companhia; Caetano Alberto, 1.° sargento da 3.ª companhia; Pedro Bernardino Machado, furriel da 1.ª companhia de granadeiros; Luiz Antonio Xavier da Serra, 1.° sargento da 6.ª companhia; Caetano José Coelho, 2.° sargento da 5.ª companhia; José Godinho de Almeida, 1.° sargento da 4.ª companhia; Joaquim Rodrigues da Silva, 1.° sargento da 2.ª companhia; José Antonio Fernandes, 2.° sargento da 3.ª companhia; Miguel José Coelho, 2.° sargento da 1.ª companhia de granadeiros; José Bernardo Pereira, alferes da 6.ª companhia; João Maria Correia de Lacerda, cadete; João Antonio, cabo de tambores; José Ribeiro,

(*s*) Este dia 10 de setembro deve ser olhado como dia *nefasto*, porque n'elle já antes os *tyrannos do Rocio* executárão a *setembrisada* do anno 1810.

soldado da 3.ª companhia; José Teixeira, soldado da 1.ª companhia de fusileiros; Joaquim Rodrigues, soldado da 4.ª companhia; José da costa, cabo da 8.ª companhia; José Maria de Carvalho, soldado da 8.ª companhia; José Gomes, soldado da 1.ª companhia de fusileiros.

A sentença, em virtude da qual fôrão assassinados, foi lavrada no dia 7 de setembro; e os juizes que a assignárão, como membros de um conselho de guerra nomeado em 24 de agosto, dia certamente escolhido para mais insultar a liberdade, fôrão os que se seguem, e cujos nomes vou aqui lançar nas *gymonias* da historia. — Antonio Joaquim de Gouvea Pinto, *auditor*, e desembargador da casa da supplicação; José Antonio de Azevedo Lemos, brigadeiro graduado, e commandante do 1.º regimento de infantaria, *presidente*; Francisco Elisiario de Carvalho, brigadeiro graduado, e commandante do 2.º regimento de cavallaria, denominado de Lisboa; José da Rosa e Sousa, coronel de caçadores, denominados da Beira-Alta; — João José Doutel, tenente-coronel, commandante do regimento, denominado de Abrantes; João Antonio Rebocho, ajudante de D. Miguel, e commandante do regimento 4.º denominado de Lisboa. Estes são os nomes dos que sentenceárão estas victimas da liberdade e lealdade no nefasto dia de 10 de setembro do anno 1831.

No dia 7 d'este mesmo mez aconteceo a tomada de Versovia pelos Russos. Aquelle povo heroico, o povo Polaco, desamparado de toda a terra, e, o que he mais, dos povos livres, entre os quaes eminentemente figuravão a França e a Inglaterra, cedeo á força numerica dos Russos, porém não á sua constancia, á sua intrepidez, e ao seu nunca visto amor da liberdade. Parecia, por isso, que não perderia ainda com este desastre a nobre causa que defendia, porque Varsovia não era toda a Polonia; e em quanto n'um palmo de terra de seu territorio se podesse arvorar o pendão da sua independencia e liberdade, não esmoreceria em seu peito o santo fogo do amor da patria, e do implacavel odio a seus tyrannos. Não esmoreceo, he verdade; porém a força bruta foi superior; forão-lhe contrarios os destinos; desamparou-o a fortuna; e apesar de tantos sacrificios nem a terra nem o céo permittirão que vencesse os seus oppressores.

No dia 19 chegou a Londres o marquez de Palmella, vindo da ilha Terceira, convidado por D. Pedro. Demorou-se ali todo o resto do mez, e no dia 2 do seguinte mez de outubro partio para París á avistar-se com quem o tinha mandado chamar. Foi cousa singular, que embarcou no mesmo ominoso *Belfast*, em que tinha hido ao Porto no anno 1828, e do qual, bem á maneira do *cavallo de Troia*, sahírão os instru-

mentos fataes, que n'essa época suffocárão a liberdade, e desatárão as mãos ao tyranno para commetter todas as suas atrocidades futuras. D'esta viagem para París data a nova vida politica do marquez de Palmella, que, ora feliz ora adversa, tem ainda de fazer época em nosso paiz, e talvez com mais fortuna sua do que nossa. Porém não antecipemos os successos: ainda muitas vezes tenho de annunciar seu nome n'estes *Annaes*; e á vista dos factos, que tenho de narrar, o publico ajuizará das suas acções, e as classificará no logar em que bem lhe parecer.

Finalmente no dia 23 d'este mez de setembro se concluio um emprestimo de *dous milhões sterlinos* ao preço de 48 com mr. *Ardoin*; e foi elle assignado pelo dito contratador e os srs. J. e S. *Ricardo*, e D. Thomaz de Mascaranhas, como procurador da regencia da Terceira. Perto de tres mezes correo esta negociação, que devia certamente ser concluida em um só ou em menos, se aquelles que estavão incumbidos de tão importante negocio, ou fosse por desleixo ou por outro qualquer motivo, não o tivessem demorado com tamanha responsabilidade; não fazendo cabedal nem da perda de um tempo tão precioso, nem das favoraveis circumstancias que tiverão á vista, e deixárão escapar. As primeiras aberturas para este emprestimo se fizerão por um agen-

te de mr. *Ardoin*, ainda estando em París, no dia 26 de junho d'este anno, quando D. Pedro chegava a Londres. Era então a occasião mui favoravel, porque uma esquadra Franceza estava bloqueando o Tejo, e havia todas as esperanças de que forçasse a entrada da barra, como depois forçou; e por esta occasião annullasse todo o poder maritimo de D. Miguel, como assim tambem aconteceo. Além d'isto, alguns navios da mesma esquadra Franceza andavão pelos mares dos Açores, e ali já tinhão feito duas prêzas de navios de guerra pertencentes ao usurpador. Tudo pois era então favoravel para tentar uma expedição; e qualquer sacrificio que se fizesse, com tanto que por elle fossemos a Portugal, sería menor do que a desgraça em que estava a nação tanto dentro como fóra do reino. Nem este mesmo sacrificio, por maior que fosse, sería equivalente ás perdas que diariamente estava causando a usurpação, e aos outros subsequentes sacrificios que fizemos. Porém não o pensárão assim as pessoas que n'esta época administravão os nossos negocios na emigração; porque suscitárão grandes difficuldades, e estas, pela demora que causárão na execução do negocio, fizerão nascer innumeraveis obstaculos, que depois apparecêrão, quando se quiz realisar a grande obra para a qual o emprestimo era destinado. Assim he de necessidade que eu resumidamente aqui expo-

nha a marcha que elle teve, e as difficuldades que encontrou para a sua ultima conclusão no dia acima indicado.

Em 26 de junho d'este anno, logo que chegou a Londres o duque de Bragança D. Pedro, foi proposto o primeiro projecto d'este emprestimo pelos agentes de mr. Ardoin; e era elle então muito favoravel, porque só se limitava a dar o dinheiro necessario para fretar os navios de transporte que fossem precisos para levar a Portugal os emigrados da ilha Terceira, e os mais espalhados por França, e Inglaterra. E nem então mais se precisava, porque, como já disse, a esquadra Franceza bloqueava o porto de Lisboa, e tinha todas as apparencias de o forçar, como forçou. Não se prestou porém nenhuma attenção a esta abertura, e isto em um tempo que só homens, taes como os nossos, podião deixar de a aproveitar. Em 28 de julho seguinte se entregárão officialmente as bases do mesmo offerecido emprestimo á Abreo e Lima, que mostrou recebêlas bem, e querer tratar sobre ellas. Depois de haver porém declarado que não queria que este negocio se tratasse por *concurso*, mas em particular, não cumprio a sua palavra; e fez com que pela praça de Londres se andassem mostrando estas bases; o que vindo ao conhecimento de mr. Ardoin, este muito se escandalisou por tão indigno procedimento; e em consequencia d'isto se

excitárão difficuldades que pozerão depois o negocio em muito má condição. A impropriedade d'este passo expôz Henrique José da Silva a Abreo e Lima em uma carta com data de 29 do mesmo mez, á qual Lima nem sequer dêo resposta.

Em consequencia d'este procedimento retirou mr. Ardoin no mesmo dia 29 o projecto do seu emprestimo, que vinha a ser pouco mais ou menos o que se havia apresentado em 26 de junho, e do qual já antes fallei. E isto mesmo participou officialmente a Abreo e Lima, em carta de 30 de julho, Henrique José da Silva, perguntando-lhe ao mesmo tempo, se devia suspender a sua correspondencia com mr. Ardoin a este respeito. Lima respondeo a esta carta no 1.º de agosto, dizendo-lhe, que *fizesse o que quizesse* sobre este negocio; despedindo-se por este modo de intervir n'elle, e mostrando claramente que tencionava tratar com outra pessoa. Negava porém na mesma carta o haver sido chamado a Londres mr. Ardoin por seu consentimento. E a este mesmo respeito já elle no dia antecedente, 31 de julho, tinha escripto ao mesmo mr. Ardoin uma carta, na qual não só negava haver concorrido para que elle viesse a Londres, mas que o projecto do emprestimo se tivesse mostrado na praça do commercio, pois que *nunca tinha sahido da sua gaveta.* Comtudo, ambas estas suas negações fôrão desmentidas,

como em pouco mostrarei; e foi elle mesmo quem se dêo por *mentiroso*.

No dia 2 de agosto Henrique José da Silva procurou renovar a negociação do emprestimo, offerecendo-se á Abreo e Lima para cooperar que um dos dous milhões sterlinos se effeituasse. Perguntou ao mesmo tempo se queria, que se tentasse o mesmo emprestimo por concurso, ou por negociação particular. No dia 3 acceitou Lima a offerta, e declarou que se não daria á negociação a publicidade do concurso. Assim, por effeito d'esta resposta, lhe escreveo ainda no dia 4, pedindo-lhe que desejava ser avisado para comparecer quando em particular se discutisse qualquer projecto de emprestimo. Em consequencia d'isto escreveo o mesmo H. J. da Silva a mr. Ardoin no dia 8 dizendo-lhe, que havendo probabilidade de serem convidados a discutir o negocio do emprestimo, perguntava, se, em razão do que antes se tinha passado, julgava ainda conveniente entrar em nova negociação. No mesmo dia lhe respondeo Ardoin, que era tal o interesse que tinha pela *regeneração da Peninsula*, que estava prompto a tratar de novo (*t*). Estando pois já o negocio n'estes bons termos escreveo H.

(*t*) O interesse que mr. Ardoin tinha pela regeneração da Peninsula nascia de antigas contas em que estava com o governo Hespanhol; e por isso se interessava pela causa de Portugal, persuadido que esta, mais dia menos dia, tambem havia de influir na de Hespanha.

J. da Silva no dia 12 a Abreo e Lima, dizendo-lhe, que era preciso aproveitar o momento favoravel, porque se houvesse mais demora receava que os emprestadores mudassem de opinião. E no mesmo dia lhe repetio, que se no seguinte se não tratasse seriamente do negocio, o via elle muito mal figurado; mostrando-lhe ao mesmo passo quanto era para lamentar, que se tivessem passado já mais de *quarenta dias* depois das primeiras aberturas, e que assim se houvesse perdido um tempo tão precioso. Foi tambem ainda n'este dia que o mesmo H. J. da Silva lhe escreveo uma muito notavel carta em resposta a aquella que Abreo e Lima tinha escripto a Ardoin, e de que já fiz menção, pois que o negocio era commum a ambos. N'ella lhe mostrou como não tinha sido exacto quando asseverára que o projecto do tratado sobre o emprestimo nunca tinha sahido da sua mão, nem por consentimento seu mr. Ardoin tinha sido chamado de París. Abreo e Lima, vendo-se atacado em face com provas inegaveis, foi obrigado a confessar a sua falta, e pedio então como favor, que se lhe concedeo, que se retirasse a sua carta escripta a Ardoin; e que não fosse obrigado a receber *officialmente* aquella que Silva lhe escrevêra. O projecto do tratado em questão tinha sido encontrado na mão do *brazileiro Rocha Pinto.*

Para melhor explicar este facto direi re-

sumidamente as circumstancias que o acompanhárão, e que são essenciaes para o dar bem a conhecer. Abreo e Lima que, como agente conhecido da Rainha, só devia tratar directamente com D. Pedro os negocios Portuguezes, teve a indiscrição de tomar por intermediario e padrinho a *Rocha Pinto*, e d'elle quiz fazer valioso instrumento para tratar de um negocio, que era puramente nacional e Portuguez, em que nenhum estrangeiro se devia intrometter, e que só entre elle e D. Pedro se devia discutir. Não parou aqui a sua indiscrição; porque aconselhou, e até encarecidamente pedio a H. J. da Silva, que fosse ter certas confidencias com Rocha Pinto, no que elle com muita reluctancia, e só debaixo da responsabilidade do indiscreto diplomatico consentio. Essas confidencias effectivamente se fizerão, e fôrão bem acceitas; mas como as cousas mudassem, se procurárão depois em vão negar, ou falsamente interpretar. Iniciado por tanto Rocha Pinto nos mysterios do emprestimo, e talvez pensando então que, se o negocio fosse absolutamente dirigido por elle, poderia tirar para si bons resultados, fez com que directa ou indirectamente o projecto do emprestimo andasse pelas mãos de alguns capitalistas da praça de Londres. Isto foi o que muito offendeo, e com razão, a mr. Ardoin, e a Henrique José da Silva; e dêo motivo a que o primeiro desistisse do emprestimo,

como antes já mencionei; e que Abreo e Lima recebesse de ambos as duas cartas de que tambem já antes fiz menção.

No dia 13 de agosto se assignárão emfim as bases do emprestimo, e fôrão assignadas geralmente por todos os que estavão incumbidos d'esta negociação, sendo um d'elles *Mousinho da Silveira*. No dia 18 escreveo Lima a Ardoin, pedindo-lhe uma resposta prompta sobre a decisão final do negocio; e no dia 19 lhe respondeo, que elle e os seus amigos estavão de acôrdo em tudo o que se havia assignado no dia 13; e que só depois se trataria de algumas condições *regulamentares*, que nada já tinhão com o que estava ajustado. A mais essencial d'estas condições era porém o fixar o modo da administração do dinheiro emprestado, que os contratadores não querião deixar á inteira e unica disposição dos nossos agentes, pois que do bom uso d'este dinheiro, e particularmente do que estava destinado para a expedição, unica base da sua real hypotheca, dependia toda a fortuna da negociação. Mas a administração *exclusiva* do dinheiro, que era o *objecto principal* dos nossos negociadores, foi ainda o grande obstaculo que se oppôz á realisação do emprestimo até o dia 23 de setembro, em que finalmente se concluio como acima já disse. Então, forçados pela necessidade, os nossos agentes não tiverão outra alternativa senão accederem, como accedê-

rão, ou de ficar sem dinheiro; e em consequencia d'isto os emprestadores exigírão que para olhar pela expedição se formasse uma commissão, composta do Hespanhol *Mendizabal*, do commandante de marinha *Sartorius*, e, por contemplação aos nossos, de *Manuel Gonçalves de Miranda*. Assim, por um falso amor proprio, ou por alguma cousa peor, durou esta notavel negociação desde 26 de junho até 23 de setembro, isto he, perto de tres mezes; negociação, que se n'ella houvesse entrado boa vontade, ou não houvessem vistas interessadas, nem um mez devia durar. Por esta demora perdeo-se o verão todo, isto he, o tempo mais apto para fazer a expedição; expôz-se esta a todos os inconvenientes que depois teve; e, o que mais digno he de ponderar-se, olhou-se Portugal com indifferença quando elle estava debaixo do cutelo feroz do usurpador, e a este se prolongavão as occasiões de se embriagar de muito mais sangue leal e innocente.

Houve alguem que só a si quiz attribuir o merecimento da conclusão d'este negocio; mas não foi assim, porque o facto verdadeiro he o seguinte. Mousinho da Silveira, que era com Silva Carvalho conselheiro e agente d'este negocio, teimou sempre em exigir, que os contratadores não tivessem ingerencia alguma na administração do dinheiro, e que o entregassem logo sem

condições: não podendo porém conseguir isto, fallou tão descomedidamente na ultima conferencia a que assistio, que mr. Ardoin se escandalisou, e dêo por acabada a negociação. Mousinho tanto julgou isto serio que partio logo para París, dizendo a todos que o emprestimo se não concluia. Mas aquelle procedimento de mr. Ardoin tinha sido uma verdadeira *ruse de guerra*, porque elle bem sabía a necessidade que tinhão de dinheiro; que de ninguem mais o podião obter; e que a elle havião de necessariamente voltar. Além d'isto, o mesmo mr. Ardoin tinha grande interesse em concluir o negocio; e por isso assim que José da Silva Carvalho foi ter com elle e com Henrique José da Silva para se renovar a negociação, foi muito bem recebido, e não houve duvida em tornar a atar o fio do negocio. No que se enganou José da Silva Carvalho foi em attribuir á sua mediação, ou á sua habilidade aquillo que já havia muito tempo estava decidido que se fizesse, não tanto pelos interesses simplesmente pecuniarios, porém por outros connexos com elles, que erão mui poderossos interesses politicos. Quem escreve estes *Annaes* conversava então frequentemente com mr. Ardoin, e H. J. da Silva, e sabía com exactidão quaes erão as suas opiniões, e qual o modo por que tinhão assentado de as manifestar.

N'este intervallo de 26 de junho até

23 de setembro, entre os varios projectos que os emprestadores apresentárão, houve um, com data de 7 de julho, apresentado por Ardoin e Mendizabal, de que o capital era de tres milhões sterlinos. Porém um só milhão se devia apromptar logo ao preço de 40 por 100 libras, ficando para se regular o preço dos outros dous milhões depois que em Lisboa estivesse restabelecido um governo em nome da Rainha D. Maria II. Para dar credito e força á causa de sua filha, exigia-se ainda que D. Pedro tomasse uma parte no emprestimo pela somma *nominal* de 250 mil libras, porque só devia concorrer para o primeiro pagamento com 37,500 libras, das quaes sería embolçado, se quizesse, pelo mesmo emprestimo, não ficando responsavel pelo resto. Isto mesmo era no caso em que os emprestadores quizessem continuar com o emprestimo depois de o governo legitimo estar estabelecido em Lisboa; porque havendo então quem o fizesse com melhores condições, que a elles não agradassem, cedião de todo do contrato dos restantes dous milhões. Não agradou porém esta proposta, porque o primeiro objecto dos nossos agentes foi sempre haver logo para a mão avultadas sommas de dinheiro; e o negocio mais importante, que era a expedição, foi sempre para elles objecto secundario.

No dia 24 d'este mesmo mez de se-

tembro houve ainda em Lisboa uma nova carniceria juridica de mais 21 victimas pertencentes ao mesmo brioso regimento 4.° de infantaria, do qual já 18 havião sido immoladas á liberdade no barbaro altar da usurpação; e todas em consequencia das sentenças dos mesmos juizes cujos nomes já antes publiquei. Os martyres d'esta continuada carniceria fôrão os seguintes: José Maria de Souza, tambor da 4.ª companhia; José de Moura, soldado da 1.ª dita; Antonio Domingues, soldado da 8.ª dita; Manuel da Costa, cabo de porta-machados, da 2.ª dita; Antonio Augusto, tambor da 2.ª dita de granadeiros; Antonio Pereira, pifano da 1.ª dita de fusileiros; Antonio Teixeira, soldado da 1.ª dita de fusileiros; José Maria de Carvalho, soldado da 2.ª dita de granadeiros; Manuel Ricardo de Oliveira, soldado da 1.ª dita de fusileiros; Antonio José Teixeira, soldado da 7.ª companhia; Antonio José Fernandes, soldado da 8.ª dita; Antonio Ribeiro Braga, soldado da 1.ª dita de fusileiros; Francisco José Fernandes, anspeçada da 1.ª dita; Pedro de Alcantara, soldado da 7.ª companhia; Joaquim José Rodrigues, cabo da 5.ª dita; Manuel José Tavares, soldado da 4.ª dita; Francisco Xavier da Costa Rissi, soldado da 4.ª dita; José Antonio Gomes, soldado da 2.ª de granadeiros; João Teixeira, soldado da 2.ª dita; Joaquim José da Cruz, soldado da 8.ª

companhia; José Joaquim de S. Paio, musico do regimento. Todos elles morrêrão com a mesma intrepidez, como victimas que se havião sacrificado pela liberdade e pela patria; e seu sangue deve cahir sobre as cabeças não só dos que directamente os mandárão assassinar, porém dos que indirectamente concorrêrão para firmar a monstruosa usurpação de D. Miguel.

No principio do seguinte mez de outubro d'este anno morreo em Lisboa o padre *José Agostinho de Macedo*, de quem já fallei no meu *Ensaio sobre a usurpação de D. Miguel*, e que foi uma das grandes monstruosidades do nosso tempo; porque toda a sua vida publica foi em summo gráo escandalosa por sua immoralidade, hypocrisia, e baixa servidão. Comtudo, como literato póde dizer-se, que nem lhe faltárão talentos, nem mesmo uma erudição mais do que ordinaria, a qual porém muitas vezes sacrificou á sua innata vaidade, falsificando factos, só por não ter o trabalho de os verificar, persuadindo-se vaidosamente que bastava enunciá-los para que se acreditassem. O seu estilo em prosa, mui longe de ser castigado e classico, era, pelas mais das vezes, tortuoso, e difuso; e no que mais peccou foi na falta de decencia, porque em geral era venal, baixo e grosseiro, e muitas vezes foi torpe e obsceno. Quiz ainda passar por um dos nossos grandes poetas; e a

vaidade, seu elemento essencial, até o levou a querer competir com *Camões*; mas n'esta empreza teve a sorte que lhe convinha, porque, sem talentos poeticos para ser inventor, teve a presumpção de o querer emendar; e assim, seguindo-o de rastos na sua marcha verdadeiramente nova e sublime, mostrou ao mundo que se apenas podia passar por um bom *versejador*, era como poeta, na presença do nosso Homero, um verdadeiro pygmeo, cheio de altivez e arrogancia.

No dia 29 d'este mez se pagou aos emigrados um mez de subsidios, que não tinhão recebido desde janeiro do mesmo anno; e este pagamento mensal foi o correspondente ao que se lhes devia desde 15 de dezembro de 1829 até 15 de janeiro de 1830, achando-se então elles em um atrazamento de mais de vinte e um mezes. N'este intervallo *morreo de fome* em Plymouth, segundo então constou, *José da Silva Tuberão*, natural do Porto, e que antes havia pertencido ao commissariado, sem que os nossos governantes, a quem nunca faltou dinheiro, porque sempre vivêrão em boas casas, e tiverão bons jantares, tirassem um dia uma fatia de pão da boca para valer a este desgraçado!

Ao passo que as nossas cousas assim caminhavão houve tambem n'este mesmo mez um grande acontecimento em Inglaterra. Foi regeitado na camara dos lords o bill da re-

forma, proposto pelos ministros, e teve contra si a maioria de 41 votos. Votárão a favor 158 membros, e contra 199. Dos bispos, que tinhão assento na camara, e que erão 30, votárão 21 contra o bill; 7 se ausentárão para não votarem, e só dous votárão a favor. Assim he uma verdade de facto inegavel, que em todos os paizes a aristocracia civil, e religiosa tem os mesmos principios de retardamento da perfeição moral e politica das sociedades humanas; e que a mesma classe, que em Portugal tinha furiosamente defendido o absolutismo, trabalhava debaixo das mesmas bandeiras em Inglaterra.

O mez de novembro d'este anno começou com muitos máos agouros para a causa da nossa liberdade; porque no dia 5 fôrão embargados alguns navios dos que se havião comprado com destino de fazer a expedição contra D. Miguel. O pretexto d'este embargo foi, que n'elles havia tropa Ingleza e petrechos de guerra para a dita expedição; o que o governo Inglez, pelas leis do paiz, não podia consentir, *fingindo-se* neutral em a nossa questão Portugueza. Houve comtudo n'este arranjo muito máo manejo dos que estavão incumbidos do alistamento de gente para a maruja; e d'elle se aproveitárão alguns agentes Miguelistas, entre os quaes figurárão o consul *Sampaio*, e um certo desertor politico *Manuel Maria Couti-*

nho, tambem agente de D. Miguel. Este embargo porém se levantou no dia 25 do mesmo mez; e as embarcações ficárão livres, e começárão a partir para as costas de França, onde a expedição se devia completar, e d'ali sahir para a ilha Terceira.

N'este mesmo mez voltou a Londres o marquez de Palmella, e foi viver no *hotel* em que antes havia residido em *Park Street-Hyde Park*. Havendo n'este tempo uma casa de legação em Londres, paga e sustentada á custa do dinheiro Portuguez, e vivendo em tanta miseria e atrazamento a maior parte dos emigrados, parecia de justiça que o marquez fosse viver na mesma residencia da nação, e assim poupasse a enorme despeza que estava fazendo, e que muito melhor sería applicada para matar a fome ou cubrir a nudez de alguns desgraçados que vivião na miseria, particularmente os que estavão em Plymouth; porém nem estas fôrão as idéas do marquez, nem tambem o permittio o bom commodo de Abreo e Lima, que queria viver mais desafogado, e não perturbar seus prazeres e arranjos domesticos.

Enterrou se em Lisboa no dia 11 d'este mez *Thimoteo Lecussan Verdier*, um homem a quem Portugal muito deveo pelo emprego que fez da sua vida e fortuna em promover a sua prosperidade. Filho de pais Francezes, creio que nasceo em Lisboa; e

bem que, em tempos de grande oppressão e tyrannia, quaes fôrão os d'essa regencia, chamada *do Rocio*, fosse expulso do reino como Francez no anno de 1808 ou 1809, elle foi sempre mais Portuguez no coração e nas obras do que os seus perseguidores. Entre estes particularmente figurárão tres clerigos, membros da dita regencia, os quaes fôrão o notorio bispo do Porto, ex-frade Cartucho, Ricardo Raymundo Nogueira, e o principal Souza, que, mais que todos, lhe foi ingrato pela protecção que d'elle recebêra na occupação do reino pelo exercito Francez na invasão de Junot. Foi elle que conjuntamente com outro muito benemerito estrangeiro, *Jacome Ratton*, de quem já fiz ampla menção no meu *Ensaio Historico-Politico*, estabeleceo em Thomar aquella magnifica fabrica de fiação de algodão, a primeira obra d'este genero mais bem acabada e perfeita que se tinha visto em Portugal, e em que tinha enterrado toda a sua grande fortuna. Apesar d'isto, foi, como já disse, mandado sahir do reino como Francez, acto tanto mais injusto e atroz, porque durante a dominação Franceza havia estado prêso por ordem de Junot, como inimigo da occupação estrangeira, e mais fiel a Portugal do que á França. Depois de estar tambem prêso algum tempo por ordem da regencia, e de ser expulso do reino, passou-se a Tanger na costa d'Africa, em cujo governo,

dizia elle, com a graça que lhe era natural, encontrára mais justiça, mais humanidade, e mais abundancia de razão do que no de Portugal n'aquella época. D'ali sahio depois para França, onde esteve por muitos annos, amargurado por vêr toda a sua fortuna quasi perdida pela sua ausencia; e a sua magnifica fabrica de Thomar quasi arruinada. Só depois de muitos rogos de seus amigos e familia he que ultimamente se resolveo tornar a Portugal para presencear o desbarato que tinha soffrido toda a sua fazenda. Foi homem de muitos talentos, e de muita erudição, particularmente no que dizia respeito ás nossas cousas, que elle contava com muito sal e jovialidade, e que elle por muitos annos tinha presenciado, tendo vivido em cinco successivos reinados que fôrão os d'elrei D. José, D. Maria I., D. João VI., D. Pedro IV., e D. Maria II., e conversado com as pessoas mais influentes e instruidas em todos estes reinados. Morreo, por tanto, em uma avançada idade, que devia ser mais de 80 annos, porque algumas vezes lhe ouvi dizer, que no anno do terremoto de 1755 elle já era rapaz de alguns annos, e n'esse dia fatal tinha sahido cedo de casa com seu pai; o que o livrou talvez de perecer n'aquella grande calamidade. Teve porém ainda no fim d'esta longa vida o desgosto de morrer na horrorosa época da usurpação de D. Miguel, sem chegar ao

tempo feliz da restauração da liberdade Portugueza, que elle tanto amava, e sempre defendeo. Como curiosidade historica, e como documento que mostre qual foi o seu caracter alegre, jovial, e ao mesmo tempo finamente epigrammatico, copiarei aqui o epitaphio, que elle havia composto para a sua sepultura, achando-se em Londres no anno de 1825, e que he o seguinte:

„ Aqui jaz Verdier negociante,
„ Que de Thomar a fabrica fundou,
„ Que uma regencia atroz, por infamante
„ Decreto injusto, a longe desterrou;
„ Que do haver seu, trabalho seu prestante,
„ A junta do commercio despojou:
„ Tão certo he que seu mel nem come a abelha,
„ Nem sua lã por cubrir-se traz a ovelha.
„ Assi pois aconteceo
„ Ao pobre Luso-Francez,
„ Que trabalho e bens perdeo,
„ Porque tôlo os despendeo
„ Em dominio Portuguez. (*a*)

Ainda n'este mez, e no dia 25 d'elle aconteceo em França um caso notavel, e foi elle, que achando-se a Rainha D. Maria II. em Paris, e no seu quarto da cama, lhe entrou *uma bala* pela janella que atravessou as

(*a*) Este epitafio remetteo elle por galantaria a Antonio Machado Braga, quando, em 1825, morava junto d'este honrado Portuguez em Londres, *Judd-Place*, *New-Road*, por occasião de uma leve doença que teve.

cortinas do leito, e foi dar na parede. Mil conjecturas a este respeito n'esse tempo se fizerão; mas este acontecimento acabou como de ordinario acabão todos os de similhante natureza, isto he, pondo-lhes, como geralmente se diz, uma pedra em cima, e dizendo-se ao mundo que foi um mero acaso.

Tenho de concluir os successos d'este mez com o facto de um novo assassinio juridico, que os juizes de D. Miguel commettêrão na pessoa de uma nova victima politica, que foi o bacharel *Manuel Caetano de Macedo*, natural de Rezende. Perseguido como constitucional pelos esbirros do tyranno, vio-se forçado a bater-se com elles para vêr se lhes podia escapar, mas cahindo-lhes infelizmente nas mãos, e não tendo a mesma fortuna que tiverão alguns dos seus companheiros que fôrão para Londres, teve que acabar a sua honrada vida com o martyrio politico na cidade do Porto, em consequencia de uma sentença lavrada por essa mesma alçada que outro muito sangue, igualmente illustre, já tinha feito derramar.

No 1.º de dezembro d'este anno teve D. Pedro, estando ainda em París, uma filha da sua nova espôsa, e quiz que fosse considerada como princeza Brazileira. Para authenticar este nascimento convidou alguns ministros estrangeiros, e entre elles o do Brazil, não fazendo nenhum caso de D.

Francisco de Almeida que n'aquella época ali figurava como ministro Portuguez, em nome da Rainha. Assim, por este acto, ao qual não quiz servisse de testimunha empregado algum Portuguez, confirmou explicitamente D. Pedro que não queria ser considerado como Portuguez, e era Brazileiro.

No dia 5 foi emfim apresentado e recebido no *Stock-Exchange*, ou praça dos fundos de Londres, o emprestimo contrahido por mr. Ardoin; e no dia 12 se ratificou na mesma praça aquella entrada, apesar de todas as contradicções e intrigas que contra este emprestimo tinhão suscitado os inimigos da nossa liberdade, tanto estrangeiros como domesticos. Entre os primeiros figurárão sempre distinctamente lord Wellinghton, lord Beresford, e lord Aberdeen com uma cohorte secundaria, composta dos officiaes que servírão em o nosso exercito na guerra peninsular, e depois ainda nos governárão até o anno 1820; assim como de muitos negociantes Inglezes que, dentro e fóra de Portugal, estavão acostumados a negociar comnosco, e a tirar grandes lucros, e *taes*, que muito receavão perder em um governo constitucional e popular. Entre os segundos se fizerão sempre mui conspicuos o consul Sampaio, e Manuel Maria Coutinho, dos quaes ambos já fallei. Não só elles procurárão, quanto podérão, impedir o empres-

timo e a sua circulação, porém fôrão denunciadores perente o governo Inglez dos preparativos que em navios e munições se fazião para preparar a expedição contra D. Miguel a quem efficazmente procuravão servir. O atrevimento do ultimo foi tal que chegou a ir a Portsmouth, e ahi tentar seduzir o commandante e tripulação da corveta nacional, chamada *Ilha Terceira*. Mas nesta empreza se sahio tão mal como em todas as mais que sobre este mesmo objecto já tinha tentado; porque em todas ellas não adquirio senão o desgosto de ser agente *mal succedido* de seu amo.

Como no emprestimo, de que tenho fallado, houve immensas difficuldades não só para se realisar, mas para se introduzir no mercado Inglez; e para remover estas difficuldades teve sempre uma cooperação mui activa o nogociante Portuguez, Henrique José da Silva, e a sua casa commercial; he uma divida de justiça, que eu mencione aqui parte dos grandes serviços que elle, além dos que acabo de mencionar, fez a favor da legitimidade do throno, e da honrosa causa da emigração em outras épochas anteriores. Datão as ligações particulares, que este Portuguez e a sua casa tiverão com a causa da nossa liberdade, d'aquella mesma épocha em que começárão a faltar os meios pecuniarios para a sustentar, e adiantar. Quando se quiz mandar para a ilha Terceira o

conde de Villa-Flôr com a tropa que estava em França, essa mesma tropa, que havia sido expulsa das praias da ilha pelos tiros da artilharia Ingleza, e era commandada pelo general Saldanha, não havia dinheiro algum para realisar esta tão importante tentativa; e n'essa critica circumstancia he que H. J. da Silva nos abrio um credito em diversas partes da Europa pelo valor de 38,500 libras sterlinas. Resultou d'aqui o poder realisar-se a hida do conde de Villa-Flôr, e dos seus briosos e valentes companheiros d'armas; operação, que pôz a ilha Terceira no estado de poder resistir a esse formidavel ataque que depois mandou fazer contra ella o usurpador, e em que ficou vencido. Se a ilha por estes meios não estivesse já fortificada e defendida, teria sido um impossivel resistir ao ataque que soffreo; e n'este caso a nossa causa haveria ficado perdida, e talvez para sempre.

Seguírão-se varias outras operações, e todas ellas arriscadas, nas quaes continuou a ter parte o mesmo H. J. da Silva. Houve porém uma circumstancia verdeiramente critica, que foi no momento em que a Rainha estava a partir de Inglaterra para o Rio de Janeiro por ordem de seu pai, e no qual faltavão todos os meios pecuniarios; e o credito do imperador do Brazil estava a ponto de ficar completamente perdido. Achando-se porém n'esta occasião H. J. da Silva com

grandes fundos á sua disposição, e pondo de parte todas as vantagens particulares que d'elles individualmente podia tirar, dirigio-se a Plymouth, onde a Rainha já estava para embarcar, e ali offereceo á regencia, já n'esse tempo nomeada por D. Pedro, uma somma de 30,000 libras sterlinas, pouco mais ou menos. O marquez de Barbacena, que acompanhava a Rainha, resolveo-se então a acceitar como emprestimo, debaixo da garantia do imperador, unicamente a quantia de 25,000 libras; o qual emprestimo o mesmo H. J. da Silva negociou *cavalheiramente* ao simples juro da lei. Seguio-se depois a sua missão ao Rio de Janeiro para tratar da negociação do emprestimo de mr. Maberly; e se esta negociação não teve os resultados que se esperavão, foi isto devido tanto á insinceridade do governo do Brazil como ao máo procedimento do dito emprestador. Comtudo, em todas estas negociações mostrou H. J. da Silva muita habilidade, muito zêlo, e muito patriotismo, segundo em seu logar competente já antes escrevi n'estes *Annaes*. Appareceo finalmente um credito de 12,000 libras sterlinas que o imperador abrio a favor da regencia, e que mr. Rothschild, sobre quem elle era aberto, não quiz honrar. Então, n'este apuro, para acudir ás urgentissimas precisões da regencia, tomou elle sobre si a responsabilidade de 7,500 libras de letras sacadas sobre o Rio de Ja-

neiro debaixo da fé d'aquelle credito, as quaes garantio. Porém que paga teve d'este ultimo generoso sacrificio? Havendo-se-lhe promettido que em breve se lhe pagaria parte d'esta somma com dinheiros que D. Pedro tinha na mão de Samuel Philippes, e sendo-lhe positivamente affiançado este pagamento por Abreo e Lima, e D. Thomaz de Mascarenhas, ambos elles não lhe cumprírão a palavra; demorárão-lhe a somma promettida; e tiverão a *sinceridade* de lhe confessar, que, por *insinuações* d'alguem, e que vinhão de gente que cercava a pessoa de D. Pedro, he que não lhe podião pagar. O individuo preferido foi Francisco Vanzeller, que mereceo por certas *affeições* ter a preferencia, e que dous homens publicos se deshonrassem com a quebra da sua palavra; e que por ellas obtivesse aquillo que a outro já estava promettido. E pois que n'estes meus *Annaes* só tenho por principio tanto louvar as boas acções como expôr a fealdade das que me não parecem boas, sejão ellas por quem quer que fôr executadas, não me deve ser estranhado, que um pouco me alargasse ácêrca de um dos homens, que indubitavelmente maiores serviços fez a favor da causa da nossa tão longa, arriscada, e laboriosa emigração (*x*).

(*x*) Os factos que deixo mencionados fôrão extrahidos de copias authenticas de cartas que eu vi, escriptas por Henrique José da Silva em diversas épochas a Abreo e Lima,

No dia 11 d'este mesmo mez o ingrato e tyranno Fernando de Hespanha mandou ainda immolar mais cincoenta e tres victimas da liberdade, á frente das quaes soffreo patriotico martyrio o incançavel e brioso *Torrijos*. Este e seus malfadados companheiros, depois das primeiras infructuosas tentativas que tinhão feito para libertar a sua patria, e de que já fiz menção n'estes *Annaes*, tinhão hido buscar um asylo em Gibraltar, suppondo que esta terra de liberdade lhes podesse servir de seguro. Forçados porém a sahir d'aquelle asylo pelas repetidas e imperiosas ordens das authoridades d'aquella praça, e entregando-se aos destinos do mar, como estivessem bem espiados pelos esbirros do tyranno Hespanhol, fôrão obrigados pela guarda-costa, que da parte de Hespanha os vigiava, a ir tomar terra no terreno patrio, onde suppozerão que poderião ao menos encontrar um temporario abrigo. Mas, cercados logo por forças superiores, não tiverão outro remedio senão render-se; e entre a sua entrega e a morte não mediou mais tempo do que o necessario para se participar este acontecimento a Madrid, e para a volta do correio, que trouxe a ordem fatal, que immediatamente se executou. O que aqui porém mais se deve admirar não he a sêde de sangue do tyranno, mas he o egois-

e D. Thomaz de Mascarenhas. As datas d'ellas são de 26 de julho, 1830, e de 4 de outubro dito.

mo Britanico que, vendo o perigo que corrião aquellas desgraçadas victimas, não só lhes recusou asylo, obrigando-as a sahir de Gibraltar, mas nem ao menos as fez sahir debaixo da sua bandeira, para que não cahissem debaixo do cutélo da tyrannia. A philantropia Ingleza he puramente *mercantil*, assim como o são todas as suas virtudes, que deixão de o ser logo que se não conformão com os seus interesses.

No dia 12 se propôz no parlamento Inglez, que se havia aberto no dia 6, o bill da reforma, já pela segunda vez; porque antes havia sido regeitado na casa dos lords, como antes mencionei. Na sessão do dia 16 n'esta mesma casa disse lord Aberdeen, fallando da expedição que se preparáva contra o tyranno de Portugal, e á testa da qual constava que hia D. Pedro: „ Que „ o ex-imperador, pelo ultimo acto do seu „ reinado no Brazil, quizera entrar em um „ tratado para casar sua filha (a Rainha D. „ Maria II.) com D. Miguel. „ E accrescentou ainda mais o mesmo lord: „ Que es„ se projecto, ou tratado não tivera effeito „ em consequencia de o governo Inglez não „ ter querido ser parte em similhante nego„ cio. Além d'isto, que podia affirmar, que „ as ultimas participações, que elle havia „ recebido, ainda estando no ministerio, „ do mesmo ex-imperador, erão as mais a„ migaveis para com seu irmão D. Miguel. „

Com isto tivemos mais uma prova authentica e official do que podiamos esperar se os destinos lhe não tivessem feito perder a coroa do Brazil. Foi preciso que tambem fosse emigrado como nós, para que a sua honra, n'este ponto, ficasse salva; e para que nós, e o nosso Portugal não fossemos vendidos, como escravos, á tyrannia de D. Miguel! Tal foi o perigo em que estivemos!

O marquez de Palmella partio no dia 22 d'este mez para París. Os motivos da sua vinda e da sua estada em Londres fôrão diversamente interpretados; e eu direi com verdade tanto o que a seu respeito n'esse tempo se lhe attribuio de louvor como de desabôno, porque quando n'este meu caminho de historiador encontro algum homem publico, desejo sempre retratá-lo ao natural, apresentando-lhe a figura como n'aquella occasião tinha, sem de proposito o querer desfigurar. Foi voz publica n'esse tempo que viera arranjar as suas contas, o que era muito louvavel; porque, tendo administrado tão avultadas sommas de dinheiros publicos, necessario era que fizesse uma exposição clara de como e em que os tinha despendido, particularmente quando estava a partir para a Terceira na expedição preparada para findar a usurpação. Constou mais, que viera apressar a expedição que para o mesmo fim se preparava em Inglaterra; e sobre isto he justo dizer, que fizera bons serviços, por-

que os emprestadores, a cargo de quem ella estava, apenas se podião então entender com os nossos agentes publicos, á frente dos quaes estava Abreo e Lima. Além d'isto, havia ainda um embrulho de contas, relativas a esse malfadado emprestimo de Maberly, obra de D. Thomaz de Mascarenhas e seus conselheiros; o qual embrulho elle desenredára, e lhe dera um arranjo definitivo. A'cêrca d'estes dous objectos não ha nada que não seja de louvar; porém tambem se accrescentou, que os seus trabalhos diplomaticos, nos quaes gastou em Londres muitos dias, não erão favoraveis á causa da nossa liberdade constitucional; ao mesmo passo que alguem affirmava, que alguma cousa boa tinha feito, particularmente para obstar ás pertenções de D. Pedro, e seus amigos. Seja porém o que fôr; como nunca me foi possivel aclarar exactamente este e outros mysterios da mesma épocha, e como não queira accusar aqui nem defender este homem publico, deixo ao tempo a revelação d'este e outros factos, que he provavel se venhão ainda um dia a revelar.

Com data do dia 19 d'este mesmo mez appareceo um curioso documento, impresso em Plymouth com o titulo seguinte. = *Amostras do ill.mo e ex.mo sr. Luiz Antonio de Abreo e Lima, ministro da Rainha de Portugal na côrte de Londres, tiradas á luz por Joaquim Carlos Fernandes do Couto.* N'este docu-

mento se mencionava o caso seguinte. = Antonio Pedro de Alcantara Pereira e Costa, commissario que fôra do exercito, havia fallecido em Rennes em novembro do anno passado, ficando a dever ao capitão da marinha Ingleza W. H. Haswell a quantia de tres libras sterlinas, treze shillings, e dez dinheiros, pela passagem de sua mulher desde Lisboa até Plymouth. Não lhe tendo podido pagar, havia-lhe dado o recibo da quantia que devia receber como emigrado pelos subsidios pertencentes ao mez de agosto do mesmo anno; e para mais legalisar o recibo lhe juntou ainda uma procuração. Como porém morresse antes de se ter realisado aquelle pagamento do mez de agosto, dêo o sobredito capitão Inglez nova procuração ao capitão *Couto*, para que este, quando se fizesse o pagamento já referido, o recebesse em seu nome, apresentando para isto o recibo e a procuração a elle annexa. Fez-se o pagamento do dito mez; e como visse o capitão Couto que n'elle se não fazia menção d'aquelle recibo, escreveo a D. Thomaz de Mascarenhas, então administrador do dinheiro destinado para a emigração, expondo-lhe o facto, e pedindo-lhe ordenasse que lhe fosse paga aquella quantia. D. Thomaz não respondeo; e então o capitão Couto se dirigio directamente a Abreo e Lima por uma carta datada em 8 de novembro d'este anno, 1831. Respondeo este, *palavras*

formaes, o seguinte: „ Que, além de ser „ um *absurdo* considerar em vigor a procu- „ ração de um individuo que já não existia, „ nunca os subsidios, applicados aos emi- „ grados para seus alimentos, podião julgar- „ se hypothecados a dividas por elles con- „ trahidas, sendo, como erão, *inteiramen- „ te dependentes da vontade de S. M. que os „ mandava distribuir por um acto de mera be- „ neficencia*, o qual em tempo nenhum fô- „ ra reputado obrigatorio, ou constituir um „ titulo para pagamento legalmente exigi- „ vel. „ Parece incrivel que um homem, como Abreo e Lima, désse similhante res- posta; mas tal era a gente que de proposito se escolhia para governar os negocios da emigração. Sem entrar nos sentimentos do seu coração, não se póde aqui, pelo menos, desculpar a sua ignorancia em denominar como *absurdo* a apresentação de uma procuração de um homem morto para se lhe cobrar uma divida a que tinha direito em quanto vivo, e procuração, que tinha dado em vida. De certo, Abreo e Lima ignorava que o papel apresentado não era uma simples procuração de *mandado*, que acaba com a morte do mandatario, mas uma procuração de *cessão*, ou, para melhor dizer, de transferencia, com um endosso, de uma divida que elle tinha direito de receber quando vivo; e á qual procuração estava junta uma especie de *letra*, pagavel a quem a apresen-

tasse. Mas a esta ignorancia estava ainda unida uma contradicção escandalosa. Para que se davão pelas authoridades, que então se julgavão legitimas, os *recibos* aos emigrados? Era para enganar desavergonhadamente o publico, ou para que, attendendo-se ao atrazamento dos subsidios, podessem os emigrados achar alimentos sobre aquelles recibos? Se assim era, e se sempre assim se praticou, como podia haver uma d'essas authoridades, que não reconhecesse legitimos e validos esses mesmos recibos ou letras que ella mesma emittia, e promettia pagar? Isto só podia achar duvida na fraqueza de entendimento, ou na dureza de coração de um homem, como Abreo e Lima.

Esta fatal resposta, absurda na theoria, porém desastrosa na pratica, foi tirar, ou pelo menos difficultar, a ultima fatia de pão em que os emigrados ainda podião confiar; porque desacreditando os recibos, quão difficil seria achar sobre elles a mais pequena quantia o infeliz, que necessitasse moderar sua fome, ou cubrir sua nudez? Comtudo, em toda esta especie de traficancia *diplomatico-mercantil* parece ter havido tanta demencia como zombaria, porque na mesma legação de Londres, onde Abreo e Lima era chefe, se continuárão a dar novos recibos a certos emigrados; e por este facto contradictorio ou se quiz mostrar que antes se havia errado, ou que se desejava que os emi-

grados continuassem a viver á custa de perfidias e enganos.

Não he possivel tambem deixar de notar os principios politicos de Abreo e Lima, quando não duvidou avançar, que o dinheiro dado aos emigrados *era uma mera beneficencia* de S. M., *só emanada da sua propria vontade.* Com effeito, que homem de coração livre, e que mostra que o deseja ser, porque adopta, e serve um governo constitucional, póde affoutamente affirmar, que da beneficencia dos monarchas vivem as nações? Não são os reis que pagão as nações, são as nações, que pagão os reis, como seus primeiros magistrados. Demais, os homens, que tanto tinhão soffrido para sustentar o throno da Rainha, não terião direito a ser soccorridos na hora da sua desgraça ou na sua longa emigração senão por uma mera beneficencia ou favor? Uma tal doutrina só estaria bem na boca de um *vassallo* de D. Miguel, porém nunca na boca de um *subdito* de D. Maria II.

No dia 27 d'este mesmo mez teve sentença de morte a alta aristocracia Franceza; e, o que mais he, que lhe foi dada pela mesma aristocracia, que commetteo este acto de suicidio na camara dos pares. Ali a questão do *pareato hereditario*, que já antes havia sido decidida na camara dos deputados, foi confirmada por 103 votos contra 70, sendo a maioria de 33 votos; e logo

depois teve a sancção real, e passou como artigo constitucional. Em um paiz, como a França, em que depois da dispersão, e anniquilamento da antiga aristocracia, só havia já uma sombra d'ella, creada por Napoleão, e esta sombra ainda se mantinha com certa apparencia de realidade pelo *pareato hereditario*; uma resolução d'estas foi, na verdade, um golpe mortal, para que difficilmente já poderá haver remedio. Foi, além d'isto, esta decisão um exemplo de grandes consequencias para todas as mais aristocracias da Europa, porque da perpetuidade das heranças he que ellas tiravão todo o seu vigor, e até um culto externo, que chegou a idolatria. Acabada porém esta prerogativa, d'onde lhe vinha todo o prestigio, e acabada em um paiz como a França, he provavel que este exemplo venha a ter, mais cedo ou mais tarde, imitadores; porque não sendo possivel impedir a marcha da liberdade politica, tambem a seu lado ha de necessariamente caminhar a igualdade legal, circumscripta no mais illimitado circulo possivel.

No fim d'este anno chegárão a Londres noticias da ilha Terceira; entre as quaes fôrão alguns actos da regencia, que lhe adquirírão a estimação publica, que ella nem sempre tinha merecido. Um d'aquelles actos foi o decreto de 7 de setembro d'este anno pelo qual se abolírão as *milicias*

e as *ordenanças*; e em seu logar se mandárão crear em todos os Açores corpos de *voluntarios nacionaes*. Esta providencia foi de muito acêrto assim como de muita utilidade; porque havia já muito tempo que aquellas duas forças, com apparencia militar, sem preencherem o fim para que havião sido instituidas, erão de grande perda tanto para a agricultura como para as artes mecanicas, pois tiravão os homens d'estes importantes serviços não só sem proveito algum publico, porém com muito incommodo e vexação dos povos. Foi tambem este acto um muito bom exemplo para o que convinha fazer em Portugal, acabada a usurpação, pois que os males que aquelles dous corpos causavão nos Açores produzião o mesmo máo effeito dentro do reino, e ainda em muito maior proporção. O outro acto da regencia, com data de 28 de novembro d'este mesmo anno, não foi de menor importancia por ser um decreto pelo qual annullou todos os actos, tanto civís como criminaes, praticados pelo usurpador contra todos os Portuguezes fiéis ao throno legitimo e á carta constitucional; e isto a contar desde o dia 25 de abril de 1828. Foi justo, e até necessario este decreto, porque sem uma tal providencia todos os que tivessem soffrido por sua lealdade roubos e perseguições por parte da usurpação, uma vez que tanto estas como aquelles recebessem a sancção do go-

verno restaurador, só por fim virião a receber castigo, e rigorosissimo castigo, em vez da honra e recompensa que merecião por sua constancia, e virtudes.

Concluirei os successos d'este mez e d'este anno 1831 com um caso bem digno de se referir para mostrar com que brio, com que honra, e com que dignidade alguns dos negocios da emigração fôrão tratados. No anno de 1829 se imprimio em Londres, por conta dos que então ali governavão na qualidade de regentes, um escripto intitulado — *Manifesto dos Direitos de S. M. F. a Senhora D. Maria II., e Exposição da questão Portugueza.* Foi este escripto, com verdade, de muito merecimento não só pela materia de que tratava, porém pelo modo e riqueza de documentos com que foi organisado, obra do marquez de Palmella e Guerreiro, segundo então constou; e por sua ordem se imprimio com muito custo e cuidado. Para o interessante trabalho da revisão da obra foi nomeado um honrado Portuguez, que, depois de muitos annos, vivia em Londres, o sr. *Antonio Machado Braga*, particular amigo do author d'estes *Annaes*. Mostrou-se ao principio o maior empenho na sua publicação, e até, para o fazer mais conhecido na Europa, se mandou traduzir em Francez. Apenas porém estava impresso, e já publico, mudárão logo de opinião sobre sua utilidade os proprios authores d'a-

quelle trabalho, que formavão a governança da emigração, e começárão a difficultar a sua publicação, chegando mesmo a omittir na traducção Franceza alguns dos seus mais importantes documentos. Mas a politica dos nossos governantes tinha mudado, pois que vendo que então se tratava de conservar D. Miguel no throno debaixo da barbara e vil condição de lançar em seus braços ensanguentados a innocente e joven Rainha D. Maria II., não quizerão desagradar a esses governos estrangeiros, e a *mais alguem*, com quem começárão a ir de acôrdo para a execução d'esta horrida politica. Desde esse momento começou a haver a maior difficuldade de se poder ter um exemplar; e alguns que se espalhárão ou foi por favores e empenhos, ou por uma especie de contrabando; por maneira que o livro, que devia ser para todos, veio a ser mui raro, e só para alguns escolhidos. N'este estado de cousas como era visivel que por parte das authoridades que então nos governavão se queria supprimir a circulação do *Manifesto*, por uma consequencia d'esta pertenção tambem as mesmas authoridades tiverão bem pouco interesse em pagar a despeza que se tinha feito com elle. Não se podia porém comprometter completamente nem a honra nem a palavra do honrado Portuguez a quem se tinha incumbido a impressão, e que era quem directamente estava responsavel para com o

impressor: assim foi-se-lhe pagando em pequenas parcellas; e a maior parte dos exemplares foi ficando na imprensa como hypotheca da divida! Isto apenas parecerá crivel, mas he uma verdade, e verdade de tal natureza, que em 31 de dezembro d'este anno ainda se estavão devendo ao impressor cousa de 20 libas sterlinas; e ainda em seu poder se conservavão, como em refens d'esta divida, uma boa porção de exemplares! Por este modo, passados mais de dous annos, em que houve dinheiro para pagar *Paquetes*, *Precursores*, diversos outros folhetos, e até *Auroras*, para fins quasi sempre tortuosos, se não erão diametralmente oppostos á verdeira e pura causa da liberdade constitucional, nunca se achou uma opportunidade para pagar uma divida em que estava involvida a honra Portugueza com o proprio throno da Rainha! E para mais escandalo, contrahio-se por fim um emprestimo em nome da mesma Rainha D. Maria II., e apesar d'isso não houve quem lembrasse, ou mandasse tirar d'elle alguns *obolos* para pagar o livro que defendia os seus direitos! E podia-se dizer que tal gente queria deveras e do coração D. Maria II. para sua Rainha? Eu não sei se esta circumstancia foi sabida por seu pai, ou se lhe foi occulta: o que sei he, que nem elle, nem todos esses que dominavão em seu nome ou de sua filha souberão ou quizerão tirar de si esta nodoa de summa vergo-

nha; (*y*) e que o *Manifesto dos Direitos da Rainha* não só estava ainda de todo por pagar no fim d'este anno, porém que parte dos exemplares ainda tambem estava hypothecada para total satisfação da divida!

FIM DO QUARTO LIVRO D'ESTES ANNAES.

(*y*) Não houve esta falta porque se ignorasse a divida; porque muitas vezes o sr. *Machado Braga* a exigio sem nenhum resultado; e por muitas vezes me declarou, que andava envergonhado com o impressor; e que a não ser elle tão homem de bem, talvez o tivesse já metido na cadêa.

PEÇAS JUSTIFICATIVAS DO LIVRO IV. DOS ANNAES.

Copia da nota official que o ministro Brazileiro Calmon enviou ao conde de Sabugal em 13 de agosto de 1830.

O abaixo assignado do conselho de S. M. o imperador, ministro e secretario d'estado dos negocios estrangeiros, recebeo e levou ao alto conhecimento de S. M. a nota que em data de 6 do corrente lhe dirigio o sr. conde de Sabugal, enviado extraordinario, e ministro plenipotenciario de S. M. F. a Senhora D. Maria II. por nomeação da regencia de Portugal, Algarves, e seus dominios, requerendo que o governo imperial expedisse as ordens necessarias para que fossem pagos em Londres á pessoa para isso authorisada pela mesma regencia os dividendos e amortisação que o Brazil deve ao governo de S. M. F. em virtude da convenção de 29 de agosto de 1825. Em resposta o abaixo assignado teve ordem para assegurar ao sr. conde, que o governo de S. M. imperial *cumprirá escrupulosamente* a citada convenção de 29 de agosto de 1825,

não deixando de continuar pela repartição dos negocios da fazenda, a quem n'esta data communica a presente nota, com o pagamento das sommas, destinadas aos juros e amortisação annuaes do emprestimo Portuguez a cargo do Brazil, ao representante do *governo legitimo* de S. M. F. O abaixo assignado renova ao sr. conde de Sabugal as expressões da sua perfeita estima, e alta consideração. Palacio do Rio de Janeiro em 13 de agosto de 1830. Assignado = Miguel Calmon du Pin e Almeida. = Está conforme, — José Manuel Monteiro.

COPIA da carta que o conde de Saldanha escreveo para Plymouth ao coronel Pereira; Francisco Rebello Leitão Castello-Branco; e Joaquim Carlos Fernandes do Couto, mandando 30 libras sterlinas para a passagem de alguns emigrados para França.

Ill.mos sñrs.: Constando-me por informação de um de v. s.as e por outros caminhos o estado de infelicidade a que, depois que cessárão os soccorros dos Quakers de Plymouth, se achão reduzidos alguns dos nossos concidadãos residentes na mesma cidade, convoquei alguns dos que residem n'esta capital para com elles examinar se haveria meio de acudir a tão benemeritos como pouco affortunados camaradas.

Sendo unanimemente reconhecida a impossibilidade de alcançar de uma ou de poucas mãos o auxilio necessario em tão apuradas circumstancias, resolvemos promover uma subscripção entre os emigrados nossos compatriotas que aqui se achão, para com o producto d'ella se darem os meios aos infelizes de Plymouth de embarcarem para *Saint-Maló*, e d'ali se dirigirem para Rennes, na esperança de que obterei do governo Francez a admissão de mais estes emigrados além dos que ali se achão estabelecidos.

Os termos em que estão quasi todos os Portuguezes, que aqui vivem, não permittirão que a subscripção em dinheiro, recebido até agora, excedesse a somma de 30 libras sterlinas: v. s.as acharão junta uma letra da dita somma, e servir-se-hão cobrá-la para fazerem d'ella a respectiva applicação. Todos os nossos concidadãos, que sollicitárão este negocio, pedem com o maior empenho a v. s.as que se dignem fazer este serviço tão necessario á humanidade como á honra e bom exito final da nossa causa. A estas sollicitações junto eu as minhas, e espero que umas e outras serão bem acolhidas por v. s.as He da intenção tanto dos colaboradores como dos subscriptores que esta somma seja applicada só para a viagem dos que vierem para França, visto que mal chegará para esta unica applicação. Não he possivel

prever tudo o que póde acontecer na execução d'este projecto, e por isso v. s.as resolveráõ como entenderem quaesquer difficuldades que sobrevenhão, tendo porém em vista que não se faça differença alguma de classes.

Se um de v. s.as se achar ausente, ou impedido, os outros dous terão a bondade de encarregar-se do negocio, não obstante essa ausencia ou impedimento.

Não posso pedir ao governo Francez a admissão de novos emigrados sem que elles estejão em França, mas tenho bem fundados motivos para esperar que os que vierem para este paiz terão certa uma subsistencia, parca sim, visto o grande numero, mas regular.

Não he possivel remetter d'esta vez uma lista da subscripção, porque se esperão mais algumas sommas, que serão remettidas para Saint-Maló, e distribuidas no momento do desembarque. Deus guarde a v. s.as, París, Rue des Vignes, n.° 5, Champs Elisés, 22 de agosto de 1831. — Ill.mos sñrs. coronel Pereira; Francisco Rebello Leitão Castello-Branco; e Joaquim Carlos Fernandes do Couto. — Assignado = conde de Saldanha.

P. S. Apesar de todas as diligencias não foi possivel achar letra em direitura para Plymouth; vai uma a Londres ao sr. José Liberato Freire de Carvalho, o qual te-

rá a bondade de enviar outra a vossas senhorias.

COPIA da carta do sr. Joaquim Carlos Fernandes do Couto, accusando a recepção das trinta libras sterlinas, acima mencionadas.

Ill.mo sr. José Liberato Freire de Carvalho: Aqui recebemos a carta de v. s.ª de 7 do corrente avisando-nos da remessa das 30 libras para esta, por via dos srs. Fox, Irmãos, e Companhia, cuja quantia se acha recebida, e será distribuida como o conde de Saldanha em seu nome e dos outros srs., que compozerão a commissão, ordenão de París. Este novo serviço feito aos nossos compatriotas pelo conde de Saldanha lhe augmentará por esses vís assalariados novas calumnias; porém os verdadeiros Portuguezes lhe fazem justiça; e eu espero que um dia a patria, quando seus dignos representantes se reunirem, lhe tributará aquelles agradecimentos de que elle he digno. V. s.ª sabe que isto em mim não he lisonja, porque nunca pedi nada ao general Saldanha quando elle tudo podia: fui, sou, e serei sempre seu amigo; sempre lhe fallei verdade, e o avisei em tempo, sempre quando sabía se tramava contra elle; por tanto, repito o que acima digo.

Agradeço muito a v. s.ª a recommen-

dação particular que me envia, cuja com muito prazer retribuo.

O coronel Pereira se recommenda muito a v. s.ª; no entretanto v. s.ª disponha d'este seu &c. — 84, Union Street, Stone House, Plymouth, 8 de setembro, 1831. = Joaquim Carlos Fernandes do Couto.

LIVRO V.

DOS ANNAES.

Successos mais importantes do anno 1832, *quinto da usurpação de D. Miguel.*

Vou dar principio á narração dos successos d'este anno por um caso memoravel, e caso acontecido em uma grande cidade, em París, e no meio de muitos Portuguezes. Foi elle o procedimento que contra o coronel *Rodrigo Pinto Pizarro* teve o duque de Bragança D. Pedro, ex-imperador do Brazil, e ex-rei de Portugal, e procedimento consignado em um documento publico, assignado por *Candido José Xavier*, que lhe servia de secretario particular. E pois que os escriptos e as acções são o retrato dos individuos a quem pertencem, aqui fielmente copiarei esse mesmo documento, tal e qual o coronel Pizarro o publicou na sua nova edição da *Norma das Regencias de Portugal* a pag. 22 de um artigo, denominado *Additamento.*

„ Levei á presença de S. M. I. o sr. „ duque de Bragança em seu devido tempo „ a carta que v. s.ª me escreveo em data de „ 26 de dezembro proximo passado (*a*); e „ bem assim outra que de v. s.ª recebi em „ data do 1.º do corrente; em resposta a „ ambas ellas S. M. I. me ordena que eu „ communique a v. s.ª que o mesmo augus- „ to sr. não tem ordens algumas que lhe „ dar; por quanto não só tem resolvido não „ empregar a v. s.ª na expedição que se „ prepara, mas na data d'esta *mandou* re- „ metter á regencia um exemplar do escri- „ pto que v. s.ª acaba de publicar com o „ titulo de *Norma das Regencias de Portu- „ gal*, afim de que, no caso de que v. s.ª „ se apresente em qualquer parte do terri- „ torio em que se acha estabelecida a au- „ thoridade de S. M. F. a Senhora D. Ma- „ ria II., *seja prêso*, *processado*, *e julgado*; „ servindo de corpo de delicto o mencio- „ nado escripto, não porque trata de opi- „ niões politicas, cuja discussão deve ser „ a cada um inteiramente livre, mas por- „ que provoca á rebellião as tropas leaes „ da mesma augusta Senhora. O que por „ ordem expressa de S. M. I. participo a „ v. s.ª para sua intelligencia. Deus guar- „ de a v. s.ª, París em 6 de janeiro de „ 1832. — Candido José Xavier. — Sr. Ro- „ drigo Pinto Pizarro. „

(*a*) Esta carta foi do dia 20, e não 26.

Para bem se comprehender todo o merecimento d'este acto, direi as causas e os motivos que o produzírão. Já n'estes mesmos *Annaes* eu disse como uma parcialidade, meia estrangeira e meia Portugueza, quiz lançar mão de D. Pedro para o fazer novamente rei de Portugal, apesar das suas reiteradas abdicações. Achando porém grandes contradicções entre muitos Portuguezes, e alguns gabinetes estrangeiros, mudou de proposito, e começou a trabalhar para lhe dar a regencia na minoridade da Rainha sua filha. N'este novo projecto ainda se estava meditando em segredo; quando uma casualidade o fez apparecer; e foi ella a seguinte. Estava-se imprimindo em París um folheto, intitulado = *Parecer sobre os meios de restaurar o governo representativo em Portugal por dous conselheiros da coroa constitucional, Filippe Ferreira de Araujo e Castro, e Silvestre Pinheiro Ferreira*, o qual, tendo a data de 15 de novembro de 1831, só se publicou no principio d'este anno. Casualmente o coronel R. P. Pizarro pôde haver uma prova de imprensa d'esse mesmo folheto; e como lhe parecesse, que a tendencia d'elle era para dar a regencia a D. Pedro, assim como para inculcar as maximas do governo que elle devia seguir n'esta qualidade, então, sem hesitar, e em um momento, escreveo e publicou a sua *Norma das Regencias de Portugal*, obra, que dêo mo-

tivo ao officio de Candido José Xavier, que acima fica transcripto (*b*). Pela circumstancia, que acabo de mencionar, bem se póde vêr com que vontade deveria ser recebido um folheto, que hia destruir planos que se estavão combinando, e expôr á deliberação e debates do publico uma resolução que já se tinha tomado como invariavel e certa. As razões da *Norma das Regencias* erão inquestionaveis, e trazião comsigo o sêllo que de ordinario trazem as grandes verdades; e por isso o odio, que se levantou contra ellas, devia ser proporcionado; porque nada offende tanto como a verdade, quando a ella se não póde responder.

A incompetencia, e até o modo irreflectido com que se tratou esta questão, questão, que devia ser lealmente discutida, causárão não só desgostos, porém serios receios para o futuro. Porque, sejâmos justos, que figura fazia n'aquella épocha D. Pedro em París? Era exactamente a de um homem particular; e de mais a mais a de um cidadão Brazileiro; porque não erão ainda passados muitos dias que tinha feito authenticar o nascimento de sua filha como Brazileira. E que se póde dizer de Candi-

(*b*) Ao folheto dos *Conselheiros da coroa* respondêrão logo, além do coronel Pizarro, José Ferreira Borges, nas suas *Observações*; Leonel Tavares Cabral, no seu *Opusculo sobre a carta de C. J. Xavier ao coronel Pizarro*, e *Additamento á Norma das Regencias*; e os dous irmãos Passos, no seu *Parecer* sobre a mesma questão.

do José Xavier? Que não era mais que um simples secretario de um individuo particular, que nenhuma authoridade legal possuia, ou havia assumido sobre os Portuguezes. Por tudo o que fica dito se vê, que n'este procedimento mais alguma cousa houve do que leviandade, e que n'elle, sem disfarce, já se desmascarava um despotismo. Sim, como, sem faltar a toda a imparcialidade da historia, se póde desculpar que na presença da carta constitucional se déssem ordens para que o coronel Pizarro fosse prêso em paiz Portuguez antes de ser processado e julgado; e isto pelo supposto delicto commettido em um paiz estrangeiro?

Depois d'este acto tão desagradavel seguio-se outro, que, apesar de não revestido de tão assustadoras circumstancias, todavia augmentou os receios futuros. No dia 13 d'este mez D. Pedro, depois de haver por vezes assegurado ao conde de Saldanha que faria com elle parte da expedição contra o usurpador, mandou-o chamar a sua casa, e ali lhe declarou que o não podia levar comsigo, dando-lhe por pretexto, que alguns governos estrangeiros se oppunhão á sua hida; e que até a Hespanha entraria em Portugal *com cincoenta mil homens*, se ella se realisasse! Este acto de intriga, e intriga de *Camarilha*, sendo para insultar o conde de Saldanha, dêo-lhe uma celebridade, a que elle nunca podia pertender; porque

attribuir a um só homem a necessidade de pôr em movimento cincoenta mil homens, foi dar-lhe com effeito um pêso enormissimo na ordem social Portugueza. Mas os pequenos espiritos, ou as pequenas capacidades, raras vezes percebem as inconsequencias que infallivelmente resultão de suas mesquinhas concepções; porque a verdadeira causa, que todo o mundo conhecia, para affastar Saldanha era já mui antiga, e toda ella se fundava no baixo ciume que causava a popularidade que elle tinha no povo e no exercito, e popularidade, que certos intrigantes, á força de a quererem destruir, todos os dias augmentavão. Temeo-se, por tanto, a sua influencia nos futuros destinos da patria; e por isso o quizerão sempre arredar de todos os negocios até que se virão com a corda na garganta, e então gritárão por elle que os viesse salvar, e elle os salvou. Todo o empenho estava em dar ao conde de Villa-Flor o commando da expedição para lhe grangear uma certa celebridade, porque era instrumento docil, o que até áquelle tempo não tinhão achado em Saldanha; mas que, desgraçadamente para elle e para nós, vierão finalmente encontrar! Mas não antecipemos successos, e successos bem tristes; nem por ora eclipsemos dias de gloria.

O conde de Saldanha, depois de um interessante dialogo que teve com D. Pe-

dro, respondeo: que nas circumstancias tão desagradaveis em que o collocavão não tinha elle outro remedio senão obedecer, porque antes se queria sacrificar do que sacrificar a nobre causa da patria. Accrescentou porém que a sua reputação exigia que fizessem publicos os motivos por que não lhe era permittido tomar parte na expedição, no que D. Pedro consentio; e em consequencia d'isto Saldanha fez uma especie de circular aos seus amigos com data de 13, e que mandou imprimir, na qual expôz as razões por que se via excluido da nobre empreza de concorrer para a restauração do throno legitimo, e da liberdade constitucional da sua patria. Vendo porém o desgosto e descontentamento geral que esta publica communicação havia operado em todos os leaes e bons Portuguezes, e temendo que muitos d'elles, por desalento, deixassem de cooperar para a grande obra em que a elle se lhe não consentia tomar parte, fez, mandou imprimir e publicar outra nova circular dirigida aos seus amigos com data de 18 d'este mesmo mez, na qual encarecidamente recommendou a todos, que tivessem meios para se transportarem para os Açores, não perdessem a importante occasião de ir sustentar a liberdade da sua patria. Este nobre procedimento do conde de Saldanha produzio um grande effeito, porque logo todos, os que podérão achar meios para partir, as-

sim o fizerão; e com isto se não se envergonhárão, ao menos se desgostárão os inimigos da verdadeira liberdade que, estultos, talvez se tinhão persuadido que, excluido o conde, nenhum de seus amigos, ou por desalento ou por vingança, correria a alistar-se debaixo das bandeiras da patria que se hia resgatar.

Em quanto isto se passava em París procurava-se representar em Londres uma esperteza politica entre os emigrados. No dia 14 appareceo na legação Portugueza uma especie de requerimento em nome dos mesmos emigrados para se pedir a D. Pedro que, ao partir para a expedição, se declarasse logo regente do reino. Mas como para lhe dar uma apparencia de unanimidade de vontades era necessario que elle fosse authorisado com muitas assignaturas, tomou para si o trabalho de as sollicitar José da Silva Carvalho, persuadido que bastava a sua influencia para que não houvesse emigrado que recusasse ir escrever o seu nome. Não aconteceo porém assim; porque apesar de todas as seducções, de todas as promessas, e até de alguns terrores e ameaços, segundo então constou, entre 180 ou 200 emigrados que então havia em Londres apenas se achárão 28 até 30 que cedêrão a taes insinuações, entrando no numero destes fracos ou illudidos alguns criados de servir, e até não sei se um ou dous Brazi-

leiros, tudo para fazer numero. O que, se não he em tudo verdade, ao menos, he o que eu geralmente então ouvi dizer, porque eu não fui dos que assignárão a tal petição ou requerimento. Tentou-se ao mesmo tempo em Plymouth, onde havia 50 ou 60 emigrados, a mesma farça, ou a mesma esperteza; porém ali achárão os authores d'esta adulação a mesma resistencia, pois apenas podérão obter dezoito assignaturas, entre as quaes, para fazer numero, constou que figurárão os nomes de algumas creanças pertencentes a uma das notabilidades da emigração. Na persuasão que este projecto sería bem succedido em Londres e Plymouth, tentou-se realisá-lo tambem em París; e já para a sua execucção estava marcado o dia; porém ou porque ali já soubessem o que se passava em Inglaterra, ou porque fossem de antemão avisados de que em vez de uma lista de assignaturas hião achar-se com um extenso numero de protestos contra tal medida, desistírão ainda a tempo da sua pertenção; e por este modo a legação de París não passou pelo desgosto que passára a de Londres.

Este projecto de assignaturas hia combinado com todas as manobras já anteriormente ou calculadas ou postas em pratica para fazer de D. Pedro o chefe de um partido que queria governar, e gosar á sombra d'elle. Esperava-se dar por este modo uma

especie de legalidade a um acto verdadeiramente inconstitucional, cubrindo-lhe a torpeza com uma especie de vontade geral que assim o exigia ; mas como vissem suas esperanças baldadas, não só desistírão da medida, mas até se disse que fôra desapprovada, e que á legação de Londres particularmente se estranhára o passo que dera, e que assim ella tivera a recompensa que sempre tem todas as emprezas mal succedidas. Para isto tambem creio que mais circumstancias concorrêrão, e fôrão ellas: a primeira, ter-se quasi immediatamente começado a escrever tanto em París como em Londres ácêrca da legalidade da regencia de D. Pedro, a que dêo logar o escripto de Filippe Ferreira e Silvestre Pinheiro, intitulado *Parecer dos dous conselheiros*, no qual se insinuava que elle podia e devia tomar a regencia na minoridade da Rainha. A segunda foi talvez o reflectir-se que, para dar a regencia a D. Pedro, se começavão a seguir os mesmos passos e a mesma marcha que antes se havia seguido em Lisboa para estabelecer a usurpação de D. Miguel. E tal era a similhança que em ambos estes actos via toda a gente, que não entrava nos mysterios d'este projecto, que em Londres o instrumento principal d'este manejo erá vulgarmente denominado o *Manuel Cypriano* da emigração, tudo por allusão ao que este ultimo, sendo escrivão ou procurador do se-

nado de Lisboa, ali tinha praticado em 1828 a favor de D. Miguel. O célebre Inglez *Sheridan* disse uma vez fallando dos wighs, ou os chamados liberaes de Inglaterra, que elles não fazião outra cousa senão levantar paredes para contra ellas quebrarem as cabeças: assim aconteceo agora aos que combinárão, e quizerão executar o plano de ganhar assignaturas a favor da regencia de D. Pedro, porque levantárão uma parede contra a qual quebrárão suas cabeças, pois que completamente falhárão em seus planos.

No dia 17 d'este mesmo mez morreo em Lisboa uma insigne monstruosidade moral e politica, que foi o prior mor de Christo D. Luiz de Mendonça Furtado. Foi este homem, desde a sua mocidade, um aggregado de vicios, e depois tomou sempre uma parte mui activa em todas as conspirações, que se tramárão, e effeituárão contra a liberdade. Filho bastardo do ramo segundo da casa de Barbacena teve logo um notavel lógar na jerarchia ecclesiastica, que foi o de deão de Braga; e ali a sua vida publica foi uma constante serie de intrigas contra um dos mais veneraveis prelados que tem tido a igreja Portugueza, que foi o respeitavel arcebispo D. Fr. Caetano Brandão. D'ali passou a ser nomeado prior mor de Christo; e ultimamente havia sido nomeado pelo usurpador D. Miguel arcebispo de Braga; isto he, d'aquella mesma igreja que

elle antes tinha escandalosamente maculado com seus máos costumes e intrigas. Morreo, comtudo, sem ter tido tempo para ir novamente macular o arcebispado com sua escandalosa presença.

No dia 18 D. Francisco d'Almeida fez uma circular convidando, em nome de D. Pedro, quasi todos os fidalgos que se achavão em París para o acompanharem na expedição. Além d'estes tiverão tambem convite particular os officiaes-generaes Azeredo, Vasconcellos, Saraiva, e mais alguns escolhidos, offerecendo-se a cada um por ajuda de custo para a viagem de 500 até 1:500 francos, com a clausula distincta de que todos os convidados erão chamados para cooperarem com os seus serviços para a expedição. N'este chamamento bem se vê que houve toda a parcialidade, porque havendo tantos emigrados em França, e entre elles officiaes tão distinctos, e cubertos de feridas, nenhum caso se fez d'elles, ao passo que no numero dos escolhidos erão convidados Rendufe, Candido José Xavier, Mousinho da Silveira, e algumas creanças, pertencentes á alta aristocracia. Mas nada tanto escandalisou geralmente a todos do que vêr-se que, convidando-se Azeredo, Vasconcellos, e Saraiva, se não fizesse caso de Stubbs, de Diocleciano Cabreira, José Maria de Moura, José Corrêa de Mello, e outros officiaes de reconhecidos e relevantes serviços. A camarilha, que

tinha mais medo da integridade politica d'estes e outros homens de bem, do que aborrecimento á usurpação, e ao absolutismo que a tinha promovido, creado, e sustentado, antes quiz privar-se de braços, capacidades, e vontades tão notaveis e uteis do que levar comsigo individuos que receava podessem transtornar seus projectos.

Todavia este proceder tão inaudito, e de grande escandalo, produzio entre todos os homens de bem tamanha indignação e censura, que os authores d'esta indecente manobra fôrão forçados a recuar em seus projectos, porém sempre de maneira que bem derão a conhecer seu caracter e suas vistas. Dous dias antes da partida de D. Pedro para Belle-isle, que foi no dia 25 d'este mez, forçados pelo clamor publico, fizerão uma convocação geral a todos os que quizessem tomar parte na expedição, declarando porém logo, que, não havendo meios pecuniarios para lhes dar, recorressem elles aos que podessem haver para a viagem. De maneira que para os seus escolhidos houve 500, e 1500 francos disponiveis para cada um, mas para os outros se tinha de repente estancado o thesouro. Com as sommas que se derão a homens que não tinhão outro merecimento senão o de saberem entoar hymnos ao poder que se queria levantar, se podia certamente pagar a viagem de muitos bons e uteis officiaes e voluntarios; porém

não era isso o que se queria; o plano todo estava em impedir que certa gente, com quem não podião contar para certas tramas politicas, fizesse parte da expedição, para o complemento da qual pensava a sua politica que elles sós bastavão. Miseraveis! que sería d'elles se no Porto não tivessem a seu lado esses bravos, que tanto desprezárão! Terião hido á forca ou terião fugido como algumas vezes pertendêrão! Julgavão emfim que inhabilitando o conde de Saldanha de acompanhar D. Pedro, os seus amigos se recusarião por vingança a tomar parte na briosa empreza da restauração da liberdade, e da patria; como porém pela circular do conde e do clamor geral se vissem enganados, recorrêrão então ao novo estratagema de fazer o convite geral, e só na vespera da partida de D. Pedro, declarando que não havia para elles dinheiro, quando para os amigos o havia de sobejo. N'esta esperteza, bem pouco decente, ficárão ainda enganados, porque tamanho insulto, feito a toda a officialidade e mais emigrados, bem longe de os desanimar e fazer desistir do seu brio e do seu patriotismo, antes os animou ainda muito mais a procurarem todos os meios para se porem a caminho. Vendêrão o que podérão, recorrêrão á generosidade dos amigos, e até achárão nos estranhos, e nas mesmas damas Francezas, por meio de subscripções voluntarias, os auxilios suf-

ficientes para não ficarem excluidos de ter parte nos destinos da patria. D. Pedro sahio com effeito no dia 25 para Nantes, caminho de Belle-isle, com a sua comitiva escolhida, e apoz elle para o mesmo destino se fôrão dirigindo todos os que podérão por seus proprios meios fazer a mesma jornada.

No dia 27 d'este mesmo mez os generaes Stubbs, Diocleciano Cabreira, e José Maria de Moura, que estavão residindo em Dunkerque, vendo que erão excluidos de tomar parte na restauração da patria, e que esta exclusão poderia dar motivo a falsas conjecturas ácêrca do seu comportamento politico, fizerão uma publica declaração pela imprensa de como estavão promptos a servir, de como esperavão ser para isso convidados, e de como para este convite estavão caracterisados por todos os seus longos serviços passados. Fez este escripto uma grande sensação publica tanto entre os Portuguezes como entre os estrangeiros, porque quando se vião excluidos taes homens, e convidados outros que não valião tanto como elles, não podia isto ser senão em consequencia de baixas intrigas. Até a camarilha, que rodeava D. Pedro, sentio o golpe que lhe dava esta energica declaração; mas, para mostrar sempre que só a violencia he que a podia fazer obrar alguma cousa boa, querendo em parte remediar este acto, por tal

maneira se houve que não ganhou para si melhor conceito do que o que antes tinha. Convidou-se afinal o general Cabreira por aviso ou carta assignada por Candido José Xavier com data de 4 do mez seguinte para que fosse tomar o commando de alguma gente que ainda restava para embarcar depois da sahida de D. Pedro; porém não se fez caso nem do honrado general Stubbs, o intrepido defensor do Porto no anno de 1826, nem de José Maria de Moura, que ficárão de parte, em quanto outra gente, que não valia metade do que elles valião, foi convidada, e se lhe derão todos os auxilios precisos. Porém a sua reputação ficou vingada pela opinião geral dos seus compatriotas, e até pela dos Francezes, entre quem vivião, porque em escriptos publicos mostrárão a veneração e respeito em que os tinhão. No capitulo 76, e ultimo do livro 3.° dos *Annaes de Tacito* diz este, que na morte de *Junia*, sobrinha de Catão, irmã de M. Bruto, e viuva de Cassio, fôrão diante do seu funeral, como era costume, as imagens de vinte antiquissimas familias; porém que Bruto e Cassio muito mais brilhárão n'este magnifico cortejo, por isso mesmo que as suas imagens ali não apparecêrão. O mesmo eu agora digo ao conde de Saldanha, ao general Stubbs, e a muitos outros distinctos militares, que não fôrão convidados por D. Pedro para ter parte na expe-

dição, que seus nomes muito mais brilhárão no conceito dos verdadeiros Portuguezes, livres e honrados, por isso mesmo que não apparecêrão n'essa mesquinha, e pouco *cavalheira* lista dos escolhidos.

No dia 2 de fevereiro o duque de Bragança foi para bordo da fragata, *Rainha de Portugal*, que estava em Belle-isle; e de lá publicou o seu manifesto com a data d'aquelle mesmo dia. Agradou elle geralmente, á excepção do paragrapho em que mostrava pertenções á regencia do reino na minoridade de sua filha, e parecia inculcar que a podia exercer em consequencia do artigo 92 da carta constitucional. O author d'estes *Annaes* publicou então em Londres um pequeno escripto de que lhe não veio pouco odio, com o titulo de *Reflexões sobre um paragrapho do Manifesto do Senhor D. Pedro, Duque de Bragança, datado a bordo da fragata Rainha de Portugal, aos 2 de fevereiro de* 1832. N'ellas dêo livremente a sua opinião sobre o impedimento legal que D. Pedro tinha para ser regente na minoridade de sua filha, a não ser que se alterasse a carta constitucional para esse effeito; e d'aqui he que vierão os odios, porque todo aquelle que não queimava incensos sobre o altar do poder que se pertendia levantar, era logo levado á lista dos reprovados. No dia 5 do mesmo mez toda a guarnição dos navios que estavão em Belle-isle, e pertencião á expedi-

ção, prestou juramento de fidelidade á Rainha D. Maria II., e á carta constitucional.

No dia 9 d'este mesmo mez o ministro Abreo e Lima dêo a saber que tinha recebido uma especie de circular, assignada por Candido José Xavier, pela qual se convidavão os emigrados, que vivião em Inglaterra, e na Belgica, a embarcar para a ilha Terceira. Foi porém notavel esta circular por tres circumstancias mui dignas de reparo; a 1.ª porque sendo datada de París em 24 de janeiro, na vespera em que D. Pedro d'ali sahio para Belle-isle, só no dia 9 do mez seguinte se fez menção d'ella; 2.ª porque se não derão providencias algumas para a viagem dos convidados, ao passo que bem sabido era que elles não tinhão meios alguns pecuniarios; que estavão individados nos paizes onde residião; e que sem algum auxilio pecuniario a maior parte se não podia mover do sitio em que estava; 3.ª porque costumando-se para qualquer cousa pôr uma especie de edital na casa da legação Portugueza em Londres, se omittio para este caso o quasi geral antigo costume, e em vez d'elle se encarregou o vice-consul *Rebello* de fazer os avisos, os quaes assim mesmo se não fizerão individualmente como a importancia do negocio exigia. Tudo isto fez crêr á gente sensata, que sabía avaliar as cousas, que o tal aviso fôra uma simples farça, que com o titulo de convite era an-

tes um verdadeiro *desconvite.* Mas em tudo isto havia muita coherencia, porque por um lado temião as censuras da publica opinião, e por isso fazião esta apparencia de convites; e por outro os fazião de maneira que não podessem produzir effeito, ou pelo menos mui pequeno, quando de todo se não podesse estorvar. E não só se empregavão estes meios para impedir que certa gente da emigração, isto he, a que era decidida e verdadeiramente liberal, não tomasse parte na expedição pelo receio que tinhão lhes transtornasse seus futuros projectos, porém recorrião ainda a mentiras para se desculparem de não terem chamado certos homens insignes por seu patriotismo, e bons serviços. Já antes disse como os generaes Stubbs, Cabreira, e José Maria de Moura não fôrão particularmente convidados como tantos outros, que não valião tanto como elles, o tinhão sido; e como afinal o general Cabreira o fôra extraordinariamente; agora accrescentarei a anecdota seguinte, que provará o que acabo de estabelecer. Hindo este ultimo para Belle-isle, ou Brest, em consequencia do seu chamamento, passou por París, e ali teve uma conferencia com o conde de Funchal, em que se fallou na declaração que os tres generaes tinhão feito em razão de não haverem sido convidados. Então disse o conde ao general, que pelo que respeitava a Stubbs, não tinha el-

le motivo para se queixar, pois constava que *não podia servir* pelo seu máo estado de saude, que inteiramente o impossibilitava de marchar. A isto respondeo o general Cabreira, que era uma insigne falsidade, porque o general Stubbs conservava toda a sua robustez e saude; e, alem d'isto, tinha os mais ardentes desejos de servir. Por esta circumstancia se vê, a que meios de intriga se recorria para desviar da expedição homens de tamanho merecimento como o general Stubbs, ao mesmo tempo que se estavão recrutando tropas estrangeiras, e officiaes que as commandassem.

No dia 10 sahio emfim D. Pedro de Belle-isle na fragata *Rainha de Portugal*, levando na mesma conserva os que o tinhão acompanhado de París, entre os quaes, segundo creio já referi, figuravão os nomes de Candido José Xavier, conde de Villa-Real, Rendufe, e outras notabilidades de que D. Pedro andava rodeado. Mas como commensaes na mesma embarcação só consta de poucos que tivessem esta distincção; os nomes dos quaes mais adiante mencionarei quando relatar a sua chegada aos Açores. Por agora só basta saber que não foi sem os soccorros espirituaes, porque, para lhe alliviar a consciencia, se fosse preciso, levou comsigo o reverendo padre *Marcos*, ecclesiastico de nome, e digno de tão importante e alta escolha.

No dia 29 sahio de Belle-isle a segunda divisão, pertencente á expedição, com direcção aos Açores, composta de novecentos a mil emigrados, entre officiaes, e voluntarios, e todos commandados pelo general Diocleciano Cabreira. No emtanto as pessoas que tinhão a direcção d'este negocio, bem longe de facilitarem e suavisarem os incommodos d'esta viagem a todos estes e outros individuos que estavão espalhados pelas diversas provincias de França, antes lh'os augmentavão e aggravavão para vêr se podião realisar certos planos que tinhão em vista, e que julgavão não poderião effeituar com a presença de muita gente que desapprovava a sua politica. A anecdota, que passo a referir, vai verificar o que acabo de dizer. Havia em Belle-isle um barco de vapor, chamado *o Soberbo*, destinado, segundo se tinha annunciado, para transportar os primeiros emigrados que á pressa, e só chamados quando D. Pedro já tinha partido, hião correndo para o logar do embarque. Já estes tinhão a bordo as suas pequenas e pobres bagagens, e estavão a ponto, conforme cuidavão, de se embarcar, quando de repente, e como ás escondidas, lhes desembarcárão o seu pequeno fato, e na noite de 14 d'este mez desappareceo do porto o dito barco de vapor, levando ainda comsigo alguma rôpa pertencente aos que n'elle devião embarcar. Na madrugada do dia

15, quando se soube a retirada do navio foi geral, como era de esperar, a indignação dos que estavão para embarcar n'elle, e com mais especialidade a d'aquelles que se achárão de repente sem as suas pobres e pequenas bagagens. Espalhou-se então, muito de proposito, que o vapor tinha fugido, e ninguem no emtanto se atreveo a suspeitar que essa fuga apparente fosse um acto combinado dos que ali estavão cuidando do embarque, um dos quaes era *Manuel Gonçalves de Miranda*, como membro da commissão chamada de fazenda (*c*). Mas vendo-se depois que o tal barco de vapor tinha hido para um dos portos de Inglaterra, e este visinho de Londres, e que nem as authoridades Portuguezas, nem os papeis publicos, e nem mesmo a companhia, a quem se tinha fretado, levavão a mal este caso, ou dizião uma só palavra a tal respeito, começou-se

(*c*) Para se ajuizar da fiscalisação que ali havia em todas as despezas que se fazião para os embarques, transcreverei o paragrapho de uma carta que um habitante de Belle-isle escreveo, com data de 27 de março seguinte, para Paris a mr. *Vaire*, pessoa mui conhecida dos Portuguezes. He elle o seguinte no original. „ J'ai cru de mon de„ voir de lui ecrire á Nantes (*refere-se ao coronel João Frei„ re Salazar*) pour le premunir contre les turpitudes en „ tout genre qu'il est destiné, sans s'en douter, a cou„ vrir de son manteau, s'il suit les erremens de Mr. *Mi„ randa*, qui pour avoir negligé la surveillance requise dans „ un pays ou l'on ne connoit persone a grandement nui „ aux interets financiers de D. P. „

N. B. Eu conservo em meu poder a carta original d'onde copiei este paragrapho.

então, e com justo motivo, a suspeitar que em tudo isto havia mysterio, e mysterio não só de engano, mas de um descaramento insolito. Com effeito, como se poderia acreditar que um navio fretado em Londres debaixo de certas e determinadas condições houvesse de ter fugido para junto do mesmo logar, onde o capitão e a tripulação havião de achar um prompto castigo da sua infidelidade e seu roubo? Foi esta, por tanto, uma d'essas espertezas em verdade muito estulta e ridicula, que, com outras muitas d'esta ou similhante natureza, pinta bem ao natural o caracter de muitos que tiverão alguma direcção dos nossos negocios durante a emigração.

O motivo que se dêo para este acto de tão absurda politica foi que, receando-se que o barco de vapor pela sua ligeireza levasse á ilha Terceira, antes que lá chegasse D. Pedro, muitos dos emigrados, que podessem contar o que se passava em Inglaterra, quizerão por este modo prevenir aquelle possivel acontecimento, praticando um acto não só desleal porém barbaro, porque em virtude d'elle se fez que muita gente ficasse esperando em Belle-isle por muitos dias uma nova opportunidade para embarcar; que outra ficasse sem a sua pouca, mas essencial e necessaria bagagem; e que emfim todos tivessem mais tempo de privações e tormento (*d*). O destino, que afinal teve

(*d*) O motivo verdadeiro que geralmente se dêo a este

este barco de vapor, depois de se haver por muitos dias gritado *simuladamente* contra o capitão e guarnição d'elle, foi o mandar-se para Falmouth, e n'elle fazer-se embarcar com despachos Luiz de Mello, filho de Pedro de Mello, que havendo já tomado passagem em um navio da praça que levava alguns Portuguezes para a ilha, se mandou immediatamente passar para o dito barco de vapor, e n'elle se embarcou á custa da fazenda publica. Consta que n'elle fôrão mais tres emigrados que estavão em Falmouth, mas que para isso pagárão a sua passagem; vindo por fim este transporte, que estava destinado para levar, por conta da administração Portugueza, muitos individuos, a levar um só, que mereceo esta graciosa distincção.

Ainda referirei outra anecdota que mostra bem qual era o caracter d'aquelles que pertendião annullar a abdicação de D. Pedro; e quaes erão os meios de que para esta indignidade elles se servião. No dia 4 d'este mesmo mez de fevereiro foi vista e lida em Londres uma proclamação sem nome ou assignatura, dirigida aos *ministros da religião* em Portugal, datada de Angra na ilha Terceira aos 29 de janeiro proximo pas-

acto insolito foi, que na esperança de haver na ilha alguma *acclamação* a favor dos projectos de D. Pedro, não querião que certa gente lá chegasse antes d'elle; o que podia succeder hindo no vapor.

sado. Foi este um dos varios estratagemas estupidos que certos individuos empregavão para illudir e seduzir o povo Portuguez a favor da abdicação em que querião involver, para proveito d'elles, a pessoa de D. Pedro; mas elle foi ainda por esta vez desmascarado pela comparação das datas entre a supposta da ilha Terceira, e a da sua apparição em Londres. N'esta notavel proclamação, em que se induzia o clero Portuguez a que convidasse o povo a esperar tudo de D. Pedro, e a inculcá-lo como o unico para quem devia olhar, nem uma só palavra se fallava na Rainha, nem na carta constitucional; o que bem indicava quaes erão as tenções dos fabricadores d'este e outros papeis clandestinos. Eu, que muitos dias depois vi e li este papel, n'elle igualmente li a declaração manuscripta da pessoa que o tinha visto em Londres 4 ou 5 dias depois da falsa data que tinha; e ao mesmo tempo com a pessoa que m'o mostrou comparei o papel em que a tal proclamação estava impressa com o de um numero da *Aurora*, outro impresso clandestino da mesma fabrica, e canal dos mesmos principios, e vi que era exactamente o mesmo tanto na côr como no tamanho.

Os papeis, que para este fim se imprimirão ou fossem com o nome de *Auroras* (*e*), ou de certas proclamações, não tinhão

(*e*) No primeiro n.º d'este periodico, que se attribuia

nome de impressor, nem se distribuião em Londres; e n'isto se mostrava que erão só destinados para clandestinamente enganar e seduzir o povo de Portugal, que, gemendo debaixo de uma atroz tyrannia, tudo julgava bom e legitimo uma vez que servisse para o livrar do flagello que tão brutalmente o atormentaya: porque a não ser assim, como era preciso que se fizessem estas publicações clandestinas? Logo os seus authores, assim com os seus instigadores e auxiliadores erão os primeiros que se denunciavão a si proprios como authores da pouca lealdade com que escrevião e publicavão suas doutrinas. Comtudo, ainda isto não era nada em comparação da deslealdade que em todo este negocio se empregava. Todas estas publicações não tinhão outro fim senão o de clara ou disfarçadamente formar uma opinião

---

aos redactores do *Paquete de Portugal*, e numero impresso com a data de 6 de dezembro de 1831, o qual eu li assim como outros muitos numeros, escreveo-se o seguinte em pag. 11, e em uma apostrophe dirigida aos soldados Portuguezes em favor de D. Pedro. „ *N'elle* (D. Pedro) terá „ fim o reinado da impostura e da crueldade, *n'elle* come„ çará o regimen da lei, e os actos de beneficencia e per„ dão, que hão de para sempre marcar a differença entre „ o dador e defensor da carta constitucional, e o usur„ pador da coroa que *pertencia* á Rainha que havia de ser „ sua espôsa. „ He de notar que em toda esta arenga, e em todo aquelle folheto só d'esta vez se falla na Rainha; e parece que muito de proposito em tempo *preterito* em vez do *presente*. Não era melhor grammatica, e não ficava melhor o dizer-se *da coroa que pertence á Rainha*? O leitor leia, e medite.

a favor de D. Pedro em prejuizo de sua filha, a Rainha D. Maria II.: queria-se que todas as attenções se dirigissem para elle, e que a Rainha representasse sempre uma figura secundaria. E que significava isto? He que fallando-se sempre em D. Pedro, magnificando suas virtudes, e até indicando muitas vezes, sem disfarce, seus direitos ao throno, ao mesmo passo que pouco ou nada se fallava na Rainha, sem duvida alguma se pertendia dispôr o povo a consentir ou em uma nova usurpação, ou na violação da carta, para lhe dar um poder que por ella lhe não competia. E com que meios se dirigia e propagava tudo isto? Com o proprio dinheiro emprestado em nome da Rainha D. Maria II.! Assim, em nome desta joven e innocente Menina, se pedia dinheiro para ser *politicamente* assassinada. E por quem? Não direi por seu pai; porém por aquelles, que, em seu nome, trabalhavão; e com o pretexto de o servirem, só servião suas proprias ambições, manchando o credito do pai da sua Rainha (*f*).

No dia 22 d'este mez de fevereiro che-

(*f*) *Não queremos rei mulher!* era a frase dos *chamados* amigos de D. Pedro. Quanto á despeza que se fazia, por exemplo, com a *Aurora*, semanalmente, alguem me disse, que andava por 12 libras sterlinas; das quaes 8 se gastavão com a impressão em Londres, e 4 hião para Falmouth para pagar o seu expediente para Lisboa. E a par d'isto muitos emigrados morrião de fome; e o *Manifesto dos Direitos da Rainha* estava por pagar!

gou D. Pedro á ilha de S. Miguel, dia notavel para os Portuguezes; porque em um tal dia, quatro annos antes, tambem D. Miguel, seu irmão, desembarcou em Lisboa. E no dia 24 chegou á ilha Terceira, como sua vanguarda, a fragata *D. Maria II.*, levando a seu bordo os condes de Paraty, de Lumiares, de Villa-Real, e da Taipa; marquez de Fronteira; barão de Rendufe; D. Thomaz de Mascarenhas; generaes Saraiva, Vasconcellos, Azeredo; e José da Silva Carvalho; os quaes, como seus precursores, lhe hião dispôr o caminho para uma entrada feliz. Por esta circumstancia parece que na embarcação em que sahio de Belle-isle, que foi a fragata *Rainha de Portugal*, só fôrão admittidos para o acompanhar os marquezes de Loulé e Palmella; Candido José Xavier; Mousinho da Silveira; e Agostinho José Freire, para a parte politica; e para a religiosa e de consciencia o reverendo padre Marcos Pinto Soares Vaz Preto.

N'este mez chegou tambem a Londres a noticia, vinda de Lisboa, que D. Miguel tinha permittido aos Jesuitas hirem tomar posse de uma parte das suas antigas casas de Coimbra, hoje chamada o *Collegio das Artes*. Em consequencia d'isto para lá tinhão partido alguns individuos d'aquella resuscitada ordem, acompanhados pelo mui conhecido fr. *Fortunato*, monge de S. Bernardo,

o qual, como novo director da *ignorancia* do reino, foi destinado para lhes dar a posse d'aquelle estabelecimento. A facção usurpadora, vendo-se na hora da agonia, quiz vêr se ainda se podia fortificar com este velho, e já decrepito apoio do absolutismo, empregando taes instrumentos na educação da mocidade; porém o tempo em breve lhe mostrou que o remedio já vinha tarde, e que a morte era irremediavel.

No dia 3 de março chegou emfim D. Pedro á ilha Terceira, havendo-se demorado em S. Miguel até o dia 2 á tarde. Notou-se que na entrada d'esta ultima ilha não déra vivas alguns á carta constitucional; e só á Rainha, sua filha; annunciárão porém os papeis publicos que ao sahir, tempo em que já tinha bem conhecido o espirito da ilha, amplamente correspondêra ás acclamações do povo e da tropa com vivas á carta e á Rainha: tanto valem os bons exemplos!

Antes de desembarcar na Terceira lhe entregou a regencia a authoridade que até ali exercêra; e elle a assumio por um acto publico, em conformidade do que já anteriormente havia annunciado no seu manifesto, datado de Belle-isle, e confirmou isto mesmo por uma proclamação que dirigio aos Portuguezes. Nomeou logo um ministerio, de que fôrão membros o marquez de Palmella para os negocios estrangeiros, com

a pasta interina do reino; José Xavier Mousinho da Silveira para os da fazenda, com a pasta interina da justiça; e Agostinho José Freire para os da guerra, com a pasta interina da marinha. Feito isto, desembarcou, e foi mui bem recebido pelo povo e pela tropa, ainda que sem grandes demonstrações de enthusiasmo, segundo todas as cartas então referírão; e isto se attribuio á má impressão que tinha feito não só a gente que o acompanhava, porém a que já antes o tinha precedido, conforme já antes declarei; accrescendo a tudo isto o ter-se dito, que no acto do seu desembarque em S. Miguel de todo se esquecêra de dar vivas á carta constitucional. Parece que este recebimento, não tão ferveroso como se esperava, lhe fez conhecer a sua posição; porque depois d'isto começou a querer ganhar muita popularidade, apparecendo em toda a parte, fallando familiarmente com todos, dando jantares e companhia em sua casa, e finalmente fazendo grandes promessas para o futuro (*g*). Declarou-se generalissimo das forças de ter-

(*g*) D. Pedro, a quem ingratos tinhão feito perder uma coroa e um imperio, que a bem d'elles tinha creado á custa da sua herança, e até da integridade da patria em que nascêra, vinha buscar n'essa mesma patria, que desprezára, o abrigo, segurança, e fortuna que na adoptiva não encontrára. Sim, vinha refugiar-se á sombra dos lares paternos. E então que lhe cumpria? Fazer esquecer por actos presentes, e promessas de futuro tudo quanto no passado lhe podia ser desfavoravel. Não tinha outro honroso caminho: — foi o da necessidade.

ra e de mar, destinadas para a expedição; e nomeou para commandante em chefe das primeiras, debaixo das suas ordens, o conde de Villa-Flôr, e para commandante das segundas, tambem debaixo das suas ordens, o vice-almirante *George Rose Sartorius*, official Inglez, que havia tomado o nosso serviço; accrescentando, que quando este estivesse em terra e na côrte teria as honras de major-general, e, segundo ellas, sería tratado e recebido. Nomeou depois para seus ajudantes de campo Candido José Xavier; Bernardo de Sá Nogueira; João Ferreira Sarmento; José de Pina Freire da Fonseca; marquez de Loulé; e conde de Ficalho.

Promulgou quasi immediatamente muitos decretos, dos quaes os mais importantes fôrão — um para levantar os sequestros dos Portuguezes fiéis, assim como os que estavão postos nos bens dos rebeldes, mostrando por este modo que a sua marcha de governo hia a ser outra que não havia sido a do usurpador. Por outro de amnistia mandou soltar todos os individuos prêsos por opiniões politicas; e n'este numero fôrão incluidos os prisioneiros feitos na acção da Villa da Praia no memoravel dia 11 de agosto. Estes, assim como outros mais decretos, fôrão todos passados em nome da Rainha, sua filha, e por um theor em tudo conforme com os principios do seu governo que tinha annunciado no manifesto; e por

isso muita admiração causou a formula de outro, pelo qual, com data de 13 de março, dissolveo a junta chamada *consultiva*, que havia sido creada pela regencia. O enunciado do dito decreto foi o seguinte: — „ A- „ chando-me eu revestido da regencia que „ *de direito me pertence pelo artigo* 92 *da* „ *carta constitucional*, &c. „ e appareceo referendado pelo marquez de Palmella. Revelou logo este facto as intenções do futuro; e pareceo bem extraordinario, que D. Pedro, o mesmo homem, que não só no seu manifesto, porém no acto de assumir a regencia, e na proclamação que a esse acto se seguio, tinha positivamente declarado, que a legalidade e continuação da sua regencia dependião da resolução das côrtes que promettia convocar logo que estivesse em Portugal; passasse de repente, e como de um salto, a affirmar que a regencia lhe pertencia *de direito* pelo artigo 92 da carta constitucional! Porém este foi um rasgo da perspicacia *politica* do marquez de Palmella!

Farei por agora ainda menção de outro decreto, com data de 16 do mesmo mez, que se póde considerar de summa importancia por tocar em um assumpto, que sempre se havia considerado como *sagrado*, e, por assim dizer, *intocavel*. Fallo a respeito dos *dizimos*, a que elle se refere, e nos quaes fez as seguintes modificações, que já abrião caminho para outras de maior importancia;

porque ha assumptos, e um d'elles era o dos dizimos, em que, por uma especie de superstição, todos receião tocar, mas que, uma vez quebrado o encanto, ficão expostos a ser tratados como outros quaesquer, ainda os mais ordinarios, e vulgares. As modificações a que me refiro fôrão: — que nas ilhas dos Açores sómente os cereaes, laranjas, e qualquer outra fructa de espinho, vinho, feijão, e favas, pagassem dizimo desde aquella épocha por adiante; e no que respeitava a Portugal e seus dominios, em quanto se não fizessem as modificações, que as localidades exigião, *desde logo e para sempre*, se não pagasse dizimo dos generos chamados de mialheiro, nem de aves, nem de outros animaes, nem de seus despojos, nem de quaesquer avenças.

No dia 22 d'este mesmo mez o bill de reforma, que havia sido apresentado pela segunda vez na casa dos communs, foi ali approvado pela maioria de 116 votos, tendo a favor 355, e contra 239. Foi este acontecimento de grande importancia não só para o povo Inglez mas para a liberdade Europea, porque se considerou como uma victoria importante do partido liberal sobre a aristocracia. A de Inglaterra vio pela segunda vez qual era o espirito publico da nação; e os governos Europeos sentírão que aquelle golpe, dado tão decididamente sobre uma classe de privilegios tão poderosa como a de

Inglaterra, não podia deixar de servir um dia ou outro de um forte exemplo para ser imitado. A perda que a aristocracia fizer em qualquer parte do mundo ha de ser sempre a precursora de novas perdas em outros paizes, porque a sua demasiada influencia, e o seu demasiado poder produzem, proporções guardadas, os mesmos intoleraveis effeitos em todos os paizes. Se a Europa inteira e a America mostrão tamanha tendencia para as fórmas democraticas he pela tenacidade com que a aristocracia e os reis procurão manter direitos incompativeis com a liberdade e prosperidade das nações. Assim estas, como diariamente se illuminão, apesar do muito que se trabalha para as conservar ás escuras, tambem diaria, e insensivelmente se preparão para quebrar o jugo que por seculos, e só por effeito da ignorancia as tem opprimido. A época da emancipação dos povos se avisinha; estes já possuem o futuro; e a grande verdade de que *a razão acabará emfim por ter razão* não verei eu realisada, porque já estou no ultimo periodo da vida (*h*); porém hão de vê-la muitos que me lerem, nascidos em melhores dias do que aquelles em que nasci, vivi, e soffri muitos e muitos absolutismos do poder.

Um grande escandalo se publicou n'es-

(*h*) Em 20 de julho d'este anno 1832 fiz 60 annos.

te tempo em Londres, que eu refiro não como completamente verdadeiro, porém como um rumor com grandes probabilidades de verdade; porque não me tendo sido possivel verificar o facto, referirei só o que ouvi, e que por diversas vias me foi communicado. Havia em Plymouth muitos emigrados, e de todos os que ainda estavão espalhados pela Europa certamente os mais infelizes, e os mais pobres; porque muitos d'elles estavão litteralmente morrendo de fome, e apenas sustentavão a vida pela beneficencia e charidade estrangeira. Todos elles querião, e devião ir para a ilha Terceira juntar-se a seus irmãos que estavão formando a expedição contra o tyranno de Portugal; mas não foi isso permittido a todos, e só a alguns escolhidos; e n'esta escolha he que esteve o grande escandalo, porque só fôrão escolhidos e nomeados, segundo então se disse, *quatorze individuos*, e os unicos que tinhão assignado o famoso requerimento para pedir a D. Pedro que se declarasse regente. O consul *Fox*, compadecido das desgraças de tantos miseraveis, tinha feito arranjos muito economicos para que todos fossem para a ilha, e d'isto dêo parte para Londres ao ministro *Abreo e Lima*, o qual por muito tempo não respondeo. Instado afinal pelo mesmo consul, dêo por unica resposta: *que não havia meios alguns, ainda que modicos se exigissem, para os transportar*,

tendo-os antes havido de sobejo para enviar os seus *quatorze* escolhidos, ou os que na realidade fôrão!

Por esta mesma época se perpetrou pela terceira vez um grande crime contra a Polonia. Por um *ukase*, ou decreto de 25 de março incorporou o imperador Nicoláo aquella briosa e valente nação ao seu barbaro imperio. Os governos Europeos, que já tinhão visto este mesmo crime social perpetrado por duas vezes sem mostrarem sympathia alguma por aquelle grande povo, ainda d'esta vez mostrárão maior insensibilidade; porque as desmembrações antigas tinhão sido feitas em tempo em que os principios liberaes ainda estavão suffocados, e não fazião parte do direito publico de muitos estados; e debaixo d'este ponto de vista o comportamento actual, particularmente dos governos Inglez e Francez, foi na realidade *anti-Europeo*, e notavelmente impolitico. Depois da ultima revolução Franceza do anno 1830, á qual se seguio a que se operou em Inglaterra, ainda que não tão extensa como a primeira, quem poderia persuadir-se que os ministros de Luiz Filippe, e de Guilherme IV., e dirigido este ultimo por lord Grey, como chefe do partido liberal Britanico, havião de consentir, achando-se unidos pelos mesmos principios politicos, n'este tão monstruoso delicto? Mas emfim consentirão, e virão, sem se moverem, uma bar-

bara mão riscar da lista das nações a mais nobre, a mais valente, e a mais heroica de todas ellas. Já tão conhecida pelos illustres combates que havia dado a favor da liberdade da Europa, muito mais illustre vinha ella de se mostrar por esses ultimos combates de gigante que acabára de dar pela sua propria liberdade e independencia; e apesar d'isto de nada lhe valêrão nem os antigos nem os modernos merecimentos; e desappareceo com imperceptivel do catalogo das nações, bem como no deserto desapparecem imperceptiveis alguns grãos de arêa impellidos pelo vento. Um grande axioma moral podem d'este acontecimento tirar todas as outras nações, e he: que não confiem em ninguem; que olhem só para os seus proprios recursos; e que d'elles se sirvão a proposito ou para se gloriar com elles, ou para só comsigo lamentarem os seus máos resultados. O egoismo he a feição essencial de todos os governos, e tanto mais systematico e insensivel elle he, quanto mais illuminados elles são. Assim, só nos resta por agora lamentar a sorte da desgraçada Polonia, e deixemos ao tempo, que he o grão juiz das cousas e dos homens, que tome a seu cargo punir tamanha violencia do direito dos povos.

No principio do mez de abril d'este anno appareceo uma divisão das forças maritimas da Terceira diante da ilha da Madeira,

a qual divisão era commandada pelo vice-almirante Sartorius. Foi de grande proveito esta medida; porém, na opinião de muitos, e que parecião ter razão, teria ella sido de melhores consequencias para a causa da liberdade se a houvessem tomado mais cedo. Chegou D. Pedro, como já relatei, á ilha de S. Miguel no dia 22 de fevereiro, e entrou na ilha Terceira no dia 3 de março; porque se não cuidou logo em ir á Madeira, quando para esta operação estavão promptos todos os elementos? Esta falta pareceo gravissima, e produzio consequencias mui desfavoraveis; porque não tendo sahido da ilha Terceira as forças maritimas de que acima fallei senão no dia 14 de março, não conseguírão senão a menos importante parte do grande serviço que podião ter feito. Já não podérão encontrar os reforços que de Lisboa mandou o usurpador para a Madeira, e que ali entrárão; e nem mesmo podérão impedir que os navios, que os havião conduzido, voltassem para Lisboa intactos, e carregados com os despojos e roubos da ilha. Esta falta de actividade causou grande consternação aos opprimidos em Portugal, e diminuio a força moral do novo governo da ilha Terceira, á frente do qual já estava D. Pedro. Uma força maritima mandada em tempo á Madeira, e que levasse nos topes a bandeira *bicolor*, teria infallivelmente produzido a posse da mesma ilha sem dar um só tiro; porque ali ainda não serião chega-

dos os reforços mencionados; e então além da posse, era mui provavel, que tambem se agarrassem, senão todos, alguns dos vasos inimigos que se encontrassem, ou já ancorados, ou que fossem chegando. Mas o vice-almirante Sartorius já não pôde fazer mais do que declarar, e estabelecer um rigoroso bloqueio da ilha, que foi reconhecido pelas authoridades Inglezas.

No dia 28 d'este mez houve um acontecimento de que poderião ter resultado consequencias bem funestas para a causa da nossa liberdade. Foi o dia do vencimento de uma letra de 10 mil libras sterlinas, que esteve a ponto de não ser paga: e tudo pelo máo manejo, e falta de exactidão não só moral, porém mercantil, que se praticou em todo este negocio. O caso foi o seguinte: levou D. Pedro, duque de Bragança, ao sahir de París, um credito de 10 mil libras dado pelo contratador do emprestimo mr. *Ardoin* para sobre elle se negociarem letras sobre Londres em qualquer das ilhas dos Açores. Desembarcou D. Pedro, como já referi, em S. Miguel no dia 22 de fevereiro; e apenas ali chegado negociou logo o dito credito com a casa Portugueza de *Silveira*. Toda a pessoa que tem o menor conhecimento das operações mercantís sabe como estas se fazem nos casos ordinarios; e só não o soube fazer o homem já designado para as finanças *Mousinho da Silveira*, a quem se attribuio,

não sei se com verdade, esta operação; porque tambem constou que ella se fizera sem o conhecimento do marquez de Plamella. O ministro designado, se he certo haver sido o author, estabeleceo um novo methodo, e bem extraordinario, o qual foi fazer com que D. Pedro, *por seu proprio punho*, endossasse o credito original a pagar á ordem do dito Silveira, e o convertesse assim em uma letra de cambio; lançando por consequencia sobre o duque de Bragança *individualmente* todos os riscos e responsabilidades inherentes a todo o indossante de letras. D'aqui resultou vêr-se pela primeira vez um fenomeno que nunca se tinha visto na praça de Londres, que foi apparecer a firma de um Principe, que figurava de soberano, em operações verdadeiramente mercantís. O risco a que elle se expôz ou expozerão por esta estupida ou maliciosa operação, podia ser mui grave, porque supponhâmos que os acceitantes do credito quebravão, e que o mesmo acontecia ás firmas que elle tinha, quaes erão as consequencias? Voltar o credito protestado sobre D. Pedro, e ter elle de pagar á vista ou de quebrar tambem. Supponhâmos mais, por um momento, que o mesmo duque de Bragança, D. Pedro, não pagava por qualquer motivo que occorresse, e que o credito voltava casualmente para Inglaterra, ficava elle n'este caso exposto á mercê do possuidor do mesmo credito que

o podia mandar prender quando quizesse!

Talvez esta lembrança occorresse ao sagaz conselheiro da operação, quem quer que elle foi, para se livrar elle mesmo de toda a responsabilidade, e a fazer recahir sobre D. Pedro; porque a não ser isto assim a tal operação mostrou uma demasiada ignorancia. Nem se pense que as supposições, que deixo mencionadas, fossem aerias, ou difficeis de acontecer; porque nunca houve acontecimento que mais proximo estivesse a realisar-se do que este que fica referido na primeira hypothese. Se não tivesse apparecido um Portuguez, e esse *unico* entre quantos se procurárão, o qual foi Henrique José da Silva, que, pelo acto de um novo importantissimo serviço, nos salvou ainda d'esta vez, expondo-se a ficar sacrificado, Deus sabe quaes serião as consequencias que resultarião d'este caso.

Eu disse que n'este negocio tinha havido falta não só de exactidão mercantil, porém moral; e como já declarei em que consistio a primeira, referirei agora em que consistio a segunda, e como ella dêo causa a que os emprestadores não se prestassem a cumprir o seu credito. Este não se devia negociar senão já depois que D. Pedro estivesse na ilha Terceira, e revestido da authoridade da regencia; por isso que aquelle dinheiro era dado ao governo estabelecido e não a um particular, clausula, em que o

mesmo D. Pedro tinha concordado, pois que quando se exigio aquella somma foi com o pretexto de ser só empregada no acto do embarque das tropas para Portugal. Em segundo logar tinha igualmente promettido D. Pedro, ao sahir de Belle-isle, dirigir-se directamente á Madeira antes de chegar á Terceira; porque havia toda a probabilidade, pelas noticias confidenciaes recebidas, de que aquella ilha se entregaria; o que de certo teria acontecido, porque ainda a esse tempo não lhe podia ter chegado o reforço mandado de Lisboa, e que só ali entrou no dia 8 de março. Se D. Pedro tivesse cumprido o que estava ajustado, haveria entrado de certo na Madeira; esta noticia, chegada a Londres, teria augmentado o credito do emprestimo; e os emprestadores, por consequencia, poderião ter lançado no mercado uma quantidade de fundos não só sufficientes para cubrir este credito, mas para outras despezas, que ainda se tornassem necessarias. Deixando porém D. Pedro de cumprir quanto antes tinha promettido não só pôz os emprestadores em difficuldade, mas ficárão entendendo, que o que sómente se queria era lançar mão do dinheiro por qualquer maneira que fosse; e que do mais pouco ou nenhum caso se fazia. Tudo isto fez com que os mesmos emprestadores não só se vissem em difficuldade para satisfazer o credito que tinhão dado, mas que não tives-

sem vontade de o cumprir, fazendo recahir toda a responsabilidade na pessoa de D. Pedro e seus conselheiros. Em razão de todos estes acontecimentos se escreveo para París; e a ex-imperatriz, com mais juizo e prudencia do que seu marido, mandou para Londres *Francisco Gomes da Silva* (*i*), que arranjou cousa de cinco ou seis mil libras sterlinas; e o resto, como já referi, foi apromptado por intervenção de Henrique José da Silva, o *unico*, que acabou com todas as difficuldades, e salvou o credito de D. Pedro, e talvez com elle a causa Portugueza, ameaçada de um naufragio, quando já estava proxima do porto. E não só o mesmo generoso Portuguez, apromptou a somma que faltava, mas contentou-se de receber a quantia que adiantou em *scrips ao par* do novo emprestimo, quando elles n'aquella mesma occasião perdião meio por cento, e ainda quando por esse mesmo preço, e muito menor ainda os poderia ter comprado no mercado se a firma de D. Pedro não tivesse sido honrada. E muito mais digno de louvor foi este procedimento, porque tendo-se antes contentado com o pequeno premio de 1 por cento pela agencia activa e decisiva que havia empregado na execução do emprestimo, e premio que se lhe tinha affiançado; ainda n'aquella época nada por esta conta

(*i*) Antigo criado do imperador D. Pedro.

tinha recebido: circumstancia, que elle lembrou ao marquez de Palmella na sua correspondencia de 27 do mez antecedente para que a participasse a D. Pedro, de quem então já era ministro na ilha Terceira.

No dia 30 de abril se pagou emfim, depois de perto de tres annos de divida, o resto que ainda estava por pagar ao impressor do manifesto ácêrca dos direitos da Rainha D. Maria II.! Este procedimento escandaloso por parte dos administradores da fazenda publica, durante a emigração, foi um d'aquelles que menos desculpa podia ter, e por isso o mais censuravel de todos; porque não só foi indecente, mas visivelmente dêo a entender, que nenhum caso já se fazia da Rainha, que se tinha jurado, e que se pertendia abandonar o culto recebido para abraçar a *idolatria* (*k*). Este escandalo, em verdade, não se podia desculpar; porque nunca ao mesmo tempo tinha faltado dinheiro para todas as publicações clandestinas, taes como essa famosa *Aurora*, que desmentia seu nome por ser publicada entre as trevas do mysterio e do segredo. Por ellas se os direitos da Rainha não erão abertamente combatidos, pelo menos se annunciavão elles como duvidosos, ou como capazes de poderem ser substituidos por outros, que já

(*k*) Já se sabe, *politica*; porque o principal artigo do *credo* dos idolatras era: — *não queremos rei mulher.*

voluntariamente, e pelo modo mais authentico tinhão caducado (*l*).

No artigo da administração e distribuição de dinheiro publico houve sempre, desde o principio da emigração, uma grande parcialidade, ou antes abuso; porque em quanto a muitos, debaixo do titulo de subsidios, se davão sommas enormes, a outros, como os voluntarios, e academicos, apenas se davão alguns *pences* diarios que mal chegavão para matar a fome. Em quanto se passavão mezes sem se darem os pequenos subsidios á totalidade dos emigrados, era voz constante, que se pagavão dividas de jogo e de outras mais dissoluções; e em quanto, emfim, os que tinhão o nome de governo consumião salarios, absudarmente exorbitantes, grande parte da emigração não tinha um pedaço de pão para comer. Como prova de que o dinheiro publico quasi sempre se distribuio por caprichos, e por affeições a certos principios, ou a certas pessoas, direi ainda o que se segue. Em quanto todos os emigrados, exceptuando os que na realidade estavão impossibilitados ou pela idade ou pelas doenças, se offerecião com toda a boa vontade para pegarem em armas, e fazerem parte da expedição contra o usurpador, desprezavão-se *os nacionaes*, deixavão-os

(*l*) Os de seu pai, que voluntaria e solemnemente tinha abdicado a coroa na pessoa de sua filha, a Rainha.

na miseria, e pobreza, e se recrutavão *estrangeiros*, e só pelo motivo de contarem mais com estes do que com aquelles para a execução de certos planos politicos, que, por muito tempo, se tiverão em vista, e se procurárão realisar. Afinal, para que não houvesse indignidade que se deixasse de commetter n'este conluio de preferencias de homens e principios, referirei um caso importante, que dará bem a conhecer em que espirito se tratárão os nossos negocios, tanto politicos como financeiros.

Determinou-se organisar em París dous batalhões estrangeiros, e se incumbio esta operação ao coronel João Freire Salazar. Para servir de official n'estes mesmos batalhões pedio elle o Portuguez emigrado major Lopes Andrade, e isto lhe foi concedido sem difficuldade. Mas lembrando depois aos individuos, authorisados para este e outros arranjos, que o dito major era um particular amigo de Saldanha, e que só por esta circumstancia devia ser excluido, recorrêrão a um estratagema, digno da sua invenção, para o excluirem, o qual foi: dizerem-lhe, que convindo que o primeiro batalhão partisse immediatamente para a ilha Terceira, elle, como official de intelligencia e confiança, devia ficar ainda em França para organisar o segundo. Com toda a boa fé acreditou o major n'esta declaração; e passando a executar a sua commissão com todo o zêlo

e actividade, e tendo já o batalhão completo ou quasi completo, de improviso lhe vierão intimar, que já o tal batalhão não podia ir para a ilha, porque faltavão os meios pecuniarios! Esta resolução imprevista lhe foi communicada por Manuel Gonçalves de Miranda que, conjunctamente com D. Francisco de Almeida, que representava ministro da Rainha, o tinha convidado para a formação d'aquelle batalhão. Assim por este estratagema se enganou muita gente que já estava alistada; e se illudio a commissão dada ao major Andrade, que, por ser amigo particular de Saldanha, toda a gente acreditou se não quiz empregar.

No principio de maio d'este anno chegárão a Londres as primeiras noticias, mais circumstanciadas, da marcha que hia tomando o novo governo, presidido por D. Pedro. As cousas mais importantes d'esta nova administração fôrão as seguintes. — Um decreto, com data de 29 de março proximo passado, pelo qual se permittio a liberdade do ensino publico. Outro, com data de 3 de abril, para abolir, e reformar certas collegiadas e conventos. Um terceiro, com data de 4 do mesmo mez, para abolir certos morgados. E alguns outros, com datas de 18, 19, 20 e 21 do mesmo mez, sobre o estanco do tabaco, diminuição de sizas, e outros diversos objectos.

No dia 3 d'este mez de maio se publi-

cou no café de Lloyd's, na praça de Londres, o bloqueio da ilha da Madeira por uma divisão da esquadra de operações em nome da Rainha D. Maria II. Esta participação official foi ali mandada pela secretaria dos negocios estrangeiros por ordem de lord Plamestron, o ministro d'aquella repartição, e tinha a data anterior de 30 de abril proximo passado. Assim quiz o governo Britanico no anniversario de um dos grandes crimes de D. Miguel dar-lhe o annuncio da sua inevitavel proxima quéda. Foi, com effeito, este o primeiro signal publico, bem que indirecto, que o ministerio Inglez dêo de reconhecimento da legitimidade da Rainha; pois que approvou a primeira medida hostil, que, em seu nome, se tomava contra o roubador do seu throno. Outro novo signal d'este reconhecimento se esperava que logo succedesse ao primeiro, qual era a admissão de um embaixador extraordinario em nome da mesma Rainha. Para este fim chegou a Londres no principio d'este mez o célebre velho diplomata *conde de Funchal*, homem, que tão conspicuamente já antes tinha figurado na côrte de S. James durante a guerra peninsular; e assaz conhecido pelos seus principios anti-liberaes, que manifestou pela imprensa não só contra a revolução de 24 de agosto do anno 1820, mas contra os seus principaes cooperadores (*m*). Um grande a-

(*m*) Em uma publicação anonyma impressa em Londres

contecimento politico que houve em Inglaterra, e que foi a dimissão que o ministerio *Grey* dêo de seus empregos no dia 9 d'este mez, retardou comtudo a sua apresentação diplomatica, e até a tornou, senão sem effeito, ao menos duvidosa. Aquelle ministerio se dimittio em consequencia de vêr que na camara dos pares se fazia uma invencivel opposição ao bill da reforma, proposto pelo dito ministerio. Mas este acontecimento produzio ainda outros de maior momento, que rapidamente passo a referir.

Foi, como disse, no dia 9 d'este mez de maio, que o ministerio voluntariamente se dimittio em consequencia da opposição que achou na casa dos pares a respeito do bill da reforma, que mui claramente se manifestou em uma discussão accidental, em que os ministros ficárão vencidos. O rei Guilherme IV., por fraco, ou por inclinação,

---

no anno 1823 com o titulo de *Introducção ás notas supprimidas em* 1821, ou *Raciocinio sobre o estado presente e futuro da monarchia Portugueza.* O titulo das notas he: — *Notas ao pertendido Manifesto da nação Portugueza aos Soberanos da Europa*, publicada em Lisboa a 15 de dezembro 1820. Foi reimpressa em Londres em 1830. Do mesmo diplomata, que em verdade era homem de muito saber, ha uma obra tambem anonyma, e talvez rara, porém muito interessante, e que tem por titulo: — *La guerre de la peninsule sous son veritable point de vue*, ou *Lettre a Mr. L'Abbé F***.* Esta obra foi escripta em italiano, e publicou-se em Italia em 1816. Foi depois traduzida em Francez pelo conde de Subserra, Pamplona, e se publicou em 1819. He mui curiosa a *Taboa chronologica*, que se acha na mesma obra.

lhe acceitou a dimissão, e se foi lançar nos braços da aristocracia, ou dos *tories*, que era o fim principal que estes tinhão havia muito tempo em vista; e para o que tinhão recorrido a toda a qualidade de intrigas, em que tinhão feito entrar a rainha. Depois de tres dias de manejos e conferencias occultas appareceo lord Wellinghton nomeado primeiro ministro no dia 12 com plenos poderes para formar um ministerio inteiramente da sua laia; mas depois de ter batido a muitas portas, não achou ninguem que com elle se quizesse associar. Até os mais ardentes antireformistas tiverão pejo de se associarem com elle, vendo que estava prompto, só para saciar sua pouco briosa ambição, a propôr uma nova medida de reforma, *contra a qual* até ali sempre se havia furiosamente declarado, e até solemnemente *protestado* (*n*). Concorreo tambem para isto a firme e energica proposta que na camara dos communs fez n'este meio tempo lord Ebringhton para que se fizesse conhecer ao rei que a nomeação do duque de Wellighton não podia ter a confiança nem o apoio d'aquella camara, pois que nunca se poderia supportar um homem, que tivesse o descaramento de se apresentar diante dos representantes da nação com um bill de reforma em uma mão,

(*n*) Elle e outros membros da camara dos lords tinhão feito um protesto contra a segunda leitura do bill da reforma.

e com o seu protesto contra elle na outra: pois que isto, em uma palavra, sería um signal da maior immoralidade politica que se podia imaginar. Accrescentava ainda que os *communs* tinhão tido, e ainda conservavão, toda a confiança no ministerio de lord Grey; e assim só poderião auxiliar um ministerio que estivesse fundado nos mesmos principios. No emtanto toda a nação estava em um geral e unanime movimento: os ajuntamentos erão universaes nos tres reinos: as petições e resoluções para a conservação do ministerio de lord Grey erão assignadas por milhares de pessoas de todas as classes e jerarchias: as uniões politicas se formavão, se augmentavão, e se fraternisavão por toda a parte: e em toda esta massa immensa de publica opinião não havia senão uma unica voz, e um unico sentimento, que era: — um odio geral ao ministerio do duque de Wellinghton; — o bill da reforma, tal e qual se achava para ser approvado na camara dos pares, e que já tinha sido acceito pela nação em nome dos seus representantes; — e por fim a declaração formal, de que o povo *não tornaria a pagar tributos* para o estado em quanto o bill da reforma não passasse inteiro e inviolavel como estava. Esta mesma declaração se pedia á camara dos communs; e n'ella estes mesmos sentimentos já se começavão a manifestar.

O duque de Wellinghton, apesar de

toda a sua affectada intrepidez, não pôde resistir a esta torrente da opinião; e depois de se vêr desamparado completamente do publico, e até dos amigos, em quem mais se fiava, passou emfim pela vergonha de se dar por vencido, e, passados tres dias, foi entregar nas mãos do rei a commissão de que elle vaidosamente se tinha incumbido. Guilherme IV. como visse a derrota de seu campeão, a força irresistivel da publica e geral opinião, e até quanto já tinha perdido na estimação do povo pelo máo tratamento que pessoalmente recebêra mais a rainha na sua vinda de Windsor para Londres, recorreo então de novo a lord Grey, e o convidou para que quizesse continuar no ministerio juntamente com os seus antigos collegas. Antes que este negocio se concluisse houve por espaço de tres dias grandes negociações, porque o antigo ministerio não se queria tornar a incumbir da administração publica sem garantias sufficientes para levar a effeito o bill da reforma. As mais essenciaes erão a creação dos novos pares, se isto fosse necessario, cuja creação havia sido o notavel ponto de discordia; porque se dizia, que isso já antes tinha promettido o rei, mas que, ao chegar ao momento de realisar a sua promessa, havia faltado á sua palavra, induzido pela camarilha dos *tories*, presidida e auxiliada pela rainha. As negociações tiverão emfim um feliz resultado, e

no dia 18 annunciou o ministerio Grey ás duas camaras do parlamento que tinha reassumido as suas funcções com authorisação completa para empregar todos os meios que fossem necessarios para fazer passar o bill *inteiro e inviolavel* conforme se achava na camara dos pares para a sua final approvação.

Grande, maravilhosa, e de importantissimas consequencias foi com effeito esta victoria. Foi ella o cumplemento da revolução da prodigiosa semana de julho em París; e veio cortar pela raiz esse tronco já meio pôdre e carcomido da santa alliança, que na aristocracia Ingleza punha ainda todas as suas esperanças, e como invencivel capitão d'ella considerava o duque de Wellinghton. Tres dias durou o combate de gigantes que derão os Francezes; e em nove dias se completou em Inglaterra a dispersão dos inimigos que, depois da derrota Franceza, se tinhão vindo acolher debaixo das bandeiras da aristocracia Ingleza. A quem não conhece os costumes Inglezes deve parecer cousa espantosa, que uma tamanha e tão difficil obra se concluisse sem se derramar uma só gôta de sangue, quando em París tantas victimas foi preciso sacrificar para a victoria do povo; mas esta differença esteve só no estado pratico de liberdade em que se achavão ambos os povos, differença, que em poucas palavras eu agora exporei.

Em França havia principios theoricos

da liberdade consagrados na carta, e em consequencia d'elles havia alguma liberdade politica exercida pela representação nacional; porém faltava-lhe a liberdade pratica, a liberdade civil, que pertence não a uns poucos mas á massa inteira dos cidadãos. Em uma palavra, os Francezes, á sombra da carta, erão governados quasi á maneira dos governos despoticos; porque com uma liberdade de imprensa mui precaria, com a liberdade pessoal arbitrariamente sempre violada, e com o poder militar sempre preparado contra as suas menores acções e seus mais pequenos movimentos, tinhão constantemente suspenso sobre suas cabeças o poder violento da força, que só por outro violento poder da mesma força podia ser destruido. Assim a revolução que Carlos X. intentou fazer contra a liberdade, por meio das suas *ordenanças*, sendo toda fysica e dirigida pela força, só tambem fysicamente, e por meio de outra força podia ser anniquilada; como com effeito assim aconteceo, e de que resultou o grande derramamento de sangue que houve para se ganhar a victoria. Não estavão os Inglezes nas mesmas circumstancias: com menos liberdade politica do que os Francezes tinhão comtudo uma somma immensa de liberdade civil, e esta já habitual e antiga; e por isso podendo exercê-la legalmente sem ser contrariada pela força, e por consequencia sem violencia, o-

perárão a sua revolução sem sangue, e ganhárão sobre a sua aristocracia uma das maiores e mais memoraveis victorias que a liberdade tem alcançado sobre os abusos e a pertinacia dos seculos. Tanto val a posse e o gôso pacifico da liberdade para prevenir as revoluções politicas dos povos, e ao menos que não sejão sanguinolentas!

Por este modo se vê que todo este importantissimo combate, que houve entre a aristocracia e o povo, foi absolutamente moral, porque aquella, sendo aggressora, combateo legalmente por meio da camara dos pares, e este tambem se defendeo pelos meios legaes tanto com a arma da imprensa, como com as suas reuniões, com as suas petições, e emfim com as suas numerosas associações; tudo, em verdade, um bem calculado preparativo de guerra, porém no emtanto sem ser necessario rompê-la, nem recorrer ás armas; o que de necessidade teria acontecido se o ataque, como o de França, fosse feito por meios illegaes e pela força, porque n'esse caso só por outra força he que teria sido repellido. De tudo isto resulta, que estas duas grandes revoluções da liberdade victoriosa devem servir para todos os povos de grande e instructiva lição, fazendo-lhes lembrar que até as nações livres tem a vantagem de fazer as suas revoluções sem perda de vidas e fazenda, o que he impossivel que aconteça com as que se achão

governadas pelo poder absoluto, que não conhece outro modo de as dirigir senão pela violencia e pela força. Esta memoravel revolução de maio do anno 1832 teve ainda a vantagem de tornar mais prudente a aristocracia Ingleza; e de annunciar á aristocracia Europea, que já não podia contar com a infallibilidade da sua poderosa alliada.

No fim d'este mez de maio um novo acto do ministro das finanças de D. Pedro, *Mousinho da Silveira*, mostrou ainda a sua pouca capacidade ácêrca dos negocios da sua repartição. Sacou uma letra de cambio sobre uma casa de Londres pelo valor de 18$000 e tantos francos; e n'esta transacção mercantil commetteo um grande numero de erros, ou faltas de bom juizo commercial. Foi a primeira o assignar a letra, o que nenhum homem que diz ser secretario d'estado deve assignar: 2.ª não fez o aviso competente, o que he de absoluta necessidade em taes casos: 3.ª sacou em francos para um paiz onde não corria tal moeda: 4.ª declarou na letra o emprego do dinheiro, e isso com descredito e deshonra do governo que representava, porque n'ella fez saber, sem necessidade, e contra todos os estilos do commercio, que aquella somma era *dinheiro adiantado* do fretamento de um navio; declarando assim á face do mundo que o governo, a quem servia, tão pouco credito tinha que não podéra fretar aquelle navio sem lhe

pagar o *frete adiantado*, o que nunca acontece senão quando se está em um completo descredito: 5.ª emfim, assignou a letra com os seus sobre-nomes *todos em breve*, que por tal fórma nenhum estrangeiro os podia comprehender. O resultado de toda esta longa serie de ignorancias e desacertos foi, que a letra *não se pagou*, e por consequencia foi *protestada*!

Com os mais prosperos auspicios para a liberdade começou o mez de junho d'este anno. No dia 4 foi approvado na camara dos lords de Inglaterra o bill da reforma parlamentar, tendo a favor 84 votos, e contra só 22 em uma assemblea composta de 106 membros. Depois da ferida mortal que já antes a aristocracia Ingleza tinha levado pela impossibilidade que teve lord Wellington de formar um ministerio, e pelo novo chamamento do ministerio de lord Grey, completou esta decisão a decadencia, e progressiva nullidade politica d'aquelle velho colosso. Depois d'esta época já não he possivel que elle torne *exclusivamente* a dominar aquelle paiz, que por seculos governou; porque organisada a camara pelo novo regulamento do bill, e vindo a ter aquella camara uma melhor representação nacional, o que antes não tinha, porque representava quasi exclusivamente a aristocracia, as suas deliberações devem ser mais nacionaes e populares. Esta medida, depois de tanto

tempo exigida, não só alterou o estado politico e civil de Inglaterra, porém ha de ter necessariamente uma poderosa influencia na politica dos governos estrangeiros. Antes d'esta época grande parte das guerras em que entrou Inglaterra foi para conservar o poder não só da sua propria aristocracia mas da aristocracia Europea; porém agora he de presumir que as guerras, quando as haja, hão de ter mais solidos fundamentos, e que estes serão unicamente os verdadeiros interesses da nação. A opposição que os ministerios aristocraticos Inglezes fizerão á revolução Franceza, e essa ultima atroz e pertinaz, que lord Wellinghton nos fez para nos impedir o estabelecimento de um systema constitucional, fôrão particularmente meditadas e executadas para manter o dominio da aristocracia. D'aqui tem resultado que para ella conservar esse dominio se acha hoje a nação Ingleza sobrecarregada de uma divida enormissima, e talvez impagavel; e por isso he de crêr, que não tornará a haver camara dos communs que possa authorisar tamanho abuso de poder, como esse que até esta época se tinha tão arbitrariamente tornado dissipador das riquezas da nação, impondo um jugo sobre o povo que quasi lhe tem chegado a ser insupportavel.

No dia 7 d'este mesmo mez se completou a obra do bill da reforma pela approvação que lhe dêo el-rei; e com esta ultima

formalidade ficou sendo uma lei constitucional. Guilherme IV., mal aconselhado, perdeo n'esta occasião a opportunidade de recobrar a popularidade que havia perdido quando chamou lord Wellinghton para lhe formar um novo ministerio, acceitando a dimissão de lord Grey; porque se recusou a ir pessoalmente dar o seu assenso ao bill na camara dos pares, como o povo desejava. Fez este acto por commissão, o que se costuma fazer nos casos ordinarios; mas o caso era extraordinario, e pedia mais alguma demonstração publica, afim de fazer vêr á nação a boa vontade com que exercia aquella prerogativa real. Não o fez, e o povo, que lhe tinha dado o titulo de *rei reformador*, desde logo assentou em lh'o não confirmar; porque se persuadio, e com razão, que só como violentado, e pela força das circumstancias he que tinha approvado o bill: persuasão, que parecia bem fundada, reflectindo-se nos acontecimentos anteriores. Assim os reis parecem destinados a perder todo o bom senso tanto que se sentão sobre o throno; porque de ordinario se constituem em perpetua hostilidade com os povos. E então porque se queixão se o nome de *republica* chega algumas vezes a resoar em seus ouvidos!

Em uma gazeta Portugueza, publicada em Londres com o titulo de *Portuguez Constitucional*, apparecêrão em o n.° 12 com da-

ta de 12 de junho d'este anno os tres documentos seguintes, que são mais uma prova do quanto devemos ser agradecidos á politica ou generosidade Ingleza, quer ella se componha de *tories* ou *wighs*, sendo os ultimos os que tinhão então a direcção dos negocios publicos, e por chefe da administração o ministro lord Grey. Achavão-se quasi todos os emigrados Portuguezes, residentes em Plymouth, litteralmente morrendo de fome, e no maior desamparo, porque nem erão soccorridos pelos agentes dos nossos negocios, nem ao menos se lhes tinhão dado meios para se transportarem para os Açores, *quando os havia para transportar estrangeiros*, tendo-os requerido, e offerecendo-se a servir como voluntarios na expedição que se formava contra o usurpador. N'este apuro vinte e tres dos mais necessitados, esperando achar mais humanidade nos estranhos do que nos seus, resolverão-se a recorrer á generosidade do rei Guilherme IV. por via do seu ministro dos negocios do interior, visconde *Melbourne*. No governo Britanico encontrárão porém exactamente a mesma sympathia que até a aquella época tinhão encontrado nos seus proprios naturaes; e os documentos de que acima fallei vão servir de prova. D'elles o primeiro he o seguinte.

„ Senhor. Os emigrados Portuguezes, „ subditos do mais antigo alliado de V.

„ M., estão luctando contra a maior miseria
„ por falta de subsidios, que a embaixada
„ Portugueza na tabella de 30 de abril de
„ 1829 lhes havia arbitrado, mas que ha
„ vinte e cinco mezes que não são pagos,
„ não obstante as reiteradas supplicas para
„ esse effeito. V. M. não ignora que ne-
„ nhuns outros subditos de qualquer nação
„ emigrárão por causa mais justa; porque
„ procede de haverem tomado uma parte a-
„ ctiva em defeza da liberdade da sua pa-
„ tria, e dos direitos da sua joven e ado-
„ rada Rainha, a Senhora D. Maria II.;
„ do que claramente se deprehende que
„ nunca emigrados alguns fôrão tão dignos
„ da generosidade das nações civilisadas,
„ onde, como elles, achárão asylo. Os e-
„ migrados esperão que estas considerações
„ e as reflexões a que ellas dão logar, se-
„ rão sobejas para mover o philantropico
„ coração de V. M. a outorgar-lhes o bal-
„ samo consolador da beneficencia afim de
„ os abrigar da nudez e da fome. Isto com
„ o maior respeito se animão os emigrados
„ a sollicitar; e cheios de confiança o es-
„ perão da conhecida munificencia de V.
„ M. „ — Seguem-se 23 assignaturas. — Ply-
mouth, 14 de abril de 1832.

„ Ex.mo snr. — Os emigrados Portugue-
„ zes, residentes em Plymouth, encareci-
„ damente rogão a v. exc.a o obsequio de
„ levar á presença de S. M. o incluso me-

„ morial; e com profundo respeito sollici-
„ tão uma prompta resposta logo que v. exc.ª
„ possa convenientemente obtê-la. — Sou &c.
„ Ao visconde de Melbourne, ministro e
„ secretario d'estado dos negocios do rei-
„ no. — Assignado = Francisco Rebello Lei-
„ tão Castello-Branco. — Plymouth, 14 de
„ abril de 1832. „

„ Ill.mo sñr. — O visconde de Mel-
„ bourne me ordena participe a v. s.ª que
„ a petição dos emigrados Portuguezes, re-
„ sidentes em Plymouth, na qual implorão
„ a real munificencia, foi apresentada a el-
„ rei; e s. exc.ª sente que não hajão fun-
„ dos alguns dos quaes S. M. podesse ter
„ sido aconselhado a conceder o auxilio re-
„ querido. — Sou &c. — Sñr. F. R. L. Cas-
„ tello-Branco. — Assignado = John Phili-
„ ps. — White hall, 26 de maio de 1833. „

O author d'estes *Annaes* espera que os Portuguezes, que chegarem a lêr os documentos que acaba de transcrever, fiquem por uma vez persuadidos do desprezo com que os emigrados fôrão tratados pelo governo Inglez, e de como se lhe devem mostrar agradecidos quando para isso tiverem occasião. De certo esta não ha de faltar, porque não he de presumir, que o mesmo governo nunca mais precise de nos chamar os *seus mais antigos alliados*; o que entre mil acasos depende, por exemplo, de uma guerra continental: então será proprio responder-lhe,

além de outras muitas, com estas decisivas provas da sua amisade.

Com o longo intervallo de oito mezes se fez emfim no dia 11 do presente mez um pagamento mensal a alguns emigrados em Londres, e tão atrazado, que foi o que correspondia ao de 15 de janeiro até 15 de fevereiro do anno 1830. Assim mesmo para que nada sahisse com o cunho da justiça e do bom senso da casa da legação Portugueza se praticou ainda n'esta distribuição a maior irregularidade que se podia imaginar. Pôz-se por base do pagamento, que só se pagaria aos necessitados presentes, e que se não admittirião procurações dos ausentes, como se entre elles não houvesse tambem verdadeiros necessitados (o). Mas como esta base proposta não fosse senão uma combinação desgraçada fôrão logo tantas as queixas e tantas as reclamações, que os excluidos da lista fôrão tambem pouco a pouco restituidos ao livro que se podia denominar *livro da vida*. Tudo isto se teria podido evitar se tivesse havido n'esta operação discernimento e espirito de charidade; porque se todos os emigrados houvessem sido convocados com lealdade e boa fé, d'elles se teria sabido quaes estavão em circumstancias de poderem ceder do que lhes pertencia para ser distri-

(o) As procurações de muitos erão para pagar suas dividas com os subsidios devidos.

buido com maior abundancia pelos que estavão em extrema necessidade. Não se fez porém nada d'isto; e o resultado foi que quasi ninguem ficou satisfeito, e mais ainda pelo *modo grosseiro* com que começárão a ser tratados nas ordens que se lhes derão para receberem seus pagamentos. Não he costume em Inglaterra passar uma ordem para dinheiro a qualquer que seja, ou nobre ou plebeo, sem o tratar pelo titulo ou prenome equivalente ao nosso de *senhor*; porém Abreo e Lima assentou que Portuguezes, seus compatriotas, não erão dignos d'esta distincção de civilidade, e lhes negou o que elle mesmo não ousaria negar ao seu *carniceiro* se lhe désse um *bill* ou huma ordem para ir receber algum dinheiro. Comtudo, havendo afinal quem altamente estranhasse esta grossaria, particularmente em uma ordem escripta em Inglez, constou-me que, depois d'esta severa admoestação, houvera reparação e emenda. As ordens, ou *bills*, escriptas em Inglez, em vez de dizerem — pagará ao *senhor fulano* a quantia de tal, dizião simplesmente — *pagará a fulano*; o que era o maior insulto, e desprezo com que se podia tratar um homem em Inglaterra.

No meado d'este mez chegou a Londres a noticia de se ter levantado o bloqueio da Madeira no dia 25 de maio passado, o qual, como já disse, as nossas embarcações

ali tinhão estado fazendo, depois que sahírão da ilha Terceira. Foi este bloqueio feito tarde e ás más horas, e em tempo de já não poder prevenir o reforço que, como tambem já mencionei, entrára na ilha, mandado de Lisboa; mas que, apesar de tardio, foi sempre dar esperanças e animo aos constitucionaes da mesma ilha, e da pequena povoação de Porto-Santo. Assim ficou desamparada toda aquella boa gente, e entregue a todas as violencias do governo usurpador, agora mais pesadas com o reforço que as veio animar. Achando-se, durante tres mezes, as nossas forças maritimas nos Açores, nada fizerão, nem cousa alguma prevenírão. Podendo no emtanto ter formado o bloqueio do porto de Lisboa, e assim ter impedido que d'ali sahissem reforços para a Madeira, ou emfim o d'esta ilha, nada fizerão, e se conservárão por mais de tres mezes ociosas; e por este modo deixárão de augmentar tanto a força fysica como a moral da nossa causa.

No dia 19 d'este mesmo mez estando el-rei de Inglaterra assistindo a um publico divertimento de corridas de cavallos, denominado *Ascot-Races*, e que he de costume annual, foi insultado por um homem, chamado *Dennis Collins* de idade de 57 annos, o qual lhe atirou uma pedrada que, dando-lhe no chapéo, felizmente o não ferio. Tinha aquelle homem servido na marinha real,

em cujo serviço tinha perdido uma perna, e em consequencia d'isto gosou primeiramente de uma pensão annual, e depois tinha sido admittido no hospital dos invalidos em *Greenwich*. Havendo sido expulso d'este estabelecimento, segundo então se affirmou, pelo seu máo proceder, e achando-se reduzido ao estado de mendigo, parece que tinha feito diversos requerimentos a el-rei para recobrar a sua pensão, e que em nenhum d'elles tinha sido attendido. Escandalisado por isto recorreo a aquelle acto de desesperação; ou pelo menos, a esta só causa foi elle então politicamente attribuido. O caso he, que Guilherme IV. tinha a esse tempo perdido muita popularidade em consequencia do que antes referi, quando chamou lord Wellinghton para lhe formar o novo ministerio pela forçada dimissão do de lord Grey; e não foi então para admirar que esta circumstancia désse ousadia bastante a aquelle homem para se aventurar a um acto verdadeiramente desesperado. Com effeito, se os exemplos fossem capazes de doutrinar os reis, e fazer-lhes vêr quão depressa podem passar do amor dos povos para a indignação e desprezo d'elles, este caso acontecido com Guilherme IV., sería mais que sufficiente para lhes mostrar o cuidado que devem ter em todas as suas acções. Acclamado por toda a parte, como rei *reformador*, recebido em todos os logares com um enthu-

siasmo quasi levado ao delirio do amor e gratidão, perdeo em um só dia toda esta universal affeição, e chegou a tempo de não poder vir do seu palacio de Windsor para Londres pelo mesmo caminho que antes costumava, em consequencia dos insultos que n'este seu transito se lhe fazião; pois que em vez dos antigos applausos só vituperios ou desprezos começou a receber. D'aqui podem aprender os reis, se d'isto são capazes, que devem fazer todo o caso da opinião publica, a qual sempre se funda, quando he geral, no interesse do povo. Nem a devem ter ou avaliar em pouco, pois que o dia do amor ou do respeito póde ser a vespera do dia do odio ou do desprezo.

Houve em França n'este mez um caso mui importante não só pelas consequencias proximas que d'elle resultárão, porém pelas que para o futuro ainda podião manifestar-se. Por occasião da morte do patriota e illustre general *Lamarque*, e da pompa funebre do seu funeral, em que o povo de París quiz tomar parte em agradecimento a seus insignes trabalhos pela causa da liberdade, começou um barulho muito serio, que acabou em um combate ainda mais serio entre as tropas e uma grande porção do povo. Aconteceo isto nos dias 5 e 6 d'este mez, e não se pôde bem averiguar quem tinhão sido os aggressores, se as tropas se o povo: o que porém foi certo he que o partido *Car-*

lista, que n'aquelle mesmo tempo estava operando com mão armada em *La Vendée*, tendo á sua frente a duqueza de Berry, quiz vêr se por esta occasião podia tambem fazer alguma cousa em seu favor; e que simultaneamente o partido republicano, debaixo de outras vistas, quiz igualmente tentar fortuna para a sua causa. Parece, comtudo, indubitavel que este ultimo partido cahíra mais no laço pelas enganadoras insinuações dos Carlistas, cubertos com o falso manto do republicanismo, do que pela perfeita persuasão em que estivessem de poderem alterar tão cedo o systema politico existente. O caso porém foi que o combate se começou, que a resistencia o tornou mais tenaz e atrevido, e que emfim n'aquelles dous desgraçados dias houve muito sangue, muita mortandade, e uma resolução e valentia, dignas de projectos mais bem reflectidos e combinados. Valeo a Luiz Filippe n'esta occasião o persuadir-se a numerosa guarda nacional de París que todo aquelle movimento era excitado pelos *Carlistas*, e n'esta persuasão, longe de tomar a parte do povo, ter combatido contra elle; porque a não ter assim succedido, aquelles dias haverião sido tão fataes para o rei cidadão, como para Carlos X. tinhão sido os de julho de 1830.

Ganhou, por tanto, o governo uma completa victoria sobre o partido *Carlista* como sobre o republicano, que, sem o sa-

ber, tinha estado servindo aquelle; mas não contente com esta importante vantagem abusou logo d'essa victoria. Em vez de entregar os delinquentes aos tribunaes ordinarios de justiça, arvorou-se em conquistador; depôz as insignias de um governo regular; e em vez de recorrer ao poderoso direito da lei recorreo ao barbaro direito da espada. Para isto collocou París em estado de cerco, como se elle estivesse nas mãos do inimigo; e não obstante ter conseguido uma victoria sobre os perturbadores, entregou depois os delinquentes a commissões militares em logar de os fazer julgar pelos tribunaes competentes. Esta medida temeraria e ousada produzio um geral descontentamento; e os accusados, desde logo, unanimemente protestárão contra a incompetencia dos tribunaes militares. Apesar d'isto, París se continuou a conservar no mesmo estado de cerco; e as commissões continuárão com os seus illegaes procedimentos. Houve porém n'ellas uma notavel contradicção, porque de seus julgamentos se concedeo recurso para os tribunaes civís, e em ultima instancia para o de *cassação*; o que não devia ter logar se aquellas commissões fossem o que costumão ser nos casos em que ellas se permittem: mas tal he o resultado das maximas, ou dos actos tortuosos dos governos que sahem dos limites da lei para o absurdo do absolutismo! Chegando as primeiras sentenças mili-

tares pelo recurso dos aggravados ao tribunal de *cassação*, este as annullou, declarando a incompetencia e illegalidade do tribunal; e o governo, que vio esta decisão, parou então em sua marcha, advertio no abismo em que se podia precipitar, e por uma ordenança de 29 d'este mez levantou o estado de cerco em que por vinte e tantos dias conservava París.

D'este procedimento inaudito em um governo constitucional, e no reinado de um homem, chamado *o rei cidadão*, que apenas occupava o throno havia dous annos em consequencia de actos absurdamente despoticos de seu antecessor Carlos X., grandes e proveitosas lições se podem tirar, e de que os povos nunca se devem esquecer. A primeira he, que nem os reis nem os governos aprendem ou se melhorão com a experiencia; e que a unica cousa que os póde conter nas raias da liberdade he a resistencia *legal*. Felizmente os Francezes empregárão esta resistencia legal por meio da mais elevada jerarchia da sua magistratura, isto he, *do tribunal de cassação*; depois de terem visto n'esta mesma classe outro tribunal de escravos, que foi a *cour royale*, o qual não se pejou de sanccionar o poder despotico que Luiz Filippe tinha assumido. Do que acabo de referir devem por tanto os Portuguezes tirar a proveitosa lição de que um dos meios mais seguros para conservar a liberdade he

ter uma *magistratura* illustrada e independente, porque por meio d'ella se póde sempre fazer uma util e effectiva resistencia a qualquer abuso do poder, quer elle seja praticado contra individuos ou contra a causa publica.

No dia 27 d'este mez sahio finalmente da ilha de S. Miguel a expedição restauradora, debaixo das ordens do duque de Bragança D. Pedro, que fôra rei de Portugal, com o nome de Pedro IV. Era ella composta de tres divisões, que tinhão por commandante em chefe o conde de Villa-Flor, e levava por commandantes de divisão os tres seguintes officiaes. Da divisão ligeira, o tenente-coronel de caçadores João *Schwalback*; da primeira de linha, o coronel de infantaria 10, Antonio Pedro de Brito; e da segunda, o coronel de infantaria 18, Henrique da Silva da Fonseca. Commandante geral da artilharia, Sebastião Drago Valente Cabreira; commandante geral da cavallaria, o conde d'Alva; commandante do corpo de engenheiros, José Dionysio da Serra; e dito do corpo de guias, o capitão de cavallaria Joaquim Paulo Arrobas. Auditor geral da expedição, José da Silva Carvalho; um dos regeneradores de 1820, e que n'essa época havia sido ministro da justiça.

Antes da sahida dos Açores fez ali a regencia de D. Pedro alguns regulamentos, entre os quaes os que n'esse tempo chegá-

rão ao meu conhecimento fôrão: um de 25 de abril, assignado pelo marquez de Palmella, creando os *voluntarios nacionaes* com a extincção das milicias, e ordenanças em todos os Açores. Outro de 10 de maio, assignado por Mousinho da Silveira, extinguindo o estabelecimento, chamado *erario, regio*, e creando em seu logar outro com o nome de *thesouro publico nacional*, com uma nova organisação das alfandegas. Outro, emfim, com data de 17 do mesmo mez de maio d'este anno, referendado pelo mesmo Mousinho da Silveira, e publicado em Ponte-Delgada, ilha de S. Miguel, extinguindo muitos conventos de frades e freiras nos Açores, com os regulamentos competentes para os extinctos, e conservados, assim como para os membros das ditas corporações, chamadas religiosas. Por aquelle decreto ficárão os bens dos conventos extinctos sendo propriedade nacional. Deixárão os conventos conservados de formar corporações com chefes geraes, ficando cada um com os seus prelados locaes, e sem dependencia de outro qualquer. Permittio-se ás freiras o poderem estar ou não nos conventos conservados, assim como o regressar a elles quando lhes conviesse, uma vez que por tempos tivessem estado ausentes. Prohibirão-se as entradas e profissões futuras nos conventos conservados, e n'elles se abolirão os carceres e prisões. Finalmente prohibio-se, com pena de su-

pressão immediata do convento, o sahir algum membro d'elle a pedir, ou a continuar nas suas antigas *correições* chamadas *peditorios*.

Havia nos Açores 15 conventos de freiras, e d'estes se supprimírão 11, e se conservárão 4. Havia 23 conventos de frades, e d'elles se supprimírão 19, e se conservárão 4. Assim, havendo em todas as ilhas 38 estabelecimentos d'esta natureza, se extinguírão 30, e se conservárão ainda 8. A todos os individuos de ambos os sexos, que ficassem vivendo nos conventos conservados, ou d'elles sahissem se arbitrou uma renda annual e vitalicia para ser paga pelo thesouro publico; e em consequencia d'isto he que aos mendicantes se prohibio a *mendicidade legal*, que elles até ali professavão para melhor serem ricos, á custa do trabalho alheio, com a apparencia de pobres.

Entre as providencias que se derão nos Açores antes da sahida da expedição para o Porto, foi uma a creação de um tribunal de justiça, ou relação nas mesmas ilhas. Mas sobre este objecto vi eu em Londres uma carta, enviada de Angra com a data de 28 de maio d'este anno, na qual Mousinho da Silveira era asperamente censurado pela nomeação de alguns membros que tinha feito para organisar e compôr aquelle tribunal. Os nomes dos individuos nomeados, que davão motivo á censura, erão os seguintes: = o de

José Leandro da Silva, antigo desembargador do Porto, para presidente da dita relação. Dizia o author da carta, que este homem não tinha boa reputação pelos logares que tinha feito em Cabo-Verde, e depois no Maranhão, d'onde havia fugido para não ser assassinado pelo povo, em companhia do notorio bispo de Coimbra, *fr. Joaquim*, frade arrabido, e um dos servos de D. Miguel. Que, além d'isto, havia sido um dos membros da alçada de Coimbra no anno de 1824, e ali votára de morte contra *José Henriques*, natural de Aveiro; e de degredo para os sertões de Africa contra mais de vinte liberaes. Emfim, que expressamente tinha sido nomeado para aquella alçada por Ayres Pinto, para dar, segundo dizia a portaria, *um grande exemplo da restauração contra a revolução.* Os outros mencionados erão um tal *Magalhães*, juiz de fóra de Ponte-Delgada, que havia acclamado D. Miguel; e um *Valente Farinha*, que, sendo tambem juiz de fóra, havia acclamado o usurpador, e assignado o auto da acclamação. O ultimo era outro juiz chamado *Serrão Veloso*, o qual, segundo dizia, havia feito tão máo logar em Miranda do Douro, que nunca mais tinha sido empregado, nem mesmo pelo governo absoluto.

Eu tenho tido sempre em vista n'estes meus *Annaes* relatar não só as cousas mais importantes que chegárão ao meu conheci-

mento sobre a longa historia da usurpação, mas ainda dar a conhecer os homens que n'esta época mais conspicuamente figurárão tanto em bem como em mal; e por isso he agora de justiça, por honra do caracter Portuguez, que resumidamente relate os serviços de um individuo que, mais que outro qualquer, concorreo para o bom resultado da restauração da nossa liberdade constitucional. Já por vezes n'esta mesma obra tenho mencionado o nome de *Henrique José da Silva*, enumerando muitos factos que provão o quanto lhe deveo a causa Portugueza; agora referirei outros de novo que mostrão que sem elle, e sem os seus continuados esforços e auxilios pecuniarios talvez a expedição restauradora, que nos salvou, ou se não podesse realisar, ou quando o podesse fosse com difficuldades quasi invenciveis. Estando esta quasi a ponto de se malograr, elle com dinheiros avultados e com o credito da sua casa e parentes foi o unico homem que ajudou e manteve o agente *Mendizabal* em todas as operações que era obrigado a fazer. Nem será possivel que este mesmo agente possa em tempo algum negar, que por muitas vezes o tirára de difficuldades perigosissimas em muitas das suas transacções; porque quando isto acontecesse, os seus mesmos escriptos, e a conta corrente de Henrique José da Silva demonstrarião até á evidencia quanto acabo de dizer.

Eu subé, vi, e li, e por tanto o posso affirmar, que até o dia 18 do seguinte mez de julho as transacções entre elle e Mendizabal montavão a 50 mil e tantas libras sterlinas; e que os dias de verdadeira crise em que se vio Mendizabal fôrão muitos, com especialidade desde o principio do mez de abril antecedente, e mais particularmente no dia 28 d'aquelle mez. N'este dia se venceo o credito negociado na ilha de S. Miguel por D. Pedro, e de que já fallei; e para o pagar dêo Henrique José da Silva 4 mil libras sterlinas em letras, dando ainda no decurso da mesma semana perto de duas mil libras sterlinas. Depois os dias 17 de maio, e os de 8 de junho, de 14, 15, 16, 18, 22, 29 e 30 fôrão realmente fataes para Mendizabal, e quem n'elles lhe acudio foi sempre Henrique José da Silva. Todos estes embaraços durárão até o dia em que chegou a Londres a noticia da sahida da expedição dos Açores; e afinal, obrigado pelas sollicitações do conde de Funchal, fez e concluio ainda uma mui interessante e absolutamente necessaria negociação de *bonds* do novo emprestimo, da qual resultou poderem-se obter cousa de 8 mil libras sterlinas, com as quaes se evitárão para a nossa causa, e pessoa de Mendizabal os desastres com que tanto ella como elle estavão na realidade ameaçados. Tantos e importantes serviços não podia eu pois

occultar quando n'estes *Annaes* me propuz, sem odio nem affeição, fazer justiça ás cousas e aos homens, que entrárão na vastissima scena da usurpação.

Com melhores e mais favoraveis auspicios começou o mez de julho d'este anno, que logo mostrou estar destinado para nos restituir a patria e a liberdade. A expedição libertadora, que sahio dos Açores no dia 27 do mez passado, tocou nas costas de Portugal no dia 7 d'este mez; e no dia 8 todas as embarcações de guerra tomárão posição pelas duas horas e meia da tarde na praia, chamada de Mindello, entre Villa de Conde e o Porto. A's tres horas começou o desembarque, e ás nove da noite já todas as tropas se achavão em terra, sem se perder um só homem. Havia em Villa de Conde uma brigada rebelde ás ordens do commandante *José Cardoso*, ao qual pelas tres horas da madrugada do dia seguinte se mandou um ajudante de campo de D. Pedro, *Bernardo de Sá Nogueira*, com o manifesto e proclamações do mesmo D. Pedro, para saber d'elle o partido que tencionava tomar. Recusou-se á intimação que se lhe fez; e, em consequencia d'isto, as tropas fôrão tomar as posições convenientes afim de impedirem que outra brigada, que estava em Leça, podesse fazer a sua juncção com a de Villa de Conde. Esta, vagando toda a noite sem poder fazer a sua juncção com as tro-

pas que estavão em Leça, dirigio a sua marcha pela estrada de Amarante; e depois se soube que uma parte d'ella se tinha debandado na marcha, e que o resto fôra passar o Douro em Carvoeiro. A outra, que estava em Leça, foi obrigada a retroceder para o Porto; e ali pelas duas horas da madrugada passou o rio, cortou a ponte, e se foi alojar nas alturas de Villa-Nova.

Os batalhões de caçadores, n.os 2 e 3, fôrão os primeiros que marchárão sobre o Porto, e ali entrárão na madrugada do dia 9 no meio dos vivas e felicitações do povo. D. Pedro, á frente do exercito libertador, entrou na cidade ao meio dia, entre as mais fervorosas demonstrações de jubilo, que derão á sua marcha o caracter de triunfo; porque a alegria e as acclamações com que fôrão recebidos excedêrão a tudo o que a imaginação póde conceber. Logo, á entrada do Porto, muitos officiaes inferiores e soldados do exercito rebelde se fôrão apresentar aos nossos, dando por certo, que logo que as nossas tropas atacassem a deserção sería consideravel.

D. Pedro foi apear-se aos paços do conselho na Praça-Nova, d'onde os habitantes, já n'aquella manhã, apenas entrára na cidade a vanguarda do exercito libertador, havião feito desapparecer os horrorosos patibulos, em que por quatro annos successivos se estiverão sacrificando as victimas da pro-

bidade, honra, e liberdade aos odios e caprichos da tyrannia por julgadores fracos ou barbaros, e amedrentando os cidadãos pacificos. Os prêsos politicos fôrão igualmente soltos nesta occasião; e a ira do povo apenas se contentou em satisfazer suas vinganças no sangue dos *carrascos*, que na execução das victimas sempre tinhão mostrado uma ferocidade brutal, ora aggravando seus padecimentos, ora insultando seus cadaveres. Dos paços do conselho se foi recolher D. Pedro á casa que lhe estava preparada, seguido por um numeroso concurso do povo, que hia dando vivas á Rainha D. Maria II., á carta constitucional, e ao pai da patria, restaurador das liberdades Portuguezas.

Assim, depois de 10 dias de viagem, no espaço de seis horas, se achou o exercito libertador desembarcado; e por esta operação e disposições que a acompanhárão se achou tambem cortada pelo centro a linha das tropas postadas ao norte do Douro. A sua direita foi obrigada em grande parte a debandar-se; e a sua esquerda, forçada a passar o rio, abandonou o Porto. Em summa, em menos de quarenta e oito horas depois de haver saltado em terra, o exercito libertador limpou toda a provincia do Minho das tropas rebeldes que a occupavão; pôz em segurança a sua capital, o Porto; preparou uma longa base de operações nas duas provincias ao norte do Douro; e tomou a of-

fensiva ao sul do mesmo rio; havendo conseguido tudo isto sem perda de um só homem, nem por effeito do fogo nem de desastre.

Em quanto estas cousas se passavão em Portugal appareceo em Londres um pequeno folheto de 10 paginas, com a falsa declaração de ser impresso em Lisboa na imprensa regia, e com licença. Tinha o titulo seguinte: — *O sñr. D. Pedro IV. legitimo rei de Portugal*; com a epigraphe — *pela lei e pela grey*. Era este folheto anonymo, mas pela pessoa, que o distribuio a *certos amigos*, a qual, segundo creio, nunca negou ser o author d'elle, foi geral e uniformemente attribuido a *Antonio do Amaral Paes*, abbade de S. João da Pesqueira. Dava-se este padre por emigrado, e tinha jurado em Londres a Rainha D. Maria II.; mas, apesar d'isto, para agradar a outros aduladores como elle, teve a audaz impavidez de lhe negar, por um documento publico, os seus actuaes direitos ao throno para os dar a seu pai, o ex-imperador, e rei D. Pedro, que já mui solemnemente os tinha renunciado. Esta baixa adulação era um verdadeiro insulto a D. Pedro, pois o julgava capaz de ser um novo usurpador da coroa de sua filha; mas o padre, apesar d'isto, sabía muito bem o que escrevia; e he provavel que n'isto fosse estimulado pelas esperanças futuras de algum dos bispados do reino; por-

que então as promessas já valião como moeda corrente.

Para confusão das grandezas humanas, e para exemplo da variedade das fortunas dos homens mencionarei aqui a morte do joven Napoleão, filho do grande homem do seculo, Napoleão Buonaparte, imperador dos Francezes, o qual morreo na manhã de 22 de julho d'este anno no palacio de Schoenbrun, junto a Vienna d'Austria, com o nome de duque de Reichstadt. Se a sua morte foi de ante-mão preparada e ajudada pelas artes tenebrosas da politica não o ousarei affirmar; e deixo á historia futura o esclarecer este facto; porque o que só posso asseverar he que a sua existencia politica já muito antes havia sido sacrificada a essa mesma politica. Nascido entre os mais brilhantes resplandores da purpura, e no meio da maior magnificencia, sumptuosidade, e grandeza de um dos mais famosos, ainda que curto, imperio da terra, foi logo annunciado ao mundo, apenas vio a luz do dia, como *rei de Roma.* Pela abdicação forçada de seu pai em Fontainebleau no anno 1814 foi proclamado imperador dos Francezes com o titulo de Napoleão II.; mas o seu imperio apenas durou instantes, porque se elevou e cahio quasi no mesmo momento. Seu avô, o imperador d'Austria, insensivel a todas as affeições da natureza e do sangue, como em geral são todos os reis,

esses illustres ingratos como alguem já mui exactamente os chamou, de acôrdo com a Russia, Prussia, e Inglaterra, sacrificou todos os interesses do neto aos futuros projectos liberticidas da politica; e lhe roubou, sem compaixão nem remorsos, esse imperio que lhe estava destinado, para o dar, com o modesto titulo de reinado, ao *exul*, e por tantos annos vagamundo Luiz XVIII., irmão do infeliz Luiz XVI. rei dos Francezes, *guilhotinado* em París nos principios do anno 1793. O despojado principe foi então levado, como prisioneiro, para Vienna d'Austria, onde, tendo por carcereiro seu proprio avô, o imperador Francisco, passou uma vida mesquinha, oppressiva, e por certo infeliz, desde 1814 até 1832 em que morreo.

Agora ainda mencionarei, para formar mais uma pagina para a historia da politica dos reis, um novo acontecimento pouco conhecido do publico, que n'essa mesma época notavel se passou conjunctamente com o do joven Napoleão, de quem acabo de fallar. Como a par dos successos que marcão a grande época da usurpação succedião outros de não menor importancia para a historia geral d'este tempo, não me tem parecido que incorrerei na censura de amontoador indiscreto, se com o meu objecto principal ligar mais alguns contemporaneos, igualmente dignos de serem recolhidos pela

historia. Assim, seguindo o systema já adoptado, vou narrar este facto que, pela sua novidade, me parece merecer a publica curiosidade. O imperador d'Austria com os seus collegas o imperador da Russia, reis de Prussia e Inglaterra, não contente de fazer subir ao throno de França Luiz XVIII., pondo os pés sobre o pescoço de seu neto, consentio ainda que esse mesmo novo rei de França tivesse tambem por degráo para subir ao throno o proprio corpo de seu sobrinho Luiz XVII., que, tendo passado por morto até aquelle tempo, se achava com effeito ainda vivo n'este mesmo anno 1814. Eu vou referir este facto novo, e atroz, se he verdadeiro como me affirmárão, porque me foi certificado em Londres no dia 26 de julho de 1830, residindo eu em n.° 13 *Allsop Terrace, New Road*, por pessoa que o ouvio a outra, e esta testimunha presencial do que passo a narrar.

Hindo o imperador Alexandre, quando estava em París no anno 1814, visitar a imperatriz Josephina, e procurando esta advogar a causa de seu antigo marido, o imperador Napoleão, como não podesse esperar bom resultado, disse-lhe emfim: pois que absolutamente se queria excluir do throno Francez Napoleão e a sua descendencia, n'esse caso se devia elle dar e restituir ao herdeiro legitimo, que não era Luiz XVIII., mas seu sobrinho Luiz XVII. Ficou pasma-

do Alexandre com esta proposta, não acreditando que ainda fosse vivo um individuo que, depois de tantos annos, se tinha dado por morto na prisão do Templo em París. Josephina, vendo-o duvidar, levantou-se, e na mesma sala onde estava com Alexandre abrio uma carteira e d'ella tirou uma carta de Napoleão, na qual elle, ao partir para a sua ultima campanha dentro em França, antes da primeira abdicação, lhe dizia pouco mais ou menos o seguinte: „ Minha boa „ amiga, agora acabo de dar ordem para „ que se pague a pensão ao teu *real protegido*, que se acha na America. „ Para bem se entenderem as palavras d'esta carta deve saber-se que Luiz XVII. tinha sido tirado do Templo por influencia de Josephina, ajudada por *Fouché* e *Barrás*. No tempo de Napoleão tinha elle entrado em França, e havia sido agarrado na *Champagne*; mas pela intervenção de Josephina, que já uma vez o tinha salvado, o foi ainda d'esta vez, e conseguio por ella a pensão que Napoleão lhe dava. Todas estas particularidades fôrão declaradas a Alexandre n'esta occasião, e em presença de um seu confidente o general, e conselheiro Prussiano *Justus Gruner*, que na primeira occupação de París teve a seu cargo a policia do exercito alliado, dentro d'aquella capital (*p*). Tinha este

(*p*) Na biographia dos *homens vivos*, impressa em París em 1817, tom. 3.º, pag. 333 vem a noticia de *Justus Gruner*.

general Prussiano um particular amigo em París, que era o senador conde de *Saure*, a quem revelou tudo isto que se tinha passado entre Josephina e Alexandre; e este mesmo conde tambem tinha outro particular amigo, que era mr. *Sauquaire Souligné*, a quem contou o mesmo facto. D'este ultimo sube eu toda esta historia, que elle me referio em Londres na épocha acima mencionada; accrescentando, que achando-se um dia em casa do conde de *Saure*, onde casualmente encontrára o general *Justus Gruner*, este mesmo lhe referíra exactamente o facto, como já o tinha ouvido ao conde seu amigo, e tal como eu o acabo de narrar. Debaixo pois da palavra de mr. *Sauquaire Souligné*, de quem fui particular amigo tanto em Lisboa como em Londres, e a quem sempre reputei como incapaz de inventar esta historia, tenho referido um facto que ha de parecer fabuloso a muita gente, mas que eu firmemente creio ser exacto e verdadeiro.

Esta revelação de Josephina foi provavelmente a causa da sua morte mui rapida e não esperada, porque aconteceo quasi logo depois da scena que se passou entre ella e o imperador Alexandre; e tanto mais he isto de presumir, que o mesmo *Sauquaire Souligné* me referio ainda que, fallando com o general *Justus Gruner* a este respeito, e dizendo-lhe que a morte da imperatriz se

suppunha ser effeito de um ataque de peito, elle lhe respondêra: — *et peut être du remede qu'elle á pris*! Mas esta mesma revelação, que provavelmente matou Josephina, foi a que dêo vida politica a Luiz XVIII.; porque estando ainda elle indeciso em ceder a Belgica, e em assignar certas condições do tratado, se lhe declarou, que tinha vivo o sobrinho e um rival, e que em tal caso ou devia subscrever a tudo ou perder a coroa. O generoso tio não hesitou mais um momento; assignou quanto d'elle se exigio; e com uma coragem, verdadeiramente real, comprou o throno com o sangue, por assim dizer, de seu sobrinho. Para completar emfim este quadro direi, que a razão por que Luiz XVIII. logo escolheo para um dos seus ministros o chamado *regicida Fouché*, foi porque este era um dos depositarios do segredo da vida de Luiz XVII.; e por isso n'aquelle primeiro momento o quiz attrahir a si e ter contente, bem que, depois estando já seguro, o incluio na lista dos regicidas desterrados e banidos. Para conservar o fatal segredo da existencia do legitimo herdeiro do throno Francez, se violárão ainda as leis da propriedade individual, mandando-se pôr os sêllos nos papeis de *Barrás* logo que constou a sua morte. Taes são as precauções, bem que infructuosas, que uma acção má sempre toma para se esconder, sem lembrar-se que o tempo, mais poderoso e leal do que ella,

a cada hora e a cada instante vai rasgando o véo com que se cobre, e que afinal, sem remedio, a expõe a toda a luz do dia!

Tanto que o conde de Saldanha soube com certeza em París o desembarque das tropas libertadoras no Porto, sempre incançavel pelo bem dos seus companheiros de desterro, e aos quaes por sua influencia o governo Francez sempre tinha dado uma generosa subsistencia em França, dirigio-se logo ao mesmo governo, e lhe requereo quizesse completar a sua obra, ministrando aos emigrados os meios necessarios para regressarem á sua patria uma vez que já a tinhão. Em 22 d'este mez de julho lhe respondeo o ministro da marinha, o barão de Rigny, e interinamente ministro da guerra, dizendo-lhe: „ Que havendo até ali o governo Fran-„ cez procurado evitar toda a qualidade de „ intervenção na lucta existente entre a „ Rainha D. Maria e D. Miguel, não po-„ dia ainda n'aquelle momento dicidir-se a „ favor da sua pertenção; mas que elle a po-„ deria *renovar* em tempo opportuno, quan-„ do o novo governo, constituido em Por-„ tugal, offerecesse circumstancias favora-„ veis para a volta dos emigrados residen-„ tes em França. No emtanto, *que ficasse* „ *bem persuadido* que logo que essas favora-„ veis circumstancias apparecessem o gover-„ no Francez daria aos emigrados todos os „ meios pecuniarios para regressarem á sua

„ patria. „ Assim com esta nova prova do constante interesse que o conde de Saldanha tomava pelos seus compatriotas dêo elle tambem uma nova e bem expressiva resposta a todos os seus calumiadores.

N'este mesmo mez de julho succedeo ainda em París um caso notavel, que foi o desafio entre o mesmo conde de Saldanha e D. Francisco de Almeida, que ali figurava de ministro plenipotenciario por parte da Rainha. O motivo d'este desafio foi o seguinte. Escreveo o conde Alexandre de Laborde um pequeno folheto sobre a nossa questão Portugueza e destinos da expedição; e antes de o publicar foi pedir a D. Francisco algumas informações sobre as cousas e os homens que tinhão relação com o assumpto. Tiverão-se estas informações por menos exactas e não imparciaes; e em consequencia d'isto, assim que se publicou o tal folheto, o conde de Saldanha escreveo a mr. de Laborde dizendo-lhe, que muitas das suas informações tinhão sido *mentirosas*; e esta carta se publicou nos jornaes. D. Francisco, que a lêo, escreveo no dia 15 uma carta ao conde de Saldanha, pedindo-lhe explicações sobre aquella frase. O conde lhe respondeo no mesmo dia, que as informações que designára como *mentirosas* a mr. de Laborde erão as seguintes: *ser representado o marquez de Palmella como o homem que maiores serviços tinha feito á causa constitucio-*

nal; *e além d'isso*, *dizer-se ainda ter sido o primeiro que se declarára contra a usurpação de D. Miguel.* Que sendo ambas estas asserções *mentirosas*, só a quem as fez he que elle dirigia este epitheto; e por isso ninguem melhor do que elle D. Francisco podia saber se ellas lhe dizião respeito. No mesmo dia lhe replicou D. Francisco, e lhe pedio uma satisfação com as armas na mão.

O conde de Saldanha mandou immediatamente communicar por seu irmão, Domingos de Saldanha, a D. Francisco que acceitava o desafio, mas que desejava fossem presentes de parte a parte duas testimunhas, e que desistia do direito da escolha das armas. Depois d'isto convidou *Barreto Feio* para ser um dos padrinhos, e lhe pedio fosse tratar com os de D. Francisco sobre a hora, local, e as armas; accrescentando, que sendo elle bastante forte no *florete* e no *sabre* teria vergonha de usar de qualquer d'estas armas contra um tal adversario; e por isso escolhessem antes a pistola. O desafio teve effeito no dia seguinte no *Bois de Vincennes*, aonde, a vinte passos de distancia, e signal dado por *Barreto Feio*, atirárão ambos ao mesmo tempo. José Maria de Mello, um dos padrinhos de D. Francisco, disse immediatamente que não consentia que repetissem os tiros, não tendo nenhum ficado ferido dos primeiros; e assim não foi mais ávante o duello. D. Francisco apenas se jun-

tou com o seu adversario disse, que estava satisfeito com tanto que o general Saldanha consentisse que nos jornaes se publicasse o terem-se batido. O conde de Saldanha respondeo : *O general nunca se oppõe a que se diga a verdade: he um facto que nos batemos, e assim não posso ter difficuldade em que os jornaes o annunciem.* Por este modo acabou um negocio em que D. Francisco se expôz a perder a vida se não tivesse por adversario um homem tão generoso, que ao primeiro bote de florete o poderia privar para sempre de tornar a ser o campeão das virtudes constitucionaes do marquez de Palmella.

Nos dias 22 e 23 do corrente mez houve no Porto, ou nas suas immediações dous fortes combates entre as nossas tropas e as do usurpador. As forças inimigas, que na occasião do desembarque tinhão fugido diante das nossas, passando umas o Douro em Villa-Nova, e as outras em Carvoeiro, havendo-se reunido ao sul do rio, e sendo ali reforçadas por outras que se unirão com ellas, tornárão a passar para o norte do Douro, e procurárão surprehender os nossos, atacando-os pela sua retaguarda, afim de verem se tornavão a ganhar a posição do Porto. Em consequencia d'isto tomárão a estrada de Amarante, e fôrão collocar-se entre Baltar e Ponte-Ferreira, tendo antes feito avançar uma vanguarda até Pennafiel. No dia 22 como esta manobra fosse conhecida, fôrão os nos-

sos fazer um reconhecimento, e encontrárão as avançadas do inimigo á entrada de Vallongo. Travou-se já n'esse dia um mui forte combate, porque as nossas tropas não se podérão contentar com um simples reconhecimento, e em todos os pontos levárão diante de si os rebeldes. Marchou por tanto todo o nosso exercito a soccorrer esta valente vanguarda, pois que uma batalha geral já era inevitavel; e assim no dia 23 esta começou pouco mais ou menos ao meio dia, e durou até á noite. Fôrão os rebeldes successivamente desalojados das suas fortes posições com uma grande perda desde Ponte-Ferreira, onde estava a sua força principal, até Baltar; e d'ali, em completa derrota, se retirárão para Amarante, deixando em Pennafiel, para onde levárão grande numero de feridos, uma pequena guarda avançada. Disserão as relações do tempo, que a ter havido da nossa parte alguma cavallaria, de que tinhamos completa falta, a perda dos rebeldes teria sido total; porque os nossos caçadores e tropa de linha, demasiadamente cançados pelas marchas e combates de dous dias, e além d'isso tendo a batalha acabado já de noite, não podérão persegui-los como conviria em outras circumstancias. Todos os corpos do exercito libertador, tanto nacionaes como estrangeiros, isto he, Francezes e Inglezes, brilhantemente se comportárão n'estes dous dias gloriosos; e entre elles a companhia dos of-

ficiaes, que, como soldados, se havião alistado a favor da liberdade, contra a usurpação, os quaes todos mostrárão a maior resolução e valor.

Em quanto, ou logo depois, estes gloriosos combates acontecêrão, dous mui notaveis factos se passárão no Porto, os quaes passo a referir; sendo um mui distincto pela atrocidade de que foi revestido, e o outro pelo ridiculo que o acompanhou. Foi o primeiro que recolhendo-se depois da batalha do dia 23 o batalhão 5.° de caçadores para o seu quartel no Porto, que era o convento dos Franciscanos d'aquella cidade, os frades lançárão de noite o fogo ao edificio que ardeo todo; e só por uma extraordinaria circumstancia ou casualidade não morrêrão ali todos os soldados d'aquelle valente e fidelissimo batalhão. Assim mesmo perdêrão as vidas tres individuos, muitos ficárão muito mal tratados, e perderão-se muitas armas e petrechos de guerra pertencentes a aquelles soldados. A extraordinaria casualidade que os salvou foi o ter-se recolhido tarde para o convento, que lhe servia de quartel, o filho do general Sebastião Drago Cabreira, o qual encontrando dous frades que vinhão sahindo para fóra, e sabendo por elles que o convento estava ardendo, ao passo que toda a tropa dormia, os fez recolher para dentro, e foi dar immediatamente as providencias para que ali tudo não pereces-

se, como pelos frades estava calculado que assim aconteceria. D'esta brutal atrocidade se fizerão pois criminosos homens que ostentavão professar religião e charidade; homens, emfim, que, vivendo na ociosidade á custa do trabalho e suor da gente industriosa, quizerão acabar merecidamente declarados assassinos!

O segundo facto, notabilissimo pelo seu ridiculo, acompanhado de summa fraqueza, foi o seguinte. Tinha chegado ao Porto a noticia da brilhante victoria do dia 23, que havia sido festejada com as maiores demonstrações de alegria; e a cidade, depois dos nacionaes regosijos, apenas começava a repousar-se, quando o governador militar d'ella, D. Thomaz de Mascarenhas, a foi lançar na maior confusão e terror. Falsamente assustado por alguem que, talvez de proposito, quiz experimentar seu valor ou sua capacidade, sem mais deliberação se persuadio, que uma força inimiga estava passando o Douro em Avintes, e que em quanto o exercito vencedor dormia sobre o campo de batalha a cidade era invadida na sua retaguarda. N'estas circumstancias todo o militar prudente devia primeiro que tudo examinar a pessoa de quem recebêra a noticia, e, sem fazer alarido, mandar immediatamente verificar o facto por um ou mais officiaes de confiança, e prudencia. Não o fez porém assim o governador, porque dando

sem mais reflexão, e só possuido de susto, o caso por verdadeiro, pôz toda a cidade em confusão; mandou bater a todas as portas dos habitantes que estavão dormindo tranquillamente em suas casas; procurou logo sahir da cidade; e mandou queimar depositos de polvora, e encravar a artilharia, dizendo, que se hia fortificar na *torre da Marca*, ou no velho castello de S. João da Foz! Constou que um official mais prudente, o capitão *Simão Infante de Lacerda*, que depois teve o titulo de *barão de Sabroso*, fôra espontaneamente examinar o que havia, e que tomando o caminho de Avintes sem nada encontrar, voltára para a cidade com a certeza de que tudo tinha sido uma insigne patranha, e um falsissimo boato.

Entre tanto porém que este boato ridiculo se espalhava, a confusão foi tal, que grandes personagens, taes como o ministro da fazenda, o auditor geral do exercito, e o coronel Gama Lobo com outros mais officiaes corrião espavoridos a salvar-se no vapor *Berodino* e outro navio Inglez. Casualmente dous soldados academicos que se achavão no caes de S. João da Foz fôrão participar ao seu commandante, o major *Luna*, que no dia 24 encontrárão muitas cargas de bagagens e muitos militares e paizanos promptos a embarcar; e isto fez com que os mesmos academicos, debaixo de sua responsabilidade, impedissem o embarque de muita gente,

que hia seguindo o exemplo dos que já estavão no *Berodino*, e pertendião renovar a memoravel scena do *Belfast* na infausta manhã do dia 3 de julho de 1823. Alludindo a esta miseravel fugida, escreveo-se n'esse tempo em o n.° 2.° de um pequeno folheto, intitulado — *o Perguntador*: *que parecia que aos olhos dos dignastas do governo era maior crime politicar que fugir.* Esta allusão se referia ao comportamento que tinha havido com o coronel Rodrigo Pinto Pizarro por ter escripto em París a *Norma das Regencias em Portugal*, e em virtude do qual se lhe impôz immediatamente a pena de prisão, como suave preliminar de justiça, e depois o de um processo e uma sentença, de que foi absolvido em Portugal.

Este facto, apesar de notavel pelo ridiculo que o acompanhou, teve comtudo gravissimas consequencias, pelas quaes merecia ter sido avaliado com maior severidade do que aquella com que o foi. As consequencias fôrão o tornar-se impossivel perseguir o inimigo em derrota depois da batalha do dia 23; porque sabendo-se o que se passava na cidade foi absolutamente necessario voltar logo a ella com as tropas que devião perseguir os fugitivos. Isto não obstante, houve absolvição geral para todos os compromettidos n'este caso tão grave; e apenas se insinuou ao governador militar D. Thomaz de Mascarenhas, que pedisse a sua dimissão,

o que elle immediatamente fez, e lh'a derão.

Já n'estes *Annaes* referi como em Londres se creou uma commissão para administrar os fundos do emprestimo de mr. Ardoin, a qual tinha por presidente Manuel Gonçalves de Miranda. Os trabalhos, e intelligencia d'essa commissão e de seu presidente podem avaliar-se pelo facto seguinte. No dia 2 de agosto, segundo o referio a gazeta Ingleza *Times* do dia 3, se juntárão os membros da companhia dos barcos de vapor na sua assemblea annual, e expondo n'ella as despezas e lucros do anno, fallárão nomeadamente nas quantias por que tinhão sido fretados os vapores, que andavão no serviço da nossa expedição. Alludindo a esta conta ou exposição, disse então o *Times*, já citado, vendo a exorbitancia dos fretes com que tres vapores havião sido fretados para o nosso serviço: — *que se D. Pedro batesse tão bem os seus inimigos como pagava a causa que defendia, não podia esta ser duvidosa.* Por este facto bem claramente se mostrava, qual era a intelligencia com que se tratavão estes negocios, e qual era o zêlo que n'elles mostrava a commissão, e o seu presidente.

Ainda não ha muito que fui obrigado a fallar em D. Francisco d'Almeida por causa do duello que teve com o conde de Saldanha, e ainda agora sou forçado a fallar novamente d'elle por outro caso relativo ao

mesmo conde. Estarão lembrados os meus leitores de como os emigrados do deposito de Rennes se dirigírão a Saldanha para que requeresse para elles do governo Francez a passagem para Portugal; e bem assim se lembraráõ da reposta que teve aquelle requerimento. Foi pois este acontecimento o que excitou de novo a sensibilidade de D. Francisco, e que o fez sahir a campo com o documento seguinte que, por sua originalidade, merece conservar-se por inteiro. Eis-aqui a copia exacta como então se imprimio.

„ Ill.mo sñr. Tenho tido conhecimen-
„ to por um artigo publicado no *Auxiliaire*
„ *Breton*, e transmittido em alguns jor-
„ naes d'esta capital, que os Portuguezes
„ residentes na cidade de Rennes se havião
„ dirigido ao sñr. marechal de campo J.
„ C. de Saldanha, pedindo-lhe fizesse as
„ diligencias para obter do governo Fran-
„ cez os meios de elles poderem reunir-se
„ á expedição; e sendo eu a unica pessoa
„ devidamente authorisada em França por
„ quem os Portuguezes fiéis a S. M. F. a
„ Senhora D. Maria II. se devem dirigir
„ ao governo Francez, cumpre-me exigir
„ sem perda de tempo de v. s.a e dos mais
„ Portuguezes residentes n'essa cidade uma
„ declaração se reconhecem ou não a Se-
„ nhora D. Maria II., como Rainha de
„ Portugal, bem como o governo proviso-

„ rio, que, em nome da mesma Augusta
„ Senhora, se acha estabelecido na porção
„ de territorio Portuguez, já livre do ty-
„ rannico jugo do usurpador. — Deus guar-
„ de a v. s.ª París, 1.º de agosto de 1832.
„ = Ill.mo sñr. Antonio Barreto Pinto Feio,
„ commandante do deposito dos Portugue-
„ zes em Rennes. = D. Francisco d'Almei-
„ da. „

„ Resposta. — Ill.mo e ex.mo sñr., com-
„ municando á grande maioria dos Portugue-
„ zes emigrados aqui residentes o officio de
„ v. exc.ª do 1.º do corrente em que sem
„ perda de tempo se exige de mim e d'el-
„ les uma declaração que mostre se *reconhe-*
„ *cemos ou não* a Senhora D. Maria II. co-
„ mo Rainha de Portugal, bem como o
„ governo provisorio — estabelecido em no-
„ me da mesma Senhora; todos *indignados*
„ considerárão como um insulto gravissimo
„ da parte de v. exc.ª a pertenção de um
„ tal acto, que sem mui justificados moti-
„ vos se faria por tantos titulos odioso; e
„ não podem acreditar que, quando todo
„ o mundo o sabe, e os reconhece victimas
„ da mais briosa fidelidade a aquella Senho-
„ ra, só v. exc.ª pareça esquecer-se de qua-
„ tro annos de definhado exilio, prova im-
„ mortal, e a mais valiosa de seus votos
„ pela liberdade, e por aquella Senhora,
„ com que todos se tem illustrado aos olhos
„ da Europa. Pelo que me he relativo no

„ mesmo citado officio direi a v. exc.ª que
„ em objectos não de justiça, mas de puro
„ favor como esse que se pertendeo do go-
„ verno d'este paiz, tanto eu, como todos
„ elles, nos julgâmos em claro e evidente
„ direito de escolher os meios e vias que
„ nos parecêrão mais conducentes, e de
„ melhor confiança para tocarmos o fim que
„ levavamos em vista. E accrescentarei, que
„ se v. exc.ª tiver por bem insistir na exi-
„ gencia de uma declaração por outra tal
„ maneira enunciada, e em consequencia de
„ taes motivos, não serei eu, por certo,
„ o que de novo a tenha de propôr a ho-
„ mens de tanto pundonor e brio; pois que
„ não ousarei uma segunda vez expôr-me á
„ sua tempestuosa indignação por um tal a-
„ cto, que todos julgão da mais escandalo-
„ sa ociosidade. — Deus guarde a v. exc.ª
„ Rennes, 4 de agosto de 1832. — Ill.mo e
„ ex.mo sr. D. Francisco de Almeida. — An-
„ tonio Barreto Pinto Feio, tenente-coro-
„ nel commandante do deposito. „ Julgan-
do interessante para a historia d'este tempo
não só mencionar as cousas, mas dar a co-
nhecer o caracter politico dos homens que
n'elle figurárão, parece-me que terei desculpa pelo que acabo de escrever.

No dia 3 do presente mez de agosto participou-se officialmente no café de Loyd's, da praça de Londres, o bloqueio do Tejo, e Setubal pelo almirante *Sartorius*, dizen-

do-se expressamente que elle era feito por parte das forças navaes de S. M. F. a Rainha D. Maria. Tanto o governo Inglez como o Francez sempre mui de proposito se abstiverão de fallar no governo de D. Pedro, que até esta época nunca reconhecêrão. No dia 6, quando menos se esperava, chegou do Porto a Londres o marquez de Palmella; e a sua vinda causou, particularmente na praça, um grande terror panico. Lembrou logo a sua fugida no *Belfast* do mesmo logar no anno 1828; e esta ominosa recordação fez com que os nossos fundos publicos consideravelmente baixassem, por mais que se quizesse fazer acreditar ao publico, que a sua vinda tinha motivos politicos, e até arranjos financeiros, e que só era temporaria. Custou, por tanto, muito a desvanescer esta primeira idéa; porque suppunhão que a nossa causa estava em muito máo estado, e que, em razão d'isto, o marquez se retirava. Depois da sua chegada appareceo tambem logo em Londres no dia 14 o conde de Villa-Real, que se disse ter sido convidado por seu cunhado Palmella ou para se aconselhar com elle, ou para o levar na sua conserva para o Porto, se os negocios o permittissem.

Na sessão do dia 15 d'este mez na camara dos pares de Inglaterra teve ainda occasião o duque de Wellinghton de manifestar as suas affeições por D. Miguel, exi-

gindo do governo que terminasse quanto antes as questões de Portugal; e dando bem declaradas demonstrações do quanto se interessava pelo seu protegido. Disse, que as tropas constitucionaes apenas tinhão por si a cidade do Porto, e que ninguem a ellas se tinha juntado, prova evidente de que todo o reino estava contente com o usurpador, e de que elle inquestionavelmente só tinha o affecto e amor dos povos. Assim, com este e outros argumentos, he que defendeo a causa da usurpação; e ao mesmo tempo fez uma das suas revelações que foi assaz importante para a historia do tempo, e da nossa patria, e que nos dêo uma nova prova de quanto devemos estar agradecidos a esse homem, a quem nossas valorosas tropas derão um nome militar, e temos estado gratificando com o dinheiro que annualmente a nação lhe continúa a pagar. A revelação foi a seguinte. — „ Que a sua tenção fôra sempre „ a de reconhecer D. Miguel; e que o te- „ ria feito com a condição de elle publicar „ um acto de amnistia ou de graça em fa- „ vor dos que se achavão implicados nos „ precedentes governos que tinha havido „ em Portugal. „ D'isto porém felizmente escapámos pela mudança do ministerio Britanico em consequencia da revolução politica de París. A conclusão do seu discurso foi, emfim, que se devia reconhecer D. Miguel, pois que a expedição commandada por D.

Pedro só era composta de aventureiros, estrangeiros, e elle apenas só era senhor do terreno que pisava, não tendo achado ninguem que se lhe viesse juntar ao seu partido. No dia seguinte 16 se prorogou o parlamento, um dos mais notaveis na historia Ingleza, pois que elle he que sanccionou a sua propria reforma, e publicamente declarou ao mundo que a sua actual organisação era monstruosa, illegal, e por conseguinte incapaz de representar a nação.

No dia 23 a gazeta Ingleza *Times* nos fez outra mui notavel revelação, e por ella emfim confessou por *desconto*, como se diz, de *seus peccados*, que todos os nossos males e desgraças tinhão vindo da politica Ingleza; a qual constantemente tinha dirigido os nossos negocios, e havia sido o arbitro de nossos destinos. Mostrou, em uma palavra, que toda a usurpação tinha sido tramada, auxiliada, e perpetrada á sombra, por assim dizer, da bandeira Britanica; pois que, para não citar outros exemplos, bastava vêr a figura que em toda esta scena tinha representado em Lisboa sir William A'Court, o qual, em todo o tempo da sua missão, havia sido o verdadeiro, e o unico governo Portuguez, bem que externamente houvesse outro que tivesse aquelle nome. E a conclusão que de todo este arrazoado tirou foi, que o governo Inglez devia immediatamente reconhecer o governo da Rainha D. Ma-

ria II., e tomar um partido decisivo contra o usurpador D. Miguel.

Ainda dentro d'este mez houve um acontecimento, que, por mui importante na sua origem e no seu máo resultado, não posso deixar de mencionar. No dia 15 foi o general conde de Saldanha procurar a imperatriz, espôsa de D. Pedro, e lhe participou que, sendo notoria e por todos conhecida no Porto a falta de um general, e de alguma tropa de cavallaria, muitos dos seus amigos estavão promptos a pôr um corpo de exercito á disposição de seu marido; e que um d'elles, mr. *Herertauld*, e o principal de todos, desejava ser apresentado a sua magestade. Accrescentou-lhe, que este individuo era um homem intimamente ligado com o duque de Orleans, e com o marechal Soult; e que a seu respeito se podia informar com o duque, para conhecer qual era o seu caracter. A imperatriz respondeo que não tinha instrucções, nem authoridade alguma; mas, agradecendo-lhe o interesse que tomava pela causa da Rainha, o aconselhou que fosse fallar com D. Francisco d'Almeida. Assim o fez o conde, apesar das mui serias differenças que entre elles havia pouco tempo tinha havido, e das quaes já fallei n'estes *Annaes*; e no dia 16 foi ter com elle, que lhe pedio aquella proposta por escripto, afim de a remetter ao marquez de Palmella que então se achava em Londres.

A proposta lhe foi entregue no dia 18, e se reduzia ella aos termos seguintes: — Prometia-se fazer sahir para o Porto dentro de trinta dias depois da assignatura do contrato *dez mil homens*, dos quaes mil e seiscentos erão de cavallaria, e todos soldados velhos, com dous parques de artilharia. Para este fim os mesmos emprendedores fazião um emprestimo de cincoenta milhões de francos ao preço de 50, e muito mais barato do que o de Ardouin que havia sido a 48; promettendo dar logo d'elle 20 por cento, quando do outro só se pagárão 8, e mais 5 depois da entrada no Porto, o que fazia 13 por cento. A garantia, que para este emprestimo se pedia, era a exploração das minas em Portugal, obrigando-se a pagar do producto liquido d'ellas 10 por cento ao governo. Exigia-se afinal, que o conde de Saldanha fosse o commandante d'aquellas tropas. Mas no que dizia respeito a esta condição disse o conde a D. Francisco que, não obstante estar persuadido de que uma tal força estrangeira devia de ter a garantia de ser commandada por um Portuguez, lembrando-se ao mesmo tempo que a sua nomeação podia pôr obstaculos a um tão importante negocio de que talvez dependesse a salvação da liberdade e da patria, elle o authorisava a declarar em seu nome a quem conviesse, que ainda d'esta vez estava prompto a fazer um novo sacrificio; e que por

tanto não só desistia do commando, mas que até faria com os seus amigos que desistissem d'aquella condição. D. Francisco prometteo de enviar logo a proposta ao marquez, assim como a determinação em que estava o conde de desistir do commando. Ella foi enviada no dia 18, e no dia 30 avisou D. Francisco que o marquez o tinha authorisado a entrar em negociação, hindo primeiramente receber as ordens da imperatriz, e sujeitar depois tudo á approvação dos dous plenipotenciarios em Londres, o conde de Funchal, e Abreo e Lima. Apesar de todo este apparato de negociação, não teve ella nenhum resultado; e as causas principaes parecem ter sido primeiramente: o haver a proposta sido apresentada por Saldanha, a quem despreziveis ciumes querião tirar toda a consideração; e em segundo logar, essa obediencia sempre *cega e fatal*, que se quiz continuar a render aos Inglezes, que não podião vêr com bons olhos que devessemos á França a nossa liberdade, assim como lhes deviamos a hospitalidade que elles nos tinhão negado. Bem o quiz a França, e bem o dêo a conhecer a D. Pedro, e a seus conselheiros; mas elle e elles antes quizerão, podendo-nos libertar do vergonhoso jugo Britanico, que ficassemos ainda na mesma sujeição, suffocados por Inglaterra como Laoconte suffocado pelas serpentes.

No dia 13 de setembro sahio finalmen-

te de Londres para o Porto o marquez de Palmella, fazendo mentirosas as profecias dos que asseveravão que nunca para lá mais voltaria. A sua chegada a Londres tinha em verdade produzido muito máo effeito nos fundos do emprestimo e na opinião publica que os sustentava, porque esta, e elles immediatamente soffrêrão uma grande depressão; todavia, para fallar a verdade, e para ser justo, como sempre desejo, devo confessar que a sua estada em Londres foi proveitosa, se compararmos o que elle n'aquelles poucos dias ali fez com o que até então tinhão feito os agentes incumbidos de mandar para o Porto o que era necessario tanto para a defeza como para o ataque. O que n'esse tempo se disse ácêrca da sua missão foi, que elle vinha vêr ou se o governo Inglez tomava alguma parte mais decisiva em nossos negocios, ou se podia haver mais abundantes soccorros para o bom exito da expedição. Quanto ao primeiro objecto pouco ou nada conseguio; mas quanto ao segundo, entre outras cousas que não chegárão ao meu conhecimento, pôde terminar a seguinte negociação, que para aquelle momento foi um grande recurso. Teve ao principio por impossivel conseguir alguma cousa, e a razão era o descredito em que se achava o governo do Porto; comtudo, sempre afinal alguma cousa conseguio. Era o seu projecto alevantar 250 cavallos; a maior som-

ma de tropa estrangeira possivel; e um vaso de guerra que podesse luctar com a náo de 74 que a D. Miguel restava. Orçou-se que sem 24 mil libras effectivas nada com fructo se podia aventurar. A commissão, então existente em Londres, encarregada do apercebimento necessario á expedição, havia já consumido toda a entrada dos primeiros pagamentos do emprestimo, contrahido para esse fim, e sendo os emprestadores homens de poucas forças, estavão esgotados todos os recursos (*q*). Entre tanto vio-se que a credito se poderia fazer alguma cousa, uma vez que se alcançasse um terço d'aquella quantia em effectivo, e logo; isto he, *oito mil* libras. José Ferreira Borges prestou-se a procurar *cinco mil* libras; e Henrique José

(*q*) Nada houve mais curioso do que a creação e existencia d'esta commissão. Ardoin e Ricardo fizerão um emprestimo ao governo da Rainha, e foi estipulado que parte d'elle seria para empregar logo na expedição, porém por mãos de agentes d'elles emprestadores; e n'esta conformidade se nomeou logo *Mendizabal*. Para as cousas do mar foi escolhido *Sartorius*; e por decencia, como o tomador do emprestimo era o governo Portuguez, chamou-se tambem *Manuel Gonçalves de Miranda* para a tal commissão, o qual tomou o titulo de presidente d'ella. Então *Sartorius* foi para o seu destino, e ninguem mais o substituio; e desde então ficou um presidente e um presidido: eis-aqui a commissão inteira. E que succedeo? foi que *Mendizabal* fazia tudo: comprava elle só, e Miranda assignava as contas. Assim este nem sabia, nem podia saber onde as cousas se vendião; não conhecia um só corretor; não sabia quaes eião os preços correntes; e não *entendia*, nem conhecia, nem via os vendedores, e emprezarios. Assim existia esta commissão *nominal*, e assim se dispunha dos fundos do emprestimo.

da Silva prometteo *tres mil* (*r*). Ferreira Borges entregou effectivamente aquella quantia no dia 10 d'este mez de setembro á commissão, lembrando, e effeituando-se a seguinte transacção. Sacar o marquez de Palmella por esta somma sobre a commissão da companhia dos vinhos do Porto; esta remetter ao negociador das letras 500 pipas de vinho em caução e pagamento da somma desembolçada; a commissão, para pagar os saques, resacar sobre o credor hypothecario; este vender por conta da companhia; e acceitando e pagando o resaque habilitar assim o governo a ter por este plano *dez mil* libras. Assim se fez, e assim se apromptárão *cem mil cruzados* para o governo do Porto, e se habilitou a commissão expedicionaria para comprar um navio, e cavallos, e apromptar os homens necessarios para elles. O nome do dador da somma de cinco mil libras foi *João de Oliveira* (*s*), que então, por circumstancias, não podia ostensivamente apparecer.

No fim d'este mez chegou a Londres, vindo do Porto o brigadeiro João Freire Salazar com a missão de fazer apressar todos os reforços que em Inglaterra se estavão pre-

(*r*) Com a fugida dos deputados da companhia para fóra do Porto creou-se ali uma commissão para fazer as suas vezes; e os seus novos agentes em Londres fôrão José Ferreira Borges, e Henrique José da Silva.

(*s*) Hoje Barão do Tojal.

parando para adiantar as operações do nosso exercito libertador. Havia muitos annos que este official estava fóra do serviço Portuguez, e gosava em França das honras militares como coronel reformado; mas, apesar d'isso, nunca tinha deixado de ser bom Portuguez, de defender os principios liberaes, e de ter em todo o tempo concorrido para os manter e segurar. Havia sido escolhido para alistar e organisar alguns batalhões de soldados Francezes, o que com effeito fez e os levou para a ilha de S. Miguel. Seguio d'ali a expedição até o Porto, onde nunca deixou de servir como official general addido ao estado maior do exercito. De Londres partio para França a dar cumprimento a todas as commissões de que vinha encarregado. (*t*).

Todas as operações militares do exercito libertador desde o seu desembarque no Porto até o fim do corrente mez se limitárão a uma vigorosa defensiva, porque a obstinada resistencia dos rebeldes mostrou que sem maiores forças não se podia tomar a offensiva contra elles. Depois de diversos e repetidos ataques, em que sempre fôrão vigorosamente repellidos (*v*), o mais geral

(*t*) Servio nos exercitos de Napoleão até á sua ultima campanha que acabou com a desgraçada batalha de Waterloo, em que foi ferido, commandando uma brigada de cavallaria.

(*v*) Em um d'esses primeiros ataques, no dia 10 de setembro, que os rebeldes fizerão contra a Serra do Pilar, ficou ferido um distincto voluntario Francez, mr. *Celestine*

e formidavel que fizerão foi no dia 29 d'este mez, por ser o dia do santo do nome do usurpador; porém n'elle com o mesmo vigor e valentia fôrão repellidos; e então mostrárão os nossos *invenciveis* quanto mais valia o enthusiasmo da liberdade do que os furores insensatos de um despotismo barbaro. Para nunca me desviar do caminho da verdade e da justiça direi agora com toda a imparcialidade, que todas as noticias recebidas em Inglaterra, vindas do Porto, fôrão sempre concordes em declarar que D. Pedro em toda esta grande crise havia desenvolvido um caracter digno de todos os elogios. Sempre incançavel, havia sido sempre o primeiro em animar com a sua presença os valorosos que tão heroicamente se batião pela liberdade e pela Rainha sua filha. Examinando diariamente todas as fortificações, e assistindo a todos os combates, a sua presença e pessoal valor havião sido um grande e poderoso estimulo de constancia e de bravura para todos os que o rodeavão, ou erão testimunhas de sua actividade e até da rara intrepidez com que affrontava os maiores perigos. Constou finalmente, que foi preciso requerer-lhe com repetidas instancias que se não expozesse tanto ás casualidades da guerra, pois que a

---

Malo, um dos dous generosos irmãos, que de Dunquerque tinhão vindo com duas embarcações suas, e á sua custa, servir a causa da liberdade. N'este serviço já andavão desde janeiro d'este anno.

sua pessoa começava a ser um dos instrumentos da victoria. Isto, por tanto, mui gostosamente aqui menciono para que meus leitores saibão que se até aqui tenho sido verdadeiro em referir muitos dos seus erros e defeitos, não menos o quero ser em referir as suas boas acções.

Pelos fins d'este mez me chegou ás mãos um papel importantissimo, publicado no Rio de Janeiro, com o titulo seguinte. — *Segunda parte do exame das contas da caixa de Londres até o dia* 10 *de maio de* 1831 *em que foi extincta. E diversas outras contas e trabalhos relativos á mesma caixa, apresentados pela commissão encarregada do referido exame.* Rio de Janeiro, 1832. Fôrão membros d'esta commissão Marianno Pinto Lobato, Joaquim Teixeira de Macedo, e Antonio José da Silva. Por estas contas constava que o visconde de Itabayana entregára, sem ordem do governo imperial, ao marquez de Palmella no espaço de seis mezes, as quantias seguintes, a saber:

Em 30 de junho de 1828 . .	libras sterlinas	4$015
Em 30 de setembro dito . .	Ditas	45$197,1,11
Em 23 de outubro dito, em Apolices Portuguezes, a quantia de 25$000 libras, que produzirão	Ditas	15$380
Em 31 de dezembro dito . .	Ditas	65$557,14,10
TOTAL	Ditas	130$149,16,9

Recebeo mais D. Thomaz de Mascarenhas, quando voltou do Rio	libras sterlinas	80$000
Que juntas ás 130$149,16,9, fazem a somma de	Ditas	210$149,16,9

Todo este dinheiro foi despendido em nome da emigração pelos dous principaes agentes, Palmella, e Mascarenhas; porém se despendêrão ainda outras mui avultadas sommas com as viagens da Rainha; com os homens a quem D. Pedro incumbio os seus negocios e os d'ella; com os navios que para este caso e outros empregou o governo do Brazil; e emfim com os enormes ordenados que se derão a Brazileiros empregados nas diversas missões de que fôrão incumbidos; das quaes, senão todas, a maior parte foi em nosso prejuizo. A conta corrente da nossa divida com o Brazil por tudo o que deixo mencionado acha-se lançada no mesmo relatorio, de que tenho feito estes extractos, e vinha ella a ser n'aquella época a seguinte. A despeza total que o governo do Brazil declarou ter feito comnosco, era libras 804$565,17,9. Deduzindo porém d'esta quantia libras 600$000, importancia da indemnisação estipulada no artigo 2 da convenção addicional ao tratado de 29 de agosto de 1825 pelo valor das propriedades particulares de D. João 6.°, que elle deixou no Rio de Janeiro, declarou o Brazil ser então o nosso debito para com elle — libras

204$565,17,9. Da total indemnisação, estipulada a el-rei, que foi de 600$000 libras, já elle em sua vida tinha recebido á conta — 250$000 libras, e por isso só restavão para pagar 350$000 ditas, que o Brazil lançou em nosso credito. O governo Brazileiro, além d'esta somma particular que se obrigou a pagar a el-rei, obrigou-se tambem a outra divida com a nação Portugueza, que foi tomar a seu cargo o pagamento do emprestimo que o governo absoluto, *dissipador*, tinha contrahido no anno de 1823 ou 24, e emprestimo que logo se dissipou e desappareceo, e foi de 1:400,000 libras sterlinas. Por conta d'elle pagou em Londres o mesmo governo do Brazil até o fim do anno de 1827 a quantia de — 209,874,4,6 libras, e ficárão então em circulação na mesma data — 1:300$000 libras em apolices do dito emprestimo. N'esse mesmo tempo porém cessou o Brazil de fazer os seus pagamentos para este fim em razão das questões politicas, que se excitárão com a usurpação de D. Miguel; e por isso ficou ainda responsavel a Portugal d'aquella ultima quantia que circulava em apolices do dito emprestimo. Porque não quizesse misturar esta divida publica com a outra particular, que devia a D. João 6.°, foi a razão por que nos constituio devedores das — 204$565,17,9, libras que acima deixei especificadas.

Mas não foi só esta a quantia que o

governo do Brazil nos pagou no tempo da usurpação: foi ella ainda, deduzindo da conta geral 804$565,17,9 libras a somma das 250,000, que recebeo D. João 6.°, a quantia total de libras — 554$565,17,9 (x). Além d'estas enormissimas despezas, a que nos obrigou a usurpação, foi preciso ainda, como já tenho em outras partes mencionado, recorrer não só a muitos emprestimos particulares, porém aos de Maberly, e Ardoin, dos quaes já dei noticia em seus logares competentes. Em relação a este assumpto direi ainda agora o que já por outras vezes tenho dito, para que fique *eternamente* gravado no coração e cabeças dos Portuguezes; e vem a ser: que no meio de todas as difficuldades em que se vio a emigração; difficuldades, em que se achou não só a administração que dirigia os nossos negocios, porém se achárão os mesmos individuos, por tanto tempo expostos a todos os horrores da miseria e mendicidade; e difficuldades, emfim, que todos os governos virão onde os emigrados fôrão buscar hospitalidade e asylo; entre todos estes *sómente o Inglez* foi quem presenciou com imperturbavel egoismo as nossas desgraças. Nem esse governo, que sempre nos chamou seus mais amigos e constantes alliados, nem a mesma nação se lembrárão

(x) Para os que não estão familiarisados com as contas Inglezas digo, que as duas ultimas casas da direita são para os shillings e pences, além das libras, como — 17,9.

uma só vez de levantar a voz em nosso soccorro, fazendo uma publica e geral subscripção para alliviar nossa fome, e cubrir nossa nudez. Hespanhoes, Italianos, Gregos, Polacos, e os antigos emigrados Francezes, apesar de pertencerem a uma nação rival, todos, todos achárão sympathia em Inglaterra; e só nós, *como alliados e amigos*, não lhe merecemos um só acto de publica compaixão! Que grande e instructiva lição para o futuro se os Portuguezes a quizerem tomar! Não podêmos, comtudo, dizer o mesmo nem dos Francezes nem dos Belgas, em cujo territorio encontrárão todos os emigrados que lá residírão não só uma cordial hospitalidade, porém uma beneficencia, verdadeiramente extraordinaria, tanto nos respectivos governos como em seus generosos e honrados habitantes. Haja, por tanto, da nossa parte gratidão eterna para os Francezes e os Belgas, e consideração nenhuma para os Bretões egoistas, que, *só por querermos ser livres*, nos tratárão já não digo com a maior indifferença, porém com a maior ingratidão.

Principiou o mez de outubro d'este anno sem occorrencia alguma de grande notoriedade quer militar quer politica; e só o que mais particularmente tenho para notar he o mencionar novamente um nome, já por outras vezes repetido, e a quem os nossos negocios devêrão sempre o auxilio mais

decisivo e efficaz. He este o nome de mr. *Pratt*, sôgro de Henrique José da Silva, a quem igualmente já por muitas vezes tenho nomeado em razão de seus relevantes serviços. No estado estacionario em que se achavão as nossas operações militares no Porto, forçados a nos conservarmos na defensiva sem ser possivel tomar a offensiva, a menos que não se podessem obter consideraveis reforços tanto de infantaria como de cavallaria; era de absoluta necessidade dar immediatas providencias para se poderem haver estes reforços. Já antes disse como para estas urgencias se tinhão podido obter 8$000 libras, das quaes José Ferreira Borges agenciou 5$000, e Henrique José da Silva 3$000; mas isto não era sufficiente, e n'este apuro foi ainda mr. *Pratt* que nos veio soccorrer com 10$000 libras sem mais condições do que o juro da lei. Creio que este emprestimo se realisou no dia 4 d'este mez; e assim ficámos habilitados para dar maior extensão ás remessas de que tanto se precisava no Porto. Estas se fizerão constantemente durante este mez, consistindo em homens, cavallos, munições, e em uma grande fragata para augmentar as forças maritimas commandadas por Sartorius. No meio porém de tudo isto acontecia um facto altamente reprehensivel que foi, que em quanto se alistavão estrangeiros tanto em Inglaterra como em França não se derão providen-

cias algumas para transportar para o Porto muitos emigrados que se achavão em ambos os paizes, e anhelavão para se hirem juntar com seus compatriotas, e morrerem ao pé d'elles, para restaurarem a sua patria e a liberdade. Este facto foi escandalosissimo, e immoral, porque se fazia vêr ao mundo que um Portuguez não valia tanto na presença dos inimigos como um Inglez ou um Francez assalariados, quando a experiencia diariamente mostrava o valor heroico com que todos pelejavão, e intrepidamente morrião. Havia ainda mais outra circumstancia muito attendivel que era, o terem-se já perdido muitos officiaes, uns por morte, outros por graves feridas, e haver ainda entre os emigrados ausentes uma porção mui consideravel d'elles. Este facto a muita gente parecia inexplicavel; porém os que olhavão para a politica, e egoismo dos que então dirigião os nossos negocios, com facilidade conhecião, quaes erão os motivos que os determinavão. Não querião empregar homens que, por deverem a sua subsistencia em França ao credito e influencia do general Saldanha, lhe erão particularmente affeiçoados; e como se pertendia a todo o custo suffocar a vida militar e politica do protector, era por consequencia necessario suffocar tambem os serviços dos protegidos. Accrescia a isto, que os chamados *Saldanhistas* erão os unicos que do coração, por palavras, e obras defendião

a liberdade, *e a Rainha*; e esta circumstancia era crime imperdoavel para os que não querião *rei mulher*, e pertendião fazer de D. Pedro um instrumento a seu geito, para melhor se utilisarem de suas graças, como depois se utilisárão. Não lhes fazia, por tanto, conta o chamar tal gente, porque já conhecião o caracter e sentimentos de muitos que, bem contra vontade d'elles governantes, já se achavão no Porto, e nas fileiras da liberdade; e n'este caso lhes preferião os mercenarios estrangeiros.

Havia ainda outra mui poderosa razão para este proceder, segundo se dizia, e era: que occultamente se procurava concluir a nossa causa por convenções diplomaticas, e tenebrosos *protocolos*, taes como os que havião trazido D. Miguel a Portugal; e como os que então entravão n'este segredo fazião parte dos conselheiros de D. Pedro, não era para admirar que tanto se trabalhasse para que em torno d'elle estivesse o menor numero de homens que passavão por verdadeiros, e incorruptos liberaes. Sim, a opinião geral do tempo era, que antes querião perder ou expôr-se a perder a causa da liberdade, e a legitimidade do throno na pessoa da Rainha D. Maria II. do que servirem-se de homens, que erão conhecidamente oppostos á sua politica. Os individuos, que n'esta épocha ostensivamente aconselhavão D. Pedro, com o titulo de se-

cretarios d'estado, erão o marquez de Palmella, Agostinho José Freire, Mousinho da Silveira, e Mousinho d'Albuquerque; como inspirador ou conselheiro occulto, Candido José Xavier.

Ou fosse ou não verdade que esta era a politica dos actuaes conselheiros de D. Pedro, o que os factos mostrárão foi, que elles não tinhão a capacidade sufficiente para dirigirem as operações militares, e bem assim o general conde de Villa-Flôr, que commandava debaixo das ordens de D. Pedro. Ao conde chamavão então o general *Souto-Redondo*, em allusão á desgraçada surpreza que lhe fez o inimigo n'aquelle logar, onde toda a nossa divisão esteve para ali ficar completamente anniquilada, a não ser a presença de espirito, e valor de alguns officiaes subalternos, e entre elles com especialidade do tenente-coronel *Pacheco*. A opinião dos homens instruidos d'esse tempo era, que se no Porto tivesse estado um general, ainda medianamente habil, os rebeldes com toda a probabilidade terião sido completamente esmagados nos diversos ataques que até ali tinhão feito, e nos quaes sempre havião sido com grande perda repellidos. Mas a politica de D. Pedro, e de seus conselheiros era toda exclusiva; querião tudo para elles; e tudo por elles esteve a ponto de perder-se.

Os feitos militares d'este mez, prati-

cados pelas nossas tropas contra os rebeldes, fôrão os grandes combates que contra a *Serra* ellas repellírão com extraordinaria intrepidez e constancia. Tambem houve um combate naval entre Sartorius e a esquadra de D. Miguel, em que esta, pela segunda vez, foi obrigada a entrar no Tejo muito desbaratada. No emtanto se tratava constantemente em Londres de novos recrutamentos, para um dos quaes muito concorreo José Ferreira Borges, fazendo com que para elle, que foi dirigido por *Carlos Cochrane*, adiantasse Manuel Joaquim Soares a somma de duas mil libras sterlinas, destinadas para fretar um vapor que conduzio esta gente. Apesar d'isto foi este notavel serviço muito mal recebido pelos governantes do Porto, que, associados com a commissão de Londres, isto he, com *Mendizabal*, tudo fizerão para que este esforço a bem da nossa causa quasi de todo se inutilisasse. Esta commissão de Londres desacreditava e paralisava tudo o que não era directamente feito por ella; e a razão era obvia, porque não se queria privar dos interesses pecuniarios, que as suas negociações lhe davão; e por isto quanto se não fazia por sua direcção era mal visto, desacreditado, e quasi sempre perdido em seus resultados.

N'este mesmo mez sahio de Lisboa D. Miguel com as infantas suas irmãs, obrigado a dar este passo pelos seus conse-

lheiros para verem se com a sua presença influia maior valor nas suas tropas, que até ali havião sido infelizes em todas as tentativas que fizerão. Mas de nada valeo para com ellas esta apparição, verdadeiramente theatral, porque elle foi meter-se na cidade *levitica* de Braga, d'onde raras vezes sahio; e nunca fez operação alguma extraordinaria, que se julgasse filha da sua presença: em uma palavra, as sus tropas, com a vista d'elle, não adquirírão nem mais brio, nem mais resolução. Tendo feito sahir para as immediações do Porto, tanto do lado do norte como do sul, as tropas disponiveis que tinha, particularmente na capital, deixou n'esta uma *nova milicia* com que se persuadio podia mui bem segurá-la não só durante a sua ausencia, mas no futuro. Foi esta nova milicia uma aggregação de *Jesuitas*, aos quaes instalou no *collegio dos nobres*; e n'elle dêo aos alumnos, que ali se educavão, ou de fóra hião ouvir as lições, estes mestres, a quem seus avós tinhão banido do paiz como inimigos, e assassinos de um rei Portuguez. Havendo-os porém já nomeado para educadores da mocidade no collegio das artes de Coimbra, era consequencia necessaria que tambem lhes désse o mesmo emprego em Lisboa, e perto da sua pessoa; pois que a elles, e com razão, considerava como um dos mais efficazes instrumentos da sua usurpação. E pois que o seu governo e-

ra eminentemente barbaro e atroz, além de illegal, sómente se podia elle conservar pela superstição e pela mentira, fundadas na ignorancia, unica base em que o despotismo se póde temporariamente manter.

N'este mesmo mez morreo na prisão uma das monstruosidades politicas do meu tempo, que foi Manuel Martins Pamplona, a quem D. João VI. dêo o titulo de conde de Subserra. Morreo em ferros, e lançados por esse mesmo usurpador D. Miguel, a quem elle tinha ora bem ora mal servido, e ultimamente ainda queria servir. Teve um fim digno da sua vida; porque morreo punido pelo homem que já o quizera assassinar no anno de 1824, e a quem depois se veio offerecer para o auxiliar em sua usurpação. Grande lição para os homens sem caracter, para os ambiciosos sem virtude, e para os hypocritas politicos! O sejano de D. João VI. teve quasi a sorte do sejano de Tiberio (*y*).

Chegou o mez de novembro d'este anno; e emfim a necessidade e a opinião publica, sempre superiores a todos os calculos das facções, obrigárão D. Pedro a fazer um acto de summa importancia, com que destruio uma grande parte das suas anteriores combinações. Consistio este acto memoravel

(*y*) De acôrdo com o seu collega, marquez de Palmella, constou que insinuára em certo tempo a D. João VI. que abdicasse!

na sua portaria de 3 d'este mez, pela qual mandou chamar para o Porto todos os officiaes emigrados que ainda se achavão espalhados pela Europa, e que só uma desgraçada politica podia ter impedido de regressar a essa parte da sua patria, que então estava heroicamente luctando contra todos os furores da usurpação. Mas esta notavel resolução foi forçada, porque foi a consequencia do grito geral do exercito libertador, unido ás vozes unanimes do povo. Já n'estes *Annaes* tenho por vezes exposto qual era o odio que D. Pedro e a sua *camarilha* tinhão sempre manifestado contra o general Saldanha, e todos os seus amigos a quem querião denegrir com o epitheto de *Saldanhistas*. Para o substituir na opinião publica tinhão-se procurado exaltar os talentos militares e a fortuna do conde de Villa-Flôr, mas este prestigio já de todos se tinha desvanecido depois da desgraça de *Souto-Redondo*. Assim, depois d'aquella jornada fatal, o conde tinha cahido em um descredito geral, e altamente se gritava contra elle, e a este grito se juntavão depois os applausos e os vivas ao general Saldanha, Stubbs, e outros, que de proposito se tinhão deixado em França como *desterrados*, para não virem fazer sombra com sua presença e serviços ás muitas ambições, que não querião competencia. Todas estas cousas forçárão, emfim, o conde de Villa-Flôr a pedir a sua dimissão que

lhe foi concedida; e para lh'a tornarem menos desagradavel a enfeitou D. Pedro, dando-lhe a patente de tenente-general, com o titulo de *duque da Terceira*, e com uma dadiva de cem contos de réis em bens nacionaes, que todavia ficava dependente da sancção das côrtes futuras.

A portaria de 3 d'este mez, que acima referi, tendo produzido uma universal alegria, foi quasi logo manchada com um novo acto de mesquinho despotismo, mas que assim mesmo consternou os homens de todos os partidos, á excepção d'aquelles que para elle tinhão concorrido ou como complices, ou como assalariados panegyristas. Tinha sido a tal portaria ampla, geral, e sem excepções; mas como se queria a todo o custo desconceituar um homem, ou antes darlhe, sem n'isto advertirem, uma notavel celebridade, fizerão alguns dias depois lavrar outra portaria com a data da primeira, pela qual excluírão do convite geral o coronel *Rodrigo Pinto Pizarro*. Era este o mesmo individuo contra quem já no principio d'este anno se havia fulminado outra portaria para o impedir de se passar á ilha Terceira; de sorte que o principio e fim do anno fôrão marcados por dous actos iguaes de absolutismo contra aquelle official. Como já publicasse o primeiro documento, necessario he que tambem publique este segundo; porque taes documentos fórmão épocha na

historia dos governos, e caracterisão os instrumentos de taes atrocidades politicas. Foi a portaria de que fallo do theor seguinte:

„ Ministerio da guerra, 2.ª repartição. — Manda o duque de Bragança, regente em nome da Rainha, declarar ao coronel de cavallaria Rodrigo Pinto Pizarro, que, não obstante por portaria d'esta data terem sido mandados regressar a Portugal todos os militares Portuguezes, existentes em paizes estrangeiros, fica elle *inhibido* de voltar a este reino, em quanto em todo elle se não achar restabelecida a authoridade legitima de S. M. F. a Senhora D. Maria II. — Paço no Porto, em 3 de novembro de 1832. — Agostinho José Freire. „

Assim, para estes dous actos identicos de um escandaloso despotismo, praticados contra o mesmo individuo, um d'elles em 6 de janeiro, e outro em 3 de novembro, ambos no mesmo anno, se associárão Candido José Xavier, e Agostinho José Freire, nomes, que devem ser historicos; porque, calcando aos pés todas as leis constitucionaes, commettêrão um d'esses delictos contra a liberdade pessoal de um cidadão, delicto, que jámais se póde esquecer, e menos perdoar em um governo legal. Lanço, por tanto, com gôsto estes nomes nos meus *Annaes* para que cheguem a noticia de todos, e todos os avaliem como merecem,

assim como aquelle, cujas ordens servilmente executárão. E tanto mais julgo isto necessario porque ao primeiro tirou da fôrca a regeneração de 24 d'agosto de 1820; e ao segundo tirou da nullidade, e até de uma reputação equivoca, esse mesmo 24 de agosto, tempo em que alardeou grandes virtudes constitucionaes, que depois trocou por esperanças e realidades de miseraveis ambições (z). Ao coronel Pizarro nenhum mal produzio esta injustiça, e antes lhe grangeou mais nomeada; e até fez com que a seu lado visse por amigos a muitos que antes erão senão inimigos declarados, ao menos seus emulos, e de nenhuma fórma seus affeiçoados. E era isto natural, pois que quando a um cidadão se faz uma grande injustiça todos os homens honrados, quaesquer que sejão as suas opiniões politicas, tomão o seu partido na lembrança de que aquelle absolutismo ou aquella tyrannia, que um dia se commette contra um individuo, póde igualmente no dia seguinte repetir-se contra outro: assim quando o perigo he commum todos se interessão em repelli-lo.

No fim d'este mez chegárão a Londres o marquez de Palmella, e Mousinho de Albuquerque, ambos secretarios d'estado de

(z) Acabou este homem a sua vida ambiciosa, assassinado no anno de 1837, hindo para Belem a unir-se á côrte, que ali estava quando se quiz suffocar a revolução politica de setembro de 1836.

D. Pedro no Porto, com dous secretarios, que fôrão para o primeiro José Balbino de Barbosa e Araujo; e para o segundo, Garret. Teve por pretexto esta sua sahida o serem incumbidos de uma missão diplomatica perante as tres côrtes de Madrid, París, e Londres, afim de verem se ellas tomavão algum interesse directo em a nossa já tão longa questão Portugueza. A' aquelles dous diplomaticos se juntou ainda outro extraordinariamente, o qual foi Filippe Ferreira de Araujo e Castro, que n'esse tempo residia em París, e nas mãos do qual eu ali vi a sua nomeação. Mas todas estas nomeações não fôrão mais do que um resultado de intriga de serralho, porque havia muito tempo que o partido, que apoiava os desejos de D. Pedro, ou para que tornasse a ser rei de Portugal, ou fosse regente em nome de sua filha, procurava desviar do ministerio os dous individuos acima mencionados, como homens em quem não confiava assaz para chegar a seus fins. Por isto he que inventou esta extraordinaria missão diplomatica para dolosamente lhes tirar o ministerio. E para que a intriga fosse completamente bem succedida já antes se havia dado outra missão de uma nova natureza ao secretario d'estado Mousinho da Silveira, a qual elle innocentemente acceitou, e com ella realisou os projectos de quem o queria substituir assim como aos seus collegas. O marquez de Pal-

mella havia já tempo que prevía o golpe; e, para o impedir ou demorar, he que havia chamado em seu apoio para o ministerio de D. Pedro Mousinho de Albuquerque, e Bernardo de Sá Nogueira; porém nada com isto conseguio, porque o primeiro, como menos tratavel, foi envolvido na desgraça do marquez; e o segundo, como mais docil, sujeitou-se á politica dos inimigos do seu protector, ficou no logar que occupava, e assignou depois os decretos da dimissão de seus collegas. Agora, como lição de moralidade, e para conhecimento do caracter de certos homens que tem figurado na época em que vivi, direi: = que, em quanto D. Pedro não appareceo na Europa, aquelles, que ao depois tomárão exclusivamente o nome de seus amigos, erão a mais *servil criadagem* de Palmella, que o fatigavão com adulações e visitas, e que nunca largavão as suas salas, ou as suas ante-camaras: porém assim que chegou o novo idolo deitárão-se de rojo a seus pés, fomentarão-lhe ambições deshonestas; e depois cuspírão, sem vergonha, nas faces do homem que primeiro tinhão adorado. Eis-aqui a fysionomia pintada ao natural dos que depois enfaticamente se chamárão os amigos de D. Pedro.

A facção Pedrista tanto que se vio desassombrada dos que tinha por inimigos, procurou tomar immediatamente as posições que elles havião largado, e que, por assim

dizer, ainda estavão quentes. Formou, por tanto, sem demora D. Pedro o seu novo ministerio, que se compôz de Candido José Xavier para os negocios do reino; de José da Silva Carvalho para a fazenda; e de Joaquim Antonio de Magalhães para a justiça; conservando os dous antigos, que erão Agostinho José Freire, e Bernardo de Sá Nogueira. Nas circumstancias em que se achava o Porto, e no descredito em que estava o governo de D. Pedro tanto na parte financeira como na opinião publica, este se augmentou com as novas nomeações.

No mez de dezembro d'este anno, e de que vou relatar os successos mais importantes, estava eu, o author d'estes *Annaes*, em París, para onde tinha hido de Londres nos principios do mez antecedente com o conde de Saldanha, que a essa ultima cidade por negocios particulares tinha vindo. Achando-me em casa do mesmo conde, casualmente ali appareceo o major Inglez *White*, que por sua boca me repetio o que já de muito antes eu sabía pela boca do conde; e que por ser extraordinario, e dar muita luz á historia da nossa emigração, bem como á dos homens que n'ella figurárão como nossos governantes, não posso deixar de transcrever, e gravar n'estes meus *Annaes*. Havia um anno que este major, por via de Candido José Xavier, e marquez de Palmella, se havia offerecido para apromptar *tres mil* ho-

mens de boa tropa, fardados, e conduzidos á sua custa para a Terceira ou Portugal, para com elles reforçar a expedição que n'aquelle tempo se preparava contra o usurpador. As suas condições erão as mais favoraveis e liberaes que em nossas circumstancias se nos podião exigir; porque promettia, sem despeza alguma nossa antecipada, ajudar-nos por espaço de tres mezes, e só findos elles requeria, que se lhe pagasse a prazos o *dobro* do que tivesse despendido n'aquella empreza, o que elle legalisaria pelo modo o mais proprio a não pôr em duvida a exactidão e verdade das suas contas. Assim esta especie de emprestimo vinha a ficar a 50 por cento, e como tal muito mais favoravel do que o ultimo que se havia contratado com Ardoin, que havia sido a 48 por cento. Parece que na situação em que nos achavamos, nas vesperas de uma expedição arriscada, e na falta de meios que apresentava o mencionado emprestimo de Ardoin, não podia haver razão alguma poderosa que justificasse a recusação d'esta offerta: comtudo, ella foi regeitada, e talvez, se não he certo, d'aqui procedesse o ter falhado a expedição logo no seu desembarque no Porto. Os motivos por que se desprezou este reforço, assim como se desprezárão outros de que já fallei, não procedêrão tanto de ignorancia como de uma estupida confiança, e de uma ambição criminosa. Particularmente

depois da chegada de D. Pedro á Europa, como variassem os projectos politicos, tomou-se por invariavel regra de politica não só regeitar todos os offerecimentos estranhos, que não fossem apresentados por certa gente, mas até a cooperação de muitos emigrados, que erão tidos e havidos como contrarios, ou pouco affeiçoados ao desenvolvimento d'aquelles projectos. Cohonestava-se esta recusação com dizer-se, que todo o Portugal estava disposto a receber D. Pedro; e que uma *bota sua*, como a de Carlos XII., apparecendo em nossas praias, sería sufficiente para que todos corressem a adorá-la. Comtudo, os motivos verdadeiros, além d'esta pueril crença da nenhuma resistencia, erão de formar a expedição sómente de certo numero de *adeptos*, que já tinhão distribuido entre si, e seus amigos todos os empregos; e que por isso não querião levar comsigo quem lh'os podesse disputar, e maiormente da classe d'aquelles que, sem rebuço, por palavra e penna declaravão, — *que só querião carta, e rei mulher.* Esta ultima circumstancia corrobora, por tanto, a razão por que se regeitou a offerta do major White; porque quando elle a fez clara e explicitamente declarou, que a força que offerecia era tão sómente para apoiar a liberdade constitucional em Portugal, e que não contassem com ella para outra cousa. Esta só condição era bastante

para a regeitar como com effeito se regeitou.

Permanecendo ainda em París, tive n'este tempo particular conhecimento com mr. Hertault, aquelle mesmo agente do emprestimo que se havia offerecido no mez de julho ou agosto antecedente, e de que já fiz menção n'estes *Annaes*. Sabendo elle agora que o conde de Saldanha estava a partir para o Porto foi-lhe renovar as suas offertas; e reduzindo-as a um projecto regular quiz que este ali fosse assignado por alguns Portuguezes, para que elles, como testimunhas da offerta, e procuradores do bom exito d'ella, a apresentassem a D. Pedro, e ao seu governo no Porto. As pessoas escolhidas para isto, e que de facto assignárão o projecto que depois se apresentou, fôrão: o conde de Saldanha; o tenente-coronel Francisco Simões Margiochi; o doutor Solano Constancio; o doutor Leonel Tavares, ex-deputado das côrtes de 1826; e José Liberato Freire de Carvalho, author d'estes *Annaes*. Era mui vantajoso este emprestimo, porque, entre outras condições favoraveis, não havia um preço certo para o valor dos *bonds*, ou obrigações; o qual devia ser segundo o credito que tivessem no mercado, e por tanto a nosso favor, tendo por clausula que nunca valerião menos de 30 por cento. Além d'isto, uma das hypothecas era a exploração das nossas minas do reino por certos annos, com a condição que os contratadores paga-

rião um estipulado direito ao governo do producto d'ellas. Isto era de summa vantagem para nós, porque se hia dar valor a muitos capitaes mortos que tinhamos; hião-se empregar muitos braços n'estes novos trabalhos; e punhão-se em circulação grandes riquezas que estavão mortas para nós, e de que não podiamos, nem sabiamos tirar proveito. Em recompensa d'esta e outras hypothecas offerecião-nos *vinte milhões de cruzados*; cujo emprego sería o pôr logo em actividade uma força militar até *dez mil* homens de todas as armas, esquipados, e transportados para Portugal pelos emprestadores. Assim, no estado em que nos achavamos, encerrados e cercados no Porto com muito pouca tropa para avançar, tomando a offensiva, e limitados aos mesquinhos, e sempre tardios soccorros que nos dava o emprestimo de Ardoin, nada parecia mais vantajoso; e debaixo d'este ponto de vista foi que os individuos, acima nomeados, se resolvêrão a assignar o projecto, e a serem os portadores d'elle, na firme persuasão que em tempo de naufragio ou da proximidade d'elle se deve lançar mão dos recursos mais promptos, ainda mesmo d'aquelles que em tempo de bonança parecem os mais arriscados. Independentemente de eu ter sido um dos individuos que assignárão aquelle projecto, não tenho pejo de dizer, que ainda hoje, que escrevo estas linhas, sou de opinião, que

com elle se teria feito um grande serviço á patria nas arriscadas circumstancias em que então nos achavamos. Mas, como já tenho notado, era preciso para certa gente que tudo se fizesse por intervenção de *Mendizabal*, esse *Muloch*, a quem se sacrificou *deshonestamente* (*aa*) uma enorme porção da riqueza nacional para com ella, *elle*, e seus protectores fazerem fortunas colossaes, passando de uma mediocridade de fortuna a uma rapida e escandalosa riqueza. Foi, conseguintemente, regeitado este projecto como ainda ao diante direi; mas antes da sua formal regeição, procurou-se torná-lo impossivel pelas mentiras e violencias que para esse fim se praticárão. Como se soubesse que já se começavão a fazer algumas disposições para realisar a empreza, fundando-as na apparente approvação que D. Francisco de Almeida havia dado a este projecto já antes proposto, recorreo-se então, para o malograr, ao baixo estratagema das denuncias; e denuncias, feitas por Portuguezes ao governo Francez; pelo menos um dos nossos agentes, o consul *Daupias*, se desculpou depois d'isso ao conde de Saldanha, declarando que havia sido enganado. Denunciou-se o alistamento que se começava a fazer, ou provisoriamen-

(*aa*) A *deshonestidade* foi tal, que pelo tempo adiante se dêo *carta branca* a este *estrangeiro* para fazer e administrar por nossa conta, e em nosso nome outros importantissimos emprestimos.

te se preparava, assim como um muito respeitavel official Francez, o general *Lacroix*, que estava incumbido d'esta operação. E como tudo isto era contra a lei, e o governo Francez o não podia ostensivamente approvar, o marechal *Soult*, ministro da guerra, vio-se obrigado a mandar prender o dito general *Lacroix*, apesar de occultamente auxiliar a empreza, como eu vi, e o verifiquei pela sua correspondencia com os agentes d'ella. O general *Lacroix* conservou-se prêso até o meado ou fim d'este mez bem contra a vontade do ministro, e só para salvar no publico o caracter do governo. Assim, por estas intrigas desleaes, filhas da ambição, os chamados *amigos* de D. Pedro pozerão em risco a causa da liberdade e da patria.

Concluirei os successos d'este mez e anno com um caso bem singular, que me foi communicado em París, estando eu em casa do conde de Saldanha, e na sua propria presença. No anno de 1829 houve uma reunião em París composta, entre outros, do marquez de Palmella, D. Francisco de Almeida, Candido José Xavier, e o visconde de Pedra-Branca, cidadão Brazileiro, e na qual se assentou: que no caso do conde de Saldanha tomar a resolução de ir para a ilha Terceira, se devia buscar meio ou pretexto de lhe fazer um conselho de guerra, e n'elle se decidir que fosse asperamente punido. Não se podendo porém isto conse-

guir, se lhe devia obstar por qualquer modo que fosse. Esta communicação me foi mui clara e explicitamente feita pelo doutor Francisco Solano Constancio em 24 de novembro de 1832; o qual me disse ter ouvido isto, *tal e qual*, da propria boca do visconde de Pedra-Branca. Eu não affirmo nem nego a veracidade d'este facto; o que digo e affirmo debaixo da minha palavra de honra he que o ouvi ao doutor Constancio. E direi ainda mais, para que meus leitores possão fazer o juizo que quizerem sobre elle, que o mesmo conde de Saldanha, escrevendo-me n'este mesmo anno para Londres em resposta ao que eu lhe perguntava sobre a sua hida para o Porto, disse-me em uma carta, que conservo, o seguinte: „V. „ s.ª sabe o canal por onde me chegão as „ noticias da rua de *Corcelles* (*bb*). A unica „ pessoa que ali tem alguma commiseração „ de mim he a imperatriz. Todos os outros „ só me concedem que tenho sido causa de „ não terem morrido de fome os emigrados; mas ainda agora continuão a dizer, „ que se eu me fosse apresentar no Porto „ era *indispensavel dar cabo de mim* por todos os modos. Não repito isto porque „ me importem taes ameaços, mas só para „ que calculem a boa vontade com que D. „ Pedro me veria ali apparecer. „

(*bb*) Rua de Paris, em que morou D. Pedro, sua mulher, e a Rainha.

Para que meus leitores ainda possão mais prudentemente pesar as probabilidades da mentira ou verdade do facto que me referio o doutor Constancio, vou fechar este meu livro dos *Annaes* com a copia literal de uma carta que o marquez de Palmella escreveo para a ilha Terceira ao general Diocleciano Leão Cabreira em 19 de março de 1829, e que eu li transcripta em o n.º 224 do *Angrense*, publicado em Angra do Heroismo em 21 de janeiro de 1841.

„ Ill.mo e exc.mo sr. — Tenho a satisfação de certificar „ a v. exc.ª que a Rainha minha Senhora continúa felizmente „ a gosar da mais prospera saude. S. M. toma um interesse „ ancioso em tudo o que diz respeito em geral aos seus sub- „ ditos fiéis, cujos sacrificios avalia quanto importa a sua tenra „ idade; mas sobre tudo a sorte dos constantes e denodados „ defensores d'essa ilha, a quem se propõe enviar pela pri- „ meira occasião opportuna a bandeira, que elles mesmos sol- „ licitárão, e de que se tornão dignos em gráo eminente.

„ Ordena S. M. que o governo d'essa ilha faça publico „ por editaes, que tendo de levar ao conhecimento de S. M. „ a resenha e balanço de todos os ramos de administração da „ ilha, tambem tem ordem para levar ao soberano conheci- „ mento qualquer representação que as authoridades, corpora- „ ções, ou pessoas da ilha lhe quizerem dirigir, na certeza de „ que serão immediatamente providas segundo cumprir ao bem „ publico.

„ Não se havendo verificado o desembarque com que se „ contava n'essa ilha do corpo debaixo do commando do ma- „ rechal de campo João Carlos de Saldanha, a quem S. M. „ havia nomeado commandante da força armada, porém sem- „ pre debaixo da authoridade não só d'essa junta provisoria, „ mas tambem do seu digno presidente na qualidade de go- „ vernador militar; cumpre-me agora prevenir a v. exc.ª, de „ ordem de S. M., e para intelligencia da junta provisoria, „ — *que fica sem effeito a nomeação de João Carlos de Sal-* „ *danha, a qual S. M. ha por conveniente annullar, ainda* „ *mesmo no caso de que o sobredito marechal de campo tor-* „ *ne a dirigir-se para essa ilha.* E confia a Rainha, minha

„ Senhora, na fidelidade, pericia militar, e inabalavel firmeza „ de v. exc.ª que saberá defender o baluarte da legitimidade, „ em que se acha collocado, contra todos os esforços dos se- „ ctarios da usurpação, no caso que se atrevão a atacá-lo.

„ Consta por noticias de Lisboa de 7 do corrente que ti- „ nhão desembarcado a artilharia e petrechos militares com que „ ameaçavão essa ilha, não se tratando já de a mandar ata- „ car com um corpo de tropas, mas só de a ter bloqueada, „ e de enviar 400 homens para guarnecerem a ilha de S. Mi- „ guel. He de esperar que este bloqueio, sobre tudo, vindo „ agora o equinocio, não poderá ser exacto nem de muita du- „ ração.

„ Queira v. exc.ª remetter-me, para ser presente á Rai- „ nha minha Senhora, um relatorio da organisação que essa „ junta houver de dar aos voluntarios que fôrão de Plymouth, „ pois muito convem, melhorando quanto possivel fôr a „ sua sorte, sujeitá-los comtudo a uma disciplina exacta de- „ baixo de officiaes de sufficiente caracter e authoridade, a- „ fim de que o soccorro enviado a essa ilha seja util, e não „ puramente nominal. — Deus guarde a v. exc.ª Londres em „ 19 de março de 1829. — Marquez de Palmella. — Ao illus- „ trissimo e excellentissimo sr. Diocleciano Leão Cabreira. „

FIM DO LIVRO V. D'ESTES ANNAES.

MEMORIAS

COM O TITULO

DE

ANNAES,

PARA A HSTORIA DO TEMPO

QUE DUROU A USURPAÇÃO

DE

D. MIGUEL,

POR

JOSE' LIBERATO FREIRE DE CARVALHO.

VOLUME IV.

QUE COMPREHENDE OS ANNOS 1833 E 1834.

Opus aggredior opimum casibus.

TACITO, livro 1.° das Hist. in princip.

LISBOA,

NA IMPRENSA NEVESIANA.

1843.

RUA DO LOUREIRO N.° 15.

L'avantage, que donnent les revolutions, est de montrer á decouvert l'âme de certaines gens.....

RECUEIL DES MAXIMES.

DESPEDIDA

AOS LEITORES D'ESTAS MEMORIAS.

Entrego ao publico o quarto e ultimo volume das minhas *Memorias*, *com o titulo de Annaes*, *para a historia do tempo que durou a usurpação de D. Miguel.* Nada n'ellas escrevi que não visse, ouvisse, lesse, ou em que não fosse parte; e em tudo procurei ser verdadeiro, contando as cousas, ou como boatos do tempo, ou como factos acontecidos. Eu ou me havia de calar e não escrever, ou escrevendo devia dizer a verdade, tocasse ella em quem tocasse; porque se assim o não fizesse sería ou um miseravel adulador, ou um escriptor infiel, caracter com que não nasci, nem julgo digno de um homem de bem. Creio que não insultei nem calumniei ninguem; ao menos, como homem honesto o digo, e que não foi essa a minha intenção. Não devassei a casa de ninguem, não pesquisei a sua vida privada; e os homens, de quem fallei, encontrei-os, por assim dizer, no meio da rua; e então fielmente, e o mais decente que pude, escrevi o que elles ali fa-

zião; porque quem quer figurar no theatro do mundo faz logo com que suas acções sejão propriedade do publico, que fica com o direito de as avaliar e pesar. Isto he o que eu fiz, e o fiz com lealdade, segundo me parece. Dedico particularmente este volume aos honrados e valentes habitantes do Porto, a quem vi fazer actos, os mais heroicos, de valor, de patriotismo, e de amor da liberdade. Oxalá que elles sempre conservem estes briosos sentimentos: taes são os desejos de quem escreveo estas *Memorias*, e que se assigna em Lisboa aos 17 de janeiro de 1843.

José Liberato Freire de Carvalho.

LIVRO VI.

DOS ANNAES.

Successos mais importantes do anno 1833, *e sexto da usurpação.*

A PORTARIA de 3 de novembro do anno passado, que já mencionei, e que a opinião publica e a necessidade tinhão extorquido a D. Pedro, pela qual se facultava a entrada da patria a todos os generaes e officiaes que uma invejosa politica tinha como desterrados em França e Inglaterra, fez immediatamente determinar o general Saldanha, que se achava em París, a partir para o Porto. Achava-se porém elle então gravemente doente, e apesar dos ardentes desejos que tinha, e que logo manifestou de se pôr a caminho, só nos primeiros dias de janeiro d'este anno he que pôde sahir de França. As pessoas que o acompanhárão tanto por affeição que lhe tinhão, e á causa da restauração da nossa liberdade, como pelo desejo que

elle mostrou de as levar comsigo, fôrão: — seu irmão Domingos de Saldanha; o tenente-coronel Margiochi; o joven D. Francisco de Menezes de Brito do Rio; e o author d'estes *Annaes*, José Liberato Freire de Carvalho. Chegámos a Londres no dia 4 d'este mez, e esperando achar algum auxilio para o nosso embarque nenhum se nos dêo, nem facilitou; ao mesmo passo que assim que de lá sahimos se publicou que havia um vapor para levar gente para o Porto, o qual tinha vindo solicitar um tal José Romão, que para esse fim viera de Ostende, e era uma creatura da nossa governança, que só para os seus tudo facilitava com mão larga. Em Londres encontrámos mais tres companheiros de viagem, que fôrão o general Stubbs, com o seu ajudante Villete, e o general Diocleciano Cabreira. Partimos emfim para Falmouth no dia 9 para vêr se podiamos achar passagem em algum dos paquetes; e ali chegámos na madrugada do dia 11, dia, em que um paquete sahia. Hindo porém logo tratar com o capitão d'elle, tão má vontade, e tantas difficuldades mostrou para nos receber a bordo, que combinando isto com os seus modos assaz grosseiros, e com o que nos disserão de não ser elle homem fiel, e nos poder armar alguma traição, pois era amigo declarado de D. Miguel e seu governo; nos determinámos então a não embarcar n'aquelle paquete, e a esperarmos ali a-

té a semana seguinte. He preciso porém advertir, que nós todos estavamos determinados a ir á nossa custa; e que só ao conde de Saldanha e ao general Stubbs mandou o encarregado de negocios Lima pagar as suas modicas e *simplices* passagens por via do consul Fox.

No dia 13, principio da seguinte semana, me convidou o conde de Saldanha para hirmos a casa do commandante do porto, o capitão *King*, para d'elle sabermos qual sería o paquete que devia sahir, e hirmos depois tratar com o seu commandante sobre a nossa passagem. Soubemos que era um grande barco de vapor do governo o que estava destinado para levar a mala d'aquella semana; porém ao mesmo tempo se nos declarou, com grande espanto nosso, que o *almirantado* tinha mandado uma ordem positiva para não receber passageiros. O capitão King foi assaz polido e condescendente para nos mostrar a dita ordem; e n'ella, com os nossos proprios olhos, vimos que a prohibição era positiva, e tão terminante, que até vinha *sublineada*, para que não podesse haver engano, nem desculpa. Bem extraordinaria nos pareceo, assim como a todos que o souberão, esta ordem não esperada, porque não tendo por obrigação os commandantes dos navios do governo tomarem passageiros, não lhes era comtudo prohibido recebê-los, por ser um dos seus lucros permittidos. Esta circumstancia

não esperada nos fez logo conhecer que havia uma conspiração contra nós, e particularmente contra o conde de Saldanha, a quem só a força da opinião publica podia ter aberto as portas do Porto. Mas se esta conspiração, que outro nome não póde ter, foi só obra do governo Inglez, que bem sabía que nos achavamos em Falmouth, e a razão d'isso, ou de algum dos nossos que lh'a inspirárão, e de quem se fez instrumento, he esta uma cousa que não podémos saber. Qualquer porém que fosse o agente d'este transtorno que nos fizerão, bem pouco nobre tinha elle o caracter, e mui fracos e baixos meios tomou para nos impedir a viagem; porque fazendo-a nós á nossa custa, ainda mil recursos tinhamos, como com effeito tivemos, e ainda com maiores vantagens e maior segurança do que as que podiamos ter nos paquetes.

Durante os poucos dias que estivemos em Falmouth soubemos da sahida do general Solignac para o Porto, com algumas tropas estrangeiras, em um barco de vapor que os nossos agentes, ou a commissão expressamente preparárão para elle. Assim cumpre agora aqui notar, que em quanto para um general estrangeiro e para algumas tropas mercenarias se destinava um navio, nenhum caso se fez de tres illustres generaes Portuguezes, Saldanha, Stubbs, e Cabreira, assim como de muitos outros Portuguezes, entre os quaes

havia muitos officiaes benemeritos, que, pela maior parte, se quizerão ir para o Porto foi á sua custa, ou de alguns amigos generosos (*a*), que contribuírão para a viagem d'elles. Mas já que veio á proposito fallar do general Solignac, direi agora como foi a sua escolha, e qual era em París a sua reputação militar, e bem assim a do seu caracter moral. Tanto que no Porto foi geralmente conhecida a necessidade de substituir no commando do exercito o conde de Villa-Flôr, e chegou tambem a ser geral a opinião a favor do conde de Saldanha, como vissem os nossos governantes que nem era já possivel sustentar o primeiro nem deixar de chamar o segundo, recorrêrão então a um novo projecto que foi o de convidar um general estrangeiro para por este modo evitarem o dar o commando a Saldanha. O primeiro que lembrou, mas que recusou, foi o general Polaco *Romarino*; convidou-se depois o general Francez *Excelmans*; porém este que, além de uma grande reputação militar, era par de França, e gosava ali de outras grandes vantagens, não quiz tambem acceitar a proposta como um simples aventureiro; e exigio do seu governo a conservação de todas as honras e proveitos de que gosava no

(*a*) Entre estes sería faltar á gratidão e á justiça se não mencionasse o nome do meu honrado amigo o sr. *Custodio Pereira de Carvalho* a quem o author d'estes *Annaes*, e o conde de Saldanha, assim como alguns mais, devêrão generosos auxilios para este, e outros fins.

seu paiz, ficando sempre addido a elle, sem nunca perder nem as suas dignidades nem os interesses que lhes andavão annexos. O governo Francez, que não teve difficuldade na escolha, mas antes desejava que elle aceitasse a proposta que se lhe fazia, não pôde comtudo consentir, em razão da apparente politica que então queria manifestar, nas condições que Excelmans d'elle exigia; e por conseguinte não teve effeito este convite. Recorreo-se portanto a outro, e foi necessario olhar para todas as partes, e vêr se em alguma d'ellas apparecia um general *secundario*, que conviesse, pois que nos da primeira ordem não parecia facil achar algum que tivesse menos melindre do que Excelmans. Uma circumstancia extraordinaria fez lembrar o general Solignac. Tinha este acabado de ser governador de La Vendée no tempo dos barulhos que ali houve em razão das intrigas e presença temporaria da duqueza de Berry, e se achava já em París chamado pelo governo. Para o seu chamamento davão-se diversos motivos; porém os dous principaes de que ouvi fallar, achando-me n'essa época em París, fôrão, dizerem uns, que elle excedêra as ordens do governo, fazendo todas as diligencias para prender a duqueza, o que com effeito se não queria nem desejava; dizerem outros, que elle a não prendêra por ter para isso recebido grandes sommas de dinheiro. He preciso advertir,

que eu só refiro rumores, e o que ouvi em París, sem affiançar nem a verdade nem a falsidade d'elles; e só o que posso affirmar he, que nem Solignac estava contente com o governo, nem este com elle. N'estas circumstancias he pois que o general Solignac foi convidado pelos agentes de D. Pedro para ir tomar o commando das tropas no Porto. Sobre quem fosse porém o primeiro que se lembrasse do seu nome houve diversas opiniões, porque uns dizião fôra lembrança, suggerida ou propria, de alguem da casa da imperatriz na rua de Corcelles; outros asseguravão fôra suggestão do governo Francez para se livrar de hum homem descontente, e que o ameaçava com certas revelações sobre os negocios de La Vendée. A verdade he, que elle não estava contente com o governo; que este approvou a sua hida; e que, menos escrupuloso do que Excelmans, largou tudo no seu paiz para entrar em nosso serviço. Nem isso foi para admirar, porque tendo pouco ou nada que perder entre os seus, e hindo ganhar entre os estranhos uma graduação militar, emolumentos, e consideração que não tinha em França, que muito era que preferisse o Porto a París? Quanto á sua reputação militar era igual á de um sem numero de officiaes Francezes subalternos que fizerão a guerra sem deshonra, porém sem notavel distincção; e pelo que mais era conhecido em Portugal era pelo desas-

troso ataque d'Evora na invasão de Junot, e pela sua ferida na batalha do Vimeiro. Quanto ao seu caracter moral e politico ouvi dizer a diversas pessoas, que amava extraordinariamente o dinheiro, e que o partido que mais largamente lh'o désse sería aquelle que elle sempre preferiria: em uma palavra, que sendo o marechal Soult perguntado a este respeito, laconicamente respondêra, *que era um verdadeiro discipulo de Massena.*

Apesar da nomeação do general Solignac não foi comtudo possivel fazer com que o publico se esquecesse do conde de Saldanha; e em consequencia d'isto foi chamado como já referi. Agora continuarei com a sua viagem para o Porto, assim como com a de seus companheiros. Não podendo achar passagem nos paquetes de Falmouth, (*b*) como fica dito, fizemos todos o nosso pequeno conselho, e tratámos logo de fretar um navio para nos conduzir. Não o podendo achar no porto de Falmouth, lembrou-se o conde de Saldanha de ir a Plymouth para vêr se ali achariamos um que nos conviesse.

(*b*) As difficuldades que nos oppozerão para a nossa hida para o Porto fôrão de certo calculadas para que o conde de Saldanha ali não apparecesse antes que Solignac estivesse installado no seu commando. Era preciso que Saldanha, a quem já se não podia impedir a sua apparição no Porto, achasse na sua chegada occupado o posto que o exercito e o povo lhe designavão. Foi esta uma d'essas miseraveis astucias dos governos fracos, que seus aduladores chamão *politica.*

Para este effeito partio para lá na manhã do dia 15, e com tanta fortuna que já no dia 16 tinha fretado o navio Americano *Hyperion*, capitão *Garene*, o qual prometteo sahir immediatamente, e vir receber-nos em Falmouth no dia seguinte. Com effeito na tarde do dia 17 embarcámos n'elle as pessoas seguintes: — General conde de Saldanha; general Stubbs; general Diocleciano Cabreira; Domingos de Saldanha; Margiochi; Menezes; Villete; e José Liberato Freire de Carvalho; dando ainda, por philantropia e generosidade, passagem ao capitão de atiradores de Lisboa João Miguel Smith, e a sua mulher com tres filhos creanças. Juntou-se ainda a nós mr. de *Varene*, que, por casualidade, nos veio encontrar em Falmouth, e era portador de cartas particulares para D. Pedro, enviadas por mr. *Heurtault*, e relativas ao emprestimo de que já tratei. Assim nós, a quem nossos governantes, e até o governo Inglez tinhão negado passagem prompta, náo só podémos ter um navio, e todo a nossa disposição, porém até ainda dar n'elle logar a uma boa e desvalida familia emigrada que achou em nossa boa vontade (*c*) o auxilio que até ali lhe tinhão negado os que dispunhão do dinheiro publico em nome de D. Pedro, e só o guardavão para des-

(*c*) Esta familia, pelo unanime consentimento de todos, teve não só passagem gratuita, porém foi sustentada á nossa custa.

pender com amigos, afilhados, e certa milicia que os servia.

Depois de uma prospera viagem chegámos á vista da Foz na tarde do dia 26, onde encontrámos alguns dos nossos navios de guerra, e entre elles aquelle em que estava o vice-almirante *Sartorius*. O nosso capitão lhe fez immediatamente saber quaes erão os passageiros, e que entre elles vinhão tres generaes, Saldanha, Stubbs, e Cabreira. Apenas se mandou certificar d'isto Sartorius por um guarda-marinha com um piloto que nos deixou a bordo, sem nos fazer offerecimento algum quer para o nosso desembarque, quer para nos receber no seu navio, caso que o tempo não nos permittisse o desembarcar logo. Apesar d'isto, os generaes Saldanha e Stubbs fôrão a seu bordo n'aquella mesma noite, e d'elle fôrão recebidos com uma sêcca civilidade (*d*), sem nenhum, ainda o mais pequeno, offerecimento, brindando-os unicamente com algumas pouco agradaveis noticias de terra. Uma d'ellas foi que Palmella e os seus dous collegas, ambos os Mousinhos, havião sido dimittidos, e que em seus logares havia definitivamente entrado o ministerio que já mencionei. A outra foi que no Porto já tinha apparecido a *colera morbus*, e talvez isto dissesse para nos a-

(*d*) Vê-se que a conspiração, arranjada em França e Inglaterra, chegava até o Porto.

terrar afim de não desembarcarmos. Comtudo a nossa resolução estava tomada, e a todo o risco estavamos resolvidos a desembarcar, qualquer que fosse o perigo que n'esta operação podessemos correr. Recolhêrão-se a bordo os dous generaes nossos companheiros mui pouco satisfeitos da recepção de Sartorius; e começámos a preparar-nos para o nosso desembarque no dia seguinte que foi 27. Comtudo o tempo appareceo muito máo em todo aquelle dia, e começámos a ter receios de elle assim continuar. N'estas circumstancias vendo que Sartorius nem sequer tinha mandado pagar a visita que no dia antecedente se lhe tinha feito, e que esta *incivilidade* era sufficiente indicio do tratamento que podiamos esperar d'elle no caso que o máo tempo continuasse, e fossemos obrigados a pedir-lhe que nos recebesse a seu bordo; fizemos o nosso pequeno conselho, e n'elle resolvemos de em nenhuma circumstancia nos hirmos lançar nas suas mãos. Como precaução para tudo o que podia acontecer, cuidámos logo em nos arranjar com o nosso proprio capitão, a quem promettemos pagar certa quantia por dous ou tres dias que ali ainda nos podessemos demorar; e ao mesmo passo procurámos indagar se entre os navios, que ali se achavão fundeados com víveres, podiamos ter um para onde passassemos uma vez que o tempo não nos permittisse o ir para terra. Immediatamente se nos

veio offerecer o capitão de outro navio Americano que ali estava, e que por felicidade se achou conhecido do conde de Saldanha por ser um d'aquelles que fôrão com elle para a ilha Terceira, e sobre os quaes a *brutalidade* Ingleza descarregou a sua artilharia. Já estavamos determinados a passar para elle no dia seguinte, mas o mar se tornou sereno, e capaz de desembarque; e assim todas as difficuldades, em que até ali nos tinhamos visto, desapparecêrão com esta rapida mudança.

Raiou emfim o dia 28, uma segunda feira de janeiro, e tão sereno e tão manso quanto o podiamos desejar. Logo de manhã appareceo o piloto mor *Joaquim Luiz* com duas grandes catraias, e nos facilitou tudo para o nosso desembarque, dizendo, que só no dia antecedente pela noite se tinha sabido na Foz a nossa chegada; o que mostra, que Sartorius não tivera nem grande cuidado nem pressa em annunciar a nossa vinda á guarnição do castello da Foz, o que provavelmente só fizera em segredo ao governo de D. Pedro. A verdade he, que o piloto mor, *só* por seu proprio desejo, e por affeição particular a Saldanha, nos facilitou o desembarque sem recommendação alguma do governo, que não era possivel ignorasse a nossa chegada. Desembarcámos emfim na manhã d'aquelle dia com toda a commodidade e socego na pequena praia, chamada *dos Inglezes*, não só

sem recebermos alguma bala ou bomba das baterias inimigas, mas com um tempo e mar excellentes. Dirigimo-nos immediatamente ao castello onde estava de governador o brigadeiro *Fonseca*, o qual, com toda a sua guarnição, nos recebeo com muita alegria e satisfação, sentimentos, que tambem logo se começárão a manifestar em toda a gente da Foz, tanto que soube quaes erão as pessoas que tinhão chegado. Tanto homens como mulheres, tanto soldados como officiaes, todos particularmente querião vêr e conhecer o conde de Saldanha, o objecto de todas as affeições, assim como de todas as esperanças.

Demoramo-nos algum tempo dentro do castello em quanto desembarcava a nossa pequena bagagem; e só então os rebeldes nos festejárão com duas balas, uma das quaes cahio dentro do castello, e nos foi mostrada. O governador queria que ali nos demorassemos até que mandasse buscar cavalgaduras para d'ali passarmos á cidade; porém nós tivemos por melhor pôr-nos logo a caminho, e a pé, bem persuadidos que depressa seriamos encontrados por amigos que nos virião buscar, porque a esse tempo já no Porto se começava a espalhar a noticia da nossa chegada. Assim aconteceo, porque ainda bem não tinhamos sahido da villa da Foz quando começámos a encontrar muitos officiaes e outras pessoas que nos vinhão esperar, e offerecer cavalgaduras. O acompanhamento começou a

crescer ao passo que marchavamos, e em poucos instantes nos vimos todos a cavallo, e no meio de uma numerosa prócissão, que a cada momento crescia com as pessoas que sem interrupção vinhão chegando. Entrámos emfim na cidade, sem que por todo o caminho recebessemos um só tiro dos rebeldes, apesar de que o concurso á nossa chegada era já numerosissimo. Então ali he que fomos recebidos como em um verdadeiro triunfo: as ruas estavão apinhadas de homens e mulheres; e em todas as janellas se vião espectadores de ambos os sexos, os quaes todos, como á porfia, fazião resoar os ares com acclamações e com vivas, especialmente ao conde de Saldanha. Até houve homens e mulheres do povo que d'entre a chusma corrião para junto d'elle para o verem mais de perto, e o saudavão com expressões da maior affeição e carinho. E tudo isto acontecia no mesmo dia em que pelas esquinas das ruas se tinhão affixado editaes para se não darem vivas de qualidade alguma, por certo, tendo só em vista a recepção do conde; porém a voz publica, e a opinião geral fôrão mais poderosas que as ordens do governo, o que sempre acontece quando ha governos estupidós, que se persuadem poder mais do que a opinião, quando esta he geral, ou pelo menos quasi unanime.

Entre todos estes applausos e alegria publica nos dirigimos á residencia de D. Pe-

dro, que então se achava fóra de casa, e por isso passámos ao quartel do novo general Solignac. Este nos recebeo mui polida e cortezmente, e com muita especialidade o conde de Saldanha, e os dous generaes, Stubbs, e Cabreira. N'essa mesma occasião nos convidou para hirmos todos jantar com elle no dia seguinte. Passadas algumas horas tornámos a procurar D. Pedro, que já encontrámos em casa; e elle nos recebeo affavelmente, e com um certo ar que não indicava nem prazer, nem desgosto, mostrando ao mesmo tempo no seu modo rasgado que era bem capaz de disfarcar seus sentimentos, porque a nossa presença pelo passado e futuro não lhe podia ser agradavel. Foi curta a nossa visita, e nos despedimos d'elle sem recebermos da sua parte outra demonstração que não fosse a de uma estudada civilidade. Cada um foi immediatamente para o seu alojamento; e o general Saldanha encontrou por toda a parte no seu caminho o mesmo enthusiasmo, e os mesmos vivas e sinceras demonstrações de affeição publica.

Tinha-se destinado que n'essa noite houvesse theatro, e n'elle se queria dar ao conde outra nova prova de quanto era desejada a sua vinda, e em que preço ella era avaliada; porém motivos de prudencia fizerão com que nem elle nem pessoa alguma dos que o tinhão acompanhado fossem assistir a aquella representação, afim de se pouparem maio-

res ciumes ao governo, e não se dar occasião a que, no meio da exaltação publica, houvesse algum accidente desagradavel que podesse servir de pretexto a sinistras interpetrações. Comtudo, na persuasão em que todo o povo estava de que o conde appareceria no theatro, a enchente foi numerosissima, e tal como nunca ali tinha havido, ainda mesmo no dia em que D. Pedro tinha desembarcado; o que não foi pequena mortificação tanto para elle como para a sua camarilha, e governo. Eu n'essa noite fui vêr o conde que estava alojado no sitio chamado da *Batalha* na casa de pasto do honrado patriota *Estanisláo*, que havendo sido emigrado, e um dos maiores admiradores do conde, agora o havia expressamente convidado para sua casa. Por fim me recolhi á minha habitatação, que foi a de um amigo antigo, tanto em Portugal como na emigração, *Manuel Antonio do Soveral* que com sua mulher, a sñr.ª *D. Carlota*, me tinha hido esperar ao caminho da Foz, e desde ali me tinha convidado para ir viver em sua companhia. (*e*)

No dia 29 fomos jantar com o general Solignac, que nos recebeo a todos, segundo vulgarmente se diz, como um verdadeiro homem do mundo; porque, de ante-mão já bem instruido da qualidade e caracter de

(*e*) Muitos favores, e amisade devi a esta familia, e por isso aqui menciono seus nomes.

seus convidados, a cada um individualmente lisongeou com cumprimentos mui agradaveis e estudados, mostrando n'isto que se não era o primeiro na arte militar em França, era pelo menos um mui distincto cortezão.

O estado em que achámos a cidade não foi agradavel, porque o governo de D. Pedro, ou o seu ministerio, estava geralmente desacreditado, e só tinha por si essa classe de gente, que em todos os governos adula o poder sem lhe importar suas qualidades moraes, com tanto que tenha que dar, e com effeito o dê a seus aduladores ou seus complices. O ministerio antecedente tinha ganhado uma numerosa porção de servos e agentes com a espectativa de novos empregos que o ministro Mousinho da Silveira tinha improvisado com a leitura do systema Francez; mas o novo ministerio já tinha deitado a barra muito adiante do seu antecessor, porque creou muitos mais logares, especialmente na magistratura; prometteo muitos mais dos que dava ou podia dar; e rodeou-se de uma infinidade de aspirantes a esses empregos, que lhe servião ou de guarda Pretoriana, ou de aduladores. No que porém devia ser a administração publica, analoga ás circumstancias, e posição que occupavamos, nenhum d'elles cuidou, e foi em verdade cada vez a peior. Conhecendo-se a impossibilidade de marchar sobre Lisboa com as poucas forças que havia, e passando-se em consequencia d'isto a

fortificar a cidade, nada era mais natural, e até nada era mais obvio ainda ás mais pequenas comprehensões, do que cuidar-se logo em a abastecer de víveres, e de munições de guerra, particularmente quando se caminhava para o inverno, em que a entrada da barra se torna tão difficil, e agora muito mais se tornava pela visinhança dos rebeldes, que cada dia mais se aproximavão. Em nada porém d'isto se cuidou: deixou-se ao acaso a causa da liberdade, e as vidas de um exercito e de uma povoação valente, que tão disposta se mostrava não só a defendê-la, mas a morrer por ella; e só se gastou um tempo tão precioso em legislar loucamente, e a crear instituições inuteis, quando ainda apenas estavamos senhores de tão poucos palmos de terreno, sem que, por estupidez ou indifferença, se advertisse, que primeiro necessario era estendê-lo do que dar-lhe novas leis, ainda quando melhores, e as mais bem acertadas. Tomou-se, he verdade, a importante posição do convento da Serra, mas se he verdade o que me disserão, só isso se deveo á casual inspiração de um estrangeiro; porque para este ponto de tamanha importancia militar nem D. Pedro, nem o seu ministerio tinhão attendido. Desamparou-se, comtudo, Villa-Nova, que muita gente julgava que se podia defender; e desamparando-a, deixárão lá essa immensa riqueza de vinhos, que devião servir tanto para o geral

consumo da cidade como para uma das mais valiosas hypothecas que podiamos offerecer a quem nos ministrasse os meios para levar ao fim a nossa empreza. Ainda quando militarmente não conviesse, ou não fosse possivel defender Villa-Nova, nunca com razões algumas se póde desculpar o erro de ali se ter deixado ao inimigo aquelle rico thesouro de riquezas. Desculpou-se o novo ministerio, e alguem do ministerio Palmella, que toda aquella falta devia recahir no ministro Mousinho da Silveira, que dizião ser author d'aquella fatal resolução; porém todas estas desculpas não podem ser attendiveis, porque o voto de um só individuo não podia nem devia prevalecer contra o dos seus collegas. Além d'isto, n'aquelle mesmo ministerio era já ministro da guerra Agostinho José Freire, a quem, mais do que a nenhum outro, cumpria olhar pela subsistencia do exercito, e dos habitantes de uma cidade, que se havia reduzido ao estado de uma praça de guerra; e nos conselhos de D. Pedro, senão ostensivamente, ao menos em particular, já erão ouvidos os votos e as opiniões de José da Silva Carvalho, de Magalhães, e Candido José Xavier, que, de occultos conselheiros que erão, passárão depois a constituir o seu acreditado ministerio. Tanto um como outro ministerio se tornárão portanto culpados d'esta enormissima falta, ou ignorancia, como lhe quizerem chamar. O estado pois em que

achámos a cidade á nossa chegada de Londres nos fins de janeiro foi o da vespera de uma grande fome, e de uma absoluta falta de munições de guerra, o que em breves dias se veio a cumprir.

Na parte militar o quadro nem era mais agradavel, nem mais consolador. Já estava nomeado commandante o general Francez Solignac, que tinha entrado no Porto nos principios de janeiro, mas não havia sido feliz na sua primeira façanha militar. Querendo dar mostras de si aos rebeldes no dia 24 d'este mez de janeiro, quer fosse por más combinações suas, quer por falta de cooperação, ficou mal n'esta sua primeira operação. Como sempre acontece em todos os casos de pouca fortuna, cada um deitou a culpa do máo successo do dia aos outros. Solignac disse, que Sartorius não tinha cooperado como devêra contra o *Forte do Queijo*, e que o brigadeiro Brito não executára o movimento que se lhe havia indicado: estes por sua parte tambem se desculpárão, o primeiro com a má vontade das suas tripulações, por não andarem bem pagas; e o segundo com as ordens de D. Pedro, que o mandára retirar da posição que lhe estava indicada. O caso foi que nada se conseguio de proveito n'aquelle dia, e que Solignac não ganhou fama nem reputação militar, e antes a perdeo tanto para com os inimigos como para com os nossos, a quem os primeiros, desde aquelle

dia, em allusão a certa passagem da sua biographia (*f*), o começárão a denominar o general *batata*; e os nossos o general *Solinhas*. O facto he, que tendo-se apoderado Solignac n'aquelle dia da interessante posição chamada o monte do *Crasto*, elle a abandonou, e não lhe conheceo a importancia. Com ella teriamos segurado o desembarque de tudo que se carecia, ficando senhores da pequena praia, chamada dos *Carreiros*; teriamos inutilisado, ou tomado o forte do *Queijo*; e, emfim, teriamos impedido que os rebeldes ali estabelecessem um formidavel reducto com que depois muito nos estreitárão o caminho da Foz, e até talvez de todo o tivessem impedido, a não ser o general Saldanha, que, como adiante ainda direi, chegou a tempo para remediar uma boa parte d'aquelle mal. Nem ao menos Solignac tinha ganhado a reputação de um bom organisador militar, porque as nossas tropas se achavão em uma completa desordem disciplinar, e só vencião pelo valor pessoal, e não pela disciplina que se houvesse introduzido nos corpos. Este mal durou sempre, e mostrou que o aventureiro Francez cuidava mais em accumular soldos, do que em tornar-se insigne por algum talento militar, que em verdade não parecia possuir. Com a chegada dos tres generaes, *fe-*

(*f*) Em que era elogiado como grande cultivador de batatas.

lizmente, dividio elle o exercito em tres divisões, e dêo a primeira ao conde de Villa-Flôr; a segunda, ao conde de Saldanha; e a terceira, a dos estrangeiros, ao general Stubbs. Diocleciano Cabreira ficou inspector de artilharia.

No mez de fevereiro se começou logo a sentir o mal que tanto se temia, isto he, a fome; porque o tempo foi cada vez a peior; os desembarques se tornárão impraticaveis; e a escacez dos generos da primeira necessidade, com o exorbitante preço dos poucos que havia na cidade, cada dia entrou a crescer por um modo grandemente assustador. N'este apuro em que se hia pondo a cidade e o exercito, que o governo, de D. Pedro, já não podia occultar, chamou elle a conselho no dia 14 pelas tres horas da tarde os generaes das tres divisões do exercito, e o general Solignac; e a este conselho presidio D. Pedro, acompanhado do seu ministro, Agostinho José Freire. N'elle apresentou este mappas e documentos que provavão: 1.° que na cidade só havia mantimentos para dez dias: 2.° que a força inimiga era pelo menos de 24 mil homens, dous terços dos quaes occupavão a linha do norte do Douro, e o resto ao sul: 3.° que a força com que podiamos contar para rompermos por entre os inimigos, quando chegasse, não excedia á sete mil e setecentos homens. A' vista d'esta exposição fôrão requeridos os generaes para da-

rem a sua opinião; e o conde de Saldanha dêo a sua por escripto, e em Francez (*g*), para que melhor fosse entendida pelo general Solignac. Ella se reduzio a dizer: „Que „ sendo mui perigoso e difficil atacar o inimigo na margem direita ao norte do Douro, se devia fazer o ataque pela margem esquerda ao sul, e da maneira seguinte. „ Não sendo a força inimiga n'este ponto „ mais de sete mil homens, a sua direita „ podia facilmente ser torneada. Para isto „ se farião passar em Quebrantões os corpos „ do ataque, dirigindo-os por Oliveira sobre o monte grande por detraz de Santo „ Ovidio; e se faria ao mesmo tempo reforçar a guarnição da Serra por trezentos homens, deixando setecentos a cavallo sobre „ a estrada de Avintes, afim de se impedir, „ quanto fosse possivel, a passagem do inimigo para soccorrer o sul. Havendo segredo, a manobra devia ser infallivel em seu „ bom resultado, que sería conservar Villa-Nova, occupando Val-de-Piedade, e a altura chamada dos Saccos, onde o inimigo tinha uma bateria; e limpando a margem esquerda até o mar. O maior perigo que „ n'isto podia haver era que o inimigo forçasse as linhas do Porto durante esta operação; mas n'este caso o nosso exercito „ com uma marcha, ao menos, sobre o ini-

(*g*) Eu a tive em minhas mãos, e ali; mostrada por Saldanha.

„ migo, podia manobrar na Beira, ou lançar-
„ se na Estremadura, e *ir morrer ás portas*
„ *de Lisboa.* „ A todos pareceo bem, e o unico adoptavel, este projecto: porém quando menos se esperava, e com grande espanto dos tres generaes, então disse Solignac, que n'aquelle momento não havia munições sufficientes para esta operação, porque para cada soldado apenas poderião haver *oitenta* cartuchos (*h*). Assim, a cousa nenhuma ficou reduzido este ousado projecto, que manifestava tanto a capacidade militar do conde como a sua indisputavel valentia.

No dia 18 d'este mesmo mez de fevereiro foi encarregado o general conde de Saldanha do commando e direcção das tropas e fortificações da esquerda da nossa linha desde Lordelo até o mar, incluido o castello da Foz. E na mesma data se lhe expedio um officio a declarar-lhe, que, além do commando da esquerda da linha até o mar, comprehendendo-se n'ella o castello da Foz, se mandava pôr igualmente debaixo das suas ordens o terceiro districto da mesma linha, commandado pelo brigadeiro Brito, para que, em caso de ataque, podesse immediatamente dispôr de todas as tropas que guarnecião aquel-

---

(*h*) Esta mesma polvora, que havia, tinha sido mandada por Mendizabal, sem que ninguem lhe tivesse participado que havia falta d'ella. Isto disse elle em Londres, e eu o vi escripto em uma carta vinda d'ali com data de 3 d'abril d'este anno. Que governo!!!

les pontos. Sem perder um só momento cuidou elle logo em segurar a estrada da Foz, que estava quasi impedida por uma negligencia, ou ignorancia inacreditavel. Escolheo duas novas e importantissimas posições, que fôrão as chamadas do *Pasteleiro* (*i*), e do *Pinhal*, em que fez construir dous fortes reductos, cuja necessidade até ali ninguem tinha visto, nem o mesmo general Solignac. Com elles se emendou, quanto foi possivel, o erro imperdoavel do mesmo general Francez de não ter segurado no dia 24 de janeiro a importantissima posição visinha do monte do *Crasto*, com a posse da qual, sem as obras do conde de Saldanha, os rebeldes nos terião em poucos dias cortado as nossas communicações com a Foz. Esta sábia operação do conde o acreditou logo não só para com os nossos, mas para com os estrangeiros que estavão no Porto, por uma tal maneira, que desde aquelle dia mais e mais se fortificou a idéa geral de que elle era o unico que só podia salvar a patria e a liberdade; o que os seus mesmos inimigos não se atrevêrão a negar.

No emtanto que isto assim acontecia hia crescendo a falta de todos os mantimen-

(*i*) Este logar tomou o nome de um célebre *pasteleiro*, pai de outro célebre individuo *José Luiz Pinto de Queiroz*, nomeado official de secretaria pelos homens de 1820; e que depois se conspirou contra elles, e se tornou insigne na época da usurpação, servindo-a em tudo, e especialmente na redacção da gazeta de Lisboa.

tos no Porto, e caminhavão rapidamente a cidade e o exercito para o estado de uma verdadeira fome, não só pela negligencia ou presumpção dos que até ali tinhão administrado os negocios, porém ainda pelos actos posteriores da nova administração. Na época anterior da primeira administração, composta de Palmella, os dous Mousinhos, e o constante ministro da guerra Agostinho José Freire, tinhão-se desprezado todos os recursos para abastecer a cidade e o exercito, ora deixando em poder do inimigo em Villa-Nova uma quantidade immensa de vinhos e aguas-ardentes; ora permittindo a franca sahida pela barra de generos da primeira necessidade, só pelo mesquinho engôdo de alguns direitos que taes sahidas produzião. Entre ellas mencionarei só as seguintes, que fôrão sete navios de bacalháo, tres de trigo, e muitos outros com generos diversos; e por estas se póde avaliar qual era a intelligencia de taes governantes, e quaes erão as suas theorias de economia politica. No presente ministerio a administração n'este ponto ainda foi mais imprevidente. Ao mesmo tempo que no dia 14, como já mencionei, este ministerio declarava no conselho de generaes, presidido por D. Pedro, que só havia mantimentos para dez dias, e depois no dia 26 declarou ainda que só os havia para tres, regeitava elle, ou se não queria aproveitar das offertas que se lhe fazião. No dia 18 d'este

mez de fevereiro, depois de muitas diligencias do negociante Inglez, mr. *Noble*, ajustou com elle o ministro da fazenda a compra de tres mil quintaes de bacalháo, que se achavão a bordo de um bergantim Inglez, fundeado defronte do Porto, dizendo-lhe, que em meia hora lhe mandava o contracto para ser assignado. No dia 22 ás dez horas da noite, em que o general Saldanha fazia desembarcar duzentos Belgas que tinhão chegado em um barco de vapor, vendo que igualmente se não desembarcava o bacalháo, foi elle immediatamente indagar do patrão mor a razão por que se não fazia o desembarque. Respondeo este que o capitão dizia não o poder desembarcar sem uma ordem do consignatario. No mesmo instante o conde escreveo ao general Solignac a pedir-lhe ou a ordem do consignatario, ou a authorisação para tomar posse do navio. Erão duas horas da madrugada, e então apparecêrão no castello da Foz, onde estava Saldanha, mr. Noble, Thomaz Pinto, e o commissario em chefe; e por estes soube elle que a sua carta tinha produzido grande sensação e espanto, porque D. Pedro mandou logo chamar os ministros, tratou-os mal, dizendo-lhes, que o tinhão enganado, affirmando-lhe que o contracto com mr. Noble estava concluido, quando tal não havia, e já o navio estava prompto para se fazer de véla no dia seguinte. Ainda n'esta mesma madrugada foi

mr. Noble a bordo, e ajustou o bacalháo; mas o tempo peiorou, e não se pôde fazer d'elle o desembarque. D'este facto se vê como governavão os ministros de D. Pedro, os mesmos, que no dia 14 tinhão officialmente participado em conselho, que a tropa só tinha rações para dez dias, e que depois no dia 26 accrescentárão que só as havia para tres dias. Os leitores escolheráõ o nome que lhes compete por este acto, porque eu, como historiador, só narro o facto acontecido, e que me foi contado por Saldanha.

Ainda outro facto. Quando o general Saldanha estava mandando fortificar as duas bellas posições que tão habilmente havia escolhido para segurar livre o caminho da Foz, exigio do ministerio que se lhe mandassem algumas mantas ou cubertores com que os seus soldados se podessem cubrir de noite, estando expostos a todo o rigor das chuvas e do frio; nunca porém as suas requisições tiverão resposta. Afinal, sendo informado de que, por acinte ou desleixo, o governo recusava attender á sua requisição, porque na realidade existião no arsenal os objectos requeridos, foi elle mesmo descubrir ali 600 mantas escondidas, que de proposito se occultavão, e de certo para indispôr os soldados contra o seu general, a quem se queria fazer perder a sua bem merecida popularidade, qne muito atormentava a seus invejosos inimigos. Este facto me contou igualmente o conde general.

No dia 25 ou 26 d'este mez se dêo emfim uma resposta negativa a mr. *Varene* a respeito do emprestimo de mr. *Heurtault*, de que antes já fallei. Assim este ministerio no mesmo tempo em que declarava que não tinha víveres nem munições para o exercito, recusava ainda *absolutamente* um emprestimo em que se lhe offerecião dinheiro e soldados, sem nem sequer querer entrar em negociações com os emprestadores para a modificação ou alteração das suas condições. Os motivos que para isso houve alguem attribuio a ter esta negociação sido apresentada pelo conde de Saldanha, e os companheiros, que com elle assignárão o projecto.

Em todo este mez de fevereiro o tempo foi rigorosissimo, e a barra, ou os desembarques estiverão quasi impedidos, tendo entrado apenas cousa de 200 soldados estrangeiros com algumas poucas munições. Começou-se a sentir na cidade uma falta quasi absoluta dos generos da primeira necessidade, como pão, azeite, unto, manteiga, e carnes; e apenas ella se sustentou em todo este tempo com algum bacalháo, e arroz. A gente pobre, e a menos abastada teria em grande parte morrido á fome a não ser a charitativa lembrança de alguns philantropos, tanto nacionaes como estrangeiros, que concebêrão a idéa de estabelecer, por meio de subscripções, uma sôpa economica diaria, da qual se chegárão a dar em alguns dias *cinco*

mil rações a individuos de todas as classes, reduzidos á ultima miseria. Para este acto de summa charidade concorrêrão tambem muitas pessoas de Lisboa, d'onde para este fim vierão sommas avultadas. A todas estas privações se ajuntou ainda o flagello da *colera morbus*, devido especialmente á fome e á miseria; e simultaneamente a violencia dos sequestros, e das contribuições forçadas, que, na execução, era ás vezes mais feroz e mais barbara do que a ordem que as authorisava. Mas tudo isto parecia melhor do que acceitar um emprestimo, que remediaria muitas d'estas violencias, e que não era tão oneroso como os que depois o mesmo governo approvou. O ministerio mostrava-se porém superior a todas estas calamidades reunidas, porque no meio d'ellas se julgava tão desassombrado e seguro que se occupava em fazer leis para um paiz que ainda estava todo no poder do inimigo, e para cuja conquista se recusavão todos os meios efficazes. Creava-se um exercito de empregados para um tão limitado imperio como a cidade do Porto: nomeavão-se de ante-mão juizes e magistrados para logares e relações, que não existião, nem podião existir em quanto D. Miguel estivesse senhor do reino: organisavão-se espreitadores das palavras e acções dos que não adoravão o *bezerro de ouro* do poder: formavão-se clubs regulares, ou *lojas maçonicas*, ás quaes, se dizia, que cada um

dos membros do ministerio presidia: chamavão-se emfim para os empregos, ou ganhavão-se com certas mercês, em promessa ou realidade, os individuos mais insignes ou pelos seus serviços rendidos á usurpação, ou pela sua servil condescendencia em adorar a actual administração. Com estas diversas cohortes, especie de *criadagem politica*, se sustentava, e se foi sustentando o ministerio, apoiando-se com um braço sobre as extorsões diarias, e com outro sobre a indifferença de D. Pedro, que nem ao menos sentia o pêso de descredito com que se abatia na opinião de nacionaes e estrangeiros, soffrendo uma tal administração. Ao mesmo tempo a nobre, e sempre leal cidade do Porto, e o valente exercito que a defendia soffrião, com uma paciencia heroica, tanto os desatinos ou erros de seus governantes, como os estragos, as mortes, e as miserias d'esta guerra barbara e brutal, que os servos do usurpador lhes fazião, só com a idéa de reconquistarem a liberdade que havião perdido. Sim, por ella, e não por taes homens que os governavão, he que elles tantos sacrificios fizerão; e o maior d'elles, o de soffrerem calados, para não darem maior força ou gloria a seus inimigos.

O mez de março d'este anno começou com um feito heroico do general Saldanha. Já disse como Solignac tinha perdido todas as vantagens do seu ensaio militar no dia 24

de janeiro; porque ficando senhor da importantissima posição do monte de *Crasto* com a qual cubriamos, e seguravamos os nossos desembarques, e alongavamos, e aperfeiçoavamos a nossa linha, a entregou aos inimigos, depois de lhes ter feito vêr a importancia d'ella, que fôrão immediatamente fortificar. Havendo sido, depois d'isso, como tambem já mencionei, encarregado o general Saldanha da defeza da esquerda da nossa linha, vio elle logo as consequencias da perda d'aquella posição essencial, e procurou remediá-la quanto era possivel, formando dous reductos nos logares chamados do *Pasteleiro*, e do *Pinhal* (*k*). Começou-se a obra, e com uma actividade incrivel ficou em poucos dias em estado de dar cuidados aos rebeldes. Estes, que bem virão, e sem difficuldade percebêrão a importancia d'aquelles trabalhos, não perdêrão tempo em vêr se os podião inutilisar; porque em verdade elles hião consideravelmente diminuir-lhes o valor que tinha a sua posição do *Crasto*. Para este fim entráião a chamar para ali grandes forças, e dizia-se que montarião a 10$000 homens. O conde general, advertido d'isto, cuidou em adiantar o mais depressa possivel as suas obras; e presentindo a proximidade de um ataque, dêo as suas ordens, e fez as suas disposições com uma pericia, e habilidade consumadas.

(*k*) A este derão os soldados o nome do *reducto de Saldanha*.

Ordenou que as suas baterias, que ainda estavão encubertas, se conservassem no mesmo estado para fazer crêr ao inimigo que ainda lá não tinha artilharia; e mandou aos soldados que se escondessem com os reductos, e não lhe fizessem fogo até que não estivesse a tiro de fusilaria, que devia ser acompanhada de uma descarga de metralha. Na madrugada do glorioso dia 4 os rebeldes, pensando que as obras apenas estavão começadas, e não vendo nem artilharia, nem forças que as guarnecessem, avançárão altivos em grandes columnas, confiados na sua superioridade numerica, e como assim certos da victoria. Mas tanto que chegárão a tiro para poderem ser competentemente recebidos, então se executárão as ordens do general, e os rebeldes, quando menos o esperavão, se achárão envolvidos no meio de um terrivel fogo de mosquetaria e metralha. A confusão e espanto fôrão geraes e instantaneos; e por mais que seus commandantes os quizessem levar ás trincheiras não o podérão conseguir. Ainda tentárão com novas columnas experimentar seus destinos, mas uma carga de baioneta, feita pelo bravo 10 de infantaria e outra tropa, os arrojou em um instante até dentro de suas trincheiras, d'onde nunca mais se atrevêrão a sahir. Dentro de poucas horas, depois de um fogo violento, estava o negocio concluido; e a nossa tropa, para quem de ante-mão o general tinha pre-

parado um bom refresco de comida e bebida, já cantava a victoria dentro do invencivel reducto (*l*), que tão valentemente tinha defendido. O que mais caracterisou este brilhante feito d'armas foi que elle se concluio com apenas *mil e duzentos* homens, se tantos fôrão, contra *dez mil* rebeldes: tanto para o seu bom resultado concorreo a habilidade do general. Na sua extremidade da linha, para o lado da Foz, houve a mesma fortuna; porque no centro o bravo *Shaw*, commandante dos Escocezes, e na *Luz* o valente e habilissimo *Pacheco*, digno d'este nome historico, completamente desempenhárão as ordens do seu general, e fizerão vêr ao inimigo que erão dignos de ser commandados por um tal chefe.

Este dia poderia ter sido ainda mais vantajoso, ou ter resultados ainda mais decisivos e brilhantes se o general Solignac o tivesse melhor aproveitado. Disse-me o general Saldanha, que ao mesmo tempo que estava arrojando para longe o inimigo, lhe mandára, por duas vezes, rogar que fizesse um movimento forte pela sua direita, porque de vencer estava elle seguro, e assim involvesse os rebeldes, porque talvez por esta manobra elles soffrerião uma completa derrota, e perdessem a sua importante posição do *Crasto*. Porém Solignac, por uma incomprehen-

(*l*) O *Pastcleiro*.

sivel prudencia, ou pelo quer que fosse, deixou-se estar, em quanto durou o combate, pacificamente socegado ao lado de D. Pedro no sitio do *Bom-Successo*, tendo ali ás suas ordens alguns mil homens. Nem ao menos foi vêr de perto o que se passava no *Pasteleiro*, talvez por não ter grandeza d'alma bastante para presenciar a bella acção com que Saldanha se estava eminentemente distinguindo.

Este glorioso feito d'armas dêo bem a conhecer o que se podia esperar do conde como militar; influio medo e respeito entre os inimigos; creou um novo enthusiasmo para com elle não só entre os soldados e o povo, mas entre os mesmos estrangeiros residentes no Porto, que á boca cheia declarárão, e o escrevêrão para os paizes do seu nascimento, que era a mais brilhante acção que até ali se havia dado, e na qual se tivesse desenvolvido uma verdadeira pericia militar. Em uma palavra, com ella e por ella se conservou a Foz, sem a qual todos fôrão de opinião que se não poderia conservar por muito tempo. E em verdade, os inimigos hião constante e methodicamente estreitando tanto aquelle passo, que, sem as obras do conde general, e bizarria com que as defendeo, todos unanimemente confessárão, que elle em poucos dias se perderia sem remedio. Os destinos de Saldanha cada vez se tornárão mais favoraveis, porque depois da sua

brilhante victoria melhorou o tempo, e com elle se renovárão os desembarques, que, por perto de um mez, tinhão estado impedidos pelo rigor do inverno e contrariedade dos ventos. Desembarcárão alguns Irlandezes para o exercito, assim como muitas munições de guerra e de boca, de que a falta se tinha tornado excessiva, e chegado já ao ponto de dar receios mui serios. Mas todos esses desembarques de víveres que se começárão logo a fazer, e quasi sem notavel interrupção, fôrão paralisados no seu mais importante effeito por um systematico monopolio. Dizia-se que os desembarques especialmente se facilitavão só para certa gente, que era da facção ministerial; e os nomes que neste trafico barbaro mais se ouvião nomear erão os de alguns amigos ou afilhados dos ministros; os quaes, accumulando em si e seus socios quantos víveres podião desembarcar, lhes punhão um preço excessivo, e os difficultavão ao povo que continuava sempre a sentir os effeitos da fome. Tal era a voz publica; e he puramente o que eu menciono, porque tinha ouvidos para ouvir, e mãos para escrever.

Por este mesmo tempo o capitão Inglez *Warner*, que, por muitas vezes, se tinha offerecido ao ministerio de D. Pedro para ser empregado contra os rebeldes, e nunca d'elle havia tido resposta, renovou pela ultima vez o offerecimento de seus serviços. Consistião elles na promessa de queimar a esqua-

dra de D. Miguel, e empregar outros diversos meios de destruição contra as mesmas forças de terra, meios, que só erão de sua propria invenção e segredo. Para este fim tinha elle vindo de Londres ao Porto, e a sua proposta não se podia prudentemente desprezar no estado critico em que estavamos; porque em summa dizia, *que não exigia dinheiro algum adiantado, e que se não cumprisse por culpa sua o que promettia executar, declarava, que nada se lhe pagaria* (*m*). Afinal constou-me que, depois de muitas solicitações, algum arranjo se fizera com elle; e em consequencia d'isto partio para Inglaterra afim de ali arranjar as cousas de que precisava para pôr em execução as suas promessas. Do resultado d'este negocio ainda adiante fallarei n'estes *Annaes*, caso que elle chegue a ter alguma realidade.

Tambem, pouco mais ou menos, pelos mesmos dias chegou de París a Londres Leonel Tavaras Cabral com o complemento final do emprestimo offerecido por mr. Heurtault, e de que já antes fallei. Este complemento consistia no arranjo que o emprestador tinha concluido com alguns banqueiros de París, e com um dos agentes d'aquella praça para pôr á venda e administrar os fundos do dito emprestimo. Os banqueiros erão

---

(*m*) Eu vi a sua proposta com as condições indicadas, e assisti a algumas das suas experiencias.

messrs. *Musset ainé*, e *Sollier e companhia*: o agente mr. *Amet*. Apesar d'isto o ministerio de D. Pedro persistio firme em o recusar; e preferio constituir-se avexador cruel dos habitantes do Porto ao plano leal e regular dos emprestimos. Em verdade, poderia ser desculpavel se, quando recusava, por um falso calculo, ou qualquer outro motivo, os emprestimos estrangeiros, contrahisse algum regular dentro do Porto; mas não o fez assim, porque quiz antes apouquentar com ameaças, violencias, e até com prisões arbitrarias os já tão vexados e espoliados habitantes do Porto. Por este mesmo calculo já elle tinha regeitado outro que em Londres se havia arranjado debaixo da influencia do marquez de Palmella (*n*); e por todos estes factos fazia nascer desconfianças, ou más interpretações sobre seus actos.

Houve tambem ainda por este tempo a chegada ao Porto de um homem notavel, que foi José Balbino de Barbosa e Araujo (*o*), o qual por muitos annos tinha servido em Londres de secretario de embaixada, e algumas vezes de encarregado de negocios. Já

(*n*) Tão avára de emprestimos se mostrava n'este tempo a gente de D. Pedro, quando elles erão necessarios, quanto depois se mostrou prodiga d'elles em Lisboa. A razão era, porque nada era bom que não fosse feito pelo seu amigo *Mendizabal*! O tempo mostrou o que foi este homem.

(*o*) Hoje Barão de Tilheiras.

tinha estado no Porto com o marquez de Palmella, e d'ali tinha sahido com elle para Londres quando fôra encarregado de certas negociações. Como porém toda esta missão houvesse sido uma verdadeira decepção para se poder instalar á vontade o novo ministerio, e este a désse logo por acabada, achou-se portanto José Balbino em Londres completamente desoccupado dos trabalhos para que havia sido nomeado. N'esta situação o ministerio Britanico, que sempre o havia tratado com summa distincção, e que muito a mal havia levado a dimissão diplomatica que se havia dado a Palmella, particularmente porque esta lhe fôra dada por uma administração sem credito, e que não tinha o respeito nem a consideração de pessoa alguma tanto dentro como fóra de Portugal, fez com que o mesmo José Balbino, regressando do Porto, se incumbisse de mui importantes e confidenciaes despachos para D. Pedro. O contheudo d'elles, segundo então correo, era o expôr-lhe o máo effeito que havia produzido nos gabinetes da Europa a desacreditada escolha de seus novos ministros; escolha, que podia mui fatalmente influir nas boas disposições que a nossa causa até ali tinha excitado em algumas côrtes. Comtudo, os acontecimentos futuros mostrárão que estas amigaveis advertencias em nada chegárão a alterar as sympathias que tinha D. Pedro para com os seus novos ministros, quer fosse por

conformidade de caracteres, quer por conformidade de interesses. (*p*)

No dia 6, por incuria e improvidencia d'este mesmo ministerio, perdemos dentro do rio Douro um excellente navio, o brigue 23 *de julho*, metido a pique pelas baterias inimigas. Muitos dias antes tinha elle sido avisado das intenções do inimigo, e, sem lhe importarem taes avisos, nem fez mudar de posição o navio, nem lhe tirou antes a artilharia, e tudo o mais que n'elle havia de valor; e nem ao menos se lembrou de o fazer mergulhar como depois fez a outros para os salvar: parece que de proposito quiz perder aquelle vaso. Pouco depois, como se expressamente quizesse anniquilar toda a nossa marinha, dimittio no dia 13 d'este mez por um modo indigno, e assaz injusto, o vice-almirante *Sartorius*, que estava fundeado com toda a nossa esquadra nas aguas de Vigo. Dêo motivo a este acto uma carta que no dia 10 o mesmo vice-almirante tinha escripto a D. Pedro, queixando-se da ingratidão com que o tratavão, da falta de cumprimento de todos os artigos do seu contracto não só para

(*p*) Com particularidade Inglaterra, França, e Hespanha não podião tolerar o novo ministerio, e assim já o tinhão dado a saber. Da cooperação da ultima necessariamente se precisava para se entrar em alguma negociação, como lord Grey o tinha declarado em parlamento; mas com tal ministerio era difficil esta cooperação; e D. Pedro, que sabía tudo isto, pôz inadmissiveis condições quando se lhe fallou em mudança de ministerio.

com elle mas para com as suas tripulações; e declarando-lhe, que se não se lhe davão as providencias que por muitas vezes já tinha reclamado, e então renovava, se veria na dura necessidade de partir com os navios do seu commando para Inglaterra afim de ali exigir dos agentes da Rainha, com quem tinha feito o contracto, o cumprimento d'elle, para que as suas embarcações não tivessem o mesmo destino que tivera o navio *Eugenia* (*q*). A resposta a esta carta foi a dimissão de que acabo de fallar, debaixo do pretexto da desobediencia do vice-almirante, e do pouco respeito com que tratava D. Pedro e o seu governo. Para maior loucura se publicou logo na gazeta o decreto da sua dimissão antes de lhe ser intimado; e como remate de tudo se mandou á esquadra sir *João Doyle* para lh'o intimar, e o prender, e trazer prêso no caso que não quizesse obedecer. Eu tive na minha mão uma copia fiel das instrucções dadas para este fim, datadas do dia 13, e assignadas por Bernardo de Sá Nogueira, que, n'aquella administração do Porto, figu-

(*q*) O navio Eugenia tinha fugido da esquadra para Inglaterra pelo motivo de se não haver cumprido para com a sua tripulação o contracto feito com elle, e andar muitos mezes atrazado em pagamento. O vice-almirante Sartorius disse, e repetio muitas vezes n'esta época, que havia já mezes que elle não era o commandante, mas sim a tripulação, á qual não podia dar ordens, porque se havia faltado a tudo o que se lhe tinha promettido. Assim mesmo não querião emprestimos.

rava como ministro da marinha. D'ellas o artigo 4.° e o ultimo, era litteralmente o seguinte: — „ Se, contra a expectativa do go- „ verno de S. M. F., acontecer que o vice- „ almirante Sartorius se recuse a entregar o „ commando da esquadra, depois de esgo- „ tados todos os meios de persuasão, e boa „ intelligencia, fica authorisado sir J. M. „ Doyle para prender, e fazer conduzir ao „ Porto o vice-almirante Sartorius por causa „ da sua insubordinação. „ Com effeito só na cabeça de homens taes como os que então compunhão o ministerio de D. Pedro, podia caber a insana idéa de mandar prender o vice-almirante Sartorius, um official Inglez, dentro de uma embarcação tripulada com Inglezes, e em meio de outras guarnecidas de gente da mesma nação, e a quem, ainda mais, se devião seis mezes de soldo, e se havia faltado quasi em tudo do que se lhes havia promettido! A estulticia, em meio de seus delirios, nunca concebeo uma *quixotada* tão absurda, e tão ridicula. O mesmo homem a quem se incumbio esta louca diligencia, além de ser um inimigo declarado do vice-almirante, não tinha opinião alguma entre os Portuguezes, e muito menos entre os Inglezes. Esta operação de arrojo ministerial teve, portanto, o resultado que devia ter; porque Sartorius mandou immediatamente prender o pobre mensageiro que lhe levava o *cordão Turco*, e zombou

completamente das ordens impotentes dos homens que o tinhão encarregado d'aquella louca missão. Depois d'isto, para mostrar que era superior a todas as ingratidões e a todas as injustiças, escreveo ao general Saldanha, e ao conde de Villa-Flôr a participar-lhes o seu procedimento, e ao mesmo tempo a protestar-lhes, que nunca desampararia a causa da liberdade, e da Rainha; e que se a esquadra inimiga apparecesse, não hesitaria um momento em a ir encontrar. A este nobre procedimento accrescentou ainda, pouco tempo depois, outro que foi o de nomear, entre os arbitros e juizes das suas reclamações, o conde de Saldanha, o qual, acceitando, lhe rogou que nomeasse tambem o conde de Villa-Flôr, o que elle assim fez.

Este brioso proceder de Sartorius, fortificado com alguns novos recursos, mudou em pouco tempo a face dos negocios, e fez com que todos os receios a respeito da esquadra cessassem; porque Sartorius veio com ella toda fundear no dia 18 do mez seguinte em frente da barra da Foz. A causa principal de todas estas desavenças, que podião haver tido mui funestas consequencias, tinha sido a falta de pagamento em que depois de muitos mezes andava a esquadra; e esta falta tambem era acompanhada de outra não menos importante, que era a de munições de guerra e de boca, e de alguns essenciaes apparelhos para poder navegar. Parte d'isto foi

logo supprido de Londres, onde este negocio foi considerado como o devia ser por alguns homens bons patriotas (r), já d'antes acostumados a valer-nos em outras crises tão perigosas como esta. O que porém será difficil de acreditar he que então muita gente julgava e dizia, (eu conto o que ouvi) que o ministerio era quem fomentava, e creava estas difficuldades no tocante á esquadra; ao menos o facto seguinte, que me foi affiançado por mais de uma pessoa, dava motivos a similhantes juizos. No tempo em que este importantissimo negocio se tratava, e todos estavão com os olhos fitos no mar, e á espera do que Sartorius faria, Antonio Cesar de Vasconcellos, official militar distincto, foi-se ter com Bernardo de Sá, então no ministerio da marinha, e se lhe offereceo para ir ás ilhas dos Açores, onde era muito conhecido e tinha credito, e ali contrahir um emprestimo com que promptamente se pagassem as dividas da esquadra. Parece que esta offerta devia ser bem acceita, e considerada como uma grande fortuna em similhante occasião, porém não aconteceo assim, porque se lhe respondeo: *que o governo não precisava de dinheiro.* E era isto quando a esquadra se revoltava por falta de pagamento! Mas o caso he que os acontecimentos futuros desmentírão esta fanfarronada ou antes

(r) Creio que um d'elles foi Henrique José da Silva. A remessa fez-se no navio *Edward*.

esta inconsequencia ministerial; porque nem á esquadra se pagou logo o que se lhe devia, nem o governo cessou de empregar os meios violentos para haver algum dinheiro. Fundavão-se todas as suas esperanças nas negociações mercantís de que, segundo então se disse, tinha hido encarregado para Londres Rodrigo da Fonseca Magalhães. Não constou porém que fosse feliz n'esta negociação, porque não se soube que a causa publica ganhasse com ella, bem que alguem affirmasse, que a certos respeitos não deixára de ser proveitosa. Eu conto não só os casos de que tive certeza, ou probabilidades, mas até os boatos; porque estes mostrão o que se pensava n'esse tempo dos homens de quem estou escrevendo.

A par de tantos desacertos não deixárão comtudo de brilhar n'este mesmo mez grandes virtudes militares. No dia 24 resplandeceo mui conspicuamente o nosso valor no combate, chamado das *Antas*. Tinhamos tomado esta posição importante, e n'ella se principiava já a formar um reducto; mas por negligencia de quem defendia aquelle ponto da linha só um pequeno piquete se tinha deixado para a defeza das obras apenas começadas. Na madrugada do dia 24 os rebeldes atacárão em grande força o nosso pequeno piquete, e este foi forçado a retirar-se, e a largar-lhes o reducto, cujas obras, apenas principiadas, elles logo entrárão a destruir. A

honra da nossa causa, e o valor dos nossos soldados não permittião que esta ousadia, filha da surpreza, ficasse impune; e por consequencia se derão logo as ordens para se retomar aquella posição importante. Debalde o inimigo se quiz ali manter não só com as forças que já occupavão o reducto, mas com outras novas, e assaz numerosas, que logo juntou para apoiarem as primeiras; porque tudo cedeo ao valor e intrepidez dos nossos soldados, que á ponta da baioneta o fizerão retirar e fugir. Ainda elle tentou com novos ataques recobrar o que por surpreza tinha ganhado, e fracamente largára; mas todos os seus esforços fôrão inuteis, e a posição das *Antas* ficou em nosso poder. Para esta victoria tambem muito concorreo o bem dirigido fogo das nossas baterias; de maneira que os rebeldes, flanqueados pela nossa artilharia, e tendo em frente as nossas baionetas, perdêrão de todo as esperanças de occupar a posição. Este glorioso combate consideravelmente os desanimou; e o terror, já d'antes n'elles infundido depois da severa lição que no memoravel dia 4 lhes havia dado o general Saldanha, geralmente se espalhou por todas as suas linhas, e os tornou cada dia mais medrosos, contentando-se com se intrincheirarem, sem mais se lembrarem de nos atacar.

Assim acabou o mez de março, que abrio caminho para uma nova, e ainda mais

brilhante victoria no seguinte mez de abril. Seguirei porém a ordem dos tempos, e referirei antes d'ella outros factos importantes, que, sem serem gloriosos, merecem comtudo ter um logar distincto n'estes *Annaes*, para conhecimento dos homens que então figurárão. No anniversario da Rainha D. Maria II., que por n'este anno cahir na semana sancta, se celebrou no dia 8 d'este mez de abril, publicárão-se muitos despachos e mercês, que, na opinião de muita gente, trazião o sêllo da parcialidade, e das affeições de partido. Despacharão-se militares, preterindo uns, e esquecendo outros, que tinhão igual ou mais juz a esta recompensa. Entre outros muitos mencionarei os seguintes. Nomeou-se *barão do Pico do Celleiro* ao governador da Serra do Pillar, *Torres*, quando se não fez menção do general Diocleciano Leão Cabreira, o homem, que ousou, o primeiro, desembarcar na ilha Terceira, que a defendeo com coragem, e debaixo de cujas ordens o mesmo *Torres* havia ganhado uma assignalada victoria sobre os insurgentes. Isto se teve por mais do que esquecimento; porque se julgou um premeditado insulto ao general Cabreira, só porque não tributava incensos ao poder, nem auxiliava seus projectos. Entre tantos benemeritos esqueceo tambem o honradissimo brigadeiro Joaquim Pizarro, aquelle mesmo que, quando a junta, e todos os generaes fugião do Porto no an-

no de 1828, em companhia de seu digno irmão Gaspar Pizarro, conduzio valorosamente a nossa tropa fiel, entre mil perigos e trabalhos, por meio da Galliza, com uma constancia rara em taes lances, e a levou até a Inglaterra. Sem elle, e sem ella nem teriamos conservado a ilha Terceira, nem conquistado as mais ilhas, e nem teriamos vindo ao Porto para vermos commetter taes injustiças: apesar d'isso foi esquecido um tal homem! e pelos seus raros serviços, feitos á Rainha e á carta, foi creado duque do Faial (*s*) o marquez de Palmella, aquelle mesmo homem que, ainda não havia muito, tinha sido maculado na *gazeta do governo* com o titulo de *traidor*! e isto por esses mesmos homens, que agora o adoravão, e lhe queimavão pastilhas de serralho! Tanto póde o interesse sem caracter! E não só assim se prostrárão diante do idolo que antes tentárão cuspir, e quebrar, mas ainda levárão a mais seus incensos, porque despachárão seus parentes com titulos mais elevados (*t*). Por fim, para não engrossar a lista d'estas preferencias, direi que, remunerando-se muitos individuos, e alguns com muita justiça, pelos briosos feitos do glorioso dia 4 de março d'este anno,

---

(*s*) A requerimento seu se lhe mudou o nome d'este titulo em o de duque de Palmella.

(*t*) Ao conde d'Alva, seu cunhado, e ao conde do Funchal, seu tio, se derão os titulos de *marquezes*. Ao primeiro, o de Santa-Iria; e ao segundo, o do mesmo nome.

absolutamente esqueceo o nome do habil e valente capitão, que commandou n'aquelle dia, o general conde de Saldanha: mas este affectado e baixo esquecimento muito mais concorreo para a sua gloria, porque na lista dos despachos mais brilhou seu nome, por isso mesmo que a inveja não quiz que elle ali figurasse.

A mesma escolha, que se tinha observado nas mercês feitas aos militares, se observou ainda nas outras que se fizerão ás classes civís; porque com iguaes graças se premiárão os que abertamente tinhão reconhecido e servido a usurpação como aquelles que briosamente tiverão a coragem de lhe resistir. Em prova do que venho de referir citarei só um exemplo, e este bastará para se vêr a indifferença com que se tratavão as virtudes publicas, e se premiavão os publicos delictos. Entre o numero dos togados, que no anno de 1828 compunhão a *relação do Porto*, dous honrados magistrados houve que só, entre tantos, ousárão resistir ás ordens do usurpador, quando, por seus agentes, exigio que o pedissem para rei: estes dous honrados magistrados fôrão os desembargadores *Sampaio*, e *Sarmento*. Dêo-se-lhes a carta de conselho como recompensa da nobreza de caracter que n'aquella época mostrárão, e bem merecida foi esta recompensa; mas o que ao mesmo tempo pasmou e escandalisou foi darem-se premios identicos, ou similhantes, a

dous dos seus collegas que, na mesma época, tinhão pedido o usurpador, e servido com elle em quanto não desprezados e dimittidos.

Depois dos escandalos publicos, que tenho relatado, vou passar já a objectos mais consoladores, e referirei o glorioso e brilhante combate do dia 9 d'este mez. No logar chamado do *Covello*, á direita da nossa linha, tinhão os rebeldes uma forte posição em que havião formado um reducto, d'onde se preparavão para mais nos incommodarem com uma nova bateria. Era de absoluta necessidade obstar logo no começo a estes trabalhos; e isto se fez na madrugada do dia 9. Fôrão os rebeldes atacados com tal impeto e resolução que, espavoridos, e quasi sem resistencia, largárão immediatamente aquelle formidavel posto, deixando apoz elle todos os materiaes, que erão muitos, e até as ferramentas com que estavão trabalhando no reducto. Acordados do susto que tiverão, e como envergonhados da sua covardia, prepararão-se com grandes forças, e com ellas nos vierão atacar por diversas vezes; porém em todas fôrão valentemente repellidos. Os seus ataques se repetirão por dous dias sem nenhum d'elles lhes ser favoravel, até que emfim, convencidos de que tinhão perdido para sempre a posição e o reducto, cessárão de nos tornarem a incommodar de perto, apenas ladrando de longe com a sua artilha-

ria, debaixo de cujo fogo nós concluimos o reducto, e n'elle estabelecemos uma forte bateria. O susto que tiverão na primeira surpreza que se lhes fez foi tal, que, pensando já que hiamos a elles de veras, muita da sua gente debandou, e foi levar o terror até Braga e Guimarães, onde sómente parou. Se o general Solignac fosse um homem de atrevidas concepções, e não tivesse até ali sempre mostrado uma incomprehensivel *prudencia*, teria n'esse dia talvez dado cabo de quasi toda a força inimiga, e talvez ainda concluido a lucta, attendendo ao terror que o nosso ataque produzira nos rebeldes; porém Solignac, o *prudente* por excellencia, deixou escapar esta occasião, assim como já o tinha feito em outra bem similhante, o combate de 4 de março, esse grande dia de gloria do Saldanha. Se este agora tivesse recebido ordem para fazer um ataque vigoroso pela nossa esquerda em quanto o inimigo estava seriamente occupado em a nossa direita no *Covello*, de certo teria elle levado diante de si os rebeldes, e sem grande difficuldade lhes haveria tomado o monte do *Crasto*, a posição, que maiores trabalhos nos dêo sempre pelos embaraços que punha aos desembarques. Mas tanto na guerra como na paz, e particularmente na época da emigração, a nossa historia tem sido constantemente a *historia das occasiões perdidas.*

No meio dos grandes exemplos que da-

va a nossa tropa e a povoação do Porto, desenvolvendo uma paciencia, um patriotismo, e um valor, raros em taes circumstancias, e em taes tempos de calamidades e de fome; os exemplos que dava o governo erão infelizes, erão desanimadores. Continuavão as extorsões forçadas, marcadas com o sêllo da violencia, e com o caracter de todo o abandono das conveniencias publicas. O ministro da fazenda mostrou dar-se mal na casa em que vivia na rua de Cedofeita, e em consequencia d'isto procurou mudar-se, e destinou para sua habitação e da companhia com quem vivia outra casa na rua de Santo Ovidio, chamada do *conego Guimarães*, da qual fez sahir os emigrados que n'ella vivião, e erão os irmãos *Vieiras de Castro*. Apenas entrou n'esta nova casa, immediatamente se espalhou a noticia de que n'ella havia um grande thesouro escondido; e com effeito este ali se achou, o qual disserão constava de uma avultada somma de dinheiro, *e algumas joias*. Tudo isto foi logo conduzido, segundo tambem se divulgou, para casa do juiz do crime do bairro de sancta Catharina, *José Bernardo da Silva Cabral*, homem de toda a confiança do ministro. O publico, naturalmente desconfiado, e a quem nada se póde occultar, espalhou logo que o dinheiro, dado ao manifesto, não era tanto como se dizia ter-se encontrado (*u*); comtudo, n'-

(*u*) Não me constou que então se manifestassem as joias

isto podia muito bem não ter razão, tinha-a porém no mais que então geralmente se disse. Porque motivo, dizia o publico, não mandou o ministro descubrir o thesouro antes de entrar na casa, pois era de presumir, ou antes certo, que já d'elle soubesse? Porque o não mandou contar e manifestar diante de testimunhas, e não o fez passar logo para o deposito publico, em vez de consentir que seu confidente *Cabral* o levasse para casa? Estas razões tinhão muito pêso, porque n'ellas se envolvia uma grande responsabilidade; mas isto não se fez, e cada um ficou fazendo o juizo que quiz sobre este acontecimento.

Confesso, que me enfastia a narração quasi constante de cousas desagradaveis e tristes, mas a culpa não he minha, he dos homens que figurárão n'esta épocha, e de quem, como historiador verdadeiro, sou obrigado a fallar (*x*). Assim passo ainda a contar um extraordinario successo que, bem que prevenido a tempo, podia ter comtudo bem fataes resultados. Na tarde do dia 20 do mez de que estou escrevendo um commissario de policia, homem de bem, e por nome *Amaral*, veio ter com um seu amigo, o desembargador José de Vasconcellos Azevedo d'Athaide e Menezes, e lhe declarou, que tanto

---

que dizião se achavão com o dinheiro.

(*x*) Eu não devasso na minha historia o interior da casa de ninguem, conto o que se passou, por assim dizer, no meio da rua.

elle como outros commissarios de policia acabavão de receber ordens verbaes do juiz do crime do bairro de sancta Catharina, José Bernardo da Costa Cabral, encarregado da policia, para que reunindo toda a sua gente, e espalhando-a pela cidade, lhe fizessem gritar de noite — *Fóra com Solignac, que he traidor, e viva Saldanha*! Como taes ordens lhe parecessem, além de extraordinarias, summamente perigosas, vinha tomar conselho com o seu amigo sobre o que deveria fazer. Este pesando comsigo tal noticia, e communicando-a a alguns dos amigos que estavão com elle, que erão o coronel de milicias de Castello-Branco, *Albuquerque* (*y*), e o magistrado *Bazilio Cabral*, que estava servindo de voluntario no corpo dos academicos, depois de bem ponderada toda a gravidade do caso, fôrão todos de parecer, que immediatamente se devião tomar todas as medidas para impedir um tão desastroso acontecimento, que, na frente do inimigo, podia ser fatal, e trazer comsigo consequencias funestas não só para a tranquillidade publica, porém para a segurança da cidade. Em taes termos o Vasconcellos se dirigio sem perder tempo a casa do ministro da fazenda, José da Silva Carvalho, e o Albuquerque a casa do ministro da guerra, Agostinho José Freire. Especialmente o primeiro exprobou fortemente ao

(*y*) Foi alguns annos depois agraciado com o titulo de Barão de Oleiros.

Carvalho a criminosa ordem que um dos agentes do governo acabava de communicar, certamente por instrucções que tinha recebido de algum dos ministros; expôz-lhe o perigo que elles mesmos ministros corrião se ella se executasse; e emfim os resultados, quaesquer que elles fossem, de um tal attentado, se chegasse a ter o seu effeito. O ministro Carvalho, aterrado com tal revelação, pela qual seguramente não esperava, fingio-se, ou na realidade o estava, ignorante de similhante noticia; e, ostentando grande violencia contra o agente subalterno *Cabral*, declarou, que no mesmo momento hia sahir de casa, para saber que ordens se derão, e prevenir que ellas se cumprissem. O mesmo declarou o ministro Freire, ainda que menos violento em suas expressões; e o caso foi, que descuberta a conspiração todos, ou de vontade ou sem ella, procurayão abafar a mina que estava prompta para a premeditada explosão. Com effeito ella se abafou, e por uma grande felicidade nada d'isto transpirou n'aquella noite; de sorte que esta se passou tranquilla, e só na manhã seguinte foi que o povo entrou a saber a crise de que escapára, a encher-se de horror contra os que tal plano tinhão concebido, e a pesar os males e os perigos de que havia escapado, quando alguns commandantes de corpos crão designados pela voz publica como não indifferentes á execução d'este projecto. Mas como todos os

effeitos tem uma causa, eu exporei aqui o que dêo motivo a este acontecimento, afim de que se saiba de que perigo escapámos, e quaes fôrão as molas que lhe derão o primeiro movimento, que só parou por uma resistencia que os conspiradores não tinhão calculado.

Havia tempo que Solignac não vivia em boa harmonia com o ministerio, e particularmente com o ministro da justiça (z). Este, que o detestava porque suppunha que a correspondencia d'elle general para França não era nem em abono d'elle ministro nem dos seus collegas, tentou interceptar-lhe a correspondencia, corrompendo o seu secretario, mr. *Dupant*. Para isto se dirigio a um Francez, chamado *Sombré*, e por elle he que tentou a corrupção. O secretario, achando-se já comprado, e trahindo seu amo, afim de que este o não suspeitasse, fez-lhe uma falsa revelação, dizendo-lhe, que em verdade tinhão tentado a sua fidelidade; porém que elle havia repellido a proposta com a indignação e desprezo que merecia. Esta falsa confidencia, em vez de socegar Solignac, o foi pôr á lerta e em desconfiança; e d'ali por diante começou a olhar com toda a at-

(z) Esta desharmonia teve talvez a primeira origem em uma representação, que, por parte dos commandantes das divisões, e mais officiaes do exercito, apresentou o general Solignac a D. Pedro, e este aos seus ministros no fim de fevereiro de 1823. Será ella transcripta, como peça justificativa, no fim d'este volume.

tenção para o comportamento do seu secretario. Vio que elle tinha recentes, e continuadas visitas do tal mr. *Sombré*, e que a este tambem frequentemente as hia fazer o seu secretario *Dupant*; e suspeitando, portanto, que entre elles se tramasse alguma intriga para realisar o que o seu secretario já lhe tinha annunciado, chamou á sua presença o primeiro, e quiz d'elle saber que negocios o retinhão no Porto, e que pessoa podia ali dar que affiançasse o seu caracter. *Sombré* nomeou immediatamente o ministro da justiça Magalhães para seu abonador, o que augmentou as suspeitas de Solignac; e em consequencia d'isto disse que d'ali mesmo lhe escrevesse, e delle exigisse por escripto uma abonação do seu caracter, sem o que o não deixaria sahir da sua presença. *Sombré* escreveo ao ministro, mas a resposta d'este, em vez de ser destinada a acreditá-lo, foi antes uma accusação a Solignac por reter como prêso em sua casa um homem sobre quem não tinha nem podia ter authoridade, segundo as leis do paiz. Esta foi a unica resposta que o ministro lhe mandou verbalmente por um dos seus emissarios, que apenas a dêo logo se retirou sem accrescentar uma só palavra sobre o caracter de *Sombré*, que era o ponto principal que d'elle se exigia. Este, como visse que o ministro o entregava á sua sorte sem dizer cousa alguma que o tornasse recommendavel para com Solignac, assentou que o unico meio

que lhe restava de salvação era confessar tudo; o que com effeito plenamente executou. Disse, que o ministro o havia encarregado de comprar o secretario *Dupant* por certa somma de dinheiro, o que tinha conseguido, e que já parte da correspondencia do general tinha passado pelas mãos do mesmo ministro; e tudo isto se passou perante testimunhas que para esse fim estavão presentes. Munido Solignac com esta revelação, e com a authoridade das pessoas que a tinhão ouvido, foi com ellas ou parte ter com D. Pedro, e expôr-lhe o delicto que contra elle um dos seus ministros tinha commettido. Ao mesmo passo lhe fez saber, sem reserva, a má opinião de que gosava o seu ministerio, o descredito em que estava não só no Porto porém nos paizes estrangeiros, as gravissimas faltas que manchavão a sua administração, e a necessidade que tinha de a mudar; concluindo por fim, que ou o ministro, que tão gravemente o tinha offendido, havia de ser immediatamente dimittido, ou elle largava o commando do exercito, e se retirava para França com toda a officialidade Franceza de maior consideração. D. Pedro, que cordialmente sympathisava com o seu ministerio, em vez de ouvir com serenidade as accusações do general, sahio de toda a gravidade que lhe competia, desabafou em queixas e ameaços contra o conde de Saldanha, attribuindo a suas intrigas e ambições todo

o mal que se dizia do seu ministerio; e concluio por fim, que com elle trataria o negocio que lhe acabava de propôr, e em pouco tempo lhe daria a resposta.

A descuberta da infidelidade, que se fazia a Solignac, pôz em consternação o ministerio e o seu chefe; e tratando-se do que convinha fazer n'aquelle caso, porque a alternativa era a dimissão de um ou de outro, constou, que a balança desde logo se inclinára contra o general. Mas para isto era necessario buscar logo quem o substituisse, e o conde de Villa-Flôr não tinha a opinião da tropa nem do povo: recorreo-se, portanto, a um estratagema, que se julgou de um effeito infallivel, e que foi fingir pazes com o conde de Saldanha, e tentar a sua ambição. Para este effeito se mandou á Foz na tarde do dia 19 uma pessoa agradavel ao conde, e se lhe pedio, que, da parte do governo, lhe communicasse, que sendo uma cousa desairosa que o exercito fosse commandado por um estrangeiro, se lhe offerecia a elle o commando, *pondo para isso todas e quaesquer condições que quizesse, porque, sem mesmo se lerem, serião acceitas e approvadas.* O conde, que ainda se lembrava do seu Virgilio, onde diz *que se devem temer os Gregos ainda quando fazem presentes*, respondeo com muita dignidade: *que era elle o primeiro em confessar, ser um grande desaire o sermos commandados por um estrangeiro; porém que maior*

desaire ainda seria dimitti-lo sem causa, depois de se haver convidado; e que portanto d'essa nodoa não queria elle participar. Partio o mensageiro com esta resposta, e succedendo no dia seguinte de manhã 20 passar o conde pela porta de D. Pedro, este ou porque ainda não soubesse o que se tinha passado, ou porque, se o sabía, procurasse ameigá-lo com apparencias de amisade (*a*), fallou-lhe da janella, e o obrigou a apear-se, e a ir cumprimentá-lo. Nunca D. Pedro se lhe tinha mostrado tão affectuoso e amavel; e depois de muitas palavras de cordialidade, o despedio.

Mas como esta seducção, com que se queria illudir Saldanha para mais facilmente sacrificar Solignac, não sortisse o effeito desejado, recorreo-se então n'este mesmo dia á conspiração nocturna, cujas causas acabo de mencionar, bem como as que felizmente a fizerão abortar. Foi, portanto, necessario sacrificar aos odios de Solignac o ministro Magalhães, e com elle o agente Cabral, do primeiro dos quaes appareceo logo

(*a*) N'esse mesmo dia 20 encontrei eu o conde na casa onde morava o major David, fallando com uma pessoa para mim desconhecida. Como eu isto visse, simplesmente o cumprimentei, e me despedi logo d'elle, porque suppuz que estava tratando negocios particulares. Mas ao retirar-me veio apoz mim o conde, e apertando-me a mão, disse-me, formaes palavras, que como homem verdadeiro refiro, — *Se eu fôr assassinado, os meus assassinos são!...* O homem, que lhe fallava, o tinha vindo avisar que se acautelasse!...

no dia seguinte a dimissão na *Chronica*, gazeta official do governo. Não parou ainda aqui este caso, porque no dia 23 appareceo na *Chronica* um artigo infame contra Solignac, Stubbs, e Saldanha. Era, na verdade, este artigo extrahido de uma folha Miguelista; mas agora transplantado sem *nenhum commento* na gazeta ministerial, e logo tres dias depois dos successos anteriores mostrou bem que os vencidos ainda se não davão por satisfeitos. Tornou-se ainda mais conspicua a ousadia d'este artigo por ser o redactor da Chronica um official da secretaria da justiça, *Antonio Pereira dos Reis*, o qual, parece, que não poderia ter resolução bastante para publicar um tal artigo, e em tal occasião sem o consentimento de seus amos. Este novo attentado irritou profundamente o publico, porque n'elle se vio uma pertinacia summamente atrevida. O clamor foi, portanto, ameaçador e geral; e para o socegar, sacrificou-se *pela fórma* o agente subalterno *Reis*, que foi immediatamente prêso, e remettido aos tribunaes de justiça para n'elles ser julgado. Mas em poucos dias sahio da prisão com fiança, e nunca foi sentenciado. Tambem pela fórma foi apenas dimittido do emprego que occupava na secretaria da justiça, onde depois tornou a entrar triunfante para occupar n'ella um logar mais distincto: seus serviços não fôrão esquecidos.

A complicidade do ministerio em toda

esta serie de acontecimentos se dêo ainda a conhecer no dia 28 pelo novo facto que vou referir. Debaixo de um frivolo pretexto, *como erro de officio*, foi prêso o commisario de policia, *Amaral*, esse mesmo que havia revelado a conspiração nocturna, e isto por uma ordem expressa do ministro do reino, *Candido José Xavier*, communicada ao novo intendente da policia, José Caetano de Paiva Pereira. Este novo acto de arbitrariedade vingativa, e cada vez mais indicativo da parte que o ministerio havia tido na conspiração, e em todas as suas consequencias, renovou a indignação publica, e a ella foi forçado ceder esse espirito de vingança, tão pouco disfarçado pelos complices dos antecedentes attentados. O novo intendente da policia logo no dia seguinte mandou soltar o supposto réo Amaral; e dando-lhe mil desculpas, teve a sinceridade de lhe dizer, que nenhuma parte havia tido na sua prisão, pois que esta lhe fôra ordenada por ordem superior, isto he, por Candido José Xavier.

A administração mutilada, e agora representada pelo ministro *Candido*, dêo logo, no dia 29, uma nova prova dos principios que a continuavão a dirigir. Era aquelle dia o anniversario da carta constitucional, e n'elle exactamente appareceo um documento dos mais extraordinarios, que caracterisão a épocha da emigração. Para que isto melhor se entenda, exporei os preliminares do fa-

cto. Depois da dimissão do ministro Magalhães creou logo o ministerio uma *intendencia de policia*, á qual, para lhe amaciar o horror do nome, dêo o appellido de policia *preventiva*; e para chefe d'ella nomeou o já citado *Paiva Pereira*. Cada um interpretava a seu modo o mysterioso nome da nova creatura ministerial, até que no dia 29, anniversario da carta constitucional, explicou Candido José Xavier, pelo orgão official da *Chronica*, o que elle na realidade significava. Mandou que se regulasse pelo decreto ou lei da sua creação no ministerio *Pombal*, dando-lhe assim todas as attribuições do monstruoso antigo tribunal, e resuscitando, debaixo de um titulo modesto, a policia dos *Maniques*, e dos *Rendufes*! Foi, com effeito, esta ordenança um verdadeiro epigramma feito á carta; porque tal publicação, e em tal dia, não podia tomar-se senão como um insultante epigramma, feito á liberdade constitucional. Por este modo o rhetorico Candido José Xavier celebrou um dia tão solemne, e esbofeteou ainda uma vez a imagem da liberdade, que já em outro tempo o tinha salvado das garras de um algoz! Esta ordenança *Turca* appareceo na primeira folha da *Chronica* que começou a ser dirigida por João Antonio de Moura, irmão de José Joaquim Ferreira de Moura, homem, que mui conspicuamente figurou na regeneração de 1820, tanto pelos seus raros talentos como por sua fraqueza politi-

ca. O irmão, redactor da *Chronica*, tendo a mesma fraqueza, nem de longe rastejou seus talentos.

Antes de mencionar os successos mais notaveis do seguinte mez de maio direi, qual era o estado da cidade do Porto, quaes fôrão os sacrificios que continuou a fazer, e qual foi sua constancia, e seu heroismo em todo este tempo da sua mui perigosa situação. O ministerio, constante no mesmo plano, continuou sempre com as mesmas extorsões e violencias. Desprezando todos os emprestimos regulares, seguio a maxima das contribuições forçadas, e por meio d'ellas he que hia sustentando o thesouro. N'este mesmo violento proceder não seguia porém, ao menos, uma marcha que tivesse toda a apparencia de justiça, isto he, não seguia a igualdade, nem se conformava com a proporção das fortunas, porque, salvando os afilhados, ou os homens da sua politica, carregava sem pêso nem medida os que lhe não erão affeiçoados. Juntava-se a injustiça á violencia do despotismo, porque collocava os cofres dos particulares, senão entre a força, e o arrombamento, ao menos entre a prisão e os insultos. Pozerão-se á disposição da junta, chamada da companhia do Douro, os vinhos de todos os particulares; e assim quando elles vião suas algibeiras despejadas por uma despotica mão, vião por outra seus armazens forçados e vasios. Nada era sagrado,

e nem sequer se cubrião as violencias com boas palavras e bons modos. Em quanto porém se recorria a estas medidas desesperadas desprezavão-se recursos da mais valiosa importancia. Por uma lei de prêzas estava determinado que todas as que se fizessem de navios, vindos com bandeira do usurpador, com tanto que no acto do apresamento não fizessem resistencia, immediatamente se vendessem em hasta publica, navios e cargas; e que d'estes productos dispozesse o governo, ficando comtudo obrigado a satisfazer um dia a cada um dos proprietarios as quantias que tivesse recebido. Assim ficavão estas prêzas, ou seus valores, como em deposito, mas deposito, de que era permittido ao governo servir-se; e de cuja totalidade só era obrigado a pagar logo 10 por cento aos aprezadores, unico desfalque que devia ser lançado em conta aos donos das prêzas, quando d'ellas recebessem a sua importancia. Constou-me n'este tempo, por pessoa authorisada, e que pertencia ao tribunal das prêzas, que no Porto havia então navios e cargas aprezadas que muito bem valião 400 contos de réis, ou ainda mais; e n'este caso nada parecia mais natural, mais obvio, e mais facil do que servir-se o governo d'este recurso, antes do que recorrer ás bolsas dos particulares, e os forçar a que violentamente lh'as abrissem. Porém não aconteceo assim, porque o ministro da fazenda não só mandou entregar a seus

donos alguns d'aquelles mesmos navios aprezados, mas até chegou a comprar a carga de um, chamado o navio *Constante* (*b*). Este procedimento, ao qual se davão diversas interpetrações, teria hido sempre ávante se o ministro, ou o ministerio, não sei se de receoso ou de mais bem aconselhado, o não tivesse suspendido em consequencia das sentenças que o tribunal continuou sempre a dar sobre taes navios, sem lhe importar que o governo d'elles tivesse disposto contra a lei. Mas por este facto se póde bem dar a conhecer, qual era o caracter do governo que desprezava recursos de tal ordem para figurar de violento espoliador.

Em quanto por uma parte assim se administravão as finanças, por outra se commettião os mesmos abusos, e as mesmas violencias em um ramo que se intitulou *administração dos conventos abandonados*. E a este respeito se citavão factos de tal natureza, que por elles quem parecia ganhar menos era o thesouro publico. Aquillo, em que todos concordavão, era emfim, que um governo honesto e probo nunca devia empregar agentes para tão serias e melindrosas commissões que não estivessem acima de todas as suspeitas. Em uma palavra, devião ser como Cesar queria que fosse sua mulher.

(*b*) Eu, assistindo a uma das sessões do tribunal, ouvi contar a um dos juizes o caso d'este navio.

No emtanto o patriotismo a favor da causa publica não se desalentava com esta administração desacreditada, porque, sem se affrouxar com a inhabilidade ou abuso dos que estavão encarregados dos negocios publicos, nunca faltárão individuos que concorressem do coração para salvar a liberdade e a patria. Mesmo de Lisboa vierão muitas vezes sommas consideraveis, com que se sustentou a causa quasi a ponto de perder-se; e no meio da tyrannia nunca pôde o usurpador conseguir que se extinguisse o fogo sagrado e salvador da liberdade. He, portanto, uma verdade, e bem digna de servir de exemplo para o futuro, que no meio dos grandes crimes com que esta época desgraçada se tornou assaz insigne, tambem n'ella resplandecêrão virtudes que a fazem a mais brilhante de quantas a nossa historia faz menção. Mas estas só as póde bem avaliar, quem, como eu, esteve no logar dos perigos, e da honra, isto he, dentro das trincheiras do Porto. Aqui nunca se percebeo medo, nunca faltou resolução para soffrer todas as privações, e nunca se perdêrão as esperanças da victoria; esperanças, que só um puro patriotismo, e um firme e decidido amor pela liberdade podião conservar. Entre um fogo barbaro e brutal, diariamente sustentado contra a cidade por centenares de bombas e de balas, pareceo sempre que o Porto estava em uma profunda paz. Nunca se suspendeo o trato or-

dinario da vida; as ruas estiverão sempre cheias de gente de todos os sexos, e de todas as idades, e condições; viáo-se aos pares as bombas sobre as cabeças dos habitantes já com tal serenidade como se fosse um fogo de alegria; e até nunca se suspendêrão as companhias ordinarias, onde se jogava, cantava, e dançava, como se a morte não estivesse sempre suspensa nos ares, olhando ferozmente, á maneira d'essas aves de rapina, para se lançar sobre uma ou muitas victimas. Sim, o Porto, o heroico Porto, póde, com a historia do seu cerco na mão, disputar valor a quantas cidades, antigas e modernas, tem passado por iguaes calamidades.

Que fazia, porém, o ministerio? Tratava os habitantes, tão heroicamente valentes e constantes, como se fossem um povo inimigo. Além das violentas extorsões em generos e dinheiro, de que acima já fallei, consentia ainda que meia duzia de atravessadores, no meio da abundancia, fizessem uma horrorosa carestia, fingindo escacez para augmentarem enormemente o preço dos generos; e, o que mais he, a voz publica denunciava como complices d'este trafico infame, os amigos d'esse mesmo ministerio, ou, pelo menos, de algum dos membros d'elles (*c*). Mas se o governo, mais cuidado-

(c) Para diminuir este mal a camara ou commissão municipal começou a comprar os viveres que entravão para os

so dos seus interesses, e dos dos seus amigos do que dos do publico, em nada concorria para suavisar as geraes calamidades, havia, comtudo, ainda quem sympathisasse com a desgraça; e esta honra se não deve negar a essa associação phylanthropica, instituida em favor dos pobres, e da qual fazia parte mui conspicua o amigo em casa de quem eu vivia, Manuel Antonio Pinto do Soveral Chegou ella a repartir diariamente de seis a sete mil rações a outros tantos desgraçados, em que entravão individuos de todas as classes e de todas as jerarchias sociaes, porque n'este tempo, de uma geral calamidade, a desgraça e a pobreza igualavão todas as condições. Entretanto, o governo se mantinha não porque a opinião publica lhe fosse favoravel, mas por isso mesmo que a tinha contra si; e porque todos estavão persuadidos que com o caracter que seus membros tinhão não era possivel achar outros que os podessem substituir na mesma marcha de violencias que até ali tinhão seguido, e de que já não era facil desviar. Assim os odios e a indignação publica, que de ordinario costumão derribar os governos, fôrão os instrumentos que mais servírão para o sustentar (*d*).

---

dar mais baratos ao publico, estorvando assim de algum modo a avareza barbara dos atravessadores.

(*d*) Constou-me n'essa época que fallando alguem a D. Pedro no desprezo e odio em que estava o seu ministerio, e na necessidade de o dimittir, respondêra elle: „ Eu bem „ sei tudo isso; e todos os males que elle tem causado;

Elles porém, infatuados com a prolongação da sua existencia, não percebião a causa d'isto, ou pelo menos fingião que a ignoravão; e attribuião a sua conservação ao grande exercito auxiliar dos chamados empregados publicos, que em torno de si tinhão creado, e que, servindo-lhes como de guarda Pretoriana, os servião, adulavão, e aviltavão. Era voz constante que o numero d'elles chegára a *novecentos*, não que todos na realidade o fossem, mas dava-se-lhes esse titulo para os isentarem do serviço militar. Assim cada ministro tinha a sua legião, á qual dava o nome de empregados na repartição que servia. De um antigo instrumento de que alguns dos actuaes ministros já se tinhão servido nos annos de 1822 e 23, tambem agora se procurárão servir; e este foi a creação de *lojas maçonicas*, receptaculo da criadagem ministerial mais servil que havia no Porto. N'estes antros obscuros he que se traçavão os planos quer para difamar os bons, quer para os aterrar com ameaços ridiculos e puerís, porque tinhão força para os executarem; e d'elles emfim sahia essa espionagem organisada para espreitar o que contra seus amos a voz publica geralmente repetia. Este systema de espionagem, aperfeiçoado no Porto, era porém já invenção velha, porque existia na emigração, praticado pelos mesmos que ago-

„ mas que homens haverá agora que o queirão substituir „ no systema de violencias, que elle está praticando? „

ra o continuavão (*e*), sem que lhes désse mais credito ou mais força.

Principiou o mez de maio, dando o ministerio mais uma prova da sua insignificancia, e falta de juizo, e que o fazia passar, sem que d'isso se envorgonhasse, das arrogancias para as baixezas. Já antes mencionei como o vice-almirante Sartorius havia sido affrontosamente dimittido, e como apesar d'isso, esquecido de todas as injurias que se lhe havião feito, se apresentára novamente nas aguas do Porto, determinado a auxiliar a causa da liberdade; agora direi, que, vendo o ministerio tamanha generosidade, e ao mesmo tempo conhecendo toda a sua fraqueza, o reintegrou por uma nova carta régia, datada do 1.° d'este mez de maio, no seu antigo commando, prodigalisando-lhe d'esta vez tantos elogios, quantas havião sido as affrontas com que antes o tinha maltratado. Assim a força, a necessidade, e o mesmo desprezo, com que todas as suas loucas resoluções erão recebidas, remediárão um mal que nunca tivera acontecido se o juizo e a prudencia tivessem dirigido as suas acções.

N'este mesmo mez se renovou um bombardeamento horrivel contra o Porto, que

---

(*e*) Estando eu já de volta no Porto recebi uma carta de Londres em que se me dizia, que na morte de um Portuguez, chamado *Ricardo Lino*, se achára um registo de espionagem feito por outro Portuguez, *Pedro Antonio de Carvalho*, que pôz todas estas ridicularias a descuberto.

particularmente aconteceo nos dias 14 e 16. Os rebeldes, não tendo resolução nem valor para atacarem em frente a cidade, satisfazião suas vinganças, vinganças de fracos, sobre as paredes das casas, assim como sobre as cabeças dos velhos, mulheres e creanças de quem nenhuma offensa recebião, e até de quem muitos serião parentes, e mesmo mui similhantes em opiniões e sentimentos. Mas isto mostrava qual era o caracter da facção que tão copiosamente derramava seu sangue e de seus competidores para sustentar a servidão, e obedecer a um tyranno fraco, que nem sequer tinha a coragem dos grandes criminosos, porque na realidade era um covarde. No meio porém de toda esta brutalidade feroz melhorou o tempo, e os desembarques de todos os generos necessarios para a vida começárão a ser copiosos e frequentes, apesar de que todos se fazião debaixo de um fogo vivissimo, bem que sempre mais estrondoso do que mortifero. Esta circumstancia alliviou e animou muito a cidade, porque a falta de víveres havia sido sempre a primeira de todas as suas calamidades. Não teve ella porém tão bons resultados como houvera de ter se no governo houvesse aquella providencia, que em taes tempos era necessaria, e ao mesmo tempo fosse acompanhada de moralidade, que he a primeira base em que se funda o credito e o respeito de uma boa administração. Apparecêrão logo al-

guns notaveis *atravessadores*, que, por algum tempo, quizerão conservar a escassez, levantando e conservando os preços enormes dos víveres (*f*) pelo barbaro systema ou de os esconder, ou de fingir tambem enormes despezas para o seu desembarque.

Mas um grande beneficio, que já indiquei, e que muito servio para minorar este mal, fez a *commissão municipal* da cidade, comprando por sua conta alguns generos, como *bacalháo* e *farinhas*, para os vender por preços racionaveis ao povo; e então se vio quão criminosa era a avareza d'esses atravessadores brutaes, e a indifferença do governo, que se os não protegia, ao menos os tolerava; porque o bacalháo, por exemplo, que se vendia quasi por favor a 200, e 240 rs. o arratel, passou logo a vender-se por ordem da mesma commissão municipal a 100 rs., e depois a menos, ainda com lucro. Por este modo começárão todos os preços a descer, e renasceo a abundancia; o que, por não faltar á justiça, á qual a commissão municipal tem direito, com muita satisfação menciono, porque em referir o bem e o mal desejo sempre ser imparcial e verdadeiro. Mas como tenho fallado d'esta commissão, direi agora o que ella era, e a razão porque, em vez d'ella, nunca houve, como a devia ha-

(*f*) Entre outros objectos fôrão as farinhas, que por baixos preços comprárão a um certo *Dourado* para depois as venderem horrorosamente caras.

ver, uma camara constitucional, eleita pelo povo. Foi esta uma das invenções legislativas do rhetorico Candido José Xavier de commum acôrdo com os seus collegas. Mas para intelligencia d'este facto necessario he recorrer á origem d'elle para melhor se conhecerem os motivos que produzírão este abuso do systema constitucional. N'isto he que consistem todo o proveito e interesse da historia, para que se torne util e instructiva para os presentes e futuros.

O systema constitucional puro teve sempre duas qualidades de inimigos, que fôrão, e ainda são, os *absolutistas declarados*, e os *constitucionaes apparentes*, que, á sombra de uma constituição politica, aspiravão, e ainda aspirão, a outra especie de despotismo com que se tornassem *privilegiados novos* sobre as ruinas dos antigos. Os primeiros fazião a guerra á cara descuberta; os segundos trabalhavão sempre ás escondidas, ou á sombra das formulas constitucionaes. Por estes fôrão tambem sempre auxiliados indirectamente aquelles, ora disfarçando-lhes a rebellião, ora minando surdamente as idéas liberaes para estabelecerem em vez d'ellas um despotismo que disfarçavão com o nome de *systema moderado*. Assim he que se procurárão desacreditar os verdadeiros constitucionaes, denominando-os ora *exaltados*, ora *republicanos*: assim finalmente se aplanárão os caminhos para a usurpação de D. Miguel, em que ti-

verão n'aquella época maior ou menor parte quasi todos os que servírão altos empregos publicos, entrando na excepção João Carlos de Saldanha, que depois foi conde, e marquez. Mas D. Miguel e a sua facção não lhes levárão em conta os grandes serviços que lhes havião feito, e não só os repulsárão com desprezo, porém passárão a puni-los com desterros e prisões; e isto com razão, porque no combate das opiniões politicas quem não he franco e decidido em um partido he necessaria e justamente olhado como inimigo. D'aqui nasceo a emigração de muitos individuos, que nunca havião sido constitucionaes verdadeiros, e emigrárão não por fidelidade á carta constitucional, e convicção da bondade de seus principios, porém porque D. Miguel não só os não quiz, mas já se preparava para os punir.

Na emigração os homens d'ella conservárão sempre os seus principios; uns, não querendo D. Miguel, porque elle os não quiz, nem queria; outros porém não o querendo, porque elle era um tyranno, e o assassino das liberdades publicas. Isto, portanto, formou uma linha mui distincta e positiva entre os emigrados. Os primeiros trabalhavão sim por expulsar D. Miguel, mas não fazião caso da carta constitucional, e até alguns descaradamente dizião que era preciso sacrificá-la para se tornar á patria (*g*): em u-

(*g*) Ouvi dizer que o ministerio Inglez propozera, que

ma palavra, querião lá entrar com o seu absolutismo *moderado*, e cubrir-se tambem lá com as vestes privilegiadas d'aquelles á quem d'ellas pertendião despojar, por isso que com elles as não tinhão querido repartir. Os segundos fôrão, por conseguinte, sempre olhados por aquelles como verdadeiros inimigos, porque a sua divisa, em todas as alternativas, era sempre *carta*, *patria*, e *Rainha* Durou esta guerra constantemente, com maior ou menor violencia, entre os dous partidos da emigração, até que chegou D. Pedro á Europa. Então um novo campo de operações se abrio ao partido absolutista *moderado*, porque se virão com um chefe a quem quizerão adular, e a quem de corpo e alma procurárão unir logo os seus destinos futuros. Emigrados de todas as côres, de todas as capacidades, e de todas as jerarchias se virão logo levantar uma nova bandeira; e em torno d'ella se divisárão, como em verdadeira comedia, ou antes farça politica, tanto homens, que eminentemente tinhão figurado na regeneração politica do anno de 1820, como outros, que se havião tornado insignes nos actos com que a servidão a destruíra no anno de 1823. A inscripção da sua bandeira foi — *Pedro*, *rei*;

---

nos levaria, a nós emigrados, a Portugal, se desistissemos da carta constitucional; e que alguem houve entre os mesmos emigrados, que tambem propozera ao marquez de Palmella que acceitasse a proposta. Este *alguem* era um dos homens da regeneração do anno 20!!

não queremos rei mulher; e desde logo todos, e foi a grande maioria da emigração, os que desprezárão com horror uma tal idéa, fôrão considerados como inimigos, e se lhes declarou guerra aberta. Mas o projecto encontrou grandes obstaculos, e estes invenciveis da parte dos gabinetes de Londres e París; e por isso foi preciso mudar de tatica, sem comtudo se abandonar o projecto. Procurou-se imitar, com notavel escandalo, a farça ridicula com que em Lisboa e no reino se acclamou a ususpação; e, para melhor disfarçar a nova, que se premeditava, procurou-se ganhar *assignaturas* entre os emigrados para se conferir desde logo a regencia da carta a D. Pedro; medida illegal, e filha de um egoismo servil, e dos manejos de certa facção Brasileira, que, expulsa da patria que tinha adoptado, procurava agora unir-se de novo com o sangue da mesma mãi, que ella tinha ajudado a dilacerar. Mas isto mesmo tambem falhou, porque em Inglaterra apenas se encontrárão mui poucos individuos que se prestassem a este astucioso convite; e em París, e em França teve elle uma completa repulsa. O que então se não pôde conseguir a descuberto tentou-se ainda á sombra do mysterio, e de occultas cabalas. Enviárão-se emissarios para as ilhas para ali estabelecerem lojas maçonicas, e dentro e fóra d'ellas insinuar e prégar a nova usurpação disfarçada; ao passo que para Lisboa e para outras partes

do reino se mandavão por todos os paquetes instrucções para o mesmo fim. Por este modo muitas pessoas, para isto já escolhidas, tanto pela ignorancia em que estavão do que lá por fóra se passava, como por inclinação aos mesmos principios, se constituírão agentes d'esta conspiração contra a carta e a Rainha (*h*). Como medida subsidiaria estabelecerão-se em Londres periodicos mensaes, e clandestinos, que ali não circulavão, e só erão destinados para formar a opinião em Portugal e nas ilhas; e papeis ainda, que erão pagos com o dinheiro publico, debaixo da sancção de um dos nossos empregados, *Abreu e Lima*, que figurava de ministro plenipotenciario da Rainha!

Com todos estes preparativos organisados resolveo-se a expedição contra o usurpador, e á sua frente se collocou D. Pedro, e se dirigio para as ilhas, onde quasi toda a nossa força estava reunida. Mas como por esse tempo, em consequencia do que venho de referir, já se tivesse tornado mui visivel e distincta a linha entre os verdadeiros constitucionaes, amigos da Rainha, e os que não querião *rei mulher*, estes rasgárão completamente a mascara; e julgando-se sufficientemente fortes, chamárão sómente a si os que tinhão por colaboradores e amigos; e, com

(*h*) Para se corromper a opinião, e a lealdade á Rainha não houve defeito que não se lhe pozesse.

o maior desembaraço, derão de mão, e desprezárão as mais insignes notabilidades da emigração, e as deixárão como em desterro, nos paizes estrangeiros. Comtudo, n'isto errárão seus calculos, porque, persuadidos que suas missões havião tido completo effeito, e que bastava que elles apparecessem com D. Pedro á frente para que todos se lhes reunissem tanto nas ilhas como em Portugal, acharão-se afinal perfeitamente enganados. A primeira experiencia que se fez foi nas ilhas; mas as acclamações geraes e constantes á carta e á Rainha, fizerão emmudecer as que se esperavão destinadas só para D. Pedro. Assim mesmo ainda se contava muito com Portugal; e por uma estupida credulidade dizia-se á boca cheia, que bastava uma só *bota* de D. Pedro que apparecesse para que todos se prostrassem por terra e a adorassem. Com estas fantasmagorias na cabeça ainda nas mesmas ilhas se fizerão muitas exclusões; e por esta arte infatuados desembarcárão no Porto, onde seus aereos castellos se desvanecêrão em fumo; e onde, ainda que tarde, fôrão forçados a ajoelhar diante dos que tinhão desprezado. Nem a *bota*, nem a mesma presença de D. Pedro operárão os milagres promettidos; mas nem por isso desanimárão, porque se formárão novos planos, abrio-se nova campanha, e se formou um governo *ad-hoc*. O antigo ministerio, formado nas ilhas, era um ministerio de circumstancias; e a sua

formação, em que entrava Palmella, deveo-se mais ás contemplações, que ainda se quizerão ter com os gabinetes de Londres e París, do que á confiança que n'elle se tinha. E a razão era porque Palmella, e Mousinho de Albuquerque, e Bernardo de Sá, ambos creaturas do primeiro, não favorecião taes projectos, não sei se por convicção politica, ou porque sabião que aquelles gabinetes decididamente se oppunhão a elles. Todavia, no tal ministerio ainda havia, como base, dous individuos com quem se contava, os quaes erão Candido José Xavier, que sempre lhes foi firme e constante, e Mousinho da Silveira, que afinal trahio as esperanças dos que o tinhão nomeado; e por isso foi logo depois um dos primeiros que foi expulso do ministerio. Portanto, como se não encontrasse no Porto a recepção que se esperava, e se vissem incommodados com um ministerio, que não auxiliava as suas vistas, procurou-se, como ultimo recurso, formar um novo, o que se fez anniquilando o actual, e formando um muito condescendente.

Esta administração ministerial, como visse que nenhuma de suas tentativas havia tido effeito, e que nenhuma d'ellas era bastantemente poderosa para levar ao cabo os seus planos, procurou então, pela violencia, segurar-se no poder. Armou-se de todos os elementos apparentes do terror, e por meio de batalhões organisados de gente sua, que sys-

tematicamente espalhava qual era a força do ministerio, e das medidas energicas que hia tomar contra quem ousasse contrariá-lo, ou maldizê-lo, persuadio-se, por um momento, que havia suffocado a opinião publica. Chegou ainda a empregar rasgos de um vigor illusorio, porque ousou aterrar com desterros a certos homens que mais livremente o contrariavão; e em alguns d'elles, com effeito, pôz mãos violentas, mandando-os, como deportados, para a fortaleza da Serra, que elle então designava como as *Pedras negras* do antigo despotismo. Porém nada d'isto lhe dêo nem mais consideração, nem mais respeito, nem mais obediencia: pelo contrario, cada vez hia cahindo em maior desprezo; e tanto elle como seus ameaços tornarão-se afinal em objecto de escarneo. Havia no Porto um embaraço que muito o atormentava, e que por mil vezes, e milhares de fórmas elle quiz remover, o qual era a formação dos batalhões nacionaes, em cujo espirito, verdadeiramente leal e patriotico, sempre encontrou uma formidavel resistencia; e por isso muito receava que de novo se creasse outro *corpo popular*, que lhe augmentasse aquella já mui poderosa resistencia. Este novo corpo era a camara municipal, que, segundo a carta, devendo ser eleita pelo povo, por ella o mesmo povo podia fazer energicas representações, particularmente quando o ministerio sabía, de um modo positivo, quanto era o odio e

o descredito em que havia cahido. Isto, portanto, foi o que elle quiz impedir, e com effeito o impedio, nomeando por um acto despotico, e assignado por Candido José Xavier, essa *commissão municipal*, de que acima já fallei. Quizerão córar este acto inconstitucional com o estado de cêrco em que se achava o Porto, e com a difficuldade das eleições populares; porém similhante razão era ridicula, e bem mostrava as intenções de quem a dava, ou a fazia espalhar; porque se os officiaes dos batalhões nacionaes erão nomeados por uma regular eleição do povo, e n'isto não tinha havido impossibilidade, como a poderia haver em uma eleição regular dos membros da camara municipal? O inconveniente d'esta eleição estava pois na escolha dos homens que o ministerio receava fossem escolhidos, porque tendo já visto de que cathegoria politica erão os que havião sido eleitos para officiaes dos batalhões, com muita razão suspeitava que outros iguaes fossem eleitos para membros da camara. Eis-aqui, portanto, o motivo por que se commetteo esta violação contra a carta constitucional.

Todos os homens, que erão verdadeiramente constitucionaes, isto he, que querião *rei mulher com a carta na mão*, erão considerados como inimigos declarados; e por isso não os querião admittir nos empregos, e para elles só buscavão os que erão, ou presumião viessem a ser do seu bando. Assim

da boca ou da penna d'esta administração nunca sahírão expressões que excitassem o enthusiasmo publico, ou que reanimassem o patriotismo, e o fogo sancto da liberdade legal; mas antes, pelo contrario, todas as suas palavras, todos os seus escriptos, e todos os seus actos erão calculados para apagar e extinguir todos aquelles nobres sentimentos. Dava-se por chasco e desprezo o nome de *exaltados* aos verdadeiros e sinceros amigos da liberdade e da Rainha; mas que acção nobre e generosa póde haver sem exaltação, ou profunda convicção de principios? Quem he que produzio todas essas raras virtudes Gregas e Romanas? Quem foi o que fez apparecer em todos os tempos os martyres politicos ou religiosos senão essa exaltação de sentimentos heroicos, que tudo despreza, até mesmo o viver? Mas esses homens chamados moderados, e que só são egoistas, amigos de seus interesses, e da renovação dos privilegios, temem sempre, e com razão, essa nobre exaltação que lhes destroe seus projectos, e que para os realisar não os deixa governar.

No dia 19 d'este mesmo mez, por um d'esses acasos felizes, que uma ou outra vez se encontrão na vida, escapou o author d'estes *Annaes* de morrer pelo choque de uma bomba, que ás cinco horas e meia da tarde cahio na casa em que vivia na rua do Pombal, n.° 16, e casa que pertencia ao amigo

com quem estava, Manuel Antonio Pinto do Soveral. A bomba arrebentou no proprio quarto em que habitava; e foi o caso: apenas haveria alguns segundos que d'ali tinha sahido, havendo tido apenas tempo para fechar a porta, e dar o primeiro passo para subir para o andar superior, cahio ella, vindo do lado de Villa-Nova de Gaia, fez uma explosão horrivel, e estragou completamente todo o aposento. Este cêrco do Porto, de que ninguem nunca poderá fazer uma verdadeira idéa senão quem lá esteve, e correo os perigos constantes que a toda a hora o ameaçavão, será um dos cercos mais notaveis da historia moderna, não só pela brutalidade feroz com que os sitiantes diariamente tratavão a cidade, sem se animarem a atacar as linhas que a defendião, porém pela inalteravel constancia e heroica resignação, com que a cada momento se encarava a morte, sem que esta idéa perturbasse o mais insignificante trato da vida. Sim, em verdade o digo, que apesar de todos os perigos de que tenho constantemente estado ameaçado até a hora em que isto estou escrevendo, tres horas e cinco minutos da tarde do dia 3 de julho de 1833, ainda até este momento me não tenho arrependido de ter vindo tomar parte nos perigos por que esta heroica cidade tem passado; mas antes bem pelo contrario me glorio de ter participado dos muitos que tem sido necessario correr para reconquistar a liberdade. A guerra,

e guerra feroz, a fome e a peste (*a colera morbus*) tem sido os inimigos perigosos e crueis com que se tem estado de noite e de dia a combater; porém a liberdade, para quem deveras a avalia, e lhe conhece e sente os encantos, tudo merece, e tudo póde exigir, porque não ha sacrificios que lhe recompensem o valor.

No dia 30 d'este mesmo mez foi ainda o general conde de Saldanha o alvo de uma nova intriga, por meio da qual o quizerão perder, maculando a sua reputação, e não se lembrando, que estava a chegar o momento em que elles mesmos se havião de vêr obrigados a entregar-lhe nas mãos o poder que com tanta injuria até ali tinhão querido d'elle desviar. O motivo da intriga foi o seguinte. Havia muito tempo que alguem se tinha lembrado de procurar abrir algumas communicações secretas com um ou outro dos commandantes rebeldes, particularmente com os que estavão do lado de Villa-Nova; e n'este plano entravão o consul Inglez *Sorell*, e o coronel *Badcok*, agente particular do ministerio Britanico, e ambos homens de bons principios politicos, e que sempre mostrárão sympathisar com a nossa causa. Não se achava porém no Porto, n'esta épocha, pessoa que podesse desempenhar esta delicada operação, até que emfim chegou o conde de Saldanha, que foi considerado como individuo proprio para o desempenho do projecto meditado. Fa-

voreceo o desenvolvimento d'elle a circumstancia de ser o conde nomeado para commandante da esquerda da nossa linha, que se estendia desde Lordello até á Foz; e de ser commandante de um brigue Inglez, estacionado no Douro, um homem capaz de auxiliar efficazmente a empreza com toda a segurança e segredo, o qual era sir George Paulett. O governo Inglez, como depois se soube, estava instruido d'este plano, e lhe dêo toda a sua approvação, como tambem depois se veio a saber quando de Londres chegou o duque de Palmella. Em consequencia de tudo isto convidou sir George Paulett um dia a jantar o conde de Saldanha a bordo do brigue, e ali á mêsa se encontrou então com o commandante *Lemos*, que igualmente havia sido convidado para o jantar. Fallou-se, como era natural, no objecto da contenda politica em que estavamos, e *Lemos* não se mostrou difficil em tornar a ter o mesmo encontro, e em renovar a conversação sobre o mesmo assumpto. Estabeleceo-se porém logo, como preliminar de rigorosa observancia, que nem D. Pedro, nem o seu ministerio, ambos igualmente desacreditados para com o partido Miguelista, deverião saber cousa alguma do que se passava até que se não estabelecesse alguma base preliminar; no que de parte a parte se concordou, promettendo-se fielmente executá-lo. Para que as mesmas pessoas, sempre convidadas aos mesmos jantares, não ex-

citassem desconfianças, particularmente no campo inimigo, assentou-se, que em logar do *Lemos* viria de vez em quando outra pessoa de confiança; e a que veio com effeito afinal foi o visconde da Bahia, cunhado do conde de Saldanha. Hião as conferencias caminhando com apparencias de um provavel bom resultado, quando uma indiscrição do commandante Inglez das forças navaes no Porto, Glascock, em uma disputa que teve com Solignac transtornou todo o negocio; porque o tal commandante, que sabía do encontro que nos jantares a bordo tinha o conde com alguns Miguelistas, ignorava que debaixo d'esse encontro, na apparencia casual, se encubrião negocios da mais alta importancia. O caso foi, que assim que Solignac ouvio que Saldanha jantava com os Miguelistas, e tratava familiarmente com elles, rompeo immediatamente em injuriosas expressões contra elle; e clamando que não havia remedio senão *mandá-lo fusilar* no dia seguinte, foi sem perda de tempo communicar esta novidade a D. Pedro, que lhe approvou a sentença, e dêo logo ao conde o nome de traidor. Não se contentou com isto, passou ainda a ir dar pelas linhas esta mesma noticia á tropa, e mesmo a certas mulheres que encontrou no caminho, com tão pouco effeito porém, que ninguem fez caso de tão imprudente como ridiculo comportamento. Todas as cem bocas da inveja, e que andavão a soldo do minis-

terio, apregoárão por vinte e quatro horas a mesma sentença, e os mesmos vituperios, para vêr se aterravão o conde e fazião com que elle se viesse lançar aos pés de seus émulos e inimigos, e pedir-lhes perdão. Houve mesmo quem, debaixo de amisade, lhe insinuasse que désse este passo de baixeza e se declarasse por criminoso; e foi elle o brigadeiro, que então servia de chefe do estado-maior, José Lucio Valdez, a quem o conde respondeo com a dignidade propria de um homem de honra que se não sabe aviltar. Como falhasse este laço, que querião lançar ao conde para assim o pôrem debaixo da sua dependencia, recorrêrão á authoridade, e foi elle então *officialmente* chamado pelo general Solignac para responder á accusação que se lhe fazia. Basta saber-se, que tanto Solignac como D. Pedro, a quem elle se foi apresentar, depois de o ouvirem, em vez de o tratarem como criminoso, quasi que lhe pedírão perdão, e se lhe prostrárão de joelhos. O mesmo Solignac, corrido do que havia dito e feito, pedio por muito favor ao conde que quizesse ir jantar com elle no dia seguinte, para que o publico soubesse que se conservavão na mesma antiga harmonia. O conde generosamente condescendeo com elle, e lhe acceitou o jantar. D. Pedro, depois de haver desabafado, disse ao conde que este era seu inimigo; ao que elle lhe respondeo: „ *que se lembrasse do que lhe havia escripto durante*

o seu ministerio; „ e então confessou D. Pedro, *que se lhe tivesse seguido os conselhos, seu irmão não teria usurpado o throno de sua filha.* Assim se concluio com gloria e honra do conde um negocio, que seus inimigos estultamente pensárão que lhes serviria para o perderem na publica opinião. E com effeito que cousa mais louca do que pertenderem accusá-lo por ir jantar a uma especie de campo neutro, que era a embarcação Ingleza, e ali fallar com os inimigos, o que sempre não só foi permittido mas usado em todas as guerras? Quanto mais, nas guerras civís, em que ha amigos contra amigos, e irmãos contra irmãos, he licito fazer cousas que nunca o seria nas ordinarias de nação para nação; porque n'aquellas he permittido a todos desarmar os partidos contrarios, sem para isso precisarem de licença de alguem; e isto era o que pertendia fazer o general conde de Saldanha.

O mez de junho principiou, começando a haver já no Porto uma grande abundancia de tudo o necessario para a vida, em consequencia dos continuos e copiosos desembarques que se fizerão. Eu devo aqui notar, que em todos elles, feitos por entre um fogo sempre vivissimo da parte do inimigo, e em uma costa de mar mui perigosa, o valor e a intrepidez, que todas as noites desenvolvião os homens, empregados n'aquelles perigosissimos trabalhos, não erão menores,

se não erão ainda superiores, do que tudo o que se fazia nas trincheiras, ou corpo a corpo com o inimigo, quando a ellas se ousava aproximar-se. Muitas vezes a ousadia foi tal, que entravão e sahião pela barra, mesmo á barba do inimigo, as pequenas embarcações, destinadas para o transporte dos generos, e vinhão depositar suas cargas em Maçarellos, á entrada da cidade: excesso, em verdade, de uma rara valentia, e apenas crivel, se tantas vezes não se tivesse visto e repetido. O perigo era imminente, e apenas havia a probabilidade de escapar-lhe; porque, além de passarem ao lado de uma bateria formada no Cabedello, e debaixo de uma fusilaria sempre constante e á lerta, tinhão ainda que correr em frente da margem esquerda do rio cuberta de baterias inimigas.

A expedição, que havia muito tempo se nos tinha annunciado de Londres, e com a qual devia vir o duque de Palmella, chegou emfim ao Porto no dia 2 d'este mez de junho. Exporei portanto os motivos por que ella se tentou; porque se dêo a sua direcção a Palmella; e porque se fez e executou sem que D. Pedro, nem o seu ministerio fossem para ella consultados, e lhes dessem a sua primitiva approvação. O actual ministerio (*i*),

(*i*) Constou que n'essa época havia dessidencia entre o ministerio. Loulé, Silva Carvalho, e Freire fazião um partido: Candido, com dous auxiliares externos, J. A. de Magalhães, e Gama Lobo, fazião outro.

sempre fiel a seus principios, não tendo já em Londres quem competentemente o representasse depois que Palmella havia sido *politicamente* esbofeteado pelos mesmos homens, que até ali beijavão com summo respeito o pó que elle pisava, lembrou-se de para lá mandar um homem da sua inteira confiança; e este homem foi Rodrigo da Fonseca Magalhães. A missão d'elle era fretar alguns barcos de vapor para virem para as aguas do Porto, e com elle se realisarem certos planos que elle tinha concebido. Um d'elles, de que eu não affianço a verdade, era que propondo-se D. Pedro com a sua camarilha a atacar os rebeldes pelo lado do norte, plano, ao qual dizião que Solignac se inclinava, desejavão então os nossos *bravos ministeriaes*, no caso de serem mal succedidos, ter logo á mão vasos promptos e ligeiros para os transportarem e seus *Penates* para onde Deus fosse servido. A isto accrescia o boato de que, já havia muito tempo, e para o mesmo fim, tinhão no rio uma embarcação só destinada para os receber em caso de desastre imprevisto, á qual por mezes se esteve pagando uma avultada somma de dinheiro. Mas, eu torno a repetir, só refiro isto como meros boatos, e só dou como verdade a hida do plenipotenciario, a qualidade da sua missão, e o máo successo que n'ella teve. E era isto muito de esperar, porque nem elle pessoalmente tinha credito em Londres, nem a

gente que o mandava; e por isso logo que ali foi conhecido o motivo da sua viagem, immediatamente se vio, que nenhum fructo d'ella tiraria. N'estas circumstancias alguns bons Portuguezes, verdadeiros amigos da causa constitucional, entre os quaes ainda n'esta occasião figurou Henrique José da Silva (*k*), que depois de muito tempo a sustentava com o seu credito, e o de seu sôgro mr. *Pratt*, aproveitando a idéa dos vapores, se propozerão realisá-la, porém debaixo de outros principios, e de outras condições. Não quizerão tratar nada com Rodrigo de Magalhães; mas persuadidos de que uma pequena expedição, conduzida em vapores, e manobrando na retaguarda do inimigo, produziria um grande effeito, tentárão logo executá-la, e começárão a tomar medidas para se arranjar o dinheiro necessario para ella. Restava comtudo ainda uma difficuldade, e não pequena, a qual era, quem sería a pessoa que d'ella se podesse com confiança encarregar, pois que o governo de D. Pedro se achava tão desacreditado que nada d'elle se queria fiar. Lembrarão-se de Palmella, que então já se achava em *meia* desgraça, e que tinha o bom conceito não só do ministerio Britanico, mas ainda das pessoas que para esta empreza erão convidadas a concorrer. Estabele-

(*k*) Ainda n'este livro direi como se realisou esta negociação importante.

ceo-se, portanto, como condição absoluta, que só a elle se entregaria a execução d'este projecto, *e só a elle* se entregaria o dinheiro necessario para o mesmo, accrescentando-se ainda, que o governo do Porto havia de ignorar toda esta operação até o momento em que se houvesse de executar. Debaixo d'estas condições foi convidado Palmella, que, segundo se affirmou, por muito tempo hesitou se acceitaria o convite; mas como as condições erão absolutas, e positivas, e elle visse que sem a sua adhesão se perdia talvez a occasião de terminar a lucta em que estavavamos envolvidos, accedeo então ás propostas que se lhe fizerão, havendo com toda a probabilidade obtido antes approvação do ministerio Britanico. Foi debaixo de todas estas circumstancias que se dirigio para o Porto com cinco barcos de vapor, alguma gente e dinheiro, onde desembarcou no dia 2 d'este mez de junho. O modo por que se houve o dinheiro necessario para isto foi um novo arranjo feito com o agente do *emprestimo — Ardoin —*, mr. Mendizabal, o qual acompanhou a expedição, com ordem positiva de não o entregar á disposição do governo de D. Pedro, e o empregar elle mesmo no objecto para que era destinado. Em todo este negocio, que, na realidade, foi muito vantajoso, e dêo depois grandes resultados, como se verá na continuação d'estes *Annaes*, merece Palmella muitos elogios por ter sacri-

ficado ao bem da sua patria todas as malquerenças que lhe podião suscitar, e com effeito suscitárão, os ciumes de D. Pedro, e de sua camarilha. E se em todo este negocio póde merecer alguma censura he de se ter esquecido, levando comsigo soldados estrangeiros, de tantos Portuguezes emigrados, residentes em Inglaterra, França, e Belgica, a quem uma baixa politica muito de proposito deixava esgotar o calix da amargura em paizes estrangeiros, quando elles tanto desejavão vir participar dos honrosos trabalhos e heroicos perigos em que estavão os seus companheiros no Porto. Apesar d'isto, como sempre desejo ser justo, e repartir com imparcialidade o louvor e a censura, não terei agora pejo de dizer, que muito louvor merece pela acção principal, que briosamente executou, expondo-se por ella a todos os odios e indignação do poder.

Já em Londres as pessoas, que tinhão combinado esta expedição, e havião cooperado efficazmente para ella, tinhão tambem sentido a necessidade de se operar alguma reconciliação entre Saldanha e Palmella, afim de melhor se removerem todos os embaraços que se lhe quizessem oppôr por aquelles, que não só nenhuma parte havião tido na sua concepção, mas até havião por muito tempo ignorado a sua existencia; pois que tudo se tinha feito, como já disse, sem o seu consentimento. O azar operou então aqui

mais efficazmente para este fim do que todas as combinações que antes se havião feito para preparar e concluir aquella reconciliação. Quando Palmella desembarcou na Foz, na madrugada do dia 2, estava ainda Saldanha commandando toda a esquerda da linha, e tinha o seu quartel-general n'aquella villa; e accrescia a isto, que todas as pessoas que desembarcavão tinhão ordem de se lhe hirem apresentar, como general commandante. Em consequencia d'isto dirigio-se Palmella ao quartel de Saldanha, que o recebeo não só mui polidamente, mas com uma franca cordialidade, como esquecido de todas as desavenças passadas. Isto o animou a demorar-se algum tempo com elle, e a fallar-lhe mui familiarmente em muitos objectos (*l*); depois do que se despedio do conde tão satisfeito, que não pôde deixar de dizer em tom que todos ouvissem: — „ *agora que na minha entrada começo tão bem, já não posso augurar mal da causa da patria.* „ O conde de Saldanha não só o tratou cavalheiramente de palavras, mas lhe mandou apromptar immediatamente os seus cavallos, e ordenou que um dos seus ajudantes de ordens o fosse acompa-

(*l*) Um d'elles foi ácêrca das entrevistas que o conde havia tido com alguns dos rebeldes, noticia, que d'ellas lhe havia dado lord Palmestron; o que provou que tudo hia de acôrdo com o ministerio Inglez, que de certo não desejava então que o conde fosse fusilado, como lembrou a D. Pedro.

nhar até o Porto. Para esta reconciliação politica concorreo tambem, quanto pôde, o author d'estes *Annaes*, apesar de haver muitos annos que se havia *politicamente* separado de Palmella em razão da diversidade de opiniões. E as razões que para isto dêo a Saldanha fôrão, que em politica não havia senão interesses, que não ligavão sempre nem pelo passado nem pelo futuro; e que, em uma palavra, quando se tratava de interesses politicos os sentimentos do coração devião sacrificar-se aos raciocinios da cabeça; porque sempre era honroso e heroico sacrificar ao bem da patria os resentimentos pessoaes quaesquer que elles fossem. Isto lhe comprovou elle com o seu exemplo, porque havendo annos que não visitava Palmella, o foi então procurar á casa em que residia no Porto, onde lhe deixou um bilhete por não o ter encontrado.

A reconciliação politica entre dous homens, que parecião irreconciliaveis, assombrou D. Pedro e o seu ministerio, e lhes transtornou todas as suas combinações. As vozes, que sahírão da casa de D. Pedro e dos clubs ministeriaes assim que houve a certeza da existencia da expedição, da sua vinda, e com ella da chegada de Palmella, fôrão todas, que este devia ser prêso e processado por tratar e concluir negocios sem authorisação do governo. Era isto exactamente o mesmo que se havia gritado contra Saldanha quan-

do o quizerão infamar como traidor, com a differença que a sentença contra este era de *ser fusilado*, e a pronunciada contra Palmella creio que nunca passou de uma simples prisão ou desterro. Porém o caso foi, que a reconciliação politica d'estes dous homens que representavão os dous mais importantes partidos na emigração, e ambos inimigos do ministerio, que então dirigia os nossos negocios, fez com que elle promptamente mudasse de linguagem, e que de altivo senhor passasse logo a representar a figura, senão de servo humilde, ao menos de adorador respeituoso.

Não sendo já possivel recusar a expedição, nem desacreditar os homens que a apoiavão, foi necessario tratar em conselho, para o qual fôrão chamados os generaes das divisões, e alguns officiaes superiores, do modo por que devia ser empregada. A opinião geral, não só dos que tinhão preparado a expedição em Inglaterra mas dos generaes, e muitos commandantes de corpos que se achavão no Porto, foi que ella devia ir operar na retaguarda do inimigo, e em uma grande distancia, tal como o Algarve, porque n'esta operação havia duas grandes vantagens; a primeira, o poder-se livremente obrar sem ser inquietada pelo inimigo; a segunda, dar-se occasião aos povos, e particularmente aos opprimidos, de poderem manisfestar sem susto as suas opiniões, e com ellas mostrar á

Europa, que era uma calumnia o asseverar-se, quasi geralmente, que Portugal preferia o selvagem governo de D. Miguel ao governo constitucional da Rainha. Não erão porém estas as idéas de D. Pedro, nem do general Francez Solignac, que pertendião que se devia atacar em frente o inimigo, ou cahir com uma grande força sobre Lisboa. Este plano era, na verdade, perigosissimo, além de ser unicamente filho do ciume, por não quererem ambos que se tentasse uma cousa sem que elles estivessem presentes para colher todos os fructos da victoria, se a houvesse. Além d'isto, não approvavão o plano, porque não era seu, nem tinha sido preparado com o seu consentimento. Mas o perigo estava em que, tendo nós forças bastantes para nos defendermos dentro das linhas, porque toda a povoação do Porto, ao mais pequeno receio de ataque, corria a ellas com a mais decidida vontade, não tinhamos comtudo tropa regular bastante para forçar os formidaveis intrincheiramentos dos rebeldes, e depois manobrar com ella em campo descuberto. Além d'isto, era expôr tão importante causa, como a nossa, aos azares de um só dia de combate; o que sería uma temeridade imperdoavel, bem como ainda o sería se desguarnecessemos consideravelmente o Porto das nossas melhores tropas de linha, e fossemos com ellas sobre Lisboa. Mas D. Pedro, assim como Solignac, seu baixo adu-

lador, pouco caso fazião de sacrificar tão generoso povo, como o do Porto, á sua incapacidade ou vistas particulares; e não se condoião de que a cidade heroica tornasse a cahir no poder de seus ferozes oppressores, com tanto que suas ambições se realisassem, e seus ciumes socegassem. O caso foi, que em conselho se decidio, por uma grande maioria, que a expedição fosse ao Algarve ou a outro qualquer ponto distante em que ella podesse manobrar sem perigo; excitasse o patriotismo dos povos; e não compromettesse a sua pequena força, que não hia conquistar, mas auxiliar os opprimidos. E vio-se então o que menos se esperava, que foi, votarem contra D. Pedro todos os seus ministros (*m*), e não haver elle tido por si senão cinco ou seis aduladores que apoiassem o seu plano.

Começou-se a fazer o embarque da tropa em a noite do dia 9, mas com tão má vontade de D. Pedro e de Solignac, que o negocio esteve para abortar, impedindo-se que elle continuasse em a noite de 10. A causa que mais concorreo para elle se effeituar foi a seguinte, que eu vou expôr um pouco mais miudamente para melhor se conhecerem

(*m*) Foi cousa constante n'esta época que o motivo verdadeiro que tiverão os ministros para assim votarem fôra o receio que lhes causárão as reflexões de tres homens — o coronel Pacheco, José Jorge Loureiro, e Mouzinho de Albuquerque.

os instrumentos, que tanto a favor como contra se empregárão n'esta occasião até se conseguir o resultado que se desejava. Depois das desavenças que tinha havido entre o vice-almirante Sartorius e o governo de D. Pedro, e em consequencia dos grandes desgostos que lhe havião dado alguns dos seus officiaes, e grande parte das tripulações dos navios, achava-se elle não só muito doente, porém assaz enfastiado de servir um governo que tão ingrato se lhe havia mostrado. Quando, portanto, se organisou em Inglaterra parte da expedição procurou-se ao mesmo tempo convidar com approvação e consentimento de Sartorius outro official de marinha que o viesse substituir; e a escolha, por unanime consentimento, recahio sobre o valente capitão *Napier*, o qual veio com Palmella a bordo dos vapores que o acompanhárão. Em razão d'isto pedio Sartorius a sua dimissão, e esta lhe foi concedida no dia 8 por uma carta régia muito honrosa, por meio da qual ao menos se fez ultimamente justiça ao seu merecimento, e aos bons e relevantes serviços que até ali nos tinha feito. Na mesma data, e por outra carta régia, se dêo tambem o commando da esquadra ao capitão Napier, a quem se conferio o titulo de vice-almirante debaixo do nome de *Carlos de Ponza* (*n*) para não offender directamente as leis Ingle-

(*n*) *Ponza* he o nome de um logar de Italia, onde Napier tinha executado um brilhante feito d'armas.

sas, que o expunhão a perder a sua patente, entrando em um serviço estrangeiro sem permissão do seu governo, que, pelo seu principio de não interferencia, não lh'a podia dar, conservando-lhe o posto. Bem se vê agora que já nos dias 9 e 10 d'este mez de junho elle era o commandante das nossas forças maritimas. Em consequencia d'isto vendo que o embarque das tropas, começado em a noite de 9, não havia continuado na seguinte, e sabendo a causa d'este acontecimento, que erão as ordens de D. Pedro e Solignac para que a expedição não partisse, constou que escrevêra de bordo ao governo, dizendo-lhe: que se o embarque não continuava em a noite seguinte elle hia partir para Inglaterra com os vapores que de lá tinhão vindo. Esta participação não esperada, e o vulto que hia tomando a opinião publica ao vêr que se queria inutilisar uma expedição da qual se esperavão os mais felizes resultados, fizerão grande impressão em D. Pedro e Solignac; e o resultado foi, que tornando-se a propôr a questão em conselho no dia 11, de novo mui positivamente se decidio, que ella se fizesse. Continuou conseguintemente o embarque nas noites seguintes; e no dia 20, estando já completo, levantou ferro a esquadra, e desappareceo das aguas do Porto na manhã do dia 21. Com a esquadra ha ligados dous factos, que brevemente mencionarei para melhor intelligencia da historia d'este tempo.

Em alguma parte d'estes meus *Annaes* já disse que ao governo do Porto se tinha vindo offerecer um official Inglez, o capitão *Warner*, propondo-lhe certos meios, e novos, para destruir e queimar a esquadra de D. Miguel. Depois de muitas delongas, constou-me, que com elle se havia feito tal ou qual contracto, e em consequencia d'elle se esperava a sua chegada de Inglaterra para fazer parte da expedição. Não se realisou porém a sua proposta, e parece que fôra por falta do credito que esperava achar em Londres, e em virtude do qual só podia realisar aquillo que tinha promettido. Tambem já em outra parte tenho mencionado que o motivo principal por que se excitárão tantas questões entre o governo do Porto e Sartorius fôra a falta de pagamento em que andava a esquadra; o que causou não só grandes desgostos a este commandante, porém retardou ou impedio operações importantes que podéra ter feito; portanto he agora necessario que eu diga, que antes de Sartorius haver largado o commando já todas as suas contas estavão liquidadas e justas a seu bom contento, e que para isto veio *positiva* e *determinadamente* de Lisboa o dinheiro necessario, mandado por alguns honrados patriotas Portuguezes. A opinião publica logo apontou com especialidade entre elles o barão de Quintella (*o*); e por

(*o*) Por este serviço D. Pedro o nomeou *conde do Farrobo*, e grão-cruz da ordem da Conceição.

isso faltaria eu agora aqui á imparcialidade, que he o mais rigoroso dever da historia, se não mencionasse seu nome, e não lhe tributasse o louvor que merece.

A decisão definitiva do conselho do dia 11, em contradicção com os planos *politico-militares* de Solignac, fez com que este pedisse a dimissão de commandante em chefe do exercito no dia 12, a qual lhe foi immediatamente acceita sem difficuldade. Este general, a quem só uma mesquinha politica, e baixos ciumes contra o conde de Saldanha, tinhão trazido ao Porto, não mostrou durante o seu curto commando, que não durou seis mezes, nem talentos militares nem penetração politica. No seu primeiro combate com os rebeldes no dia 24 de janeiro d'este anno, o unico a que *pessoalmente* assistio, e *pessoalmente* dirigio, nem bateo o inimigo, e nem ao menos tirou a vantagem que d'elle lhe podia resultar, que foi o apoderar-se da importante posição militar do monte do *Crasto*, que por vinte e quatro horas esteve em nosso poder. O inimigo, mais esperto do que elle, conhecendo-lhe então bem o valor, cuidou logo em o fortificar, e por esta operação pôz immediatamente em risco a nossa occupação da Foz, unica porta por onde podiamos receber nossas subsistencias e recursos militares. Vio pois tranquillamente não só fortificar aquelle ponto, sem lhe fazer a mais pequena opposição, mas nem se-

quer se lembrou de fazer algumas obras que neutralisassem o mal que d'ali hiamos receber. Foi necessario que por uma extraordinaria felicidade chegasse ao Porto o general conde de Saldanha, e este fosse encarregado da defeza d'aquella parte da nossa linha para que se emendasse, o melhor que foi possivel, o erro crassissimo de Solignac de haver desamparado a formidavel posição do Crasto. Cuidou logo o conde em fortificar os pontos do *Pasteleiro* e do *Pinhal*, e com estas duas obras diminuio consideravelmente o mal que nos fazião as do inimigo estabelecidas na posição que deixo mencionada, e nos segurou a posse da Foz (*p*), antes d'isso tão seriamente ameaçada.

Solignac nem sequer mostrou ainda o talento de um bom organisador, porque, pela confissão dos intelligentes, o exercito passou a estar em muito maior confusão do que antes estava. O que unicamente fez, depois da chegada dos generaes que vierão de Inglaterra, foi o dividi-lo em tres divisões, de que fôrão commandantes Saldanha, Stubbs, e Villa-Flôr; mas esta divisão se conservou sempre só no papel, porque os corpos, de que ellas se devião compôr, estiverão sempre misturados na mesma confusão em que antes estavão, e nunca fizerão corpos sepa-

(*p*) Todos os conselhos que os rebeldes recebião de Inglaterra erão — *que tomassem quanto antes a Serra, e a Foz.*

rados. Em todos os combates que depois d'esta época se derão, e alguns d'elles de muita importancia, taes como o de 4 de março, commandado por Saldanha, e os das Antas e Covêllo dados pelos outros generaes, nunca Solignac se vio no campo de batalha, dirigindo-os em pessoa, porque se conservou sempre ao lado de D. Pedro, e em sitios em que he bem de presumir não se corria grande risco. Raras vezes corria as linhas, e só quando acompanhava D. Pedro nos seus passeios militares de apparato; de maneira que nem os soldados o conhecião, nem elle os podia conhecer, e por consequencia animar. Nem mesmo mostrou possuir a boa qualidade de um simples soldado, que he o valor pessoal (*q*); e esta falta mostrou a tal ponto, que hindo *uma só vez* passar revista ás tropas da esquerda da linha, commandadas por Saldanha, que se lhe apresentou, assim como os seus officiaes e soldados em grande uniforme, appareceo elle ali, como incognito, sem as insignias e farda de general em chefe, e como receoso de ser conhecido como tal pelo inimigo, e ser por isso saudado

(*q*) Por mais que procurou escapar ás balas inimigas não o pôde completamente conseguir, porque de uma recebeo uma leve contusão. Mas isto foi quando se embarcava para retirar-se do Porto. A singularidade, comtudo, esteve em que a bala que o tocou foi, segundo disserão, despedida d'aquelle mesmo monte do *Crasto*, que elle não soube guardar, nem fortificar. Assim os inimigos lh'o agradecêrão na sua retirada.

por elle com alguns tiros de bala. A nossa tropa lhe estranhou muito isto; e particularmente entre os soldados do 15 de infantaria, se ouvírão estas vozes: „ *Olhem como o nosso Saldanha não tem medo, e como muito bem lhe diz a sua farda rica, e o seu chapéo de plumas. Só o Francez parece temer as balas; e por isso he que deixou o seu fardamento rico em casa.* Em uma palavra, tanto para com os nossos como para com os inimigos nunca mereceo consideração ou respeito; de parte a parte se lhe davão nomes que só mostravão o mutuo desprezo que se tinha por elle (*r*).

A sua penetração politica andou sempre a par da sua intelligencia militar. Pensando que com falsas exterioridades podia ser bem quisto de todos e a todos illudir, a ninguem agradou, e por consequencia a ninguem illudio. Só com a mira no dinheiro que ganhava e no que podia ganhar, fazia a D. Pedro e a seus ministros uma côrte servil, ao mesmo passo que na ausencia d'elles ou os accusava ou metia a ridiculo; e por este modo ganhou o aborrecimento e desprezo de todos. Assim se vê, que com esta tactica politica nem podia ganhar o coração d'aquelles a quem servia, nem merecer a affeição d'aquelles a quem maior amisade procurava mostrar. Entre estes foi sempre o conde de Saldanha a

---

(*r*) Taes como o de — *Solinhas, general batata, D. Anna, &c.*

quem mais affectou distinguir; porém em todas as occasiões em que o conde se confiou nas suas palavras foi sempre compromettido por elle na presença de D. Pedro. Foi elle emfim o primeiro que o sentenciou, antes de o ouvir, a ser fusilado, quando se tratou das conferencias que havia tido a bordo do brigue Inglez com alguns dos chefes dos rebeldes. E para não deixar em duvida qual fosse o seu caracter tanto militar como politico e moral concluirei, que ao sahir da casa, que o governo lhe havia dado e preparado mui decentemente para seu quartel, a voz publica espalhou que se achára saqueada como se fosse casa de inimigos (*s*)! Hypocrita tanto na arte militar como em politica, tambem o quiz ser em religião; e com esta ultima mascara se persuadio que captivava todos os corações dos Portuguezes. Estabeleceo, assim que chegou, uma missa de apparato em todos os domingos e dias sanctos, a qual se hia dizer á igreja da Lapa, e á qual fez com que D. Pedro fosse assistir com todo o seu estado-maior, officiaes superiores, e outros que não estavão de serviço; e só n'este acto de hypocrisia, que elle reputou de consumada politica, he que se tornou mais insigne no Porto. Imbuido, como quasi todos os estrangeiros, da falsa idéa do fanatismo dos

(*s*) Alguem me affirmou n'esse tempo que, pelo inventario que se fez ao dar-lhe a casa, se vio, que d'ella faltavão trastes e alfaias no valor de *doze mil cruzados*.

Portuguezes, assentou que com esta missa tinha ganhado em Portugal o commando perpetuo do exercito, bem como com ella Henrique 4.º tinha conquistado o throno de França; porém ficou completamente enganado com esta esperteza religiosa, assim como igualmente o foi com todas as suas espertezas politicas.

Por este mesmo tempo tinha chegado a Lisboa o infante D. Carlos, mandado sahir de Hespanha pelas questões excitadas entre elle e seu irmão Fernando sobre a successão do reino, isto he, sobre quem devia ser chamado á coroa depois da morte do rei actual, se o filho do primeiro, ou a filha do segundo, a favor da qual o rei seu pai tinha revogado a *lei salica* em Hespanha. Não querendo obedecer ao irmão, que lhe tinha mandado ao Tejo uma embarcação de guerra para o transportar para a Italia, retirou-se furtivamente para Coimbra, aonde D. Miguel, que estava vendo atacar o Porto, veio ter com elle. Não se demorou porém ali muito tempo, porque em poucos dias voltou com o tio para a sua primeira residencia da margem direita do Douro. As duas infantas, que havião tambem sido da viagem, ficárão em Coimbra, para onde D. Carlos voltou em poucos dias, e d'onde ao depois, em consequencia dos inesperados successos seguintes, sahio com ellas na direcção para Lamego.

No intervallo do tempo em que estas

cousas se passavão lembrarão-se alguns Portuguezes, residentes em Londres, de formar um ajuntamento publico, e de n'elle proporem uma subscripção a favor das familias pobres que mais tivessem soffrido com o longo e barbaro cerco do Porto. Mui pouco produzio este humano convite feito *á tão gabada philanthropia Ingleza*, porque á excepção dos donativos mui avultados que logo fizerão alguns Portuguezes, em que muito se distinguírão as casas commerciaes de *Silva*; *Soares*; e *Sampaio* (*t*); tudo o mais se reduzio a sommas mui insignificantes. As duas classes que mais podião concorrer para este acto de humana beneficencia erão a alta aristocracia, e o commercio, particularmente a porção d'elle que, depois de longos tempos, estava costumado a negociar com Portugal; porém essas duas classes são as que mais se oppozerão sempre, e sempre se hão de oppôr á regeneração politica do nosso paiz. A aristocracia, costumada a governar-nos depois de mais de um seculo, bem que queira, ou antes não possa deixar de querer, uma especie de liberdade no seu paiz, procura aniquilá-la em todas as mais partes do mundo, porque da ignorancia e escravidão d'ellas he que tem nascido a prosperidade de Inglater-

(*t*) Nas pessoas d'este appellido nunca se deve incluir a do irmão do conde da Povoa, o *consul Sampaio*, que então servia D. Miguel, e foi um dos nossos mais descarados inimigos.

ra; e só com aquelles dous instrumentos he que ella ainda se póde manter. Bem que parte d'esta aristocracia (*u*) se cubra por momentos, e segundo as circumstancias, do manto da liberdade, debaixo d'elle sempre esconde os mesmos principios, e particularmente em tudo o que diz respeito ao dominio que a politica Ingleza quer conservar em Portugal; por isso com mais ou menos hypocrisia, ou com mais ou menos disfarce a aristocracia Britanica he inimiga da nossa emancipação, quero dizer, da nossa independencia; e por conseguinte nenhum favor d'ella jámais esperem os Portuguezes, e com especialidade na causa da liberdade, porque n'este ponto seremos sempre considerados e havidos como *escravos rebellados*.

O commercio, especialmente o que tem relações directas e constantes com Portugal, considera as nossas praças como outros tantos *escriptorios*, em que os negociantes Portuguezes são seus caixeiros. Estando portanto com esta longa posse acostumado a realisar grandes fortunas, quer por meio do contrabando, que sempre pôde fazer, quer pela insignificancia dos direitos que suas fazendas são obrigadas a pagar, e de que elle mesmo, por cumulo de vergonha, tem algumas vezes sido o juiz (*x*); como póde gostar de

(*u*) Os denominados *wigs*.

(*x*) Uma das clausulas e consequencias mais vergonhosas do tratado de commercio de 1810 foi que a *Pauta* das

uma mudança politica, que, mais cedo ou mais tarde, ha de perturbá-lo na tão antiga fruição d'estas vantagens? De negociantes Inglezes, em quem o dinheiro he só a medida por que se medem as capacidades dos homens, não se podia pois esperar que concorressem a soccorrer com suas subscripções aquelle povo que, com as armas na mão, estava tão briosamente defendendo a causa da liberdade, que em nenhum paiz, e com especialidade em Portugal, os interesses Britanicos podem tolerar.

Acceita que foi a dimissão de Solignac, era necessario dar a alguem a direcção das opperações militares; e este alguem já não podia ser duvidoso, pois que o exercito e a opinião publica, mais fortes do que todas as intrigas, havia já muito tempo que claramente o designavão. Foi elle, o general conde de Saldanha, que, com a denominação de *chefe d'estado-maior-imperial*, foi nomeado no dia 14 de junho para commandar effectivamente o exercito, ficando D. Pedro com o titulo *nominal* de generalissimo. Nunca alguem teve mais brilhante triunfo do que o conde n'esta occasião, porque, ameaçado dias antes ou de ser *estrangulado*, ou *fusilado*, elevou-se em um instante da esteira de *traidor*, com que o quizerão macular, ao alto emprego de *verdadeiro* commandante do exercito.

---

nossas alfandegas se fizesse por uma commissão mista de *Inglezes* e Portuguezes! A esta baixeza ainda nenhuma nação tinha chegado!

Nem D. Pedro, nem o seu ministerio podérão dispensar-se de lhe conferir esta dignidade: arrastados pela opinião publica tão violentamente, como a victima que se arrasta para lhe meter a cabeça debaixo do cutélo do sacrificador, já não esteve em seu poder o frustrarem os destinos do conde de Saldanha; e d'esta vez se virão forçados a proclamar o seu merecimento militar, e acceder ás vozes geraes que já muito de ante-mão lhe designavão aquelle emprego. Que tudo isto se fez só pela força de irresistiveis circumstancias, por nenhum modo se póde duvidar, porque além dos odios publicos e particulares que se tinhão mostrado contra elle, e além dos ameaços com que o quizerão por muitas vezes aterrar, desfigurando ou envenenando as suas intenções, ainda mais de uma vez tenebrosas intrigas se tecêrão para o perderem. De uma d'ellas, que por fim chegou ao meu conhecimento (*y*), darei eu ainda agora relação, bem que abreviada, para que se conheça que homens nos governárão, que acções fizerão, e que conceito se deve fazer d'elles. Devem os leitores d'estes *Annaes* estar lembrados do que já antes n'elles escrevi ácêrca da conspiração nocturna que estava preparada para a noite de 20 de abril d'este anno, e que felizmente se não realisou pelos moti-

(*y*) Renovo a declaração, que não dou exactamente por verdadeiro tudo o que escrevo. Relato o que ouvi, e assim exponho as opiniões do meu tempo.

vos que indiquei. Esta conspiração estava porém ligada com antecedentes notaveis que a devião fortificar, e dar-lhe todo o desenvolvimento que seus authores já muito antes tinhão preparado. No mez de março antecedente se tinha já começado a pôr a base em que todos os mais successos se devião apoiar; e esta base foi a organisação de uma *ficticia conspiração republicana.* Havia por este tempo no Porto um estrangeiro, creio que Inglez ou Alemão, e cujo nome, se bem me recordo, era *Spitberg*, ou cousa similhante. Dotado de uma viva imaginação, e imbuido nos principios politicos mais exaltados sem disfarce manisfestava as suas opiniões, e em consequencia d'ellas foi este homem tomado como instrumento proprio para realisar projectos que se meditavão. Mandou-se-lhe, para o seduzir, trahir, e enganar, um agente, o qual disse, que recebêra as suas instrucções do magistrado *Cabral*, aquelle mesmo que, como encarregado da policia, figurou depois nos acontecimentos de 20 de abril, e de quem já mui particularmente fallei. Começou o agente por lhe exaltar os principios republicanos, como aquelles que só então podião salvar o Porto, e salvar-nos; e com taes idéas soube apoderar-se tanto da confiança do credulo Spitberg, que desde logo não duvidou elle não só revelar-lhe todos os seus pensamentos mas offerecer-se-lhe para ser seu colaborador em todos os projectos que se hou-

vessem de formar n'este sentido. Disse-lhe então o agente que havia um *certo conde*, que apoiava aquellas mesmas idéas, e que, em consequencia d'isso, era necessario que elle lhe formasse um plano do que se devia tentar ou fazer para que o mesmo conde *ignoto* depois o visse, approvasse, ou lhe fizesse as modificações, que julgasse mais acertadas. A todas estas perfidias se foi prestando o credulo, e trahido Spitberg, até que, tendo já o agente sufficientes provas para lhe servirem de corpo de delicto, dêo conta de tudo a seus amos, e a consequencia immediata foi que o pobre Spitberg se vio prêso, e lançado em uma das masmorras da relação. Mas este acto fez com que logo se começasse a vêr a têa tenebrosa que se havia tecido para sobre ella se formar não só a mais absurda porém a mais audaz de todas as conspirações. Achando-se prêso Spitberg, e sendo judicialmente interrogado, com franqueza e verdade respondeo: que o verdadeiro author de todos aquelles projectos, e de todas as conferencias que para elles se tinhão feito, era um agente, que elle nomeou, o primeiro e unico individuo, que o tinha procurado para este fim, e depois o havia excitado a dar todos os passos subsequentes, convidando-o a dá-los com promessas e approvação de personagens que elle nunca tinha visto. Esta revelação fez com que o juiz encarregado da diligencia, ou por não estar no segredo da intriga, ou por lhe

não ser possivel fazer o contrario, désse ordem para que o tal agente fosse igualmente prêso, o que com effeito se executou. Achando-se então este em uma situação pela qual, de certo, não esperava, e sendo perguntado sobre o que tinha occasionado a sua prisão, vio-se por conseguinte obrigado a confessar a verdade, e declarou, que tudo o que havia feito e praticado, fôra por ordem e conselho do juiz do crime *Cabral*, que positivamente lhe ordenára fosse ter as conferencias com Spitberg, e o induzisse a fazer tudo quanto havia feito.

Apanhado o fio da intriga facil era de ver que elle remontava até o ministerio, que só podia ter preparado todo este tenebrosissimo enredo. N'estes termos tudo estava a ser revelado; e para que tal não succedesse se recorreo a um acto arbitrario, que foi: o dar-se promptamente ordem para pôr o agente em liberdade, deixando-se comtudo Spitberg sempre prêso, para poder ainda servir se as circumstancias o permittissem. He de toda a probabilidade que quando se tentou a conspiração de 20 de abril se contava muito com a prisão d'aquelle homem, e com quanto se lhe podia obrigar a dizer, quer lhe fosse extorquido pelo terror, quer por seducções e promessas. O resultado d'esta projectada conspiração sendo, portanto, em tudo contrario aos effeitos que d'ella se esperavão, ficou Spitberg esquecido na prisão, até que

a marcha ordinaria dos acontecimentos o foi d'ali arrancar. Nomeado que foi o tribunal de segunda instancia no Porto, quer fosse pelos requerimentos da victima que se achava ainda prêsa, quer pela casualidade de ser o seu processo o primeiro que cahisse nas mãos dos juizes para ser examinado, foi este apresentado em relação; e então, á vista d'elle, se veio no conhecimento de toda a serie de iniquidades de que elle se compunha. Fôrão os juizes assaz justos e humanos para mandarem pôr logo em liberdade o illudido e trahido Spitberg; porém vendo ao mesmo tempo que o agente d'esta intriga estava pronunciado, e illegalmente havia sido sôlto, passárão ao mesmo tempo ordem para que fosse prêso, afim de ser julgado. Dêo-se essa ordem a certo individuo (z); mas como elle fosse creatura de alguem do ministerio, disserão, que tivera insinuações para não fazer a prisão. Nem era natural que quizessem que ella se fizesse, porque no processo se havião de revelar grandes monstruosidades; e com prudencia não quizerão que ellas viessem ao conhecimento do mundo por meio de um publico processo. Assim por este modo ainda escapou d'esta trama o conde de Saldanha, assim como d'ella tambem escapárão

(z) Este individuo passava por ser agente secreto do ministerio; e era ao mesmo tempo veneravel de uma loja maçonica, a que pertencião alguns dos ministros, e seus intimos amigos.

os seus melhores amigos, contra os quaes havião odios antigos e recentes, e a quem desejavão perder debaixo de qualquer pretexto que fosse. E assim se póde affirmar, que se entre a usurpação e os usurpadores se commettêrão grandes crimes, não poucos se commettêrão tambem entre esses mesmos homens que sempre se quizerão distinguir com o nome de verdadeiros liberaes. Não erraremos, portanto, se aqui lhes applicarmos dous mui notaveis versos da antiguidade, tão analogos ao tempo de que estou escrevendo estes *Annaes*.

„ Seditione, dolis, scelere, at que libidine et ira
„ Iliacos intra muros peccatur et extra. „

Era tal a desconfiança n'esta épocha de que estou escrevendo, que a voz publica até indicava, como espiões do governo, individuos, que na classe da magistratura já tinhão uma graduação superior; o que eu porém não affirmo, porque aqui só refiro as opiniões d'aquelle tempo. Dous nomes erão especialmente apontados; e de um d'elles alguem me affirmou que tinha visto denuncias assignadas por seu punho; o mesmo, de quem o ex-ministro conselheiro *Guerreiro* me disse, que hia de noite espiar á sua casa as pessoas que ali o procuravão!

O fim d'este mez foi notavel pela raiva feroz que os sitiadores do Porto manisfestárão contra os edificios da cidade, e indivi-

duos desarmados que n'ella habitavão. O bombardeamento foi quasi constante; mas com particularidade o de 30 d'este mez, anniversario do dia em que D. Miguel ostensivamente acceitou a coroa que lhe offerecêrão *os seus tres estados*, foi na realidade horroroso ao meio dia, e ao pôr do sol. Foi porém ainda mais notavel a constancia do povo que, sem nunca se aterrar, conservou uma firmeza inabalavel, que nenhum perigo, e nenhuma privação já mais podérão abalar: tão poderoso he o amor da liberdade, e tamanha energia elle dá quando deveras occupa o coração do homem! Na verdade, o heroismo da povoação do Porto nas crises ainda as mais arriscadas, foi sempre tal, que não ha palavras que o possão exprimir; porque não era esta ou aquella classe de habitantes que o mostrava por palavras e obras, era a povoação inteira, erão os homens, e as mulheres, erão os velhos e as creanças, e era emfim esse valentissimo exercito, que, sendo um punhado de gente em comparação dos sitiantes, sempre zombou não só de seus ameaços, seus furores, e suas seducções, porém dos mais violentos ataques, que sempre victoriosamente repellio. Por este mesmo tempo se publicou o bloqueio geral de todos os portos que estavão em poder do usurpador; o qual bloqueio foi depois officialmente annunciado pelo governo Inglez na praça de Londres.

O mez de julho foi na realidade um mez

historico, e será sempre memoravel nos fastos da emigração, porque foi successivamente quasi uma serie de prodigios e victorias nunca interrompida. Como principio de feliz mudança dos nossos destinos recebeo-se no Porto no dia 4 a noticia de que a expedição, que d'ali tinha sahido no dia 21 do passado, havia com toda a boa fortuna, desembarcado no dia 24 nas costas do Algarve, na praia chamada *d'Alagôa*, entre o forte de Cacella e a bateria de Monte-gordo, encaminhando-se para Tavíra. Fez-se o desembarque quasi sem resistencia, e apenas houve depois um pequeno tiroteio de alguns minutos entre as tropas rebeldes commandadas pelo general governador visconde de Molellos, que depressa se pozerão em completa fugida, largando parte da sua artilharia. Não tivemos n'este encontro mais do que tres ou quatro feridos; mas entre elles o foi o honrado e valente major *Mendonça David*, official de um merecimento distincto, e amigo intimo do conde de Saldanha, e do author d'estes *Annaes*, que não póde deixar de mencionar seu nome em sinal de verdadeira affeição e saudade. Em consequencia da ferida que recebeo, e molestia que depois lhe sobreveio, ali acabou seus dias, deixando honrada memoria, e muita magoa a todos os seus amigos.

O Algarve recebeo com os braços abertos a expedição; e já no dia 30 do passado todo elle estava declarado a favor da carta e

da Rainha, obrigado Molellos a fugir com a pouca gente, que pôde conservar junto da sua pessoa, para além das fronteiras d'aquelle reino. Mas não ficou só aqui este ensaio feliz da presença da nossa tropa, e da boa disposição em que estavão os povos para a receberem, porque foi logo seguido de um triunfo espantoso, que decidio dos destinos futuros da causa pela qual havia tantos annos padeciamos. A esquadra do usurpador, composta de nove vasos, entre os quaes havia duas náos de linha, duas fragatas, e outros navios de lote inferior, tendo sahido depois de poucos dias do Téjo, apresentou-se no dia 5 diante da nossa na altura do cabo de S. Vicente, compondo-se esta apenas de cinco embarcações, entre as quaes não havia náo alguma; e por consequencia lhe era muito inferior tanto no material como no pessoal dos navios. O vice-almirante Ponza (Napier), que nada melhor esperava do que ter este encontro, dispôz-se logo para o ataque; e com uma intrepidez, verdadeiramente heroica, e rarissimas vezes acontecida nos mais affamados combates navaes, se dirigio a abordar com a sua fragata a náo inimiga, denominada a *Rainha*, ordenando aos outros seus navios que lhe seguissem o exemplo, e atacassem as outras embarcações inimigas. O combate foi curto, e por nenhuma fórma duvidoso; porque a náo foi abordada, entrada, e tomada quasi em um instante. Quatro dos

outros navios, em que entrava a náo *D. João VI.*, se rendêrão quasi ao mesmo tempo; e dos outros quatro que se escapárão, porque os nossos poucos navios não podião acudir a tudo, dous d'elles vierão em pouco tempo entregar-se. Assim acabou a esquadra de D. Miguel, o mais poderoso recurso, em que se fundavão suas esperanças; e com esta perda lhe cahio logo da cabeça a coroa usurpada. Esta maravilhosa victoria nos abrio logo o caminho do Alemtejo e da capital; e dêo occasião ao povos de poderem livremente manifestar as suas opiniões, e desenvolver a energia que as violencias, os cadafalsos, as prisões, e o terror por tantos annos lhes havião suffocado. O almirante Napier no dia 9, anniversario da entrada do exercito libertador no Porto, foi nomeado *visconde do cabo de S. Vicente*, e *almirante* da armada nacional; premios bem merecidos, porém ainda muito inferiores aos extraordinarios e heroicos serviços que nos acabava de fazer.

Em quanto o dia 5 d'este mez se tornava memoravel por esta brilhantissima victoria naval, e o almirante Napier ganhava uma gloria a que poucos homens da sua profissão tem podido chegar, tambem em terra, e nas linhas do Porto se immortalisava o general conde de Saldanha, batendo n'esse mesmo dia memoravel as tropas rebeldes, agora commandadas por um marechal de França, *Bourmont*, que no principio d'este mez acabava de

tomar d'ellas o commando como general invencivel de D. Miguel. Mas o Porto não era *Argel* (*a*); e os louros, que elle ali colheo, perecêrão mergulhados no Douro. O inimigo fez um ataque desesperado na direita e esquerda da nossa linha, mas as boas disposições que tinha feito o general, a valentia dos nossos soldados, e a grande confiança que todos tinhão no seu chefe frustrárão completamente todas as tentativas do inimigo. Batido em toda a parte, se recolheo elle envergonhado aos seus formidaveis intrincheiramentos, mal pensando ainda, que n'aquella mesma hora em que a sua derrota era ali completa, outra igual, ou ainda mais desastrosa acabavão de ter as suas forças navaes no cabo de S. Vicente! Tal foi a intelligencia, intrepidez, e energia com que Saldanha dirigio as acções d'aquelle dia nos diversos pontos do ataque, que D. Pedro, que as presenciou, ou d'ellas foi informado, não pôde deixar de lhe dar um testimunho publico do muito que elle tinha merecido n'aquella occasião. Em frente da quinta da *China*, e

(*a*) Bourmont era um dos generaes de Napoleão, que lhe pagou os beneficios que d'elle tinha recebido trahindo-o, e desertando para o inimigo na vespera da célebre batalha de Waterloo. Detestado do exercito Francez por este acto infame, os Bourbons, para verem se lhe limpavão esta nodoa, e o congrassavão com o exercito, derão-lhe o commando para a expedição de Argel, que elle felizmente concluio; mas nem assim fez esquecer sua traição. Veio pois como aventureiro servir D. Miguel ao Porto.

das *Antas*, no mesmo campo de batalha o nomeou *tenente-general*, premio honroso, por lhe ser conferido no campo da honra. No mesmo logar premiou D. Pedro muitos officiaes, que n'aquelle dia se tinhão distinguido, e com isto executou actos de justiça a que nem sempre estava acostumado. Os habitantes do Porto derão n'esta occasião as suas costumadas provas de civismo, e valor, porque espontaneamente quantos podião pegar em armas corrêrão ás trincheiras, e d'ali fôrão mostrar novamente aos rebeldes, que um povo que quer ser livre sempre o consegue quando resolutamente expõe a fazenda, e as vidas para o conseguir.

Esta victoria, tão gloriosamente alcançada, foi comtudo manchada por um acto de loucura, ou precipitação, bem similhante a outros, que já se tinhão visto na incoherente e variada vida politica de D. Pedro. Em uma das nossas baterias na esquerda da linha um cabo de artilharia, que estava fazendo fogo com uma peça, vendo que o inimigo se aproximava em grande força ao reducto, e possuido de um panico terror, encravou a peça com que estava fazendo fogo, e retirou-se. Vendo porém, que o seu terror havia sido mal fundado, pegou em uma espingarda, e começou a fazer fogo com ella. Informado D. Pedro d'este caso, ou talvez mal informado, mandou sem mais exame ordem aos soldados Belgas, que guarnecião o mesmo

reducto, e sem consultar o general, nem official algum que tivesse presenciado o facto, que *fusilassem* o dito cabo, o que os Belgas promptamente executárão. Na mesma occasião ordenou que fosse fusilado o sargento de artilharia que dirigia o fogo da mesma peça; mas uma circumstancia feliz o livrou de ter a mesma sorte. E foi ella, que passando por ali casualmente o general Saldanha vio o cabo já morto, e ao mesmo tempo soube que hião fazer o mesmo ao sargento. Então, horrorisado d'esta demencia barbara, tirou das mãos dos Belgas a victima que já estavão para immolar, e entregando-a a um official, o tornou responsavel pela sua vida e segurança, e lhe ordenou que a trouxesse para o Porto afim de ser ali o facto examinado. Assim escapou, quasi milagrosamente, o sargento de ter a mesma sorte do cabo (*b*).

D. Pedro, quasi sempre pouco reflectido em todos os seus actos, quiz depois do glorioso combate do dia 5 fazer uma acção generosa, mandando offerecer a paz aos inimigos. Errou porém nas fórmas, e o seu ramo de oliveira não foi acceito. Quem então commandava, ao menos em nome, era o proprio D. Miguel, e o conde de S. Lourenço, a quem se havia mandado o parla-

(*b*) N'esse mesmo dia o conde de Saldanha, ainda horrorisado, me contou este facto; e magoado me disse, pouco mais ou menos: *Que homem nós temos para nos governar!*

mentario, era um simples general de operações. Não quiz, portanto, elle receber as propostas que se lhe enviavão, pela razão que não pertencia a um general commandante em segundo acceitar e ouvir as propostas do inimigo, quando perto de si tinha não só o seu general em chefe, mas o proprio homem, a quem obedecia como rei. Assim este improviso de D. Pedro não teve nenhum effeito, e fechou a porta para interessantes negociações occultas, que talvez se podessem realisar, se o negocio tivesse sido por outra fórma conduzido. Mas como convem expôr causas encubertas que produzem os effeitos conhecidos, e na minha opinião he este um dos grandes mercimentos da historia, direi, que o motivo de se emprender esta mensagem, tão pouco meditada, foi ainda o ciume do nome do general Saldanha, a quem se queria tirar toda a preponderancia em os negocios publicos, e a quem apenas se dava aquella, que as circumstancias e a sua reputação militar fazião absolutamente necessaria. Sei que depois da victoria do dia 5 propozera Saldanha a D. Pedro, para não incorrer na nota de traidor como antes lhe acontecêra, e já antes tambem mencionei n'estes *Annaes*, que, se lh'o consentisse, hiria elle renovar as intelligencias que antes havia tido com alguns chefes dos rebeldes; e sei mais, que D. Pedro, approvando-lhe muito a lembrança, respondêra:

que hia communicá-la aos seus ministros. O resultado foi porém, que se não quiz que Saldanha figurasse n'esta negociação; e que tudo se fez e acabou como acabo de referir.

Por este tempo, e durante o mesmo mez chegou ao Porto, vindo de París, mr. Heurtault incumbido de renovar as propostas do antigo emprestimo, de que já por mais de uma vez tenho fallado, e do qual o conde de Saldanha e seus companheiros havião sido os portadores. Vinha agora munido, além de todas as mais hypothecas, de uma outra, toda nova, de summa importancia, a qual augmentava a garantia da solidez das antigas propostas. Era ella o augmento de credito e de fundos de uma antiga casa de París, a dos sñrs. *Michel e Companhia*, antigos banqueiros, e então considerada como uma dos principaes capitalistas da Europa. Apresentou-se mr. Heurtault a D. Pedro, porém foi muito mal recebido por elle, que em vez de lhe ouvir as propostas, só se contentou em lhe deitar em rosto por duas ou tres vezes o ter-se dirigido para este feito em París a Saldanha e seus amigos, e não a elle D. Pedro e seu governo. Por esta pequenhez de sentimentos se vio, que o defeito essencial que tinha a proposta originaria, e em que incorrêrão todas as mais que se lhe propozerão nascidas da mesma origem, era o figurar n'ella o conde de Saldanha com os seus amigos. Assim D. Pedro

preferio a todas as conveniencias d'este genero o prazer de presencear o denôdo com que o seu ministro das finanças atacava todos os homens ricos do Porto, e a serenidade e intrepidez com que metia, por assim dizer, as maõs em suas algibeiras.

Por esta mesma occasião tambem se soube quem era um tal mr. *Jumel*, que antes tinha vindo fazer a D. Pedro a offerta de outra especie de emprestimo, e com o qual se mostrou altamente satisfeito, porque n'este negocio *não entrava Saldanha.* A prova que d'isto dêo foi, que logo authorisou o seu ministerio a acceitar as suas propostas, as quaes todavia se não realisárão, porque os agentes, que em París estavão authorisados para assignarem o contracto, vierão no conhecimento do engano e tramas occultas com que elle se offerecia. Era este mr. *Jumel* um agente da junta apostolica, e de todos os projectos que então se formavão a favor da causa do chamado Henrique V., neto de Carlos X., e por conseguinte da causa de D. Miguel; e com as suas propostas imaginarias pertendião-se paralisar as de mr. Heurtault, que erão para defender a liberdade. Porém nem D. Pedro, nem o seu ministerio, sempre levados do odio contra Saldanha, quizerão, ou podérão comprehender este manejo politico. O plano era sustentar por todos os modos D. Miguel, destruindo, ou paralisando tudo o que podesse sustentar a causa cons-

titucional; e isto não porque houvesse alguma particular affeição pela pessoa de D. Miguel, porém porque a havia mui grande pelo seu systema politico; e porque elle e seu tio Fernando erão os unicos que, ao menos, sustentavão na peninsula das Hespanhas o funebre pendão do absolutismo com todas as suas consequencias.

Em razão d'este plano geral foi que se mandou de presente a D. Miguel o marechal Bourmont com muitos officiaes para lhe organisarem e commandarem o exercito. Chegou elle ao quartel-general do usurpador no principio d'este mez de julho, e logo tomou o commando do exercito rebelde com o titulo de marechal-general, e se dêo o commando em segundo ao general *Clouet*, distribuindo-se todos os mais officiaes que o havião acompanhado por todos os corpos das forças Miguelistas. Foi esta a ultima tentativa do partido apostolico em quanto estivemos no Porto, tentativa, em que pôz todas as suas esperanças, porque se persuadio que com ella hia por uma vez acabar o exercito libertador, e acabado elle, anniquilar para sempre a liberdade em Portugal. Em París, e particularmente em Londres, os fautores e agentes do despotismo exaggerárão grandemente a summa influencia que este ultimo reforço hia ter na causa de D. Miguel; e com tanta certeza já se dava por acabada a causa constitucional, que os nossos fundos

soffrêrão n'aquella época uma baixa consideravel. Não se verificárão porém as profecias, e a liberdade triunfou, assim como ha de triunfar sempre que tiver defensores como teve no Porto.

Em quanto isto se passava como acabo de contar a commissão municipal do Porto creada por D. Pedro, dava-lhe um insigne documento de adulação, pedindo-lhe, que lhe permittisse baptisar, ou antes crismar a antiga *Praça-Nova* com o nome de *Praça de D. Pedro*. A alguem tinha lembrado que se lhe désse o nome da *Praça dos Martyres*, porque ali tinhão padecido, entre tantas victimas illustres, um *Gravito*, um *Brito*, e muitas outras, que convinha sempre recordar em abominação de um governo barbaro e atroz; porém a adulação venceo, e foi acceita como todos os incensos que se queimão ao pé do poder, que julga ser tudo, e que tudo merece. Não se póde dizer que fosse a expressão da vontade popular, porque os braços, que se viáo tão fortes e robustos para defenderem a sua independencia e liberdade, fôrão havidos por fracos e incapazes de lançarem na urna eleitoral os nomes dos seus representantes municipaes. Fôrão os servos de D. Pedro que incensárão D. Pedro.

Quanto mais se hia aproximando o fim d'este tão notavel mez de julho mais proximos estavão a apparecer os gloriosos successos que o devem fazer para sempre memora-

vel em nossas historias. No dia 24 entrou em Lisboa a nossa divisão expedicionaria que havia sahido um mez antes do Porto, e desembarcára no Algarve como já noticiei: fazendo-se senhora de todo aquelle reino com os applausos, e approvação geral dos povos, e tendo atravessado todo o Alemtejo, arrojando para longe todas as forças rebeldes, que ousárão apresentar-se-lhe diante, achou-se na tarde do dia 23 sobre Almada, onde bateo, e dissipou todas as tropas inimigas que ali se tinhão reunido para resistir-lhe. Um dos resultados d'este glorioso combate, porque dos nossos havia um para cem, foi a bem merecida morte do brutal e selvagem *Telles Jordão*, talvez o mais facinoroso de todos os ferozes escravos de D. Miguel, e que por tanto tempo havia sido o carcereiro e o algoz das muitas victimas, que estiverão accumuladas na torre de S. Julião da barra. Commandava este monstro, de uma ferocidade exquisita parte das forças miguelinas que tinhão passado para o sul do Tejo; e como estas se tivessem completamente debandado, procurava elle escapar-se, embarcando no Tejo. Foi porém reconhecido quasi no acto do embarque, e logo dous officiaes nossos (*c*), que o reconhecêrão, o acutilárão, e prendêrão. Os soldados fizerão o resto, tirando-lhe uma

(*c*) Dizem que um d'esses officiaes fôra *Romão José Soares*, que depois foi nomeado *barão de Cacilhas*.

vida infame, e tão manchada de atrocidades e de crimes, que a sua morte foi uma especie de triunfo que a humanidade ganhou sobre aquelle bruto feroz. O seu corpo, enterrado na areia, junto da praia, esteve por algum tempo meio descuberto; e d'elle o povo cortou muitos pedaços, que espalhou como reliquias, não para serem veneradas, como as dos homens virtuosos, porém para serem detestadas como as de um execrando malfeitor. Tal he o premio, que mais cedo ou mais tarde recebem essas atrozes excepções da natureza humana, que muito insignes se chegão a fazer por actos de uma exquisita e não vulgar ferocidade.

O povo de Lisboa, que estava vendo, bem que de longe, tudo quanto se passava no outro lado do rio, e distinguio mui claramente a nossa victoriosa bandeira *bicolor*, tremolando sobre todas as alturas, preparou-se immediatamente para quebrar as pesadas e barbaras cadeias, que, depois de cinco annos de ignominia e tormento, lhe agrilhoavão os pulsos fiéis. Mas ainda mais depressa seus barbaros oppressores sentírão o perigo que já de tão perto os ameaçava, porque em a noite de 23 para 24, tão fracos na desgraça como altivos na prosperidade, desamparárão a cidade, levando d'ella toda a força militar que os tinha sustentado; e á sombra da qual se fôrão abrigar muitas fidalgas, muitos nobres, e homens publicos, todos insignes por

seus actos ou de crueldade ou de simples adhesão ao usurpador, sendo todos capitaneados pelo duque de Cadaval, um dos grandes instrumentos da usurpação. A povoação inteira da cidade, tanto que vio a fuga tão apressada de seus algozes, pôz-se logo toda em movimento, acclamou a carta e a Rainha, foi soltar os milhares de victimas que estavão accumuladas depois de tantos annos nas prisões, e arvorou por toda a parte a bandeira da liberdade; de sorte que quando entrou em Lisboa, que foi logo, o duque da Terceira só á frente de 1500 homens, já foi recebido com salvas de artilharia de todas as fortalezas, e do castello, e vio tremolar por toda a parte a restauradora bandeira bicolor.

Assim o reino do Algarve, a extensa provincia de Alemtejo, e a populosa cidade de Lisboa, dentro de um só mez abrírão as portas e os braços a um punhado de heroes que as vierão libertar; e por seu jubilo e universal contentamento desmentírão a todos esses estrangeiros que, além de se mostrarem nossos inimigos, por muitas vezes nos insultárão, dizendo, que a nação Portugueza não queria a liberdade constitucional, e lhe preferia o absurdo, e feroz governo de D. Miguel. Por honra da natureza humana não se devia insultar uma nação inteira, calumniando-a de preferir o absolutismo a um governo de razão e de lei; e de ninguem menos do que de lord Wellinghton, e de lord Be-

resford (*d*) devia esperar a nação Portugueza taes insultos, a quem o valor Portuguez dêo um nome, dêo honras e riquezas: mas não importa; a nação Portugueza mostrou quem era, e respondeo briosa a quem lhe disputava os brios!

Para a expedição valente e briosa que sahio do Porto, e veio libertar o Algarve, o Alemtejo, e Lisboa, assim como para a heroica expedição maritima que, commandada pelo audaz almirante Napier, destruio a esquadra Miguelina, concorreo efficazmente Henrique José da Silva, esse Portuguez, de quem já muitas vezes tenho fallado, o qual, estabelecido em Londres, empregou para ella seu credito, seus fundos e seu zêlo. No dia 5 de abril d'este anno causando grande receio a esquadra de D. Miguel, que se estava preparando com grande pressa, e era provavel fosse logo bloquear o Porto, teve o mesmo Henrique José da Silva uma conferencia com Mendizabal sobre este objecto, na qual lhe propôz, que se a commissão quizesse fazer algum esforço para impedir os males que podião resultar d'aquelle bloqueio, elle, conjunctamente com alguns amigos, poderia apromptar de 8 a 10$000 libras sterlinas sobre titulos do novo emprestimo sup-

(*d*) Estes dous generaes Inglezes, que commandárão as nossas tropas, na guerra Peninsular, e á frente d'ellas fôrão sempre victoriosos, fôrão tambem os nossos maiores inimigos, apesar de terem titulos e pensões de Portugal.

plementar. No dia 6 do dito mez escreveo Mendizabal a Henrique José da Silva, e lhe disse, palavras formaes em Hespanhol: = *aunque la commission cuenta con algunes medios, tenemos que confessar, aunque con dolor, que está redusida casi a zero*! Accrescentou porém que se elle lhe acceitasse letras a 2 e meio por cento para serem pagas como as antecedentes, e debaixo da sua pessoal garantia, n'esse caso hia effeituar a expedição debaixo das condições que o mesmo H. J. da Silva já lhe tinha proposto. As condições fôrão as seguintes — 1.ª que a expedição havia de ir a uma extremidade de Portugal: 2.ª que Napier havia de dirigir a parte naval: 3.ª que o marquez de Palmella, e alguns outros Portuguezes de distincção haviáo de ser convidados para acompanharem a expedição.

H. J. da Silva respondeo-lhe em 7, dizendo-lhe, que estava prompto para executar tudo o que antes tinha dito, e que o authorisava, ou a commissão, para dispôr desde aquelle momento, sobre a sua casa, para os primeiros preparativos até á quantia de 10$000 libras, sendo, comtudo, condição e clausula essencial, que o capitão Napier havia de ter o commando naval da expedição.

No dia 8 pedio H. J. da Silva ao nosso ministro em Londres, Abreo e Lima, que o authorisasse a entrar n'aquella negociação, relativa á expedição projectada. E no dia 9 o ministro o authorisou para tratar todo este negocio.

No dia 3 de maio officiou H. J. da Silva ao nosso ministro, dizendo-lhe: que tendo uma negociação aberta para se habilitar a poder dispôr por uma vez das 100$000 libras de apolices do emprestimo supplementar, era preciso que elle e o marquez de Palmella fossem assistir a uma conferencia que havia de haver para este effeito no dia seguinte ás 11 horas da manhã em casa de mr. Humphreys, n.° 2. *Upper Wimpole Street.*

Os termos em que se concordou fôrão: que se vendessem as apolices ao preço de 38 por cento, e que o pagamento fosse pela fôrma seguinte: — dar libras 20 por 100, immediatamente, e as libras 18 por 100 em qualquer das tres hypotheses seguintes. 1.ª Logo que houvesse reconhecimento do governo da Rainha por Inglaterra e França: 2.ª logo que o mesmo governo podesse abrir o mercado ás apolices já mencionadas: 3.ª logo que se restabelecesse o governo da Rainha em Lisboa. Julgou-se este emprestimo a 38 por cento muito vantajoso n'aquella épocha, porque estando as apolices do emprestimo de 1823 a 50, ou 50 e meio por cento, e deduzindo-se d'este valor 27 e meio por cento de juros vencidos no junho proximo, apenas valião n'aquelle tempo de 22 a 23 por cento; e isto com circulação livre no mercado, e com a garantia extraordinaria do governo do Brazil. E para que a expedição levasse algum dinheiro foi ainda authorisado

H. J. da Silva pelo ministro Abreo e Lima, e o marquez de Funchal a negociá-lo; o que com effeito conseguio. Fez-se-lhe esta petição no dia 15 de maio (*e*). Além de todos estes importantes serviços para preparar e fazer partir a expedição, ainda o mesmo H. J. da Silva dêo 500 libras sterlinas no dia 10 de junho para apromptar, e expedir immediatamente a escuna de guerra *Eugenia*.

Ao mesmo tempo que o usurpador perdia a sua capital, e com a gloriosa entrada n'ella se restituião á luz do dia tantas victimas, que por annos gemião em tenebrosas masmorras, ou se vingavão as cinzas dos muitos martyres patriotas, que n'ellas, e nos cadafalsos tinhão acabado seus dias de dôr e tormento, preparava-se no Porto um novo castigo aos rebeldes, que ainda se atrevêrão a atacar-nos no dia 25 d'este mez. Já eu disse como ao exercito da usurpação tinha chegado o marechal *Bourmont* com grande numero de officiaes Francezes; e como este novo reforço tinha exaltado nossos inimigos tanto dentro como fóra de Portugal. Querendo agora de novo este chefe mostrar ao mundo quanto valia, e desempenhar a alta idéa que d'elle fazia a *sancta irmandade*, apostolico-absolutista, que lhe havia dado esta tão importe missão, depois de ter bem examinado to-

(*e*) Ao marquez de Palmella se entregárão 7$000 soberanos; e ao ministro da fazenda se dérão dous creditos por 3$000 libras sterlinas.

das as nossas posições, e dispôr tudo, como homem seguro da victoria, nos atacou emfim furiosamente na madrugada do dia 25. Ameaçando-nos em toda a linha, o seu ataque principal se dirigio comtudo para o centro no sitio chamado o reducto do Vanzeller, posição importante, e contra a qual fez successivamente quatro ataques fortissimos com infantaria e cavallaria, nos quaes foi sempre victoriosamente repellido. Immortalisou-se n'aquelle ponto o coronel *Moura*, que com forças bem pequenas em comparação d'aquellas que o atacavão, rechassou sempre valentemente o inimigo. No mesmo sitio mostrou igual valor e resolução o desgraçado João Nepomuceno (*f*), que dêo sobre os inimigos com alguns esquadrões de cavallaria n.° 10, e os acutilou de maneira que desanimados fugírão, e não ousárão voltar mais ao combate, apesar de fortemente instados por seus chefes. Mal recebidos assim n'aquella posição passárão a atacar a nossa direita com o mesmo furor, porém ali achárão a mesma resistencia; e as suas armas tiverão o mesmo destino, que foi o de uma completa derrota, e de huma vergonhosa fugida. Em todos estes ataques, que durárão por mais de doze horas, e em que a artilharia e as bombas de

(*f*) Este valente e infeliz official veio ultimamente a morrer sem gloria no anno 1837 ás mãos dos seus compatriotas no combate do *Campo da Feira*, combatendo contra a revolução de setembro de 1836.

ambos os lados do Douro fazião um estampido horrivel, e vomitavão a morte em todas as direcções, para os combatentes e não combatentes, grande foi a gloria que adquirio o general conde de Saldanha pelo acerto e intelligencia com que tinha disposto a resistencia, e pela actividade com que depois a dirigio e sustentou. E n'este mesmo dia igual foi a vergonha com que se cubrio Bourmont, e se cubrirão todos os mais officiaes, que com elle tinhão vindo para sustentarem o despotismo contra a liberdade, e o barbarismo e o crime contra a civilisação e a virtude. Disserão que o general *Clouet*, chefe do estado-maior de Burmont, fôra quem pessoalmente dirigíra as operações do campo, porém debaixo do plano que o seu general lhe havia dado: o que porém então passou como certo e indubitavel he, que ambos estavão tão seguros da victoria, que havião positivamente promettido aos rebeldes, e seu chefe, que n'aquelle dia hirião jantar ao Porto. E em prova d'isto correo tambem então como verdadeiro, que alguem dentro da cidade já tinha preparado jantares para alguns dos novos hospedes que esperavão; o que facilmente se póde acreditar, porque dentro do Porto havia ainda muita gente que concebia taes esperanças, e mantinha taes desejos. A verdade he, que Bourmont, o vencedor dos escravos de Argel, veio depôr todos esses triunfos aos pés dos homens livres comman-

dados por Saldanha. Os rebeldes ficárão aterradissimos com esta derrota; e a sua perda em mortos, feridos, e desertores, tanto para nós como para o interior do reino, foi enorme: pela relação, que os do campo inimigo quasi unanimemente dérão dos successos d'aquelle dia, não foi ella menos de quatro para cinco mil homens. A nossa perda, em comparação da que soffreo o inimigo, foi insignificante, bem que a muitos respeitos muito sensivel; porque perdemos alguns officiaes de muito prestimo, e muito valentes, entre os quaes não posso omittir o valoroso ajudante D. Fernando, que foi mortalmente ferido ao lado do seu general e intimo amigo, o conde de Saldanha, quando, por um excesso de valor, este carregou pessoalmente com o seu estado-maior, e á frente de alguns lanceiros, uma columna inimiga.

N'este dia de perigo e de gloria mostrárão os habitantes do Porto a mesma intrepidez, a mesma serenidade, e a mesma confiança na victoria que em iguaes dias sempre tinhão mostrado. Os que não corrêrão ás trincheiras passeavão, ou cuidavão nos seus negocios como nos dias ordinarios; ao estrondo da artilharia, e ao sibilar das balas e das bombas comprava-se e vendia-se nas ruas e nas lojas como se tudo o que se ouvia fosse um simples fogo de alegria; estavão as janellas cheias de gente de ambos os sexos; e o que se perguntava era sómente qual era já

o numero dos prisioneiros que tinhamos; quantas vezes já tinha sido repellido o inimigo; e quem erão os nossos feridos, sem que a um só individuo passasse um instante pela idéa, que podessemos deixar de ser victoriosos. Junto das nossas trincheiras era porém o espectaculo ainda mais admiravel, mais extraordinario, e mais heroico: ali se virão algumas mulheres fazendo fogo entre as fileiras; outras mordendo os cartuchos, e dando-os aos soldados para mais promptamente carregarem; outras levando polvora, munições, bebida e comida á tropa fatigada; e outras emfim carregando sobre seus hombros com os feridos para os hospitaes. Com tal gente, com tal patriotismo, com tal valor, e com tal resolução não era possivel que o Porto fosse entrado e conquistado, particularmente por cohortes de escravos, commandados por traidores. A' gloria, com que n'este dia se ennobreceo o general conde de Saldanha, fez um dos seus amigos, o bacharel Manuel da Silva Passos, a seguinte oitava, debaixo do nome de *Almeno Dæmeta*:

„ Santiago em Clavijo brande a lança,
„ E com seu nobre arrojo salva a Hespanha;
„ Bourmont submette Argel á altiva França;
„ Porém um Portuguez, o grão Saldanha,
„ Da patria amor, enlêvos, e esperança,
„ Que inveja faz a toda a gente estranha,
„ Arrostando no Porto o fero imigo,
„ Calca os laureis de Argel e de Clavijo.
„ *Almeno Dæmeta.* „

A victoria do dia 25, realçada com a noticia que no dia seguinte chegou ao Porto de ter Lisboa ficado livre no dia 24, produzio em D. Pedro tão rapidas e profundas sensações, que lhe não foi possivel occultá-las. Quiz partir immediatamente para Lisboa, e assim o executou logo em a noite de 26 em que embarcou. As pessoas, que tinhão constantemente examinado o proceder politico de D. Pedro desde que chegou á Europa, virão n'esta sua precipitação em sahir do Porto para se apresentar na capital mais alguma cousa do que um simples desejo de ir dar força á nova administração, e dirigir os negocios com mais efficacia e regularidade. Attribuirão-lhe as intenções de ir experimentar quanto antes a opinião publica dos habitantes de Lisboa, experiencia que elle já tinha feito nas ilhas e no Porto, e que não correspondêra ás profecias que de ante-mão lhe havião feito os que se querião servir do seu nome para empunharem o poder á custa da honra, e dos verdadeiros interesses, que exclusivamente só o devião guiar em a nova carreira politica em que os lances da fortuna o tinhão lançado. Sim, D. Pedro, que, assim como Cesar, devia preferir ser o primeiro nos Alpes a ser o segundo em Roma, esquecido de tão nobres sentimentos, sobejas provas já tinha dado de querer antes ser o segundo em Lisboa do que o primeiro em um honroso retiro, aonde seus destinos tal-

vez mais provavelmente o hirião buscar para o elevar depois ao gráo supremo das grandes ambições. Levou comsigo o seu ministerio, que a ninguem deixou saudades, á excepção d'aquelles, que ainda lá de longe o ficárão adorando pelo que já tinhão recebido, e ainda esperavão receber. Por influencia e responsabilidade d'elle conferio D. Pedro, antes de partir, sommas avultadas *d'essa moeda falsa* de condecorações; porque fez *cavalleiros*, *commendadores*, e *conselheiros* em tanta abundancia, que de todo se desacreditou aquelle thesouro de graças e mercês. Não satisfeito o ministerio com a prodigalidade dos empregos, ou recahissem ou não no verdadeiro merecimento, com tanto que se dessem á sua *criadagem* (*g*), quiz ainda *falsificar* a moeda dos grandes serviços e da honra, atirando com ella, por assim dizer, das janellas abaixo para ser apanhada pelos primeiros que passassem. Em verdade, se o nosso grande *Castro*, que depois de tantos serviços em Africa recebeo por magnifico premio uma commenda, agora resuscitasse, e visse tão honroso distinctivo em homens como aquelles que n'esta épocha o recebião, e que por todos os serviços que tinhão feito só

(*g*) Os ministros de D. Pedro quando assim distribuião os empregos, seguião as maximas do proverbio Inglez que diz: — *When god gives a place he gives brains to fill it.* Isto he: quando Deus dá um emprego dá logo com elle bons miólos para o bem desempenhar.

podião contar humilhações, servidão, e talvez especulações escandalosas á sombra da protecção ministerial, por certo se envergonharia de trazer ao peito uma tal condecoração; e suspeitaria que o Portugal d'este tempo já não era aquella nobre terra em que nascêra. O ministerio, vendo que tinha contra si toda a opinião publica tanto dentro como fóra do reino, quiz crear uma nova potencia que o podesse proteger, e esta potencia foi a *Burocracia* (*h*), organisada a seu modo, porém em geral composta de tão insignificantes elementos, que em vez de ganhar com ella força só ganhou o publico desprezo. Em uma palavra, prostituio o poder; e tanto se enxovalhou quem dêo como quem recebeo.

Concluirei os successos d'este mez, noticiando a morte de uma das muitas victimas que a usurpação sacrificou no altar impio da ferocidade ao despotismo, e á tyrannia. Foi ella a de meu irmão mais velho *Luiz Antonio Freire de Carvalho e Figueiredo*, morador na sua casa e quinta da *Tapada*, junto a Coimbra, que, sequestrado, e com ordem de prisão contra elle desde o anno 1828, andou errante e foragido fóra de sua casa e bens até o anno 1832, em que foi desgraçadamente prêso. Metido na cadêa de Coimbra por algum tempo, foi d'ali removido para a de Tho-

(*h*) Classe numerosa de empregados publicos, creada só, e de proposito para auxiliar o poder.

mar. Acontecendo depois o desembarque das nossas tropas no Algarve nos fins de junho, por esse mesmo tempo o valente Hespanhol D. *Manuel Martini*, á frente de uma grossa partida de constitucionaes, passou por Thomar, e ali libertou todos os prêsos. Meu irmão, porém, já se achava gravemente doente, e como não podesse acompanhar o seu libertador como a maior parte de seus companheiros fizera, foi buscar um abrigo no hospital d'aquella villa, onde emfim morreo no dia 8 do mez de julho ás nove horas da manhã. Parece que elle antevio serenamente a sua morte, e se preparou com a mesma serenidade para ella; porque estando em communicação com um seu amigo e visinho, igualmente foragido e errante em Lisboa, o sñr. *Joaquim Victorino da Silva*, natural de Miranda do Côrvo, e por via do qual eu tambem, achando-me no Porto, recebi algumas cartas suas, lhe mandou, como por despedida, o soneto seguinte: prova verdadeira do estado do seu espirito no momento em que se lhe estava a extinguir. E he o motivo por que aqui o transcrevo.

„ Sôa d'anniquilação trompa medonha,
As Parcas se dispõem contra meus dias
Sem piedade; famintas, quaes Harpias,
Da morte a hora notão tão tristonha.
„ Sou mandado infeliz a que deponha
Os meus justos prazeres, alegrias;
Expiro, qual Zopiro, ás tyrannias
Do fanatismo, que só mortes sonha.
„ Vida saudosa, adeus! Mulher, amigos
Vos deixo a meu pesar! mas he forçoso
Que me enceire nos lugubres jazigos.
„ A mão do Eterno, todo poderoso,
Soltando-me de tantos inimigos,
Ao alcaçar seu me eleva venturoso. „

Tendo casado no anno 1813 com a sñr.ª D. Rosa Coresma da casa do Fiscal, junto á villa da Louzã, e que lhe sobreviveo, não teve d'ella filhos, e acabou seus dias aos 66 para 67 annos de idade. Os laços de sangue, e amisade, nunca perturbada entre nós, devem desculpar-me pelas poucas linhas que a minha justa saudade aqui dedica á sua memoria. Foi o protector e pai dos povos que vivião junto da sua habitação da quinta da Tapada; e apesar d'isto por alguns d'elles, e os que mais lhe devião, foi perseguido, e os seus principios constitucionaes fôrão denunciados ao feroz e cioso governo do usurpador D. Miguel, que o perseguio e matou: monstruoso exemplo de ingratidão! que mostra quão pouca confiança se deve ter no povo, e ainda mesmo n'aquelle a quem mais beneficios se tem feito. He tal o animal homem, que só por um excesso de reflexão ou de virtude quem he homem de bem póde dei-

xar de ser egoista! O povo, particularmente o *proletario*, exulta sempre com a miseria, com as desgraças, e sangue dos ricos, para quem olha por instincto com inveja e desconfiança, disfarçadas em hypocrito respeito. He como os animaes carnivoros, que exultão ao vêr um largo campo de batalha, cuberto de cadaveres: em ambos os casos tanto elle como elles só vêem ricas prêsas para devorarem; e então a sua ferocidade voraz não tem termos nem limites. Soltar o povo do poder da lei he, portanto, um erro capital; porque se hoje se lança contra aquelles que lhe designão como inimigos, ámanhã com outros chefes se lançará contra os que o soltárão; o que de certo ha de acontecer aos Miguelistas (*i*).

Os acontecimentos do desembarque no Algarve, da destruição e captura da esquadra, e emfim da entrada em Lisboa, coroados com a victoria do dia 25, em que Bourmont, a unica esperança do partido Miguelista, mostrou que não valia mais do que os commandantes que o havião precedido, fizerão vêr aos rebeldes que a fortuna lhes havia visivelmente voltado as costas, e que por conseguinte já se não podião manter com segurança por muito tempo diante das nossas linhas do Porto. Cuidárão portanto logo em se retirar; e derão principio a esta sua de-

(*i*) Assim lhes veio a acontecer.

terminação, começando successivamente a desmontar a sua artilharia grossa; e no dia 9 de agosto desamparárão completamente os formidaveis reductos do *Crasto*, da *Ervilha*, e *Serralves*. Então se vio, com toda a evidencia, quão prudente havia sido a resolução de se não terem atacado em frente as linhas inimigas, construidas com uma fortaleza que apenas se podia imaginar; e ao mesmo tempo se reflectio com que leveza Solignac e D. Pedro pertendião com alguns batalhões forçar aquellas obras. Sim, então se conheceo mais a covardia dos rebeldes, e o inexplicavel medo que elles havião tomado ao exercito constitucional; porque erão elles os que mostravão não serem os sitiantes, mas os sitiados! As nossas linhas, em comparação das d'elles, erão, na realidade, *linhas*, e *linhas bem delgadas*; e as d'elles erão verdadeiras praças d'armas, e formidaveis fortalezas. Ao mesmo passo que isto assim se passava ao norte, o mesmo, ainda que mais lentamente, se praticava ao sul pelo lado de Villa-Nova; no que havia uma razão mui ponderosa, que era o terem que desamparar uma riqueza immensa, qual era a dos vinhos da companhia, e de muitos particulares que se achavão depositados nos armazens d'aquelle lado do Douro. Estando pois na forçosa necessidade de se retirarem, e querendo vêr se por um modo ou por outro podião aproveitar-se d'aquella riqueza, que na verdade era importantis-

sima, recorrêrão a um estratagema, que foi o de nos intimidarem com a destruição de todos os vinhos, ali depositados, se os não pozessemos á disposição d'elles.

No dia 8 d'este mez de agosto foi o general conde de Saldanha convidado pelo barão d'*Haber*, agente do emprestimo do usurpador, para ter com elle uma conferencia a bordo do *Oreste*, um dos navios Inglezes surtos no Douro. Prestou-se a isso o conde, e lá se foi encontrar com mr. *de la Griaudiere*, que lhe foi apresentado como chefe do estado-maior de Bourmont. Disse-lhe o barão, que D. Miguel havia passado ordens positivas para que se derramasse todo o vinho que existia nos armazens de Villa-Nova de Gaia pertencentes á companhia; mas que tendo elle podido obter licença para o comprar, lhe propunha, como unico meio de se não executarem as ordens dadas, que elle consentisse na sua exportação, devendo depositar-se no banco de Inglaterra a importancia da compra até que a questão da guerra afinal se decidisse. Perguntou-lhe o conde com quem intentava elle barão realisar a compra; e a resposta foi, que sería com os agentes de D. Miguel, e absoluta exclusão dos membros da junta, creada em nome da Rainha. A isto replicou o conde: que não se achando authorisado para tratar d'aquelle objecto o hia levar ao conhecimento do governo de Lisboa, para o que faria immediatamente par-

tir uma embarcação, dando-lhe em duplicado, a sêllo volante, o seu officio para que elle tambem o podesse dirigir por terra. Mas a isto respondeo o barão, que não podia annuir, porque ás ordens de D. Miguel se devião immediatamente executar, e que para esse fim já estava em Villa-Nova o *duque de Lafões*; e n'este caso era necessario, que o conde désse uma prompta decisão. Vendo este a gravidade do negocio, e que se insistia em uma immediata resposta, respondeo-lhe afinal, que em poucas horas lh'a mandaria; e assim voltou logo para a cidade. Convocou, sem perda de tempo, para o seu quartel-general os membros da junta da companhia, o procurador da coroa, e outras mais pessoas, entre as quaes entrou o author d'estes *Annaes*, e discutindo-se ali este ponto importantissimo, foi opinião unanime de todos: „ que não julgavão ser da sua dignidade tratarem tal negocio com quaesquer agentes do usurpador; mas que no emtanto protestavão por qualquer acto barbaro e atroz que se commettesse contra a propriedade dos vinhos mencionados. Que por tal acto, se o houvesse, a cada um e a todos, que n'elle tivessem parte, fazião responsaveis nas suas pessoas e bens. E que assim os deixavão completamente livres para se macularem mais com esta infamia brutal, se ainda lhes não parecessem bastantes as que até ali tinhão commettido. „ N'esta conformidade respondeo

o conde de Saldanha ao barão d'*Haber*, a mr. *de la Griaudiere*, e ao duque de *Lafões*, rogando ao mesmo tempo aos consules Inglez e Francez que igualmente protestassem contra aquella medida atroz; o que elles fizerão (*k*).

Renovarão-se ainda no dia seguinte 9 algumas conferencias a este mesmo respeito em consequencia de novas propostas, feitas pelos agentes do usurpador; mas o que d'ellas sempre se colligio he, que se querião por todo o modo apossar dos vinhos, não nos dando, nem nos podendo dar garantias sobre a sua boa fé, e cumprimento de palavra. As respostas que tiverão fôrão a repetição das primeiras, e sempre acompanhadas dos mesmos protestos. Quem parecia o mais interessado em todo este negocio era o barão d'*Haber*, o qual como tivesse já adiantado grandes sommas a D. Miguel, e vendo-se nas circumstancias de as perder, bem natural era que fizesse toda a diligencia para vêr se podia lançar mão dos vinhos para lhe servirem de pagamento, senão do todo, ao menos de alguma parte.

Como vissem emfim os rebeldes que seus ameaços não tinhão produzido o resultado que suppunhão, e era a entrega dos vinhos; quer fosse por desesperação quer por vingança, se resolvêrão emfim a executar seu

(*k*) O consul Inglez, residente no Porto, era mr. *Sorell*, e o Francez era mr. *João Mallen*.

atrocissimo e barbaro projecto, o que fizerão no dia 16 d'este mez. Vio-se então a que ponto de brutalidade selvagem podia chegar essa facção impia, que não quer senão absolutismo e uma tyrannia feroz para governar exclusivamente o mundo. Lançárão com effeito o fogo aos armazens da companhia; e d'elles, assim como dos de alguns particulares, que ficavão contiguos, em poucos minutos começárão a correr entre o estampido das explosões, e os rôlos de fogo e fumo que obscurecião os ares, torrentes não de vinho mas de fogo; porque sendo aquelles vinhos finissimos, e cubertos de muita e superior agua-ardente, corrião inflammados, e parecião torrentes de metaes derretidos. As aguas do Douro chegárão a tingir-se de vermelho, e até a recuarem das suas margens, impellidas pela força e abundancia dos vinhos e aguas-ardentes que n'ellas se precipitavão. O povo do Porto, e os mesmos que seguião as bandeiras dos rebeldes, estiverão vendo este espectaculo atroz, cortados de espanto e horror, porque nunca tinhão pensado que no coração humano podessem caber excessos de tão brutal perversidade. Com isto acabárão de perder os rebeldes, ainda mesmo entre os seus, algum resto de generosa sympathia que podesse haver para com elles; e então clarissimamente mostrárão, por este frenetico furor, que davão a sua causa por perdida. O executor d'esta ordem de eterna

infamia, e de uma inaudita ferocidade, disserão uns que fôra o brigadeiro *Gouvea Osorio*; outros, o brigadeiro *Lemos*: fosse porém qual fosse o monstro que a executou, *a marca de Cain* ficará para sempre gravada sobre a sua fronte detestavel; e a justa vingança Portugueza deve persegui-lo até á ultima extremidade da terra em que procure, se fôr capaz de remorsos, ir esconder sua vergonha e seu crime. Mas sempre a par das monstruosidades que apresenta a natureza humana apparecem rasgos de grandes virtudes com que se consola o homem virtuoso, e aprecia a existencia; e por isso não posso deixar de referir, que entre todos os que fôrão consultados sobre as propostas, que a este respeito se fizerão; e ainda mesmo entre aquelles que d'ellas fôrão sabedores, bem que entre uns e outros houvesse alguns a quem aquella destruição de propriedade hia ser fatal; *nem um só* individuo houve que hesitasse em declarar, que antes se entregassem ás mãos ferozes dos rebeldes suas riquissimas propriedades do que se tratasse com elles, ou se lhes ministrassem meios para nos continuarem a fazer a guerra de selvagens como até ali nos tinhão feito. Assim tão heroicas virtudes como tão execrandos crimes julguei dever narrar para instrucção dos vindouros, e para que sirvão de exemplo das boas e más acções da extraordinaria épocha em que vivi, e escrevo estes *Annaes*.

Depois d'este acto de monstruosa perversidade atreveo-se ainda no dia seguinte 17 o barão d'*Haber* a renovar as suas propostas por via do consul Inglez, mr. *Sorell*, persuadido talvez que, aterrados com o espectaculo horroroso do dia antecedente, e receosos de que elle se renovasse, como d'isso eramos ameaçados, nos acharia d'esta vez mais propensos a concordarmos com ellas. Encontrou porém o barão a mesma constancia, o mesmo desprezo, e por conseguinte a mesma resposta, tanto mais heroica quanto espantosa e aterradora tinha sido a experiencia antecedente. Porém ou os novos ameaços não fossem sinceros, ou lhes faltasse tempo para os executar, o que he mais provavel, em consequencia dos successos do dia seguinte, o facto he, que o resto dos vinhos ficou salvo, e que os rebeldes fôrão forçados a retirar-se sem poderem renovar seus barbaros projectos. A perda que comtudo causárão foi enorme, porque foi avaliada em 17$374 pipas de vinho, e 523 de agua-ardente, ou devoradas pelos incendios, ou extraviadas e roubadas em quanto permanecêrão em Villa-Nova. Os successos que acima mencionei fôrão os resultados da brilhante e magnifica victoria que o general Saldanha ganhou no dia 18, e em virtude da qual tanto o norte como o sul do Douro ficárão limpos dos animaes selvagens que os infestavão. Erão nesta occasião as duas margens do rio uma ver-

dadeira imagem das cavallariças putridas e hediondas d'*Augias*; e foi o general Saldanha o novo *Hercules*, que em um só dia as limpou.

Este general, tendo visto como os rebeldes tinhão abandonado as posições do *Crasto*, e *Serralves*, estabelecendo a sua direita nos reductos de *Contumil*, e que na sua retaguarda tinhão o grande reducto denominado — *Real*; sabendo igualmente, que o abandono dos seus reductos da direita tinha por fim o attrahi-lo ao campo, onde contavão com a victoria, attendendo á sua superioridade numerica; pelo conhecimento que tinha do valor e disciplina das nossas tropas quiz aproveitar-se da occasião, que a fortuna lhe offerecia, e cahir de repente, sem ser esperado, sobre o inimigo. Esperou só o tempo necessario para fazer nos reductos abandonados, que logo fizera occupar, as mudanças indispensaveis para os livrar de um golpe de mão. Tendo-se portanto convencido no dia 17 que aquelles reductos se achavão em estado de defeza, determinou o ataque para o dia 18; e n'esse dia o executou brilhantemente, mostrando, que tão habil general elle era em preparar uma defeza como em conceber um ataque, e com a mesma consumada habilidade executá-lo. Marchando de noite em tres columnas, e mandando avançar uma d'ellas pela nossa direita com ordem de se apossar da ponte que o inimigo tinha em Avintes, afim

de que do sul não podesse destacar forças em soccorro do norte (*l*); surprendeo completamente os piquetes dos rebeldes, e foi arrojando diante de si, e anniquilando pela baioneta tudo o que encontrou, e ousou fazer-lhe a mais pequena resistencia. Surprendido assim o inimigo, recorreo ao recurso, que o conde já tinha previsto, que foi o de se formar em linha no *reducto Real*, e no de *Contumil*; porém ali mesmo, ameaçado por todos os lados, não ousou defender-se; e, sem disparar um tiro, largou fracamente a forte posição que occupava, e se pôz em retirada, ou, para melhor dizer, em precipitada fuga, tomando o caminho de Vallongo, em cuja marcha foi vigorosamente carregado e acutilado pelo valente João Nepomuceno, coronel do regimente 10 de cavallaria. Pela acertada combinação de todos os antecedentes movimentos fôrão emfim os rebeldes arrojados até as alturas de Vallongo, onde ainda podérão reunir uma força de 5$500 até 6$000 homens; e era esta uma posição, que sería imprudencia o tentar levá-la de frente. N'estes termos cuidou logo o conde em os flanquear sem que elles o presentissem; e isto com effeito executou. Tendo elles porém conhecido esta manobra, e vendo que na melhor ordem apparecião as nossas colum-

(*l*) O general Torres, governador da Serra do Pilar, teve ordem de fazer uma sortida para o mesmo fim.

nas avançando sobre o seu flanco, ao mesmo tempo que o bravo coronel Pacheco avançava pela frente, abandonárão em um momento a sua fortissima posição, não parando senão nas alturas de Ponte-Ferreira, até onde os nossos lanceiros tiverão ordem para vivamente os perseguirem. Para se imaginar o que esta habil manobra produziria no espirito dos inimigos, transcreverei parte de um paragrapho do boletim official que o conde transmittio ao governo sobre a acção d'este dia. Diz elle: — „ Este espectaculo (da exacta ordem em que as columnas avançárão) foi realmente bello; e mui agradavel deve elle ter sido para os heroicos habitantes d'esta, para sempre célebre, cidade, que dos intrincheiramentos que occupavão, e que tantas vezes tem defendido anciosos, o estiverão observando. „

A muitos officiaes, que participárão d'este dia de gloria, ouvi eu dizer no quartel-general, que a derrota dos rebeldes teria sido total, e haverião ficado completamente anniquilados se a columna ás ordens do general *Valdez*, ajudante-general, tivesse sido bem dirigida, e houvesse chegado a tempo ao logar que se lhe havia marcado. Porém, caso bem extraordinario! tanto Valdez, como o seu ajudante de ordens *Sávedra*, perdêrão-se da columna que commandavão, e por tres horas se esteve á espera d'ella! Apesar d'isto as consequencias d'esta victoria fôrão

incalculaveis, porque, além dos muitos mortos, e ainda mais prisioneiros, perdeo o inimigo as fortificações que ainda conservava ao norte, e uma quantidade prodigiosa de munições com todo o seu material de campanha que tinha em reserva. Nos depositos de Alfena, Moreira, e outras partes encontrárão-se objectos de toda a natureza, e em abundancia tal, que bem mostravão os sitiantes que pertendião ter-nos ainda em cerco todo o futuro inverno. A outra consequencia, igualmente importantissima d'esta victoria, foi o verem-se obrigados a desamparar Villa-Nova, e todas as suas posições do sul. Pela manobra com que o conde fez logo occupar a ponte que tinhão em Avintes, e pela sortida que ao mesmo tempo fez o general Torres para os entreter, virão-se elles forçados a presencear de longe o quasi anniquilamento da sua divisão do norte sem a poderem soccorrer. As intenções do conde erão de passar immediatamente ao sul do Douro, e fazer ali á divisão inimiga, que o occupava, o mesmo que fizera á do norte; porém não se podendo lançar com a promptidão necessaria a ponte sobre o Douro, deixou este ataque para o dia 21. Quando o realisou já os rebeldes estavão em completa fugida; e assim mesmo os perseguio, e arrojou para além de Oliveira de Azemeis. A perda que elles soffrêrão, com particularidade no material de campanha, foi enorme; porque em Avintes, Arnellas,

S. Christovão, Grijó, &c., se achárão abundantissimos depositos de toda a qualidade; e entre elles mil e tantas pipas de agua-ardente finissima, que já tinhão removido de Villa-Nova. Appareceo tambem, entre as muitas peças de artilharia que se lhes tomárão, a monstruosa, e célebre, denominada *Paulo Cordeiro*, por ter sido um donativo feito por aquelle façanhoso individuo, um dos contractadores do tabaco, ao usurpador D. Miguel. Tinha sido esta peça o terror de todo o Porto, porque por sua grandeza levava a destruição e a morte ás mais distantes partes da cidade; e por seu estampido, mais estrondoso do que o das peças ordinarias, se fazia logo conhecida, e atormentava as imaginações, augmentando os receios do perigo. Tanto esta peça como outras, em que entravão morteiros e obuzes, que por tantos mezes tinhão estado vomitando fogo sobre a cidade, fôrão depositadas na Praça-Nova, que depois tomou o nome de Praça de *D. Pedro*; e ali por muitos dias não cessou o povo de ir vêr e admirar os diversos instrumentos com que a raiva feroz dos rebeldes, bem que sempre infructuosa, o tinha pertendido senão aniquilar, ao menos reduzir á servidão.

Todos estes grandes resultados fôrão a consequencia immediata da victoria do dia 18, em que o general Francez *Bourdais*, a quem Bourmont tinha dado o commando das forças do norte, não teve melhor fortuna do

que já antes havia tido o seu general em chefe no dia 25 de julho antecedente. Como a justiça pede que se não esconda o merecimento d'aquelles que mais se distinguírão n'este ataque do dia 18, apontarei aqui os nomes dos corpos, e officiaes, que o conde particularisou no seu officio do dia 19. Diz em geral que todas as tropas rivalisárão em coragem e disciplina, mas que faltaria ao seu dever se não fizesse mui particular menção da cavallaria. Entre os officiaes nomeia os dous commandantes d'esta arma, o coronel do 10, João Nepomuceno de Macedo, com o seu major, Simão Pessoa; e o coronel dos lanceiros, *Bacon*. Depois, como mais distinctos, menciona os nomes do quartel-mestre-general, o tenente-coronel Balthasar de Almeida Pimentel, e o tenente ás suas ordens, D. Miguel Ximenes, Hespanhol Americano do sul, que viera d'aquelle paiz com o conde de Saldanha, e sempre o tinha acompanhado. Não se esqueceo tambem de tributar no seu officio ao general Stubbs os louvores que a amisade e o respeito com toda a razão lhe inspirárão, porque disse: — „ que o tenente-general Stubbs, ainda convalescente, e sem attenção á sua antiguidade, viera desde o principio da acção offerecer-lhe a sua coadjuvação; e só se retirára quando tudo estava concluido. „ Este tributo de consideração ao merecimento, á antiguidade, ao valor, e, mais que tudo, á amisade, tanto honrou

a quem o pagava como a quem o recebia.

Quasi pelo mesmo tempo foi o consul Francez, João Mallen, ao campo inimigo do lado do sul entregar os despachos que havia recebido de Lisboa, e que ali tinhão sido conduzidos pelo coronel *Guiot*, ajudante de campo do marechal Soult, no brigue *la Capricieuse*, na presuasão em que ainda se estava em París de que D. Miguel possuia, e governava Lisboa. Constavão os officios, segundo então se disse, de uma intimação que o governo Francez fazia ao usurpador para que immediatamente dimittisse do seu serviço tanto o general Bourmont como todos os mais officiaes que o tinhão acompanhado. O certo he, que se esta intimação foi tal como se divulgou, D. Miguel não fez caso d'ella, porque os ficou conservando sempre no seu serviço; e marchou com o primeiro, e com muitos dos outros para as provincias do sul, caminho de Lisboa. O governo Francez já devia saber por experiencia, que D. Miguel e o seu governo não erão homens que se intimidassem com simplices intimações; porém o facto he, que para com seus actos, apesar dos insultos que se lhe fazião de palavra, havia sempre uma tal consideração, que bem mostrava ser elle um dos instrumentos de certo systema politico, que mais se fingia aborrecer em palavras do que em obras.

Apenas ainda nos acabavamos de congratular no Porto pelos acontecimentos do dia

18, quando no dia seguinte 19 recebemos de Lisboa a interessante noticia de que no dia 15 lord William Russel, plenipotenciario do governo Britanico, tinha apresentado as suas credenciaes, não só como encarregado da missão especial de reconhecer a Rainha D. Maria II., mas como ministro ordinario, interino, para representar a sua côrte perante o governo da mesma Rainha, em quanto outro não fosse nomeado. Afinal, assim veio a politica Ingleza a fazer um acto tardio, que só o nosso valor e constancia tornavão já indispensavel; e pelo qual mostrou, que se por este modo obrava não era porque mais se interessasse pela causa da nossa liberdade do que pela da usurpação, que sempre preferio, e auxiliou; porém porque nos vio victoriosos; e porque só então he que nos reconheceo por seus antigos alliados. Lição importante para os Portuguezes, hoje existentes, e para todos os que no futuro existirem, pela qual devem ficar para sempre sabendo — que *alliança*, *e alliados*, na bôca de qualquer governo Inglez, quando não são palavras enganadoras, são pelo menos palavras sem sentido. A politica Ingleza não tem por alliados senão os seus interesses; e para os realisar não só sacrifica a liberdade das nações, mas até sacrificaria todo o genero humano se podesse, e sem elle podesse viver. Quanto mais: para esses seus interesses não lhe convem a liberdade dos povos, mas a ser-

vidão e a ignorancia, ou esse estado miseravel da especie humana, que ella com preferencia sempre ha de auxiliar, quer directa quer indirectamente, só para que não hajão luzes, que mais cedo ou mais tarde ou possão rivalisar com ella, ou pelo menos diminuir-lhe seus louros. Por isso nunca se illudão os Portuguezes pensando que, ou procurando ser livres ou sendo-o de facto, hão de ter fiéis e verdadeiros amigos ou alliados na politica Ingleza, quer ella se cubra com a mascara dos *whigs* ou dos *tories*: a nossa primeira e mais forte alliança deve fundar-se na liberdade das nossas instituições; no patriotismo e coragem de as defendermos; e na inalteravel idéa de que nunca devemos esperar dos outros aquillo que não quizermos ou não ousarmos fazer a nós proprios. Emfim, esperemos tudo de nós; isto he, do nosso trabalho e industria, e não confiemos nada nos estranhos.

No mesmo dia 19 se *desbloqueiou* a barra do Douro, que o ideal bloqueio de D. Miguel, auxiliado pela politica Britanica, tinha conservado fechada por muitos mezes; e uma numerosa quantidade de navios entrou pelo rio acima, e vierão anchorar defronte da cidade. Esta novidade interessante, unida com as noticias que os rebeldes tiverão com o reconhecimento da Rainha por Inglaterra, e com a salva geral, que todas as baterias da nossa extensa linha em torno do Por-

to derão simultaneamente na tarde d'aquelle mesmo dia, o que foi com effeito um espectaculo magestoso e brilhante, veio lançar o ultimo desalento nos corações já cortados dos rebeldes. Em consequencia de todos estes motivos desamparárão elles completamente Villa-Nova no dia seguinte 20; e com tamanha pressa e precipitação que nem podérão destruir as suas obras, nem levar comsigo munições de grande valor. Quando o general Saldanha na madrugada do dia 21 cahio sobre elles já apenas os pôde encontrar, apesar de os perseguir até além de Souto-Redondo, e Arrifana. Soffrêrão porém uma grande deserção, a qual, já desde o combate do dia 25 do mez antecedente era tão numerosa, que, em menos de um mez, se tinhão passado para nós mais de oitocentos soldados.

Em quanto tudo isso se passava no Porto, e já perto de um mez depois que a nossa expedição tinha entrado em Lisboa, não apresentava a capital cousa alguma memoravel a favor das liberdades publicas; porque o governo e seu chefe na sua marcha constante antes parecião trabalhar no sentido de seus particulares interesses do que na prosperidade da nação. Festejavão-se, e acolhião-se muitos dos grandes fautores da usurpação; distribuião-se ás mãos cheias graças, titulos e mercês a homens que visivelmente ou já se tinhão recrutado ou se pertendião ainda recrutar para o desempenho de certos proje-

ctos; e bem pouco ou nada se fazia que inculcasse vistas profundas e sinceras para a verdadeira regeneração da patria. Como não he, nem póde ser, o plano d'estes meus *Annaes* fazer a historia particular dos mais miudos acontecimentos, e só pertendo dar a conhecer os homens e as cousas d'este tempo na sua generalidade; sendo-me possivel apenas dar um ou outro exemplo para bem marcar qual era não só o espirito da época em que escrevo, mas o caracter dos homens que n'ella figurárão; direi que um dos maiores desacertos politicos, que então commetteo o ministerio de D. Pedro foi, entre outros igualmente perigosos por immoraes, a conservação do patriarcha no mesmo logar que occupava. Foi este homem (*m*) aquelle mesmo que em todas as suas antecedentes pastoraes tinha, como alto ministro da religião do paiz, proclamado, defendido, e mandado proclamar e defender a legitimidade de D. Miguel, ao mesmo passo que declarava e denunciava como impios e rebeldes os que não obedecião, ou não querião obedecer ao usurpador; e era emfim o mesmo sacerdote, e o mesmo homem que, como grande pontifice, e vice-presidente da camara dos pares do reino, tinha jurado e feito jurar fidelidade á D. Pedro, a sua filha, e á carta, e depois se tinha declarado insignemente perju-

(*m*) Fr. Patricio, ex-frade graciano.

ro, tornando-se não só individualmente réo d'este crime de impiedade, mas fazendo com que uma grande porção de povo, de quem elle devia ser verdadeiro mestre e pastor, fosse igualmente complice da mesma abominação. O seu crime até era tão recente, que no dia 23 de julho, vespera d'aquelle em que os nossos entrárão em Lisboa, havia elle ainda approvado, por um documento publico, que o seu clero se armasse contra os subditos da Rainha, e os defensores da carta constitucional. Convidar pois este indigno prelado para que mandasse cantar um *Te Deum* em acção de graças ao mesmo Deus contra quem elle tinha perjurado, e ordenar e consentir em que elle publicasse uma nova pastoral em favor da Rainha e da carta, no que elle se mostrou tão prompto como nas outras em sentido contrario, foi na verdade o mesmo que expôr a religião ao ludibrio do povo, e fazer com que elle a olhasse como mero instrumento mundano para sanccionar tanto a verdade como a mentira; e tornar desprezivel e ridiculo aquelle máo sacerdote, excitando-o a commetter um novo perjurio, crime que elle impiamente commetteo, sendo com tão pouco escrupulo perjuro á Rainha como ao usurpador D. Miguel. O povo não se deve instruir na religião só com palavras, porém com boas acções; e uma d'ellas, que pertence ao governo, consiste em não consentir em que os pastores religiosos do

povo, de qualquer jerarchia que sejão, o não desmoralisem com as lições ou pessimos exemplos de uma immoralidade escandalosa. A obediencia ás authoridades publicas he um dever dos ministros da religião; mas d'esta nunca elles se devem servir para excitar as paixões do povo a bem dos interesses ora de um, ora de outro partido politico; porque de necessidade ora n'um, ora n'outro caso hão de mentir á sua consciencia, e fazer com que o povo a ella tambem minta.

Na distribuição dos empregos mostrou o governo de D. Pedro em Lisboa a mesma parcialidade, e a mesma indifferença pela opinião publica que tinha mostrado no Porto. Debaixo d'este systema se creou logo uma junta de reforma ecclesiastica, que por ella se dêo bem a conhecer qual era o espirito da marcha do governo. Foi d'ella presidente o *padre Marcos*, que mereceo tão distincto emprego, por ser capellão de D. Pedro (*n*), e, por assim dizer, o *poeta Laureado*, que cantava as façanhas e virtudes da administração que lhe dava de comer. Para tornar menos visiveis as sombras d'esta presidencia, derão-lhe por adjunctos um ou dous nomes, que o publico respeitava; e um d'elles foi o do res-

(*n*) Para nada faltar a este padre, nomearão-no depois os seus amigos *arcebispo* com o titulo *de Lacedemonia*; mas fôrão elles mesmos os que tambem depois lhe despirão, por assim dizer, na praça publica as vestes archiepiscopaes!!

peitavel prior dos Anjos, *Ferrão de Mendonça*, que acabava de sahir das masmorras da *torre de S. Julião da barra*, onde estivera sepultado durante o reinado de D. Miguel. Mas nem isto dêo credito á nova junta, porque n'ella não se encontrava tudo quanto o publico desejava.

Como o bem combinado ataque do dia 18 tivesse não só dispersado, mas desorganisado as forças que os rebeldes ainda conservavão ao norte e sul do Douro, fazendo-lhes perder o resto dos seus reductos, e os grandes depositos d'armas e munições com todo o seu material de campanha; e ao mesmo tempo soubesse o general Saldanha, que a sua presença em Lisboa era muito desejada, por isso que já não fazia falta no Porto, o que lhe era participado por communicações confidenciaes; resolveo-se a partir para ali com todo o seu estado-maior, o que executou no dia 23 para 24 d'este mez de agosto. Acheime eu á despedida no seu quartel-general do Porto, e então não pude deixar de fazer mil reflexões moraes sobre o que vi, e observei. O mesmo homem, o mesmo conde general, que mezes antes havia sido votado ou á morte ou ao desterro, e que era denominado por uma facção furiosa ora traidor, ora revolucionario, tinha, n'esta occasião, dentro da sua sala anciosos por cumprimentá-lo, e d'elle receberem o mais insignificante sinal de agrado, muitos d'esses mesmos individuos que,

pouco antes, não só fugião até da sua sombra, porém fazião timbre ou de o desprezar, ou de o criminar. Com o maior desprezo, sim, ali os vi, baixos e humildes, como escravos diante de seu senhor; e então me occorreo á memoria aquelle dictado Francez que diz: — *avec bouche riante, et front d'airain vous passez par tout*; que em bom Portuguez se póde traduzir: — *para quem não tem vergonha todo o mundo he seu.* Com effeito, vêr passar homens tão rapidamente do soberbo descaramento do desprezo, e dos insultos, para o servil descaramento das adulações e cortezias dos escravos he um espectaculo bem hediondo e desprezivel! E este espetaculo vi eu, e observei!

Passados poucos dias appareceo o diploma pelo qual o conde era officialmente chamado para Lisboa; diploma, por assim dizer, obrigado; pois que já não havia força para lhe estranhar a sua sahida do Porto sem ordem para isso. E por este chamamento se collocou tambem o governo na mesma situação em que estavão os individuos que acima mencionei; porque passou como elles, e com a mesma rapidez, a ser o elogiador e adulador do homem que pouco antes ora affectava desprezar, ora punir. Erão porém os serviços do conde já tão importantes, e ao mesmo tempo tão necessarios, para a salvação da causa publica, que desde os degráos do throno até ás ultimas classes todos a um

tempo se ajoelhárão diante d'elle, e o adorárão. O tenente-general Stubbs, homem de bem, bravo, e intelligente militar, e sempre amigo fiel do conde, ficou fazendo as suas vezes no Porto; e para seu chefe d'estado-maior houve uma nomeação igual, que foi a do brioso e valente coronel Pacheco, ambos tão bem quistos da tropa como dos habitantes da cidade, não só por suas virtudes politicas, como por seu merecimento militar.

O motivo do chamamento do conde para Lisboa, e a resolução que elle tomou de ir para lá, ainda antes de ser chamado, foi o ter-se o resto do exercito rebelde dirigido para a capital; e por isso era necessario que o mesmo general, que o tinha vencido dentro e fóra das linhas do Porto, lhe fosse dar ali uma nova lição, se elle tivesse a ousadia de a provocar. Com elle fôrão quasi todas as forças de linha que debaixo do seu commando tinhão ultimamente trilhado sempre a estrada da gloria, e que depois nas margens do Tejo fôrão buscar novos perigos, assim como ganhar novos louros; o que em breve eu serei obrigado a referir. No emtanto as poucas tropas regulares, e os batalhões de voluntarios, que tinhão ficado no Porto, não estiverão por muito tempo na ociosidade; porque depois tornárão a mostrar aos rebeldes, que ainda se conservavão ao norte e sul do Douro, que nem por isso que erão menos, e já não tinhão á sua frente o seu capitão, ou

erão menos valentes, ou lhes faltavão valorosos e intelligentes commandantes que as conduzissem á victoria. No dia 3 de setembro sahio do Porto o general Stubbs com duas divisões, uma das quaes, a da direita, se dirigio para o lado de Vallongo e Pennafiel; e a outra, a da esquerda, tomou o caminho de Villa do Conde. Não ousárão os rebeldes, que a primeira encontrou, fazer-lhe frente, nem sequer por um momento; porque só com a sua vista desapparecêrão em todas as direcções; melhor fortuna porém teve a segunda, ou a columna da esquerda, porque surprendeo completamente as forças que estavão reunidas em Villa do Conde. Tudo o que escapou ao ferro dos nossos foi feito prisioneiro, escapando sómente os chefes principaes que, por mais acautelados, e receosos, fugírão ainda a tempo com uma precipitação incrivel, desamparando a gente que commandavão. No Porto entrárão mais de cento e cincoenta prisioneiros; e n'esta occasião se distinguio muito o brigadeiao *Zagallo*, que dirigio e executou esta habil operação. Esta sortida, principalmente pelo lado direito, haveria tido mais importantes resultados, se o general Stubbs não tivesse sido obrigado a retirar-se mais depressa do que meditava para a cidade tanto em razão de boatos que se espalhárão de um ataque pelo sul, como por se lhe requererem n'esses mesmos dias de Lisboa mais algumas tro-

pas, que de facto para lá se lhe enviárão. Passados poucos dias se fez outra expedição para o sul do Douro, que foi commandada pelo valente coronel *Pacheco*. Esta foi encontrar a maior força dos rebeldes em Ovar, onde foi igualmente surprendida pelos nossos, que passárão quasi tudo pelas armas, fazendo mui poucos prisioneiros. O batalhão 12 de caçadores, e com especialidade a companhia do bravo e honrado capitão *Cardoso*, foi quem teve uma brilhante parte na gloria d'este dia. Os chefes, segundo o costume sempre promptos e preparados para fugirem, tiverão ainda tempo para se escaparem, porém perdêrão suas bagagens; e entre ellas se achou uma assaz rica, que foi a do commandante do batalhão de voluntarios de Penella, da familia dos *Garridos* da quinta da Bouça, que apenas se pôde evadir muito á pressa. Esta bagagem mandou vender o capitão *Cardoso*, que já antes nomeei, e fez distribuir o seu producto pelos soldados da sua companhia: feito honroso, e por isso digno de aqui ser mencionado.

Por este tempo já o Porto estava completamente livre do estreito e rigoroso cêrco em que por tantos mezes estivera, dando o maior dos exemplos ao mundo; qual foi o de um invencivel valor, de uma heroica constancia, e de um firmissimo amor pela liberdade. Já ali reinava a alegria, e a abundancia, e se começavão a gosar os pri-

meiros fructos da liberdade conquistada por tantos sacrificios; e por isso será aqui o logar em que ainda farei o resumo de quanto aquella illustre cidade fez e padeceo. Eu já fallei como, por um d'esses acasos felizes, ficámos senhores da importante posição da Serra do Pilar, que a imprevidencia e a ignorancia estiverão a ponto de deixar nas mãos dos inimigos. Agora relatarei o facto extraordinario d'esses poucos heroes, capitaneados pelo capitão *Bravo*, ao fechar-se a communicação d'aquelle pôsto com a cidade, em consequencia do estreito cêrco que o inimigo lhe hia fazer pela parte do sul. Compunha-se a guarnição, que ali ficou encerrada, apenas de duas companhias de linha, e dos voluntarios de Villa-Nova, a quem o povo, por sua valentia e constancia, ficou depois chamando os *Polacos da Serra*. Parecia que, vendo-se ali desamparados, e sendo tão poucos em comparação do exercito sitiador, ficarião desanimados, e lamentarião a sua sorte; não aconteceo porém assim, porque desde logo derão a mostrar o que erão, e o que serião. Vendo passar para o lado do norte os seus camaradas que hião reforçar as linhas por aquelle lado, e presenceando o levantar-se a ponte sobre o Douro, sinal evidente, que d'ali em diante só em seus braços e constancia podião confiar; bem longe de romperem nas lamentações dos fracos, muito ao contrario, mostrando uma grande e verdadeira ale-

gria, se despedirão de seus irmãos d'armas, dando-lhes o maior exemplo de patriotismo e valor. Os seus ultimos vivas, os vivas de despedida, que para muitos era a despedida da eternidade, fôrão: — *Viva a liberdade*! *viva a carta*! *viva a Rainha*! Este rasgo de heroismo fez tanta impressão nos camaradas, e no povo que acabavão de os deixar, e tinão passado o rio, que quasi todos involuntariamente, e como por instincto, tocados de tão magnanimo exemplo, se pozerão a chorar: facto realmente grande, tanto de uns como de outros; e que eu aqui relato por me ser referido por pessoas que o presenceárão. Esta valente guarnição da Serra não teve um só dia de cêrco que não fosse de combate e de gloria; porque, tendo constantemente em roda de si cinco para seis mil homens, não só lhes resistio, porém, repellindo-os briosamente em todos os ataques, causou-lhes perdas espantosas.

Da parte do norte o valor, o brio, e a constancia dos militares e do povo fôrão igualmente heroicos. Em todos os combates que se derão, e em que os habitantes rivalisárão com a tropa, fôrão os inimigos constantemente repellidos com perdas enormes. Mas não era só contra os nossos valentes batalhões armados que os rebeldes lançavão toda a qualidade de instrumentos de destruição e de morte; não se passou certamente um dia em que os pacificos habitantes da cidade,

ou as suas moradas deixassem de soffrer gravissimos damnos de mortes, incendios, e ruinas por meio das bombas e balas, que quasi sem cessar cortavão os ares. A raiva insensata, e o furor frenetico dos escravos rebeldes tanto se manifestavão contra tudo que tinha vida como contra os edificios e jardins: era o genio da destruição, que parecia ter concebido a idéa feroz de tudo destruir, e de tudo anniquilar. Mas a par d'este espectaculo selvagem e atroz apparecia outro brilhante, magnanimo, e grande; e era elle não só a constancia heroica com que todos os habitantes de todas as condições, de todos os sexos, e de todas as idades vião e soffrião diariamente os terriveis instrumentos de destruição e de morte; mas a alegria, a promptidão, e o valor com que nos dias dos maiores e mais perigosos combates se apresentava quasi a povoação inteira da heroica cidade em torno das trincheiras, ora resistindo dentro d'ellas, ora atacando fóra os inimigos. E não erão só os homens de todas as idades e condições, que davão este maravilhoso exemplo de patriotismo e valor, erão tambem as mulheres, que, correndo intrepidas aos logares da peleja, mesmo debaixo de um fogo destruidor, ajudavão, animavão, e auxiliavão os nossos soldados, mordendo-lhes umas os cartuchos para mais promptamente carregarem; levando-lhes outras agua ou vinho para se refrescarem; e ajudando emfim ou-

tras a conduzir os feridos para os hospitaes. Entre estas heroinas, que recordavão essas antigas de Diu, tão célebres em nossas historias, mencionarei eu aqui o nome de uma que, por mui notavel, ouvi por muitas vezes repetir, estando no Porto, e na épocha d'este cêrco memoravel. No combate mui vivo do dia 5 de julho d'este anno a mulher de um soldado do 15 de infantaria, chamada *Maria Thereza*, entre outras muitas foi mui particularmente notada por se ter visto andar levando muitos barrís de polvora, e estar depois mordendo os cartuchos aos soldados. Com este, e milhares de similhantes rasgos de valor, intrepidez, e heroismo he que uma só cidade, como o Porto, resistio a um reino inteiro, zombando sempre dos exercitos formidaveis que a cercárão, e que em tempo chegárão, segundo se dizia, a mais de quarenta mil homens; e de mais de duzentas peças de artilharia, de que soffreo um fogo terrivel, e quasi constante. E com elles, emfim, he que se abrio caminho para tambem se nos abrirem as portas de Lisboa, a residencia, ou antes a cidadella, onde se refugiavão a usurpação, e a tyrannia, como fortaleza inexpugnavel.

Porém não está ainda aqui tudo: todos estes prodigios, todas estas maravilhas se fazião no meio de um novo flagello, e verdadeiramente novo para Portugal, que foi o da *cholera-morbus*, augmentado este com a fome,

e com a miseria. Virão-se os nossos soldados por muito tempo não terem outro alimento mais do que um pouco de arroz, temperado com assucar; e no meio d'estas privações se observou tambem então até que ponto póde elevar-se o amor da patria e da liberdade; porque a sua firmeza, o seu valor, e a sua lealdade fôrão sempre iguaes ás penosas privações que todos os dias supportavão. Para as alliviar novos e perigosissimos actos de valor foi necessario fazer; e estes actos fôrão tão heroicos, e de tamanha importancia como as mais decisivas victorias. Fallo dos desembarques, que todas as noites, em que o tempo o permittia, se fazião com um risco, e difficuldades quasi insuperaveis. Só por entre a escuridade, e entre um fogo vivissimo e constante, que durava desde o anoitecer até á madrugada, he que se fazião estes prodigiosos desembarques de víveres, e munições de guerra, com o que se sustentou a cidade e o exercito nas épochas do seu maior apuro. E para que não houvesse difficuldade, que não tivessemos para vencer, depois de todas aquellas que apresentavão as trévas da noite, a braveza do mar, e o fogo inimigo, não havia ainda um porto seguro onde se podessem depositar os generos que se trazião dos navios, porque a entrada da barra estava fechada pelas baterias dos rebeldes: era necessario fazer os desembarques na costa entre rochedos, e sempre no risco de vêr tudo en-

golido pelas ondas. Mas todas estas difficuldades se vencêrão: a cidade heroica triunfou, e os inimigos fôrão forçados a retirar-se cubertos de vergonha, e levando só comsigo, como unico fructo da sua brutalidade impotente, a execração e o odio que por sua ferocidade tanto tinhão merecido.

Em todo este glorioso periodo de constancia, e prodigios de valor, a administração interna, longe de corresponder ás virtudes civicas e militares dos habitantes, muito pelo contrario só lhes correspondeo com actos de absolutismo, e com uma serie de delictos politicos os mais escandalosos. O ministerio d'esta épocha não cuidou em cousa alguma mais do que em sustentar-se pelos meios, ora os mais severos, ora os mais reprehensiveis. Circumscripto em um limitadissimo terreno, legislou desafogadamente para todo o reino, como se d'elle estivesse de posse; e no que mais cuidou foi em crear legiões de empregados publicos, a quem dava e promettia logares como em perspectiva, porque a grande somma d'elles ainda estava no dominio do usurpador. Era uma especie de *camara optica*, em que aquelle ministerio, para ganhar adherentes e complices, lhes mostrava, em pintura, as delicias que lhes destinava: era em uma palavra, a parodia da tentação que o diabo fez a Christo, mostrando-lhe do alto da montanha todas as riquezas do mundo! Mas n'isto havia um fim, e esse de

longo tempo premeditado, qual era, o de recrutar com antecipação as milicias politicas com que nas futuras côrtes esperava sustentar seus projectos, á sombra dos quaes aquelle ministerio se procurava sustentar, ou pelo menos, pertendia gosar dos mais altos premios da sua servil condescendencia. Só no Porto constava, que havia *nominalmente* effectivos mais de novecentos empregados; ao mesmo passo que os destinados, ou já com promessas para todo o reino, erão infinitos. Assim com esta vã popularidade procurou sempre o ministerio do Porto crear e sustentar um partido, que auxiliasse suas vistas futuras. Comtudo, quando por este lado queria fazer amigos, declarou uma especie de guerra, como de vingança, á cidade libertadora, só porque esta conservou sempre uma nobre independencia, e nunca quiz adorar a magestade ministerial. Fôrão os heroicos e honrados habitantes tratados quasi com a mesma crueldade com que os havião tratado os agentes de D. Miguel, porque fôrão *litteralmente* em parte saqueados, não havendo moderação no modo com que se lhes tirava o dinheiro, ou outras cousas de que erão proprietarios.

A seus constantes actos despoticos ajuntou ainda outro o mesmo ministerio, que foi de grande escandalo. Fallo dos sequestros, nos quaes não só houve muita parcialidade, porém ainda um modo de execução, que lhes

dêo o ar de uma verdadeira rapina. Homens que, por timidez, havião sahido da cidade antes ou na vespera da entrada do nosso exercito, apesar de serem conhecidamente constitucionaes, fôrão com todo o rigor sequestrados; em quanto outros, mesmo actualmente conhecidos por adherentes ao usurpador e á usurpação, erão protegidos e poupados. Quanto ao modo por que os sequestros e aprehensões se fazião, parece incrivel que tal acontecesse, e que n'esta operação podesse haver tamanha falta de juizo e delicadeza. Fazião-se muitas de noite, e só no dia ou dias seguintes se apresentava o que dizião ter achado. Para sempre comprovar com algum exemplo esta pratica, tão pouco escrupulosa, e sujeita a mil conjecturas, citarei o caso que se praticou em Villar, e de noite, em casa de João Monteiro d'Almeida, aquella mesma casa em que por algum tempo esteve o tribunal das prêzas (*o*). Por este modo feitas estas operações de noite, ou quando se não fazião senão de dia passando immediatamente os objectos sequestrados para a casa do executor d'estas diligencias, seguia-se que muitas vezes as cousas as mais preciosas ou mais uteis desapparecião. Pelo menos a voz publica assim o dizia; o procedimento authorisava esta voz; e eu, que por muitas vezes a ouvi, aqui, co-

(*o*) N'esta mesma casa morava o advogado *Lopes Rocha* que me contou este facto.

mo simples historiador, tal e qual a repito. Na casa de *João Luiz*, chamado da Fabrica, no fundo da rua da Picaria, constou que o extravio, particularmente em vinhos finissimos engarrafados, fôra escandalosissimo, e de um immenso valor. Apesar porém de todos estes excessos nunca deixou a nobre cidade de conservar o seu brio, o seu valor, e o seu patriotismo; porque sempre esteve na persuasão de que os erros dos homens, que a governavão, nada tinhão com a bondade da causa que ella defendia; e assim mostrou com isto, que tanto sabía triunfar dos inimigos, como ser amiga fiel da liberdade.

O conde de Saldanha chegou emfim a Lisboa, e logo appareceo o instrumento publico pelo qual elle era officialmente chamado do Porto para lhe dar a direcção de todas as operações militares contra o inimigo que já tinha estabelecido o cêrco da capital. Ouvi dizer n'este tempo, que a vinda do conde para Lisboa fôra tão a proposito, e de tamanho proveito como havia sido a sua chegada ao Porto. Achou as linhas summamente imperfeitas e irregulares; e a tropa, apesar de numerosa, estava ainda em tal desarranjo, que me constou na minha chegada a Lisboa, no dia 15 do presente mez de Setembro, que apenas encontrára tres mil e tantos homens de tropa que se podesse chamar regular, á excepção das forças que já tinhão chegado do Porto. Com a sua costumada a-

ctividade, e conhecida intelligencia militar cuidou elle logo em todos os meios de defeza tanto no que dizia respeito ao material do exercito como ao pessoal; e fôrão taes e tão acertados estes meios, que no dia 5 d'este mez pôde completamente rebater um fortissimo ataque dos rebeldes, que, commandados por Bourmont e mais officialidade Franceza, tinhão a promessa de entrarem n'esse dia em Lisboa. N'este ataque morrêrão, entre outros, D. Thomaz Mascarenhas, que com uma morte honrosa lavou os grandes desacertos que havia commettido em Londres e no Porto; e o valente joven D. Alexandre, filho do conde d'Alva, moço de muito brio, valor, e honra, porque, apesar de não estar ainda bem curado das graves feridas que em 29 de setembro do anno antecedente havia recebido no Porto, quiz ainda n'este dia glorioso servir a sua patria pela qual, combatendo, morreo. O inimigo, completamente batido no dia 5, ainda tentou um pequeno ataque no dia 14; mas como visse logo no principio como era recebido, e qual seria o resultado das suas tentativas, desistio immediatamente de sûas tentações, e não prolongou o combate, que vio lhe hia a ser fatal. Em ambos os ataques, tanto do dia 5 como do dia 14, os novos batalhões, formados dos habitantes de Lisboa, combatêrão valentemente o inimigo; e desde logo mostrárão que não querião ser menos em patrio-

tismo e valor do que os seus compatriotas, os heroes do Porto, a quem n'esses dias briosamente imitárão.

No emtanto no Porto como em Lisboa o governo não mudava de marcha, e os seus actos erão sempre os mesmos. No Porto recebião-se, ou tinhão entrada os grandes inimigos das nossas instituições, e os sustentadores do governo do usurpador, bem como os mais fiéis e honrados constitucionaes; e se estabelecia tanto para uns como para outros indistinctamente a inefficaz legislação das fianças. Sim, esta invenção das fianças, que se exigião dos que se recolhião ao Porto, era para uns desnecessaria, e para outros era ridicula, porque não produzia effeito algum de proveito publico, e a prova era: que não houve rebelde, nem denunciante, nem inimigo declarado da carta e da Rainha que deixasse de achar um abonador. Além d'isto, era ainda indiscreta, porque em virtude d'ella se ordenava, que todos os entrados de novo se fossem alistar nos batalhões nacionaes. Em Lisboa a administração não melhorou, porque ao menos em quanto o ministerio se conservou no Porto conservou ainda no trato exterior para com suas pessoas certa moderação que de todo logo despio na capital. N'ella se vio então a que ponto podia chegar a sua estricta economia, porque com doze mil réis mensaes de ordenado ostentárão um luxo que a todos, se não causou admiração, causou

comtudo indignação e desprezo. Tomárão logo bellas casas, rodárão em bellas carruagens, e se escoltárão de todo o cortejo da magnificencia e da grandeza. E como se no publico não houvesse senão estupidez e ignorancia, fez o ministerio um decreto pelo qual, pertendendo mostrar moderação, e economia, só mostrou hypocrisia, e injustiça. N'elle se ordenou, que de certa época em diante se darião *meios ordenados* a todos os que antes só recebião doze mil réis mensaes, até ali estabelecidos para todos os empregados sem distincção, em consequencia do desfalque da fazenda publica: porém ao mesmo tempo se accrescentava, que os que viessem a ter menos de doze mil réis mensaes sempre os receberião por inteiro. Assim com esta ordenança ministerial só ganhárão os grandes empregados, e com especialidade elles ministros: porque a plebe dos empregados continuou a nutrir-se das migalhas que cahião das mêsas dos grandes senhores.

No emtanto o mesmo ministerio hia augmentando diariamente os batalhões da sua milicia, que se compunhão dos seus novos empregados, para os quaes tambem creou logares novos, tornando-os logo apetitosos com as promessas de pingues ordenados. Porém de toda esta organisação administrativa fez um verdadeiro vestido de arlequim, porque a par de homens muito capazes, e com grandes serviços e trabalhos durante a usurpação se vi-

rão homens conhecidamente *Miguelistas*, e até estrangeiros. Dos d'esta classe apenas apontarei um para exemplo, que foi um certo Brazileiro, chamado *Tavares*, medico de D. Pedro. A este individuo se dêo o logar de fysico-mor do reino, logar que não podia exercer não só como estrangeiro, mas porque sendo medico, e não tendo licença, previamente alcançada pela authoridade competente, para curar dentro do reino, não devia ser empregado.

A escolha dos empregados foi geralmente mal recebida, tanto no que dizia respeito aos individuos como aos corpos collectivos. Nomeou-se para corregedor do crime do bairro do Rocio em Lisbôa um homem que já no Porto havia sido dimittido por seus proprios amigos, e que no seu novo emprego se fez ainda notavel pelo facto seguinte. Havia em Lisboa um velho ecclesiastico, mui curioso de antiguidades, e que possuia um rico *museum*, já tão conhecido, que até excitava a curiosidade dos estrangeiros que visitavão a capital. Além d'isto, o mesmo septuagenario e pacifico ecclesiástico gosava da fama de rico, qualidade bastante para desafiar a cobiça de alguem. Por esta circumstancia sendo accusado de affecto ao usurpador, foi logo classificado como inimigo da carta e da Rainha, e como tal, sem mais indagação, prêso á ordem do ministro do seu bairro. Houve porém logo quem advogasse

a innocencia do accusado, e a muito custo, debaixo de fiança, sahio da prisão. Mas esta perseguição, não merecida e não esperada, fez tal impressão no respeitavel ecclesiastico, que em poucos dias morreo (*p*). Parecia, que depois da sua morte todo o processo criminal devia ter cessado, comtudo não aconteceo assim, porque se lhe fez um sequestro sobre toda a sua propriedade; e por este procedimento barbaro se dêo logo a conhecer que aquillo que se pertendia era em todo o caso agarrar os despojos da victima. Um seu parente reclamou immediatamente a propriedade sequestrada, mas constou que se achára completamente roubada; e ao mesmo tempo se soube, que todo este processo se havia feito sem haver culpa formada (*q*). Por este e outros factos adquirio o ministro a designação, que geralmente lhe davão — do *segundo Semblano* do Rocio, em allusão a um ministro de D. Miguel, que tinha aquelle nome, e que servíra no mesmo emprego, e no mesmo bairro.

(*p*) O nome d'esta victima era — o beneficiado João José de Oliveira da Silva.

(*q*) Contra este processo *monstro* houve um aggravo por se mandar subsistir um sequestro por crime de homem morto antes de pronuncia e sentença, assim como por se nomear depositario o mesmo official de justiça que tinha conduzido o prêso para o Limoeiro, e ao qual se dêo a alcunha de proprietario! A prisão fez-se em 7 de setembro, e só 12 ou 13 dias depois se inquirirão as testimunhas. O aggravo foi provido em 14 de outubro seguinte. O dr. *Lopes Rocha* fui quem o escreveo.

Na formação dos corpos collectivos houve a mesma desattenção tanto á justiça como á opinião publica, de maneira que, ao verem-se certas nomeações, havia muita gente que dizia, que a actual administração era a *administração Miguelista*, *vestida de azul e branco*. Na composição do conselho d'estado, por exemplo, entrárão certos nomes, que a opinião publica não julgava favoraveis á liberdade, como o de *Trigoso*, que sendo ministro no anno 1826, e na promulgação da carta muito tinha concorrido para a annullar; e havia sido um d'aquelles, que indirectamente tambem tinhão concorrido para abrir as portas a D. Miguel, a quem todos os prudentes já olhavão como o exterminador das liberdades nacionaes. A verdade he, que D. Miguel o deixou viver sempre tranquillo em sua casa, e de certo porque estava bem persuadido dos bons serviços que antes lhe havia feito.

Na organisação do supremo tribunal de justiça, houve igualmente uma parcialidade conhecida, que desgostou a todos os que amavão a justiça, e querião se respeitasse a probidade moral e politica. N'esta organisação se confundírão tanto os talentos com a ignorancia, como as mais eminentes virtudes civicas com os maiores delictos politicos. Vio-se, por exemplo, fazer parte d'aquelle tribunal, um *José Leandro*, ministro no anno 1824 de todas as perseguições do minis-

terio *Pamplona*, e famosamente insigne por ter pertencido á alçada de Coimbra presidida pelo feroz *Victorino*, de quem já fallei no meu *Ensaio Politico* sobre as causas que preparárão a usurpação de D. Miguel; e virão-se mais outros nomes que julgo escusado nomear, por serem bem conhecidos do publico. Em quasi todas estas, e outras nomeações similhantes não havia senão patronato e arbitrio; e o arbitrio estava na violação manifesta da *carta constitucional* no artigo 130, titulo 6.°, que dizia: — „ Que o supremo tribunal de justiça seria composto de juizes letrados, tirados das relações por suas antiguidades, e que na sua primeira organisação serião empregados os ministros dos tribunaes que se houvessem de abolir. „

No dia 21 d'este mez de dezembro lord Russel, que já se tinha apresentado ao governo da Rainha como ministro extraordinario, apresentou novamente as suas credenciaes como ministro ordinario do gabinete Britanico. Mr. *de Lourde*, encarregado Francez, apresentou igualmente as suas credenciaes; e n'esse mesmo dia, ou em outro muito proximo se apresentou na mesma qualidade diplomatica um encarregado da Suecia. Em quanto n'esse dia se fazia officialmente o reconhecimento da Rainha pelos governos que deixo mencionados, estava ella proxima a entrar pela foz do Tejo, onde com effeito entrou no dia 22 conservando-se a bordo até

a manhã do dia seguinte 23 em razão de se não acharem ainda todas as cousas dispostas para ser recebida como merecia, e o publico muito desejava. Desembarcou com effeito na manhã do dia 23, e o seu desembarque foi na realidade magnifico e brilhante não tanto pelo apparato real com que foi recebida, como pela alegria e enthusiasmo nacional, que então se manifestárão, e nos dias e noites seguintes, em que as illuminações e os vivas fôrão quasi sem interrupção. No acto do seu desembarque, que se effeituou no caes das Columnas em frente da estatua equestre de seu terceiro avô D. José I., praticou D. Pedro uma acção mui nobre para com o conde de Saldanha. Apresentando-o á Rainha, sua filha, disse-lhe: — „ Não o apresento hoje a V. M. como conde de Saldanha, nome que lhe he já bem conhecido, mas como *marechal do exercito* de V. M., e como homem, a quem, por seus distinctos serviços na restauração do throno, V. M. deve honrar e respeitar. „ N'este despacho se houve D. Pedro não só com a delicadeza de cavalheiro, mas com a bizarria de principe; e muito folgo de lhe poder aqui pagar este tributo de justiça, tanto mais que por outras vezes, por não faltar á verdade, tenho sido obrigado a censurá-lo.

A Rainha no dia 24 d'este mez foi passar revista ao exercito libertador que estava guarnecendo as linhas que defendião Lisboa,

e ali foi recebida em toda a parte, e por todos os corpos com o mesmo enthusiasmo e a mesma alegria com que havia sido saudada no acto do seu desembarque. N'esta occasião aconteceo um facto, que se me contou como verdadeiro, e que he de tanta independencia e de honra, que de proposito o quero mencionar, bem que me não fosse conhecido o nome do benemerito individuo que o praticou. Alguem tinha previamente dado instrucções aos commandantes não só para a qualidade dos vivas, porém para a ordem em que se devião dar. Parece, que o da constituição ou da carta, se não estava classificado em ultimo logar, pelo menos não era o primeiro que se mandava dar; o que vendo um dos commandantes, homem resoluto e livre, sem que lhe importasse a ordem recebida, e sem nenhum receio, a transtornou, e principiou os vivas pela carta, seguindo logo os da Rainha. Houve quem lhe quizesse emendar o que n'elle suppunhão engano, porém elle com a mesma intrepidez os repetio da mesma fórma, e fez calar os aduladores.

No dia 25 recebeo a Rainha pela primeira vez, como Soberana constitucional, o corpo diplomatico, as authoridades publicas, e as diversas deputações que do Porto e outras partes a tinhão vindo cumprimentar. Mas no emtanto que este reconhecimento publico se lhe fazia não só pelos ministros dos go-

vernos estrangeiros, porém pelos individuos e corpos mais distinctos do estado, constou-me, que havia na capital quem andasse espalhando vozes de que não convinha ter *rei mulher*, e que mais acertado era escolher o pai em vez da filha. Estas vozes erão o écho das que já se tinhão ouvido na emigração, e agora ainda se repetião em Lisboa para vêr o effeito que fazião. A verdade he, que aquelles que não querião *rei mulher*, fôrão os mesmos que depois mais de rastos se lançárão a seus pés, e mais servilmente fôrão seus aduladores.

Findou este mez de setembro com um grande acontecimento politico, que foi a morte de Fernando VII., rei de Hespanha, no dia 29, dia intitulado de S. Miguel. Este nome, que os absolutistas tinhão adoptado para sua particular veneração depois que o usurpador das nossas liberdades figurava como um dos seus primeiros instrumentos, perdeo, n'este anno, grande parte do seu prestigio religioso e politico; porque a experiencia mostrou que o archanjo Miguel em cousa nenhuma favorecia seus devotos. Havia já um anno que no Porto, e no mesmo dia 29, em que se celebrava o nome do protector celeste, e do usurpador terrestre, tinha este sido completamente derrotado em um ataque que tentára contra aquella heroica cidade; e n'este anno, e no mesmo dia, sem que o poderoso archanjo lhe valesse, morreo o ty-

ranno Hespanhol, o inimigo e assassino da liberdade da Peninsula. Foi, com effeito, este homem uma das maiores monstruosidades reaes do nosso tempo, porque unio á mais abjecta servidão a maior arrogancia e tyrannia; foi o mais ingrato dos homens e dos reis; e foi quem, desprezando sem pejo a opinião publica dos seus contemporaneos, e outra ainda mais severa, a dos vindouros, assassinou na sua patria aquella mesma liberdade que lhe restituio o throno, que elle covardemente havia abdicado. Entregando-se nas mãos de Napoleão, contra a vontade do povo Hespanhol, houve-se com aquelle como o mais vil dos escravos; festejou, sem vergonha, nem brio, as victorias que as armas inimigas ganhavão contra a sua patria, e suas liberdades; e depois, libertado, cubrio de prisões, e patibulos, aquella mesma terra em que tanto sangue se havia derramado por elle, e pelas patrias liberdades. Com toda a justiça tambem a elle se póde applicar aquelle sentencioso dito que o orador Romano *Passieno*, segundo refere Tacito no livro 6.° dos Annaes, applicou a Caligula, isto he: — *que nunca se tinha visto nem um melhor escravo, nem um peor senhor.* A sua morte foi de grande proveito para a Hespanha, porque se vio livre de um tyranno feroz e ingrato; assim como o foi tambem para nós, porque nos livrou de um grande apoio, que n'elle tinha o nosso tyranno, tão feroz como elle. Co-

mo Fernando tivesse abolido a *lei Salica* para que sua filha lhe succedesse no reinado em vez de seu irmão Carlos, a rainha regente tomou logo todas as medidas para que isso se realisasse. As mais importantes fôrão: fazer, de concerto com a França, com que o general Bourmont com a maior parte dos officiaes Francezes, que o tinhão acompanhado, largasse o serviço de D. Miguel; assim como o sequestro, que mandou fazer em Hespanha sobre todos os bens pertencentes a D. Carlos, exigindo que o mesmo se lhe fizesse em Portugal. Este infante, desobedecendo a seu irmão, conservava-se com D. Miguel, sem ter querido passar-se á Italia para onde se lhe dera destino; e não tendo nunca cessado de fomentar um partido em Hespanha, agora, depois da morte do irmão, tomando o titulo de Carlos V., havia ali sido causa de movimentos parciaes em seu favor, e que pelo tempo adiante se tornárão mui extensos, fortes, e perigosos. Em uma palavra, D. Miguel, e o tio erão os dous instrumentos que a sancta alliança, ou junta apostolica, fazia mover, e auxiliava para manter o absolutismo na Europa, e impedir o progresso das idéas liberaes. Assim a morte de Fernando, transtornando estes projectos liberticidas, foi de uma inculculavel utilidade tanto para a Hespanha como para Portugal.

No emtanto que isto se passava perto

de nós, tambem ao longe havia acontecimentos que muita relação tinhão com a causa que depois de tantos annos defendiamos. No Brazil, e particularmente no Rio de Janeiro, aconteceo um facto que não quero deixar em silencio, porque indirectamente nos dizia respeito. O partido absolutista Brazileiro nunca tinha cessado, depois da forçada abdicação de D. Pedro, de conspirar surdamente em favor d'elle, appellando sempre para uma restauração, e para o restaurador que a devia realisar. Entre as intrigas internas acontecia tambem que estas tinhão ramificações na Europa, sustentadas por aquelles que tinhão participado dos odios contra D. Pedro, e que antes e depois da sua abdicação havião sido forçados a sahir do Brazil. Parecêrão estas mais perigosas quando se conheceo que um notavel emissario, *Antonio Carlos de Andrade*, o mesmo que antes já havia sido uma das victimas dos ciumes do ex-imperador, agora apparecia completamente congraçado com elle, e tinha vindo á Europa, e até mesmo a Lisboa para conferir com o desejado restaurador (*r*). E quem mais pêso dêo a todos estes acontecimentos, que marchavão a par de mil boatos, que os conspiradores fazião circular por occasião dos recrutamentos que tanto em Inglaterra como em França *simples-*

(*r*) Não ha duvida que Antonio Carlos esteve em Lisboa n'este tempo; e que até havia projectos que se estendião além das nossas fronteiras.

mente se fazião para reforçar o nosso exercito libertador, foi o ministro Brazileiro em Londres, que de tudo isto dêo conta para a sua côrte. O ministerio ou estivesse na realidade possuido da existencia d'estes projectos, ou emfim fingisse temê-los mais do que elles merecião, o certo he que dêo uma conta muito circumstanciada d'este negocio ás camaras, e pedio poderes extraordinarios para cohibir a conspiração que temia, ou fingia temer. As camaras, regeitando a proposta dos ministros, mostrárão que estavão capacitadas do ultimo caso; e os individuos que n'ellas mais se distinguírão sobre esta resolução fôrão os membros do partido da opposição, que por este modo não só metêrão a ridiculo a supposta tentativa da restauração, mas impedírão um acto de flagrante injustiça, e de falsa politica, qual foi, o reconhecimento de D. Miguel, e que alguem propunha como meio seguro de anniquilar todas as esperanças dos que esperavão ou acreditavão na vinda do restaurador. Tudo isto se passou no mez de junho d'este anno.

Outro caso notavel aconteceo em Inglaterra quando a Rainha ali chegou na sua vinda para Lisboa. Os Portuguezes, residentes em Londres, juntarão-se para deliberar sobre um cumprimento que lhe querião fazer e á ex-imperatriz do Brazil; e encommendárão o projecto do cumprimento ao bacharel João Bernardo da Rocha, que havia annos

ali residia, e tinha sido o redactor do *Portuguez* em Londres. Fez elle o projecto, e passando a lê-lo na assembléa em que todos os Portuguezes estavão, um d'elles, não sei se o ministro Abreo e Lima, se o consul Francisco Wanzeller, propôz uma emenda que vinha a ser: — que á ex-imperatriz no cumprimento a ella particularmente dirigido, se désse o titulo de *duqueza de Bragança*. Levantou-se então o redactor da proposta, o sr. Rocha, e com tamanha clareza expôz a impropriedade de se lhe dar aquelle titulo por não ser compativel com as leis que havião incorporado o ducado de Bragança nos bens nacionaes, reservando sómente aquelle titulo para o herdeiro presumptivo da coroa, que, tomando-se os votos sobre este importante objecto, se regeitou *unanimemente* a emenda, e o projecto passou como havia sido concebido. Esta notavel decisão, relativamente ao tempo em que se dêo, isto he, na occasião em que todas as adulações, ainda as mais baixas, se dirigião a D. Pedro, fez uma grande honra não só ao author do projecto, mas a todos os que o approvárão, e com especialidade aos dous empregados publicos, o ministro, e o consul, que preferírão as vozes da consciencia e da razão á hypocrisia dos aduladores.

Principiou o mez de outubro d'este anno, e o facto mais interessante que logo n'elle appareceo foi o decreto para suspender

a convocação das côrtes para o primeiro dia d'este mez como antes se havia annunciado, visto que o territorio estava ainda na maior parte occupado pelas tropas rebeldes. O que porém sobre este ponto eu agora pertendo notar, como digno d'isso, não he a suspensão da convocação annunciada, mas he o modo por que o foi, e os termos de que então se servio o ministerio para a annunciar. Disse elle, que um dos assumptos mais importantes para que as côrtes hião ser convocadas era para se tratar da regencia do reino. Ora a cousa era bem sabida, porque tudo quanto pertencia a este objecto estava clarissimamente providenciado e definido no capitulo 5.°, e artigos da carta constitucional desde o 91 até o 100. Erão pois desnecessarios poderes alguns extraordinarios para os deputados tratarem d'esta questão, que já estava decidida na carta, e em todas as hypotheses que uma minoridade podia apresentar. Não se quiz porém senão prevenir por este modo a consciencia dos deputados, dizendo-lhes claramente, que D. Pedro queria e devia ser regente; ponto já inculcado, maquinado, e, sem disfarce, manifestado na emigração, tanto em Londres como em París. Por esta manobra, chamada politica, trilhou o ministerio exactamente os passos do usurpador D. Miguel, porque quando este quiz sanccionar a sua usurpação, anniquilando a carta, tambem annunciou por um decreto que

convocava os tres estados do reino para deliberarem sobre importantes pontos de direito publico; quando já todos estes pontos, isto he, todo o nosso direito publico estavão decididos na carta constitucional, que elle e a nação tinhão adoptado e jurado. Agora, pertendendo D. Pedro convocar as côrtes para tratarem da regencia collocou-se exactamente na mesma cathegoria de seu irmão, destruindo a sua propria obra, e exigindo dos deputados do povo que trouxessem poderes para o ajudarem a rasgar uma das folhas da carta de que elle mesmo era o author. Este proceder não servio pouco para lhe alienar as affeições, que com menos ambição as teria podido conservar sempre puras, leaes, e verdadeiras. Mas seus ministros, que querião á sua sombra governar, e gosar, como lautamente gosárão, soprarão-lhe ambições, que nem para elle nem para nós fôrão de proveito.

A opinião publica continuava immudavel contra o ministerio, e se fundava em uma serie de factos que, a serem todos verdadeiros, parecia bem justificada. Apontavão-se, entre outras muitas cousas as pessimas nomeações que se fazião para os empregos, escolhendo-se homens sem capacidade moral e politica para os exercerem, em quanto de proposito, e como por acinte, se punhão de parte individuos muito benemeritos, e só porque mostravão tal austeridade de principios, que não era possivel que o absolutismo, dis-

farçado debaixo da bandeira da carta, podesse contar com elles. Multiplicavão-se tambem os empregos nas mesmas pessoas, e estas as que menos o merecião na geral opinião. E finalmente a tal ponto tinha chegado o descredito do ministerio, que até publicamente se dizia, que de muitos empregos se fazia almoeda. Era isto, e ainda mais o que se dizia, sem pejo nem disfarce; e quando a opinião chega a este ponto, de necessidade alguma cousa existe sobre que ella se funda, e assim se faz fallar.

O dia 10 d'este mez foi ainda mui glorioso para as nossas armas: os rebeldes, que se achavão ás portas de Lisboa, e que davão a entender que ali pertendião demorarse, e pelo menos passar o inverno, pelo muito que cuidavão em se fortificarem, fôrão forçados a perder n'este dia todas as suas posições, e a retirar-se até Santarem, onde só se podérão manter protegidos pela forte posição d'esta villa. O general, conde de Saldanha, commandou esta acção, e n'ella soube conservar a reputação militar que já tinha adquirido. N'esta épocha não havia já qualidade de lisonja que D. Pedro não empregasse para agradar ao conde, não porque estimasse seus talentos militares, ou respeitasse as virtudes politicas que até ali tinha mostrado; mas, bem pelo contrario, porque as temia, e então já começava a querer seduzilo. Assim no dia 12 d'este mez, anniversa-

rio de D. Pedro, mandou elle que se descubrisse o busto do marquez de Pombal, que a inveja e o fanatismo tinhão feito arrancar do pedestal da estatua d'el-rei D. José, e que elle tambem lhe mandára restituir. Porém todas estas affeições, agora por tantos modos manifestadas a Saldanha, e tão pouco em harmonia com os odios que n'este mesmo anno se tinhão mostrado contra elle, não parecião, nem se julgavão sinceras.

Ao passo que se representavão estas diversas scenas, algumas vezes brilhantes, ou se não o erão, ao menos com essa apparencia, havia outras de summo ridiculo, com que a opinião publica nunca se pôde conformar, e de que sempre escarneceo. Entre ellas foi a nomeação do padre Marcos para presidente da junta da reforma ecclesiastica. Sim, o povo não podia ouvir dizer, sem se rir, que o padre era reformador, e que com *auctoritate apostolica* reformava, e *profanava*, como elle dizia, os logares sanctos! A este respeito o conde da Taipa, em uma das cartas que escreveo a D. Pedro, e que publicou pela imprensa, dizia com muita propriedade e galantaria: — *Papam habemus Marcum*! e o publico ou o denominava por escarneo — *o conselheiro profanador*; ou tomava como irreligiosas e impias as expressões com que elle, em ar de pontifice, dizia: *profanâmos este ou aquelle convento.* O certo he que de um objecto muito serio o ministerio fazia uma verda-

deira Saturnal; e fazia do seu *pontifice Marcos* uma especie de arlequim, com que divertia ou assustava as consciencias do povo. O ultimo resultado porém de tudo isto, e o mais essencial, era, segundo se dizia, que um convento *profanado* era um convento *saqueado*. O futuro mostrou que isto era verdade.

Por este mesmo tempo, e no dia 15 do corrente mez morreo uma das notabilidades d'esta época, *Candido José Xavier*, secretario d'estado de D. Pedro na repartição dos negocios do reino, e interinamente com a pasta dos estrangeiros, na falta do marquez de Loulé, que havia pedido e alcançado a dimissão d'este emprego. Ainda que este homem não tivesse nascimento distincto para por elle se apresentar no mundo, soube adquirir bastante instrucção para com ella se dar a conhecer, particularmente a certos fidalgos, a quem, por seu caracter condescendente, procurou agradar. Empregado primeiramente como homem de letras na secretaria de um dos nossos generaes, passou d'ali á classe militar, e n'esta qualidade seguio a sorte das tropas Portuguezas que o general Francez Junot, estando em Portugal, enviou para França. Acompanhando com outros officiaes o exercito de Massena quando chegou até ás portas de Lisboa, em que não pôde entrar, foi com elles por esta razão condemnado á morte. Em consequencia d'esta sentença perma-

neceo em França até o anno de 1820, onde teve parte na publicação dos *Annaes das Sciencias e das Artes*, que então se publicárão em París, e que muito servírão para lhe grangear a reputação não só de homem literato, porém amante da liberdade. A revolução de 24 de agosto lhe abrio as portas da patria, annullando as sentenças que contra elle e outros seus camaradas se havião publicado em Lisboa por ordem da regencia denominada — *do Rocio.* Veio com *Pamplona*, que, em pouco tempo, foi nomeado ministro da guerra, e por elle foi chamado para director da sua secretaria. N'este emprego não só conservou a boa reputação que trazia de França, mas a elevou a ponto de, na falta de Pamplona, ser nomeado ministro da guerra, e depois conselheiro d'estado: tão enganados andavão com elle os seus protectores! Ainda na revolta e fugida do infante D. Miguel para Villa-Franca, no anno 1823, conservou elle a antiga reputação, porque não quiz seguir as partes do infante; e depois se conservou em Lisboa á sombra da protecção do seu amigo Pamplona, que, tornando a entrar no ministerio, como primeiro ministro de D. João VI., lhe dêo a direcção do collegio militar da Luz, onde se conservou até a épocha da carta constitucional em 1826. N'este periodo foi que elle começou a desenvolver a hypocrisia do seu caracter politico; porque chamado de novo, bem que interi-

namente, e na doença do general Saldanha, ao ministerio, d'esta vez patenteou n'elle quanto até ali tinha sabido occultar ou por timidez, ou porque lhe parecesse não estar chegado ainda o tempo de manifestar abertamente as suas ambições. Era n'aquelle tempo bem sabido que a carta constitucional tinha contra si os odios não só da nossa aristocracia ecclesiastica e civil, que mui efficazmente tinha concorrido para a quéda da constituição do anno 1822, porém dos principaes gabinetes da Europa, como erão os de Londres, París, e Madrid. N'estas circumstancias todo o Portuguez, e com especialidade todo o ministro d'estado, que fosse um sincero amigo da liberdade, devia ser um dos seus zelosos e resolutos defensores. Tanto mais isto se precisava n'aquelle tempo quanto era sabido que, não convindo á politica estrangeira attentar directamente contra a carta, porque a reputavão dada *por uma legitima authoridade*, era-lhe por conseguinte necessario recorrer a meios indirectos para a destruir. Estes meios encontravão-se na regencia de D. Miguel, que então se achava desterrado na Austria pelo seu attentado de 30 de abril de 1824 contra seu pai, e seu rei; e isto mesmo muito bem sabía Candido José Xavier. N'estes termos era da sua competencia, como homem que devêra querer ser livre, e como ministro integro, que tinha obrigação de zelar as leis da sua patria,

obstar quanto podesse ao chamamento de D. Miguel; e não auxiliar dentro do reino nenhuma das facções que trabalhavão para este fim. Foi porém o seu comportamento ministerial e politico inteiramente diverso do que devia ter (*s*); e em todo o seu ministerio temporario auxiliou e protegeo a vinda do infante, e as intrigas e tramas do partido que o queria e desejava. Com a restituição do general Saldanha ao ministerio, logo que melhorou da sua enfermidade, e enfermidade, que parece foi ajudada pelo veneno (*t*), ficou de parte Candido José Xavier, e se recolheo á sua *Cartucha militar* do collegio da Luz; o que comtudo não durou muito tempo, porque, crescendo as intrigas contra Saldanha, foi este forçado a dimittir-se, e para o substituir foi Candido immediatamente chamado. Este chamamento provou bem o conceito em que o tinha a facção Miguelista; porque nada fazendo então a infanta regente que não fosse n'este sentido pelo terror que lhe tinhão inspirado com a vinda do irmão, não era possivel que fosse aconselha-

(*s*) No meu *Ensaio* sobre a usurpação, que serve de preliminar a estes meus *Annaes*, já expuz a parte que Candido teve n'esta conspiração liberticida.

(*t*) O general Saldanha achou-se doente desde que, na volta de Alemtejo, comeo e bebeo em casa do bispo de Beja, que creio não residia então lá. Disse-me o general que, conservando-se por muito tempo doente sem achar melhoras, um medico célebre de Lisboa lhe aconselhára tomasse remedios contra veneno; que assim o fizera, e que logo começára a melhorar.

da a nomeá-lo para substituir Saldanha se elle não fosse de opiniões inteiramente contrarias ás d'este. No ministerio se conservou até á chegada de D. Miguel, esperançado certamente em que com elle havia de ter grande valimento; porém enganou-se, porque o usurpador, melhor avaliador do caracter de Candido do que tinhão sido os constitucionaes, e não podendo esquecer de que se tinha recusado a seguir-lhe as bandeiras no 30 de abril, em poucos dias o dimittio. Como isto visse, e que tinha perdido o seu tempo em pertender amaciar os odios de um tyranno offendido, julgou prudente pedir passaporte, e retirar-se para Inglaterra, o que com effeito executou.

Conservou-se n'este paiz na obscuridade até que um novo acontecimento, que foi a revolução do Porto, o tirou d'aquelle estado, e o dêo de novo a conhecer pelo que valia, e pela importancia que tinha. As intrigas, que levárão o marquez de Palmella ao Porto, e todos os successos d'essa época, que já relatei, fizerão com que Candido fosse especialmente nomeado para tomar parte, e mui activa, n'esta fatalissima viagem do *agoureiro Belfast*. E com effeito, os seus serviços fôrão avaliados em tamanho preço, que na chegada do brioso exercito, que debalde quizerão sacrificar, e que contra a expectação e combinações da politica appareceo em Plymouth, foi elle nomeado para comman-

dar aquelle deposito da flôr da emigração. Mas não o foi sem um grande escandalo; porque n'este emprego foi preferido a um dos homens de honra, probidade, e valor, que mais brilhou entre os emigrados do Porto, e foi o brigadeiro Joaquim Quevedo de Souza Pizarro; o unico official-general que, com seu honrado irmão, Gaspar Pizarro, teve o nobre patriotismo, a heroica firmeza, e a valente ousadia de conduzir as reliquias, ou os *Penates livres*, até á terra do exilio! Assim no completo agrado da administração *Palmella*, que então tudo governava, se conservou elle ora em Inglaterra, ora em França até a chegada de D. Pedro á Europa, época, em que plenamente resuscitou toda a sua influencia politica. Um dos individuos, que tinha acompanhado o ex-imperador, foi o marquez de Rezende da casa de Penalva; e este, por antigas relações com Candido, quando elle vivia debaixo da protecção de alguns fidalgos, lh'o apresentou, e recommendou em París, segundo então ouvi dizer. E foi tão a proposito esta apresentação, que D. Pedro desde logo o tomou em affeição, e nunca mais d'elle se pôde separar: sympathia, que bem mostrou qual era o caracter politico tanto do protector como do protegido. Servio na casa ex-imperial primeiramente como secretario particular, e n'esta qualidade se fez logo notavel pela famosa carta que, em nome de D. Pedro, e em data de 6 de janei-

ro de 1832, escreveo ao coronel Rodrigo Pinto Pizarro, e da qual já fiz menção n'estes *Annaes*. Por este primeiro ensaio mostrou elle quanto valia e podia; e com toda a probabilidade foi o grande laço, que irresistivelmente depois o prendeo a todas as ambições e destinos de seu amo. Sim, este assassinio politico do coronel Pizarro abrio as portas a Candido para officialmente participar de todos os arcanos politicos do principe, em cujo primeiro serviço entrou, senão como algoz, ao menos como esbirro. Foi em consequencia d'isto pelo tempo adiante um dos seus constantes secretarios d'estado; e n'este emprego ora servio no ministerio Palmella e Mouzinho, ora nos que lhe succedêrão. Sempre com a mesma influencia no animo e conselhos de D. Pedro, quer fosse pelo seu máo estado de saude, quer por systema, tornou-se quasi invisivel ao publico; e vivendo como uma especie de magico, sempre occulto e retirado em um dos cantos do palacio, inspirou constantemente o principe em todas as suas resoluções. Morreo, emfim quasi de repente, extenuado de forças tanto em razão dos trabalhos assiduos que lhe dava o emprego, e que por sua ambição nunca largou, como talvez por effeito das saudades, que mais ou menos nunca deixão de atormentar os ambiciosos, quando os brilhantes prospectos da vida se começão a desvanecer, e a luz, que na mocidade allumia e abrilhanta

o futuro, começa com a idade, ou com as enfermidades, a tornar-se pallida, ou a dar sinaes de extinguir-se. E a sua morte, como acontece á de todos os homens, que nos altos empregos não souberão grangear veneração e respeito, se teve alguma lagrima de saudade, sería só a d'aquelles ou que havião participado do seu valimento, ou ainda n'elle se esperançavão! Fui um pouco longo em dar a conhecer o caracter d'este homem; porque não devendo ser a historia só o panegyrico dos mortos, mas um exemplo fiel para os vivos, n'ella achem elles exemplos imparciaes e verdadeiros tanto para os aborrecer como para os imitar.

Ainda estaria quente o cadaver de Candido José Xavier quando seus collegas procurárão dar-lhe um successor. Mas era elle homem tão importante, que em vez de um teve dous, que fôrão *Aguiar*, e *Margiochi*; o primeiro dos quaes teve a pasta dos negocios do reino, e o segundo a da marinha, que interinamente tinha Agostinho José Freire, e que agora trocou com a dos negocios estrangeiros, que pertencia a Candido. Nenhuma d'estas nomeações mereceo a opinião publica, e por diversas e contrarias razões. Aguiar, antigo substituto na universidade de Coimbra, e deputado de côrtes em 1826, tinha emigrado; e tanto n'esta situação como nas antecedentes ainda se não tinha feito recommendavel como homem distincto. Antes,

para fallar a verdade, como emigrado, e particularmente no ultimos tempos, se havia associado ao partido ministerial, que então não gosava nem de bons creditos, nem de boa opinião. Defendeo todas as suas medidas, e por esta sua boa indole começou a ser muito bem pago com lucrosos e importantes empregos. Esta nova recompensa acabou de mostrar seu intrinseco valor politico, que sendo de bons quilates para a administração que o nomeava, não o era para o publico, que não o pesava na mesma balança. Margiochi, pelo contrario, contado sempre entre os que militavão sem mancha debaixo das bandeiras constitucionaes, o amigo, e um dos companheiros do general Saldanha na sua viagem para o Porto, e, por conseguinte, caracter politico, que parecia irreconciliavel com o ministerio actual, que então era o objecto de um odio quasi geral; perdeo para com o publico a mais valiosa parte que tinha da sua antiga reputação politica. Parecia incrivel, e quasi que se não podia explicar, como um homem, que affectava seguir os principios politicos do conde de Saldanha (*v*), e seus amigos, se resolvesse a fazer parte de um ministerio, em que o conde nunca quizera entrar, bem que para isso muitas vezes convidado. Esta e outras muitas circumstancias fi-

(*v*) Tambem o conde não foi, passado tempo, mais firme em seus principios politicos; em troca de *quinquilharia* se despojou de ouro puro.

zerão com que seus amigos politicos ou lamentassem este seu desvio da carreira, que até ali com guapo nome tinha trilhado, ou desconfiassem da pureza e sinceridade de seus antigos principios. A verdade he, que attribuindo uns este seu procedimento á fraqueza, ou a falsas combinações, e outros a um caracter hypocrita, não faltou, apesar d'isto, quem mui deveras se magoasse de o vêr menos bem avaliado do que antes sempre fôra.

Em quanto porém tudo isto se passava no exterior do palacio, no interior d'elle cousas se passavão que derão muito em que fallar. D. Leonor da Camara, que de Lisboa havia sido expressamente chamada para aia e mestra da Rainha, e que voluntariamente e com grande risco accedêra a este convite, illudindo toda a vigilancia do governo usurpador; foi expulsa do paço, e do alto emprego que occupava, por D. Pedro. Tinha ella desde Londres acompanhado a Rainha para o Rio de Janeiro; tinha vindo com ella depois para a Europa; e sempre, quer em Inglaterra quer em França, e ultimamente na sua chegada a Lisboa, havia sido sua companheira inseparavel. De repente, e quando menos se imaginava, vio o publico esta extraordinaria mudança no palacio; o que dêo motivo, como era de razão, a milhares de conjecturas. Attribuirão muitos esta pequena revolução de palacio a motivos que já antes,

ou com verdade, ou só para este fim de proposito espalhados, alguma gente do partido ex-imperial por algumas vezes tinha querido fazer acreditar, e erão: que D. Leonor inspirava principios perigosos á Rainha tanto sobre religião como sobre politica. Mas estes rumores, por isso mesmo que erão propagados pelas mesmas pessoas que antes tinhão altamente elogiado a sua nomeação, e acertada escolha, havião sempre adquirido pouco credito. E a razão d'isto era, porque ao mesmo tempo dizião outros, que a verdadeira causa por que se procurava desacreditar os seus serviços era porque ella mostrava mais affeição e lealdade á filha do que ao pai, particularmente depois que com toda a certeza constára, que elle queria reassumir a coroa que com boa vontade parecia ter n'ella abdicado. Para isto se acreditar havia antecedencias de grande pêso, e uma d'ellas era: que quando, na abdicação de D. Pedro, a Rainha voltou para a Europa em navio separado d'aquelle em que vinha o pai, D. Leonor da Camara e o conde de Sabugal, que a acompanhavão, quizerão que ella, em vez de se dirigir para França ou Inglaterra, desembarcasse na ilha Terceira, onde então estava toda a força da emigração. Quando porém hião a pôr em pratica esta resolução, sahio-lhes o commandante da embarcação com uma ordem por escripto de seu pai, *em que o prohibia de desembarcar a filha*

em dominios Portuguezes (x). Isto queria dizer muito; e as inferencias, que d'este facto se tirárão, fortificadas com o futuro procedimento de D. Pedro, e dos chamados seus amigos, que não querião *rei mulher*, fizerão vêr que então havia projectos ácêrca da immediata sorte da Rainha. D. Pedro, que d'isto veio a saber, como era natural, nunca perdoou ao Sabugal, nem a D. Leonor esta tão boa e politica idéa que havião concebido; e muito mais contra ambos se indispôz quando ainda veio a saber, que não tinhão querido que a Rainha desembarcasse em França senão debaixo da condição expressa de ser ella recebida como a Soberana de Portugal; o que com effeito se executou. Constou depois que D. Pedro recebêra muito mal o conde e D. Leonor em *Belle-isle*, aonde tinha hido para se encontrar com sua mulher e sua filha; e todas estas circumstancias servírão para explicar a não esperada sahida de D. Leonor do paço, e a dimissão do importante emprego que occupava. D. Leonor, vendo-se assim maltratada, engeitou com muita dignidade e bizarria a pensão de um conto de réis annuaes com que D. Pedro cuidou poderia disfarçar a affronta que lhe fazia; e desde esse dia, como alguem escreveo n'aquelle tempo, *a Rainha de Portugal*, *no centro da sua capital*, *no meio de seus subditos*, *na pre-*

(x) Pessoa de muito credito me asseverou, que D. Leonor da Camara conservava uma copia d'aquellas instrucções.

sença do seu exercito, no seu palacio, e no seu quarto, foi outra vez entregue a mãos estrangeiras (*y*).

Ao passo que a politica do palacio e do gabinete ou dava muito que fallar, ou muito que temer aos verdadeiros amigos da liberdade constitucional, um grande desastre acontecia ás nossas armas de Alemtejo, junto a Alcacer do Sal em consequencia ou de pessimos planos de guerra, ou de uma traição premeditada. Um corpo importante, e tanto mais porque era composto de voluntarios, e muitos d'elles homens os mais respeitaveis e ricos da provincia, foi completamente derrotado pelas forças Miguelistas. Quem commandava a nossa gente era um tenente-coronel, chamado *Florencio*, o mesmo homem, que tendo estado antes na ilha de S. Miguel, e sendo ali commandante, havia sido dimittido e prêso pela camara constitucional da ilha, e n'este estado remettido para o Porto, quando ali estava o governo e o exercito libertador. Com estas antecedencias se lhe confiou ainda um commando tão importante, e por elle tão justificadas ficárão as authoridades de S. Miguel como mal avaliado o ministerio que para tal posto o nomeára. Acontecia isto no dia 3 d'este mez de novembro; e no dia 5

(*y*) He verdade que junto da Rainha se conservárão ainda o venerando conde de S. Paio, e a respeitavel condessa de Ficalho; mas erão só como duas arvores solitarias no meio de um deserto: quasi tudo o mais era estrangeiro.

o mesmo ministerio, talvez para diminuir a profunda impressão que este desastroso successo havia produzido no publico, apresentou na gazetta official, ou *Chronica*, a exposição do estado das nossas finanças, com a noticia de um novo emprestimo de dous *milhões sterlinos*; dando-lhe as côres mais lisongeiras, e pensando assim, ou que mais se acreditava, ou mais diminuia a impopularidade em que estava. Para que melhor se saiba o que isto era, e o que queria dizer, exporei de mais longe este negocio para que melhor por elle se conheção os homens que D. Pedro teimou sempre em conservar como seus ministros de confiança, e bem assim os agentes que taes ministros empregavão.

Quando, depois da entrada em Lisboa, se tratou de conduzir a Rainha, que estava em França, para a capital, parecia que para a acompanhar se houvessem de nomear pessoas de distincção que lhe fizessem o devido cortejo, particularmente quando passasse pela côrte de Inglaterra, que foi o caminho que tomou. Não aconteceo assim, porque, faltando-se a todas as decencias, o homem que se escolheo para esta commissão foi um estrangeiro sem nome e sem consideração, o Castelhano *Mendizabal*; facto, que causou não pequeno escandalo tanto entre os nacionaes como estrangeiros. Este escandalo se augmentou ainda com outra, ainda mais importante e delicada commissão, que lhe dêo

o ministerio d'esta época, que foi a de o *authorisar exclusivamente*, sem serem ouvidos os nossos agentes diplomaticos em Londres, que então erão o conde do Funchal, e Abreo e Lima, para contractar um emprestimo em nome da Rainha, e de o assignar. Foi este o mesmo emprestimo que a *Chronica* de 5 d'este mez annunciou mui pomposamente, e que, segundo me constou n'aquelle tempo, os contractadores d'elle, mais delicados do que o ministerio de D. Pedro, não quizerão ratificar afinal sem que fosse authorisado por mais alguma assignatura além da do estrangeiro Mendizabal. Este individuo, sem fallar na attendivel circumstancia de não ser Portuguez, tinha sido o agente do antigo emprestimo de *Ardouin*, com o qual, por via de suas agencias e commissões, era de presumir tivesse feito muitas amisades; e por isso se julgou talvez que era o homem mais proprio para esta nova negociação. Este emprestimo foi feito em Londres a 60 por cento, quando antes os capitalistas de Lisboa tinhão feito ao *par* um emprestimo de dous milhões de cruzados; confissão, que o proprio ministerio fez na sua gazetta official d'esse tempo. Isto mostra que se preferião os emprestimos estrangeiros com todas as suas usuras aos nacionaes; e que para isto havião boas razões, que o publico avaliará como quizer. Tambem n'esta mesma época se espalhou, que este emprestimo fôra vendido por

conta do governo; o que eu hoje não posso affiançar. Se porém o foi, largo campo se abrio a Mendizabal, e seus amigos, para segurar, pelo menos, a sua pingue commissão de 2 e meio por cento: porque ficou assim elle, contractador *nominal*, authorisado, e, por assim dizer, com a porta aberta para vender os fundos por qualquer preço do dia, e os fazer baixar e subir á sua vontade. O que porém ainda mais espantou a toda a gente foi vêr, que na presença de um emprestimo, tal como o que acabo de referir, os recrutamentos e as compras dos diversos objectos, que então se nos mandavão para Lisboa, se continuavão a fazer a longos creditos em Inglaterra, como se tal emprestimo não existisse. Sobre a applicação d'este dinheiro, que não servia para as cousas mais essenciaes, muitos boatos se espalhárão; e um d'elles foi, que uma grande somma, que alguem disse que subíra até 100 mil libras sterlinas, se remettêra para Lisboa a favor de uma alta personagem. Eu não affianço a verdade d'este facto; mas declaro que o ouvi a pessoa que o tinha como certo, e que então tinha interesse em indagar o modo por que todas estas cousas se fazião. Não direi emfim mais sobre este assumpto, e o concluirei: que tendo fallado de Mendizabal, devo, por imparcialidade e justiça, declarar, que mui importantes e grandes serviços elle nos fez; porém ao mesmo tempo não receio

dizer, que estes não erão os modos de lh'os recompensar; e que um governo, delicado e zeloso da sua reputação, podia ter achado outros meios para competentemente se lhe mostrar agradecido.

Por este tempo se renovou ainda um grande escandalo, e o mesmo, que já se havia começado no principio do anno 1832. O coronel Rodrigo Pinto Pizarro, a quem havião começado a assassinar civilmente em 6 de janeiro d'aquelle anno, e contra quem Candido José Xavier déra o primeiro golpe, recebeo outra ferida, como militar, pela mão de Agostinho José Freire, como ministro da guerra, que o dimittio da sua patente de coronel. E qual era o crime do coronel Pizarro? Era ter francamente declarado que D. Pedro, depois de haver abdicado a coroa de Portugal, não podia ser regente na minoridade de sua filha, segundo a carta constitucional que elle mesmo tinha dado e assignado. Responder, portanto, a uma discussão politica com actos de despotismo, foi o mesmo que declarar expressamente ao publico, que o coronel tinha razão, era innocente, e que só por uma baixa vingança um tal procedimento se podia explicar.

N'esta mesma épocha morreo um homem notavel, o doutor *Abrantes*, victima das injustiças, ambições, e até dos desprezos do ministerio de D. Pedro. Aquelle homem, que se ergueo das ultimas classes sociaes a gran-

des honras, e empregos, vendo-se por fim maltratado por aquelles que antes muito o tinhão honrado por seu distincto merecimento, cedeo mais, e com mais antecipação, aos estimulos moraes, que lhe minárão a existencia, do que aos effeitos da molestia que o levou á sepultura. Apesar de ser eminente na sua profissão, como medico, pertendeo figurar sempre em outra esfera; e para isso cortejou o throno, os grandes e os poderosos, de quem ora foi bem recebido, ora maltrado; e por este seu procedimento perdeo o socego, de que podia constantemente gosar, se a ambição de ser muito ou de ser tudo o deixasse conservar um systema seguido, e o não fizesse umas vezes pender para a aristocracia, e outras para o partido popular. A este fez elle, com effeito, grandes e efficazes serviços no anno 1826 para a prompta acceitação e juramento da carta constitucional, quando, de commum acôrdo com o general Saldanha, levou a effeito esta bella obra. Em grande valimento então com a infanta regente, d'esse valimento se servio elle nobremente a favor da liberdade da sua patria. Ganhou porém com isto grandes odios tanto da parte da nossa aristocracia como da politica estrangeira, *Gallo-Britanica*, que n'essa época e nas seguintes muito se oppôz á nossa emancipação politica; e em consequencia d'elles as intrigas domesticas e estrangeiras o procurárão separar do lado da infan-

ta, dando-lhe uma simulada commissão para a côrte do Rio de Janeiro, e do novo rei D. Pedro IV. Este o recebeo magnificamente, e muito o honrou, porque o nomeou um dos conselheiros d'estado em a nova ordem politica. Regressado porém a Portugal, encontrou ainda mais fortes as intrigas do que as que o tinhão feito passar ao Brazil; e por força d'ellas apenas se pôde demorar poucos dias em Lisboa, porque, sem lhe quererem confirmar a sua nomeação de conselheiro, derão-lhe uma nova e simulada missão que foi, a de o nomear para fazer parte da legação diplomatica de Londres. Ali, e em París se conservou durante a épocha desastrosa da usurpação, seguindo sempre a sorte dos constitucionaes, e sem nunca abandonar as bandeiras da carta, pela qual briosamente havia pugnado quando se tratou, e duvidou da sua acceitação. Voltando a Lisboa pouco antes de morrer, e já em estado muito enfermo, e vendo que D. Pedro não só lhe negava o emprego de conselheiro d'estado para que o tinha nomeado, mas que além d'isto achava dados alguns dos seus antigos empregos; não pôde resistir ao effeito moral que estas injustiças produzirão em seu espirito, já abatido pelas enfermidades, e em pouco tempo morreo de doença e desgostos. Pelo menos a estas causas moraes attribuio a sua familia, com outras muitas pessoas, o apressuramento da sua morte.

Quasi pelo mesmo tempo em que o governo de D. Pedro abbreviava a vida ao doutor Abrantes, offendia elle o valor militar, e o caracter politico de um dos nossos generaes, o valente e sempre fiel general Stubbs. Desprezado em França, quando D. Pedro sahio para as ilhas, e havendo por este motivo publicado um honroso protesto com os generaes Moira, e Cabreira, por muito tempo se conservou na terra estrangeira, ora em França, ora em Inglaterra, até que os acontecimentos, mais poderosos que as pequenas paixões dos homens, obrigárão o ministerio, já então no Porto, a chamar todos os officiaes emigrados que se achavão, por assim dizer, proscriptos por aquella administração. Entre elles, como já disse, estava o conde de Saldanha, que, ao ouvir este forçado chamamento, foi logo um dos primeiros que se apresentou prompto a partir. O general Stubbs, que n'essa época já estava em Londres, e tinha francamente declarado que não hiria para o Porto sem que fosse em companhia do conde, tanto que soube da resolução d'este, declarou logo que o hia acompanhar; e assim o executou com os mais individuos, que já mencionei, quando relatei esta viagem. No Porto servio Stubbs, ora como commandante de uma divisão, ora como governador do districto da Foz quando d'ali sahio o general Saldanha; e em todos estes empregos, e em todas as acções

do memoravel cêrco d'aquella heroica cidade se mostrou elle sempre não só como valente e experimentado soldado, mas como bom patriota, e um dos mais fiéis amigos do conde. Tornando-se necessaria a presença d'este em Lisboa para se oppôr aos rebeldes, que ameaçavão a cidade, ficou governando o Porto, tendo por seu chefe d'estado-maior o bravo e distincto coronel Pacheco. Não se podia ter feito mais acertada escolha, porque ambos tinhão não só a inteira confiança do exercito, porém a de todos os habitantes da cidade; e por este motivo parecia que ella sería permanente. Não aconteceo porém assim, porque n'este mesmo mez se lhe tirou o commando e o governo para a dar ao general Torres, o official, que ultimamente tinha defendido a Serra do Pilar. Ninguem podia negar a este ultimo official o valor, a constancia, e a energia com que sustentou aquelle importantissimo pôsto militar, e muito menos negar-lhe a gloria com que se havia cuberto n'aquella brilhante defeza; porém era elle proprio para dirigir no campo um exercito, e para governar civil e politicamente uma cidade como o Porto? Era o que muita gente duvidava sem lhe querer roubar o mais pequeno quilate do seu merecimento; porque dizião, que o homem, que se mostra o mais capaz de defender até á morte uma praça ou um posto perigoso, não era sempre o mais proprio para commandar um exercito,

ou governar uma cidade; e n'este caso, sem quererem injuriar o seu caracter e valor militar, lhes parecia que estava o general Torres. Para se desculpar esta mudança, que geralmente desagradou a todos, e com muita especialidade ao conde de Saldanha, segundo então me constou, fez-se espalhar no publico, que Stubbs estava velho e doente, e que por isso era necessario substitui-lo; porém no pensar da gente, que conhecia não só as intrigas ministeriaes, mas as do palacio, outros bem diversos erão os motivos que tinhão produzido esta mudança. Stubbs era o antigo amigo de Saldanha; já no anno 1827, sendo governador do Porto, havia sido accusado, e dimittido só porque ameaçou resistir ás violações da carta, e aos desejos que já se manifestavão de aplanar o caminho para o usurpador; e agora, conservando a mesma amisade, e os mesmos principios politicos, tinha toda a confiança e estimação dos liberaes do Porto, que, na ausencia de Saldanha, contavão com elle, e d'elle tudo esperavão. Eis-aqui, pois, estavão os motivos que a gente liberal instruida dava para esta mudança politico-militar. O ministerio de D. Pedro acabava de nomear e mandar para o Porto um governador civil, com o nome de prefeito da provincia, e era elle *Gonçalves de Miranda*, que, em outro tempo, inimigo declarado dos membros que agora compunhão o ministerio, se alistou depois debai-

xo de suas bandeiras, e por sua docilidade tinha comprado aquelle emprego. Erão-lhe, portanto, necessarias estas e outras que taes nomeações para o desempenho de certos projectos politicos que tinha, e até para cumprimento de certas promessas que se tinhão feito a D. Pedro; e por isso, para que se realissassem, era necessario que homens do caracter do general Stubbs não estivessem nos grandes governos. Um dos grandes instrumentos e mais efficazes que se procuravão organisar era uma camara de deputados toda de molde para se executar a grande obra que o ministerio tinha imaginado a favor das pertenções de D. Pedro; e por conseguinte não convinha conservar no Porto um homem como Stubbs, apoio dos liberaes, e que nem se podia manejar nem corromper. Constou-me então que o general Saldanha muito estranhára este proceder do ministerio, e que lh'o déra francamente a saber; e tinha razão, porque com isto não só os interesses da patria perdião, porém os do mesmo conde-general, a quem, por esta combinação ministerial, se quiz provavelmente tirar um apoio, caso que no futuro se quizesse fazer contra elle algum ataque directo, porque dos indirectos era elle o alvo, havia já muito tempo. Quando se pertende tomar uma praça forte começão-se os ataques pelas obras exteriores; e o Porto, governado pelo general Stubbs, era, em verdade, um reducto de

muita importancia para defender a posição politico-militar, que Saldanha n'aquelle tempo occupava, e na qual dava profundos ciumes e receios tanto ao ministerio como a D. Pedro.

A attenção publica se excitou extraordinariamente por este mesmo tempo com a publicação de uma segunda carta que o conde da Taipa dirigio a D. Pedro. Já pela primeira as opiniões se havião dividido relativamente aos assumptos que n'ella tratava; porque havia accusações justas contra o ministerio, em que todos concordavão, menos os que elle nutria com os sobejos da sua mêsa; e havia outras que parecião menos justas, e até impoliticas, como as que se referião ao contracto do tabaco; motivo por que esta primeira carta, passados os primeiros momentos da sua apparição, perdeo o seu interesse politico. Não aconteceo porém assim com a segunda, e por uma razão muito simples, porque não só se renovárão, e com mais acrimonia, as accusações contra o ministerio, porém tocava pontos que desagradárão a quasi todos os partidos, e um d'elles de summa importancia n'aquelle momento, foi a amnistia geral, que o conde pedia para todos os que tinhão servido a usurpação, menos para o seu chefe D. Miguel. O ministerio, que n'este segundo ataque vio já um plano systematico para se desacreditar a sua administração, e ao mesmo passo que

o author da carta, por suas opiniões, era vulneravel perante o publico, tomou então uma resolução atrevida, e mal calculada, que foi mandar prender o impressor, e agarrar grande parte dos exemplares que ainda se estavão imprimindo. Digo que foi mal calculada, porque estando a carta assignada por seu author, e declarando elle ao mesmo tempo na imprensa, que ficava responsavel por tudo o que n'ella se continha, mostrou o ministerio a maior fraqueza imaginavel, fazendo recahir todo o seu odio no desgraçado impressor, e deixando impune o author. Este procedimento desacreditou o ministerio que, conhecendo depois o seu erro, o fez cahir ainda em outros mais graves. Principiou por fazer publicar na *Chronica*, sua gazetta official, e em outros papeis, visivelmente debaixo da sua influencia, artigos indecentes e descomedidos contra o conde, chegando o cynismo typografico-ministerial até o insultar de peculato, alludindo a factos antigos; e depois de assim ter procurado enxovalhálo he que se lembrou de o mandar prender, e por um modo pouco civil e delicado. A esta prisão resistio nobremente o conde de Ficalho, porque o Taipa tinha hido buscar refugio em sua casa; e resistio, porque se persuadio, e com razão, que ella era inconstitucional. Este facto, tão mal combinado como mal executado, augmentou os odios que já havia contra o ministerio não só por par-

te da alta aristocracia, porém dos liberaes puros que então a defendêrão, porque virão n'aquelle attentado um ataque directo contra a carta, que positivamente ordenava, que um *par* do reino nunca podesse ser prêso senão por ordem da sua respectiva camara, salvo em flagrante delicto, e de pena capital. E com justiça assim o fizerão, porque aquillo, que então o ministerio ousava praticar, com tanta ou maior facilidade o faria em outra occasião contra um deputado, ou um simples cidadão.

Os pares, que mais que ninguem erão interessados n'este negocio, pedírão explicações ao governo sobre elle; e a resposta que tiverão, em vez de os socegar, mais os irritou, porque, em verdade, foi muito mal concebida, até de algum modo insultadora, por ser lançada na gazetta do governo, e com termos, que nem convencião, nem conciliavão. O resultado foi, que os pares, em numero de nove (z), e erão quantos por este tempo se achavão em Lisboa, e se reputavão puros do crime da usurpação, fizerão então um *protesto* em fórma contra o acto praticado contra o conde da Taipa, e o dirigírão particularmente a D. Pedro, como exercendo o *poder moderador* da carta, na quali-

(z) Os nomes dos pares que assignárão o protesto são os seguintes: duques da Terceira e de Palmella; marquezes de Fronteira, Ponte do Lima, de Loulé, e Sancta Iria; condes de Lumiares, de Ficalho, e Paraty.

dade de regente temporario que era. Este protesto abrio um pouco os olhos ao ministerio, que, por occasião d'elle, começou a vêr as difficuldades em que se havia imprudentemente metido, e os perigos que podia correr, visto que a opinião publica se hia cada vez desenvolvendo mais contra elle, e até no exercito, commandado pelo marquez de Saldanha, que abraçou a causa dos pares por ser a da carta. Não teve por consequencia outro remedio senão retroceder, manifestando a sua fraqueza; e na ultima resposta que dêo, já muito moderada, e decente, e até servil pelos elogios que fez aos pares, declarou emfim, e confessou, que o caso era difficultoso, e que a sua decisão ficasse para as camaras. Assim ficou suspenso este negocio, sem que houvesse procedimento ulterior contra o conde da Taipa. Antecipei muitos d'estes successos que se passárão no mez seguinte, de dezembro, por estarem ligados com o primeiro, que foi a publicação da carta do conde, da qual todos se originárão; parecendo-me, que, por esta fórma, dava mais ligação, e por consequencia mais clareza aos acontecimentos d'esta época.

As imprevidentes leis, que o ministerio *Mousinho* tinha concebido e publicado, e que seus successores tinhão adoptado, vierão com o tempo, que he o grande mestre de tudo, a mostrar-se senão completamente impraticaveis, pelo menos em grande parte,

é essa bem essencial. Tal foi a da adopção da moeda estrangeira com um valor que lhe não competia, e outras, pelas quaes loucamente se abolírão certos tributos essenciaes para pagamento de juros, e mais despezas da primeira necessidade, sem que por outros, ou por novas providencias fossem, como devião ser, immediatamente substituidos. D. Pedro, e o seu ministerio, que então se vião em difficuldades, recorrêrão á convocação do conselho d'estado para verem se d'elle tiravão remedio para o grande mal que os opprimia. Uma parte dos conselheiros, que vião d'onde particularmente procedião os embaraços do governo, e que não erão outra cousa senão a incapacidade dos ministros, procurou n'esta occasião manifestar a D. Pedro a impropriedade de os conservar; mas elle tomou ardentemente a sua defeza, dizendo, *que era em tudo e por tudo da mesma côr politica, e que por isso os não dimittia.* Pareceo extraordinaria a vehemencia com que Margiochi, conselheiro d'estado e ministro, defendeo os seus collegas; porém se n'isto mostrou coherencia, não a mostrou em se ter associado com elles. Os conselheiros, que mais atacárão o ministerio, segundo o que então se espalhou no publico, fôrão o duque de Palmella, Trigoso, e Guerreiro. Este affinco, com que D. Pedro procurava em todas as occasiões defender os seus ministros, fazia vêr, cada vez mais palpavelmente, ás

pessoas que olhavão com seriedade para os negocios publicos, que entre elle e os ministros havia certo *pacto de familia*, que indicava grandes, communs, ou mutuos interesses.

N'este mez o mesmo ministerio commetteo uma flagrante violação da carta constitucional, que foi a publicação de uma *ordenança*, pela qual ordenou a *censura* dos escriptos publicados pela imprensa. Dizia a carta, no § 3.° do artigo 145, literalmente o seguinte: „ Todos podem communicar os seus pensamentos por palavras, escriptos, e publicá-los pela imprensa sem *dependencia de censura*, com tanto que hajão de responder pelos abusos que commetterem no exercicio d'este direito nos casos, e pela fórma que a lei determinar. „ Por ella se vê que n'este ponto a carta era positiva; o direito inquestionavel; e que, por consequencia, a violação foi flagrante, e despotica. Quem por ella, comtudo, se tornou mais directamente responsavel foi o ministro que assignou a *ordenança* (*a*); e n'este tempo era elle *Joaquim Antonio de Aguiar*, ministro do reino. Se este ministro se julgava authorisado para poder legislar sobre a *censura*, porque não applicou antes seu presumido direito a fazer um regulamento, ou lei provisoria, para co-

(*a*) Tenho ousado d'esta palavra *ordenança*, porque ella se tornou classica depois que operou a revolução de julho em França no anno 1830.

hibir os abusos da imprensa, segundo a carta exigia? Por este modo tambem seguio o exemplo de um dos seus antecessores, o exministro Trigoso, que, no anno de 1826, commetteo o mesmo attentado contra a carta, trilhando, como elle, a vereda dos algozes do entendimento, em vez de tomar a estrada direita dos homens livres, que, por educação ou principios, nada tanto respeitão como a liberdade intellectual dos seus similhantes.

Nem no estado militar nem politico tiverão os nossos negocios notavel alteração neste mez; porque os dous exercitos, constitucional e rebelde, conservárão quasi as mesmas posições, e nada ostensivamente se adiantou sobre a esperada interferencia de Inglaterra e França nos successos da Peninsula Hispano-Portugueza. A nossa administração domestica, sempre dirigida pelos mesmos homens, e, por consequencia, pelos mesmos principios, foi comtudo cada vez a peor, pois que esse he sempre o resultado de systemas mal combinados. Em politica, assim como em moral, e, para ser mais exacto, em todos os passos da vida dirigidos por um certo plano ou bom, ou máo, o primeiro he que custa, os outros naturalmente tomão a mesma direcção. O ministerio que, vendo a impopularidade que tinha, julgava que a sua permanencia no officio não podia durar muito, procurava ao menos conservá-la até a

convocação das côrtes, nas quaes esperava poder formar uma maioria favoravel por meio das eleições que presumia sería capaz de dirigir. N'este plano estavão envolvidos não só seus proprios interesses, que erão a effectividade dos empregos que para si tinhão destinado, porém os de D. Pedro, que para os conseguir lhe tinha affiançado a sua constante protecção. Para chegar a estes fins o meio que teve por mais efficaz, e talvez por mais infallivel, foi o hir-se rodeando de grande numero de dependentes, a quem dava ou promettia empregos, criadagem, que nunca falta em torno do centro do poder. Mas n'esta distribuição de graças, que elle reduzio a uma especie de *loteria*, ao passo que procurava estabelecer o seu mais firme ponto de apoio, estabelecia novos elementos da ruina, ou decadencia. Continuou a dar os mais importantes logares do estado a homens em quem se não procurava outro merecimento senão a obediencia passiva; e sendo esta a condição essencial para ganhar empregos, de necessidade toda a administração começou a vestir-se de habito de *arlequim*; porque n'ella se virão individuos de todas as côres, bem que os puros liberaes erão os que mais raros se divisavão n'esta multiforme associação de empregados. Na mesma repartição se encontravão ás vezes Miguelistas, *chamorros* (*b*),

(*b*) Nome que se começou a dar aos que não erão liberaes puros, porém *puros* servos do poder.

e até estrangeiros; o que não só se praticava nas repartições civis, porém mesmo dentro do paço. Em uma só familia se vio o exemplo de dous d'aquelles caracteres, que fôrão Francisco Gomes da Silva, e seu pai; o primeiro dos quaes era Brazileiro, e o segundo um Miguelista conhecido. O pai foi nomeado thesoureiro da casa real, e o filho teve o emprego de secretario da casa de Bragança, que D. Pedro já considerava como sua em virtude da promessa de seus ministros. D'este ultimo ouvi referir uma anecdota, que mostra bem o caso que se fazia de nós no Rio de Janeiro antes dos successos de 1830. Escrevendo a seu pai, em julho de 1827, dizia-lhe estas memoraveis palavras: „ Ahi vai o sñr. infante; lá se avenhão com elle, porque meu amo (D. Pedro) não quer saber mais nada de Portugal! „ Os dous *Almeidas*, ambos Brazileiros, tambem achárão emprego no palacio; um d'elles como escrivão dos filhamentos, e o outro como guarda-joias. Eis-aqui resumidamente qual era o aspecto da administração d'esta épocha; e como ella se fortalecia para conservar a sua existencia.

No seguinte mez de dezembro tivemos um desgraçado acontecimento, que se classificou como um dos nossos maiores desastres militares, e foi elle a morte do valente coronel José Joaquim Pacheco, commandante do 10 de infantaria; resultado do recontro

que houve com o inimigo no primeiro d'este mez na baixa chamada da *Areosa*, junto ao Porto. Tendo ficado gravemente ferido, morreo no dia 2 pelas nove horas da noite; e no dia seguinte 3 foi dado á sepultura na igreja da Lapa pelas seis horas da tarde, entre o lucto e a tristeza universal não só de toda a tropa, e com especialidade do seu regimento, do qual elle era o pai, e o modelo, porque se havia tornado um dos corpos mais bem disciplinados, e bravos do exercito libertador. Como he do dever do historiador pagar imparcialmente justiça ás grandes virtudes, como imprimir deshonra nos grandes crimes, direi, que poucos cidadãos teve Portugal n'esta épocha importante que mais serviços lhe fizessem, e maior honra lhe dessem. Não foi elle só uma das primeiras glorias do exercito constitucional, pois que suas virtudes como cidadão erão iguaes ao seu merecimento militar. Foi muito o que fez o coronel Pacheco, em quanto major do regimento de infantaria 23, depois do dia funesto da *Mizarella* (*c*). Fôrão muitos, ou antes fôrão immensos os serviços que elle prestou na restauração do archypelago Açoriano; seu nome ficou desde então para sempre gra-

(*c*) Este desastroso acontecimento se attribuio á pouca resolução, ou incapacidade que n'aquella occasião mostrou o coronel Zagallo (que morreo depois brigadeiro), o qual commandava a força postada perto da ponte da Mizarella em 1826. Ao Pacheco, e João Nepomuceno se deveo o não haver perda total.

vado no coração dos Portuguezes, e nas paginas da sua historia. No desastre de *Souto-Redondo* se mostrou elle tão grande e sublime como altamente benemerito da patria. Emfim em Ponte-Ferreira, em 29 de setembro de 1832; nos dias 4 de março, 25 de julho, 18 de agosto de 1833; e em todos os combates da liberdade ganhou Pacheco uma gloria immortal, desenvolvendo em defeza da patria tal valor e pericia militar, que sua falta se fez profundamente sentir no resto da gloriosa lucta em que andavamos empenhados. Quando o conde de Saldanha foi obrigado a correr á capital, entre os muitos e benemeritos officiaes escolheo Pacheco, como chefe d'estado-maior do exercito libertador do norte, para ajudar o tantas vezes já provado valor, e grande experiencia do general Stubbs. Porém mal sabía, ou podia então presumir o conde-general que fazia um presente funesto ao seu melhor amigo, e camarada. Em vez de louros lhe preparou cyprestes, mas ao menos foi no campo da honra em que, pelejando, como sempre, briosamente pela liberdade e pela patria, achou uma morte tão illustre como illustre fôra sempre a sua vida. Como soldado e capitão foi o moderno Pacheco digno emulo do antigo; e assim no seculo presente soube ainda fazer brilhar um nome de que nossa historia tanto se honra nos seculos passados. Isto só basta para venerarmos sua memoria.

D. Pedro, ainda não satisfeito de ter derramado uma copiosa abundancia de graças e favores no seu capellão, padre Marcos, fazendo-o reformador do clero regular e secular, e commissario geral da bulla da Cruzada, quiz ainda torná-lo mais visivel no mundo, apresentando-o no dia 8 d'este mez na sé de Lisboa como esmoller mor da Rainha de Portugal, D. Maria II. A par d'esta nomeação fez quasi no mesmo tempo outras, que mais agradárão ao publico, que fôrão as do marquez de Sancta Iria, e de Thomaz de Mello para camaristas da Rainha. Ao menos com a escolha d'estes dous nobres Portuguezes fez vêr que o palacio não era só patrimonio de estrangeiros.

N'este mez morreo ainda em Inglaterra uma das nossas notabilidades politicas, o conde, e depois marquez do Funchal, o deão da diplomacia Portugueza, e talvez de todos os diplomaticos da Europa. Irmão do primeiro conde de Linhares, D. Rodrigo de Souza Coutinho, passou quasi toda a sua vida fóra de Portugal, e quasi sempre empregado em diversas missões diplomaticas. Com muito talento, e mui variados estudos nos diversos ramos da literatura e das sciencias, ainda que em geral conservou sempre as idéas politicas tanto da sua classe como da sua longa profissão, tinha comtudo certa especie de liberalidade, e muita independencia de juizo sobre tudo que tinha relações com os a-

busos das nossas duas antigas ordens do estado, a *judicial*, e *ecclesiastica*, ás quaes constantemente attribuia todos os males que havião produzido a decadencia da monarchia. Predominado porém por duas idéas fixas, que por muitos annos formárão a base de todos os seus raciocinios, perdeo, em consequencia d'ellas, toda a independencia de raciocinar; e por isso se achou sempre em contradicção com as idéas de seus ultimos tempos. Estas duas idéas fôrão um odio cégo a tudo que emanou da revolução Franceza, assim como a tudo o que se operou em virtude da nossa regeneração politica de 24 de agosto do anno 1820. Em todas estas cousas não vio senão o fantasma do jacobinismo; e em consequencia d'isto foi, por mais de uma vez, injusto, até imprudente, tanto em seus actos como em seus escriptos. O odio, que concebeo contra todos os successos do anno 1820, foi tal, que se me asseverou, por mais de uma vez, que elle fizera parte da associação que outros Portuguezes (*d*) estabelecêrão nos annos 1821 e 1822 em París para tirar a coroa a D. João VI. pelo crime que lhe imputavão de ter annuido á regeneração de 24 de agosto, e de ter jurado a constituição politica feita pelas côrtes d'aquelle tempo. O que se me participou ácêrca d'este facto já

(*d*) As pessoas principaes que, segundo me affirmárão, fizerão com elle parte d'aquella associação, erão: — o marquez de Marialva; conde de Porto-Sancto; Brito, &c.

eu mencionei em pag. 14, e 177 do meu *Ensaio Politico* sobre as causas que preparárão a usurpação do infante D. Miguel, e por isso escuso agora d'aqui o repetir.

Foi este marquez do Funchal, como homem de letras que era, mui apaixonado por escrever e publicar as suas opiniões; e parte d'ellas se achão transcriptas em diversos artigos do *Investigador Portuguez* em Londres, bem que n'ellas nunca appareça o seu nome. Elles, comtudo, se podem bem conhecer pelos principios que constantemente o author manifesta, os quaes em geral ou são para defender os fataes resultados do tratado de commercio de 1810, assignado por seu irmão; ou são uma apologia quasi sempre constante da politica Ingleza em opposição á Franceza. Os mesmos principios são visiveis em algumas das respostas que elle dá no mesmo jornal aos vehementes ataques que repetidas vezes lhe fez o *Correio Braziliense*. Além d'estes, e outros artigos avulsos, publicados no *Investigador Portuguez*, as obras mais importantes, que d'elle conheço, são: — As *instrucções* que se derão em Roma ao nuncio que no tempo de D. João III. passou a Portugal; obra que traduzio, e mandou imprimir, mas que não quiz que durante a sua vida se publicasse: — *Uma carta*, dirigida a um abbade Italiano sobre a gloriosa parte que o nosso exercito teve na guerra da Peninsula; escripta em Italiano, e traduzida em Fran-

cez no anno 1819: — As *Coincidencias de datas*, pequeno folheto, transcripto nos primeiros numeros do meu Campeão Portuguez em Londres: — e emfim a *Introducção ás notas supprimidas em* 1821; publicada em Londres no anno 1823, e ali reimpressa em 1832. Nesta ultima obra desafogou elle todo o seu odio contra a nossa regeneração politica de 1820; e n'isto mostrou não ser improvavel que houvesse tido parte na associação de París que ha pouco mencionei. Sei que escreveo ainda outro livro, que imprimio, mas que conservou occulto, contra os principios politicos do conde da Barca, *Antonio de Araujo*, de quem se mostrou sempre inimigo pelo considerar do partido Francez; e n'esta qualidade um dos seus antagonistas. Não conheço porém esta obra, nem nunca a vi, e não sei mesmo se indico exactamente o seu assumpto, porque apenas d'ella tenho noticia por algumas informações que me dérão.

A *Chronica* do dia 23 d'este mez de dezembro, gazetta official do governo, noticiou que D. Miguel não quizera acceitar as propostas que se lhe havião feito por intervenção de Hespanha e Inglaterra; e depois d'isto não se vio que as potencias medianeiras déssem mais algum passo conhecido a nosso favor. A quem examinava a marcha que levava o ministerio de D. Pedro não admirava esta especie de abandono em que nos tinhão os governos que se dizião nossos ami-

gos, porque estes lhe não erão affeiçoados, muito particularmente depois que virão a teimosa tenacidade com que D. Pedro o sustentava, apesar de perder todos os dias a opinião publica tanto dentro como fóra do reino. O governo Inglez, por exemplo, o detestava, porque n'elle figuravão homens que tinhão representado na sua scena politica de 1820, e se havião estabelecido sobre as ruinas do ministerio *Palmella*, que elle protegia; o Francez, porque, determinado a fazer retrogradar quanto podia a exaltação dos principios dos seus grandes dias de julho de 1830, falsamente se persuadia que elle marchava no mesmo sentido; e o Hespanhol, que representava todo o *apostolicismo* da sancta alliança, porque, não vendo n'elle senão o espirito de um jacobinismo puro, receava que a influencia de seus actos produzisse ou accelerasse em Hespanha as mudanças politicas que depois de tanto tempo não cessava de reprimir. Mas as apparencias raras vezes designão com exactidão a realidade das cousas; e he o que agora acontecia com o ministerio de D. Pedro. Este ministerio não era nem jacobino, nem revolucionario no verdadeiro sentido d'esta palavra, e muito menos era democratico; era rigorosa e puramente ambicioso; e nunca dominado por essa ambição nobre que produz grandes feitos e grandes maravilhas, mas por essa ambição de egoismo, e por todas as paixões de indivi-

dual interesse: era um *solipso* politico, que queria fazer a sua fortuna e a de seus amigos. Se muitos dos seus actos fôrão em verdade revolucionarios, não o erão assim porque fossem consequencia de um judicioso espirito de reforma, mas porque fôrão filhos ou de inconsideração, por serem feitos fóra de tempo, ou porque nascêrão de interesses ou odios particulares.

Os grandes erros, ou os grandes delictos dos funcionarios publicos muitas vezes se disfarção pela superioridade das luzes ou talentos, porém, para dizermos a verdade, nada d'isto havia no ministerio de D. Pedro; porque se na politica interna não mostrou a capacidade governativa que as circumstancias demandavão, tambem na politica externa a não mostrou. Com Inglaterra, por exemplo, se mostrou muitas vezes desprezador de todas as suas offertas, e passados dias lhe pedio auxilio e protecção. De Hespanha não tirou tambem o partido que podia tirar n'aquella occasião, porque dando-se a esse tempo já como infallivel a morte proxima do rei Fernando, era de presumir, que n'aquelle lado da Peninsula aconteceria o mesmo que estava acontecendo em Portugal, isto he, a guerra civil, fundada nos mesmos principios que a nossa, a usurpação, que um tio pertendia fazer a uma sobrinha. Em casos e perigos identicos que cousa mais natural havia do que fossemos nós os primeiros em nos

dirigir á côrte de Hespanha para formarmos laços politicos com ella? Havia toda a probabilidade de que a nossa alliança sería muito bem recebida, porque no caso do novo governo de Hespanha se vêr necessitado, como era de esperar, a buscar auxilio estrangeiro, antes o havia de querer achar entre nós do que em Inglaterra ou em França, que era muito natural lh'o offerecessem. E para isto havia já uma razão muito forte, que era o estar o pertendente D. Carlos refugiado entre nós, e já reconhecido e auxiliado por seu sobrinho D. Miguel. Porém no ministerio de D. Pedro nunca entrárão estas idéas; guardou-se para depois figurar como pupillo, e ás ordens da *quadrupla* alliança, quando só por si podia, mais livre e nobremente, figurar; e talvez com isso désse mais uma prova de fraqueza e pouca intelligencia ao governo de D. Miguel, que n'esta mesma épocha regeitou as offertas que se lhe fizerão. D'esta falta de politica resultou tambem, que o novo governo de Hespanha esteve por muito tempo sem reconhecer a nossa Rainha, quando ambos os paizes estavão correndo os mesmos perigos.

Quasi por este tempo a heroica cidade do Porto dêo uma grande lição ao governo. Por uma arbitrariedade indesculpavel nunca se tinhão mandado eleger as municipalidades nas duas cidades do Porto e Lisboa; e em vez d'ellas o governo tinha nomeado umas

vousas, que elle denominava *commissões municipaes*, todas compostas de gente da sua escolha. Além da violação flagrante da carta, havia ainda n'isto um gravissimo insulto feito aos briosos habitantes de ambas as cidades; porque defendendo ellas com tanta bizarria e valor a sua independencia e liberdade, não as julgavão capazes de exercerem dentro de seus muros, que tão valorosamente defendião, um dos seus direitos como cidadãos. A tudo isto accresceo, que na tal commissão do Porto havia membros notoriamente Miguelistas, que tinhão jurado e servido D. Miguel; e como então se tratasse dos sequestros feitos a alguns individuos d'esta classe, moradores no districto, pertendeo-se alliviar um, assaz notavel, d'esta medida geral. Então o povo do Porto, que tudo tinha sacrificado para disputar aos Miguelistas sua vida e liberdade, e actualmente as estava ainda sacrificando, recorreo á força, e por ella conseguio o que por boas razões não podéra conseguir. Forçou a casa da camara; e n'esta violencia, de que o ministerio era a primeira causa, ficárão alguns membros d'aquelle *conciliabulo municipal* muito mal tratados, e a authoridade publica perdeo o respeito que teria se tivesse sido legalmente organisada. Para emfim se restituir a paz dissolveo-se a actual commissão, e se dêo interinamente ao povo outra, composta de pessoas que merecêrão toda a sua confiança.

O ministerio, que vio a seriedade do negocio, e que receou se representasse em Lisboa a mesma scena que tinha havido no Porto, sanccionou tudo o que ali se tinha resolvido, e dêo-se pressa a publicar a lei para a nomeação das camaras municipaes, lei, já discutida e approvada pela camara dos deputados do anno 1826. E não se contentou só em promulgar a lei quasi immmediatamente ao caso acontecido, porém mandou logo proceder á eleição da camara do Porto. Na de Lisboa houve ainda alguma demora, que se procurou justificar pela difficuldade do recenseamento em algumas das mais populosas freguezias, como a de sancta Isabel; e só se organisou no mez de abril do anno seguinte.

Já antes disse como o ministerio, que se julgou authorisado para fazer uma ordenança para a censura da imprensa, não se considerou habilitado para fazer outra que regulasse a sua liberdade. Estava portanto a imprensa n'este tempo com grilhões nos pulsos, e apesar d'isso uma sociedade de amigos escolhidos, entre os quaes figurava o marechal conde de Saldanha, teve idéas de publicar um periodico, pelo menos semanal, persuadida de que com elle sempre algum bem se podia fazer á nação, cujo maior mal que padecia era a ignorancia. Para esta empreza foi convidado o author d'estes *Annaes*; mas grandes inconvenientes achou elle para a pôr em execução, e o mais importante foi

o da *censura*. Cedendo comtudo aos desejos geraes prometteo que tentaria o projecto uma vez que o ministerio lhe nomeasse um *censor privativo* para maior facilidade da publicação, segundo já em outros *aureos* tempos de censura, agora *liberalmente* imitados, se havia concedido. Declarou porém ao mesmo tempo, que passando a fazer ao governo a petição necessaria, não podia deixar de ao mesmo tempo n'ella *protestar* contra a censura, como inconstitucional. Concordárão todos n'isto, e em consequencia d'este assentimento fez elle a petição na fórma acima indicada, a qual, sem protecções nem empenhos, entregou ao commum destino das secretarias do governo. O despacho foi como elle o tinha antecipado, isto he, *negativo*; porque o remettêrão para o *dédalo* do tribunal da censura, obra e feitura de notaveis regeneradores do anno 20, que mui suavemente tinhão passado do republicanismo d'aquella épocha para o absolutismo presente. Fizerão-lhe a justiça que merecia; porque absolutistas não podião, sem se contradizerem, consentir a penna de um homem livre, e que havia tido a ousadia de protestar contra uma das suas ordenanças. Assim acabou a questão; porque depois do protesto contra a censura, o que se teve particularmente em vista, seria uma grande contradicção o passar a apprová-la, escrevendo debaixo dos fios da sua *cimitarra*.

No fim d'este mez e anno passou o ministerio por uma grande crise, que o teve quasi ás portas da morte: pelo menos se chegou elle a persuadir tanto d'isto que, segundo as vozes do tempo, pareceo que já estava disposto a fazer testamento (*d*). O que dêo occasião a esta tempestade politica, que por alguns dias ameaçou a sua existencia, fôrão as provocações que depois de certa época andavão fazendo ao marechal Saldanha. Obrigados pelos successos a fazer-lhe a côrte, porque vião, por experiencia, que já não podião annullar nem a sua influencia nem os seus serviços como por muito tempo tinhão feito, recorrêrão porfim a um novo genero de ataque, para verem se por elle lhe podião diminuir a opinião, quando mais não fosse, entre os seus melhores e constantes amigos. Entrárão a espalhar que o Saldanha era actualmente o seu melhor protector, e approvava e auxiliava completamente a sua administração. Era, com effeito, este um dos ataques com que mais podião prejudicar o caracter politico do marechal; e por isso tanto que elle por diversas vias teve toda a certeza d'esta especie de conjuração ministerial, escreveo logo a alguns dos ministros (*e*), quei-

(*d*) Constou-me n'esta época, que tanto receárão a sua dimissão, que todos ou parte d'elles corrêrão ao thesouro para ficarem pagos em dia dos seus ordenados já vencidos. Eu só refiro o que ouvi.

(*e*) Sei que o fizera ao ministro do reino *Aguiar*, e ao da marinha *Margiochi*. A este ultimo tambem sei que de-

xando-se da injuria que lhe fazião, e declarando-lhes, pelo modo mais positivo, que, bem longe de apoiar suas medidas, antes lhes protestava, que a ellas sempre se opporia, se elles, conhecendo a sua impopularidade, não tivessem a prudencia de se dimittirem. Constou que, hindo D. Pedro ao exercito, tivera o Saldanha com elle explicações mui francas e positivas sobre o mesmo objecto, e que ellas tanto ou quanto o tinhão abalado. Em consequencia de tudo o que a este respeito se hia passando, e que era conhecido do publico, começou logo a correr fama de que havia mudança de ministerio; e a par d'estes rumores começárão a apparecer listas de novos ministros, que cada um inventava segundo seus desejos ou suas inclinações. Foi então que o ministerio entrou na agonia; e com effeito teria morrido se da parte do Saldanha houvesse constancia em o exigir; porém como he necessario ser sempre justo e verdadeiro tanto para amigos como inimigos, devo declarar, que sendo o marechal Saldanha muito valente em um campo de batalha, e sendo mui nobre e cavalheiro, tem tal *docilidade* de caracter, que sempre no gabinete e em politica ha de ser menos temido do que á frente de um exercito em presença

---

clarára — *que se elle o tivesse consultado nunca o aconselharia que fizesse parte de tal ministerio.* O ministro da guerra, *Freire*, teve por outra via (hoje notabilidade entre nós) tecados analogos.

do inimigo. O caso terminou, portanto, por uma especie de armisticio, que em poucos dias se concluio. D. Pedro, reforçado com o seu ministro, Agostinho José Freire, foi ao quartel-general de Saldanha, e ali tão boas ou efficazes razões lhe dêo, que com ellas o pôde desarmar, excitando a sua generosidade. Para mais o contentar offerecerão-lhe dous logares no ministerio para dous dos seus amigos, já que elle recusava tomar pessoalmente parte na administração (*f*), o que igualmente regeitou, porque de antemão já sabía que alguns d'elles a quem se insinuára a probabilidade de serem nomeados, havião positivameute declarado, que se não hirião associar ao actual ministerio.

N'este anno de 1833 se não vimos concluidos os nossos negocios tiverão elles ao menos um grande adiantamento; porque, reduzidos no principio d'elle ao invencivel baluarte do Porto, pouco mais do meado do mesmo, e ainda antes do seu fim, vimos rotas, vencidas, e aprisionadas as forçss maritimas do usurpador; a entrada e posse dos logares mais importantes do reino do Algarve; e finalmente, por uma serie de prodigios, nos achámos senhores de Lisboa, d'onde os

(*f*) Por muitas vezes foi n'esse tempo Saldanha convidado para ser ministro da guerra, mas este convite era uma estudada malicia para vêr se, decentemente, o desligavão do commando do exercito. Elle conheceo, ou lh'a fizerão conhecer, a malicia; e por isso sempre a evitou.

rebeldes espavoridos se retirárão e fugírão sem darem um só tiro. Libertado o Porto, o inimigo, já desesperado de o possuir quer pelas armas, quer por um barbaro, e exterminador bombardeamento, tentou sobre Lisboa o que não podéra conseguir n'aquelle inabalavel rochedo da liberdade; e com esta presumpção se lançou sobre a capital. Mas d'aqui fugio arrojado pelas pontas das nossas baionetas como já antes tambem o tinha sido das margens do Douro; e vigorosamente perseguido na sua marcha apenas pôde fazer alto na fortissima posição de Santarem, onde se intrincheirou até os peitos para escapar temporariamente aos golpes das nossas armas. Ficou então Lisboa sendo o grande centro d'onde em pouco tempo lançou seus raios até Peniche, Torres-Vedras, Caldas, Alcobaça, &c.; e por parte do Alemtejo, já senhores de Setubal, e um pouco mais tarde da importante posição de Marvão, as nossas operações militares começárão a ter maior extensão e a se poderem melhor desenvolver.

Não houve, comtudo, o mesmo progresso em o nosso adiantamento quer politico, quer administrativo. O ministerio, só possuido de uma idéa fixa, que era a propria conservação, não olhava senão para o dia presente, e debaixo d'este ponto de vista apparecêrão sempre todas as suas obras. Legislou sem tino sobre os mais transcendentes objectos, e

por este modo destruio as primeiras bases das rendas publicas, e com ellas o resto do nosso credito, porque taes rendas, como os dizimos (*g*), erão as conhecidas e declaradas hypothecas da divida nacional. E para as substituir creou emprestimos, dos quaes uns fôrão violentos, e forçados; e outros, á excepção do que se contrahio em Lisboa, e para o qual contribuírão com o banco muitos patriotas, fôrão especulações ruinosas de *Mendizabal*, de que o tempo revelou as torpezas, que sobcarregárão a nação sem nenhum proveito para ella, e só a bem dos que as fizerão e d'ellas gosárão. Assim o ministerio contrahia dividas, destruindo os meios de as pagar!

Na marcha do governo constitucional não dêo um passo o ministerio; estabeleceo a *censura*, de que já fallei, esse odioso instrumento com que todos os governos absolutos procurão encubrir seus despotismos, suas delapidações, e suas extravagancias; e se publicou a lei para a eleição das camaras municipaes foi porque os acontecimentos do Porto o assustárão. Na nomeação dos empregos tambem não mostrou imparcialidade, nem rectidão, porque, *em geral*, nunca buscou nos individuos que despachava, quer para os pequenos como para os grandes logares, outro

(*g*) Os dizimos devião modificar-se, porém não podião nem devião abolir-se de todo senão por um excesso de demencia, que não póde vêr o futuro. O ministerio, em vez de podar a arvore, fez de selvagem, cortando-a pela raiz.

mais distincto merecimento do que o de serem seus submissos e fiéis servidores, qualquer que fosse a côr politica que tivessem. Houve mesmo individuo d'esse ministerio, que se despachou a si mesmo para um logar imminente, logar, que, pela cathegoria em que estava, por nenhuma lei antiga ou moderna lhe podia competir. Sim, davão-se e agarravão-se os empregos como se fossem despojos do inimigo, que pertencem á primeira mão que os encontra.

Praticou comtudo no fim d'este anno um acto de justiça: o sempre respeitado e valente general Stubbs foi nomeado barão de Villa-Nova-de-Gaia. Foi um tributo pago ao ascendente, que a probidade e o merecimento sempre alcanção afinal sobre os odios ainda os mais profundamente gravados no coração de inimigos! E contra o general certamente os tinha havido não só pela independencia do seu caracter, mas pela constancia dos seus principios politicos. Assim este despacho foi, por assim dizer, arrancado pelo merecimento á má vontade com que, depois de muitos tempos, se vião os serviços do novo agraciado; e n'esta compensação, pelo menos, ainda se vio, que a indifferença não era tamanha que deixasse de pagar respeito a uma ou outra relevante virtude.

PEÇA JUSTIFICATIVA.

Representação que os commandantes das divisões fizerão a D. Pedro, por via do general Solignac, no fim de fevereiro d'este anno.

„ Senhor. — Os abaixo assignados, commandantes das divisões, e mais officiaes do exercito libertador faltarião não só á confiança com que V. M. I. os honrou, mas tambem aos mais sagrados deveres, como cabos do exercito, como subditos fiéis da Rainha, e como cidadãos livres, se não viessem á presença de V. M. ponderar o horror da nossa situação politica e militar; males, que requerem prompto remedio, que só de V. M. I. se póde esperar. Os abaixo assignados começaráõ por declarar a V. M. I. que sua tenção não he menoscabar nenhuma pessoa na presença de V. M. I.; porque este he um momento solemne em que o cidadão honrado esquece tudo para se occupar só com a imagem da patria agonizante. Lance-se um véo sobre os erros passados, mas permitta V. M. I. que os abaixo assignados lhe lembrem, que V. M. I. foi enganado quando se pôz á frente dos leaes em 1832; porque não lhe apresentárão com verdadeiras côres o estado

da nação, e as difficuldades de tão nobre e arriscada empreza. Só por principios de agosto he que se começou a fortificar a cidade do Porto, quando o exercito não pôde abrir caminho para áquem nem além do Douro. N'essa defeza porém se esquecêrão as formidaveis posições que offerecia a margem esquerda d'este rio; e ao menos, em logar de debeis tranqueiras postas em cima de Villa-Nova-de-Gaia, com que se enganou a esperança dos habitantes d'aquella villa, deveria o ministerio de V. M. I. ter obrado com mais franqueza e lealdade, fazendo annunciar-lhes que tirassem para a direita do rio todos os seus generos e effeitos, com o que se salvarião muitos vinhos, aguas-ardentes, azeite, ferro, e outros artigos, cuja mingoa se tem feito sentir vivamente, e que muito tem aproveitado aos rebeldes. Quando esse annuncio não bastasse, o que não era de crêr, porque aqui se combinavão os interesses commum e particular, podia o governo tomar outras medidas rigorosas, justificadas pela necessidade da guerra. He verdade que a responsabilidade de todas estas faltas tem sido acinte, e talvez injustamente, encabeçada em um dos ex-ministros de V. M. I.; mas V. M. I. permittirá dizer-lhe, que constitucionalmente não se conhece senão responsabilidade solidaria, e que no caso presente o defendimento da praça he da principal obrigação e responsabilidade do ministro de ou-

tra repartição diversa da fazenda. E a verdade he, que os ministros de hoje fôrão sempre ou do conselho de V. M. I., ou membros principaes da administração; e de V. M. I. tiverão sempre a maior confiança, a que talvez não souberão por obras corresponder dignamente.

„ Depois de muitos combates, em que os nossos mostrárão o mais extremado valor, os dous exercitos contendores ficárão estacionarios, e se conservárão em mutuo respeito. Mas o cêrco estreitou-se; os rebeldes fortificarão-se em todos os pontos: deixarão-selhes levantar baterias na esquerda do Douro, as quaes bloqueião inteiramente a entrada da barra, sem que para o embargar se tomassem nenhumas medidas adquadas. Estes acontecimentos pozerão os leaes em muito apuro, e reduzírão a cidade á ultima miseria. O ministerio de V. M. I. he aquelle sobre quem deve unicamente pesar a responsabilidade de todos esses males que são extremos; e a incommensuravel perda de sangue e de fazenda, causada já por as medidas de defeza, e o furioso bombardeamento da cidade, já pela carestia e rareza dos víveres; porque os ministros de V. M. I. e o commissario em chefe das repartições civís do exercito devião prever e calcular, e não deixar a segunda cidade do reino cercada, e como bloqueada, sem sufficientes provisões de guerra e de boca, e até sem um deposito de palhas e lenhas.

„ Senhor, — os víveres faltão, a cidade e o exercito soffrem, e o povo perece á mingoa. O ministerio de V. M. I. não soube nem sustentar o justo e fecundo principio da liberdade do commercio, ao começo annunciado por os dous ministros da fazenda, e logo fraudolosamente quebrado, nem soube seguir bem, e em todas as suas consequencias, o violento systema restrictivo. A versatilidade das contradictorias medidas que o ministerio de V. M. I. tomou a similhante respeito tem, mais que tudo, contribuido para o estado de aperto, fome e miseria a que nos vemos reduzidos. E o que he peor, Senhor, a divisão entre os poucos encerrados n'estes muros tem sido acintemente provocada por essas medidas arrojadas e excepcionaes, que dão alimento ao natural ciume do povo que soffre; o qual não vê já em cada negociante senão um ladrão publico, e um assassino, que especula sobre as lastimas e fome do povo; e estes máos sentimentos, que assim vão germinando no coração dos desgraçados, podem arrastar-nos aos mais criminosos excessos. Os unicos recursos do actual ministerio são execuções fiscaes, promovidas no juizo da commissão dos feitos da fazenda: — emprestimos forçados á similhança d'aquelles que impôz o usurpador; e multas que despoticamente se exigem dos cidadãos que não podem ou não querem exercer certos empregos, (cousa inaudita na historia dos

povos ainda os menos cultos): tudo procederes extraordinarios e violentos, que não podem produzir bom resultado duradouro, e que já tem exasperado esse infeliz povo, vexado por quatro annos de perseguições e sequestros, ha pouco roubado n'um milhão de cruzados, e agora carregado com todo o pêso da defensão da liberdade, serviço d'armas, donativos para fardamentos, faxinas, aboletamentos, e isto n'um momento em que o preço dos generos tem subido extraordinariamente, e o commercio interno e externo está inteiramente paralisado. De sorte que a causa constitucional não só está em risco de se perder, mas, o que he peor, sem esperança para o futuro, porque se perde com vergonha nossa, e descredito de nossos principios. He necessario exaltar o patriotismo d'esta cidade, e de todos os de dentro e fóra d'ella, os quaes estão abatidos por tantos trabalhos, perdas, padecimentos e sacrificios, que não ha esperança de verem galardoados, nem remediados segundo o pessimo systema do actual ministerio. Além d'isto, Senhor, em logar de tantos tribunaes inuteis, (quaes alçadas) em logar de tantos juizes, e apparato de repartições e segurança de policia, o que a patria quer, e com que se julga segura, são munições, valor, e soldados. D'isto he que principalmente se devia cuidar. Faltão provisões de guerra e de boca; falta tudo; mas o patriotismo, que está encuberto

em cinzas, póde ainda renascer. A nossa posição he difficil, e tal como raras vezes se apresenta na historia das nações; mas V. M. I. póde salvar-nos. O ministerio de V. M. I. não tem a opinião dos habitantes d'esta cidade, do exercito libertador, nem a do resto da nação; he desconhecido da Europa, e pouco respeitado, e temido entre nossos proprios inimigos. Finalmente, Senhor, os ministros de V. M. I. não sabem ferir a corda do enthusiasmo popular; e a esta cidade heroica não lhe concedêrão, nem sequer a protecção dos seus magistrados municipaes. O ministerio tem medo da urna eleitoral, sem o apoio da qual nenhum governo justo póde subsistir, nenhum povo prosperar. Em vista do exposto, e do mais que os supplicantes deixão á penetração de V. M. I., respeituosamente pedem a V. M. I. que, usando do poder moderador, haja por bem dimittir todo o seu ministerio; e, seguindo a pratica das nações mais cultas, nomear um presidente do conselho, o qual tenha juntamente a confiança de V. M. I. e do exercito, e a consideração do resto da Europa, podendo aquelle propôr a V. M. I. as pessoas que devem compôr o ministerio, ou completá-lo, se a urgencia dos negocios o pedir; porque só uma administração uniforme, energica, esclarecida, e popular nos póde salvar, ainda que não sem custo, da violenta crise de que estamos ameaçados. — E. R. M.

N. B. Esta representação foi apresentada pelo marechal *Solignac*, e depois entregue por D. Pedro aos seus ministros no fim de fevereiro d'este anno.

LIVRO VII.

DOS ANNAES.

Successos mais importantes do anno de 1834; septimo, e ultimo da usurpação.

Abrio D. Pedro este anno 1834 com um dos seus erros, tão communs, que menos indicavão originalidade de caracter, do que falta de prudencia, e bom juizo. Havia annos que o theatro de S. Carlos estava fechado, porque no meio dos horrores da usurpação não podião ser bem cabidas as harmonias e os encantos da musica, civilisadora dos costumes. Abrio-se elle no dia 6 de janeiro d'este anno, e tendo-se de ante-mão annunciado que n'elle appareceria a Rainha, todos estavão alvoroçados para ali a verem, e festejarem. Para não apparecer no primeiro dia déo-se por desculpa ser o anniversario da morte da rainha Carlota; e em um dos seguintes, quando menos se esperava, a conduzio ali seu pai, *incognita*, hindo-se esconder com ella e com a mulher em um camarote particu-

lar. Por muito tempo ignorou o povo que lá estivessem tão altas personagens, mas tanto que o soube nenhum caso fez d'isso: cada um, nos intervallos da peça, esteve ou passeou com o chapéo na cabeça; nenhum *viva*, ou demonstração alguma de respeito e satisfação publica se dêo; e tudo se passou como se a côrte ali não estivesse. Por este modo muito mais bom senso e dignidade mostrárão os espectadores que D. Pedro, que n'esta occasião não mostrou nem uma cousa nem outra. O caso foi muito de estranhar, por ser diametralmente contrario aos nossos costumes, pois que havendo no theatro a tribuna real, em que nossos reis e principes sempre costumárão assistir ás representações, e sendo esta a primeira vez em que ali apparecia a Rainha, a quem o povo tinha muita affeição, ninguem teria podido imaginar que tal proceder tivesse cabido na cabeça de D. Pedro. Este novo costume de ir a Rainha ou a familia real para um camarote particular podia com o tempo vir a introduzir-se não só por commodidade de nossos principes porém dos espectadores; querer, comtudo, dá-lo á execução na primeira noite em que a Rainha, tão desejada do povo, apparecia, se não foi um acto de indiscrição, mostrou ser consequencia de pouco airosas intenções. Assim o pensou geralmente o publico; porque não faltou quem abertamente se atrevesse a declarar, que taes erão os ciumes que o pai ti-

nha da filha, que não tivera bastante presença de espirito para ser testimunha do enthusiasmo com que ella havia de ser recebida. E tanto mais plausivel pareceo esta idéa quando ainda erão frescas na memoria de todos as tentativas que se tinhão feito para lhe retardar a coroa, que seu mesmo pai já n'ella voluntariamente tinha abdicado. Esta imprudencia, ou qualquer nome que se lhe dê, foi fatal; e não deixou de influir gravemente na futura vida politica de D. Pedro. Era uma primeira impressão desfavoravel; e as primeiras impressões da vida difficilmente se riscão, e se esquecem.

O ministerio, sempre inconsequente na sua marcha de governar, assim como sempre pouco escrupuloso em faltar ás suas promessas, dêo ainda uma nova prova do pouco que se podia contar com a sua palavra. Tanto no Porto como em Lisboa se tinhão formado muitos batalhões de voluntarios que, offerecendo unicamente seus serviços para a defeza da liberdade em quanto entre ella e a usurpação durassem os combates, não erão, nem devião ser considerados como tropas de linha, e muito menos estar sujeitos a todo o rigor militar, até mesmo porque não participavão das mesmas vantagens de que ellas gosavão. Apesar d'isto, por um simples rasgo de penna, fôrão elles esbulhados da cathegoria de voluntarios, e ficárão expostos a todo o rigor do codigo militar. Por esta fórma se pre-

miavão os brios dos cidadãos, e erão estes tratados pelo governo, que longe de lhes dar agradecimentos, e alliviar seus trabalhos, dispunha d'elles como se fossem seus escravos. Foi quasi pelo mesmo tempo, isto he, no dia 9, que se publicou a lei para a eleição das camaras municipaes, de que no fim do livro antecedente já fiz menção quando tratei dos negocios do Porto que a motivárão.

Parecia que o ministerio não podia fazer um acto pelo qual não merecesse censura. Para com a mesma pessoa praticou elle dous que lhe attrahírão grande descredito. Havia um homem notavel, chamado Manuel Ignacio de Sampaio e Pina, que estivera sempre no serviço de D. Miguel, e que de tão bom coração o servíra que fôra, como conselheiro do ultra-mar, um dos seus acclamadores para rei nos chamados tres estados do reino no anno 1828. Sobre este homem foi que não menos de dous ministros de D. Pedro, quasi a um tempo, derramárão uma grande parte da enchente de suas graças. No dia 10 d'este mez de janeiro o nomeou Agostinho José Freire *brigadeiro effectivo*; e no seguinte dia 11, agarrou logo d'elle José da Silva Carvalho para *conselheiro do thesouro*. Assim ambos estes ministros, de mãos dadas, e por um acto tão solemne parecião escarnecer da Rainha a quem servião, empregando tão distinctamente, e logo no principio do seu reinado, ainda entregue á sorte

das armas, e em seu nome, um homem que tão publicamente lhe tinha negado o throno! E nem ao menos D. Pedro se resentia da injuria que seus ministros fazião a sua filha! Com effeito, quaesquer que fossem os motivos que para isto tivesse o ministerio, taes graças erão, em verdade, excessivamente temporãs!

Se o novo anno não começou com bons agouros governativos, grandes e magnificas esperanças nos apresentou a nossa boa fortuna militar, então companheira inseparavel do marechal Saldanha. Havia muito tempo que a sua opinião era que se não devia atacar em frente o inimigo, postado como estava em uma forte posição, e esta fortemente fortificada; mas que se devia manobrar no seu flanco para o obrigar a retirar-se. Contra esta opinião nunca o ministerio se tinha atrevido a declarar-se em quanto se persuadio que podia enganar o publico, fazendo espalhar, que no marechal tinha um grande apoio e protector. Quando porém vio que este prestigio se tinha desvanecido, entrou com outras insinuações a querer desacreditar o conde por elle não atacar Santarem, exaggerando para este fim as forças que tinha debaixo do seu commando, e as poucas que tinha o inimigo. Superior a todas estas accusações, que não levavão outro fim senão o desacreditá-lo no conceito do povo, nunca o conde-marechal fez caso d'este e outros ataques com que

por muitas vezes o quizerão deprimir: esperava só pelo tempo opportuno para pôr em execução os seus projectos; e esta opportunidade esperava elle ter nas primeiras grandes chuvas com que se inundassem os campos em roda de Santarem, pois que só assim he que poderia, sem perigo, destacar uma grande força da que estava em frente do inimigo. Aconteceo o que elle esperava nos principios d'este mez de janeiro; e deixando em volta de Santarem o duque da Terceira com uma parte do exercito, sahio d'ali com outra, e essa escolhida, no dia 12 no meio de torrentes de chuva, e se dirigio para o norte. No dia 15 de madrugada se achou elle sobre Leiria, onde, depois de todas as informações, entrou com tamanho acerto de combinações e providencias, que ali surprendeo completamente as forças inimigas, que constavão de mais de 1,400 baionetas, e um esquadrão de cavallaria. De todas ellas pouca gente escapou que não ficasse ou morta ou prisioneira; e n'esta ultima classe entrou o commandante e governador da cidade *Pita Osorio*, com muitos officiaes, e duas bandeiras. A nossa cavallaria, composta do bravo regimento 10, e alguns esquadrões de lanceiros, houve-se n'esse dia com um valor extraordinario, porque, perseguindo na distancia mais de duas legoas pela estrada de Coimbra as columnas inimigas, que por ella se quizerão retirar, assim como a sua cavalla-

ria, acutilou, e matou quasi tudo, fazendo bem poucos prisioneiros. Tal era o rancor que os nossos soldados tinhão adquirido contra os inimigos pela covardia e ferocidade que ao mesmo tempo mostravão em todos os encontros que tinhão comnosco, que já não era possivel contê-los para que lhes dessem quartel: assim a mortandade foi extraordinaria.

Depois d'este brilhante feito d'armas, que tanto acreditou o valor dos nossos soldados como a intelligencia do seu general, estava-se em duvida de qual sería a marcha das novas operações do marechal Saldanha. Muitos desejavão que elle marchasse sobre Coimbra, e até se persuadião ser a mais util manobra militar; no que havia quem dissesse, não sei se com verdade, que insistia o ministerio, talvez por separar de si o conde para mais longe, e retardar o exito da lucta e da campanha, base essencial, em que, segundo tambem se dizia, estava fundada a sua conservação ministerial; porém o prudente general, cuja unica missão era a de salvar a patria, e de lhe dar a liberdade, sem se importar nem com os ditos dos ociosos, nem com os desejos ou intrigas dos seus inimigos, seguio o plano das suas combinações, e tomou outro rumo, e na verdade aquelle que era o verdadeiro. Marchou rapidamente sobre Thomar, onde o inimigo conservava uma grande força, e de lá tirava importantes subsistencias; e apparecendo ali na manhã

do dia 25 fez vêr, que a sua boa fortuna, que tanto o tinha auxiliado em Leiria, ainda marchava ao seu lado na sua entrada em Thomar. São dignas de se mencionarem algumas passagens da parte official que elle n'esse mesmo dia dêo ao ministro da guerra; e como taes as vou transcrever. — „ Com „ muita sastisfação tenho a honra de partici- „ par a v. ex.ª para conhecimento de S. M. „ I. o duque de Bragança, commandante em „ chefe do exercito libertador, que o presti- „ gio da cavallaria de Chaves desappareceo, „ e que a maior parte d'aquella cavallaria foi „ hoje anniquilada. V. ex.ª sabe a impor- „ tancia que os rebeldes davão a aquelle cor- „ po, unico no seu exercito, que não tinha „ dado algum contingente para o exercito „ da Rainha. Os nossos excellentes soldados „ cousa alguma desejavão tanto como encon- „ trar-se com elle; felizmente coube-me a „ ventura de lhes proporcionar a occasião „ que elles tanto anhelavão..... O inimigo „ tinha, além de 220 cavallos, uma força „ de infanteria de 200 homens..... Asse- „ guro a v. ex.ª, pela minha honra, que não „ tivemos nem um só homem ferido, ou um „ só cavallo; e apenas o capitão José de „ Vasconcellos, ajudante do regimento de „ cavallaria, 10, que por alguns instantes es- „ teve em poder do inimigo, foi ligeiramen- „ te contuso. O valor e decisão da nossa ca- „ vallaria não se póde descrever, e apenas

„ he comparavel com o ardor da infantaria. „ O batalhão de caçadores, n.º 12, e o re- „ gimento 3 de infantaria, que marchárão na „ frente, por muito tempo a seguírão *a mar- „ che marche*, não obstante o excessivo ca- „ lor. . . . „ Assim justificou o marechal Sal- danha a judiciosa resolução que tomára de, em vez de seguir o caminho de Coimbra, vir pela sua esquerda flanquear a direita do i- nimigo, hindo limpando o terreno das forças que por aquelle lado ainda elle occupava. Por este mesmo tempo se nos annunciou ou- tra derrota que os rebeldes havião soffrido no Algarve, perdendo tres peças de artilharia, muitas munições, com muitos homens mor- tos, feridos, e prisioneiros.

Em quanto as nossas armas hião assim accumulando victorias sobre victorias, outros acontecimentos, menos importantes, se hião igualmente succedendo. Morreo em Santa- rem uma das infantas, que acompanhavão seu irmão, D. Maria da Assumpção; pela qual a nossa côrte tomou lucto por dous mezes, que principiou no dia 20 d'este mez. A mais de huma pessoa ouvi attribuir a morte d'es- ta infanta a um crime de seu irmão; porém eu não acredito nem menciono a qualidade d'este boato; e simplesmente o refiro para que se saiba que a D. Miguel se attribuia quanto era máo. Talvez que os odios politi- cos que, como os outros odios, exaggerão tu- do, ou não tem escrupulo de mentir, tam-

bem n'este caso fossem exaggerados ou mentirosos.

O ministerio de D. Pedro dêo por este mesmo tempo uma prova do seu absolutismo ou leviandade. Havia como subsidiaria do thesouro publico uma caixa, simplesmente destinada para receber os impostos applicados ao pagamento da divida publica, afim de que os credores do estado, que pouca ou nenhuma fé tinhão na exactidão do antigo erario, podessem ali ter mais seguros os seus pagamentos, e d'elles nunca podessem duvidar. Era esta caixa administrada por uma commissão particular denominada *junta dos juros*, de que era igualmente presidente o do thesouro publico, ou ministro das finanças. Entre outros rendimentos estavão para ella applicados todos os impostos que se recebião na alfandega das *sete-casas*; mas o ministro, sem attender a nenhuma das sérias consequencias que hia ter o seu novo plano, por um simples rasgo de penna mandou que directamente entrassem no thesouro os impostos, que por lei pertencião a administração da junta. Esta, querendo dar, como lhe convinha, uma satisfação aos credores do estado, que a consideravão como depositaria das hypothecas da sua divida, fez uma consulta ao governo, em que lhe mostrava a improprieda-de de tal medida, o pessimo effeito que ella podia produzir no publico, e a necessidade em que estava de se lhe oppôr, como de-

positaria de hypothecas tão sagradas. Estas reflexões em vez de produzirem algum bom effeito no animo do ministro, aggravárão ainda mais o mal, porque mandou publicar na *Chronica* do dia 22 uma resposta, em que, insultando e reprehendendo a junta, sustentava a sua arbitrariedade que era exactamente a violação dos direitos dos credores do estado. Além d'isto, nem sequer vio o ministro que, insultando a junta, se insultava e reprehendia a si mesmo como presidente d'ella. Seguio-se então o descontentamento publico; e o povo, que em geral sente ainda mais as feridas que lhes fazem ou intentão fazer nas bolsas do que as que lhe ameação o corpo, entrou a vêr em que mãos hia cahir o deposito das suas dividas e por conseguinte começou logo a murmurar altamente. A estas murmurações, que podião passar a factos, attendeo mais o ministro do que á representação da junta; e passados poucos dias, como em remissão do seu pecado, publicou uma nova portaria, pela qual mandou entregar á junta, que reorganisou com nova gente, o dinheiro do exclusivo do sabão, que para o mesmo fim lhe pertencia. Tambem igualmente constou que á mesma junta mandára entregar o dinheiro que nas *sete-casas* se tinha recebido até o fim do anno. Por este modo o ministro se vio obrigado a retroceder, e dar plena satisfação á opinião publica, que antes em pouco avaliava.

Tanto teimava o ministerio em commetter absolutismos ou desacertos, quanto teimava o Saldanha em ganhar novas victorias. Estando elle no dia 28 na ponte d'*Alviella*, caminho de Santarem, teve participação de que o inimigo havia feito marchar a maior parte das suas forças pela estrada de Pernes, depois de lhes o usurpador ter passado revista. Dêo immediatamente ordem para que o tenente-coronel Miranda, commandante do 1.° regimento ligeiro da Rainha, e do batalhão 10 de infantaria, marchasse a reunir-se ao coronel Romão que occupava Pernes; e elle voltou para Torres-Novas. Os rebeldes se aproximárão de Pernes no dia 29, e fizerão de tarde um reconhecimento em força. Pelas suas disposições vio então o coronel Romão que sem duvida elles se propunhão atacá-lo no dia seguinte; e d'isto dêo logo parte ao marechal Saldanha, dizendo-lhe, que pelas informações que tinha recebido a força inimiga não podia ser menor de 4,500 homens de todas as armas. Em consequencia d'este aviso o marechal pôz em movimento as tropas que occupavão Torres-Novas, e sahindo d'ali á meia noite chegou a Pernes antes de amanhecer. A's 8 horas da manhã do dia 30, vendo que o inimigo, cujas vedetas estavão á vista, se não resolvia a atacá-lo, fez marchar as suas tropas pela estrada de Santarem. Erão commandantes das forças rebeldes o general Portuguez *Canavarro*, e o ge-

neral Francez *Bressaget*, que tendo ordenado o ataque para as 10 horas da manhã, ficárão de todo surprendidos quando virão que os seus piquetes já estavão cortados pela nossa cavallaria. Tomou então o inimigo repentinamente as armas; mas tambem repentinamente o tenente-coronel, Simão da Costa Pessoa, correo com o regimento 10 de cavallaria sobre os regimentos 1, 17, e 20 da infantaria inimiga, que já estavão em movimento, e que, formando-se em dous quadrados, se virão em um instante cercados pela nossa cavallaria. Aconteceo ao mesmo tempo que do fogo da 1.ª companhia do 2.º batalhão de caçadores, conduzida pelo capitão Guerreiro, começassem a ser incommodados, porque esta tinha tomado uma mui vantajosa posição; e esta nova circumstancia fez com que entrassem a vacillar. Então o tenente-coronel Pessoa com os seus bravos do 10 de cavallaria, e com um destacamento do 11, commandado pelo major Trigueiros, aproveitou a occasião, carregou, e rompeo um dos quadrados, em quanto ao mesmo tempo os lanceiros se precipitavão sobre o outro, que teve a mesma sorte que o primeiro. Desde esse momento nada mais houve que fazer: o inimigo pôz-se em completa retirada, e foi perseguido até ser obrigado a encerrar-se de novo em Santarem. A sua perda consistio em 3 bandeiras, uma do regimento n.º 1.º, e duas do 17; em 709 prisioneiros, inclusos

21 officiaes, todos de tropa de linha; em grande numero d'armas, e armamentos; uma boiada; e 15 cavallos do regimento de Chaves, além dos muitos mortos. A nossa foi de 3 soldados e 8 cavallos mortos; e 4 officiaes, 13 soldados, e 2 cavallos feridos. O marechal Saldanha dizia no seu officio de 31 de janeiro ao ministro da guerra: — „ V. ex.ª sa„ be que a maior difficuldade que temos que „ vencer para alcançar a victoria, consiste „ em proporcionar aos nossos bravos a occa„ sião de virem ás mãos com o inimigo; e „ faz-me a justiça de acreditar que eu não „ desprezaria a que então se nos proporcio„ nava. „ Assim, depois do que deixo relatado, bem se vê, que o general aproveitou bem essa occasião, e que vencendo justificou o que dizia.

No meio da satisfação que nos dava esta victoria nos chegou a interessantissima noticia de que no dia 15 d'este mez de janeiro tinha havido uma mui importante mudança no ministerio Hespanhol, sahindo d'elle *Zea Bermudes*, que era considerado como um dos mais efficazes apoios *Carlistas*; e em consequencia d'estes seus principios politicos embaraçava quanto podia o desenvolvimento do espirito publico a favor do novo systema do governo depois da morte de Fernando VII. Na organisação do novo ministerio entrou o célebre *Martinez de la Rosa*, homem que já no anno 1822 havia sido ministro, e que não

sendo de opiniões exaggeradas queria a liberdade politico-constitucional da sua patria, mas sem as convulções ordinarias que acompanhão todas as mudanças politicas quando estas são violentas, ou mais apressadas do que os antigos habitos de uma nação o permittem. Emfim, queria a regeneração politica de Hespanha, poupando-lhe as perigosas resistencias, que sempre andão a par de tudo quanto se faz por violencia. Como o nosso estado politico era identico, e por esse motivo a guerra civil, que havia em ambos os paizes, nascia dos mesmos principios, quanto maior identidade hia adquirindo o governo Hespanhol com o nosso, muito mais, ainda que indirectamente, hia tambem operando a favor dos nossos negocios; e ainda que mais não fosse só pelo desalento que causava aos nossos inimigos domesticos, diminuindo-lhes cada dia as esperanças de poderem ter apoio no governo visinho, que no principio da rebellião tanto o tinha alentado.

Mas se este e outros incidentes externos auxiliavão poderosamente a nossa causa, nem por isso a nossa administração interna melhorava. Já disse como inconsequente, e sem attenção á sua palavra, o governo, só por um rasgo de penna, havia convertido os batalhões de voluntarios em tropa de linha, agora passou ainda a mais, e commetteo para com os mesmos batalhões uma nova arbitrariedade, que foi considerada como um no-

vo insulto. Havião elles sido na sua creação separados para dous diversos serviços; e n'esta intelligencia tinhão tomado dous diversos nomes, de *moveis*, e de *fixos*, palavras que bem designavão o que a cadá um d'elles competia. Esquecido d'isto o ministerio ordenou, sem preparação alguma, que dos batalhões *fixos* se tirassem muitos homens para sahirem da capital e hirem para o exercito. O resultado foi, que apenas mui poucos quizerão obedecer, e a maioria desprezou as ordens do governo, que illegalmente queria dispôr das suas pessoas, como se fosse um rebanho de escravos, a quem só basta um movimento de chicote para lhes dar a direcção que o interesse ou o capricho do senhor tem calculado. Comtudo nada d'isto importava ao ministerio, que vivia satisfeito, com o deixarem andar correndo as ruas de Lisboa com *correios* atraz de si, á imitação dos ministros de D. Miguel; e depois ir receber nas secretarias ou em casa as zumbaias dos aduladores do poder, qualquer que seja a côr ou feição que elle tenha.

Ao mesmo tempo o ministerio, que não tinha podido desviar o marechal Saldanha de executar a bella manobra, que havia concebido depois da sua entrada e victoria de Leiria, confundido agora com as novas victorias de Torres-Novas, e de Pernes, descia da sua altivez ministerial á condescendencia a mais submissa. Em data de 4 d'este mez de fe-

vereiro lhe fez um muito attencioso officio, no qual não só lhe dêo os mais rasgados agradecimentos pelas tres brilhantes acções com que se tinha illustrado e a valente divisão que commandava, mas até o encheo de louvores pela humanidade com que, no meio das suas victorias, tinha tratado os vencidos. Tinha sido sempre a pratica do ministerio passar dos insultos para as lisonjas; procedimento ordinario ou da fraqueza, ou da falta de caracter. E contra nenhum homem havia elle dado tantas provas d'esta versatilidade como contra o Saldanha; por que ora o exaltava até as nuvens, quando se persuadia que o podia corromper, ora o deprimia com palavras ou accusações ridiculas, quando o achava opposto a seus interesses (*h*). Na ausencia do marechal tinha ficado defronte de Santarem o duque da Terceira, mas como este fosse marechal do exercito mais antigo, e com a vinda d'aquelle o houvesse de commandar, foi então necessario tirar-lhe o commando, e para o substituir foi nomeado o general Stubbs, novo barão de Villa-Nova-de-Gaia, por ser sómente tenente-general. Alguem quiz n'este tempo attribuir esta mudança a desavenças entre o con-

(*h*) Por exemplo: o ministro da guerra, Agostinho José Freire dizia, quando o conde partio para Leiria, que elle era o unico, e verdadeiramente general que nós tinhamos; e passados dias dizia, que era o general das *archotadas*, e o chefe da *canalha politica*.

de e o duque, ou pelo menos o ministerio assim pertendeo fazer correr isto no publico; porém não era verdade: o motivo d'ella pareceo não ser outro mais do que não convir que o Saldanha deixasse de commandar em chefe, e não ser isto praticavel, achando-se ali o duque da Terceira. O que n'esta mudança houve de mais notavel foi a nomeação de Stubbs, esse mesmo general, a quem tinhão querido desacreditar depois que lhe havião tirado o commando das armas do Porto. Por toda a parte se dizia que este benemerito general estava patéta e já incapaz de commandar pela sua idade, e falta de energia tanto corporal como intellectual; e agora de repente o derão por capaz, e militarmente o resuscitárão, empregando-o em um serviço que exigia a maior actividade, e a mais robusta intelligencia.

Os negocios de Hespanha tomavão progressivamente um melhor aspecto, e hião preparando a proxima regeneração politica, á que tamanho direito tinha aquella briosa e tão maltratada nação. O que tinha dado occasião á mudança do ministerio Hespanhol, de que já fiz menção, e em virtude da qual tinha Zea Bermudes perdido o importante logar que n'ella occupava com tanto prejuizo das liberdades nacionaes foi a nobre e vigorosa resolução que muito particularmente tomou o general *Llander*, que commandava na Catalunha. Este, á frente das tropas, da muni-

cipalidade, e povo de toda a provincia, foi pedir á rainha regente que affastasse dos seus conselhos Zea e as suas creaturas; e que chamasse immediatamente côrtes; e esta supplica, dizem, fôra repetida pelos generaes *Quezada*, *S. Lourenço*, e outros. De acôrdo com Llander constou igualmente que estava o marquez das *Amarillas*: o caso foi, que, em consequencia d'isto, se chamou Martinez de la Rosa, e se operou a mudança ministerial.

Por este mesmo tempo se recebêrão noticias de Londres, e por ellas soubemos que D. Pedro e o seu ministerio tinhão hido lançar-se aos pés do gabinete Britanico, contra o qual até ali muito havião vociferado, e humildemente lhe pedírão uma interferencia armada, essa mesma que, constava, tinhão antes recusado. Espalhou-se logo que nada tinhão conseguido, apesar de que no mesmo gabinete achassem alguns votos a favor. D'este numero dizião, que fôrão lords Palmestron, e Grey; porém que achárão grande opposição em lord Brougham, e outros. A razão d'estes ultimos foi, segundo tambem se disse, que temião que em 1834 se abusasse em Lisboa da presença das tropas Inglezas, como d'ellas se tinha abusado em 1828. D. Pedro, para instrucção pratica de seus ministros, consentio que na *Chronica* do dia 6 d'este mez de fevereiro se publicasse um resumo das moderadas despezas que havia feito na sua casa durante o espaço

de dezesete mezes. Foi uma ostentação de economia, de que o publico não fez caso, e que aos homens prudentes parecco mais do que escusada, porque dêo thema a commentos.

A *Chronica* do governo, unico impresso que, auxiliado pela *Revista* do domingo, tinha direito para dizer tudo quanto queria contra as pessoas votadas á indignação ministerial, e sempre impunemente, e de um modo pouco *cavalheiro*, porque estavão opprimidas com a mordaça da *censura*, tambem algumas vezes servia de *clarim* ou para divulgar as virtudes dos adeptos, ou para adormecer com soporiferas melodias os individuos diante dos quaes não podia deixar de ajoelhar. N'este numero entrava o marechal Saldanha, a quem, em particular, segundo já mencionei, o ministro da guerra, Agostinho José Freire, chamava o general das *archotadas*, e o chefe da *canalha politica*; e em publico, e na sua *Chronica* denominava algumas vezes o salvador da patria. No dia 11 d'este mez publicou a mesma *Chronica* uma carta regia com data de 8 em que, depois de se exaltarem até ás estrellas as virtudes militares do conde-marechal pelos seus brilhantes feitos d'armas em Leiria, Torres-Novas, e Pernes, vinha elle nomeado grão-cruz da ordem de Christo. Era esta uma d'essas insidiosas cantigas das sereias, com que se queria adormecer a vigilancia do general, para,

com maior facilidade, se lhe poder dar o garrote politico quando as circumstancias o permittissem. Mas emfim, no emtanto erão os *infieis* forçados a pôr o joelho em terra diante do sancto do dia, e a adorá-lo; o que já não era pouco para o odio que lhe tinhão. Parece que n'esta occasião fôra mais o medo do que outra cousa o motivo que obrigára D. Pedro e o seu ministerio a dar-lhe esta demonstração de reconhecimento; porque soube-se, que pouco antes da victoria, que alcançára em Pernes, havia elle sido chamado a Lisboa, e que era para se lhe dar uma verdadeira dimissão, tirando-lhe o commando. O que impedio que isto tivesse effeito fôrão os dous acontecimentos mui poderosos que passo a relatar. Foi o primeiro, a bizarria com que se houve o duque da Terceira, mandando immediatamente a Lisboa um dos seus ajudantes, Mousinho de Albuquerque, a expôr a D. Pedro o perigo d'aquella resolução: foi o segundo, a victoria que no mesmo tempo o Saldanha ganhava em Pernes; victoria que assustou o ministerio, e o fez mudar de parecer. Accresceo a isto a sensação que começava a apparecer no exercito depois da noticia que se espalhou entre os corpos de que lhes querião tirar o seu general. Todos os commandantes fôrão ter com elle, dizendo-lhe que em caso nenhum consentião que elle se retirasse; e alguns officiaes houve, que, mui claramente, se lhe offerecêrão

para ir a Lisboa com duas ou tres companhias de granadeiros dar uma lição de prudencia ao ministerio. Assim por todos estes motivos se impedio que ao Saldanha se tirasse o commando, cousa que tanto se desejava.

Uns apoz outros se hião succedendo novos acontecimentos, porém todos importantes. Pelas noticias de Londres se confirmou o que já antes se tinha divulgado, isto he, que o governo Britanico não accedia á proposta da intervenção armada que se lhe havia pedido. Entre as muitas razões que constou ter dado lord Brougham para a recusar, quando foi proposta pelo novo ministro diplomatico, *Sarmento*, foi que elle sabía que dous advogados tinhão dado, ou vendido a D. Pedro uma opinião por escripto tendente a mostrar, que elle podia annullar a sua abdicação da coroa de Portugal; e que por essa razão não podia consentir em que se mandassem tropas Inglezas para Lisboa, porque não tinha duvida alguma em dizer, como conselheiro legal da coroa, que D. Pedro retomaria a coroa de sua filha D. Maria logo que podesse. Por este mesmo tempo chegárão dous barcos de vapor com cousa de oitocentos Belgas, que por mais de tres mezes (*i*) tinhão estado demorados em Inglaterra, fa-

(*i*) Um dos vapores, o *Royal William*, foi fretado em outubro, e só sahio de Falmouth em 29 de janeiro seguinte. Ouvi dizer que era propriedade de Mendizabal; assim necessitava ganhar longos fretes.

zendo uma enormissima despeza. Mas se todos estes arranjos erão prejudiciaes ao thesouro publico, erão elles muito proveitosos para Mendizabal e seus amigos. Todo o caso era que se conservasse o governo no pé em que estava: o fazer fortuna era tudo; embora perigasse a liberdade. Pouco importava, emfim, que a nossa infeliz patria, livre das garras de D. Miguel, viesse depois a cahir em qualquer novo despotismo; e que d'ella ainda, desgraçadamente, se podesse dizer o que da Italia já tinha dito um poeta, isto he: *que vencedora ou vencida tinha por destino o ser sempre escrava* (*k*)!

Vou narrar um novo caso, e caso bem desagradavel, o qual, acontecido nos fins do mez passado, só depois veio ao meu conhecimento. Havia-se dado incumbencia ao general Polaco *Bem* de organisar uma legião Polaca, que devia ser formada dos briosos defensores de Varsovia, a quem a fatalidade da guerra tinha expatriado com a perda da liberdade. Sahio este general do Porto em companhia do brigadeiro Vasconcellos que havia pouco era regressado das ilhas; e ambos partirão para França, para ali desempenharem a sua commissão. Faltou-lhes porém logo, segundo constou, o governo de D. Pedro a todas as promessas que lhes havião feito, e particularmente com o auxilio do dinheiro,

(*k*) Per servir sempre ó vencitrice, ó vinta!

que para a execução da empreza era absolutamente necessario. Não se pôde, portanto, fazer o recrutamento, e a culpa de tudo isto se lançou sobre os agentes d'elle, quando toda ella se fazia recahir sobre o ministerio que não cumpríra o que tinha estipulado. Na opinião do publico o negocio era facil de explicar, porque entendia, que uma legião Polaca não podia ser fazenda que agradasse ao ministerio: estava arrependido de a ter encommendado; era preciso fechar-lhe a porta, custasse o que custasse; para que não crescessem os elementos da liberdade, que já muito incommodavão aos que dispunhão do poder. Depois de varias reclamações, de que o general não tirou resultado algum satisfatorio, veio elle a Lisboa requerer, que ao menos se lhe désse individualmente o que se lhe havia promettido, pois que nas cousas de Portugal havia gasto quanto podéra alcançar, e se achava nas tristes circumstancias de morrer de fome. De dilação em dilação foi o ministerio retardando o negocio do general, até que elle, enfastiado, foi emfim um dia desenganar-se com o ministro das finanças, Silva Carvalho, que em resposta muito mal o tratou em sua casa. Não podendo, por conseguinte, supportar o general *Bem* o máo tratamento recebido, a par da injustiça que julgava lhe fazia, escreveo ao ministro uma carta de desafio que, traduzida litteralmente do Francez em que foi escripta, foi a seguin-

te: — „ A mr. José da Silva Carvalho. — Vós „ tivestes hontem a insolencia de me insultar na vossa propria casa, não como ministro, mas como José da Silva Carvalho. „ Eu presumo que, devendo conhecer as leis „ da honra, não ignoraes que todo o insulto pessoal se deve lavar com sangue. Eu „ vos peço em consequencia uma reparação. „ Vós fixareis o dia em que possâmos queimar uma escorva em honra do vosso indigno procedimento. — Lisboa, 29 de janeiro, 1834. (Assignado) general *Bem.* „ O ministro não acceitou o convite; e constou-me se desculpára com a prohibição que tivera de D. Pedro. O publico porém não o desculpou; porque dizia, que em Inglaterra Pitt, Castlereagh, Canning, lord Wellinghton; e em França Sebastiani, apesar de ministros, não se tinhão recusado a um convite d'esta natureza. Em consequencia de similhantes desgostos, havia mezes antes, que o general Francez *Froment* se havia morto com um tiro de pistola; e todos estes acontecimentos não davão popularidade ao ministerio.

Veio ainda um novo facto aggravar a má opinião que havia do ministerio, e foi elle o seguinte. Offereceo-se o negociante Henrique José da Silva, cujo nome muitas vezes já tenho mencionado, para emprestar á Rainha, quando de França veio para Lisboa, a quantia de 20$000 libras sterlinas no caso de lhe serem precisas para fazer com de-

coro a sua viagem, passando por Inglaterra; a qual offerta de emprestimo não lhe foi então acceita, bem que lhe fosse, como convinha, agradecida. Então o ministro das finanças, Silva Carvalho, que isto soube, como não podesse preencher logo o emprestimo aberto em Lisboa na chegada de D. Pedro, escreveo-lhe convidando-o a completar com as mesmas vinte mil libras aquelle emprestimo nacional, que por decreto de 9 de agosto d'aquelle anno se tinha aberto. Recusou-se a este convite Henrique José da Silva, recusação, que nunca lhe perdoou o ministro. Succedeo depois, que fazendo-se um novo emprestimo de dous milhões sterlinos, e cujas quantias só em certos prazos se devião receber, ficou subsistindo o grande inconveniente de ser preciso comprar a prazos, no intervallo dos pagamentos, todos os effeitos que erão necessarios tanto para o pessoal como material do exercito. Desejando obviar a este gravissimo inconveniente, offereceo-se Henrique José da Silva, conjunctamente com um rico negociante de Londres, *Isaac Goldsmith*, a fazer um adiantamento *immediato* de duzentas mil libras sterlinas com certas condições propostas, para se poder pôr um termo ao ruinoso systema de comprar a prazos, que, por uma conta media, causava uma perda de 50 por cento; e principiar-se a comprar tudo com dinheiro á vista. Não quiz o ministro acceitar a offer-

ta, e não só a não acceitou, porém em papeis publicos pertendeo desacreditar as firmas dos dous emprestadores, e particularmente a de Henrique José da Silva, dizendo, que não tinhão as qualificações necessarias; insulto mercantil da maior importancia, e tanto menos merecido, porque n'esses mesmos dias quem tinha perdido o credito não era o emprestador Silva, mas o emprestador do ministro, o Francez *Ardoin*, que por ordem d'aquelle havia sido prêso no dia 3 d'este mez de fevereiro por lhe não pagar alguns centos de libras. N'essa publicação indiscreta até houve a irregularidade de publicarem uma ultima resposta, que se dizia dirigida aos offerentes do emprestimo, por via do duque de Palmella, sem que este nem elles ainda n'aquella épocha a tivessem recebido: irregularidade, de que mui particularmente se queixou mr. Goldsmith ao ministro Sarmento, e ao mesmo passo foi notada por Henrique José da Silva ao editor do *Courier* (*l*) em uma carta que lhe escreveo com data de 3, e elle publicou na folha do mesmo dia.

A todas estas indecencias, em que havia tanta ingratidão como falta de decoro, principiou logo Henrique José da Silva a responder no *Times* do dia 4, mostrando os ser-

(*l*) Pela parte, que este jornal Inglez havia tomado depois de algum tempo na defeza do ministerio de D. Pedro, dizia-se, que recebia mensalmente *duzentas libras sterlinas*.

viços, que constantemente tinha feito á cauza liberal Portugueza, e até os agradecimentos que por vezes tinha pessoalmente recebido do mesmo ministro que agora tão feiamente o tratava. Consistião esses serviços, muitos dos quaes já antes tenho mencionado n'estes meus *Annaes*, em ser elle quem havia dado os meios para a hida do conde de Vila-Flôr, e muita tropa para a ilha Terceira: em ter feito o mesmo para a viagem da Rainha, e imperatriz para o Rio de Janeiro: em haver elle mesmo hido a esta côrte em missão muito importante: em ter na sua volta do Rio continuado constantemente a auxiliar a regencia da Terceira: em haver concorrido efficazmente com o *mesmo actual ministro* da fazenda para o emprestimo do anno 1831: em haver depois d'elle auxiliado quasi todos os dias o agente d'esse emprestimo, cuja frase ordinaria era dizer-lhe, — *je n'ai pas le sou*: em ter no anno 1832, quando os contractadores recusavão todo o auxilio, arranjado *gratuitamente* um emprestimo de dez mil libras sterlinas: em haver no anno 1833 concorrido constantemente para enviar ao Porto muitos batalhões de tropas estrangeiras, com a singular circumstancia de não se lhe ter pago em devido tempo as letras sacadas por essas despezas, quando ao mesmo passo o ministro as pagava a outros pelo mesmo objecto: finalmente em ter sido elle quem na realidade salvára Portugal, dando a maior parte

do dinheiro com que se preparou a brilhante e victoriosa expedição do almirante Napier (*m*). Assim a um homem, que podia com verdade allegar taes serviços, deshonrava o ministro, negando-lhe as qualificações necessarias para se lhe acceitarem as suas propostas de emprestimo!

Por esta mesma épocha chegárão a Lisboa os dous novos ministros de Inglaterra e de França, que fôrão lord Howard de Waldem, e o barão Mortier. Sobre a missão do primeiro espalhou-se então, que uma parte das suas instrucções era o vir authorisado para suspender as suas relações diplomaticas logo que por qualquer medida ministerial entendesse que o governo de D. Pedro intentava invadir os direitos da Rainha. Igualmente se presumio que as instrucções do ministro Francez erão analogas para o mesmo fim.

No dia 18 d'este mez de fevereiro se dêo a batalha de *Almoster*, em que a gloria do nosso exercito, e do seu capitão, o marechal conde de Saldanha, ganhárão um novo lustre, e com elle se fortificou a causa da liberdade. Foi esta batalha igualmente uma nova e energica resposta com que o general confundio as calumnias e os ciumes com que os seus inimigos não cessavão de o atacar;

(*m*) Toda esta correspondencia appareceo depois junta na gazetta Ingleza — *Town and Country Advertiser* do dia 12 de fevereiro d'este anno.

e foi emfim ella o que impedio de não tornarmos a vêr em frente da capital o exercito rebelde, que para isso se tinha preparado. Pelo itenerario que se encontrou em poder de alguns officiaes, mortos no campo de batalha, soube-se que as tenções do inimigo erão dormir aquella noite no Cartaxo; passar no dia 19 a Villa-Franca; e entrar no dia 22 em Lisboa, anniversario da chegada de D. Miguel a Lisboa na sua vinda de Inglaterra no anno 1828. Fôrão os rebeldes os que atacárão; e sendo o ataque geral em toda a linha, o mais forte, e aquelle por meio do qual pertendião forçar a sua passagem, foi o da nossa esquerda na visinhança de Almoster, onde a batalha foi verdadeiramente terrivel e sanguinolenta. Dizia o general Saldanha no seu officio, que, depois do que tinha presenceado na brecha de S. Sebastião na guerra Peninsular, nada tinha visto que se podesse comparar com aquella scena de mortandade que soffreo o inimigo; assim como mui poucas vezes tinha soffrido um fogo tão violento como aquelle que os rebeldes tinhão feito até o momento de fugirem. Precipitados das alturas, e amontoados junto da ponte de *Sancta-Maria*, que já estava occupada pelos nossos, d'elles se apoderou uma especie de torpor; e então os nossos soldados, que virão que elles nem se rendião, nem pelejavão, e enraivecidos por esta especie de tenacidade estupida, fizerão n'elles uma car-

niçaria espantosa. A noite os livrou de uma completa anniquilação, porque o combate começou muito tarde; e assim a favor das trevas da noite se salvárão. Com mais duas horas de dia, disse o general, o exercito rebelde teria ficado anniquilado, porque as disposições que havia tomado, os logares em que estavão collocadas as nossas reservas, e os movimentos que devião effeituar as tropas que occupavão as pontes d'Assêca, e Celleiro, o Paul e Almoster, terião necessariamente acabado com todo aquelle exercito rebelde. A sua perda, sem fallar em mortos e feridos, que foi extraordinaria, constou até o dia 22, data do officio do general, de 316 prisioneiros e desertores; e entre elles quatro officiaes. Perdêrão igualmente tres bandeiras o que prova o estado em que ficárão os corpos a que pertencião (*n*).

Aconteceo esta batalha memoravel no mesmo tempo que no seu maior auge estava uma nova intriga tecida contra Saldanha. Tinha-se antes discutido qual conviria melhor operar vigorosamente no lado do sul ou do norte, para por este modo obrigar o inimigo a sahir de Santarem, pois que se tinha assentado o não atacar de frente esta forte

(*n*) Os desertores asseverárão, que tinhão perdido n'aquelle dia perto de quatro mil homens entre mortos, feridos, prisioneiros, e fugidos para suas casas Entre os mortos tres brigadeiros, seis commandantes de corpos, cinco ajudantes de ordens, e muitos outros officiaes.

posição. Havia sido sempre a opinião de Saldanha, que se devia começar pelo norte, pois que ali já tinhamos uma grande base de operações, que era o Porto, e com a qual ellas se podião muito bem adiantar. Em consequencia d'isto se lhe ordenou que formasse o seu plano, e o executasse. Assim elle o fez e começou a executar cahindo rapidamente sobre Leiria, tomando-a; e voltando depois sobre Torres-Novas e Pernes, onde teve as duas brilhantes acções, que já mencionei. Aqui porém principiárão as intrigas, movidas pelos ciumes que a não interrompida gloria do conde causava, e que se julgou necessario interromper quanto fosse possivel. Logo na mesma occasião do combate de Pernes, e ainda dous ou tres dias depois d'elle, constou que o marechal Saldanha tinha insinuado ao duque da Terceira, que commandava a direita, atacasse vigorosamente Santarem, pois que as principaes forças, que a defendião, estavão fóra dos seus intrincheiramentos. Não se assentio a esta insinuação, e dêo-se por motivo, que D. Pedro o não consentíra; e por este modo se perdeo talvez a occasião de entrar na villa. Mas isso era ainda só o principio do plano que se projectava pôr em execução contra o conde, porque para a sua melhor execução se inventou uma diversão de forças, para o sul do Tejo, de que havia de ser commandante o duque da Terceira. O caso he que elle accei-

tou este commando, e que immediatamente se cuidou em arranjar a divisão que devia commandar. Para se realisar este projecto recebeo Saldanha ordem, quando menos o esperava, para largar as posições de Torres-Novas e de Pernes, e vir tomar as que antes tinha no Cartaxo, e suas immediações. Era, portanto, bem natural, que tal deliberação fortemente o escandalizasse, o que assim aconteceo; porque esta medida imprudente e perigosa não só hia destruir todos os seus planos militares, porém hia meter debaixo do cutelo da usurpação os habitantes das duas povoações que de tão boamente se tinhão ligado comnosco. E quem haveria depois d'esta especie de perfidia que do coração quizesse auxiliar a nossa causa, vendo que assim tratavamos os que abertamente se declaravão por nossos amigos? Além d'isto, aquella resolução era toda em favor do inimigo, que estava como sitiado em Santarem; porque se lhe abrião as portas de uma livre communicação com o norte; e n'isto mostrava o ministerio que seus intentos erão prolongar a guerra, fosse como fosse, para prolongar o poder. Apesar d'isto, o marechal obedeceo contra a vontade de todo o exercito, que na retirada bem mostrou o desgosto com que a fazia. Mas nem por isso deixou então de se vigorosamente queixar a D. Pedro, e ao ministro da guerra, pedindo a sua dimissão, e o retirar-se do exercito. Então começou o mi-

nisterio a vêr o máo passo que tinha dado, e maiormente quando aos ouvidos lhe chegou a noticia da gloriosa batalha de Almoster. Sim, então conheceo que contra a felicidade e intelligencia do general não podia luctar com vantagem; e até o duque da Terceira declarou logo, que se não encarregava da projectada expedição.

O ministerio, como visse a muita razão com que o general se dava por offendido, recorreo á tactica de o entreter com boas palavras, particularmente porque lhe constou o desgosto do exercito, e o que este poderia fazer para se desaggravar, e ao seu tão estimado e feliz commandante. Servio-lhe tambem de muito o achar-se n'esse tempo D. Pedro doente, ou fingir que o estava; porque com este pretexto o ministro da guerra respondeo a Saldanha, que não convinha aggravar mais a molestia de S. M. I., annunciando-lhe cousas desagradaveis; e que em pouco tempo tudo se arranjaria conforme os seus desejos. Assim se foi passando o tempo; e como sempre acontece nas grandes paixões, as do marechal se fôrão mitigando, que era o que o ministerio pertendia. Comtudo, ainda que Saldanha não desistisse em se dimittir do commando, insistia em vir a Lisboa, pretextando negocios de familia. Isto mesmo assustou o ministerio, que sabia o máo effeito que tinha produzido no publico a pouca consideração que se havia tido com

o general victorioso; e em consequencia d'isto temia que a presença d'elle na capital fosse a sua sentença de morte. E com effeito se n'esse tempo elle tivesse apparecido, e presenceasse a recepção que lhe estava preparada, talvez que a sua natural irresolução politica cobrasse energia; que o mesmo D. Pedro reccasse sustentar por mais tempo o seu ministerio; e uma nova administração se formasse. Mas este golpe prevenio elle ainda, procurando fazer vêr ao general que se hia pôr em perigo a causa publica com a sua ausencia, bem que temporaria, do exercito, visto que se começava a espalhar a noticia de que das provincias do norte tinhão os rebeldes destacado uma força consideravel para se vir juntar á que occupava Santarem. Estas considerações, de que a politica ministerial se servio para diminuir, ou pelo menos adiar a tempestade que temia, produzírão o effeito que se desejava, porque o Saldanha não veio a Lisboa; e n'este pé ficárão os negocios politicos e militares d'este mez de fevereiro.

Por um mui sensivel desgosto passou n'esta mesma épocha a igreja Lusitana, porque pegou fogo na casa do reverendo padre Marcos, a quem o conde da Taipa chamava o *Papa-Marcos*. Exaggerarão-se as perdas litterarias e de fazenda que a igreja e o prelado tinhão soffrido n'este incendio; mas D. Pedro consolou o povo e a igreja, mandan-

do-lhe dar do thesouro publico, por seu motu proprio, e por um decreto a quantia de seiscentos mil réis. Não constava que nenhum dono de casa queimada tivesse ainda recebido tão distincto favor de nossos graciosos soberanos.

Tambem por este mesmo tempo se reformárão as alfandegas no que se chama o seu pessoal. Mas foi voz geral que nunca a tolerancia ministerial se fizera admirar tanto como n'este recrutamento verdadeiramente *panoramico*. Homens de todas as classes, de todas as côres, porém de uma só feição, isto he, homens votados do coração á politica do tempo, compozerão, segundo então se disse, toda esta nova galeria de empregados. Os que todavia n'ella mais brilhárão, segundo tambem a voz publica, fôrão alguns insignes *Miguelistas*; de um dos quaes, com especialidade, se contava, que tinha sido no reinado do feroz D. Miguel um d'aquelles que sempre fôra constante em pagar uma *boa*, e *escolhida* companhia de caceteiros. Era isto o que se dizia; e eu escrevo o que ouvi repetir a muita gente, sem affirmar, nem negar o que ouvi.

No principio de março se recebêrão noticias muito agradaveis do Algarve. Governava ali o brigadeiro *Cabreira*, havia pouco creado barão de Faro; mas este official, que tamanha energia tinha desenvolvido na ilha Terceira, quando n'ella desembarcou quasi só,

e com tanto brio a defendeo, parecia não ser já o mesmo homem, e nada grande nem glorioso tinha feito n'este governo. Dizia-se, que tendo casado rico, o casamento lhe abafára os brios antigos; qualquer que fosse porém o motivo, a verdade he, que a sua estada no Algarve cousa nenhuma de fama tinha produzido, e elle se conservava sempre encerrado em Faro, sem que tivesse emprendido operação que lhe désse nome, ou pelo menos lhe sustentasse o antigo. O barão, depois visconde de Sá da Bandeira, pelo contrario, tanto que desembarcou, e chegou a Faro no dia 22, immediatamente sahio d'ali, marchou sobre Tavíra, onde tomou grande quantidade de munições; e depois passou a Villa-Real, e Castromarim, limpando tudo o que na sua marcha encontrou, e dando assim uma vigorosa lição ao inimigo com muito credito do seu novo governo.

Por este mesmo tempo nos chegárão noticias do Rio de Janeiro com data de 18 de dezembro do anno passado, pelas quaes soubemos a revolução que ali tinha havido em consequencia das intrigas que os fautores da restauração, ou os adherentes ao partido de D. Pedro não cessavão de manejar não só em prejuizo do socego publico, porém do mesmo partido que pertendião fortificar. Era tamanha a indisposição que a maior parte dos Brazileiros conservava contra D. Pedro, que a simples desconfiança de que um retrato ex-

pôsto em uma illuminação, representava a sua figura, bastou para formar uma commoção popular, e excitar grandes desordens. Um dos resultados foi tirar-se a José Bonifacio de Andrade (*o*) a tutoria do joven imperador; e a expulsão de muitos Portuguezes, que erão fortemente suspeitos de entrarem na conjuração para restaurar o imperio a D. Pedro. Elle com effeito passou por grandes desgostos tanto no Brazil como em Portugal, porém foi a pena de um grande peccado: era o peccado de Nero; tinha rasgado o ventre de sua mãi: — a *patria* (*p*).

No Porto houve n'este mez um feliz acontecimento, que foi o poder esta nobre cidade constituir-se *municipalmente*. Já antes disse quaes fôrão os motivos que obrigárão a dissolver a commissão municipal, illegalmente creada pelo ministerio de D. Pedro; agora direi como se passou á eleição popular da legitima camara, e em que pessoas ella recahio. Fôrão todos os eleitos pessoas eminentemente distinctas por sua probidade politica, e recebêrão esta honra por um avultadissimo numero de votos. Apontarei os seus nomes por serem dos primeiros que apparecêrão, por assim dizer, n'esta *aurora* da nossa restauração politica; e fôrão elles os se-

(*o*) Foi cousa sabida, que seu irmão Antonio Carlos de Andrade aqui estivera por esse tempo em Lisboa, e tivera conferencias occultas com D. Pedro.

(*p*) Concorrendo efficazmente para a separação do Brazil.

guintes. — José da Silva Passos, presidente: João Manuel Teixeira de Carvalho, fiscal: José Placido Campean: João José Coelho: Joaquim Veloso da Cruz: José Alvares Pinto Villar: José Maria Brandão de Mello: Leonel Tavares Cabral: Francisco da Rocha Soares. Foi no dia 4 de março que pelo apuramento das listas se veio no conhecimento dos que havião alcançado a maioria de votos; e como era exactamente o dia que fazia o anniversario da primeira victoria do conde de Saldanha no anno antecedente, defendendo o reducto que havia formado em frente do inimigo, foi elle tambem o dia de uma brilhante festa civica, dada em commemoração dos acontecimentos passados e presentes. Houve um grande jantar patriotico, dado pela officialidade da divisão do exercito que defendia o Porto; e á noite houve theatro, no qual se expôz o retrato do Saldanha, se cantou o hymno que tinha o seu nome, e se derão vivas ao vencedor do dia 4 de março do anno antecedente. A nova camara municipal se constituio, e dêo juramento no dia 12, publicando n'essa mesma data uma proclamação com que muito se honrou pela exposição franca e leal dos principios politicos que pertendia seguir em todo o tempo da sua popular administração.

Não parou o caso no que já referi ácêrca do general Polaco *Bem*: a perseguição foi mais adiante. Tornou elle no dia 4 d'es-

te mez a exigir resposta do ministro em uma carta, que principiava da fórma seguinte: — „ Decididamente não são os homens de „ bem do vosso paiz, nem os homens d'es- „ tado dos paizes constitucionaes que vós „ tendes tomado por modelo....„: a resposta que porém teve, e lhe foi communicada pelo prefeito da Estremadura no dia 7, limitou-se a ordenar-lhe, que sahisse de Lisboa no seguinte e proximo paquete. Como em todos estes procedimentos se invocava o nome de D. Pedro, escreveo-lhe o general no dia 8, dizendo-lhe em summa: — „ que achando-se em Portugal em virtude de uma nomeação, assim como de uma convenção, assignada por elle mesmo D. Pedro, exigia que se lhe désse a sua dimissão, se lhe ajustassem as suas contas, e se lhe désse passaporte, não para Inglaterra, onde nada tinha que fazer, porém para o Egypto; e que então, passada uma hora, já não estaria em Lisboa. „ Parecia que nada havia tão racionavel como esta supplica, porém a resposta que ainda teve foi mandarem-no prender em sua propria casa no dia 11, e isto com um apparato escandaloso; porque na rua e á sua porta se postárão tropas como se esta diligencia fosse feita para prender um grande malfeitor. O general, ao vêr o que se passava, consta que, fazendo rapidamente o seu testamento, e vestindo-se competentemente com o melhor que tinha, se sentára junto

de uma mêsa, onde depositou duas pistolas, tendo ao mesmo tempo a seu lado a sua espada; e depois disse aos que trazião ordem para o prender que cumprissem com ella, se para isso tinhão resolução. Ninguem se atreveo a pôr-lhe a mão, quer fosse pelo respeito que lhe inspirou o general, quer pelo receio de perder a vida; e n'esta situação se conservou por muito tempo, até que intervindo indirectamente algumas personagens estrangeiras, todo aquelle apparato bellico se lhe tirou de casa. Foi depois voz constante, que elle mesmo se offerecêra para se ir meter na prisão da torre de Belém até que, justas as suas contas, podesse embarcar. Este acontecimento muito escandalisou a todos, não só pelo ridiculo, mas pelo odio que fez cahir sobre o ministerio; odio aggravado com o descredito. Este acto praticado contra qualquer outro individuo sería sempre barbaro; porém executado contra um emigrado, e um emigrado Polaco, sem patria, e até sem governo proprio, d'onde podesse esperar protecção, e ao mesmo tempo em virtude de ordens passadas por homens, que igualmente tinhão sentido as amarguras de uma emigração, pareceo, com effeito, horroroso e atroz.

A commissão municipal de Lisboa, apesar de não ser uma verdadeira representação dos habitantes da cidade, e apenas um dos instrumentos do governo, ainda teve entre si

quem ousasse representar a esse mesmo governo um dos abusos da sua authoridade, e e abuso, que trouxe comsigo grandes prejuizos, e que era um effeito palpavel de especulações criminosas. Havendo immensa quantidade de cereaes nos Açores, d'onde facilmente podião vir, e assim beneficiar-se a agricultura d'aquella interessante parte do territorio Portuguez, passou o ministerio uma ordem, com data de 5 de fevereiro passado, para se poderem receber desde o primeiro do actual mez de março dos paizes estrangeiros *quatorze mil moios* de trigo, e *quatro mil* de milho. Não erão porém ainda passados quinze dias, e já pela barra dentro do Tejo, isto he, nos dias 19, 21, e 23, estavão entrando *oito navios* carregados de trigo, vindos de Hamburgo, e da Italia, e todos consignados só a tres ou quatro pessoas conhecidas! Não ficou, portanto, duvida alguma de que esta entrada estava já depois de muito tempo arranjada; e de que este monopolio era obra de combinações anteriores. Com esta medida, realmente escancalosa, se fez um grande mal á nação, impedindo que os cereaes Portuguezes tivessem o consumo que devião ter; e ao mesmo tempo notavel prejuizo se fez aos negociantes de boa fé, que, suppondo, como devião, que no governo havia moralidade, fizerão as suas encommendas passado o dia 5 de fevereiro, sem poderem suspeitar que no dia 19 do mesmo mez havião

de vêr começar a entrar, em tamanha quantidade, os mesmos generos, que só no principio de março podião ser admittidos! Mas o governo, protegido pelo seu chefe, era superior a tudo o que d'elle a nação e o mundo podessem ajuizar. Em carta vinda de Londres, com data de 5 deste mez de março, *li eu*, que havia já muito que d'ali se tinhão mandado ordens e dinheiro para em diversas partes se comprarem trigos para Lisboa: prova, sem replica, de que o decreto, que authorisava a entrada dos cereaes, era obra de especulações anteriores.

Se os actos ministeriaes, que tenho referido, causárão desalento e desgosto, o que se segue causou mofa, e rizo. Teve antes o ministerio para fazer com que D. Pedro désse uma commenda ao Inglez mr. *Noble*. He verdade que elle estava fazendo n'aquelle tempo, segundo dizião, um grande serviço em Londres, isto he, dava preciosos artigos para a gazetta — *o Courier*, que n'essa época, como já notei, estava em boa harmonia com a actual administração; porém era elle o mesmo homem que, sendo consul Britanico no Porto no anno 1826, quando se jurou a *carta*, fez ali todas as diligencias, e empregou quantas astucias sabía, para desviar da camara dos deputados a todos os homens, chamados do anno 20, alcunhando-os de republicanos. E para melhor conseguir os seus fins ameaçava os eleitores com a influen-

cia e preponderancia de sir William A'Court, então omnipotente embaixador Inglez em Lisboa, o qual regeitava, por sua omnipotencia, para deputados todos os individuos que tinhão politicamente figurado n'aquella épocha. Assim mesmo tres ministros (*q*), então reprovados por elle, um como *regenerador*, e dous como *deputados*, erão agora tão condescendentes, que concorrêrão para se lhe dar aquelle premio! Em verdade tanta condescendencia, tanto esquecimento do passado fazião rir, e ao mesmo passo lamentar a fragilidade das virtudes politicas. Tambem por este tempo a opinião publica fazia asperas censuras ao governo pelos onerosos contractos, com que favorecia certos amigos para o fornecimento do exercito; porém então o que se pertendia era recrutar gente que fortificasse o poder nas mãos que o dirigião; e os grandes lucros, que a essa gente se davão, erão os laços d'ouro com que ella se prendia.

A nova camara municipal do Porto, fiel aos seus principios politicos, começou a sua administração pelo acto solemne de *acclamar a Rainha*; e passou logo a fazer algumas representações ao governo, todas proprias de homens verdadeiramente liberaes, e dignos da escolha que a nobre cidade d'elles tinha feito. Entre outras fôrão ellas — 1.º pedir a

(*q*) Erão elles — José da Silva Carvalho; Agostinho José Freire, e Margiochi.

liberdade da imprensa, como unico meio para livremente se lhe expôrem as necessidades publicas: 2.° a isenção de aboletamentos para a cidade: 3.° um novo juizo para decidir das indemnisações, fundada no grande principio constitucional, que a um corpo meramente administrativo não competia a authoridade judicial. As respostas que se dérão a tão justas representações, fôrão insultos e injurias pessoaes aos individuos que compunhão a camara municipal; e estes ataques ou insultos, ao passo que se negava a liberdade de imprensa, fôrão assoalhados na *Chronica*, gazetta do governo, e na *Revista*, papel auxiliar para o desafogo do mesmo governo.

Entre os actos desairosos, com que a administração diariamente perdia credito e bom nome, continuavão as nossas armas a brilhar, sempre invenciveis, sempre dignas da liberdade que defendião. O almirante *Napier*, vendo as irresoluções do governo, imaginou uma expedição *toda sua*, e o resultado d'ella foi o mais feliz. Tomou Caminha; o forte da Insua; a praça de Valença; e dirigindo-se depois a Vianna se apoderou igualmente d'esta villa, que immediatamente arrastou a si a adhesão de Ponte-do-Lima; Barca; Arcos de Val-de-Vez, e outras mais da provincia do Minho. No emtanto, como no Porto se soubessem os felizes principios d'esta atrevida expedição, bem

que o commandante *Torres* se mostrasse indeciso por não ter ordens de Lisboa, tão forte e decidida foi a manifestação dos desejos do exercito e do povo da cidade, que elle lhes não pôde resistir, e sahio com effeito a distrahir as forças do inimigo, e a auxiliar os movimentos de Napier (*r*). Dirigio-se sobre Sancto-Tirso onde encontrou os rebeldes, e ali e na Lixa os derrotou completamente; de sorte que parte d'elles se escapou pelo lado de Braga para Carvalho d'Este, e outra tomou o caminho de Amarante, passando-se para além do Tamega. O resultado d'esta tão opportuna operação foi a posse de Guimarães, Braga, Barcellos, Pennafiel, e de todas as outras povoações importantes da provincia, que ficou de todo limpa de inimigos.

Ao passo que isto assim acontecia pelo lado militar tambem a politica e a diplomacia não estavão ociosas. O governo Hespanhol, vendo-se forçado a conservar uma gran-força sobre a nossa fronteira para vigiar os movimentos do exercito rebelde composto de Miguelistas e Carlistas, que occupava Santarem, e força que lhe fazia muita falta no interior para suffocar as diversas insurreições que se manifestavão em muitas provincias, offereceo-se para fazer entrar duas columnas das suas tropas pela Beira-Baixa e A-

(*r*) Por estas brilhantes acções foi pouco depois nomeado conde.

lemtejo, afim de concorrerem para a expulsão do inimigo commum. Não sendo porém isto conforme com a politica Ingleza, que em nossos negocios quer *ella só* ter uma influencia privativa, lembrou-se, para impedir, ou pelo menos retardar, a interferencia Hespanhola, de propôr como preliminar que se fizessem algumas proposições a D. Miguel, e ao seu partido, porque no caso de serem acceitas tornaria desnecessaria a cooperação armada de Hespanha. Concordou-se, portanto, em uma especie de amnistia geral, e em certa somma vitalicia que se devia offerecer a D. Miguel; e com estas propostas partio para o Cartaxo, onde estava o quartel-general do nosso exercito, o ministro Inglez lord Howard de Waldem. Houve com effeito algumas conferencias e communicações entre ambas as partes, porém d'ellas nenhum decidido resultado se tirou; porque D. Miguel e o seu partido não acceitárão nenhuma das offertas que lhes fizerão, e se rompêrão as negociações.

Entretanto a imprensa Ingleza, que apoiava o ministerio de D. Pedro, se mostrava tão descaradamente indecente e grosseira que até ousou, com atrevimento inaudito, macular a innocencia, e a virtuosa *juventude* da Rainha! No *Courier Inglez* do dia 15 d'este mez de março, folha que passava por estar estipendiada pelo governo Portuguez; e em outra da mesma data, intitulada *o Sun*,

appareceo um escandalosissimo artigo, e de tal natureza, que até fez baixar na praça os nossos fundos. Foi esta atrocidade moral (*s*) tão horrorosa, e infame, que parecia impossivel haver mão, a não ser Ingleza, que a podesse escrever, e publicar! O que mais he, foi haver em Londres empregados do governo em nome da Rainha de Portugal, e não haver um só, que mandasse logo desmentir tão horrorosa calumnia! Foi preciso que um banido e insultado pelo governo de D. Pedro, o honrado coronel Rodrigo Pinto Pizarro, tomasse a defeza da sua Rainha, e obrigasse a calumnia a desdizer-se! Este Portuguez, que já estava destinado para ainda fazer muito bons serviços, bem que curtos, á sua patria (*t*) tomou a seu cargo obrigar a gazetta — *o Sun*, a desdizer-se; o que ella fez na sua folha do dia 17 seguinte, dizendo: „ que n'esse dia se havião completamen- „ te dissipado, *como merecião*, todos os boa- „ tos espalhados contra a Rainha; e que „ bem mostravão ter sido espalhados por pes- „ soas, que, á custa da honra d'ella, per- „ tendião advogar interesses particulares. „

O ministerio, querendo vêr se se podia

(*s*) Foi de uma tal estupida torpeza a calumnia, que não me atrevo a nomeá-la. Quem tiver curiosidade de o saber consulte as gazettas do tempo.

(*t*) Morreo com o titulo de Barão da Ribeira de Sabrosa repentinamente no anno de 1841, depois de ter sido ministro, e secretario d'estado da guerra, e negocios estrangeiros.

acreditar com o publico, hia de vez em quando lançando ao povo uma especie de *missanga*, com o titulo de leis, para o distrahir e adormecer. Uma d'ellas foi a lei do *porto-franco*, que na realidade sería de grande importancia, e summo interesse se, para a executar, se procurassem homens de probidade, e não afilhados; porque sem esta condição longe de ser um bem, ou um beneficio publico, era abrir as portas a toda a fraude, e ao mais ruinoso contrabando. Outra, que appareceo no mez seguinte, foi a lei das *guardas nacionaes*, que não passou de um nome sem significação, ou foi uma d'essas *taboletas* que cada uma das secretarias d'estado punha á sua porta, e com que procurava ganhar popularidade. E tanto era isto uma mera formalidade, que ao mesmo passo que promulgava taes leis feria de morte o credito publico, como aconteceo com o decreto d'este mez pelo qual abolio a *junta dos juros*, incorporando-a na repartição que elle denominava thesouro. Abstractamente considerada esta providencia parecia muito justa por centralisar toda a administração de fazenda em um só ponto; mas na pratica era uma verdadeira violação da fé publica. Sendo um facto notorio que o erario estava em um estado de verdadeira falencia, porque quando se não póde pagar a quem se deve, e no tempo aprazado, ha uma indisputavel quebra de credito; e para que os credores do estado podessem ter mais

confiança no governo havia-se creado a junta dos juros, afim de que, separadamente do thesouro, fosse ella administradora de todos os fundos, e rendas applicadas á divida publica. Em uma palavra, a junta dos juros havia sido creada para ser a depositaria e administradora das hypothecas que se havião dado aos credores do estado; e elles havião acceitado, com muita boa vontade e até satisfação, esta nova garantia dos seus creditos. Havia a mesma junta fielmente correspondido aos fins da sua creação, e os credores do estado estavão completamente satisfeitos com ella, porque os seus pagamentos havião sido regulares, até nos tempos desgraçados da usurpação, que, não respeitando cousa alguma, só aquelle estabelecimento tinha respeitado. No que se não atrevêra pois a tocar a usurpação atreveo-se o ministerio da legitimidade, porque por um rasgo de penna dissolveo a junta, chamou seus fundos ao thesouro, e parou com os pagamentos, espoliando assim os credores das hypothecas que privativamente lhes estavão destinadas, e constituindo-se assim *depositario*, e *devedor* contra o que legalmente já estava determinado. Se ao menos, commettendo este acto de infidelidade, o thesouro continuasse a pagar tão regularmente como a junta, alguma desculpa poderia ter o ministro, ou o ministerio; porém arrojando-se a elle para fazer mais notavel a sua falencia, foi esse um acto de uma consumada demencia.

A camara municipal de Lisboa tomou por este tempo posse do seu emprego, ao mesmo passo que a do Porto estava briosa e legalmente resistindo a todas as prepotencias do prefeito *Gonçalves de Miranda*, e apresentava ao ministerio uma coragem civica, digna da heroica cidade que ella representava. Um dos grandes attentados do prefeito foi a ordem que dêo para arrancar e lacerar os editaes da acclamação da Rainha que a camara mandára affixar nos logares publicos da mesma cidade; e este attentado pôz a descuberto toda a politica do systema de que elle era orgão. Em verdade quando uma gazetta Ingleza, notada por estar a soldo do thesouro Portuguez, procurava tão atrozmente manchar a innocencia juvenil da Rainha, e apparecia no Porto um prefeito que mandava arrancar e lacerar o auto da sua acclamação, quem he que podia impedir que se não fizessem funestos juizos sobre estes factos?

As vantagens militares que começámos a ter no antecedente mez de março, continuárão sem interrupção no mez seguinte de abril. O duque da Terceira, que havia hido tomar o commando do exercito do Porto, passou o Tamega no dia 11 d'este mez de abril, e n'esse mesmo dia foi prenoitar á Regoa, levando diante de si em debandada o resto das forças inimigas, que havião escapado dos ataques do Minho. No dia 13 entrou em Villa Real, e durante a sua marcha, em am-

bas as margens do Douro, fôrão as terras principaes espontaneamente fazendo as acclamações da carta e da Rainha. Em Lamego se fez ella estando ainda o duque na Regoa, que mandou logo para aquella cidade o 1.º batalhão movel, que fez arredar para longe os rebeldes que até ali a occupavão. Estes, fortemente atacados na provincia de Traz-dos-montes, fôrão afinal forçados a passar o Douro, e lançar-se na Beira, derrotados e perseguidos. Entre as personagens, que se vierão apresentar ao duque, as mais notaveis fôrão João da Silveira de Lacerda, e o Visconde de Sancta Marta que, depois de ter por algum tempo commandado o exercito de D. Miguel, que sitiava o Porto, se achava agora, como em desterro, na provincia. O duque entrou em Lamego no dia 22, d'onde officialmente participou a restauração da praça de Almeida, que, pelo esforço dos prêsos, que n'ella havia em numero de mil e tantos, e pela impressão que em seus carcereiros ali tinhão feito as nossas victorias no Minho, Traz-dos-montes, e Beira, pôde romper suas cadeias, e arvorar a nossa bandeira.

Não foi tão feliz em suas operações o commandante e governador do Algarve, *Sá da Bandeira*; porque tendo-se adiantado talvez mais do que era prudente, se vio por fim, depois de ter passado ao Alemtejo, obrigado a precipitadamente retirar-se com perdas consideraveis, e grandes sacrificios das

povoações em que havia entrado, fazendo com que se declarassem a favor da carta e da Rainha, sem ter meios de as defender.

No emtanto que as operações militares marchavão da maneira que fica dito, e sempre com progressiva vantagem em nosso favor, nem por isso o ministerio por seus actos adquiria maior fama. Na *Chronica* do governo do dia 8 d'este mez de abril, papel que era tido por absolutamente ministerial, appareceo uma violenta accusação contra o duque de Palmella, como extrahida das folhas Inglezas, em que era voz publica que o governo de D. Pedro influia. Mas a vergonha, se a houve, foi igual ao forte insulto com que se atacou o duque; porque no mesmo dia o governo se vio forçado a supprimir a folha da *Chronica* em que se publicára o libello, e a mandar publicar outra, com a mesma data, em que se confessava a calumnia, e se dava o dito por não dito. E não ficou ainda aqui a recuperação que exigio o duque, porque ainda tambem obrigou o governo a mandar desmentir, pela segunda vez, a calumnia quatro dias depois na mesma *Chronica* do dia 12, dia, em que ordinariamente se costumava fechar a mala para Inglaterra. Assim se desaggravou elle do insulto que se lhe fez, e o ministerio passou por baixo das *forcas caudinas*, sem ousar fazer a menor resistencia. Era o duque n'aquelle artigo com especialidade accusado de ter aconselhado D.

Pedro a annullar a sua abdicação; e declarar-se rei absoluto; porém esta accusação pertencia muito melhor a aquelles que em Londres tinhão aconselhado o mesmo duque a que não duvidasse prometter o sacrificio da carta para mais facilmente podermos voltar a Portugal. Não se limitavão, comtudo, os ataques, feitos nas gazettas estrangeiras, á pessoa de Palmella; tambem contra o author d'estes *Annaes* se mandava escrever em Londres (*v*); porque ali foi accusado de ter escripto o seu *Ensaio Historico-Politico*, em que desmascarava a politica Ingleza, e mostrava os grandes prejuizos que a sua influencia em todos os tempos nos tinha causado. Por este modo até um grande serviço publico, feito á nação, era denunciado a nossos proprios oppressores por homens que se chamavão Portuguezes!

N'esta épocha quem resistia a todos os ataques da inveja ou da calumnia, e marchava sempre, como vulgarmente se diz, com vento em pôpa, era o reverendo padre Marcos. D. Pedro e seus amigos o nomeárão arcebispo de Lacedemonia, e fizerão que, cuberto com toda a purpura archiepiscopal, fosse tambem nomeado pelo patriarcha vigario geral do arcebispado de Lisboa. Queria-se elevar o homem bem alto, talvez na idéa de, em tempo, de bem alto o despenharem! (*x*)

(*v*) No *Morning Herald*, e creio no do primeiro d'abril d'este anno.

(*x*) Com effeito seus mesmos amigos fôrão os que lhe

Por este mesmo tempo o general Polaco *Bem*, de quem já fallei, e que se achava prêso na Torre de Belem, foi mandado sahir para Inglaterra, usando-se com elle o que se faz com os homens a quem se não quer fazer justiça, isto he, punindo-os sem processo nem sentença, como se punem os innocentes.

A nova camara municipal do Porto dava grandes cuidados ao governo, e por isso se procuravão todos os pretextos para a dissolver. Receava-se comtudo o bom effeito d'esta operação pela grande confiança que o povo tinha n'ella; e em consequencia d'isto fizerão-se de ante-mão preparativos para que a medida projectada encontrasse as menores contradicções possiveis. Uma das medidas que logo se tomou foi mudar o general das armas Pedro Canavarro, homem de honrados e firmes sentimentos politicos. As operações militares, e, em consequencia d'ellas, a ausencia de muitos batalhões de voluntarios derão igualmente uma opportunidade mui favoravel para estes intentos, porque sendo elles em grande parte votantes, como cidadãos que erão, e achando-se agora ausentes, podia o ministerio, com menos risco, mandar proceder a uma nova eleição. Esta opportunidade aproveitou elle, e por um decreto de 14 d'-

---

despirão a purpura, por assim dizer, no meio da rua; e o arcebispo ficou sómente *Marcos* como d'antes! Assim passão as grandezas do mundo!

este mez de abril, assignado por Joaquim Antonio de Aguiar, dissolveo a nova camara constitucional do Porto, sem dar razões nem motivos para isso, fundando-se simplesmente em uma lei provisoria, publicada nas ilhas. A camara, sem disputar a legalidade do decreto que a dissolvia, e entregando toda a decisão d'este negocio ao bom senso e patriotismo dos seus concidadãos, dimittio-se sem difficuldade.

Uma circumstancia particular, excitada perante D. Pedro pelo bacharel José Joaquim dos Reis, fez com que n'este mez houvesse uma modificação ministerial. Assim no dia 23 largou José da Silva Carvalho a secretaria da justiça; para ella passou o ministro do reino Aguiar; e para a d'este foi nomeado o prefeito da Estremadura, Bento Pereira do Carmo. Em nada se alterou com esta mudança o systema politico do governo, porém no conceito do publico muito melhorou o systetema administrativo. *Pereira do Carmo*, bem que não fosse homem capaz de alterar a politica ministerial de seus collegas, era homem honrado, e havia sido uma das victimas da tyrannia de Telles Jordão nas prisões da torre de S. Julião. A secretaria das justiças tambem ganhou alguma cousa na mudança; porque *Aguiar*, bem que não agradasse por sua politica *actual*, agradava pela reputação que tinha de integridade. Outra lei com que n'este tempo se quiz acreditar o ministerio

foi a que reduzio os direitos de todas as fazendas estrangeiras a 15 por cento, direito que até ali só pagavão as Inglezas. Mas isto attribuio-se a alguns arrufos que havia com o gabinete Britanico, porque só elle era lesado, perdendo este exclusivo; e pouca ou nenhuma utilidade tirava a fazenda publica d'esta medida.

N'este mez se resolveo uma grande questão politica, que nos foi muito favoravel, e consolidou os nossos negocios. A rainha regente de Hespanha, depois de haver formado um novo ministerio de individuos, antigos martyres da liberdade, promulgou o célebre *statuto real*, com data de 10 de abril para o chamamento e organisação futura de uma representação nacional. Ao mesmo tempo, como a situação politica de ambos os reinos era identica, porque n'elles havia dous principes usurpadores dos direitos das suas sobrinhas, D. Isabel II. de Hespanha, e D. Maria II. de Portugal, tomou tambem o governo Hespanhol a resolução final de reconhecer a nossa Rainha; o que fez perder todas as esperanças não só a D. Miguel, mas a D. Carlos, o principe Hespanhol, que, de união com o nosso, estava fomentando a a guerra civil em ambos os reinos da Peninsula. Com este acto, approvado pelas duas nações, a Inglaterra, e a França, se dêo portanto, o golpe decisivo na usurpação tanto Portugueza como Hespanhola, porque d'el-

le se seguio tambem logo a convenção politica, ou tratado, para o mutuo auxilio que os dous governos se obrigárão a prestar-se para a commum utilidade, e commum pacificação de ambas as nações. Em o nosso governo interno não havia alteração, mas a força das cousas, mais poderosa do que a dos homens, começava a apressar os grandes acontecimentos militares que no seguinte mez de maio coroárão a nossa constancia, e o valor sempre invencivel dos nossos soldados que defendião a liberdade.

Finalmente chegou o mez de maio, e n'elle se resolveo o grande problema da usurpação. O duque da Terceira entrou victorioso em Coimbra no dia 8 d'este mez, e o almirante Napier n'esse mesmo dia entrou na villa da Figueira da foz. No dia 16 achou-se o duque com a sua divisão perto de Thomar em um logar, denominado *Asseiceira*, onde se achavão postadas as tropas rebeldes, que se tinhão escapado das provincias do norte, e algumas sahidas de Santarem. O duque as atacou; e, depois de lhes fazer perder a forte posição que occupavão as pôz em tão completa debandada, que perdêrão mais de mil e quatrocentos prisioneiros; sessenta e quatro officiaes; oito peças de artilharia; quatro bandeiras; e uma grande quantidade de munições, além da perda em mortos, que foi muito grande. Ao mesmo tempo Napier obrigava a guarnição de Ourem, composta de

novecentos homens, a entregar-se á divisão com que tinha desembarcado na Figueira, reforçada depois com mais alguma gente, que ao todo constava de 1400 a 1500 homens. Estas duas perdas, quasi simultaneas, atterrárão por tal modo os rebeldes, que ainda occupavão Santarem, ultimo ponto que lhes prolongava a existencia, que, cortados de medo, e perdidas todas as esperanças, largárão esta sua fortissima posição na madrugada do dia 18. Seguio-se então a este movimento uma desorganisação geral, porque em consequencia d'elle perdêrão toda a força moral; e a fysica cada dia se lhes começou a diminuir pelas constantes e numerosas deserções. A noticia da sahida de Santarem lhes fez perder logo Abrantes, ameaçada pelas forças Hespanholas que descião da Beira-Baixa. Como tomassem o caminho de Alemtejo, o nosso exercito, composto de duas fortes divisões, commandada a primeira, a da esquerda, pelo duque da Terceira; e a segunda, a da direita, pelo conde de Saldanha, atravesssou logo o Tejo, e correo sobre elles não só para lhes cortar a estrada d'Elvas, mas para os separar das costas do mar, e os meter entre as duas forças combinadas, de que os dous marechaes tinhão o commando. Confusos os rebeldes com esta manobra, fôrão meter-se em Evora, onde encontrárão a sua sepultura politica; porque logo no dia 24 se virão obrigados a pedir um armisticio

ao marechal Saldanha, que, pela estrada de Monte-Mor e Arrayolos, já estava a ponto de cahir sobre elles, que pela frente já tambem tinhão o duque da Terceira. Foi-lhes recusado o armisticio; e n'este apuro se lançárão emfim nas mãos do mesmo marechal no dia 26, em que o general *Guedes* lhe veio participar, que as reliquias do exercito do usurpador se entregavão á generosidade dos vencedores; e que o mesmo usurpador pedia licença para se embarcar em Sines em um navio Inglez.

N'este mesmo dia se assignárão então em Evora entre os dous marechaes Terceira, e Saldanha, que para isso estavão authorisados, os seguintes artigos para a inteira execução da entrega completa que de si fizerão os rebeldes.

Artigo 1.° Expedir-se-hão immediatamente ordens a todos os commandantes de praças, e forças em campanha, e a todas as authoridades, que ainda reconhecem o governo do snr. D. Miguel, para immediatamente tambem fazerem a sua submissão ao governo de S. M. F. a senhora D. Maria II. com a fruição das condições já declaradas (*y*).

(*y*) Entre as condições declaradas houve uma *amnistia geral* por todos os delictos politicos commettidos desde o dia 31 de julho de 1826; a conservação dos postos *legitimamente* conferidos aos officiaes militares amnistiados; a pensão a D. Miguel de 60 contos de réis por anno; e a sua sahida do reino dentro de 15 dias; tudo em virtude do tra-

Artigo 2.° O disposto no artigo antecedente será extensivo a todas as authoridades ecclesiasticas, civís, e militares dos dominios ultramarinos da monarquia.

Artigo 3.° O sñr. D. Miguel sahirá da cidade de Evora no dia 30 do corrente mez de maio para a villa de Sines, onde, segundo a sua escolha, terá logar o seu embarque, acompanhado no seu transito pelas pessoas da sua comitiva pessoal, por 20 cavallos dos que antes servião no seu exercito, e por dous esquadrões de cavallaria dos exercitos da Rainha. O commandante das forças reunidas em Evora mandára uma relação nominal das pessoas da comitiva do sñr. D. Miguel aos marechaes commandantes dos exercitos da Rainha.

Artigo 4.° No dia 31 de maio corrente as tropas, reunidas em Evora, largaráõ as armas no edificio do seminario d'aquella cidade; e dividir-se-hão, segundo a naturalidade das praças, em tropas que, debaixo da responsabilidade de seus antigos officiaes, marcharáõ para as localidades designadas, recebendo na marcha pão, e etape; e chegadas a seus destinos receberáõ guias para os seus domicilios. Os milicianos, ordenanças, e voluntarios, de qualquer denominação que sejão, receberáõ immediatamente guias para os seus domicilios.

Estes artigos fôrão assignados por parte

tado de Londres de 22 de abril d'este anno. Estas condições fôrão assignadas no mesmo dia 26.

de D. Miguel pelo commandante das suas forças em Evora, José Antonio de Azevedo e Lemos.

Como o infante de Hespanha, D. Carlos, se achasse tambem em Evora com D. Miguel, e os seus negocios nada tivessem com os nossos, tomou a si o governo Inglez ser seu procurador; e conseguintemente, em seu nome, assignou tambem com os nossos dous marechaes o secretario da legação Britanica, *Grant*, os artigos seguintes em Evora no mesmo dia 26 d'este mez de maio.

Artigo 1.° S. A. R. o infante D. Carlos sahirá de Evora com a sua comitiva no dia 30 de maio corrente para Aldêa-Galega, e ahi embarcará.

2.° No seu transito os marechaes respondem pela segurança de S. A. R. e de sua comitiva; e lhe darão a escolta, que S. A. R. lhes designar.

3.° Os subditos Hespanhoes, que se achão em Portugal, compromettidos no serviço de S. A. R., serão recebidos em um deposito provisional em Santarem, para onde hirão com a escolta necessaria para a sua segurança.

4.° O governo Portuguez lhes dará meios de subsistencia no deposito, até que elles possão sahir sem perigo d'ali para outro qualquer domicilio.

Todas estas interessantes e extraordinarias noticias chegárão a Lisboa no dia 27, dia historico, porque era o anniversario d'a-

quelle em que, onze annos antes, D. Miguel tinha fugido para Villa-Franca, e n'elle havia dado a primeira mostra de todos os seus crimes futuros. Estes acontecimentos, tão successivos, e tão rapidos, depois de seis annos de uma usurpação mantida por tantas crueldades, horrores, e miserias, se por um lado produzírão grande satisfação e alegrias por se vêr acabado um reinado tão monstruoso e selvagem, por outro produzírão um profundo sentimento de desgosto no povo. Folgava este, sim, de se vêr já livre d'esse governo tyrannico, que, com sua mão destruidora, tinha espalhado a desolação e a morte por toda a superficie de Portugal; e desde os palacios até as choupanas havia derramado o fel e o veneno das maiores amarguras que a natureza humana póde soffrer; porém ao mesmo tempo se indignava que a seus inimigos, que a seus assassinos, e que a seus algozes se tivesse dado tão amplo perdão, e uma tão extensa amnistia, que os punha quasi a cuberto da tremenda responsabilidade em que tinhão incorrido. Accrescia ainda a isto que o ministerio, garantindo assim vidas e fazenda, com tamanha amplidão, aos barbaros que tinhão devorado as vidas e fazendas de tantos mil martyres da liberdade, faltava a todas as promessas que antes tinha feito, e com as quaes imprudentemente tinha enganado as esperanças publicas. Sim, o povo se lembrava ainda muito bem da cruel per-

seguição que se havia feito ao conde da Taipa, e ao impressor das suas cartas, por n'ellas ter inculcado a necessidade de uma geral amnistia; e se lembrava tambem que, para dar uma feição caracteristica a esta demente perseguição, até se nos tinha roubado a liberdade da imprensa, impondo-nos a lei da censura; porém ao menos o conde da Taipa, dizia o povo, não tinha hido tão longe como os ministros de D. Pedro, porque nas suas insinuações excluia a pessoa de D. Miguel. Por este modo elles ministros fazião ainda muito mais do que aquillo que o conde da Taipa tinha aconselhado, porque não só não excluião D. Miguel da amnistia, o mesmo homem, a quem poucos dias antes tinhão tratado com todo o desprezo em um decreto, privando-o até de seus titulos como principe, mas lhe davão ainda uma pensão annual de sessenta contos de réis! Em tal caso, como aquelle em que se achavão os ministros, deverião elles, como homens de pondonor e de brio, preferir a sua dimissão á assignatura de taes condições. E nem para isto lhes faltarião exemplos. Quando *Pitt* vio a necessidade de fazer a paz com Napoleão, contra a qual se tinha altamente pronunciado, não se oppôz a ella, mas declarou, que lhe não compettia o assigná-la. Assim elle e os seus collegas se dimittírão, e o ministerio *Fox* os substituio para executar aquelle acto que se julgou necessario.

Uma irreflexão, tão ordinaria nos principes como n'aquelles que o não são, fez com que D. Pedro em companhia da Rainha fosse em a noite do dia 27 ao theatro de S. Carlos, e ahi quizesse dar officialmente as noticias que acabo de referir, pensando que serião tão bem recebidas como elle e o seu ministerio levemente tinhão imaginado. Não aconteceo porém assim, porque em poucos momentos conhecêrão a sua illusão. Vozes de uma alta desapprovação se começárão logo a ouvir tanto dentro do theatro como fóra d'elle no salão da entrada; e julgando-se que o melhor modo de socegar a irritação publica era o distribuir ali muitas copias do decreto de amnistia, foi isto o mesmo que lançar, na frase vulgar, azeite no fogo. A irritação e as vozes crescêrão, especialmente quando do camarote real sahírão algumas expressões imprudentes, que muito mais excitárão a colera e o tumulto do povo, que se expressou então na sua ira com palavras mui pouco decorosas para o throno. Para socegar o tumulto se dirigírão ao salão os ajudantes de D. Pedro, e o general da força armada, *Gama Lobo*, mas todos fôrão desattendidos por palavras, e acções fortes e energicas. Gama Lobo chegou a ordenar á guarda, que se compunha de soldados do commercio, que carregasse e prendesse alguns individuos; mas não foi obedecido, só foi escarnecido.

Felizmente aquelle tumulto, irreflecti-

damente provocado, não teve consequencias funestas, bem que podia ter sido fatal, especialmente para os ministros, se não tivesse sido filho do acaso, sem nenhuma combinação antecipada; porque se a tivesse havido, e alguem estivesse destinado para lhe dar direcção, o caso por certo poderia ter sido mais serio, e haveria tido consequencias mais amplas.

Antes que D. Miguel sahisse do territorio Portuguez exigírão os nossos dous plenipotenciarios, os marechaes Terceira, e Saldanha, no dia 29 de maio, 1.° que elle fizesse entrega das joias da coroa, e riquezas da fazenda publica, ou de particulares e corporações, que existissem em seu poder; 2.° que fizesse a formal e publica declaração de jámais, directa ou indirectamente, se misturar nos negocios politicos d'este reino e seus dominios; objectos ambos de uma rigorosa execução. Quanto ao primeiro, dêo elle bastante e solemne procuração a *José Luiz da Rocha* para fazer a entrega exigida; e quanto ao segundo, fez a declaração seguinte:

„ Para satisfazer a superveniente exi-
„ gencia dos marechaes duque da Terceira,
„ e conde de Saldanha em nome do seu go-
„ verno, declaro, que jámais directa ou in-
„ directamente me misturarei em negocios
„ politicos d'estes reinos e seus dominios.
„ Paço em Evora, 29 de maio de 1834. =
„ D. Miguel. „

D. Miguel, escoltado por alguns esquadrões do regimento de lanceiros da Rainha, de que era commandante Simão Infante de Lacerda, embarcou com effeito em Sines no primeiro do mez de junho entre as maldições e insultos do povo que, ao vê-lo correr rapidamente para bordo como um fugitivo, nunca cessou de gritar: — Viva a carta constitucional, viva a Rainha, viva D. Pedro, duque de Bragança, e viva o exercito libertador. D'este seu embarque passárão attestação em fórma todos os officiaes do regimento da Rainha.

Uma igual attestação passou o commandante Inglez que o recebeo a bordo do navio *Stag*, e que foi do theor seguinte:

„ Certifico que D. Miguel embarcou a „ bordo do navio de S. M. B. surto n'este „ porto esta tarde ás seis horas. Dado sob „ minha escripta e sinal, navio de S. M. B. „ *Stag*, na bahia de Sines, 1.° de junho de „ 1834. = Nicoláo Lockier, capitão. „

Ao passo que D. Miguel embarcava em Sines tinha o mesmo destino no Tejo o infante de Hespanha, D. Carlos, em outro navio Inglez, em que foi recebido. O attestado do seu embarque foi dado na fórma seguinte:

„ A bordo do navio de S. M. B., o „ *Donnegal*, no 1.° de junho de 1834. Cer„ tifico, que o capitão A. A. Jervis de A„ touguia, e o tenente D. Miguel Ximenes,

„ ao serviço de S. M. F. D. Maria II., e a-
„ judantes de campo do marechal Saldanha,
„ pozerão em segurança debaixo da protec-
„ ção de S. M. B. a suas altezas reaes D.
„ Carlos de Bourbon e sua familia; bem co-
„ mo que os acima mencionados officiaes u-
„ sárão para com os mesmos principes da
„ maior attenção e polidez durante toda a
„ jornada desde Monte-Mor até Aldêa-Gale-
„ ga. = William Bede, tenente-coronel, ad-
„ dido á legação de S. M. B. em Portu-
„ gal. „

Com o embarque de D. Miguel perdeo o seu partido todo o resto de força e animo que ainda conservava; e no dia 31 d'este mez de maio já Elvas, Campo-Maior, e emfim todo o Portugal obedecião ao governo da Rainha. Mas apesar de todos estes acontecimentos felizes o ministerio de D. Pedro hia diariamente crescendo na sua impopularidade em razão das nomeações que fez n'este mez para alguns empregos publicos, particularmente para o ultramar. Notavão entre ellas as de alguns *caceteiros* conhecidos, e de outros Miguelistas furibundos, ao mesmo passo que deixava de parte constitucionaes honrados e probos que na emigração ou debaixo do cutelo do usurpador havião dado as maiores e mais constantes provas de lealdade, e civismo. Em uma palavra, como não quero mencionar nomes, porque não quero perpetuar odios, só accrescentarei, que ge-

ralmente se dizia: — „ que o governo de D. Pedro era o de D. Miguel, vestido de azul e branco. „

Outra accusação que se fazia ao governo era que elle pertendia reduzir as camaras municipaes a meros instrumentos seus, movidos pelos agentes que creára e a quem déra os nomes de *prefeitos*, *sub-prefeitos*, e *provedores*; de maneira que por esta legislação as camaras não vinhão a ser mais do que simples executoras das vontades dos servos do governo, sem authoridade propria, nem respeito popular. Contra uma parte d'estes abusos já tinha vigorosamente representado a camara municipal do Porto, que por isso teve logo uma dimissão á *Turca*; e agora as mesmas ou similhantes questões se tinhão excitado entre o governo e a camara municipal de Lisboa. Nos dias 2 e 5 d'este mez tinha ella representado ao governo sobre objectos mui graves, e de grande interesse publico; mas o governo, como offendido da liberdade das representações, respondeo-lhe descomedida e incoherentemente por duas portarias com data de 22 e 23 d'este mesmo mez. Nem a camara nem o publico esperavão que um governo constitucional e sisudo désse similhantes respostas, e por isso com a mesma liberdade, e com a consciencia do bem com que antes tinha representado, lhe replicou como convinha no dia 27, concluindo a sua replica: — que não podendo ella pelo in-

diferimento das suas representações já continuar a exercer as suas funcções; e não se podendo dimittir por authoridade propria, esperava em ultimo recurso receber o decreto da sua dissolução. — O governo emmudeceo com esta resposta, talvez por não esperar que houvesse quem ousasse fallar-lhe com tamanha independencia.

Para moderar o máo effeito que tinha produzido no publico a sua amnistia, tão ampla e tão extensa, promulgou o ministerio, por este mesmo tempo, alguns decretos, que na sua generalidade fôrão agradaveis ao povo. Foi o primeiro, o da convocação das côrtes para o dia 15 de agosto futuro: foi o segundo, o da extincção de todos os privilegios da companhia dos vinhos do Douro: e foi emfim o terceiro, o da extincção de todos os conventos, e mais casas de qualquer denominação, pertencentes ás corporações regulares, ou frades; decretos, que tiverão as datas de 28 e 30 d'este mez de maio. Com isto socegou um pouco o desgosto popular, mas não o extinguio, porque entre tantos decretos teve sempre medo de promulgar o mais essencial, que era o da liberdade da imprensa; medida da primeira necessidade, quando se hia proceder ás eleições dos deputados. Este só facto mostrou qual era o seu espirito, qual era a consciencia que elle tinha da sua falsa posição, e o justo receio que lhe davão as vozes do publico. Sim, todo o individuo,

ou todo o governo, que receia que as suas acções sejão julgadas pela imprensa, ou tem a consciencia de ter feito mal, ou o está actualmente fazendo, ou pertende fazer. Em França, ainda nos tempos mais infelizes da restauração, e em que muitas vezes se suspendeo a liberdade da imprensa, era esta sempre restituida no mesmo momento em que se hia proceder ás eleições. Assim este facto, quando outros não houvesse, caracterisa o ministerio d'esta épocha. Entre outros mais decretos appareceo tambem o da abolição do *juiz do povo*, e da casa chamada dos *vinte e quatro*; magistratura antiquissima em Portugal, e da qual algumas vezes havia resultado muito bem, quando a corrupção não tinha ainda apagado a nossa independencia politica; mas que, segundo os costumes actuaes, e em conformidade da carta constitucional já não podia subsistir sem passar por um solocismo politico.

Morreo em 13 d'este mez de maio uma das nossas virtuosas victimas politicas, o prior da freguezia dos Anjos de Lisboa, José Ferrão de Mendonça, e ex-deputado das côrtes constituintes do anno 1821. Quasi sempre perseguido depois de perto de trinta annos, e sempre debaixo de miseraveis pretextos, como o *de pedreiro livre*, e ultimamente entregue á brutal tyrannia de D. Miguel pelo espaço de cinco annos na torre de S. Julião, acabou seus dias como tinha vivido, isto he,

com a reputação de homem de bem, de constantes principios liberaes, e de uma vida publica sem mancha.

Tambem em França morreo n'este mez um dos primeiros caracteres politicos do seculo passado e presente o general *Lafayette*. Começou a sua brilhante carreira publica, servindo a favor da liberdade na guerra da independencia da America Ingleza, onde adquirio não tanto a reputação de um distincto militar como a de hum sincero e denodado defensor das liberdades do genero humano. A nova republica Americana sempre o considerou como um dos primeiros defensores da sua independencia; e n'esta qualidade constantemente o respeitou e honrou. Na convocação dos estados geraes em França no anno de 1789 appareceo elle como um dos deputados da nobreza; porém muito mais zelador da liberdade da sua patria do que dos antigos privilegios da classe em que havia nascido, foi tambem um dos primeiros que solemnemente se despojou do titulo de *marquez* no acto de se abolir a alta nobreza em França. E d'este titulo, assim como de nenhum outro, igual ou similhante, não tornou a usar na sua vida. Verdadeiro e sincero amigo da liberdade oppôz-se briosamente a todos os crimes que, em nome d'ella, se começavão a perpetrar; e por isso obrigado a sahir da patria para não ser victima nem complice dos attentados politicos, que começa-

vão a manchar a grande obra da regeneração politica da França, cahio por fim nas mãos do governo Austriaco, que o tratou com uma barbaridade exquisita, conservando-o prêso em uma das suas grandes fortalezas, d'onde ultimamente sahio com alguns companheiros do mesmo infortunio para ser trocado pela filha do desgraçado Luiz XVI. Vendo que a magnifica obra da liberdade não marchava como tinha imaginado, affastou-se elle ou o affastárão dos negocios publicos, porque suas virtudes civicas erão inalteraveis, e incapazes de se abaixarem a servir qualquer das facções politicas que por muito tempo affligírão a França. Em consequencia d'isto nem ao governo consular nem ao imperial quiz dar o seu apoio, e se conservou sempre independente até a restauração dos Bourbons. Na entrada d'estes, e durante o seu governo, mostrou a mesma independencia, não querendo receber d'elles nem mercês nem recompensas, e só do povo que constantemente o nomeou seu representante. Ultimamente foi um dos que mais concorrêrão para a expulsão de Carlos X., e nomeação do duque de Orleans para rei dos Francezes, a quem elle, se tivesse querido, teria certamente substituido com outro qualquer titulo, se a sua ambição o levasse a ser o primeiro homem publico em França. Mas este seu grande e raro desinteresse não lhe grangeou senão a mais notoria e não esperada ingratidão da parte d'aquelle mes-

mo a quem tinha, bem se póde affirmar, dado o throno e a coroa real. Por isso mesmo cada vez mais estimado, e até adorado da nação e da patria, a quem em toda a sua vida tudo sacrificára para lhe dar uma solida e permanente liberdade, morreo cheio de annos e virtudes, lamentado pelos nacionaes e pelos estranhos, que tanto uns como os outros sempre o tinhão considerado como o mais sincero e virtuoso defensor das liberdades humanas. Mas se todos os homens livres lhe devem um tributo de agradecimento, não somos nós os que menos lhe devemos pelo muito que sempre se interessou pela causa da nossa emigração; e por isso eu, como Portuguez, e uma das victimas d'essa mesma honrosa emigração, lhe pago tambem aqui esse bem merecido tributo.

Entre estes, e os muitos e varios acontecimentos que já referi, acabou emfim essa barbara usurpação, que, pelo espaço de seis annos, tinha devastado a nossa patria com toda a especie de horrores de que he capaz a maldade humana, levada ao ponto da mais feroz depravação. N'este extraordinario periodo virão-se porém brilhar as grandes virtudes, assim como se virão praticar os crimes mais execrandos; porque de uma parte estavão o patriotismo e o amor da liberdade, e por outra um despotismo selvagem, escoltado de todas as furias da mais exquisita e atroz barbaridade. Não se pense, comtudo, que esta

lucta terrivel tivesse simplesmente por objecto uma d'essas ordinarias contendas sobre a competencia de um throno; foi bem pelo contrario uma verdadeira guerra de principios politicos; isto he, a guerra entre a liberdade e o despotismo; entre a civilisação e o movimento retrogrado para a ignorancia e servidão; e emfim a guerra inspirada e mantida pelos governos, ou absolutos ou egoistas, contra os governos e os povos que se querião libertar do longo abuso dos seculos. Esta foi sempre a opinião não só dos Portuguezes livres e intelligentes, que combatêrão contra a usurpação e tyrannia de D. Miguel, mas a dos mesmos estrangeiros que, apesar de distantes espectadores, olhavão com inquietação e interesse para o resultado de nossos furiosos combates. Em prova do que acabo de dizer citarei aqui o que n'esta mesma occasião escreveo uma das gazettas Inglezas, o *Globo*, referindo-se aos extraordinarios acontecimentos politicos que acabavão de realisar-se. Eis-aqui as suas propias palavras:

„ Quem olhar estes successos de Portugal como uma simples decisão da con-
„ tenda entre D. Miguel e Maria, ou en-
„ tre os partidos da nação Portugueza, por
„ certo os olhará mui superficial e inexacta-
„ mente. A grande batalha dos principios
„ Europeos foi pelejada em Portugal; ali
„ foi o campo dos combates entre o gover-
„ no arbitrario, e as instituições constitu-

„ cionaes: estas ganhárão um assignalado
„ triunfo. Não se póde suppôr que os *tories*
„ de Inglaterra mostrassem tamanha sympa-
„ thia por um principe denominado por el-
„ les (já como membros do parlamento, já
„ como ministros) *usurpador*, *baixo*, *cruel*, e
„ *covarde*, se este principe só fosse recom-
„ mendavel a seus olhos por suas qualida-
„ des pessoaes, e sua usurpação. Porém elle
„ era o *typo* do governo despotico no conti-
„ nente; e n'esta qualidade achou o auxilio
„ e favor d'aquelle partido. Tambem se não
„ pode crêr que as potencias da Europa, que
„ maior valor dão aos direitos da legitimida-
„ de, amassem um usurpador como D. Miguel
„ só porque este iniquamente subio ao thro-
„ no que lhe não pertencia; porém ellas o a-
„ mavão como destruidor da carta Portugue-
„ za; e estes meritos relevantes tudo fize-
„ rão perdoar ao usurpador da coroa da Rai-
„ nha Maria. Na grande batalha, que ainda
„ se está pelejando na Europa entre princi-
„ pios oppostos, era Portugal considerado
„ como a chave da posição; e, em conse-
„ quencia d'isto, o partido absoluto fez as
„ possiveis diligencias para sustentar no thro-
„ no o usurpador Portuguez. Mas este ca-
„ hio, e felizmente para os interesses da
„ civilisação. Mui diverso teria sido o resul-
„ tado se o governo liberal de Inglaterra ti-
„ vesse dado logar a uma administração *tory*;
„ e assim bem podêmos considerar este gran-

„ de acontecimento como um dos triunfos „ da administração de lord Grey. „

Os homens que n'esta lucta terrivel se tornárão mais insignes por seus relevantes serviços, e por meio dos quaes a mesma lucta se decidio por fim a nosso favor, fôrão tres: — os marechaes, duque da Terceira, o marquez de Saldanha, e o almirante Napier. O primeiro, como governador da ilha Terceira, teve a fortuna de dar o primeiro grande golpe na usurpação no memoravel dia 11 de agosto de 1829; tomou depois todas as ilhas dos Açores; e bem que no Porto a fortuna lhe não fosse tão favoravel tornou ella a seguir-lhe as bandeiras nos annos 1833 e 1834. No primeiro commandou elle a expedição do Algarve, e teve a felicidade de entrar em Lisboa no dia 24 de julho do mesmo anno; e no segundo, depois de ter atravessado parte de Traz-dos-montes e da Beira, veio derrotar os inimigos na Asseiceira, e assistir ao ultimo momento da vida, que teve a usurpação dentro dos muros d'Evora.

Não menores serviços, ou antes mais relevantes, fez o marechal Saldanha, porque correo maiores e mais variados riscos, e teve maiores difficuldades que vencer, não dando um só combate, ou uma só batalha em que a fortuna lhe fosse infiel, o que nem sempre tinha acontecido ao seu émulo de gloria, o duque da Terceira. Vivendo como desterrado em França por um d'esses actos de ciu-

me, (porque sendo elle em Portugal um Portuguez fiel, e um general, tinha sido pouco cavalheiramente privado de se ir unir aos seus irmãos d'armas, e depois partir com elles para o Porto) só foi ultimamente, e na hora do perigo, em geral convidado como qualquer subalterno, ou antes mandado ir para aquella cidade quando os negocios militares estavão como perdidos, e a voz publica, e o exercito com altos gritos o chamavão como o salvador dos destinos da patria. Desembarcado em 28 de janeiro do anno 1833 achou aquella nobre cidade, e o valente exercito que a defendia como quasi já nas mãos do inimigo; porque apesar de já ali estar commandando o general estrangeiro *Solignac*, a quem intrigas palacianas tinhão chamado de França, este general nada tinha feito, ou antes já tinha dado uma grande prova da sua incapacidade militar, perdendo, ou não conservando a importantissima posição do *Crasto*, que era como a chave da barra, e da foz. Por uma rara felicidade se dêo a Saldanha o commando do districto da Foz, não porque com isto o quizessem distinguir ou honrar, mas para o collocar no logar do maior perigo, e para verem se compromettião a sua reputação militar. Foi porém n'este logar o grande triunfo da sua gloria, porque n'elle começou a triunfar de todas as invejas, e a responder a seus detractores com uma nunca interrompida serie de victorias. Para defen-

der a estrada da Foz, e conservar a communicação com o mar, communicação, que, por inepcia, estava quasi cortada, começou logo a fazer o reducto chamado do *Pasteleiro*, e apoz este o do *Pinhal*, a que os soldados pozerão depois o nome de *Saldanha*. Apesar porém de fazer todos estes importantes trabalhos a tiro de espingarda do inimigo, soube-lhe impôr tal respeito, e até illudi-lo a tal ponto, que só quando a primeira obra já estava em estado de lhe poder resistir foi que elle lhe dêo importancia, e se resolveo a atacá-la. Aconteceo este memoravel ataque no dia 4 de março de 1833, e foi elle o que dêo principio á gloria militar do marechal Saldanha, porque não só repellio vigorosamente o inimigo, porém causou-lhe uma perda que foi computada em mais de 1,500 homens.

Não ficou aqui a gloria do marechal, porque impôz tal respeito aos rebeldes, que não só o deixárão concluir socegadamente todas as obras do reducto do *Pasteleiro*, porém o começar a outra, ainda mais importante, que foi a do reducto do *Pinhal*, a que os soldados pozerão o nome, como já disse, *do Forte do Saldanha*. Em quanto durou o commando do general *Solignac* defendeo Saldanha valorosamente a Foz; e sendo depois chamado para substituir aquelle general, como chefe do estado-maior imperial, dirigio todas as seguintes operações militares. A mais importante porém, em que grandemente se dis-

tinguio, foi a do formidavel ataque do dia 25 de julho do mesmo anno, no qual o exercito Miguelista fez uma furiosa tentativa contra as linhas do Porto. N'elle teve Saldanha a gloria de vencer um marechal de França, o notavel *Bourmont*, que com muita officialidade Franceza tinha vindo por ordem da junta apostolica, e sancta-alliança dos reis despotas auxiliar D. Miguel, e a sua usurpação. No dia 18 de agosto seguinte coroou elle todos os seus grandes trabalhos militares no Porto sahindo fóra das linhas, levando diante da ponta da sua espada a todos os rebeldes que encontrou, e hindo emfim derrotá-los nas alturas de Vallongo. N'esse dia se levantou para sempre o cêrco da cidade; cahírão em nosso poder todas as fortificações inimigas; e foi immenso o despojo militar que tivemos.

Passando a Lisboa veio dar novo desenvolvimento e actividade aos trabalhos que se havião começado para defender a capital; e tinha já estes tão adiantados no dia 5 de Setembro que com elles, e o valor sempre invencivel do exercito que commandava, repellio completamente o ataque que fizerão os rebeldes n'aquelle mesmo dia; assim como o outro, já menos violento, que tentárão no dia 11 na direita das linhas. No dia 10 de outubro seguinte foi elle buscar fóra das linhas o inimigo; e, depois de uma renhida e disputada batalha, em que de parte a par-

te houve grande perda, o arrojou até a sua forte posição de Santarem. Em frente d'esta villa se foi postar o nosso exercito victorioso; e ali conteve sempre em respeito os rebeldes; mas cançado Saldanha da inacção em que estava depois de alguns mezes tentou o seu grande movimento com uma parte do exercito sobre Leiria. Foi esta surprendida, e entrada no dia 15 de janeiro futuro; e no dia 25 do mesmo mez veio igualmente surprender o inimigo em Torres-Novas, onde a maior parte do regimento de cavallaria de Chaves foi anniquilada. Os rebeldes, surprendidos com estes não esperados movimentos, quizerão tentar fortuna contra as nossas armas; e no dia 30 do mesmo mez se dêo a batalha de Pernes em que, segundo o costume, fôrão completamente batidos, e perdêrão, além de uma grande quantidade de mortos, mais de 700 prisioneiros, e tres bandeiras. Mas estas brilhantes acções do marechal derão grandes ciumes ao ministerio, que sempre se tinha mostrado seu constante inimigo; e para lhe pôrem um termo imaginárão um novo plano de operações para o sul, e o obrigárão a desamparar as duas interessantes posições de Torres-Novas, e Pernes, ordenando-lhe, que viesse tomar as antigas em frente de Santarem. Então o inimigo, abatido por tantos e tão continuados revezes, quiz emfim dar um golpe decisivo, e vêr se com elle recuperava to-

da a força moral que havia perdido, e se abria outra vez caminho para a capital. Mas como d'esses seus intentos fosse de ante-mão sabedor o Saldanha, tomou as suas medidas, estudou o terreno, e fingindo que se retirava ou fugia diante das forças que o atacavão, veio systematicamente recuando, até que fazendo alto na posição que tinha escolhido, cahio rapidamente sobre ellas, e lhes fez um estrago espantoso. Soffreo o inimigo n'este brilhantissimo combate, ao qual se dêo o nome da batalha de *Almoster*, e que aconteceo no dia 18 de fevereiro, uma perda enormissima, não em prisioneiros, porque fôrão poucos, e apenas 162 com algumas bandeiras, mas em mortos; porque a matança foi tal, que fallando d'ella o general no seu officio, disse, que só de uma similhante se lembrava, que fôra a da entrada de S. Sebastião na guerra da Peninsula. Até que os rebeldes, fugindo, desemparárão Santarem no dia 18 de maio, não teve o Saldanha mais que fazer com elles, porque, respeitando-o sobejamente, nunca mais se atrevêrão a incommodá-lo; e elle se contentou com cubrir a capital, e com sua presença e respeito dar logar a que as forças do norte podessem operar á sua vontade, e vir depois unir-se com as suas nas margens do Tejo. Perseguindo o inimigo na sua fugida de Santarem foi alcançá-lo junto d'Evora, onde por outro lado já o duque da Terceira tambem o apertava, cor-

tando-lhe a retirada para Elvas; e ali ambos os marechaes tiverão a honra de vêr depôr diante d'elles as armas ás reliquias do exercito rebelde, e de vêr acabada a usurpação com a entrega e embarque do usurpador D. Miguel. Assim terminou a gloria militar do marechal, marquez de Saldanha.

O terceiro individuo, que mais se distinguio, e cooperou para a quéda da usurpação foi o almirante *Napier*, pois que por sua extraordinaria bizarria, e não vulgar resolução, filha de um valor, verdadeiramente heroico, dêo principio ás suas gloriosas acções por um dos feitos d'armas o mais atrevido e valente que se podia imaginar, qual foi o do brilhante combate que teve com a esquadra rebelde no memoravel dia 5 de julho do anno 1833, junto do cabo de S. Vicente. N'esse dia glorioso, com forças mui inferiores ás do inimigo, e sem ter uma só náo com que se lhe oppozesse, derrotou-lhe, e tomou-lhe por abordagem toda a sua esquadra, que se compunha de duas náos, duas fragatas, e duas corvetas; e por este modo dêo logo um golpe de morte na usurpação. Sempre intrepido, e sempre activo concebeo depois, mesmo sem o consentimento do ministerio de D. Pedro, que parecia querer prolongar a guerra, a brilhante expedição do norte, que efficazmente concorreo para se libertar a provincia do Minho, e assim abrio caminho ao duque da Terceira para passar a

Traz-dos montes, e Beira, e por fim para vir esmagar grande parte das forças inimigas na batalha da Asseiceira. Principiou esta ousada expedição, tomando o forte e villa de Caminha, na foz do rio Minho, no dia 23 de março d'este faustissimo anno 1834; fez render a praça de Valença no dia 3 de abril; occupou a Figueira no dia 8 de maio; e veio afinal por terra com alguma da sua gente tomar *Ourem*, que se lhe rendeo á discrição, fazendo ali 700 prisioneiros. D'esta maneira mostrou este activo e valoroso official, que por mar e por terra não havia inimigo que lhe podesse resistir. (z)

O almirante foi recompensado por D. Pedro com o titulo de conde do cabo de S. Vicente, além da rica parte que teve no valor das prezas que fez, e navios que tomou; e os dous marechaes, por um decreto com data de 27 de maio, fôrão igualmente premiados: o duque da Terceira com as honras de parente da casa real; e o conde de Saldanha com o titulo de *marquez* de Saldanha, e uma dotação de *cem contos* de réis em bens nacionaes, que lhe devia ser confirmada pe-

(z) Não he das intenções do author d'estes *Annaes* querer roubar o mais pequeno quilate de gloria do almirante *Sartorius*, de quem já relatou suas façanhas. Sem as suas importantes victorias sobre a esquadra rebelde teria havido o bloqueio da barra do Porto, e acontecendo isto assim, talvez a nossa causa se tivesse perdido. Por isso se não fez tanto como Napier, fez comtudo muito, e de um indisputavel proveito.

las côrtes futuras da nação. Todos tres, como militares, ganhárão grande nome, e grande honra; e de alguns d'elles nada mais se esperava do que seus serviços nos campos de batalha; porém não succedia assim com Saldanha, de quem os seus amigos, e até muitos estrangeiros liberaes esperavão importantes serviços politicos. Não correspondeo porém elle ás esperanças que todos tinhão concebido. Valente, activo, e intelligente como soldado, e general, mostrou-se fraco, e inactivo, e, para dizermos a verdade, sem nenhum caracter em politica. Teve por muitas vezes em suas mãos os destinos politicos da sua patria, e ser o primeiro homem da sua nação; porém sempre ou por fraqueza, ou por egoismo, repellio a fortuna que lhe estendia o braço para o conduzir ao templo da immortalidade, e da gloria. Conhecendo todas as intrigas e má vontade de seus émulos e inimigos, nunca soube representar para com elles uma figura que lhes impozesse respeito; porque em um dia se lhes mostrava todo colerico e ousado, e logo no seguinte era para com elles affavel, submisso, e até adulador. Enganou completamente os seus amigos, que, na hora da infelicidade e do desprezo, em que por muito tempo o tiverão seus émulos ou inimigos, sempre lhe fôrão fiéis, sempre o defendêrão, e sempre se expozerão aos odios do poder só para o sustentarem na opinião publica. Assim, quan-

do acabou a sua brilhante carreira militar, e devia começar outra, tanto ou mais brilhante, que era a carreira politica, annullou-se, fugio, ou escondeo-se a seus amigos para cortejar e servir seus émulos; e assim ganhou senão odio, ao menos a indifferença d'aquelles, e o desprezo d'estes, que vierão a conhecer cabalmente toda a sua nullidade, e a pouca ou nenhuma razão que tinhão de o temer. Pessoas houve que attribuírão este seu procedimento a um falso caracter, e a um egoismo systematico; porém eu nunca fui d'essa opinião, porque sempre divisei n'elle mais fraqueza de caracter, mais falta de energia politica do que falsidade de entendimento ou coração. Se bravo e valente se mostrou sempre nos campos de batalha, e fraco e irresoluto no gabinete e na politica, foi porque a natureza assim o formou; e a este defeito natural me parece devemos antes attribuir o seu procedimento do que a um calculo de insinceridade, ou de hypocrisia systematica. Seja porém o que fôr, a verdade he, que elle acabou na grande e difficil lucta contra a usurpação como n'ella tinha começado, isto he: — perdendo a occasião de ser o homem mais insigne entre todos os seus concidadãos. Em uma palavra, no Porto em 1828, e em Evora no anno 1834 desprezou a fortuna, que o convidava para lhe depositar nas mãos os grandes interesses da patria; e por este desprezo, geralmente incompre-

hensivel, podendo ser um heroe ficou sendo homem vulgar, e mui áquem do logar para que magnificos destinos o chamavão.

Assim dou fim a estes meus *Annaes*, mui feliz por ter sobrevivido aos perigos de uma época, que tão fertil se tornou em crimes e virtudes. E mui contente de deixar á minha patria, ao menos, o resumo dos grandes acontecimentos politicos e militares, que vi e presenciei n'esta época memoravel, vou contente á sepultura, deixando escriptos aos que apoz mim entrarem na carreira da vida grandes exemplos tanto para seguir como para evitar. Em toda a minha vida homem livre e independente, fui por isso mesmo quasi constantemente o alvo e a victima dos odios e perseguições do poder, ou elle abertamente se declarasse absoluto e oppressor, ou algumas vezes se cubrisse com a mascara da hypocrisia politica das fórmas da liberdade. Assim, para mostrar que não fui de todo homem inutil sobre a terra, e que alguma cousa fiz a bem de meus concidadãos, tomei a meu cargo deixar-lhes como em testamento, este publico testimunho do muito que sempre amei a minha patria, e do quanto sempre trabalhei, sem receios, sem sustos, sem timidez, e sem adulações, para lhes inspirar o amor da liberdade, que sempre amei, que sempre proclamei, e que sempre resolutamente defendi não só contra os tyrannos, mas contra outra especie de inimi-

gos, ainda mais perigosos, — os hypocritas politicos.

Relinquam aliquid quod me testetur vixisse.
PLINIO, EPIST. II.

Lisboa, em 7 de novembro de 1842.

José Liberato Freire de Carvalho.

SUPPLEMENTO.

Para corroborar as noticias que dei em paginas 216, 217, 218, 219, e 220 do volume 3.° d'estas *Memorias* referirei aqui, como supplemento, o que ultimamente acabo de lêr nas *Memorias historicas e secretas* da imperatriz Josephina, publicadas pela célebre prophetisa moderna M. A. Le Normand, que foi muito da sua intimidade, assim como depois o foi do imperador da Russia, Alexandre. Bem que estas *Memorias* fossem ha muitos annos publicadas, só ha pouco he que casualmente as li, e por isso não me referi a ellas nos logares acima indicados. No volume 1.°, a pag. 29 e 31, em que se falla do Delphim, filho de Luiz XVI., diz-se: que querendo Buonaparte tratar com M. de Frotté, hum dos chefes de La Vendée, elle lhe pozera por condição, que havia de dar a coroa de França a aquelle principe, que se suppunha morto, porém que ainda vivia. Diz-se mais: que Fouché, ministro da policia, fizera saber a Buonaparte que se achava prêzo um homem que dizia ser filho de Luiz

XVI.; e que elle ficára muito inquieto com esta noticia, e recommendára *confidencialmente* ao ministro, que o guardasse, porém nada publicasse a este respeito.

Quanto á morte de Josephina, diz a publicadora, no fim do 2.° e ultimo volume das *Memorias*, as memoraveis palavras seguintes, que eu dou fielmente conforme estão no original. — „ *Le silence des historiens contemporains laissera toujours ignorer á la posterité les vrais motifs qui purent accelerer ainsi la mort de Josephine*: *ce secret est pour jamais enfermé dans sa tombe*; *il n'appartient á personne de le reveler aux Français.* „

FIM.

DP
655
F7
1842
pt.2

Freire de Carvalho, José
Liberato
Ensaio politico

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 10 02 04 023 7